

ARQUIVO-03

337

PRATELEIRA-~~337~~
A Mocidade (153)

SÃO LUÍS - MA

1875 - 1876

Prot. 06

7

WERNER

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.

C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Asignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Domingo 1º de Agosto de 1875.

NUMERO 1

A MOCIDADE

MARANHÃO 1º DE AGOSTO DE 1875.

Ousando apresentar-se ao respeitavel publico a redacção desta *folha* sob o titulo de *Mocidade*, esperam os emprezarios que este titulo, longe de parecer pretencioso, será antes considerado como uma imploração tacita da sua indulgencia para com escriptores noveis nas lides da litteratura e do jornalismo, e da sua benevolencia para com uma empresa nascente, que só poderá tornar-se util, e progressiva, se for favorecida pela sua generosa protecção.

Este titulo seria inconveniente se, por uma restricção forçada, se limitasse a representar o pessoal da iniciativa do jornal a que se dá: a associação iniciadora, tomando-o sem desconhecer a extensão da sua latitude, o que pretendeu foi representar o fim das suas aspirações:—a abertura de uma estrada a um campo vasto, que, sendo bem arroteado pela instrucção publica, e prestando-se a producção e reproducção de fructos dignos de litteratura, offereça á mocidade, avida de instrucção, os meios mais proprios para o desenvolvimento da sua intelligencia, como um estímulo para a progressiva cultura do

seu espirito. Tal fim não é mais limitado do que o titulo.

E' pois a instituição de um jornal essencialmente *litterario* e *instructivo*, que intentamos; mas para que se não suscitem péas, que toruem nulla a sua missão, acrescentamos que será simultaneamente *critico* e *noticioso* relativamente ao que respeitar á instrucção popular, e á litteratura, pelo incremento das sciencias, e aperfeiçoamento das artes. Sem côr politica pôde passar um jornal litterario, com quanto seja a politica quem imprime o character á instrucção publica, que elle submete ao seu exame e apreciação; mas sem critica nunca poderá haver elucidação onde abundarem os raciocinios mais especiosos que solidos, e sobretudo os sophismas.

Convidando porém a este campo a mocidade estudiosa, intelligente e assaz exercitada e esclarecida para poder aspirar a colher n'elle as palmas do triumpho nos jogos do espirito, não é nossa intenção o tornar-nos exclusivos: pelo contrario, tambem o franquearemos gratos a todos aquelles que, honrando-nos com o sua benevolencia, nos poderem servir de guias pela sua illustração, e nos queiram coadjuvar com os conselhos da experiencia, que ainda não podemos ter. Uma tal protecção

seria para nós um grande auxilio, para nós a MOCIDADE, que por ora o que podemos é procurar o meio de nos instruir e illustrar, pois entendemos que só assim é que pôde qualquer tornar-se um dia digno da alta missão de instruir e illustrar a seu turno.

Julgamos ter assaz expendido o nosso plano, para que os nossos sentimentos não sejam menos patentes do que o programma que nos propomos seguir. Todas as nossas lides devem tender exclusivamente ao progresso da illustração: n'esta mira nunca dirigiremos ataque algum directo a interesses pessoaes; mas tambem não se espere que em questão de melhora-mento instructivo, ou litterario, nos abstenhamos de expender francamente a nossa opinião a favor do bem publico, embora ella vá adversa aos interesses de alguma individualidade, ou mesmo de qualquer corporação. Estreando nos com estas intenções, não fazemos senão seguir com docilidade a doutrina dos grandes mestres, que sustentam com *Massillon que « nous ne devrions chercher dans les hommes que la vérité, NE VOULOIR LEUR PLAIRE QUE PAR LA VÉRITÉ, n'estimer en eux que la vérité, et ne souffrir qu'ils voulussent nous plaire que par elle »*. Estes preceitos, reconhecidos por tão bellos em theoria,

FOLHETIM.

O Giaour.

Fragmentos de uma novella turca

POR

Byron

Versão livre de

INTRODUÇÃO.

E' este um dos poemas dos *bons tempos* de Byron. O genio fertil do immortal filho de Albion n'elle pretendeo cantar o amor a seu modo, isto é, revestindo-o de umas formas sombrias e mysteriosas (character distinctivo de todas as producções de insigne poeta), e conseguiu elaborar uma obra prima. Neste poema ainda se não notam esses laivos de scepticismo taciturno, sarcastico e escarecedor, que mais tarde transluzem no «*Cain*» e no «*Manfredo*», e cuja ultima palavra foi a composiçao do «*D. Juan*», mas, mesmo assim, ha já nelle um lado obscuro e terrivel que parece encerrar o

germen da *cecilia* descrença, semelhando nuvem que em cé mil do annuncia proxima tempestade. O Giaour *deve*, mas o seu gener não é como o arullio do pombo privado da companheira, e sim como o rugir do leão, a quem arrancaram a fema; seu peito não deixa escapar gritos de queixa, mas sim gritos de raiva; seu coração sangra; mas ainda lhe faz nas veias rapido circular o sangue; o sentimento que o domina é ainda o amor, mas a paixão que elle quizera saciar é a vingança.

E's resumidamente o que julgamos poder dizer sobre a obra que nos atrevemos a traduzir. As mais reflexões que podem suggerir a sua leitura deixamos ao espirito dos leitores fazer as. Vertemol-a em prosa portugueza para pôr assim ao alcance de toda e qualquer pessoa, uma obra que se não encontra (segundo julgamos) trasladada para a nossa lingua, e cujo original é difficil de encontrar nesta provincia, pela pouca popularidade de que gozam aqui as obras de litteratura.

Não é mais do que uma d'bil copia, um tenue bosquejo sem colorido, a nossa humilde ver-ão, mas mesmo assim pode dar ao leitor uma idea do genio d'quelle a quem Lamartine chamou a primeira intelligencia poetica da época moderna; abundam

nella as incorrecções, mas contam's com a benevolencia publica para nos desculpar os erros.

O traductor.

O GIAOUR.

One fatal remembrance—one sorrow that torows
Is bleak shade alike ó, as our joys' andour woes
To which life nothing daskar nor brightes can bring
To which joy hath no halm and affliction no sting.

Moore.

Uma fatal saudade,—um pezar que lança sua gelida sombra já sobre nossos prazeres, já sobre nossas dores,—sentimento ao qual a vida não pode d'alli em diante apresentar nada mais sombrio ou mais brilhante, para o qual a alegria é sem doçura, e a afflicção sem amargura.

Nenhum sopro dos ventos para encrespár as vagas que vão d-senrolar se junto ao monumento do Atheniens:—esse tumulto que, brilhando ao longe sobre o rochedo, é o primeiro a saudar o navio entrando no porto, e domina a região que elle em vão salvou. Quando voltarmos a ver um heróe semelhante?

prática, nem deixar de ser bellissimos na pratica, nem atrahir sobre os sectarios as sympathias que merece o autor; e sendo tambem sob os auspicios de tão respeitavel autoridade que temos a honra de nos apresentar ao respeitavel publico, desde já lhe agradecemos as desejadas provas, com que contamos, da sua approvação e sympathia.

A perfectibilidade humana.

Transibund dies, angebitor scientia.

(Biacon.)

«Pour résoudre d'une manière satisfaisante la question de la perfectibilité humaine, il faudrait distinguer l'individu, dont les progrès sont nécessairement bornés par la durée de sa vie, par la faiblesse de ses organes; et la société, qui dure toujours, et dont les progrès peuvent s'accroître indéfiniment par des découvertes successives.»

(Bonillet).

I

Após as ultimas camadas do globo e na derradeira idade da criação, uma pequena quantidade de argilla, ao sopro da divindade, sentiu-se animada e cheia de vida, achou-se a materia ao serviço do espirito: e as sim appareceu o homem á face da terra.

Lançado no Paraiso pela mão do Creador, era partilha sua—uma vida cheia de delicias e de luzes. O genio do mal, porém, sob as vestes da dolosa serpe, o seduziu, trocando-lhe as delicias pelas dores, as luzes pelas trevas.

Culpado e decabido, era o seu estado miserando!

A argilla o arrastara ao peccado; mas elle reconhece que a culpa estava no espirito, principio activo, e não na materia, que tem como qualidade essencial e inherente a passividade. Sim, o erro estava no principio pensante, ao qual cumpria reagir contra aquella passividade do principio material, que tanto o degradara.

Bradando-lhe muito a alta voz da razão,

Bello clima! aonde cada estação sorri com complacencia, aquellas felzes illias que vistas das alturas longinhas de Collona, enlevam o coração e emprestam mercantão á solidão! Levemente agitada a superficie do oceano reflecte as cores variadas dos montes, cuja imagem anima as vagas que batinham as praias d'aquelles edens do Oriente; e, se algumas vezes uma brisa fugitiva faz ondular o chrystal azulado das ondas, ou arrebatada a flôr ao seu hastil, como é suave aquelle sopro balsamico que traz consigo os perfumes mais agradaveis! E' lá que se encontra nos valles e nas collinas a rosa amante do rouxinol. E' para ella que o passaro repete suas melodiosas arias; sua rosa querida, rainha dos jardins, escuta corando seus cantos de amor; longe dos ventos e das neves do norte, acariciada por todos os zephyros, em todas as estações, ella exhila para o céu, como um incenso de reconhecimento, os perfumes que recebe da natureza, e embelleza a seu turno o clima que a protege, ostentando suas ricas cores. Ha ainda mil flores da primavera, que mimizam os prados, varia sombra que convida ao amor, e varias grutas frescas, que parecem offerecer um asylo discreto, mas que, muitas vezes, ah! são o

elle comprehende a sua nihilidade, conhece a sua miseria, reconhece a sua queda. Perdido estava o Paraiso, o logar de delicias e de luzes, que com tanta bondade lhe houvera dado o Senhor!

Sobremodo humilhado, intenta rehabilitar-se, trabalha para reerguer-se. N'esse empenho, vai elle conhecendo aquillo de que é susceptivel:—vê a sua superioridade bem provavel sobre a terra, que ignora ser por elle pisada; comprehende a mesma superioridade, que tem, sobre a pedra essencialmente inerte, sobre a planta que apenas vegeta sem jamais se mover, sobre todos os seres que o cercam, e então começa á envidar todos os seus esforços para chegar ao termo de seus desejos.

E esse desejo, que elle começou a sentir, essa idéa, que tão cedo principia á brilhar-lhe no intimo d'alma, não seria ou não é a expressão de um preceito, que lhe prescrevera a Providencia, desde o principio?

Parece-nos difficilimo, senão impossivel negar essa lei, nascida com o homem para com elle coexistir sempre, sem ser, porém, um obice á sua liberdade. Sim; essa lei, nem de longe encontra a humana liberdade; o que passamos a demonstrar.

Todos sabem que a lei implica sempre um caracter obrigatorio e que portanto exige o seu cumprimento; mas, tambem ninguem deverá ignorar que muitas vezes ha em que a observancia á mesma lei é despresada; o que explica a escolha que nos é sempre permittida. Demais, nós sabemos que individuos ha e até tribus e nações inteiras, que parecem ter quasi inteiramente renunciado á essa lei, visto que ainda hoje vivem quasi no mesmo estado de ignorancia, em que se achavam os seus maiores nas primitivas edades. Accresce mais a circumstancia de que, no complexo das intelligencias humanas, observa-se como que uma cadeia não interrompida, em cujos élos se vai observando uma tal ou qual gradação desde a mais robusta intelligencia capaz das mais sublimes concep-

refugio do pirata, cuja barca esta á vista ao abrigo de um rochedo, para espiar uma presa. O Vespero appareceu, a guitarra do maricheiro resou; o ladrão noctivo gozou a sua alegria com seu reinu prudentemente envolvido, e faz aos cantos da alegria succeder triste gemidos.

Estranho destino de uma região que aprouve á natureza tornar digna de ser habitada pelos Deuses, e que ella ornou com todos os seus dons! Acaso é necessario que o homem queira converter este paraizo em deserto? Por ventura é necessario que elle calque aos pés como um animal feroz, aquellas flores brilhantes que não precisam ser regadas com o seu suor, e que crescam sem cultura n' aquella terra de magia, como para prevenir seus desejos, não pedindo senão que as poupem na sua haste!

Estranho destino de um clima onde tudo respira paz, mas aonde as paixões no seu furor triumpham e aonde a rapina e a tyrannia um véo luguubre desdobram! Julgar-se-hia ver os anjos infernaes escapados dos pégos do Tartaro, e vencedores dos fieis seraphins virem assentar-se altivamente nos thronos do céu. Quanto mais bella é a Grecia,

ções como a de alguns povos da Europa e da America, até as mais embotadas faculdades de um espirito quasi incapaz de acção, de que temos exemplo nos negros da Oceania.

(E talvez que Cudworth tivesse feito melhor apresentando estas intelligencias como a passagem ou ligação do espirito com a materia, em vez do seu mediador plastico.)

Felizmente, porém, esses individuos, essas tribus ou nações, talvez incapazes de progredir por si sós, constituem apenas uma excepção muito insignificante no todo da humanidade, excepção que será melhor abandonar-se; porque o espirito em geral se reconhece cheio de força e vigor, altamente perfectivel, e cuja perfectibilidade elle abraça como uma sublime e salutarissima lei!

E o homem aceitando-a, como lhe cumpre, cominha e caminha sempre.

E se se fizesse abstracção da perfectibilidade, que papel ficaria representando o homem?

O bem é o seu alvo, é a mais lisongeira perspectiva de seus sonhos.

Conscio de sua perfectibilidade e aspirando a gloria, antolha-se-lhe a verdade como o termo de sua vida.

Para um tal fim, procura desenvolver as suas faculdades animicas, illustrando de dia para dia a sua intelligencia.

Mas, quanta vez, o homem, depois de mil esforços e mil sacrificios, já presentindo os dulçores da gloria por ter uma verdade meio descoberta, cahe ao gelido sopro do archanjo da morte, deixando a outro, que lhe succede, a gloria de completar a descoberta, cujo principio lhe pertencera e a cujo exito tanto almejava?!

Esse, porém, que lhe sobrevive, aproveita o que encontrou e com igual intento continua na obra sempre e sempre. Mas, isto mesmo o que explica senão a sua marcha constante e ascendente?

Assim é a vida dos individuos, assim é a vida das nações, assim a humanidade no seu complexo.

quanto mais agradável é o seu aspecto, quanto mais é odiosa a tyrannia dos seus despotas!

Fixastes algum dia vossos olhares n'um corpo privado de vida, antes que haja decorrido o primeiro dia de morto, esse primeiro e sombrio dia da não existencia, o ultimo do perigo e da dor (antes que os dedos infamantes da destruição hajam apagado os traços aonde sobrevive ainda a belleza)? Notastes aquelle aspecto meigo e celeste, aquelle extase do repouso, aquella physionomia fixa e terna todavia que realçam a languidez e o socego do rosto? Se não fosse aquella vista triste e velada que já não brilha, que já não sorri, que já não chora; se não fosse aquella fronte immobill e gelada em que a fria apathia do tumulto assusta o coração afflicto, d'aquelle que acotempla, como se ella podesse fazer-lhe partilhar esse destino que elle teme, mas do qual não pode ainda desviar os olhos; sim se não fosse isto, e isto somente, durante alguns momentos... uma hora enganadora... vós pod-ri-és ainda duvidar do poder tyrannico do trespassso, tanto é bello, placido e meigo aquelle primeiro, aquelle ultimo aspecto revelado pela morte.

(Continua.)

Do pouco que havemos dito, parece-nos que bem se deduz que não acompanhamos a opinião daquelles que traçam um termo á perfectibilidade humana, não; de outro modo pensamos, de outro modo entendemos e assim argumentamos:

Marcar um termo á perfectibilidade humana, seria incontestavelmente negar, de um modo grosseiro, um dos mais excellentes dons que lhe fez a Providencia—a liberdade; e do progresso indefinido, que abraçamos, concluir que o homem attinge á perfeição, como parece ter pensado Condorcet,—é não reconhecer a mesma perfectibilidade como condição essencial, como qualidade innata, inherente ao espirito humano,—é confundir o contingente com o necessario, o relativo com o absoluto, o finito com o infinito. Sim; chegar a humanidade á um termo em sua perfeição, era cousa inteiramente contraria á essencia do seu espirito, era derogar essa lei sublime e eterna de *caminhar e caminhar sempre*.

Por ser o espirito humano essencialmente perfectivel é justamente o motivo pelo qual não pode elle attingir á perfeição, porque, chegado a ella, ficaria estacionario.

Demais, julgar o homem capaz de perfeição e ter d'ella uma idéa muito confusa e obscura, é formar um juizo muito falso e inevidente, e não comprehender-lhe a sublimidade, é, em ultima analyse, (permitta-se-nos a expressão) negar a mesma perfeição.

(Continúa.)

S.

A Imprensa.

(A nova Redempção).

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fuzil correo nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
Das cimas do Perú—ás grimpas do Idostan!
Castro Alves,

Jazia a humanidade envolta em noite escura,
Bebendo pela taça horrenda da amargura,
Sentindo no seu peito as livas de um vulcão,
Gemia sem cessar, pedia ao Sempiterno
Um raio abrasador que o jugo do Inferno
Quebrasse de uma vez,—pedia redempção.

O Omnipotente ouviu-a. Um vulto se ergue ousado
Co' a fronte refulgente e o gesto denodado,
Da bruma espessa e fria, envolto em branco veio;
Nos plainos da amplidão vacilla a noite densa;
E espavorida fuge ao ver a luz intensa
Que de fulgores banha a terra, o mar, o céu.

Ergueu-se o genio altivo, e logo a terra inteira
Contempla deslumbrada, a sombra mensageira
De vida, liberdade, amor, perdão e luz;
Nos olhos tem a paz, na voz tem magestade,
No porte a soberania e o cunho da verdade,
A meia lua aos pés, na fronte a eterna cruz

A sua face amiga é alva de alabastro,
No refulgir excede aos rútilos do astro
Que o disco de oiro mostra em céu de puro azul;

Lhe cerca a larga fronte aureola resplendente,
Dos humeros lhe pende um manto alvinitente
Que roja pela terra, e cobre o norte e o sul.

Os braços estendendo e suas mãos abrindo,
Vai rócio derramando e flores espargindo
No vasto e gigantesco estádio das nações;
Depois, rasgando o peito, um cofre tira
De cujo sacro-veio um talisman retira
Que alegre e affectuoso off'rece ás gerações.

Então a humanidade um hymno ingente envia,
Um hymno de louvor, um hymno de alegria
Ao Ser omnipotente, ao Rei da criação;
Após corre fitando o bello sol da gloria,
E um nome vai gravar nos marmores da historia,
Que encerra uma epopéa,—a nova Redempção.

Mas ah! joia tão bella, angelical e pura,
De brilho tão vivaz e deslumbrante alvura,
A terra não podia intacta conservar;
Lhe sella, um ponto negro, a face rutilante,
Qual mancha de carbono em limpido diamante
Qual beijo de irrisão ha pedra de um altar.

Carlos Pinho.

O homem.

(A' Joaquim Teixeira de Souza.)

O' homem! vá chimera! O que tu vales?
Que papel representas no universo?
—Qual a folha impellida pelo vento
Assim vagas incerto sobre a terra.
Umaz vezes com a fronte altiva e bella
Arrostando os vendavaes d'insana vida
Outras vezes immerso na tri-teza
Exangue, cahes prostrado! és pó! és nada!
Lança em torno de ti a vista e olha
Para o esplendido espectáculo que te cerca,
Que vês? Que luz brilhante, bella e pura
Te tolda, te offusca, e fere a vista?
Que harmonia, que quadro e que belleza
Te engrandece, extasia e eleva a alma?
Aqui, vejo o oceano que bramando
Em grossos vagalhões a praia beija;
Deixando apóz si rumor longiquo
Que o vento vem trazer aos meus ouvidos.
Vejo o sol que rompendo espessas nuvens
Em seu carro de fogo triumphante
Dissipa lentamente as feias trevas,
Cujos manto envolvia a natureza.
Tambem vejo ao nascer da bella aurora
O sublime, o ideal ante meus olhos,
E prostrado contemplo de joelhos
O infinito poder do Ser Supremo!
Alli, vejo a florinha vir surgindo
D'um formoso botão; brilhante e bella
Receber no hastil alegre e pura
Os beijos que lhe dão gentis favonios.
Vejo essas aves sahirem do lethargo,
Da sua sonolência em que jazião,
Tecem com trinados maviosos
Mil hymnos ao nascer do bello dia.
Vejo as feras sahirem das cavernas
Sedentas! com furor de carne e sangue
Com os olhos cor de fogo! as fauces promptas,
Entrarem com altivez em espessos bosques.
Vejo o luto envolvido com a alegria,
A riqueza de mãos dadas com a miseria;
O prazer, a tristeza, a dor, as lagrimas
Pousarem sobre a triste humanidade!
Emfim extasiado eu admiro
A harmonia que reina no universo,
E prostrado me curvo reverente
A' sublime emanação da Santa Lei.
Fascinado então olho para o mundo
E diviso o poder do Ser Supremo!
A' vista do sublime, bello e santo
Deste quadro soberbo e tão brilhante
O' homem! vá chimera! o que tu vales?

Paulo Pereira.

Maranhão 24—3—75.

Duas corôas.

A' MOCIDADE E A ESSE GRANDE SUSTENTACULO DAS NAÇÕES QUE SE CHAMA—O POVO.

I

O passado é o que foi, é a flor que
murchou, o sol que se apagou: o ca-
daver que apodreceu.

Alvares de Azevedo.

Dormia o mundo: as estrellas
Amortecidas no ar;
A terra—corpo indole te—
Lago sem ondas—o mar.
Tudo era morto. Dormia
No véo que a noite tecia
A humanidade sem luz,
Bem como dorme tranquillo
A's sombras de seu asylo
O morto—ás sombras da cruz!

Dormia o mundo, já velho,
No leito da ignorancia,
—De cans a fronte coberta—
O somno que dorme a infancia.
O genio, então s'escondia
Na noite triste e sombria
D'aquelles tempos d'ntão;
E o homem tinha ante os olhos
Um mar immenso d'escolhos;
Tinha n'alma a securidão.

Havia luz nas estrellas,
Alem—nos reinos azues—
Mas faltava a luz ao espirito
Faltava, portanto, luz,
O mundo ao peso gemia
Da pesada monarchia
—Mãe cruel da crueldade—
—Verme nojento e vultoso,
Que carcome o grande arbusto
Que se chama humanidade!

Guerra era a luz! Mil fileiras
De reis, de fortes, de bravos
A' livrar a Terra Santa,
Seus habitantes escravos!
Guerra! guerra! o céo dizia!
Guerra! a terra repelia!
São ordens de Jehovah!
Aqui corpos retalhados,
—Destroços acumulados—
—Mil ossadas—acólá!

Guerra! Guerra! Humanidade!
Vosso Deus é sempre forte!
Era o mundo—um camp' immenso—
—Vasto triumpho da morte!
O céo bradava em alarmas:
«Povos meus, tomai as armas;
Bat-lhai por vosso Deus!»
E nos furores da guerra,
Um mar de sangue era a terra—
Mar de fumaças—os céos!

Assim ia a humanidade—
Esp'rito—sem ter razão—
—Almas—sem luz—afogadas
Em cruel superstição!
Assim, ás vezes perdidá
Na luta negra e repudiá,
Que mandava Jehovah,
Como immensas caravanas
Nas solidoes africanas;
Nas areias do Sarah!

Assim era! assim vivia
O homem—sem ter alento—
Cerração—era-lhe o espirito—
Tempe-tate—o pensamento!
Mas, bravo! A' crôa escura,
Que cingia a fronte impura
Deste passado—sem si!
Sucedeu a do presente,
Cheio de luz—resplendente
Como os raios do arrebol

II

Luz, pois no valle e na serra...
Que se a luz rola na terra,
Deus colhe genios no céo...

Castro Alves.

Hoje que os ferros se quebrão;
Que é bem livre o coração;
Que as victimas não gemem
Da maldita inquisição;
Que os thronos—caigas pesadas—
—Pelo povo carregadas—
E-tão prestes á tombar;
Que as nuvens da tyrannia...
—Noite medonha e sombria—
Quer o povo dissipar;

Hoje que as portas se fechão
Do grão templo—o Vaticano;
Que o nome de Deus não serve
De cognome á um tyranno;
Hoje que o povo tem brio,
Que ameaça o poderio,
Que quer crescer, progredir;
E que aos pés da liberdade
—Anjo que espalha a igualdade,
Os Neiros devem cahir;

Hoje, enfim, que o mundo marcha,
Como bem diz Pelletan;
Que o céo placido e sereno
Diz á terra «és minha irman»;
Hoje que o templo orgulhoso
Da instrucção—anjo bondoso—
De par em par abre as portas;
Que Jehovah não diz: guerra!
Que veste flores a terra;
Que as leis de Roma são mortas;

Ficar mudo é ser cobarde,
E' não querer progredir;
E' ter alma que não sabe
Qu' rer, pensar e sentir!
Ficar mudo é ser materia
Sem vida, sem luz e arteria
Que poss' o sangue pulsar;
E' ter arbusto rachitico
Ser e go, ser paraltico
Ter pernas—mas não andar!

Ricos—deixai os palacios—
Pobres—deixai vosso alvergue—
Só a troubeta no campo
Que preparou Guttenberg
Irmãos—vinde; não temais
De sangue as utas fatias:
O velho mundo morreu;
E' o espirito que diz guerra!
—Um mar de flores é a terra—
—Um mar de estrellas o céo!

Buscai a imprensa assim como
Busca o cadaver a cruz;
Como a sou bra o pyrilampo,
Como o cego busca a luz;
Como o pão o mendigante;
Como a estrella o nauta errante,
A caridade a indigencia;
A imprensa é fonte de prata,
Que a sede do espirito mata,
Que tem por nympha a sciencia.

Buscai a! A fera bravia
Nas selvas solta seu grito;
Os mares roncão na terra;
Brilha a estrella no infinito;
Vae voando altiva ave
Com o bico—dourada chave—
Abrir as portas do ar;
Assim á sou bra da imprensa,
Sombra de luz—sombra immensa,
Deve o genio se abrigar.

Vinde, espiritos sequiosos,
Cerrados de nuvem densa,

Matar a sede que t'ndes
Na fonte lucida—a imprensa
Não fiteis os firmamentos
—Ricos de luz—avarentos—
Os firmamentos azues—
Mas vinde banhar vossa alma
Nos mares de pura calma,
Nos mares que chorão luz.

Vinde vós, nautas errantes;
Soltai a vela ao barquinho;
A imprensa é mar de bonança,
Da gloria o floreo caminho.
Moços, subi esta escada,
Ricamente illuminada,
Que hem altiva s'ergueo:
A imprensa é d'alma o thesouro—
—A ave de pennas d'ouro
Que leva o genio pr'a o céo!

Maranhão, 24 de julho de 1875.

Joaquim R. Gonçalves.

CHRONICA.

Columna telegraphica.

S. Luiz, 1.º de agosto.

Avant—propos e outras prevenções mais.—Estréa dupla.—Par
enthesis.—De um pólo a outro.—Coincendencia entre os Srs.
Lycurgos provinciales e os meninos da eschola.—Em que se
verifica o rifão que filho de peixe é peixinho.—A nova ci
dade do Cutim e os bonds.—O Atheneu Maranhense e a the
se de A. Rosa.—O dia 28 de julho.—Mania hereditaria.—O
meu elemento.—Pausa forçada.

Caro João Quebra-kilos.

Não te admires do nomezarrão acima, porque
eu o justificarei mais abaixo.

Convidado pelos modestos redactores d'este nas
cente jornal a dispor de uma columna, aproveito-a
para entreter contigo uma correspondencia tele
graphica, por isso que est mos no seculo do mo
vimento.

Attrahirá ainda assim mais a attenção do leitor
e... viva a especulação, que tudo explica.

Não devo concluir este avant-propos sem pre
venir-te que é esta a primeira vez que escrevo
para o publico, fazendo portanto minha estréa lit
teraria n'este embryão que vai estréar sua carre
ira jornalística.

Vê lá como não deve sahir isso tudo a tre
mer!

A ti peço que nos ajudes com a tua penna fecun
da, dos homens sensatos e amantes do progresso
esperamos animação e apoio; com os aristarchos
porém, pue de tudo mal dizem, debaixo da capa
de pseudo—sabios—nada temos que ver, pois des
de já vamos de alcatrya com as suas ptycoices e
pedagogias.

Paranth sis:—temo muito pela sorte—rnaes
litterarios da nossa terra, pela indifferença com
que são lidos e acolhidos.

Conheço muita gente papa-fina que aprecia mais
a parte suja de qualquer jornal (a secção de an
uncios) do que um periodico litterario, ainda
mesmo do folego da Idéa.

Entretanto, não seja isso razão para desanima
rem os dignos redactores.

A *Nocidade* que se alimenta de esperanças br
dará sempre: Avante as idéas generosas, avante as
idéas do progresso e... posteridade és minha.

De um pólo a outro.

Continuam os trabalhos da assembléa provin
cial.

Quando não ha falta de quorum os deputados
fallam muito em espirito de economia.

O E-spirito-Santo que os illumine!

A espada de Damocles, jogada com mestria por
dois campeões da referida fez cahir, graças as ca
retas do sympathico folhetenista do Paiz—a le
odiosa e vexatoria (pal-vras sacramentaes) que
obrigava es pensionistas da provincia, que estu
dam no Seminario, a seguir-mo o sac rducio.

Eu os louvo por este risgo de justiça, po que
realmente aquella lei era barbara e anti-humani
taria.

Appareceu lá um projecto que muda a abertura
da mesma para 15 de janeiro.

Mais vale o tolo no seu que o avisado no alheio,
porem se eu já ganhasse 20 patacas por dia me
opporia a tal projecto só por causa da coinciden
cia: para os meninos de eschola começam tambem
os trabalhos naquelle mesmo mez e dia.

Não succeda agora d'ahi trocaram-se as bolas,
indo os meninos de eschola para a assembléa e os
homens da assembléa para a eschola.

Não te admites, pois se ha tanta ingenuidade
n'este mundo de meu Deus!...

Diz-m os jornaes que um filho do senador Can
dido Mendes, bacharel em letras, estudante do
curso juridico do Recife, jesu tinha de frack & (isso
agora é meu)—acha se a frente de uma sociedade
catholica juv nil, verificando assim o rifão que
diz: filho de peixe é peixinho.

O papa os ajude, e o povo que os ature.

No *Publicador Maranhense* e no *Paiz* li uma
d'essas idéas luminosas.

Um tal Sr. Alceste, a quem não tenho a honra
de conhecer, propõe ao povo e ao governo a fun
dação de uma cidade hygienica no Cutim.

Bem lembrado, não achas?

—O commendador Montó o que o diga, pois só
assim os seus bonds ficarão garantidos.

Foi allada, por falta de publicação, a these so
bre Amisade—que o nosso distincto collega A.
Rosa tem de defender perante o Atheneu Mara
nhense.

Le estarei no dia e hora como um dos seus ad
miradores e do resultado te farei sciente.

O dia 28 de julho teve suas homenagens de es
tyio: faltou, porém, aquelle enthusiasmo treslucado
dos tempos que já lá vão.

E' que o povo já vai tendo juízo; e d'aquí
para a descrença só vai um passo.

Até o Bazolla d'esta vez não nos deu um ar de
sua graça!

Consta-me, entretanto, que o filho molhou o
beijo da rapasiada.

E' mania hereditaria.

De todos os divertimentos, porem, dedicados ao
dia 28—o que mais me encheu as medidas forão
os offercidos pela briosa officialidade do 5.º bata
lhão.

O spectaculo (oh é o m u elemento!) esteve
magnifico!

Levaram á scena uma só comédia, porem bem
preparada.

Se está ja não estivesse tão adiantada eu me
arriscara a analisar um por um dos actores
contento me porem em dizer-te que todos com
prenderam bem os seus papeis.

O talentoso Baíma então (permitta-me elle a ex
pressão) esteve imp-gavel!

Tinha muito que contar-te sobre o dia 29, a So
ciedade dos Ourives e sua sessão solemn: etc; mas
nie vejo forçado a fazer prusa aqui.

Os redactores já estão enfiados commigo, a pon
to do me obrigarem a dizer aos Srs que remette
ram poesias para este numero que ellas não sahem,
porque eu com os meus *telegrammas* gastei mais
de uma columna.

Adeus, e responde ao

Teu do coração,

Aireper.

Recebem se informações sobre qual
quer negocio tendente a esta gazeta, 4.º da
Formosa n. 40.

A's pessoas que, recebendo o nosso jor
nal, acaso não queirão dar-nos a honra
de ser nossos assignantes, pedimos que
tenham a bondade de devolve-lo até o dia
5.º do corrente.

Maranhão—Typ. do PAIZ—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assinaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Terça-feira 10 de Agosto de 1875.

NUMERO 2

A MOCIDADE

MARANHÃO 10 DE AGOSTO DE 1875.

Toda a idéa, todo o pensamento, toda a operação do espirito humano, necessidade tem d'expressão, para que se lhe reconheça a existencia. Debalde seria pensante o homem se representar não podesse o que se passa no moral e intellectual do seu ser, porque a falta de expressão e generalisação do seu pensamento traria necessariamente consigo o embrutecimento de toda a especie, embrutecimento culpavel e criminoso que quasi o conduziria a aniquilação das faculdades com que a natureza dotou o principio immortal que o anima.

E' portanto a communicacão das idéas, dos pensamentos, o primeiro ponto de partida para o progressivo desenvolvimento do espirito humano, e a base sobre a qual se eleva o grande edificio da civilisação. Perdidos na obscura noute de um passado longinquo, do qual jamais se poderá fazer a historia, recebam as nossas homenagens esses homens que, sabendo do

estado primitivo, crearam a mais genuina expressão do pensamento, expressão que tantos seculos tem atravessado, tornando-se o signal distinctivo da especie pensante, e que se resume na *palavra*,—a mais simples da reproducção da idéa.

Achava-se porem ainda na sua infancia a humanidade: o instincto social do homem reclamara a expressão do pensamento, o pensamento creára a palavra, mas a palavra, som veloz que rapidamente echoava aos seus ouvidos, não deixava da sua existencia senão uma lembrança, que com o tempo se tornava confusa, e que mais tarde se poderia desvanecer. O homem creou então a representacão do pensamento por hieroglyphos, systema que mais facil á mente se lhe afigurou, mas que mais tarde, pela difficuldade da sua interpretação, deu lugar á invenção dos caracteres graphicos. Eis o segundo elo preso á cadeia da civilisação, e d'este data mais larga generalisação do pensamento, generalisação que todavia não bastava á impulsão progressiva e civilisadora, que, como um fogo subterraneo, começava a minar todas as classes sociaes.

Foi o que comprehendeu Guttemberg.

Mergulhado nas nevoas da Allemanha, paiz metaphysico por excellencia, o grande obreiro, perseguindo uma idéa que a mente lhe affagava, resolveu o grande problema de iniciar todas as classes no culto de um novo Deus, que a face mudaria do mundo,—do Deus da instrucção, do progresso, da civilisação!

Ao despontar d'este astro novo— a imprensa,— as sciencias e a litteratura,— aves encarceradas no sombrio recinto dos claustros, pela primeira vez soltam seu vôo a espaços mais livres, e embora fracos e debéis sejam seus primeiros adejos, vão todavia cada vez mais se robustecendo, e singrando para regiões incomensuraveis, onde possam distender mais livremente as douradas pennas de suas azas, e sacudir esse pó nojento e negro que sobre ellas lançara o monopólio fradesco.

A idéa de Guttemberg cada vez mais toma proporções gigantescas, e do decimo quinto até o decimo nono seculo os seus artefactos mais se vão vulgarizando.

O livro, posto ao alcance de todas as classes, mesmo as mais desvalidas, é o

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 1.)

Tal é o apecto d'aquella praia; é a Grecia, mas a Grecia que já não vive; ella é a uma tão friamente placida, tão animada e tão bella que nós estremeamos, pois falta-lhe a alma. Seu encanto é esse encanto da morte que não se dissipou inteiramente com o curso da vida; que a belleza tem um brilho sinistro; é essa côr que acompanha ao tumulto, clarão da expressão que se esvai, auréola de ouro que sobrepuja uma ruina, ultima centelha do pensamento; tal é a faisca dessa chamma d'uma origem talvez celeste, que allumiava ainda, mas que já não aquece sua terra querida!

Patria dos bravos de quem conservaram a memoria os seculos!... Região que, desde as planicies até ás cavernas das montanhas, foi o asylo da liberdade ou o sepulchro da gloria; templo dos heróes, acaso é isso tudo o que resta de ti? Dizei,

escravos torpes e servis— não são essas as Thermopylas? Dizei, filhos degenerados de um povo livre, que mar é esse? que praia é essa? Não é o golpho, não é o roch. do de Salamina? Sejam de novo estes vossos celebres na historia, a patri dos Gregos! Inventai-vos, e recordai-vos das façanhas de vossos antepassados; procurai nas cinzas de suas campas algumas centelhas dos fogos que abraçavam seus corações! Aquelle que parecer nestes nobres combates ajuntará aos nomes daquelles que já não existem um nome terribel que fará tremmer os tyrannos! Deixará a seus filhos a gloriosa esperança deo imitar! A seu turno elles não de preferir a morte á vergonha; a causa da independencia legada pelos paes aos filhos, acba sempre por triumphar.

O' Grecia! As paginas vivas de teos annaes o attestam atravez dos seculos; enquanto os reis esquecidos no sombrio pó das idéas deixam um pyramide sem nome, o tempo que despedaçou a columna erecta sobre o tumulo de teos heróes lhes deixou um monumento mais imponente— as montanhas de sua terra natal. E' ahí que tua musa mostra ao estrangeiro os tumulos d'aquelles a quem não é dado morrer.

Quem nos dirá a longa e triste historia de tua grandesa eclipsada? Ah! ao menos nenhum inimigo estrangeiro ponde gabar-se de ter domado tua coragem; ella trahio-se a si mesma: tu te en-

vileceste, tu te entregaste covardamente aos despotas que te encadeiam.

O que pode contar aquelle que hoje tuas praias visita? Ah! nenhuma historia de teos antigos dias; nenhum assumpto capaz de conceder á musa um vôo tão nobre como aquelle que fez a gloria de teos poetas, quando produzias homens dignos do teu clima.

Esse coração alimentado em teos vales, essas almas ardentes, poderiam arder no fogo de um heroismo sublime; e teos covardes habitantes rojam desde o berço ao tumulo escravos de um escravo! Surdos á voz de honra e não á do crime, manchados com todas as infamias que colloam os homens abaixo dos brutos, elles nem mesmo têm o merito de uma virtude feroz; não têm instincto algum de liberdade nem de coragem.

Apparecem nos portos visinhos, ach-se n'elles sua antiga astucia e seus ardis tornados proverbias. Falla-se ainda da finura dos Gregos: é o seu unico titulo á fama. Seria em vão que a liberdade fizesse um appello ao seu valor, e os convidasse a despedçar o jugo sob o qual gemem; em cesso de os lastimar.

A historia que vou traçar aconteceu em seu paiz, ella é triste e julgar-se-ha sem custo que commove aquelle que pela primeira vez a ouviu.....

(Continúa.)

sacerdote desta nova religião, cujo Deus é o progresso, cujo culto é a civilização, cujo apostolado é o jornalismo.

Homenagem ao grande inventor! Se hoje invocamos o seu nome, é que também nos alistamos nas fileiras do exercito que elle creou, exercito que se não bate com armas de destruição, e que se um pendão arvora—é o da liberdade do pensamento; se um gladio maneja—é o da generalisação das idéas; se um inimigo combate é o conjuncto de doutrina erroneas e subversivas que tanto tempo sepultaram o genero humano na profunda noite do obscurantismo; e que, finalmente, se um principio defende—é a diffusão da instrucção por toda a humanidade.

Nesta phalange brilhante é porem ainda pequeno e restricto o lugar que occupamos; em meio do jornalismo não somos ainda senão um atomo imperceptivel, mas o atomo mesmo o mais microscopico, não deixa de concorrer para a harmonia universal.

Pois bem, seja a Mocidade como esse atomo, e a harmonia para a qual ella concorra seja a instrucção, pela qual sempre pugnará.

Tenha o nosso jornal sempre o acolhimento benevolo de que é digna toda tentativa progressiva, que sempre nos manteremos no nosso campo. Não receiem que elle jamais se affaste do recinto em que se circumscreveu; a instrucção será o principio que defenderemos e por isso sempre o sustentaremos, não dirigindo ataque algum pessoal a qualquer individuo, mas não deixando porisso de submeter á nossa critica, tanto quanto for possivel aos nossos fracos recursos intellectuaes, todo o artefacto litterario, scientifico, instructivo de producção ou reproducção, que possoam directa ou indirectamente influir na instrucção da mocidade.

Terminamos agradecendo ao publico que benevolmente acolheu o nosso jornal, e em particular ás pessoas que se dignaram subscrever-se como seus assignantes.

A perfectibilidade humana.

II

Lançado nú sobre a terra nua, *nudus in nuda humo*, como disse Plinio, é o homem a creatura que mais imperfeitamente se apresenta á face da terra. A despeito, porém, d'essa imperfeição, todos observam e admiram a mudança que se opéra em cada individuo, sendo que os elementos moraes, cremos, em embryão nos primeiros dias de sua existencia, começam á desenvolver-se e robustecer-se, de maneira que, no curto periodo que lhe é permittido viver, chega o homem á um gráo assás consideravel d'aquella perfeição de que cada individuo é susceptivel.

Ora, si cada individuo de per si faz progresso, como ninguem póde contestar, porque razão o complexo d'esses individuos—a humanidade, não ha de progredir também?

A historia das nações, a vida dos povos, attesta de um modo irrefragavel e comprova exuberantemente as nossas asserções.

Lancemos uma vista retrospectiva e vamos perfunctoriamente passar uma ligeira revista nos annos de alguns povos, para vermos como o desenvolvimento, a marcha do espirito humano se manifesta evidentemente:

Vemos, por exemplo, que no Egypto, cuja origem se perde na noute dos tempos, que foi um dos paizes que primeiro começou á civilisar-se, que chegou á ter uma legislação e costumes que serviram de norma e deram leis aos povos de seu tempo; n'esse paiz dos Ptolomeus, nutria-se a principio as mais acanhadas idéas. Era alli um crime procurar sahir da condição em que a sorte houvera lançado cada um, sendo-lhe vedado o exercer outra profissão á não ser a de seu pae. Já possuindo alguma sciencia e reconhecendo que ella é o mais poderoso elemento da liberdade, porque a sciencia é a luz, os padres e os reis reservaram-se o monopolio da mesma sciencia. Tudo procuravam para difficultar ao povo o seu desenvolvimento, porque lhe era muito obvio o quanto aquelle era susceptivel d'este. Empregavam todos os meios possiveis para evitar a entrada dos estrangeiros, obstando ao mesmo tempo que o povo tomasse aos hombros empresa alguma commercial, etc. Mas, nada obstante, o desenvolvimento se manifestava: ao mesmo tempo que as sciencias se elevavam, as artes tomavam um incremento, admiravel para aquelle tempo, sendo que, ainda hoje, lá existem essas pyramides de veneravel antiguidade, essas obeliscos sobre os quaes tantos seculos se teem escoado, soberbos artefactos legados á admiração dos posteros.

Deixemos a Asia, passemos a Europa, e vamos ver como as luzes do oriente foram resplandecer no occidente.

Habitada em seus tempos primitivos pelos barbaros Pelásgos, a Grecia, por sua vez, inscreve seu nome cingido de brilhante auréola á frente das nações mais civilizadas. O germen da civilização alli plantado por colonias egypcias e phenicias, encontra uma fertilissima gleba, que produz os mais excellentes e inestimaveis fructos. Apenas acabavam de receber as primeiras noções d'agricultura, das artes, da religião, os gregos cultivam-nas com a mais fervorosa dedicação.

Ambicionam a gloria: os applausos da multidão e uma simples corôa de folhas d'oliveira atrahiam um admiravel concurso de habitantes das mais remotas

provincias. Sparta offerece-se como o prototypo do valor e do brio militar.

Athenas floresce maravilhosamente; Homero publica seus poemas; Lycurgo dá leis a Sparta; Eschylo, Sophocles e Euripide immortalisam-se na tragedia; Aristophanes na comedia; Herodoto e Thucydides na historia; Thales estuda a geometria e a astronomia, explica physicamente os eclipses, procura a origem do mundo; Pythagoras cultiva com o maior successo as sciencias mathematicas, a arithmetica, a geometria, a astronomia, a musica e, entre outras descobertas, demonstra o quadrado da hypothenuza; Sócrates crea a sciencia da moral, estuda o homem, repetindo continuamente o —*nosce te ipsum*; Platão e Aristoteles apparecem no horisonte phylosophico como dous dos seus mais rutilantes astros e por seu alto saber, pela sua admiravel erudição, pela sua profunda sciencia, o primeiro é cognominado *divino* e o segundo—*principe dos phylosophos*; Hippocrates crea a medicina; Phydias ostenta os encantos da esculptura, tudo emfim marcha maravilhosamente.

Roma, d'envolta com todos os povos da antiguidade que absorve, conquista a Grecia e foi como que sua berdeira. Colloca-se gloriosa no quadro das nações e, como a mais poderosa d'então, occupalhes a vanguarda. Chega dentro em pouco; a constituir-se unitaria. Essa mesma accellerção, porém, concorre para sua queda. Entre a gloria e a grandeza começa a erguer-se altanada a corrupção, que chega á seu auge, franqueando largo campo á infrene ignorancia.

Os barbaros invadem a Europa. Eis a degradação das artes, das lettras, das sciencias, envoltas no denso e negro véo da ignorancia! O luxo, o vicio, a devassidão ostentam-se e antecedem a moral: desaparece a virtude!

Horrendo era o quadro, horroroso o estado da sociedade!

Essa enorme degeneração, essa corrupção á que se entregara a sociedade parecia revelar uma completa ruina imminente, inevitavel. Engano! O espirito readquire forças na refrega, reage energeticamente contra o grosseiro materialismo, que o degradara.

A verdade e a virtude, poderosas e esplendidas, supplantam o erro e o vicio, elevando-se magestosas sobre as ruinas da degradação e do aviltamento.

E o que era isto?—Era o glorioso estandarte do progresso, que, arvorado pelo Christianismo, tremulava cheio de luz ao lado da religião do Crucificado.

(Continúa.)

S.

(NO ALBUM DO MEU AMIGO TORQUATO T. C. DE SOUZA.)

A amizade é a flor querida,
A flor tão pura e mimosa;
Mais bella que o proprio cravo,
Mais linda que a propria rosa.

(Paulo Pereira.)

Amigo Tasso.

Quizera poder satisfazer-te no pedido que me fazes. Porem não posso. Paciencia!

Queres que no teu album já tão enriquecido por bellas e raras flores, seja junta mais uma, que, não obstante sem fragancia, deve ser collocada a par das outras.

Bem. Já que queres, eu a deponho nesse precioso vaso, porem, com a convicção de que desaparecerá no meio das que já possui.

Sabes a flor que te offereço? Não! Pois eu t'ó digo.

É a flor que quasi sempre conserva-se pura e bella, e que arrosta as tempestades da vida, embora milhares de vezes tenha de curvar-se no seu hastil.

Sabes qual é a flor?—A amizade!—

Ei la. Aprecia-a e recebe-a como o dom mais precioso que te posso offerecer.

Um sonho.

A POESIA E O POETA.

Que noite! meu Deus! Que noite!
Oh! que noite de magia!
O mundo todo descança
Nas azas da poesia!

(Paulo Pereira.)

É noite! A candida lua reclinada sobre o firmamento alcatifado d'estrellas, derrama sua brilhante luz por toda a terra. O mar, qual espelho de crystal, recebe com suave marulho os beijos que lhe dá a Rainha da Noite. A brisa sopra brandamente, e a furto oscula a mimosa flor que pura e bella ostenta-se no seu galho, e como que envergonhada esconde-se por entre a folhagem.

Que noite de poesia! Que quadro magestoso e sublime nos apresenta a natureza neste momento! Que hora d'inspiração! Que tempo tão digno de ser aproveitado pelo mysterioso pincel de um artista, ou pela bem aparada penna de um poeta!

A natureza mostra-se revestida de galas e de riquezas.

Reina um silencio de morte! Nem sequer move-se o cabir da folha que, desprendida do galho e impellida pelo vento, vae parar em terra!

No entretanto a lua, qual lampada de fogo suspensa na immensidade, cada vez mais redobra d'esplendor.

Sentado sobre uma pedra, á sombra de frondosa arvore, está um vulto de homem, mergulhado em profundo scismar.

A sua rasão está absorta na contemplação do brilhante painel que se desenrola a seus olhos.

Nem a leve brisa, que em sua passagem, bafejava-lhe o rosto; nem o orvalho que em gotasinhas semelhantes a perolas, cahia sobre a virente alfombra que tapizava a terra, e que o clarão da lua assimilhava a um vasto lençol de prata, poderam por um curto instante affastalo de tão profundo lethargo!

—Era a estatua da tristeza mergulhada no labyrintho do pensamento!—

Por cima da cabeça desse vulto, parecia-me ver um anjo de belleza deslumbrante, com as vestes alvas, as candidas azas cor de neve e com um sorriso divino a assomar-lhe aos labios, collocar sobre a fronte d'esse vulto immovel, qual estatua, uma coroa luminosa, que, bella e radiante sustentava com a mão direita.

N'este momento, a lua como que augmentou d'esplendor, e as estrellas quaes fachos luminosos pregados na abobada celeste, derramavão por sobre a terra todo o seu brilho.

Oh! magestoso espectáculo! Acaso fugirás de minha vista? Por ventura terei a felicidade de contemplar-te para sempre?

Não! De repente, nuvens cor de cinza assombrão toda a amplidão. O mar, esse terrivel elemento, ha pouco brando como um rio de leite, reveste-se de todo o seu poder, e em grossos vagalhões vai beijar as fraldas dos immensos rochedos, que quaes gigantes, conservão-se immoveis e magestosos no meio do vasto oceano. A lua que outr'ora brilhava, cede o seu brilho ante os relampagos que uns apoz outros succedem no espaço.

Alfim, este painel tão magestoso que por algum tempo occupou a minha attenção, foi-se lentamente dissipando.

Era a vã chimera que fugia com o apparecimento da realidade!

De perto então! Era um sonho
Esse quadro tão risonho
E-se brilhante luar!
Mas uma voz me dizia
Ser pranto—a poesia,
A dor, a ra—o vate a scismar!

DESESPERO.

Oh morte! oh morte! Quão doce é teu nome.
(Paulo Pereira.)

Que importa a vida, se a cruel desgraça
Me corta o fio da existencia em flor?
Que serve a vida, se não acho ao menos
Um lenitivo á minha intensa dôr?

Que importa a vida, se qu' leve folha
Incerto vago pelo mundo errante?
Sem ter um ente que me ado e as magoas
Sem ter socego por, sequer, um instante

Que importa a vida, se consumo o tempo
Batenlo ás portas, mendigando o pão?
Humidas as faces! orvalhado em pranto,
Com o luto escripto no meu coração?

Que importa a vida, se eu n'ella encontro
Martyrios, trevas, soffrimento e horror?

Se a desventura com seu manto cobre
A mim, coitado! com voraz furor?

Que importa a vida, se distante vivo
Da chara terra que me viu nascer?
Meu Deus! tem pena!—ajoelhado imploro—
De um pobre ente! de um cruel soffrer!

Que importa a vida, se até hoje nunca
Tive um momento de socego e calma?
Se nunca pude por um curto instante
Em fraco jubilo expandir minh'alma?

Que importa a vida, se ao longe vejo
Negro phantasma a m'estender os braços?
Se em vão eu busco libertar minh'alma
De nós tão firmes, d'estreitados laços?

Que importa a vida, se de balde imploro
—Socorro a um pobre pelo amor de Deus?
Meus gr'os morrem no rumôr do mundo
—Perdem-se os échos sem chegar aos ceus!

Que importa a vida, se não nutro a esperança
De vêr um dia me sorrir a sorte?
Hoje, só quero, só dormir, desejo,
Tranquillo o somno que nos vem da morte!

De ti ó Deus, com fervor espero
Que as minhas preces não serão baldias;
Vem, anda, ó morte, que te ha muito espero,
Vem, vem depressa terminar meus dias!

Teu amigo

Paulo Pereira.

Maranhão, 26—6—75.

Casemiro de Abreu.

(INEDITA)

Que de futuro perdido
Nesse brasileiro cantar!...

Chora a musa lacrimosa,
Chora o Brazil, que o perdeu,
Chorará quem noutras eras
Ler com magoa as *Primaveras*
De—Casemiro de Abreu.

Silva Azevedo.

O' Patria, entre os teus egrégios filhos,
Entre os cantores teus, os mais mimos os,
—Padrões de glorias mil,
Um sobressae, não é *Junqueira Freire*
Martyr do claustro, —nem *Gonçalves Dias*,
O vate teu gentil!

Azevedo não é,—alma de fogo,
Derramando n'um est. o immorredouro
As lavas do vulcão,
—Nem *Castro Alves*, —o genio portentoso,
Que a ti renome dão.

Eu fallo do teu ardo harmonioso,
Plangente como a rola em soledade,
Carpindo um doce amor,
Suave como a brisa, que perpassa,
Entre flores do campo, modulando
Um hymno de languor.

Casimiro de Abreu, cantor sublime,
Lyra divina, suavissima e casta
Como um virgem sorrir,
Que alma pôde haver est-reil, dura,
Que não se dobre commovida e terna
A voz de seu sentir?

Nas suas *Primaveras* tão mimosas
—*Minh'alma é triste*—oh quanto sentimento
Abi brotando a flux,

Na—canção do exílio—que saudades,
E—no lar—que perennes melodias,
—Misto de amor e luz!

Sua musa não corre arrebatada
Nas planuras do céu atrás da nuvem,
Dos vóos do condór:
E' sempre meiga e de perfume unvida
Como no templo o hymno, ou como a prece,
Que vóa ao Criador!

O arroio que suspira na campina,
As flores que na haste se balouçam,
A borboleta azul,
A brisa que cicia na folhagem,
A nuvem que desenha mil imagens,
Correndo lá do sul.

A lua merencoria e scismadora,
Percorrendo o azul do firmamento
Com doce languidez,
Nada tem de sua musa o sentimento,
A sua graciosa amenidade,
E branda placidez!

Lamartine, só tu se inda existisses,
E derramasses teu olhar sereno
No sensível Abreu,
Verias no cantor modesto e triste
Uma alma pela tua modelada,
Sentir igual ao teu.

Luiza Amelia.

Parnahiba—1875.

Tudo esquecêra.

A'...

Ce n'est point par effort qu'on aime,
L'amour est jaloux de ses roits...
J. B. Rousseau.

A pompa, o luxo, a riqueza, o fausto,
Lêdos praseres qu'este mundo tem,
Deixava virge, só por ter-te um instante
Junto a meu peito: p'ra meus braços vem!

Tudo esquecêra; só de ti lembrando
Deixava o mundo sem nenhum pezar;
Lêdo sorrindo recebia as auras
Que ao peito vinhão novo alento dar.

Soltava cantos mais gentis e ternos
Que a propria rôla no seu casto ninho,
E em doce instante de transporte infindo
Eu te beijava c'infantil carinho!

Mas, ai! são sonhos tão gentis chimeras,
Que a mente gera em febril delirio,
E o desengano de pensar tão lêdo
Lança-me, triste, em cruel martyrio!

Sonhos dourados, fantasias meigas,
Porque me vindes perturbar a calma?
Si dos anhelos que o meu peito nutre
Não heide nunca alcançar a palma?

Maranhão—1875.

The tenth.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Saudação.—Especial favor.—O Capote eo encapotado.—O baile do dia 28.—O dia 29.—As arvores do largo do Carmo e a Ilma. Camara.—Peça bem pregada.—Agradecimento da rapaziada do bom tom.—O Reverendo ladainha.—O boi-cavallo e a moralidade publica.—As bexigas na provincia de Vinhaes.—O Dr. Hervacio ou Herva de bixo.—Festa de Santo Antonio do buraco.—Fallecimentos.—Os papas-fina.—O distribuidor. A Recreação-Litteraria.—O Atheneu Maranhense.—Arthur Azevedo.—Lembranças.

Meu caro Aireper.
Eu te saúdo, com todo o emphase do meu cora

ção, pela magnifica carta que me dirigiste no numero passado, a qual agora te respondo.

Peço encarecidamente aos Srs. typographos, que me fação o especial favor de não arrumarem a quebra que tem o nome de chronica e sim simplesmente—*Columna Telegraphica*.

A palavra *chronica* já esta muito sedida e até carunchosa; é cousa do tempo de D. João IV, ou de D. Fias Roupinho; hoje já se não usa d'estes termos alambicados e que tem cheiro de toquinho do reino.

Hoje tudo se reforma, até os cabellos dos velhos ficam pretos com o Vigor do Dr. Ayer, e os dentes das velhas branquinhos como os de *cahitú*, graças aos conchecimentos do Sr. Harrisson Alexander.

Alem disso a mudança de nome não é para admirar, pois hoje está em moda dar-se o nome que se bem entende a esta parte dos jornaes; tenho visto, v. g. arabescos, impressões, carêtas, folhetim do 1.º andar, pósto que as vezes esteja no segundo (isso pouco importa), e como estes podia citar outros mais, porem não o faço, porque não quero enferrujar o telegrapho com tanta cantilena.

O meu illustre collega Aireper, já demonstrou claramente a razão porque adoptamos este titulo; não tem novidades, viva o telegrapho da rapaziada! Viva!!

O João Capote da Costa deu uma denuncia do visconde do Rio-Branco, porem os amigos do ex-ministro encapotarão a tal denuncia e o Capote ficou no ora veja

Aquillo é que é gente fina; são capazes de enfiar um canello pelo fundo de uma agulha.

O baile do dia 28 de julho esteve esplendido e patriotico. A brisa officialidade do 5.º deu mais mais uma prova de seu cavalheirismo; nós a complimentamos.

O dia 29 foi festejado pela Sociedade dos Ourives de uma maneira agradável para aquelles que amão o governo monarchico.

O Sr. tenente-coronel João M. Romeu, presidente da sociedade, offereceu um profuso copo d'agua aos cavalheiros que se dignarão assistir a sessão de posse da dita sociedade.

Houve discursos e poesias analogas ao acto.

O largo do Carmo se havia tornado uma m'ltã virgem, de tal maneira que ahi faziam ninhos os passaros, pastavam animaes *quadrupedes etc.* etc. A Ilma. Camara não fazia caso do negocio, como é seu costume, porem um morador do lugar que não estava para aturar *desaforo* do matto que lhe queria invadir a loja, pediu a Ilm. e ella, segundo me consta, de bom grado accedeu ao pedido.

Enhão o dito Sr., que é moço bonito, mand'u capar as arvores de tal maneira que se pode avistar quem passa na rua Grande e na do Sol; mas a peça não foi essa, a peça foi mandai cortar o *capim de burro* que ornava o largo, o que segundo consta causou grande pesar a Consolem-se com sua sorte, nem todo o dia é dia de santo. E foi uma peça para vms. ter m'juizo. Euh a capação foi geral.

Agora o moço... pode ver a gosto a sua queida que mora no d'ito largo, Assim, seu rapaz; duhe os meus p'rabens.

A rapaziada do bom tom pede me que agradeça a tão benemerito cidadão os seus serviços, o que de já faço.

Os rapazes que frequentam o Ly en, vião-e Atropellados com as taes arvores, porque não lhe deixavão cumprimentar as beldades que morão perto do dito est'bel-cimento, mas hoje graças ao patriotismo do Sr. D... podem estar á seu gosto, Dens o ajude, e deite sua alma no céu; eu como tamb'm sou estudante do Lycen, vou entrando agora mesmo no templo, a fim de rezar-lhe um Padre Nosso e uma Ave Maria para que o rocio do céu caia s'bre S. S. á quem Deus guarde por muitos annos de vida. Amen.

O reverendo *ladainha* fez uma promessa a N. S. dos Remedios que se o 5.º voltasse incolume da guerra terrivel dos homens da cruz vermelha de Caxias, cantar a uma *ladainha* em acção de graças. Felizmente a Divina Providencia quiz que o voto

do *ladainha* fosse ouvido, e o 5.º voltou são e salvo.

Terça-feira 3 do corrente o *papa ladainha* com o seu *fagote rachado* cantou a sua *coisada* e deu-se por satisfeito. *Bemaventurado são os pobres de espitos, porque delles é o reino do ceo.*

O boi cavallo é um mulato que vende *quabada*, *germunsada*, *vinagreirada* e que tambem se mette á fazer versos á moda do *immortal Fabio Everton* e do poeta do *Tambaqui*.

O povo molecorio chama-o—*Boi cavallo*—e o meu poeta solta a lingua de tal maneira que arripia os cabellos e faz chegar o rubor as faces.

Não respeita os ouvidos castos da donzella, nem tão pouco a delicadeza de sentimentos da mãe de familia.

Chamamos a attenção da policia para esta *Boi cavallo*, que com as suas torpes palavras depõe muito contra a nossa civilisação contra ella (a policia).

O Maranhão já está bastante civilizado, e portanto não tem necessidade de *boi-cavallo*, isso é bom para Guiné ou Congo.

As bexigas estão lavrando na provincia de *Vinhaes*, donde é bispo o reverendo *ladainka*; indicamos para medico do lugar o Dr. *Herva de bicho* que possui uma machina de longa vida, que basta tocar no doente para elle por se logo de pé. O governo não deve perder semelhante *pechincha*, porque destas raras vezes apparece.

A festa de domingo do Santo Antonio do *buraco* esteve boa; a rapaziada namorou a grande, e em que dão as nossas festas: azeite e mais azeite, quando não as molas secção; tijolo e mais tijolo quando não as casas não se edificação.

Fallecerão os condes da Conceição, bispo de *Marianna* e o de *Porto Alegre*, cidadãos distinctos pelos muitos serviços que prestaram a igreja e ao estado.

Tambem falleceu o Dr. *Paula Fonseca*, lente da Academia de Medicina da Corte e deputado geral pelo 4.º districto da provincia de *Minas-Geraes*.

São perdas bem sensiveis para o Brazil.

Tu, meu caro Aireper, advinhaste quando disseste que na terra existe muita gente *papa fina*, é uma verdade bem cruel, mas é verd de de.

Alguns Srs. *illustrados e amantes da litteratura* tem devolvido o jornal, dizem que por causa da crise, apesar de ser 23000 rs. o preço. Deos os conserve nella (a crise.) Tu, meu caro Aireper, has de ver que na proxima festa de S. *Filomena* muitos dos taes hão de l-var luvas, beng-linha, casaca de th-soura e até *penacho*; para estas f'ituidades ha cobre e cobre grosso porem para o resto *babau*.

O distribuidor fez da boa, pois em vez de entregar os jornaes esteve passando e não cumprio com o seu dever.

Muitos des assignantes não receberam o dito jornal, pela razão acima expendida. A redacção pede d'sculpa por esta falta involuntaria e espera ser attendida.

A Reacção Litteraria vai em progresso; Deus illumine os seus socios.

No dia 1.º houve discussão da these—*Cruzadas e seus flos ou consequencias*.—Foi propugnador o Sr. A. Rosa; o Sr. M. Cunha impugnou a these quanto a sua ultima parte; findos os debates desta o Sr. presidente encerrou a discussão e submetteu a th se a commissão da redacção *a fim de dar o seu parecer, isto é, se ella está ou não no caso de ser archivada e se não contem idéas erroneas e subversivas*: esta é a letra dos estatulos.

O *Athenu Maranhense*, vai tambem em progressos; Deus se amercie dos seus socios. Nós lhe desejamos muita vida e felicidade.

O nosso distincto comprovinciano, *Arthur Azevedo*, vai dar publicidade a uma obra poetica, intitulada *Horas de Humor*; nós o saudamos. Brevemente virão da Corte alguns exemplares.

Ad-us, caro Aireper, e responde ao teu de coração

José Quebra. Kilos.

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Sexta-feira 20 de Agosto de 1875.

NUMERO 3

A MOCIDADE

MARANHÃO 20 DE AGOSTO DE 1875.

Fagundes Varella—O Evangelho nas selvas.

Como a Venus da Fabula das espumas nascendo das ondas, nasceu a poesia em meio das espumas produzidas pelas vagas levantadas no oceano do pensamento pelo primeiro sopro do impulso civilizador dos homens em sociedade reunidos.

Virgem linda e donairoza, vestida d'alva chlamyde, vemol-a sorrir junto do berço de Homero e de Hesiodo, coroal-os de de immurchaveis louros, o dom lhes fazendo de uma lyra d'harmonia divina cujos acordes ainda hoje melodiosos aos ouvidos nos resoam.

Simple e pura como os costumes primitivos d'então ella não teve em vista senão cantar as lutas dos homens, a intervenção dos deoses nas humanas acções, e as maravilhas que á creação lhe offerece. Epica, porque só descanta feitos grandiosos, singella, porque ainda desconhece a arte de favorecer os retratos dos heróes que celebra, harmoniosa, porque antes quer fallar aos sentidos e ás paixões do que á razão, gigantesca, porque também são gigantescos os quadros que desenha, ella só pretende legar á posteridade a me-

moria desse tempo que a deve submergir no passado, deixando por unica dadiua ao genio, que inspirou, um nome junto da sua obra immorredoura.

Volveram porem os tempos, e a poesia resentio-se das transformações operadas nas sociedades. No periodo brilhante do aureo seculo do romano imperio, vemol-a assumir um novo aspecto ao contacto de uma civilisação inteiramente differente, e, embora quasi sempre não seja senão um reflexo do sol que illuminou a Elida, este reflexo brilha sobre um plano diverso dos aedos da Attica. Homero canta o *sævus Achilles*; Virgilio, o *pius Eneas*; um canta a força physica; o outro celebra a piedade. Um engrandece o homem materia; o outro o homem moral. Eis a differença entre a poesia grega e romana, differença proeminente da differença de civilisação, e tão bem carecterisada por estes dois typos.

Na epocha contemporanea é a escola latina que predomina, e, por assim dizer, em nossos dias, a poesia é o quadro esthetico da alma humana. Esse quadro porem, apezar de ser de uma composição sublime, já não tem o ameno colorido das telas gregas; falta-lhe a energia das cores, e a originalidade dos contrastes, com que os vates da Grecia faziam realçar a belleza das suas composições.

Pintar o homem barbaro com suas paixões, proprias rixas, seus combates, suas

desordens, era uma tarefa sublime, mas ao alcance do genio humano, porem pintar a alma, isto é, o quasi desconhecido, é uma obra tão gigantesca, tão sobrenatural que jamais o conseguirá, mesmo o maior dos genios. Não ha pincel á altura de semelhante retrato, e eis também a razão da inferioridade da poesia moderna. Inferior na forma e na belleza á poesia antiga ella lhe é superior no assumpto, e é essa superioridade que nos faz lastimar a falta de uma expressão que lhe seja condigna.

Se este artigo começamos fazendo uma pequena dissertação sobre a antiga e a moderna poesia é que quizemos collocar-nos á altura do assumpto de que nos vamos occupar, pois que nelle temos de tratar de uma epopeia, epopeia cujo assumpto é talvez um dos mais grandiosas que occupado tenham o espirito humano. Queremos fallar da epopeia das missões, do «EVANGELHO DAS SELVAS» de que é author o infelizmente já fallecido Fagundes Varella, e que actualmente se acha em via de publicação no Rio de Janeiro.

Poucos serão aquelles dos nossos leitores que não conheçam o nome de Fagundes Varella. Uma gloria litteraria poucas vezes passa desapercibida, e a gloria deste é assaz esplendida para não permagecer na obscuridade.

Seu genio altivo, para me servir da ex-

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA.

em

BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 2.)

Um enorme rochedo projecta sua sombra sobre as ondas azues, e parece-se de longe com a barca do pirata insular ou do Mainote. Desconfiando de um laço, e tremendo pelo seu baixel, o pescador evita aproximar-se d'aquella enseada perigosa; fatigado dos trabalhos de uma feliz pesca, dirige-se lentamente, mas por meio de remos, para o porto de Leone, cuja praia mais segura o recebe á claridade do astro amavel, que sobretudo embellece as noites do Oriente.....

Quem é este cavalleiro que chega a toda brida? Seu corsel é negro como o ebano. Semelhante ao ribombar do trovão resoando nos vales, o ruido de sua rapida carreira é repetido ao longe pelos echos da caverna; a espuma que lhe cobre o freio é mais branca que a das vagas enfurecidas. Reina o socego na superficie do oceano; mas o socego está mui longo de teu coração, joven Giaour! Amnhá prepara-se a tempestade a perturbar o silencio das ondas, mas teu peito é atormentado por mais terriveis tempestades; eu não te conheço, eu odeio a terra onde nasceste, mas eu distingo no teu rosto o que jámais o tempo poderá desvanecer; apezar da tua mocidade, e da tua pallidez, tua fronte atraiçoa os vestigios das paixões ardentes que já te assolaram a alma; ainda que tua vista feroz fitada esteja na terra, e que rapidamente passes como um meteoro de funesto presagio, eu vejo em ti um desses infeis que os filhos de Mahomet deveriam massacrar ou repellir para longe de si.

Elle foge! elle foge! meus olhos o seguiram por muito tempo em sua carreira precipitada; e ainda que, semelhante a um demonio nocturno,

tivesse desaparecido depressa, seu aspecto ficou gravado em meu coração como uma recordação obscura, e o echo, que tinham despertado os passos de seu fogoso corsel, resoou longo tempo aos meus ouvidos commovidos.

Passou ao pé d'este rochedo escarpado que se adianta sobre o abysmo das ondas; bem depressa lhe faz o circuito, e o rochedo me impedia de o ver por mais tempo; um desconhecido é odioso aquelle que quer evitar todos os olhares; e, quando se foge a uma hora semelhante, não ha estrella de que se não maldiga a importuna claridade. Elle affasta-se, mas antes voltou a cabeça como para olhar uma ultima vez, deteve o seu corsel que respira um momento; poz-se em pé nos estribos... o que procuraram seus olhos no bosque de oliveiras? O crescente brilha na collina, as alampadas da mesquita não se apagaram ainda; elle está demasiado longe para que o echo lhe repita a detonação dos *tophaios*, attestando pela chamma que precede cada estampido alegre o zelo religioso dos musulmanos; o ultimo sol do *ramazan* pôz-se esta tarde, e esta noute começa o *beiran*... Mas quem

pressão usada pelo proprio poeta, «*voa a par das aguias do sol, dos astros*», e o vôo da aguia, o volver do sol, e a translação dos astros, não são movimentos ignorados mesmo do proprio vulgo. Sua reputação litteraria já se acha bastante derramada, e poucos serão os amantes da litteratura brasileira que não tenham ouvido a suave harmonia das suas estrophes cadentes, estrophes immoredouras, assim como immoredoura é a gloria do genio que as dictou.

Quantas vezes não folheamos soffregamente essas paginas em que Varella espargio com profusão as mais bellas florès da sua imaginação! Quantas vezes não admiramos o impulso nobre da sua musa que o levava a descantar o genio? Quantas vezes não ficamos attonitos perante a sublimidade dos seguintes versos:

Como a faja sem per cravai ousados
Na terra os pés, na immensidade a fronte!

ou então perante os seguintes:

Como a flor á mulher, Deus disse um dia!
Teu destino é florir, eheer de encantos
Os desertos da vida;
Tens no rosto a belleza, o genio n'alma...
Linda flor de alem mar... Ergue essa fronte
D'esperança cingida.

Nada ha que melhor possa dar idea d'um genio do que cada um dos seus proprios artefactos; é portanto desnecessario todo e qualquer encomio que se lhe possa tecer, e por isso renunciámos a tarefa de commentar as obras do exímio vate. Se acaso desejaes conhecer que genio era Varella, lede com attenção cada uma das suas produções, medita-as attentamente, e depois da leitura, depois da meditação, haveis de comprehendel-o. Como as quadras de Leopold Robert, as obras de Varella revelam-lhe a alma, pois que não são senão o reflexo do seu sentir.

Porem o poeta morreu, e não mais poderemos seguir com nossos olhares os voos altivos de sua musa. Ella cansou de cantar, mas antes de se extinguir, como o cysne nas margens do Euratas um canto solto de immensa harmonia. Esse canto

és tu? o que fizeste, tu cujos vestidos annunciam um estrangeiro? Porque razão tua vista é tão febril? o que te fizeram nossas mesquitas e nossas festas para te deter, ou para te fazer fugir?

Um leve temor se havia mostrado por um momento no seu rosto, que bem depressa não exprimio senão odio; não foi a vermelhidão subita de uma colera momentanea, mas a pallidez do marmore, cuja br-nura funebre relça ainda a triste escuridão dos tumulos. Sua fronte estava inclinada, e sua vista embaciada; elle parecia duvidar um momento se devia fugir, ou voltar sobre seus passos; n'este momento seu corsel negro, como o corvo, relincha e estremece de impaciencia; a mão do Giaour cahe sobre a guarda da sua cimitarra; este relincho dissipou a sua passageira meditação; tal o grito sinistro do mocho vem o somno perturbar.

O Giaour crava suas esporas nos flancos do cavallo que salta e parte com a rapidez de um djerrid lançado por uma mão robusta. Deixou atraz de si o promontorio, e a praia já não é abalada pelo passo sonoro do corsel; já se não vê o

é o «*Evangelho das selvas*», é o poema epico da missão, poema de grandioso assumpto, o mais grandioso talvez depois do da *Messida de Klopstock*, pois que cantar os homens denodados, que tendo apenas nas mãos por arma um crucifixo, se atreveram a guerrear a ignorancia, as luzes derramando do christianismo, é uma empreza tão nobre que só podia ser executada por aquelle que cantou o Homem Deus. Legando com este poema á posteridade a memoria do seu nome, Fagundes Varella lavrou para si um epithaphio mais durador do que aquelles que se veem gravados nos monumentos regios. O tempo que destroe os monumentos dos guerreiros de Illion nenhuma acção tem sobre a Illiada; ella é immortal como immortal era tambem o genio que a produzio. O tumulo que encerra os restos mortaes de Varella em breve será consumido pelo tempo, mas o *Evangelho das selvas* continuará a subsistir como um padrão da sua gloria.

D'este poema cuja elevação de assumpto inferimos do seu titulo, não conhecemos ainda senão a invocação, porem essa invocação pode dar uma idéa do que deve ser o poema. Eil-a pela forma em que se acha inserta na carta do correspondente do *Paiz* datada do primeiro do corrente mez:

Alma inspirada de Anchieta illustre,
espirito do ap-stolo das selvas!
Sabio e cantor, luzeiro do futuro!
Tu, que nas solidões do Novo Mundo
sobre as alvas areias, borrifadas
das escumas do mar, traçaste os versos
do—poema da virgem—e ensinaste
aos povos do deserto a lei sublime
que ao reino do Senhor conduz os séres;
ensina á minha musa timorata
a linguagem celeste que fallavas!
Dá-lhe a doce expressão, a graça infinda,
a força, a eloquencia e a verdade
dessas singelas narrações, que a noite
fazias nos outeiros, nas florestas,
ás multidões que ouvindo—te choravam.
e pediam as aguas do baptismo!
E tu; oh! desditoso, exímio bardo,
cujo leito final buscado debalde
as abelhas das verdes espasuras,
para seu mel depór, como as do Hymetto
do divino Platão sobre o moimento,

elmo e a cabeça altiva do christão; elle, em um momento, e de repente redobrou de rapidez, como se a morte o perseguisse; este curto momento bastou para sua alma avivar annos de recordações, uma vida inteira de dores, e seculos de crimes. Para aquelles que quem o amor, o odio, ou o temor agitam, semelhantes instantes accumulam todos os desgostos do passado; repentinamente oppresso por mil peniveis sentimentos, o que não experimentou o Giaour enquanto reflectia assim em si mesmo! Apenas contado no registro das idades, este momento pareceu-lhe uma eternidade. E' infinita como o espaço essa consciencia que, só pelo pensamento, pode abraçar males sem nome, sem esperanza, sem fim.

O Giaour já está longe; fugio elle, ou succumbio só? que veio elle fazer? Maldito seja o dia da sua chegada e da sua fuga! Os peccados de Hassan mudaram seu palacio n'um tumulo; o Giaour veio como aquelle precursor da consternação e da morte—o *simoun*, cujo sopro destruidor aniquila até os cyprestes, essa arvore de sombria folhagem, que se eleva tristemente sobre os monu-

—e cada novo estio o mar procuram, e zumbem sobre as aguas mugidoras que furtaram teu corpo ao patrio solo! Grande Gonçalves Dias! Desses páramos onde viver sonhava e vive agora tua alma gloriosa, envia, oh! mestre, envia-me o segredo da harmonia que levaste contigo!... Assim, apenas, meu santo empenho vencerei contente.

Mais tarde quando já se achar publicada a obra posthuma de Varella reservamo-nos para tratar d'ella extensivamente, fazendo o juízo que julgar-mos conveniente do seu escrito. Por em quanto apenas ousamos desejar que ella corresponda a nossa expectativa, nada desmintindo do que nos promette seu titulo, sua invocação, e o nome do seu autor. Então desenvolveremos as idéas que n'este artigo apenas emittimos, fazendo um quadro comparativo das bellezas da antiga e da moderna poesia.

O Brasil e o futuro.

A revolução que se operou na França em 1789, como acontece quasi sempre com todas as grandes commoções deste genero, marcou uma nova era na historia da liberdade humana, plantou, por assim dizer em quasi todo o mundo o germen de uma desobediencia energica, que foi depois util a muitos povos.

Os reis até então, sustentados especialmente pelo direito falso que lhes dava o clero, incutindo no espirito do povo ideias de escravidão, eram os reis na mais alta extensão da palavra, eram os grandes senhores das maças, absolutos e até quasi semi-deuses. Depois da revolução franceza, porém, o poder d'esses que ainda o tinham diminuido, não tanto como devia, mas sempre diminuido um pouco. Isto foi simplesmente uma consequencia do desenvolvimento humano.

Não foi sómente a França que se servio da revolução nascida do seu seio, apezar de ser á principio atacada pela Europa inteira, a propria Europa, foi, depois, gozar da luz que tinha apparecido com ella. Não foi ainda sómente a Europa, a America tambem sentio o echo dessas vozes

mentos funebres, unica fiel ao luto do homem que já não existia.

Estão desertos os curraes de Hassan, já se não vê escravos em seu palacio, a aranha solitaria tapeta todos os muros com sua teia pardacenta, o morcego edifica seu ninho nos tectos do seu harrem, e o mocho se apoderou da torre da sua cidadella; o cão selvagem que a fome e a sede atormentam, vem uivar nas bordas do tanque secco; a agua já não corre no seu leito de marmore; os espinhos lá crescem em meio de um pó arido. Como era agradável o tempo em que a cnda arge, a, entretendo a frescura do ar e a verdura de uma risonha relva, se elevava em fachas luminosas para cahir como um abundante orvalho! Quando as estrellas brilhavam no firmamento, como era agradável contemplar o prysma de seus reflexos n'esse repuxo cujo murmurio encantava o silencio da morte!

(Continúa.)

libertadoras e acolheu-as no seu seio, afluindo desde então uma ideia luminosa e grande.

O Brazil, em 1817, provou, que não tinha ficado surdo ás vozes que procuravam despertar o mundo, e já em 1820 impunha audacioso ao fraco D. João 6.^o que adoptasse a constituição hespanhola, que havia sido também imposta em Portugal pela revolução do Porto.

Bem se vê que o Brazil, mais ou menos, nunca deixou de acompanhar os movimentos progressivos da Europa, ainda que, por um deploravel acaso, tivesse sido creado debaixo da escravidão, absolutamente fallando, acostumado sempre a viver na santa obediencia recommendada pelo evangelho.

Antes disto, em 1786, a revolução de Tira-dentes mostrara muito ao vivo que o Brazil movia-se também por um principio muito mais santo e mais glorioso que a revolução de Portugal. Este principio era a revolução dos Estados-Unidos da America do Norte.

E como não fora bello de certo ver esse novo mundo, que havia sido com tanta ingratião opprimido pela Europa, dictando-lhe leis sublimes e inspiradas pelo seu genio, e dando-lhe exemplos maravilhosos nos progressos da civilização?

Não nos illudamos porém com o que já se passou, e vejamos si podemos ao menos suffocar a dor que nos aperta o coração, quando a memoria nos lembra o patibulo do iniciador da nossa liberdade.

A revolução de hoje não é, como talvez alguns pensam, uma revolução do typo das de 1786 e 1818, que esteja encarando de perto as difficuldades, tendo assim probabilidade de ser mallograda. Não, esta revolução é acatada por quasi todos, que não querem o sangue, mas a revolução simplesmente.

O movimento que hoje se opera na Europa escravizada, com o fim de derribar as leis velhas e rançosas que ainda dominam o espirito de alguns, esse movimento libertador, em cuja frente collocam-se a Allemanha e a França, não passa desapercibido de todo no nosso paiz. O Brazil escuta interessado essas vozes que atravessam o oceano tão rapidas como o raio.

No momento em que qualquer paiz da Europa manifestar-se abertamente pela emancipação completa do pensamento e pela regeneração dos costumes, eu o creio, não será o nosso Brazil a ultima das nações que empunhe a sua bandeira e lance o cartel de desobediencia aos que procuram opprimil-o, tolher o desenvolvimento das suas ideias e da sua liberdade. O terreno está preparado, não ha mais que lançar a semente, que ella brotará com a mesma força com que costumam brotar os vegetaes n'este solo uberrimo.

Em vão os effeitos de uma educação escravizada, como a que nos foi dada pelos

nossos colonizadores, reagirá contra qualquer ideia luminosa; ella passará sempre e irá adiante, porque já estamos de certo fartos de ver as nossas ideias morrerem debaixo de um peso extranho.

Já alguém disse que a America está destinada á representar um grande papel no mundo, e não foi sem razão que disse isso.

O Brazil, por muitas causas que fôra inutil enumerar, ha de um dia vir collocar-se ao lado dos Estados-Unidos—na vanguarda das nações—tão glorioso como elle e tão grande, para que o seu nome seja pronunciado com admiração pelos Europeus, não olhando pelo lado somente das suas riquezas naturaes, mas pela força e entusiasmo com que são ahi recebidas as grandes revoluções regeneradoras.

Não é isto um sonho, nem uma animação patriótica, que me possa desviar, é uma realidade, da qual todo brazileiro deve penetrar-se, e com a qual deve animar-se e seguir para diante, guiado sempre por uma estrella esperançosa.

O Brazil e o futuro quer dizer:—o Brazil e a revolução, o Brazil e o progresso emfim.

Nós seremos os soldados que tem de lidar no seio dessa revolução já encetada; preparemos pois as nossas armas—a pena—e recommendemos-nos ao nosso anjo—a liberdade—.

1875.

Guioldo.

A...

*D'un vol épouvanté, dans le sombre avenir
Mon âme avec effroi se plonge
Et je me dis: «Ce n'est qu'un songe,
Que le bonheur qui doit finir.»
Lamartine.*

Quando, nas horas em que a noite estiva,

Com seu manto de estrellas scintillantes,

Vela os plains azues da immensidade,

Nos vagamos s' sonhos na floresta,

Gozando a viração que subtil passa

Nas verdejantes folhas das palmeiras,

Contemplando o painel que a natureza

Adormida offerece aos nossos olhos;

—Quando junto a mim na extensa plaga

Te assentás recostado a meiga fronte

Em meu peito que pulsa arrebatado

Pelos fogos d'amor, d'amor ardente,

E tenho tuas mãos tão delicadas

Amoroso cerradas entre as minhas;

—Quando eu, finalmente, em mago enlevo

Ancioso te aperto contra o peito

O perfume sorvendo inebriante

Que se exhala das rosas de teus labios:

—Sinto um leve tremor correr meu corpo

E um receio cruel que me apavora.

E tu me sentes tremer e tu perguntas:

«O que sentes querido? Em que tu pensas?

«Acaso não estou aqui contigo?

«Acaso pensarás que eu te não amo?»

Ah não!—te digo eu, como te enganas!...

Tu não vês como lindo meteoro

Vai o espaço cortando magestoso?

Contempla como brilha!.. como é bello!..

Mas... eis que se extinguiu quando mais vivo

Sulcava o puro azul do firmamento...

Não vês, flor de minha alma, aquelle barco

Que facero doudeja sobre as ondas?

Como quasi tocando a branca vela

Vai da undosa planura a superficie!

Oh... é encantador... mas lá que vejo?

O vento lhe espedaça o branco linho

Seu mastro estala e qu'bra... pobre lenho

Que as iras afrontou do mar que rugo!...

Não ouves um gemido?... qu' é do barco?

E tu inda perguntas porque tramo?

Porque de vez em quando alguns gemidos

Fugitivos se escapam de meu peito?

Entendes, vida minha? a luz brilhava

Com magico clarão cheia de encanto:

Veio o fero tufão e a luz finou-se...

Oh não, mais, me interrogues! que minha alma

Entrevendo o futuro desanima...

Mas... para que chorar se a vida ainda

Alegre nos sorri?... Vamos donzella...

Que co'o manto de estrellas scintillantes

Nos páramos do céu impera a noite!

Oh vamos divagar pallida virgem

Por entre os troncos do palmar em flor!

Carlos Pinho.

Canção do exilio.

(PARAPHRASE.)

So eu tenho de morrer na juventude
Senhor! agora não;
Eu quero ind'alegrar com mil prazeres
Meu triste coração!

Eu sei, ó Senhor, que a minha vida
Vai breve terminar;
Consente, ó meu Deus! faz qu'inda torne
Ao meu ditoso lar!

Eu quero ainda ouvir a mansa brisa
Nas folhas da palmeira;
Desejo regressar de novo á patria
—A' terra brasileira!

Eu quero inda sentir na face o beijo
Tão puro d'uma irmã:
Quero ainda colher a flor mimosa
Tão linda e tão louça!

Se eu tenho de morrer na juventude
Senhor! agora não;
Eu quero ind'alegrar com mil prazeres
Meu triste coração!

De novo quero ver o céu tão puro
Tão bello! cõr d'anil;
E os astros tão lindos e brilhantes
Do meu charo Brazil!

Desejo ainda ouvir por entre as ramas
Cantarem os passarinhos;
E alegres entrarem pressurosos
Nos seus queridos ninhos!

Quero ainda de tarde, pensativo
Olhando para o mar,
Ver o astro do dia no oceano
Seus raios mergulhar!

Se eu tenho de morrer na juventude
Senhor! agora não;
Eu quero ind'alegrar com mil prazeres
Meu triste coração!

Quero terminar tão breves dias
No meu charo crrão:
Expirar contemplando as maravilhas
—Do Rei da Creação!

Meu sepulchro será pobre e coberto
Por tão virente alfombra;
Cercado de mangu-eiras e cyprestes
Occulto pela sombra.

O mocho soltará tristonhos pios
Na cruz do meu jazigo;
E os échos tão sentidos e monótonos
Irão morar commigo!

Se eu tenho de morrer na juventude
Senhor! agora não;
Eu quero ind'alegrar com mil prazeres
Meu triste coração!

PAULO PEREIRA.

30-12-75.

Acrostico.

N aira, bella flôr—jasmin formoso
P çucena gentil que não desmaia,
—nda esta vez aceita o ail saudoso
— emittido pelo triste e fido amante
P ti—no anniversario venturoso—.

Maranhão, 11 de agosto de 1875.

MOTTE.

Morrer sim, deixar-te não.

GLOZA.

Terei culpa por amar-te?
Crime de morte em querer-te?
Mesmo assim quero attender-te—
Antes morrer que deixar-te!...
Castigos, penas, tormentos
Tudo soffrer quero então,
Muito embora contra mim
Se conspirem os elementos,
Nada me intimida, em'im—
Morrer sim deixar-te não!...

12 de julho de 75.

JOÃO DA MATTA RODRIGUES DO NASCIMENTO.

COLUMN TELEGRAPHICA.

S. Luiz, 20 de agosto de 1875.

Duas pennadas antes de começar.—Les bons peres de la patrie legando seu testamento á la madre del pueblo.—Um espectáculo em que alguém porce jogar a cabra cega.—O largo do Carmo metamorphosado em alguma cousa.—O que tem as tintas com um sonho de certo jovem democrata.—A mocidade chegando velha.—Receita de um charlatão.—O carolismo e a festa de Santa Filomena.—Ultima hora.—Como se cura nostalgia.—Despedida.—P. S.

Meu José.

Em resposta á tua só tenho a dizer-te que és um rapaz as direitas, um amigo *comme il faut*, e te peço que vás desculpando as frases estrangeiras que encontrares n'esta, com as quaes, sei, dás grosso cavaco.

Mas, tem paciencia, eu custei aprendel-as e espoco se as não soltar.

Isto porem não durará muito: é só em quanto la bottega non si sbaglia.

Dadas estas duas pennadas—vou dar corda ao fio electrico.

Não posso chorar; mas fica-me cá um nó na garganta sempre que me lembro *des bons peres de la patrie*, que um pouco á Tejedor despediram-se do *parlamento provincial*, ficando apenas uma meia

duzia delles para entoar o «de profundis», o que fizeram em um bello domingo, depois da leitura do magno testamento, onde se lega a *la mater del pueblo* muito... discurso.

Como infallivel *habitué* fui no diz 7 a um espectáculo que os estudantes das Mercezes deram na vespera dos annos do seu lente o Sr. T. Aranha, a quem tambem offereceram uma penna d'ouro, homenagem muitissimo merecida, e que os rapazes caprichão todos os annos em apresentar melhor. Chegou tarde, mas cheguei: o melhor já tinha se passado.

Tomei um lugar e o panno subio.
O theatrinho já não é o mesmo *au temps jadis*?
A principio julguei que me achava diante de alguma charutaria com sua coberta encarnada á porta, mas eis que entra alguém com ares de quem joga a bra-cega....

—Silencio!
E em poucos minutos sem titubear fez o papel do inglez maquinista, tão ao vivo que desbancou o pobre do Penante.

Very well!—Espirito-Santo com batata, brasileira, que tu fique um inglez muto paixola, yes!
O largo do Carmo offerece assumpto para centenas de commentarios: de João Felpudo, todo desmazelado, que era tornou-se... o que?

Si fosse do sexo feminino eu diria logo (com licença de um Sr. deputado)—uma moça garrida; mas como não é, tornou-se... um bigorriilha caricato, está dito.

As tintas com que o lambusaram deram lugar ao seguinte sonho de um jovem democrata *escravo das idéas livres*.

—*Risum teneatis, amici*; e admira o genio do rapaz.

—A cor branca no tronco das arvores, diz elle, representa a velhice, monarchista por via de regra, o verde do tronco para cima—está figurado na mocidade, cheia de esperanças e democrata por indole, e o encarnado (emblemata de guerra)—quer dizer reacção das idéas novas contra o carrancismo mofento e cheio de rugas, palavrões d'elle.

E não foi só isto. Discorreu por ahí áfora, concluindo por estigmatizar os velhos com este pedaço de um tal Bellime.

«O que se tornou a experiencia dos velhos, desde que cada um sabe ler e escrever?—Nestor viveu a idade de um carvalho; Ulysses viu os costumes e cidades de muitas nações. Resuscitai-os: um menino de hoje será mais sabio do que elles em historia e geographia. Outr'ora a instrucção jerebida junto aos velhos, hoje sobre os livros. A escripta acabou com o prestigio dos cabellos brancos.»

E esta!—Não lhe acho geito na *paridade*: o argumento é sophistico e systematico.

—Se compara-se o velho de hoje com o menino de hoje, *vade*; mas ir buscar um velho *da velha antiguidade* e apresental-o diante da mocidade actual, *vade retro*.

Por cada palavra que elle se fosse, conço do eu, era uma vaia e caxuleta, pelo a sua. Mas que furia?!

Deixal-os fallar, meu José; o certo é que os velhos não são tão invallidos como te pensa: servem ainda para nos dar conselhos.

E' sua especialidade!
Um pouco á proposito, pois já me ia esquecendo A Mocidade chegou-me velha.

Quero dizer aos amigos da empreza que deitem cebo nas canellas do distribuidor.

E' receita d'um charlatão e pela qual não me responsabilizo.

Antes de fallar te da festa de Santa Filomena, vou dizer alguma cousa a respeito do carolismo.

Este novo genero de especulação vai tomando proporções assustadoras: seus sectarios servem-se de qualquer nome para inventarem festas.

Se vamos alli—festeja-se S. Antonio do Buraco mas alli—S. Antonio das Crianças; acola—S. Manoel da Paciencia, mas acola—N. S. dos Remedinhos; aqui... já não me lembro do nome, mas seja lá que santo for... ora por nobis.

O que elles querem é pretexto e sobem logo os foguetes para atrainirem o povo a festa do Santo Pedacinho de madeira *qui vocatur*—Antonio do

Buraco, Mancel da Paciencia e *tutti quanti* ha por ahí.

Não fallemos agora em S. Antonio de Lisboa, o guapo mancebo, ai Jesus dos nossos irmãos de alem-mar, o thaumaturgo popular: não fallemos dos outros e das outras que já tem influencia formada, mas fallemos um pouco de S. Filomena, cuja festa este anno correu *com toda a pompa e esplendor dos de mais*, como se diz nos jornaes.

Alem das muzicas, infalliveis foguetes e tudo o mais que sempre ha em todas as festas houve sempre—*theatrinhos de variedades*; com as mesmas vistas para variar.

Mas faltarão os fogos! Muita gente, de alto cothurno mesmo, ouvi eu suspirar a falta de fogo. E' pena!

Risum teneatis, amici.

O letreiro—S. Filomena, com as iniciaes V. M. por baixo do emblema de martyrio da virgem, foi traduzido assim por um menino de latim primario:

—S. Filomena do velho Macedo.

—E realmente, o bemaventurado velho já çaduca com a Santa.

Deus lhe dê o reino da gloria.

O largo não foi lá muito concorrido: houve noutes de tal concurrencia que se podia dizer: *rari nantes ingurgite vasto*.

Na igreja entrei algumas vezes e estava sempre cheia. Gostei de ver o santo fervor e dou parabens aos carólas.

O que não me agradou muito foi ver os soldados que lá estavam de guarda: impliquei com elles que nem o A. Azevedo com a senhora Ismenia.

Voltemos ao largo.

Alli, nas noites de maior concurrencia, era um *fervet-opus* continuo.

Os rapazes de dois a dois e penteando-se mutuamente formigavão por detraz das ordens de cadeiras e, não raras vezes, dan to *tête a tête* com um lindo par d'anginhos terrestres...

En avant! E viva a tijolada!

Ultima hora.—Partio para o Piahy á tomar ares o nosso intelligente collega Clodoaldo Freitas, que estava aqui soffrendo de nostalgia.

Diz elle que espera restabelecer-se logo que beber agua do Parnahyb.

Aprende, José, a receita do collega, que me encarregou de dar-te um abraço.

Acceita-o, e toma lá este outro do teu *ex toto corde*.

Airreper.

P. S. Diz ao S. que a continuacão da *perfectibilidade humana* deixa de sahir por falta de espaço.

Erratas do numero antecedente.

Na 2.^a pagina, columna 2.^a, linha 50, em lugar de *Asia* lê-se *Africa*.

Na poesia *Casemiro de Abreu*, estrophe 2.^a, pagina 3.^a, columna 3.^a, lê-se do 4.^o verso em diante:

«Nem Castro Alves, — o genio portentoso
Nem outros mais engenhos tão preclaros
Que a ti renome dão.»

e não como por engano sahio, faltando o 5.^o verso

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Quarta-feira 1 de Setembro de 1875.

NUMERO 4

A MOCIDADE

MARANHÃO 1.º DE SETEMBRO DE 1875.

A perfectibilidade humana.

(Continuação dos ns. 1 e 2.)

Assim como Constantino, arvorando o seu lábaro, desbaratára os inimigos nas planicies de Turim e dentro dos muros de Roma; assim o progresso, hasteando o seu estandarte de luz, fazia desaparecer fugitivas as trevas da ignorancia, exterminando o erro.

Então o estado de cousas toma differente aspecto e o quadro a contemplar-se é muito diverso do de outr'ora:

Manifesta-se de novo um decidido amor pelo estudo. Pelo zelo e pela dedicação são arrancados d'entre os montões de ruínas os livros, sagrados fragmentos da sciencia e da litteratura. Os propugnadores da verdade, os obreiros do progresso, fitando os olhos no porvir, proseguem heroicamente em seu intento. Felizes resultados coroam seus esforços e assim esperançosos trabalham cada vez mais dedica-

damente. As descobertas avultam admiravelmente, e todos os dias mais se dilata o horisonte dos conhecimentos humanos, reconhecendo-se claramente que a Providencia abençôa os sacrificios dos lidadores.

E era inutil querer tolher-lhe o passo. Avido de conhecimentos, buscando anhelante a luz que lhe fôra roubada, o espirito marcha sempre triumphalmente sentindo de dia para dia ampliar-se a esphera de seus conhecimentos.

A alternativa, porém, continua; a verdade não pôde existir sem o erro, a virtude sem o vicio, a luz sem as trevas. Como principios differentes e oppostos, sua existencia é necessaria, para que seja possivel precisar-se as raias dentro das quaes cada um deve girar, e ao mesmo tempo para que esses principios não se deixem cabir em completa inacção. A lucta é necessaria, e depois d'ella mais gratos sam os dulçores da gloria.

Assim, quando cada vez mais procura libertar-se o espirito, começa a sentir-se coacto! Era o dominio da *Scholastica* que começava. Com Alcuino apparece ella no

seculo IX e estende-se até o XVI, sendo que nos dois ultimos já mal se podia elle sustentar.

Durante esse longo periodo de sete seculos pouco mais ou menos, appareceram homens de um talento prodigioso e de uma erudição vastissima, é verdade, o que ainda mais admiravel torna a sujeição inteiramente passiva a que se submettiam, imposta pela ortodoxia catholica.

Traçado um estreito circulo de ferro pela theologia, era vedado, era um crime de lesa-religião, de lesa-ciencia, pretender ultrapassar os limites prescriptos.

Coagido assim o espirito, não lhe era dado erguer o vôo, e a sciencia d'envolto com a liberdade sentio-se como que manietada. A sublime philosophia era a triste *ancilla theologia*.

Não era possivel, porém, continuar em semelhante estado de aviltamento. A liberdade do espirito não pôde ser usurpada, porque lá não chegam os botes da impostura, nem as miserias do egoismo, nem as furias da tyrannia

Com a queda da forma politica de então e com o auxilio de varias descober-

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 3.)

Quantas vezes na sua infancia havia folgado Hassan nas margens da fonte! Quantas vezes o garrular harmonioso da cascata o havia adormecido no seio de sua mãe! Era tambem perto deste lugar que os cantos da belleza tinham escantado a mocidade d'Hassan; sua voz parecia mais meiga misturada com o ruido da lympha.

Mas não se verá Hassan na sua velhice lá gozar o somno á volta do crepusculo; o manancial dos tanques seccou-se, e seu sangue já não corre em suas veias; nenhuma voz fará desde então ouvir em seus jardins a expressão da colera, da saudade, ou do prazer.

Os ultimos sons que repetio o echo foram os accantos queixosos de uma mulher. Desde então nada perturba o placido silencio d'aquella morada solitaria, a não ser, algumas vezes o ruido de uma

janella agitada pelo vento. Sibile a temp-stade, cara a chuva em torrentes, não virá mão alguma fechar este castello. O viajor errante no deserto descobrija com alegria os mais grosseiros vestigios do homem. Se algum entrasse no palacio de Hassan a propria luz de graça despertaria um cheiro de consolo; elle diria ao menos «Tu não estás só aqui, um outro goza como tu da vida». Mais de uma sala dourada lá attesta ainda um antigo esplendor; a destruição não mina senão lentamente estas abobadas de marmore; mas parece adido o terror ao liminar da porta; mesmo o fakir não ouzaria ali procurar um abrigo; o derviche errante não pararia lá; elle já não acharia hospitalidade; nenhuma amiga não ali offerceria ao estrangeiro o dom sagrado do pão e do sal. O rico e o pobre evitam igualmente esta morada. A benevolencia e a piedade d'ella desapareceram desde que Hassan pereceu nas montanhas; seu lecto, asylo do homem outr'ora, tornou-se o antro ameaçador do desespero.

Os habitantes do palacio fugiram, e os vassallos, dos seus incultos regos, desde que a cimitarra do infel despedaçou o turbante na cabeça de Hassan.

Um grupo de musulmanos adianta-se; eu ouço o ruido do seu caminhar; mas som algum de voz humana meus ouvidos fere; posso distinguir seus

turbantes e as argenteas bainhas de seus ataghans. O vestido verde do chefe do grupo annuncia um emir.

—Quem es tú? — Este salem respeitoso, respondi eu, vos diz que sou um dos filhos do propheta. O fardo que trazeis com tanto cuidado é sem duvida um objecto precioso; offerece-vos de boa vontade a minha barca para atravessar o g'lyph.

—Sim, fallaste bem; desamarra teu baixel, e conduz-nos para longe da praia silenciosa; deixa tua vela desdobrada e trabalha com os remos; tu pararás ao meio d'aquelles rochedos que formam uma bacia aonde dormem as ondas....

.....
E' bastante, podes descansar teus braços; chegamos. E' no entretanto a mais longa viagem que um dos.....

O fardo precipitado no abysmo desapareceu pouco a pouco; a vaga recuou brandamente até á praia; minha vista attenta julgou ver alguma cousa movêr-se planicie azulada... Não era senão um raio de luz que havia brilhado sobre as ondas; não cessei de olhar senão quando o objecto lançado no mar desapareceu inteiramente como uma pedra que gira e desaparece, deixando apoz ella um circulo ligeiro que pouco a pouco se aperta, e bem depressa não offerece senão uma mancha esbranquiçada, escapando á vista. O segredo está sepultado no Oceano; não é conhecido senão

tas, que de dia para dia vinham attestar a vastidão do campo dos conhecimentos humanos, impugnando assim aquellas doutrinas que circumscreviam-lhes tão acanhados limites: a Scholastica sentio-se enfrangecida, decabindo por fim.

Fulgurante, radioso, esplendido, raia no horizonte o XV seculo e com elle uma famosa, immensa, inaudita revolução. Essa aurora de felicidade, entre os sorrisos do porvir, proclamava o imperio do espirito, o predomínio da razão.

O astro que occasionára essa revolução, desponta magestoso e cheio de luz, cabendo á Mayença a gloria de vel-o e possuil-o primeiro que o resto do mundo, e a Strasburgo de gozar dos seus primeiros beneficios. Queremos fallar de Guttemberg, o descobridor da imprensa, um dos apóstolos da liberdade.

Ninguem pode ignorar, pois é de primeira intuição e de incontestavel evidencia, que um dos mais importantes dons que a providencia concede ao homem foi a palavra. É tambem intuitiva e muito obvia a alta importancia do pensamento, —essa faculdade unica que affirma conscienciosamente ao homem a sua existencia.

As relações entre a palavra e o pensamento sam tão estreitas, tão intimas, e tanto se identificam que um seria inutil sem o outro. Assim como a palavra seria improficua sem o pensamento, vasia de sentido, pobre de significação, inutil em fim; assim tambem o pensamento pouca importancia teria, se não existisse a palavra, meio facil para a sua prompta communicação, claro reflexo do mesmo pensamento, o qual para a palavra é a luz.

Ouçamos agora uma das glorias deste seculo, brilhante perola da aureola da França; queremos dizer: —deixemos fallar a sabedoria e a inspiração de Mr. Lamar-tine:

dos genios do lugar; mas tremulos em suas grutas de coral, elles nada ousaram confiar ás vagas. . . .

Da mesma forma nas vastas campinas de Cachemira se vê a rainha das borboletas do Oriente, que um infante persegue sem poder apanhar, cada vez que ella pousa n'uma flor, elle julga em fim agarrá-la, seu coração palpita, aproxima uma tremula mão; o insecto de azuladas azas escapa ainda, e deixa o joven caçador ollegante e com os olhos humidos de lagrimas. Assim brilhante e volúvel como a borboleta a belleza brinca com os desejos da creança tornada homem. Perseguição cheia de vans esperanças e de temores, começada pela loucura e terminada pelas lagrimas! Mas, se elles se deixam apanhar, as mesmas desgraças são a partilha do insecto e da joven; uma vida de dor os espera; desapareceram a paz e a felicidade; um é o brinco da creança, a outra geme dos caprichos do homem. Esse objecto encantador, procurado com tanto ardor, perde todo o seu valor logo que é obtido; cada vez que uma mão o acaricia ella mancha suas mais bellas cores; todo o seu brilho desapareceu; deixa-se fugir ou cahir sem socorro. Em que lugar irão achar um asylo estas duas victimas, uma, ás suas azas despedaçadas; o coração da outra ainda sangra. Poderá acaso a borboleta voltar ainda como antes, da tulipa á rosa? Quem pode resti-

«O que constitue o homem não sam somente os sentidos, porque os brutos tambem os têm como nós, e até alguns tem-nos muito mais delicados, mais fortes, mais infalliveis que os nossos. O que especialmente constitue o homem é o pensamento. Mas, emquanto este pensamento não se revela a si mesmo e aos outros pela palavra, existe em nós como si não existisse. Si a palavra não é o pensamento, é a sua manifestação necessaria e simultanea. Emquanto o homem não pôde dizer: —«Eupenso!» elle não pensou; sonhou, teve instinctos, mas não idéas; foi intelligencia sem duvida, mas intelligencia captiva e adormecida na surdez e na noute dos sentidos, semelhante ao fogo, que dorme no pó, mas que d'ahi não sahe, antes que a faixa se approximando dê-lhe a chamma, a luz e a liberdade. A faísca que dá ao pensamento a sua chamma, luz e liberdade, a sua actividade ao homem, é a palavra, é o verbo, como chamavam-n'a os antigos, que debaixo d'este nome, faziam de uma faculdade verdadeiramente divina alguma cousa de intermediario entre o homem e Deus. Elles tinham razão: a palavra é a revelação da alma á alma. Ora, quem senão Deus, pôde fazer á alma sua obra e seu mysterio, esta revelação de si mesma?»

(Continua.)

Ainda o Brazil e o futuro. (1)

Sr. redactor. —Gostei muito de ver como neste pequeno periodico se prediz o futuro, o que me fez lembrar d'aquelles collegas,

(1) Como não podemos tolher a ninguém o direito de toda e qualquer critica uma vez de accordo com o nosso programma, não nos furtámos a publicação do artigo acima, que até a não tem de inconveniente.

Convem, porem, declarar que na nossa opinião o artigo do Sr. Guioldo está bem escrito, nenhuma idéa tem extravagante, e é daquelles que honram

tuir á joven os meigos prazeres da innocencia? Ah! nunca um insecto compadecido vem proteger com sua aza aquelle que vai perder a vida; a belleza tem indulgencia para todos os erros; excepto para aquelles que são tambem os seus, todas as desgraças podem esperar que a belleza illudida. . . .

O coração, do crime consumido p-los remorsos, parece-se com o escorpião que o fogo aperta de todas as partes; o circulo deminua á medida que a chamma progride. O prisioneiro já sente as feridas cruéis, e sua dor converte-se em raiva; já não tem senão um ultimo recurso: o dardo destinado a ferir seus inimigos nunca ferio em vão. Elle o volta contra si mesmo, e acaba todos os seus males n'um momento; é assim que o homem culpado termina seus dias, se não quer viver como o odioso insecto assaltado pelas chammas; é assim que se consome o homem que o remorso persegue; a escuridão reina sobre sua cabeça; elle não avista debaixo de seus passos senão o desespero; as chammas o rodeiam, e a morte está em seu coração. . . .

O sombrio Hassan foge do seu harem; os encantos da belleza já não captivam seus olhares; a caça o conduz todos os dias nos bosques, mas elle não partilha os prazeres dos caçadores. Hassan não

que morrerão na idade antiga, aquem o povo tinha a forte mania de chamar prophetas. N'aquelle tempo estes homens (que veem no futuro) erão considerados como prodigios, mas bem analysados nada valião, porque nós presentemente temos muitas provas destes melros. Ora, lendo nas columnas deste jornalinho o —Brazil e o futuro—, encontrei predições de todo calibre. Primeiramente o Sr. Guioldo (não tenho a honra de conhecer esta bisca) nos falla do passado mencionando aquelles collossos de revoluções de 1817 e de 1786 (a chronologia é do author) de cujos effeitos, a não ser a matança dos insurgentes, ainda não tive noticia. Em seguida dá elle um salto de pulga e agarra-se nas abas da casaca do presente, então pinta elle o Brazil escutando vozes que atravessão o oceano tão rapidas como raios. . . Ah! Ah! Ah!

Escuta para ver se nelle fallão talvez.

Agora com passos de gigante elle vai dizer—*things invisible to mortal sight.*—

Diz elle que o Brazil não será dos ultimos (nem dos primeiros) que hão de entrar na luta pela emancipação completa do pensamento e regeneração dos costumes. Pobres dos brasileiros! até o Sr. Guioldo veiu agora confirmar o seu apelido, visto como diz que é preciso que uma nação faça primeiramente a guerra para o Brazil imitar!!! Ora, não me parece que S. S. seja brasileiro! Isto quanto a mim não vale nada, e por isso vamos para diante.

Não ficou só ahí a predicção: o melhor eis aqui:

Um outro que não o Sr. Guioldo, seguudo nos refere elle, disse que á America está destinado um grande papel no mundo. Talvez seja n'algum theatrinho em Philadelphia, não é assim? Creio que no

as columnas do nosso jornal as quaes continuam a sua disposição, pois somos os primeiros a reconhecer e admirar o seu talento.

(Da redacção.)

fugia assim quando Leila habitava no seu serralho. . . . Acaso Leila já lá não está? Só Hassan o poderia dizer. Boatos estranhos correram na cidade: pretend-se que Leila fugio na tarde em que o derradeiro dia do ramazan acabava, em quanto a claridade de mil alampadas collocadas nos zimbórios das mesquitas annunciavam a festa do beiran a todo o Oriente. Leila fingio ir ao banho; mas Hassan foi em vão procurá-la; vestida de pagem georgiano ella tinha enganado todos os guardas, e desafiava o furor de seu senhor nos braços do perfido Giaour.

Hassan havia tido algumas suspeitas; mas Leila parecia tão terna; ella era de tal modo amada, que, fiando-se demasiada n'esta bella escrava, cuja traição bem merecia a morte, elle foi, mesmo na tarde da sua fuga, assistir as orações da mesquita, e visitar o seu kiosque.

Tal é a narração de seus ennuchos, cuja vigilancia devia ter sido mais activa; outros asseguram que, n'esta mesma noute havia-se avistado o Giaour á pallida claridade de Phingari correndo á toda brida no seu negro corsel, mas elle não tinha comigo nem pagem, nem joven. . . .

(continua.)

mundo da Philadelphia (exposição) o Brazil não brilhará muito como S. S. espera (isto não é prophécia).

O Brazil, diz o tal Guioldo, *ha de vir um dia a collocar-se ao lado dos Estados-Unidos.*

Ao lado já está, nobre escriptor; só falta estar unido um ao outro; e para isto era preciso que o Colima, Popocatepell, Jorullo, etc. unindo-se provocassem tão estranho terremoto que absorvesse a Venezuela, Goyanas e Antilhas. para então o Brazil escorregando para o Norte ir collar-se a União! Já vê, Sr. Guioldo, que esta bicha não pega.

Passa S. S. a dizer que *isto não é sonho*, pelo que não meto minha mão no brazeiro, e concluindo o seu bello artigo, o Sr. Guioldo explica o seu titulo da seguinte maneira.

«O Brazil e o futuro quer dizer: o Brazil e a revolução, o Brazil e o progresso.»

Me parece que o Sr. Guioldo não consultou o seu dictionario quando deu esta explicação, porque eu acho (tome esta licença que não é cousa do futuro) que progresso não é revolução e nem revolução é progresso, como S. S. diz. E para que o Sr. Guioldo não me venha affiançar que tal não disse, eu mathematicamente vou proval-o.

O Sr. Guioldo provavelmente já estudou arithmetica e por isso não deve ignorar que da sua definição se conclue:

Brazil : Futuro :: Brazil : Revolução.

Brazil : Futuro :: Brazil : Progresso.

Como duas cousas iguaes a uma terceira são entre si iguaes, temos:

Braz. : Prog. :: Braz. : Rev.

Ora, o producto dos extremos vem a ser igual ao producto dos meios, logo:

Braz. \times Rev. = Braz. \times Prog.

Dividindo ambos os termos da igualdade pelo Brazil:

Braz. \times Rev. = Braz. \times Prog.

Braz. = Braz.

o que dá effectuando a operação:

Revolução = Progresso.

Então, Sr. Guioldo, isto não é um absurdo?

Sr. redactor, eu como não quero que o Sr. tome isto por debique retiro-me para casa desejando-lhe boa saúde.

Cap.

Desalento.

Miserrimo correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande o forastiro
Não teve onde posar
C. Alves.

Sempre entre os braços da cruel desgraça,
Bebendo a sorvos pela horrenda taça
Do cruel amargor,
Eu vivo neste mundo sem conforto,
Como nas aguas boia o corpo morto
Coberto da pallor.

Que me importa o viver? se amarga vida,
E vagar pelo mundo sem guarida
Foi o destino meu;
Para que o viver? se o soffrimento
Faz espirar o derradeiro alento
Que o creador me deo.

Busquei; em vão busquei, um peito virgem,
Onde fosse apagar a eterna origem
De um constante soffrer;
Errei! errei em busca de bonança,
Té que no peito derradeira esperança,
Senti s'esvaeer.

Eu vi faces tão lindas como as flores
Que co'a brisa celebram seus amôres
Pelas manhãs d'abril;
Tão bellas como o sol que d'entre as vagas,
Que espumosas marmuram lá nas plagas,
Desponta em céu d'anil.

Mas corações, meus Deus, nem um somente
Que fosse ternu, affavel ou clemente,
Nem um só coração!
Nem olhos fulgurantes de ternura
Que lançassem em minha alma tão escura
Um pallido clarão...

Epistolas a Porporato.

1.

Carissimo ed amatissimo amico.

Da Calabria e de ti me desp' dindo
De Colombo p'ra terra m'embarquei,
E aos governos d'Italia vim fugindo
Dos rigores zombando da sua lei;
Entre gente remota m'encobrinde
Doce agencia de vida procurei,
Mas, oh! sorte maldita do diabo!
Nem d'um peixe colhi sequer o rabo!

A' provincia de nome Maranhão
D'este imperio mui vasto do Cruzeiro
Foi que o fado cruel, sem compaixão,
Arrojou meu viver aventureiro;
Desta terra lançado n'ampidão,
Fui sem mais con'orrente ou companheiro,
E só solo tranquillo divagando
Vão aos maranhenses assaltando.

De São Thiago, enfim, lá no hospicio
E' que abrigo encontrei d'um barbadinho,
Jejuns não supportando, nem cilicio,
Mas bons copos bebendo de bom vinho,
Que de roubo não tem s'quer indicio,
Mas devidos do frade ao bom carinho,
Pois concede fervente doce esmola,
Ao bandido, este filho de Loyola.

Engrolando doutrinas e sermões
O bom frade com zelo me engasopa,
Cunfundindo perversas religiões,
Dos maçons combatendo a forte tropa;
Um sectario me faz d'excommunhões,
Quando á mesa devoro branda sopa,
E, sem nada saber do qu'isto seja,
Fra-Diavolo trabalho em pró da Igreja.

Mas a sorte tão boa e tão amavel,
Que refugio concede hospitaleiro,

Recusa assim, maldita inexhoravel,
De roubo occasião ao bandoleiro;
Tirando-me do furto o agradável,
A filancia me deixa no tinteiro,
E, sem que ás bolsas guerra vá fazendo,
A' bolsa me prendeu do reverendo.

Mas comtudo não cuidês caro amigo,
Que do roubo esquecesse as trações,
Nem tão pouco escarneas lá comtigo
De me ver nesta terra aos trambulhões,
Pois que sempre arrostando o fado imigo,
Pondo os meios em pratica dos ladrões,
Da fortuna m'aprompto p'ra conquista
Embuçado na capa de um sacrista.

Na festa de uma virgem sacrosanta.
Que de martyr a palma conseguiu,
Celebrada com pompa e furia tanta
Que na terra jámais igual se vio,
E' qu'este bom ladrão que o mundo espanf
Pio povo a roubar se decidiu;
Mas, oh! que roubos!! oh! minha palavra
Não dignos d'um heróe da minha lavra!

Porem antes das traças descantar,
Que o talento meu me suscitou,
P'ra do proximo as bolsas revistar,
Do proximo que a festa s'entregou,
O recinto pretendo aqui pintar
Desse largo em que tanto passeiou
O bandido de Italia foragido
P'los furores do fado perseguido

N'um hexág'no de forma caricata
Onde inda um pelourinho s'levantava
Qual padrão que do tempo nos retrata,
—Do passado oppressor — a gloria santa,
Se desdobra d'estacae branca matta
Coroadas de ramagem que m'espanta,
Pois arvores parecem simular
P'las copas que lhes foram lá pregar.

N'um dos lados do largo que descrevo,
O convento do Carmo edificaram
Nas já passadas eras com enlevo,
Mil devotos que aqui se sublimaram;
Celebral-os não posso quanto devo
P'lo dinheiro no templo que gastaram,
E, deixando de tratar desta obra rica,
A fallar passarei sobre a botica.

Não distante d'aquí stá situada
Uma pharmacia ás vezes concurrida
Por aquelles cuja lingua denodada
De censuras está sempre munida
Qual thesoura cortando refitada,
Sem nunca s'embotar na forte lida,
Taes linguas vão assim de quando em quando
Na casaca dos pobres... recortando.

D'este lado tambem um cab'elreiro
De Paris nas escolas ensinado,
Das mais casquilhas moças o luzeiro,
Na vidraça nos mostra um penteado,
Qu'o talento prodeiz do estrangeiro
Nos cabellos artista consumado,
E p'ra mais não dizer eu cesso aqui
De mais leuvores tecer ao moço Ory,

N'este largo tambem existe ainda
Muita cousa afamada, muita bella,
Entre ellas sobresahe com gloria infanda
A pujante quitanda do Viella,
Qu'os freguezes attrae; qual moça linda
M' l mancebos chamand' p'rao pé della,
Assim esta quitanda prosperando
P'ra seu gremio os freguezes vai chamando.

Não m'esqueça, porem, fallar d'um rico,
D'um potente allemão famigerado
Bem defronte da loja do qual fico
Vezes muito de p'mo embasacado,
Pois, suas joias contemplando qual um nico
Das bananas o c'cho cubicado,
Em desejo m'infl'mmo de apanhar
As consinhas que vejo lá brilhar.

Mas temendo que longa descripção
Minha carta comprida vá tornar,
O pincel me recommenda descripção,
De pintar cessando... ou de massar;
Vou portanto voltar a narração
Das tramoias que tenho de contar,
Te pedindo desculpa previamente
Da massada que te dou impertinente.

(Continúa).

Saudades

(NO MAR.)

O. D e C.

Ilm. Snr. Copitão Alexandre José de Almeida.

Um dia que morna calma
Nas vellas s' espriguçava,
E da lua ao clarão triste
Triste lenho fluctuava,

Minh' alma do negro abysmo
Invejou o quêdo horror,
E provou no desalento
O vago encanto da dor.

Eu cantei, mas o canto
Abafado da tristeza,
Não quebrou o somno augusto
Que dormia a natureza

E eu cantei, mas sobre as vagas
Esvaeceu-se a canção,
Nenhum echo repetio-a,
Só guardou-a o coração.

«Infeliz! g meu minha harpa,
E meus olhos lacrimosos
Embeberam-se nos longes
Dos horizontes saudosos.

«Infeliz! a immensidade
«Já da patria te separa,
«Do triste exilio começa
«A' beber na taça amara.»

«Ah! que farás, peregrino,
«Sob o tecto do estrangeiro?
«Porque dix'ste, ave errante,
«Teu bello céu brasileiro?»

«Acharás alem dos mares
«Um pae coberto de cans,
«Terna mãe que com sorrisos
«Te desperte nas manhãs?»

«Terás irmãs que t'ameiguem
«Quando fores descontente,
«Que no excesso do trabalho
«Te beijem a fronte ardente?»

«Irmãos terás com quem felgues
«A' borda de mansos lagos?
«Terás bosques de palmeiras
«Que te sussurrem affagos?»

«Ouvirás do teu ribeiro
«A corrente trepidar?
«E do terno sabiá
«No bosque a frauta soar?»

«Terás um echo no monte
«E uma voz na soidão,
«E na floresta um mysterio
«E na lira uma canção?»

«Ah! que farás peregrino,
«Sob o tecto do estrangeiro?
«Porque deix'ste, ave errante,
«Teu bello céu brasileiro?»

Oh! minha patria saudosa!
Ninho meu, terra querida,
Como a sombra de teus bosques
Suave eu passára a vida!

Ah! se um dia a Providencia
A' teu seio me volver,
Como agora tens meus prantos
Meus sorrisos has de ter.

Assim cantei, mas nas vagas
Esvaeceu-se a canção,
Nenhum echo repetio-a
Só guardou a o coração.

Fortaleza: Maio de 1875.

Alfredo E. P. d'Almeida.

Motte.

MORRER SIM, DEIXAR-TE NÃO

Gloza
(PARODIA.)

Asneira, diz-me uma cousa:
Terei culpa por amar-te?
Pois um tolo pode ter
Crime de morte em querer-te?
Mas seja embora isto certo
Mesmo assim quero attender-te—
Nasci no mundo p'ra tolo,
Antes morrei que deixar-te!
Por teu respeito não temo
Castigos, penas, tormentos,
Nem mil outras consequências.
Tudo soffrer quero então;
E digam lá o que quizerem
Muito embora contra mim,
Caíam os céos sobre a terra,
Se conspirem os elementos,
Lance lavas o vulcão,
Nada me intimida, enfim
A ti direi sempre alegre:
Morrer sim deixar-te não.

Tury-Assú.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

O chronista em apuros—Juizes implacaveis—Alguna cousa afinal—Jury—Necessidade de um parenthesis—Decisões justas—Mais uma appellação—Lapsus lingue — Lapsus jumentorum—Horas de Humor—Fallecimentos — Pezames—Recrutamento—Em que se prova que os livreiros não estão em crise—Um mal que veio para bem—Um bom conselho—Em que se protesta contra a supposta identidade entre prelo e Krup—Recado a Chico.

Caro Aireper.

Não sei como pagar-te as phrases amabilissimas que me dispensaste na tua ultima; nem mesmo noticias posso dar-te que interessam: acasaram-se as festas, foram-se os bailes, as portas que teatro ha muito que se não abrem, e eis-me aqui quasi sem assumpto! E' pena! E assim mesmo, pobre do chronista! Quanta gente ha por ahí que nada lhe perdôa! Quantos juizes lhe não lavram mil sentenças todas as vezes que não encontram n'uma columna telegraphica graças que lhes façam rir a cahir o queixo!

Já deves estar a par das decisões ultimamente dadas pelo jury desta cidade, portanto não mais tocarias nellas, se não fosse querer por este meio congratular-me com os Exms. Srs. jurados (a excellencia está em moda, e por isso a modestia dos respeitabilissimos não se offenderá com este tratamento, a que muitos chamam agrado ou fino trato, mas a que eu chamo folle de nova especie) pelos actos de justiça que, como sempre, praticaram.

Foram submettidos a julgamento os accusados Amancio da Paixão Cearense e Guilhermino de Souza Borges, indigitados como complices do falecido Desembargador Visgueiro, e Benedicto Ildfonso dos Santos, tambem indigitado como autor do furto praticado no armazem dos negociantes Maías desta praça. O ultimo foi condemnado

a 2 annos e 5 mezas de prisão, e os primeiros foram absolvidos, havendo da parte do meritissimo juiz presidente do tribunal, appellação da decisão do jury quanto ao accusado Gnilhaermino. Pobre diabo! Mais esta para o costado! Quem sabe se elle é tão culpado como se diz? Mas em summa, como respeito muito a consciencia de um honrado magistrado, chiton!...

A sessão em que tratou-se do julgamento dos primeiros, prolongou-se até alta noite, e por signal que o escrivão, segundo me disseram, talvez já com a vista cansada pela grande leitura que fazia com o auxilio de uma vela, leu em certo ponto abas do chapeo em vez de alças do caixão. Isto porém, é um lapsus lingue que mereçe desculpa, por que realmente ha muita cousa de commum entre estas duas expressões.

O outro (não sei se foi escrivão) tambem não leu CAFEDÓRIO em lugar de CAFÉ DO RIO? E, um pouco a proposito, não te lembras daquelle bon père de la patrie que te perguntou, depois de bem folhear o seu dicionario, a significacão da palavra OFARIA? e isto porque havia encontrado na rua Grande um letreiro que dizia O FARIA corta cabellos e barbeia!

E a graça é que te viste atrapalhado para convencel-o de que ofaria não era nome de alguma nova officina, como elle suppunha.

Quê disparate! Acredita, collega, que se esta passagem tivesse tido lugar comigo, eu exigiria que tal sabichão pagasse a minha explicação, nem que fosse com uma raspadella de queixos a sua custa na loja do barbeiro.

Agora te digo eu: se aquelles foram lapsus lingue este foi lapsus jumentorum. Realmente o bicho era quadrado.

A redacção da Mocidade foi mimoseada pelo Sr. Arthur Azevedo, com um exemplar das suas Horas de Humor. E' uma obra interessante esta, e se o joven e talentoso autor continuar a esmerar-se no estylo humoristico, em que escreve, é nossa opinão que fizeses serão os resultados a obter, e que ao al ranhão eberá o prazer de contar mais um filho distincto na republica das lettras.

Falleceu, quasi repentinamente, o official do justiça Fabio Ewerton, tão conhecido pela originalidade de seus versos, segundo disse o Paiz. A familia do finado e aos seus collegas do 1º andar damos os nossos sinceros pezames.

A cousa de que mais hoje folla a rapaziada, é a lei do recrutamento.

A livraria do Magalhães (desculpe elle a familiaridade) tem vendido 7,777 exemplares da lei, acompanhada do seu regulamento, isenções &c.

Mas vê como são as cousas: uns, ouêiam a lei porque ella os põe em apuros; outros, gostam della porque é mais um livro que se vende, e, por consequente, mais um cobre que se apura. Bem razão tinha o caboclo em aconselhar ao amo que quando rezasse o Padre Nosso não disesse livraenos, Deus, de todo o mal, porque, dizia elle, ha males que vêm p'ra bem. Este é um. E assim mesmo esses livreiros ainda se lembiam de follar em crise Quat crise, rapaz? Isto é só para inglez ver.

Em summa (voltando á vacca fria) com as isenções dos outros nada tenho, quem tiver dinheiro para comprar a sua carta de liberdade, que se forte. O que me faz cavaquear é não ter-se lembrado o excellentissimo Snr. Junqueira de encaixar na sua leiinha uma isenção para os jornalistas. Então, onde quer S. Exc. que vá redigir a minha folha? No quartel? na campanha? n'um brigue, n'uma corveta? Ora essa é boa! E o prelo? Ou suppõe S. Exc. que prelo e Krup vem a ser a mesma cousa? Leve isto para o senado, estuda a questão, discuta, e me diga se os outros seus collegas opinam por essa identidade.

São estas as cousas que achei mais convenientes para te contar. Desculpa as faltas e aperta a mão de teu amigo fidagal.

José Quebra Kilos.

P. S. Diz ao Chico que a poesia delle deixa de sahir agora, porque os redactores do jornal dizem que as suas columnas não podem servir de pão de cabeleira.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2,000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Sabbado 11 de Setembro de 1875.

NUMERO 5

A MOCIDADE

MARANHÃO 11 DE SETEMBRO DE 1875.

Dando publicidade á carta abaixo, faltariamos por certo a um dever se deixássemos de agradecer ao seu illustre autor as phrases benignas e animadoras que se dignou dispensar-nos, patenteando os bons desejos de que se acha possuido em favor da nossa empresa e exhortando-nos a empregar cada vez mais os esforços necessarios afim de que possamos ter um dia o prazer de ver realisados os ardentes desejos que nos levaram a encetar uma carreira aliás tão ardua e espinhosa.

Quem, como nós, embora não entendendo relações com o Sr. Carlos Béthencourt, fizer a justiça de acreditar na sua sinceridade, não deixará de ver nas suas palavras o reflexo das suas boas intenções, assim como não poderá deixar de reconhecer na sua pessoa um homem amante das letras e interessado pelo futuro da mocidade em geral.

Agradecemos os seus conselhos, e, pois que os reconhecemos salutares, folgamos em garantir que procuraremos obrar sempre de accordo com o que nos ensina aquelle que tão claramente se mostra interessado pelo bem da nossa causa.

Desculpe o autor a liberdade que tomamos em publicar a sua carta, certo de que assim procedemos convictos da grande utilidade que a leitura della poderá trazer.

Traduzam estas palavras a nossa sincera gratidão, e digne-se o leitor prestar a sua attenção a outras mais dignas della, além do mais, pelo grande talento e illustração de que é dotado o seu autor.

Illustrados redactores da MOCIDADE.

Se eu pudesse ter ainda illusões sobre o verdadeiro progresso intellectual e moral da humanidade, a leitura do primeiro numero da vossa primorosa *folha* produziria em mim a encantadora surpresa de uma risonha e brilhante aurora, rompendo de trevas pavorosas, como prenuncio de um dia de glorioso porvir de illustração!

Era assim que se me affiguraria nesta plaga, moralmente tão soturna quanto physicamente esplendida, a luz do vosso espirito, surgindo inesperadamente sobre o limpido horisonte, que vos traçastes. Não vos fallo com esta franqueza, senão por que sei que nessa primavera da vida, em que vos achaeis, não ha accesso possivel aos peniveis desenganos; do contrario, até sentiria remorsos, se não me abstivesse da menor palavra, que pudesse dissipar-vos o que, na vossa posição, só vos pode tornar a vida agradável; maxime desejando eu ainda achar-me illudido nas minhas convicções, por mais inabalaveis que me pareçam. Longe de pertender desanimar-vos, preferiria alimentar a vossa esperança, se uma palavra minha pudesse animar-vos na louvavel empresa, para cujo proseguimento pareceis ter os elementos indispensaveis. Já o achar n'uma corporação de jovens os talentos, que manifestaes sem vaidade nem presumpção, não é cousa muito vulgar; achar porem, tão precoces com a cultura do espirito, a modestia e a circunspeção é cousa tãorara, e de si tão sublime, que não posso resistir ao desejo de vos enviar, com as manifestações da minha admiração, os mais respeitosos cumprimentos de merecidas felicitações. Julgo dever esta prova de consideração á vossa brilhante estrea, porque, ás vezes um jornal se annuncia em um elevado ponto de dignidade moral. ¶

Proseguí pois, dignos orgãos da mocidade culta, na vossa nobre missão, funcionando exclusivamente no campo assaz espaçoso, que para vós escolhetes com um tacto e bom gosto, que fariam honra a uma idade madura. Hora vos seja pela prudencia e circunspeção, com que evitastes comprometter-vos na procellosa politica em cujos escolhos poderiam naufragar vossas fortunas. Nunca vos deveis arrepende de evitar esse rumo: a baixa politica, que só attende a interesses pessoaes, é de si mui desprezível, para que possa merecer a honra de uma penna primorosa mente aparada; a mais alta, além de perigosa, é inutil, pois que não é das formas de governo que resultam os males, que affligem as sociedades, mas sim da inca-

pacidade pessoal da maior parte dos orgãos, que representam as leis.

E' indevidamente que costuma recabir nas formas de governo o odioso dos erros só provenientes do patronato escandaloso, que em todas pode fazer substituir a lei mais justa pelo mais abominavel arbitrio, em quanto não houver illustração popular sufficiente para o impedir de atropellar as prescrições da lei, e de influir nas instituições, para as perverter pela escolha de indignos funcionarios.

Observe-se que as nações que mais prosperam, são as que tem orgãos mais dignos de representar suas leis; e tambem que os paizes, em que os povos são mais infelizes, são aquelles em que os poderes se acham tambem divididos e subdivididos, por parvos, e por velhacos,—por ignorantes, e por brutos,—por presumpçosos, e por analfabetos; e até por biltres, por bandalhos, por bebados, e por debochado, que levam tal desmoralisação á classe toda, que mesmo os dignos funcionarios, desesperando de lhe salvar o credito, nem sabem já como se hão de haver para salvar a sua dignidade pessoal. Nas mãos de funcionarios tão abominaveis as instituições, destinadas a reprimir os delictos e os crimes, tornam-se outros tantos focos de delictos e de crimes! entendem que funcionar é fazer render o emprego,—que corrigir é traficar,—que governar é sugar e roubar em nome da lei, em summa que autoridade é prepotencia, que só cumpre exercer com goito, e que, com tanto que se salvem as apparencias legais nos seus actos, podem, em virtude da propria lei, especular com as fortunas particulares, pela intriga,—com a dignidade moral pela viltza,—com os pobres, e desvalidos, pelo temor dos processos, e dispendio das demandas, e que para todos têm egualmente á sua disposição as prisões, pelos meios de que podem dispor, para lá encaminharem aquelles, que tiverem a ousadia de murmurar contra os seus actos! Parece que para taes monstros os delictos, e até os crimes, são uma necessidade social, de cujas rendas não se poderia prescindir para a sustentação do pessoal das instituições destinadas a reprimil-os!

Taes são os abominaveis filhos do patronato escandaloso, para quem a honra e a virtude, reconhecidas, são odiosas, não porque os confundam (porque elles têm a oppor-lhes a couraça da sem-vergonha e do cynismo), mas sim porque nada lhes rendem. Taes perversos, para quem os verdadeiros talentos ainda são mais odiosos, pelo receio de os desmacarar, é que é urgente remover de toda a sociedade, que tenham contaminado. Trabalhar indirectamente para fazer cessar taes desordens, que, universalizando a descrença, podem levar as sociedades á sua dissolução; discutir os artigos das instituições escolares, para que a acção governamental sobre a instrucção popular não seja de trapaceria, que tenda a difficilital-a, e a embrutecer, a pretexto de a facilitar, e esclarecer; examinar os compendios disciplinares na forma, para condemnar os de interesse exclusivo dos especuladores; pugnar por um verdadeiro derramamento de luzes, que opere uma feliz regeneração, dando a governantes e a governados iguaes conhecimentos dos seus direitos e deveres reciprocos, eis a mais nobre missão do redactor! tender ao aperfeiçoamento intellectual e moral da sociedade pelo ensino, na cultura do espirito e do coração, criticando judiciosamente os factos, que infligem, sem ataque directo ás pessoas, que só cumpre louvar, ou censurar, pelo louvor, ou censura, dos seus actos, eis a mais digna missão do jornalista! E' quanto o vosso programma premette na esphera da litteratura; e concentrados neste campo, com quanto possais ser temiveis, se dispuzerdes dos recursos convenientes, sereis sempre invenciveis, porque nenhum poder, por mais arbitrário que seja, ousará transpor os vossos lindes, para vos ir impor autoridade, que vos paralyse a acção. Os unicos ataques serios, que podereis recear, serão os da inveja, — dessa paixão abjecta, que caracteriza as raças essencialmente plebeas, que nenhuns titulos poderão moralmente ennobrecer, e que parece haver sido innoculada em certos povos, para ser a causa constante do seu atraso, e, por consequente, da sua desconsideração. Em taes povos podem apparecer muitos bipedes a galopar garbosamente no mundo da reputação scientifica, largando de vez em quando residuos de mal digerida sciencia pela estrada da litteratura; mas, uem os diplomas com que marcham ajaezados, nem a aura das camarilhas, que os incham como balões, farão nunca com que levem á exposiçãõ universal da historia producção alguma de transcendente illustração, cuja honra e gloria possam reverter sobre a patria.

E' contra taes ataques que deveis estar prevenidos, mas não deveis recear tanto os da inveja, que vos ataque de fora, como os da que poderia casualmente insinuar-se no vosso gremio. A externa não

vos atacará lá muito pelo campo da imprensa, onde sabe que pode ser facilmente rechassada: o campo a que procurará atrahir-vos, será o dos corpos de delicto, especulando com o vosso melindre e com a vossa susceptibilidade; mas desta ainda podereis bem triumphar pelo desprezo das suas armadilhas, se, consciõs da vossa dignidade, tiverdes bastante coragem para tragar os insultos dos instrumentos, de que ella se servir, com a mesma paciencia e resignação, com que se fomenta a contusão da patada recebida da besta posta fora do alcance da espõra e do chicote. A interna porem poderia fazer triumphar a outra, triumphando necessariamente de vós, se sacrificasseis a dignidade e reputação do vosso jornal a algum mal entendido amor proprio de individualidade, deixando de vos tornardes respeitaveis desde o momento, em que não deixasseis o primeiro accesso aos mais dignos.

Mas não basta que vós mesmos triumpheis, para que o vosso jornal tambem triumphes: seria impossivel que elle não succumbisse, se vos deixasseis vencer pelas suggestões da hypocrisia. Se ella se arreacar da vossa influencia, não deixará d'empregar todos os meios d'intimidações e de promessas, para vos dissuadir do proseguimento da vossa empreza. Será mesmo capaz de dizer alguma cousa na linguagem da verdade, porque nada lhe custa contemporisar com as idéas, quando só espera vencer pela força das razões das conveniencias. Será até capaz de temperar habilmente essa linguagem de ironia e de sarcasmo, na exposiçãõ da gravidade das suas razões, para melhor persuadir. Não faltará quem venha da sua parte observar-vos: *que não podeis reformar o mundo; — que não ha reformas possiveis, senão as emanadas das mais altas regiões do poder; — que o muudo é como é, e que é loucura pretender o que o mesmo Christo não poudesse conseguir; — que se deve aceitar a sociedade como ella é, e não tratar de mais nada do que procurar n'ella, pelos meios os mais effcazes, a acção mais conveniente; — que a verdade não pode deixar de ser universalmente recommendavel, porque não se pode prescindir do seu aparente caracter para o que for conveniente persuadir, mas que tomar o preceito a serio é toleima, quando não erro fatal; — que a verdade no original é muito esteril, não podendo agradar senão ao mui limitado numero dos dignos sectarios do Christo, em quanto que em retrato, torna-se immensamente productiva, multiplicando-se ao infinito, e photographando-se em termos de poder chegar e contentar a todos; — que o proprio Christo, que todo se sacrificou por ella, o mais que obteve foi a adoração no altar, mas que a sua doutrina, no mais essencial, não pode passar dos livros, em que se acha exarada; — que não ha duvida que essa doutrina, redu-*

zida á pratica, levaria a todos a saude evangelica; mas então em que se haviam de empregar, e de que se havia de sustentar, uma tão innumeravel multidão de medicos das almas? ! — que a experiencia vos hade mostrar pue todas as differentes facções, em que se acha dividido o mundo moral e politico, e que se disputam a supremacia do dominio, ou o dominio universal, não deixam nunca de se gladiarem com os botes apparentes da verdade, mas que todo aquelle, que em qualquer d'ellas se affiliar na boa fé de a seguir, em qualquer d'ellas será mal vindo, e de todas igualmente regeitado; — que é grande temeridade o manifestar-se contra os abusos nas sociedades que, fosse lá por que meios fosse, já os tem tacitamente accedido como usos; — que jovens e talentosos, como sois, tendes todo o direito a mui honrosos empregos, mas que, longe de vos indispordeis com as potestades constituídas, e com as pessoas de elevadas posições sociaes, o que deveis fazer é por captar as suas boas graças, e sympathias, a fim de, por meio das suas poderosas influencias, obterdes as mais vantajosas posições. Não presumo que vos falle a dignidade moral necessaria para resistir a taes seducções; mas tambem se vos faltar a fortaleza, para resistir a taes intimidações, não vol-o estranho; e por isso uno os meus votos aos de todos os homens de bem, para que o vosso jornal progrida desassombrado, e não seja, qual delicado arbusto destinado a produzir mimosas flores e deliciosos frutos, condemnado a perecer na espessura do mato bravo, ou a definhar, quebrantado entre o capim, nas pastagens do jornalismo.

Dignae-vos aceitar esta cordeal m nifestação do respeito e sympathia do
Appreciador da MOCIDADE

Carlos de Béthencourt.

Maranhão—São Luiz, 6 de setembro de 1875.

These dissertada no Atheneu Maranhense, pelo socio A. Arthur de S.

Rosa.

O que é amizade? Quaes são os deveres e direitos do amigo?

Manifeste declarans amicitiam ceterum esse, si vera est, si autem disert, nunquam vera fait.

SANTO AGOSTINHO.

Definir o que é amizade torna-se bastante difficil, encarando a questão em seus devidos termos, pois este sublim e sentimento, que orna o coração humano, confunde-se as mais das vezes com o amor, que é o elo que liga Deos á humanidade, e a humanidade á Deus.

A amizade, meus senhores, encarada pelo seu lado psychologico, é uma idéa innata e simples ao espirito humano, por tanto esta palavra tomada debaixo do ponto de vista que vos apresento, não pode

ser definida com todos os predicados de uma logica sã e vigorosa.

As idéas simples não se definem, ellas são o que todos sabem; além disto a amizade entra no numero das nossas paixões, e, como sabeis, a nomenclatura das paixões é infinita, e em todas ellas existe a idéa de correlação; portanto é difficil mostrar com evidencia qual o circulo á que pertencem os sentimentos que mais fallão ao coração que ao espirito.

Escreptores notaveis têm naufragado n'este immenso pèlago, portanto não é para admirar que o mais humilde de vós pereça no meio de tão temerosa procella; no entanto fazei justiça ás minhas intenções, porque ellas são puras, e se tomei tão pesada tarefa foi em cumprimento do dever.

Depois d'estas breves considerações, ouvi-me por alguns momentos: é o que vos peço, e espero ser attendido.

Não ouvireis phrases recheiadas de termos alambicados e nem tão pouco pensamentos *bombásticos*, porque o *pedantismo* já está fóra da moda, pelo menos para mim e para aquelles que têm amor á verdade. Hoje, no seculo das luzes, o espirito humano procura apreciar mais a substancia das cousas do que as formas, que as mais das vezes não têm outro merito senão o de enfastiar aos ouvintes.

Entrarei pois em questão assignalando os seus limites verdadeiros e apreciando com calma as reflexões de meus illustres collegas.

A amizade tem intima correlação com o amor, e tambem tem ligação pouco mais ou menos com as seguintes palavras: inclinações, ternura, amor, amores.

Pósto que sejam synonymos comparativos, trataremos comtudo de cada um de per si, mostrando as accepções em que são tomadas essas palavras, bem como assignalando o seu verdadeiro sentido na hermeneutica.

A amizade é o sentimento que liga entre si duas ou mais pessoas para se amarem e protegerem, ou então para melhor dizer, a amizade é o vinculo das almas virtuosas, na phrase eloquente de Pythagoras.

A amizade é um sentimento forte, e que uma vez usado em seus limites verdadeiros, torna-se eterna, ao passo que o amor quasi sempre vem de chofre, e no primeiro embate das tempestades da vida desmorona-se e apoz esse facto vem o esquecimento.

Alli muita sinceridade, união e protecção intuitiva, aqui as mais das vezes desejos e calculos grosseiros.

O amor é vivo, eleváo e até as vezes toca ao sublime, mas por elle ser tão ardente é tambem menos duravel que a amizade.

O amor é um effeito instantaneo que se produz ás vezes com um simples olhar.

«O amor nasce nos olhos, diz o padre Vieira, e quem o pintou com os olhos

«vendados devia ser cego; o amor verdadeiro sempre está com os olhos abertos.»

A amizade encontra-se no trato social ou no agrado intimo das familias, ao passo que o amor é nma illusão lisongeira de esperanças e nem sempre ha quem lhe tribute verdadeira ovações.

«A amizade é discreta e constante, diz um illustre escriptor, addita-se com a «posse do objecto amado; o amor cresce com a esperança, satisfaz-se com a novidade e diminue com a posse», porque a posse é o tumulto dos deesejos humanos, como bem disse o conselheiro Bastos: na sua obra intitulada—*Máximas e Pensamentos*.

A amizade é sosegada e reflectida; o amor, como diz o Padre Vieira, é um espirito inquieto e quem aquietta muito é signal que ama pouco.

O amor á principio é brando e até mesmo suave, porém com o tempo cada vez mais cresce a labareda, e então torna-se perigoso e até mesmo inoherente: o amante apaixonado ao extremo, não reconhece moral, não liga a menor importancia á sociedade, pratica os actos que bem entende, pois o amor traz em si o cunho do delirio, e tudo isto faz com um unico fim—o de possuir o objecto amado.

O amor profano, quando chega a tocar ao extremo, degenera em loucura, assim como o amor religioso torna-se em extasis, que é um estado contra a natureza e que leva infallivelmente para o tumulto aquelles que se deixão arrostar por principios tão oppostos á moral e á conservação pessoal.

Portanto concluo das minhas proposições acima emittidas, que nem o amor profano e nem o amor sagrado são admittidos pela sã moral, quando trarem em si o cunho da exaggeração; tudo tem um meio termo, e essa balisa não devemos ultrapassar, sob pena de infringirmos a lei moral; emfim devemos ter em mente aquella eloquente phrase de Thales de Mileto: *Ne quid nimes*.

(Continua.)

Amor e caridade.

A MEU AMIGO E COLLEGA CARLOS PINHO.

Amor é sentimento que não morre,
Campanheiro que vive além da vida;
E' luz que rutila e não se apaga,
E' escada da terra aos céos erguida.

Amor é as azas que nos levão
Do Deos eternal á dextra palma;
E' chave que do céo as portas abre,
A mais linda e gentil das flores d'alma.

Amor é o incenso que perfuma
O tabernaculo d'uma alma virginal;
E' dos olhos de Deus a gotta santa
Derramada n'um vaso de crystal.

Caridade é lindo anjinho,
Que guarda as chaves dos céos.

Orvalho doce e bendito,
Que cabe dos olhos de Deus.

Caridade é virgem meiga,
Que traz um cofre na mão;
D'elle tira alivio ao enfermo;
Aos mendigantes o pão.

Caridade—escada altiva
Que da terra s'elevou,
Sacra, bella, illuminada,
Como a escada de Jacob!

Caridade—anjo pudico
Coberto com branco véo,
Que á Deus impresta na terra,
P'ra receber lá no céo.

Ha no livro de noss'alma
Duas palavras bem dit's,
Que não morrem, nem se apagão,
Pela mão d' Deus escritas.

Um é amor—doce chamma,
Que leva o homem p'ra os céos;
E' a outra—caridade
Que faz o credór de Deus!

9—7—75.

Joaquim R. Gonçalves.

Epistolas a Porporato.

(Continuado do n.º 4.º)

Solto o manto da noite sobr' a terra
Do convento sabindo com licença,
N'um capote envolvido, cujo encerra
D'um comprido punhal a folha extensa,
Cum chapéo qu' ao fital-o a vista aterra
Dos cabellos cobrindo a maffa immensa,
Dirigi-me n'um' hora mui serena,
P'ra festança de Santa Filomena.

No caminho, cançado d'estragar
Meus sapatos nas pedras da calçada,
Appressado vagão eu fiz parar
P'ra tranquillo acabar m' nha jornada;
D'esse bond não temendo me sentar
Na bancada, polida envernizada,
Bem ao lado d'uma moça me sentei
Cujos lindos eufaites cubicei.

Pouco tempo depois de ter entrado
Uns barbaças me diz mui al greto:
—Faz favor do dinheiro estipulado
Ou então dê-me cá o seu bilhete.—
—Já paguei, lhe respondo com agrado,
Forte voz imitando de falsete,
Mas o fero, zeloso conductor
Me replica:—E' engano, meu senhor.—

—Essa é bôa!—lhe respondo muito irado,
Quer acaso duas vezes me cobrar?—
—Não senhor me retorque atrapalhado,
Porem tenha a bondade de pagar,
Pois se acaso tivesse m' entregado
O bilhete que venho reclamar,
Ousadia não tivera de querer
Outra vez seu dinheiro receber.—

Com receio da contenda prolongar,
Não querendo tambem ser descoberto,
Uns cobrinhos da bolça fui puchar
Pra que livre sabbisse d'este aperto;
E á asneira querendo remediar
D'esse passo que dei mui inexperto,
Fui buvores t'cer-lhe a diligencia
O meu acto tratando d' experiencia!

O bilhete depois de ter cortado
Co' alicate o chibante conductor,
Me responde com mofo civilizado
—Muito creio o que me diz, o meu senhor,
Pois convicto estou que é muito honrado;
Mas se acaso procedo com fervor,

Aos cuidados é devido do Masuli,
E a força moral do *Vico-vuli*.

Já do largo, porém, as rodas tinham
D'este bond, deslizado sobr' os trilhos,
E p'ra festa pessoas muitas vinham
De vestidos ornadas mui casquilhos;
Passageiros do bond já desciam
Co' as mulheres, bonitos empecilhos
Que mil gozos lhes dão de amor no lume,
Ou então mil tormentos co' o ciume.

Apiei-me depressa, e diligente
Misturei-me da densa multidão,
Qu'os prazeres da festa já presente
N'esse largo andando em turbilhão;
Minha mão, pullulando mui fremente,
Vai do roubo em busca d'ocasião,
Procurando depressa o bolso encher
Pra depois no convento s'esconder.

Quando assim procurava doce ensejo
Da paixão da rapina contentar,
Bem pertinho de mim um homem vejo
Em accerrimo pleito a disputar
Com um outro, qu'em versos mui sob jo,
D'elle á prosa pretende replicar,
Suscitando argumentos, tão molino,
Que da lavra bem mostram ser do *Lino*.

D'estes dois figurões m'approximando.
Mas de modo que não me possam ver,
Meus olhares em seu porte fui fitando,
P'ra que possa seus vultos conhecer;
E o primeiro attento contemplando,
Suas palavras ouvindo, e seu dizer,
O autor reconheço ser, emfim,
D'exquesito, de tolo folhetim.

Mão de paca conheço contendor
Ser d'aquelle pimpão de jornalista,
Qu'cs costun es critica, e com fervor
Semanal, no Diario, faz revista;
Mão de paca, que bate o prosador
Com razões, onde o pobre nada avista,
Senão torpes palayras p'ra injurial-o
Que da boca arremeça o Boi-cavallo.

— *Arrião, Arrião*, grita o borracho,
Endiabrado de cofos vendedor,
— *Para fóra d'aqui, senão t'escacho*
O *basbaque maldito d' escriptor*
Que o mundo atropellas como um macho
JÁ SENDEIRO AVANÇANDO ZURRADOR
Na HERENA das letras galloppando
PRIMA FOLHA, em jornal, emporcalhando !

— COMMUM MACHO não sou: não tenho PRIMAS
Que de FOLHAS o nome recebessem
O *maldito amador de sujas rimas*—
Isto diz o contrario. E p'ra que houvessem
Nos onvintes tambem algumas grimas,
Que de fortes o nome merecessem.
De chataças perempem em chorrilhos
Da Tolice e de Bacho estes dois filhos.

A pachorra cansar não quero tua
Te narrando a mui longa discussão
D'estes dois furibundos reis da lua
Asquerosa, nojenta emanação;
Mas confesso verdade ser mui crua,
Da disputa exarada conclusão,
Qu'estes *bolos* á face do universo
São iguaes tanto em prosa como em verso.

Quando entregues estavam n'essa luta
Que com frouxas oitavas te pinteí,
Com sagaz esperteza muito astuta
De mansinho do autor m'aproximei,
E do bolso saquei-lhe uma minuta
Que papel monetario ser julguei,
Mas que não tem valor, e é emfim
Sujo esboço de parvo folhetim.

Descontente p'lo roubo malogrado
Pois papel não quizera e sim dinheiro,

Para longe do grupo malcreado
Affastei-me com cara de ferreiro;
Dirigindo-me presto para o lado
Onde vira d'um theatro o letreiro
Um lugar procurei que mais propicio
De Mercurio me fosse ao grato officio.
(*Continua.*)

Motte:

E' bonita e canta bem.

Glosa:

Eu conheço uma menina,
Bella, led, e encantadora,
E' morena e seductora.....
E que lindo talhe tem ! ...
E' debil como a açucena,
Simpathica como Helena...
Para não ir mais alem:
E' bonita e canta bem.

A. G.

COLUMN TELEGRAPHICA.

Maranhão, 11 de setembro de 1875.

O Aireper.—Os meninos da escola.—Zum-zum.—O dia 7 de setembro—O Bazolla—O dia 8—O essencial—Dr. Braulino C. de R. Mendes—Um pouco de Grego—Bailes campestres—A Voz do Povo—Os assignantes.

Caro Aireper.

Tenho esperado ancioso a resposta da carta que te dirigi á 20 do mez p. passado, porem até agora nem sequer recebi um ar de tua graça; não sei qual o motivo de assim procederes para com a redacção.

Uns dizem que estás apaixonado loucamente por uma pequena bella e delicada; outros que estás soffrendo de mal de maletas, o certo é que até a ultima hora ainda não estava na typographia o teu—*tutti-quant*. Visto isto resolvi dirigir-te esta para saber com certeza mathematica, qual aração de teres fugido do burro do Silvio que morreu e nunca mais fallou.

Os meninos da escola do Frei-moça, Manuel Notus Mendem Reyum, dizem que estás inchado com certo rapaz por causa da....., mas creio que quem tal affimou estava naturalmente zozzo; emfim desenbuxa-te (parece-me que o teu *tutti-quant* te enganou de tal maneira que não podes dar uma palavra) e vem mostrar nas columnas deste jornal-sito para quanto prestas e para quanto vales.

Larga a mania e dá juz á cachola.

Um dia deste ja passando pelo reino de Portugal (praia grande) e cuvi certo zumzum, que dizia que o homem havia perdido a cousa e que o pai-pai abre-olho havia ganho a pescada gorda.

Após ouvi uma foguetaria estrugir pelos ares, e ao mesmo tempo vi e presmei diante de mim uma turba multa entamancada que enpinava o..... grupo de canna-capim.

Então ponde descobrir o que era aquillo, depois de ter feito remechar um pouco a intellegia: a provincia dos Almeidaes havia declarado guerra ao reino da Salamanca, ficando este vencido e aquelle vencedor.

Julgo que perceberam o ponto, mas se não o entenderam peçam explicações ao João das Bollas que elle contará o caso como o caso foi, isto é tim-tim por tim-tim.

O dia 7 de setembro estive murcho como um velho de 80 annos e incipido como velho quando quer namorar moça de 15 annos. O Te-Deum, esteve mui pouco concorrido; o povo olha com indifferentismo para estes actos que só brilham na apparencia e que no fundo só têm embaçamento para os tolos. A descrença já vai lavrando até nas classes mais inferiores da sociedade, symptoma este que deve ser observado com detida attenção pelos homens eminentes do paiz.

O velho Bazolla, não esqueceu de festejar o dia 7 na forma do louvavel costume. Que mania !

A casa do dito Sr. estava embandeirada, illuminada e enfoguetada; na porta haviam varios retra-

tos e disticos, entre os quaes notamos um que encerrava estes meliflutos e cadenciosos versos.

Em setembro o dia 7
A liberdade surgiu
Neste imperio Brasileiro
O povo livre se vio.

Que bella *churinada*, boa para tempo de carnaval.

O dia 8 foi um dia cheio e pantafaecudo na phrase elegante e correcta do 1º andar. O Sr. Montóro armou e enfeitou os seus bonds a *bemtevi*; o Sr. Pau d'agua, João Nô e Fonte de Cazeu, engendrarão um negocio de capella, que no final das contas elles hão de ficar encapellados.

Collocou-se a pedra fundamental para a ermida de N. S. de Nazareth, com grande pompa e lustimento; prasa aos Céos que não fique somente no toque de zabumba e foguetaria como é costume entre nós.

O essencial, foi o cobre que a companhia dos bonds tirou de tal festança; votos faço para que ella progrida e não fique como a *defunta* companhia Anil et reliqua.

Falleceu o integro e honrado magistrado Dr. Braulino C. do R. Mendes; é uma p'rdá bastante sensível para o paiz, pois á par da honestidade e intelteza de caracter, via-se n'elle o magistrado illustrado e imparcial.

Attenção para o pouco de grego:

«O Seno Manoel Pioge—he Falor de Vann mander Diserçe Agoge Teu 1 Buro Para çe Por quase vies vem Mande Diser—

«Cen de Vem Bigo Manoel Jo da Silva.

«Marinhã, 30 de agosto de 1875.»

Os leitores se encarreguem de traduzir o bilhete acima transcripto, nós somente diremos em abreviada synthese o que queria dizer o seu autor; queria saber se um burro d'elle havia sido preso e levado para a matança.

Affiançamos ser original o bilhete.

Esta orthographia dizem que veio d'alem-mar, pelo vapor inglez Jerome.

Ha bailes campestres em S. Thiago, durante os dias da festa de Santa Severa. A esportula marcada é a de 500 reis para homens e para mulheres gratis. Isto se faz em uma capital civilisada ! É muito afrojo e no emtanto a policia dorme. Ah ! Maranhão, tens bojo para tudo, como bemdizia o nosso immortal Timon (João F. Lisboa).

Está se publicando em Pernambuco, um jornal intitulado—A voz do Povo; é bem redigido, defende a causa do povo, e abraça de firme convicção os principios democraticos.

Nós o saudamos e fazemos votos para que leve á vante a propaganda que tem em vista. E' mais um athleta do progresso e da razão.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes que estão em debito, queiram ter a bonnade de satisfazer o seu sompromisso. Vv Ss., quando sabe um *artiquinho* com que não concordam, dizem logo—isto está fóra do programma, mas não se lembram que tambem é do programma receber adiantadas as assignaturas.

Adeos Aireper. Vae dizendo a quem te for visitando que o jornal não póde sahir antes por causa dos dois ultimos dias que foram feriados.

José Quebra-kilos.

Erratas dos numeros antecedentes.

N.º 3.

Paginas	Columnas	Linhas	Erros	Emendas
1.ª	2.ª	19	proeminente	proveniente
2.ª	1.ª	30	as quadras	os quadros
«	«	45	cansou	cessou
«	«	47	Euratas	Eurotas
«	3.ª	ultima	morte	noute.

No n. 4 sahio, por engano, sob forma de artigo de fundo a continuação do artigo—*Perfectibilidade humana*.

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Segunda-feira 20 de Setembro de 1875.

NUMERO 6

A MOCIDADE

MARANHÃO 20 DE SETEMBRO DE 1875.

A perfectibilidade humana.

(Continuação do n. 4.)

Pelas linhas, que acabamos de citar, do illustre escriptor francez, manifesta-se a identidade e importancia da palavra e do pensamento; ainda ha, porem, considerações a fazer:

Tendendo o homem sempre ao seu desenvolvimento, á aquella perfeição de que é susceptivel, estudava a natureza, sondava-lhe os abysmos, prescrutava-lhe os arcanos, procurando assegnorear-se de tudo. Mas esse mesmo desejo de perfeição, que não pode ser egoista, infundia-lhe um outro—o de ser util aos seus semelhantes, o de deixar explanados aos posteros as dificuldades que já havia superado. Po-

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR
BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 4.)

De que modo descrever o encanto dos olhos negros de Leila? Os da gazella não são nem mais bellas nem mais languidos; porem os olhos da Circassiana eram tão brilhantes como o rubi de Giamschid, e sua alma pintava-se em cada um de seus olhares. O Mahometh! se houvesse podido dizer que uma belleza tão perfeita não era senão um barro dotado de vida, por Allah! eu teria respondido:—Não! Leila tinha uma alma, eu ouzario suscitá-lo ainda mesmo no meio do terrível *Alsire* sobre o qual nós atrevessamos o mar de fogo; eu sustentá-lo-hia quando visse o paraíso diante de mim e as houris que me chamassem a si. Quem conheceu Leila cessa de acreditar que a mulher é um vil pó, brinco material dos caprichos de um despota. Os muftis haveriam confessado, admirando-a, que um raio da divindade brilhava debaixo do véo de seus longos cilios. O vermelhão sem cessar renascente de suas faces excedia o das flores cor de purpura da romeira; seu cabello semelhante a haste inclinada do jacintho, cahia-lhe até aos pés, cuja brancura igualava a da neva antes que

rem, qual a forma, por que podel-o-hia fazer?

A palavra não podia perdurar e nem tão pouco conservar-se inalteravel, ainda mesmo que fosse passando de individuo á individuo, de familia á familia, de nação á nação; ella seria completamente adulterada, os pensamentos seriam por consequencia transmittidos imperfeitamente e perdidos a final.

Urgente era a necessidade de um meio que viesse pôr termo á tão palpavel necessidade, á tão consideravel inconveniente. Creou-se a escripta.

Faltam-nos expressões para exaltar tamanha maravilha; por isso, vamos de novo escutar a sapiencia de Mr. de Lamartine:

«A palavra dada, achada ou inventada, havia ainda seculos á atravessar antes de chegar a este outro phenomeno:— encerrar o pensamento immaterial e invisivel em signaes visiveis e materiaes, gravados

tenha cahido nas montanhas e se haja manchado com o contacto da terra.

O cysne adianta-se com magestade na onda limpida; assim andava a joven Circassiana em meio das mulheres que a serviam, e que ella excedia de toda a cabeça; nunca belleza mais completa tinha vindo de *Franguestan*.

O cysne levanta altivamente seu dorso erriçado, e sulca as ondas com uma aza orgulhosa quando o homem se aproxima das margens do seu imperio.

Taes er^{ão} os contornos graciosos e a brançura do collo de Leila; tal se a via afastar com dignidade um olhar indiscreto que a admiração ousava fixar em seus divinos encantos.

A nobreza e a graça respiravam no seu porte todo; feliz o amante que havia sabido enternecer seu coração! O severo Hassan! quem era esse amante?... Ah! este nome não fóra feito para ti?...

Hassan tinha-se posto a caminho seguido de vinte de seus vassallos armados de arcabuzes e de atagians. O emir caminha á sua frente, vestido como um guerreiro; elle suspendeu a sua cintura uma cimitarra, tinta outr'ora com o melhor sangue dos Arnautes, quando foram derrotados no Val de Parne, e que não sobreviveram senão alguns rebeldes, para irem annunciar em suas montanhas esta cruel derrota. Suas pistolas, presente de um pachá, ainda que armadas de ouro e de pedrarias, haveriam feito tremer os ladrões. Hassan, dizem, vai procurar uma esposa mais fiel do que a que o trahio, a perfida Leila, que não temeu fugir do harem, e com um Giaour...

sobre uma substancia palpavel. Este phenomeno é a escripta. A escripta transporta o pensamento de um sentido ao outro. A palavra communica o pensamento da bocca ao ouvido pelo som; fixa o som inaprehensivel na sua passagem, transforma-o em signaes ou em letras e communica assim o pensamento da mão aos olhos. Os olhos o communicam á alma por essa relação sempre mysteriosa que existe entre a nossa intelligencia e os nossos sentidos, e eis a palavra tornando-se visivel e palpavel de invisivel e immaterial que era. Ha milagre comparavel a este?»

«Pela escripta, continua o illustre escriptor, a palavra adquire duas qualidades, que não tinha emquanto só era fallada e fugitiva como o som:—a perpetuidade e a transmissibilidade, tornando-se assim eterna e universal.»

A escripta, porem, tal qual se achava, a par de innumeradas vantagens, trasia tambem grandes inconvenientes, sendo mais

Os derradeiros raios do sol douram a collina, e brilham na fonte que offerece ao habitante das montanhas uma agua sempre fresca e limpida. É aqui que o mercador grego, que se compraz em prolongar sua viagem, pode achar um repouso que em vão pederia as cidades aonde sua morada é demasiado visinha da dos seus tyrannos. Aqui ao menos, se elle treme por algum thesouro secreto, pode subtrahil-o a todos os olhares. Se é escravo nas cidades, a liberdade lhe sorrie ainda nos desertos; elle pode sem perigo lá saborear o licor que proscvem os filhos de Mahometh....

Um Tartaro precede a tropa de Hassan; elle já chegou á entrada do desfiladeiro. Destingue-se de longe o seu capote amarello; o emir e sua comitiva se adiantam lentamente uns apoz os outros. Acima de suas cabeças ergue-se uma rocha escarpada, na qual os abutres aguçam seu voraz bico, como se advinhassem que uma abundante presa fal-os-ha descer das montanhas antes do desponstar da aurora. Não longe d'ali uma torrente de inverno seccou-se aos fogos ardentes do sol, deixando apoz si o vestigio da sua passagem atravez d'um terreno aonde cresce cá e lá algumas tristes vides; o atalho está cheio de fragmentos de um granito pardacento que o tempo ou o raio desprendeu d'estas montanhas cujo cimo se perde nas nuvens. Qual é o mortal que n'algum dia avistou o pico elevado do Liahura?

(Continúa.)

consideravel entre estes o monopolio que da instrucção faziam algumas classes mais favorecidas da fortuna.

Mas, afinal, eis tudo! — eis nma das mais celebres phazes do progresso humanitario, eis a soberba, brilhante, magestosa, sublime invenção que veio avassallar o mundo, marcando nos fastos da humanidade, em caracteres de ouro, um dos maiores triumphos do espirito humano, — eis a imprensa, que veio remover todos os obstaculos, democratizando a sciencia! (*)

Quereis mais forte, mais irrefragavel, mais evidente prova da perfectibilidade humana? Sereis capazes de negar o progresso indefinido?

Mas, ainda não fica só nisto. O espirito continúa em sua marcha ascendente e triumphal: — cada dia elle dá um passo, cada passo é uma descoberta, cada descoberta é uma prova inconcussa e inobliteravel da perfectibilidade, que lhe é inherente.

No mesmo seculo de que acabamos de fallar, vem ao mundo um outro homem, que fez pasmar as gerações d'então, cujo pasmo chega até nós e perdurará, sempre com immorredora gloria, até as gerações por vir. Foi Christovão Colombo.

Esse genio, affirma que lá na extrema do horisonte ainda ha um mundo virgem, onde elle foi plantar o estandarte da circulaçáo, adquerindo novos proselytos á religião do martyr do Golgotha.

Seculo de maravilhas! — Copernico apresenta um novo systema planetario que veio dar grande incremento á astronomia; Vasco da Gama dobra o cabo das «*Tormen-tas*» e vae.

Por mares nunca de antes navegados, buscar novos subditos, novas terras, novas riquezas, novas glorias ao reino de Portugal; Balboa passa o isthmo de Panamá e descobre o Perú; Grijalva o Mexico; Cortez a California; Magalhães emprehende a viagem em torno do globo e descobre o estreito que tomou seu nome.

Assim desmentidos os monopolistas da sciencia circumscripta e falsa, n'este seculo de tantos prodigios, o papa, que havia traçado uma linha de *marcação* a 375 milhas ao oeste dos Açores, viu-se obrigado a mandar traçar uma nova linha no outro hemispherio a leste das Molucas.

Assim como os diques, quando uma vez rotos, não podem por forma alguma obstar a inundação do terreno que preservam assim, quebrado um dia o circulo de ferro que opprimia o espirito, nada mais lhe pôde, e nem poderá tolher o passo e portanto, elle caminha e caminha sempre.

S.

(Continua.)

(*) Toda a vez que pensamos ou fallamos na democratização da sciencia, vem-nos, pela associação das idéas, o nome de Abailard, que, havia quasi quatro seculos antes da imprensa, concorrera com extremo e inaudito esforço para a mesma democratização.

These dissertada no Athenue Maranhense, pelo socio A. Arthur de S. Rosa.

(Continuado do n. 5)

O extasis da eschola Neo-platonica não ficou em uso, desde que Rosseau, Volney e outros philosophos demonstraram com toda a evidencia, que o corponão se deve desprezar para se purificar a alma, porque isso é um estado contra a natureza e repellido pelas leis da sã moral; o proprio S. Bernardo que no principio de sua vida monastica se havia deixado levar por essas idéas, quando chegou a idade propecta arrependeu se de ter estragado seu corpo sem utilidade alguma.

Elle que o podia empregar, já em proveito do proximo, prodigalizando-lhe beneficios e consolações por meio da sua eloquente palavra; já em proveito da sua ordem, atrahindo para ella grande numero de neophitos e admiradores; via-se tolhido de talfazer, porque o seu corpo, machina maravilhosa que Deus havia posto ás ordens d'aquella sublime intelligencia, que fez tremér as abobadas dos templos da antiga Gallia e que converteu tantos corações emperdernidos, chamando-os ao gremio da luz e da verdade, sim, esse pouco d'argila estava deteriorado por longas macerações e vigalias constantes. Então S. Bernardo viu-se obrigado recolher-se ao silencio dos claustros; porem aquella intelligencia fecunda que havia brilhado nas contendas que tivera com o famoso Abailard, não podia conservar-se em estado de inacción, e posto que abatido não deixava de exhortar seus irmãos á pratica das vir-des; mas essas licções de moral dava-o dentro das cellas, e quando as somava-lhe á mente a idéa das missões, idéa esta que sempre affagou em seu pensamento, então o famoso orador da idade media, reflectia conscienciosamente, e apoz sincero meditar reconhecia que o seu corpo não se prestava ao pensamento grandioso que se aninhava em seu cerebro, qual o de pregar a palavra santa aos povos longinquos, nesse momento a alma do grande S. Bernardo percorria veloz a immensidade e alongava-se por infindos horisontos, affim de contemplar as magestosas planicies d'Asia e Africa, porem apoz esse arroubo d'espirito, sua alma recolhia-se taciturna a sua cella, qual cysne que ao desprender-se da vida deixa sahir de seu peito tristonhos lamentos, assim S. Bernardo ao ver murchar sua ultima esperanza disia que os *erros da mocidade* o privavão de por em pratica o que tinha em mente.

Palavras estas que erão o seu ultimo lamento e seu ultimo suspiro, porque encerravão em si o ultimo desejo e sua ultima esperanza, esperanza esta que só findou-se quando a fria campa do sepulchro baixou sobre seu corpo.

Os visionarios desenganar se devem, de que para amar á Deus, não ha necesi-

dade de ficar em extasis, porque em vez d'este estado ser agradável á Elle, pelo contrario o desgosta, vendo seus ministros estragarem o precioso involucro d'alma. O sacerdote que não tiver em mira o bem commum das almas que estão a seu cargo, e entregar-se somente a vida contemplativa, não cumpre com os seus deveres, e nem dá bons exemplos, porque levado pelo espirito de mal entendida dedicaçáo á Divindade, deixa de parte o mundo material e o bem *espiritual das almas* e só cuida de *libertar-se das duras prisões da carne*, afim de unir-se o mais cedo possivel ao seu Creador: semelhante maneira de proceder é um insulto atirado á face do Creador, pois quem *trabalha o mais possivel para unir-se á Divindade*, trabalha para a destruição e para o suicidio, e o suicidio como bem sabeis é um acto tão vil e mesquinho que é não só reprovado pela propria religião, como tambem pelas sociedades bem constituídas. Portanto meus senhores, amemos tanto ao Creador como aos nossos semelhantes, mas em seus limites, e assim procedendo practicamos um acto meritorio.

O amor é necessario para o coração, assim como a instrucção para a alma, e quem não ama não vive, façamos pois por amar afim de bem vivermos.

A amisade é suave e agradável, não atormenta o espirito, pelo contrario consola o coração; o amor é forte como a morte, na phrase de Salomão, gera o ciume que é cruel como o inferno, e no dizer do grande epico portuguez, é aspero e tyranno.

Do que havemos dito collige-se que ha entre amor e amisade uma certa differença que é impossivel deixar-se de reconhecer; é bem verdade que essa differença acaba-se com o tempo, pois o amor sendo uma paixão violenta e inconstante, perece completamente para dar lugar a amisade que vem substituil-o de uma maneira santa e elevada. O amor depois de ter existido por algum tempo no coração, apodera-se da alma, e então torna-se em amisade, que é um sentimento que nunca morre e sempre vive alem das tempestades da vida.

«O amor *perfeito*, diz o Padre Vieira,» «é o que só merece o nome de *amor*,» «vive immortal sobre a esphera da mu-» «dança e não chegam lá as jurisdicções» «do tempo; nem os annos o diminuem,» «nem os seculos o enfraquecem, nem as» «eternidades o cançam.»

Está claro que o Padre Vieira quando fallou de *amor perfeito*, referia-se a amisade e não ao amor propriamente dito.

Não negamos a existencia do amor; pelo contrario, somos o primeiro a reconhecê-la, somente dizemos que elle é variavel e inconstante, e que tendo estas qualidades é impossivel conservar-se por muito tempo intacto e sem perder parte alguma da sua pureza; só a amisade é que pode subsistir

por muito tempo, porque tem em si o character da persistencia e gravidade.

A palavra *amor* empregada no singular denota sempre que a paixão á que se refere é nobre, licita, e a sociedade permite, porem quando empregada no plural, por ex: amores de mulher, indica que esse amor não é um simples commercio entre duas almas que se estimam, e sim o trato amoroso entre duas pessoas de diferentes sexo.

Esta palavra varia muito de acceção, não deixamos de reconhecer, mas os classicos para explicarem o seu verdadeiro sentido dão a explicação que acima mencionamos.

Consultai os psychologistas e physiologistas mais notaveis, e haveis de reconhecer que nenhum ainda pode dar com exactidão uma classificação das paixões humanas, e talvez que nunca possam fazel-o; neste mar tempestuoso é impossivel desenvolvermos a questão com clareza e precisão, porque os proprios mestres que consultamos, confissão que ella é por demais difficil, e quando a razão humana vacilla, é melhor calar do que affirmar puerilidades: é o partido que ora seguimos.

Tendo tratado das palavras: amizade, amor, amores, falta-nos fallar a respeito dos termos: *inclinação e ternura*.

A inclinação é uma simples disposição á bem estimar e a bem querer, não passa de mera impressão que acaba-se quasi sempre sem o menor cuidado ou attenção. É bem verdade que a inclinação pode tornar-se em amor ou amizade, mas isso acontecerá em rasão do trato continuo: se o espirito preoccupar-se com tal idéa pode a inclinação chegar a ser amizade ou amor, mas se o coração não der importancia á esse factio, elle não passará de mera impressão.

A ternura resulta tanto do amor como da amizade.

A ternura é mais ou menos viva, segundo o gráo de sensibilidade de cada coração; o mesmo dá-se com a amizade e o amor. A ternura é uma especie de delicadeza que se usa para com as pessoas á quem se tem amor ou amizade, é um transporte d'alma que ainda mais encanta o doce nome de amigo.

O commercio que podemos ter com os homens diz respeito ou ao espirito, ou ao coração: o puro e suave commercio do espirito se chama simplesmente *conhecimento*, e o commercio em que mais se interessa o coração, chama-se *amizade*: d'aqui infere-se que ha *conhecidos* e *amigo*: quanto ao primeiro caso pode ser qualquer homem, porem quanto ao segundo é necessario que a reflexão e o discernimento se anticipe á escolha, afim de possuirmos amigos e não adaladores e falsarios.

Os Romanos representavam a amizade debaixo da forma de um mancebo, vestido com uma tunica, por baixo de cuja franja

se liam estas palavras: *A morte e a vida*.

Na testa estavão gravadas estas outras palavras: *O verão e o inverno*. A figura tinha o peito aberto até o coração, para o qual apontava com o dedo e nelle estavão as seguintes palavras: *De perto e de longe*.

As palavras contidas n'essa estatua retractão ao vivo o que é e o que deve ser um amigo.

Um irmão, como disse um poeta, é um amigo dado pela natureza, e nós accrecentaremos assim como um amigo é um irmão dado pela sociedade. Os deveres que existem para um, existem para outro; estas duas idéas são correlativas e para nós o bom amigo é o mesmo que um bom irmão.

O amigo deve ter para com seu amigo: fidelidade, tolerancia, proteção e delicadeza, porque a delicadeza é o botão da virtude, na phrase de um elegante escriptor.

Estes são os principaes deveres do amigo, os outros estão incluídos n'estes; quanto aos direitos dos amigos que é a terceira proposição da these deixamos de responder, porque entre dever e direito existe uma grande affinidade e correlação: pois quem é fiel deve se-lhe fidelidade, quem usa de tolerancia tem tambem direito á ella e assim por diante; tudo n'este mundo tem compensação, excepto a caridade, virtude sublime que não admite recompensa n'esta vida.

Agora citaremos, alguns exemplos notaveis da amizade, para provarmos quanto é santo e sublime este sentimento, que pode ser considerado como um dos maiores beneficios que nos fez o Creator.

Eudamidas de Corintho, no seu leito de morte deixou por testamenteiro um dos seus amigos mais dedicados, com a condicção de dotar sua irmã e dar uma mesada á sua mãe: assim o fez este prestimoso amigo.

Damon e Pithias, que viverão no tempo de Dionysio, tyranno de Syracusa, derão um exemplo de amizade notavel e digno de ser imitado.

Dionysio condemnou á morte Pithias, por uma simples informação da conducta d'este cidadão, mas tendo elle de tratar de certos negocios no lugar de seu nascimento, deixou á Damon seu amigo como fiador de sua cabeça.

Aproximou-se o dia da execução e Pithias ainda não havia voltado, então Damon, apresenta-se para ser executado; visto que os dias da lei não se extinguir.

Dionysio manda executar á Damon, e elle com passo firme marcha para o cadafalso; já o braço do algoz ia-se levantar sobre sua cabeça, já o povo preparava-se para contemplar aquella scena de sangue, quando ouve-se um murmuro por entre a multidão que dizia: Pithias, Pithias, e com effeito era elle que á toda pressa dirigia-se para o lugar do supplicio.

Então a scena torna-se pathetica: Damon disputa a honra e gloria de morrer por seu amigo, e este por sua vez agradece tanta abnegação, e aproxima-se do instrumento fatal, querendo dar assim: cumprimento a sentença que contra elle havia sido lavrada. Mas Damon o interrompe, não deixando levar á vante o seu intento; então elles chorão amargamente sua infeliz sorte, lastimão sua prematura separação, abração-se, e permanecem n'este estado por alguns momentos.

Dionysio, tocado no fundo d'alma por aquella scena tão contristadora, perdõa á Pithias, e após este acto, pede licença para tomar parte em uma amizade tão elevada, e cheia de tanta abnegação, á tal ponto que nem a propria morte temia. Os dois amigos concordaram que Dionysio tomasse parte na sua amizade.

Poderíamos ainda citar o exemplo de Zopiro e Dario, o de S. Gregorio Nazianseno e S. Basilio, bem como de outros muitos, porem não o fazemos, porque receíamos causar-vos aborrecimento.

Antes de concluirmos seja-nos permitido dizer mais algumas palavras.

A amizade, é um sentimento sublime e elevado, que só sabem apreciar devidamente as almas nobres, ella é tambem um dos maiores beneficios que o homem pode gosar sobre a terra.

Ouçamos por um pouco o nosso immortal poeta, Gonçalves Dias, que em harmoniosos versos, mostra quanto é bello este sentimento que torna felizes os homens na terra.

Amizade ! união, virtude, encanto —
Cosorcio do querer, de força e d'alma —
Dos grandes sentimentos cá da terra,
Talvez o mais reciproco, o mais fundo,
Quem ha que diga: — eu sou feliz ! — se acaso
Um amigo lhe falta ? Um doce amigo
Que sinta o seu prazer como elle o sente !
Que soffra a sua dôr como elle a soffre.

Quanto não é infeliz o homem que não possui amigos, elle vive abandonado, e isolado; só pode ser comparado aos desertos aridos, que nem ao menos tem oas, onde o viajor apoz longa jornada possa descansar os membros fatigados !

Não ter á quem depositar confidencias, não ter á quem pedir consolações nas horas amarguradas da existencia, não ter quem tome parte nas nossas alegrias, e meus Senhores, um dos maiores martyrios que pode soffrer o coração humano !

Quanto é sublime e feliz o homem que possui amigos sinceros, sua vida é dupla por que elle pensa e vive no coração de seu amigo; o sol que nasce no horisonte é para elle mais refulgente porque traz novas do amigo; o cabir da tarde traz-lhe doces consolações por que o amigo toma parte no serão familiar; emfim esse homem é a verdadeira imagem do Creator sobre a terra, porque tributando o merecido louvor a amizade, pratica um acto

virtuoso, e quem procede desta maneira torna-se homem, porque para se merecer este nome é necessário que não se obscureça os mais nobres sentimentos do coração humano, e quem se eleva no espirito aproxima-se de Deus e preenche o seu fim.

Deixemos as almas tacanhas blasfemarem o santo nome d'amisade, porque ellas levadas pelo espirito de scepticismo, tudo negão, e o nihilismo, como sabeis é contra todo e qualquer progresso.

Que a amisade existe, é uma verdade incontestavel e quem pretender provar o contrario, não passará de um mero calumniador da virtude e dos sentimentos mais nobres que ornão o coração humano.

Concluindo, peço desculpa á meus illustres collegas, dos meus toscos e mal alinhavados pensamentos.

Sala das sessões da Imperial Sociedade —Atheneo Maranhense—18 de Julho de 1875.

Antonio Arthur de Souza Rosa.

Ouve, Elvira.

A'...

Gentil e meiga donzella,
Tu te assemelhas á rosa,
Que pudibunda e mimosa
Matiza, enfeitada um jardim;
Peço-te linda donzella
Por essa tua belleza
Que enfeitada a natureza,
Nunca t' esqueças de mim !

Tus olhos, ó casta virgem
Tão negros, vivos, tão bellos
Me fazem sentir anhelos,
Sympathia, amor, paixão;
Es es tres encantos d'alma
Que n'ardentia do amor,
Brilhão com tanto furgor,
Mui puros, mui caros são !

Esse teu olhar mimoso,
Que me deslumbra e fascina,
Tem tal poder que m'inclina
A' adorar-te com fervor;
Tua imagem seductora
Gravada tenbo no peito,
E na lembrança o conceito
D'esse puro e santo amor.

Ouve ! Enfim, formosa Elvira,
O teu composto divino,
Como um astro peregrino,
Me arrebatá e me seduz
Por isso pedir-te vem
O meu terno coração,
Que lhe dê por compaixão
Dos teus olhos meiga luz !

Maranhão—1875.

F.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão, 18 de setembro de 1875.

Um a noticia que tem alguma coisa de triste.—Contrariedades e contradicções.—O vate da Matinha.—Festa de Santa Severa.—Os verdadeiros Santos da adoração.—Fogos de vista.—Balões.—Sermão stenographado.—Passeio ao Cutim.—Finesa e mais finesa.—Mais um acto de justiça.—Fogo.—Titulos de fidalgos.

Meo Joé.

Começo dando-te uma triste noticia: o nosso Ai-

reper acaba de dizer-me que o seo estado sanitario e outras cousas mais o impedem de dirigir-te agora alguns telegrammas, pelo que eis-me substituindo-o, para desconto dos pecados meos. Resigno-me, porem, vendo que este mundo é cheio de contrariedades e contradicções: a prova tem-na tu no numero antecedente, onde a gente sahe por fim sem saber o que é amor. E' verdade: n'uma columna diz um orador do Atheneo "...o amor quasi sempre vem de chofre, e no primeiro embate das tempestades da vida desmorona-se e ápoz esse facto vem o esquecimento" e n'outra, nm poeta:

«Amor é sentimento que não morre
Companheiro que vae além da vida

Que contradicção ! Pergunto eu: quem errou ? Ambos, que, alem do mais *cheiram-me* a suspeitos na causa... Olhem R no fim do anno... Depois não digam S. Antonio me enganou.

Desculpem as leitoras, que não gostarem do meu conselho, a franqueza com que o dou: eu fallo assim é porque tambem gost' de umas cincoenta meninas bonitinhas, engraçadas, louras, alvas, morenas, &, embora nenhuma me conheça; mas este é que é o meo gosto. Deos me livre que venham a saber da minha paixão, essas cousas são boas é assim em silencio.

E, deixem lá, por isso foi que o vate da Matinha fez aquelle *angustu de prosa e poesia* (vide Paiz n. 110) que niuguem o entende. Irra ! Começou com um um positivismo tal... chamando os primos *par de noivos chiques* e depois desenvolveo umas comparações tão bonitas... Se eu tivesse um primo assim, aconselhava-que quebrasse a sua penna. Era melhor isso do que comparar-me com cousas que eu não desejaria ser...

Agora occupemos-nos um pouco da festa de Santa Severa, e fallemos em primeiro lugar das moças, dizendo de passagem, que ellas lá se acharam como sempre, enfeitando o largo, a igreja, e conquistando, até sem saberem, mil corações, enfim, tornando-se na realidade os santos mais milagrosos da festa. Isto é que é. Os santos que lá se adoram não são outros, deixemos lá fallar o Maneco, tão fanatico pelo culto externo, salvo se os santos que reconhece e adora são tambem dos taes, o que eu não estou longe de acreditar: elle tambem é poeta... como o Paulo...

De que fallaremos agora ? Dos fogos de vista, é verdade. Aquillo, na phrase *Anisiana* não é mais do que um *debique ao publico*. Chega alli um moleque, ou cousa que o valha, toca fogo na corda e fica a gente toda attonita, em pé, a ver dansarem o Chico e o Ignacio, cada qual armado de flecha a querer matar o outro. No fim do negocio toca a musica e sentam-se todos esperando já por outro fogo, e assim passa-se um bom espaço de tempo, ficando-se por fim com a vista cansada pelos taes fogos de vista. Antes um balão que n'ou venha pingando kerosene por cima da cabeça das senhoras, que n'uma occasião destas correm *te, e* com medo de ficarem queimadas ou com os vestidos engordurados. Um balão assim como aquelle, do formato de uma pipa, subindo direitinho sem incommodar a ninguem.

Quem teria sido o inventor de taes balões *pipanos* ? Ah se eu sei... Mas nem por não saber deixo de tecer elogios a quem teve tão feliz idéa. Como esta só a da lei do recrutamento. Isto digo sem malicia alguma, podem crer que achei bonito aquelle systema.

O sermão ou pratica do Reverendo (ainda fallo da festa) não ouvi, mas, segundo me disseram, esteve muito bom, não convidando mais nada adiantar sobre elle, porque lá estavam dous tachygraphos stenographando-os, e como tentacionas publical-o no numero seguinte, os leitoras terão assim occasião de lel o e aprecial-o com vagar.

Houve passeio ao Cutim na noute da ultima quarta-feira. Estive muito animado: musica, foguetes. &. Foi, alem do mais, para mim, occasião de fazer uma finesa (era o meu dever) a uma d'aquellas minhas cincoenta meninas, que chegou já na

ultima hora, e quasi não vai por não achar um lugarinho desoccupado no bond. Minha senhora, disse-lhe eu, se V. Exc. deseja um lugar, de bom grado cedo-lhe o meu.

—E o Sr., para onde vai então ?

—Para o Cutim, minha Sra.

—Essa é boa. Pergunto-lhe onde vai sentar-se, cedendo-me o seo lugar.

—Ora ! não dê isso cuidado a V. Exc Vou sentar-me na plataforma.

—Não, Sr., não permitto isto, fique mesmo aqui ao meu lado.

Fiquei tão... não sei que com tanto agrado, que nem ao menos ouvi outra fineza do commendador me oferecendo já o seo lugar e sahindo á procura da outro; e como assim fosse, e eu não tivesse podido n'aquella occasião agradecer lhe tanta bondade, envio-lhe d'agui os meos agradecimentos, e aproveito o ensejo para tecer-lhe um elogio pelo bom tratamento e maneiras amabilissimas qua sempre dispensa aos seus passageiros. Isto é inegavel.

Mais um acto de justiça praticou ultimamente a Relação, absolvendo o Dr. Bastos, juiz de direito interino de Cururupú, que foi defendido pelo talentoso Sr. Dr. Jansen Mattos.

Os leitores hão de lembrar-se do Dr. Bastos. E' aquelle que os typographos de certa gazeta, por engano, deram como incurso no art. 254 em lugar de 154 do Codigo Criminal.

Essa gente... Bem diz o *Diabo á Quatro*: «Depois dos despachantes da alfandega, a classe peor que ha é a dos typographos.»

Repicam os sinos. Toca rebate no quartel. Acelera-se a gente de envolta com os officiaes do 5º, chefe de policia &. Correm os carreiros ou os seus bois (vem a ser a mesma cousa, ambos elles fornecem agoa). Transporta-se a bomba do arsenal etc.

O que ha então ? Fogo na Barreira.

Aquellas mulheres da *Barreira* (não são todas) gostam tanto dos officiaes do exercito, marinha, &, que, segundo a opinião de alguém, quando querem vel-os por alli, tocam ás escondidas fogo nas palhas, e d'ahi ha pouco está realisado o seu plano. Todo o mundo acode para lá, e afinal dão uma boa massada a gente toda.

Mas o Diabo não é isto. O fogo arde por detraz da typographia, cujo dono, bem como toda a população fica em sobresalto temendo que se queime ou destrúa o unico prelo do nosso Paiz.

E' verdade, o unico prelo; e nem se admirem os leitores, que é um só, mas é bom

—Outra novidade:

«O Dr. Cezar Matiques e o Sr. seo irmão, fidalgos da casa de S. M. Fidelissima».

Acceitem Ss. Ss. os meos cumprimentos, e quando houver o banquete não se esqueçam de me convidarem para o doce. E' o lucro que tira destas cousas

Confucius.

IMPRESA.—Recebemos os seguintes jornaes: *Lucta, Estudante Catholico, Diabro a Quatro, Semanario*, (2 ns. de cada um.) *Lirio* (3 ns.) *Pedro 2º, Echo Litterario e Floresta* (1 n.)

Na capital trocamos com o *Apreciavel e Lavoura*.

A todas as distinctas redacções agradecemos a fineza, que retribuirmos com igual.

Muito nos penhorou o juizo que ultimamente fez de nós c *Semanario*, que se publica no Pi-ahy.

Acceite o illustre redactor os nossos agradecimentos.

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantas—25000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Sexta-feira 1.º de Outubro de 1875.

NUMERO 7

A MOCIDADE

MARANHÃO, 1.º DE OUTUBRO DE 1875.

A perfectibilidade humana.

(Continuação dos ns. 1, 2, 3, 4 e 6.)

Consideravel e bem assombrosa já era a marcha do espirito humano até o fim do seculo XV; faltava-lhe ainda, porem, um meio, que lhe facilitasse essa sua marcha, um guia para levá-lo através do mundo que desconhecia, ensinando-lhe não só a descer ás entranhas da terra, aos abysmos do mar, como a transportar-se além de todos os céos e, com vôo seguro e altaneiro, transpor o espaço incomensuravel.

Foi pelo meado do seculo seguinte (1561) que Francisco Bacon, de robusta intelligencia e verdadeiro genio, conhecendo que o espirito marchava infirme e vacillante, procurou, descobriu e proporcionou ao mesmo espirito um meio seguro de dirigir-lhe os passos não só através do terreno qua já lhe era conhecido, como do que ainda ignorava. Conceben-

do o designio de reformar as sciencias, consegue, com effeito, restaural-as, substituindo as vãs hypothoses, os argumentos subtis e capciosos, então em voga, pela observação, pela experiencia, que descobrem os factos, e por uma indução legitima, que descobre as leis da natureza. Para um tal fim escreveu Bacon uma vasta obra intitulada *Instauratio magna*, composta de 6 partes em cuja 2ª parte acham-se estas palavras: «*Eu não me proponho a esclarecer um determinado logar no templo, mas a accender um facho que illumine o edificio todo.*» Esse facho a que Bacon allude era um novo methodo, á cuja luz desaparece o reinado do syllogismo e da hypothese, e então a phylosophia e as demais sciencias dilatam de dia para dia os seus horisontes, proclamando aos quatro ventos o dominio do espirito e da razão.

Foi n'esse seculo que Galilen, esse martyr da sciencia e do progresso, devasou os arcanos do céu planetario, e sem se acobardar com os tiros da inveja, a despeito das fogueiras da *Inquisição* e dos decretos dos tribunaes do *Sancto Officio*, ousou contrariar Gedeão, sustando impá-

vido o systema de Copernico, sendo que, depois da abjuração á que fôra compellido, ainda ousou murmurar cheio de convicção:—«*E pur si muove*» (e portanto se move)!

Ainda foi pelos fins do seculo de que fallamos, que uma outra intelligencia robusta, um homem verdadeiramente grande, um genio reformador, veio ostentar o seu saber, a sua vastissima erudição, conquistando maiores e mais virentes louros para a coroa de gloria do espirito humano. Queremos fallar de René Descartes. Entregando-se á profunda meditação, veio-lhe a final o pensamento de operar uma reforma no mundo da intelligencia, restaurando assim todas as sciencias. Desprezando as illusões dos sentidos e sem confiar na autoridade, foi como que apagando do seu espirito tantas quantas idéas havia admittido. Abraçando assim uma *duvida* universal, levou-a até os fundamentos do seu proprio ser; e, juntando á duvida a analyse, eusinou perfeitamente a dirigir o espirito na indagação da verdade.

Assim cooperando os dous genios—Bacon e Descartes—no mesmo seculo, o que se lhe seguiu foi um seculo de verdadeiras

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

por

BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 6.)

O emir e os seus chegaram á matta de pinheiros.

Bismillah! exclama o *Chiaour*, já não temos perigos a temer; eis enfim a planicie que além se estende diante de nós, vamos bem depressa soltar a redea a nossos cavallos. Disse, e repentinamente uma balla ^{soa} rebala sobre sua cabeça; o Tartaro que formava a vanguarda cahio por terra. Apenas têm tempo os vassallos de Hassan de sustar as rdeas de seus corseis; apressau-se em se apeiar, mas trez delles não mais montarão; pedem em vão vingança antes de expirar; não se vê o inimigo que os ferio. Seus companheiros desembainham seus ataghans, e apromptam suas carabinas, mas elles procuram livrar suas cabeças das balas, inclinando-se sobre seus cavallos; alguns fogem para traz de um rochedo não querendo perecer sem defeza. Só

Hassan desdenha apeiar-se, e se adianta sem terror: uma descarga de mosquetaria o adverte que os bandidos se apoderaram da unica sahida que podia ainda offerecer-lhes um meio de lhes escapar. Seu bigode erriça se, seus olhos lançam relampagos de furor. «Eu arrostarei», exclama elle, as balas que ^{soa} galim de todas as partes, eu vi perigos mais terríveis do que este.» Neste momento o inimigo deixa sua embuscada e grita aos vassallos que se rendam, mas a fronte enraivecida de Hassan e suas ameaças atterram-nos mais que a espada que se vai desembainhar contra elles; nenhum entrará sua carabina ou o seu ataghan, nenhum fará mais ouvir o grito dos covardes—*Amam!*... Os bandidos approximam-se; elles sahem todos do bosque, e aquelles que estão montados sobre corseis se adiantam em primeiro logar.

Quem é o chefe que os guia, armado de um ferro scintillante?

«E' elle! é elle mesmo, exclama Hassan. Eu o reconheço á pallidez de sua fronte, aquelle máo olhar que favorece seus crimes. Eu reconheço seu negro ginete; elle tomou o costume albanez e renegou sua primeira crença. Sua apostasia não o salvará da morte. E' elle! desgraçado de ti, amante da perfida Leila! maldito Giaour!»

Tal como se vê um rio precipitar no mar o curso impetuoso de suas aguas, e o Oceano levantan-

tar em columnas de azul suas ondas indignadas para repellar para longe a torrente furiosa, a vaga despedaçada jorra semelhante ao relampago; o choque terrível das vagas resôa como um trovão sobre a praia abalada, e as rochas desaparecem debaixo de uma escuma esbranquiçada: tal é o encontro das duas tropas que um mesmo furor anima, o ruído dos ferros que se cruzam e se quebram, o sibilo das ballas homicidas, as ameaças dos guerreiros que fereem, os gemidos d'aquelles que espiram, espantam os echos do valle acostumado a repetir os estribillos do pastor tímido. Os combatentes não são numerosos; mas a sede da carnagem os devora; nenhum pede a vida, nenhum procura dar golpes que não sejam mortaes. Dois amantes podem apertar-se ternamente nos braços um do outro para se prodigalisarem as mais agradaveis caricias; mas nunca o amor suspiro pelos ternos favores da beleza com o fervor com que o odio anima dois inimigos que vão abraçar-se n'um fatal aperto.—Consiguiram elles agarrarem-se, suas mãos já não deixarão a presa: os amigos procuram-se e separam-se; o amor ri de uma cadeia duravel; aquelles que o odio reunio são unidos até á morte.

(Continúa.)

maravilhas, como se tem continuado a operar no vasto campo dos humanos conhecimentos. Vamos contemplar uma das mais brilhantes fases da civilização, vamos admirar o esplendor do século 17º, importante e verdadeiramente celebre epocha da historia da civilização e do progresso da humanidade.

(Continua.)

S.

A gruta—Holland—House.

(Romance historico por Arthur Rosa.)

Na nebulosa e soberba Albion, existia um lindo e aprasivel castello chamado—Holland—House, no qual se exilavam grandes homens, ou por crimes politicos ou por vontade propria; ahi elles vinham gosar a paz do espirito e do coração, e aproveitavam as horas vagas para compor seus romances, poesias, e obras politicas; assim essa gruta, outr'ora habitação de uma variada vegetação e de innumeros passaros que com seus maviosos gorgeios acordavam a natureza do lethargo em que jasia, se havia tornado um refugio seguro para esses desherdados da fortuna e da protecção regia.

Holland—House, era uma habitação encantadora; n'ella existia tudo quanto era confortavel e aprasivel ao homem desgraçado; n'ella existiam camaras de reis, quartos para embaixadores e para poetas, emfim lord Holland á quem pertencia tão magnifica propriedade, não se furtava á despesas, e com dedicação e amor brillantico, tratava os seus hospedes ás mil maravilhas.

Alguns moradores de Holland—House, esperavão no portão principal da habitação o nascer do astro rei, que pouco á pouco rompendo os espessos nevoeiros apparecia lançando aqui e acolá alguns lampejos; então esses pobres exilados largavão um suspiro cadente, que o vento ao açoitá-los os tristes aciprestes que rodeavão a gruta, levava além do oceano e tacito e sereno depositava nos labios da triste esposa, da saudosa filha, do venerando pae, aquella preciosa fragancia que atravessando os mares se santificara duas vezes e se tornara um iris de bonança e de paz para aquelles corações ralados de desespero pela ausencia de entes tão caros que lhe haviam tirado á força do lar sagrado da familia; outros que tambem ahi habitavão, já cansados de esperar na Providencia e nos homens, amaldiçoavão a luz do astro que ia pôr patente as suas infelicidades e cheios de desanimo, largavão um brado cheio de scepticismo, como lord Byron.

Essa gruta tão celebre, já não tem o mesmo nome, hoje chamão-n'a a gruta de Samuel Rogers, porque elle ahi compôz as suas melhores obras, taes como: *Os prazeres da Memoria e da vida humana* e finalmente a *Jacqueline*.

Este foi o primeiro escriptor que morreu na gruta de Holland «House e que deu seu nome a ella. Depois d'elle moraram outros muitos que iremos notando, no decorrer do presente romance.

Van Dyck, o aventureiro discipulo de Robens, havia habitado ahi por algum tempo, onde pintou tres ou quatro quadros sublimes, que o tornarão emulo de Ticiano, o auctor do *Martyrio* de S. Pedro e da *Ceia*, obras de grande valor artistico, que elle compoz no tempo de Carlos 5º, e em cuja composição gastou 7 á 8 annos.

Villiam Penn, celebre legislador inglez gosou tambem por algum tempo dos prazeres de tão agradavel habitação.

Penn, filho desse general illustre que dedicou-se a causa dos Stuarts; Penn que esteve duas vezes preso na Irlanda; Penn que foi espulso da casa paterna, por causa das suas opiniões em materia religiosa, sim, esse Penn, durante tão amargo transe veio procurar um refugio em Holland House, donde sahio feliz, em consequencia de haver herdado um milhão e quatrocentos mil francos.

Addison, ex secretario de estado, era companheiro de Penn e juntamente vivião nesta aprasivel morada, que tinha em si o dom de attrahir para ella as capacidades e os talentos mais notaveis da epocha.

Addison, foi quem fundou o direito da imprensa, bem como foi um dos primeiros que publicarão revistas, pelo que era conhecido pelo appellido de *avó das revistas*, trabalho este que encetou no seu jornal intitulado—*O Spectador*. Tambem compoz por esse tempo uma obra que tinha por nome *Catão d'Utica*.

Este velho desgraçado não só pela morte da rainha Anna, sua protectora, como tambem pelo seu consorcio, achou um refugio em Holland—House, onde acabou seus dias, deixando incompleta sua obra denominada—*Defeza da religião Christã*.

Ah! quantas lagrimas, quantos saluços, não recebeu essa celebre gruta, que por tantos annos foi o conforto de tantas almas cançadas de padecer.

Addison, o pobre e infeliz Addison, abandonado de seus protectores, da sua propria esposa, chorava noite e dia, e não encontrava allivio algum, porque em sua alma não existia sequer um atomo de fé; seu coração estava paralisado pelo grande soffrer, e só nelle existia o desanimo, a descrença; a vida para elle era um martyrio, e sabe Deus quantas vezes não lhe veio a mente a idéa aterradora do suicidio, mas Deus sempre bondoso lhe sosteve a dextra criminosa e lançou-lhe no fundo d'alma um raio de luz, que dissipou as trevas que obscureciam aquelle coração magnanimo.

Addison, sentiu reanimar-se o fogo do seu genio e disendo adeus ao scepticismo que lavrava em sua mente, concentrou

tudo o seu pensamento na religião do Crucificado e regenerou-se completamente.

Rosseau tambem julgava que o homem não tinha necessidade de ser religioso para viver bem, porem depois recontratou-se e disse o seguinte: «Acreditei até certo tempo, que se podia ser homem de bem sem religião; mas hoje estou bem desenganado desta opinião erronea.»

Chardin, notavel pelas suas viagens á Persia, tambem habitou o castello de Holland—House.

Elle era de origem franceza; em sua mocidade esteve na Persia, onde se demorou por muito tempo, por motivo de commercio, e depois de ter enriquecido, voltou á sua terra natal; mas sendo protestante não pôde demorar-se muito em França, que ainda seguia as idéas absolutistas e ultramontanas, viu-se pois obrigado a retirar-se para a Inglaterra, onde havia liberdade de culto e se prestava homenagens a rasão humana, que sendo nosso guia neste mundo não devemos desprezal-a, para sujeitarmos-nos a paixões e caprichos d'outrem.

Chardin, firme nestes principios que tem toda a sua base na liberdade de consciencia, encaminhou-se para a patria querida de Alfredo o Grande, de Cromwell, e lá foi recebido de uma maneira benigna por Carlos 2º, que o nomeou ministro plenipotenciario nos *Estados de Hollanda*.

Cousa notavel! a patria repellia-o, e uma nação estranha o recebia como seu filho e o encarregava de uma missão importante em um paiz estrangeiro, que continuamente estava em luta com todas as nações e especialmente com a Inglaterra, sua rival nos mares, e aquem pretendia exterminar, afim de auferir vantajosos lucros de suas mercadorias.

Chardin não podia ser compensado melhor do que foi, e os seus serviços nunca ficarão em esquecimento.

Antes d'elle dirigir-se á Carlos 2º, impetrando a sua protecção, já havia morado n'esta celebre gruta, onde tinha-lhe nascido uma filha, e onde havia começado a narração de suas viagens, que vieram á ser tão apreciadas na França, não só por que era escripta em estylo corrente e facil, como tambem porque fez conhecida a Persia de então, que era absolutamente ignorada não só em França, como em todos os paizes da Europa.

Depois de havermos dado succinta noticia, deste homem tão celebre; passaremos a tratar de outro não menos famigerado, que tambem passou dias alegres e bachanaes em Holland—House.

Sheridan, era filho de actor, adéu naturalmente pela educação que teve chegou a possuir gosto para o theatro, e tornou-se poeta dramatico, mas o seu talento, não fica só nisso, pois tambem era homem de estado e habil politico.

Sheridan, é um personagem difficil de descrever-se o character, pois era stoico

como um Zenon, e apaixonado como um Mirabeau, de mulheres bellas e de alta posição, e ainda tinha os apêndices de jogador e crapuloso.

Sheridan, é innegavel, era um homem de genio, porem cheio de vicios e virtudes, como a maior parte dos homens.

E' lamentavel que homens dotados de faculdades superiores se deixem levar por vicios tão perniciosos, mas é uma verdade e verdade bem triste, especialmente na velha Albion, onde vemos um orador da força de Demosthenes, o grande Pitt, um poeta sublime, que creou uma nova escola, Byron, o infeliz Byron, que nasceu para a gloria e o infortunio; sim, estes dois genios que tinham em si a corda da eloquencia e da poesia, forão encontrados muitas vezes, nas nebulosas ruas de Londres, trocando as pernas e com a cabeça pelos ares, apesar do primeiro ser presidente, e o segundo secretario da sociedade denominada—Temperança.

Triste realidade para o homem, que apesar do seu orgulho; tanto se abate e iguala-se aos animaes!

As principaes obras de Sheridan, são *Riaves da Dona, e a Escola do Escandalo.*

Sua vida foi uma lucta continua contra a mi seria; até no leito da morte não deixarão tranquillo, pois lá mesmo os officiaes de justiça forão cital-o; o proprio cadaver foi assaltado por uma quadrilha que o queria, prender e roubar foi necessario que lord Holland, pagasse uma somma, aliás avultada para que tirasse seu cadaver das mãos dos guardas do commercio da *bolsa alheia.*

(Continua.)

Tu.

Mon Dieu ! vos dons toujours dépassent vos promesses !
Lamarine.

Tu és bella, bella, bella,
Bella, bella, sem rivaes:
Tens uns olhos requ-brados
De requebros naturaes;
Uns labios que dizer sabem
Palavras angelicaes.

Tens longos, longos cabellos,
Cabellos de loura côr,
—Formoso lenço que enxuga
Os prantos do Criador—!

Uns olhos que não são negros,
Que côr de céu tamb m não;
Nem são verdes, d'esperança,
Mas cratera d'um vulcão—
—Desse vulcão dos amores,
Que se chama—coração !

Uns labios ! ah ! quem me dera
Em beija-flor me tornar,
Para nelles fazer ninho,
Enã n'elles me aninhar !

Tens uns dedos lindos, lindos,
Uns dedos de breve mão,
Que sabem ferir, co'a setta
De cupido, o coração;
Uns dedos que m'agrilhoão
Mesmo frageis como são !

Tens um pé tão pequenino !

Rola semelhas no andar,
—Anginho que s'equilibra,
Que s'equibra no ar—!

Um rosto, meu Deos ! que rosto
Coberto de branca tez,
Onde se pinta mimoso
D'algun anjo a pallidez;
Onde a rosa desmaiada
Consortio co'a neve fez !

Se tu ta ris—és aurora—,
Si os olhos abres—és sol—,
E's brisa—si tu suspiras—,
Si tu cantas—rouxinol—!

Além de tanta belleza,
Que tu só tens, mais ninguem,
O que mais prima é tu'alma,
—Que tantos perfumes tem,
—Onde Deus—cultor eterno—
Planta a semente do bem—!

És tão linda que eu receio
Ficar em brava sem ti:
Não demora Deus na terra
Os entes que quer p'ra si !

Diz agora, ó minh'amada,
Se não tem ou tem razão
De viver, morrer por ti
O meu pobre coração,
Onde amor, qu' s' aninhava,
Cedeo o ninho á paixão.

3—8—75.

Joaquim R. Gonçalves.

Lamentos.

Perdeo minh'alma a derradeira crença,
Que differença sinto agora em mim ?
Pois vivo hoje como vive um verme,
Longe do mundo a velar assim.

Longe, bem longe de um astro bello
Que paíra solto n'ampidão terrestre
Meo peito arfando d'um amor infundo
S'encima agora a um feral cypreste.

Ai ! quam bem triste me tem sido a vida,
Que tão afflicta passo agora só !
Ai ! que torturas que eu sinto n'alma
Fazendo a alma s'enlutar de dó !

Viver a vida qual eu vivo agora,
Quizera antes nunca ter vivido,
Porque jamais experimentado havia
Torturas grandes, quaes eu hei sentido.

Mas já é morta a derradeira crença,
Que differença sinto em meu viver !
Eu já não vivo, só vegeto apenas,
E assim prefiro, será melhor morrer !

Kirmayu.

SOMA. Protesto.

(À FILOCA.)

Ainda mesmo, mulher, que, separados,
Meu corpo vague na extenção dos mares,
Aqui had'ficar, has-de vér sempre
Uns olhos amorosos que ta seguem,
São meus, são meus olhares.

Não fojas delles, fita os com enlevo
Bem doce, como ovtr'ora tu fitavas,
Deixa a fronte cambar sobre teu seio,
Molha teus olhos de saudoso pranto,
Como d'antes molhavas.

A' noite, se dormires, e em teu somno
Julgares ver abrir-se do teu leito
As candidas cortiñas e um soluço
Ferir-te o coração; não é mentira,
E' delle, é de meu peito.

E' de meu peito, mulher, qu' embora longe
Sempre junto de ti elle estará,

E que quando bem perto a morte sinta,
No teu seio um asylo casto e santo—,
Por Deus, procurará.

1875.

A. Q.

Epistolas a Porporato.

1.ª

(Continuagãdo n. 5)

Era n'este local que mui compacta
Multidão d'individuos concorria,
A esperar o momento a hora exacta
Que ao toque da sineta se annuncia,
Ao theatro chamando a gente coacta
Pelos gozos, qu'a recita promettia,
A entrada franqueando á turba multa
Que defronte da porta muito avulta.

O momento d'entrar s'aproximava
Quando os passos p'ra lá encaminhei.
Já o dono da empreza preparava
Um foguete na mão; que lh'encontrei;
Vendo assim que o tempo me doava
Doce instante que nunca desdenhei,
Pôr em pratica quiz as minhas labias
Na giria dos ladrões tidas por sabias.

Eis a c'usa porque do gabinete,
Qu'á entrada se acha situado,
Me cheguei p'ra comprar um só bilhete
Que me desse o ingresso desejado;
Pois aquelle qu'ousado s'entromette
Na filancia do proximo, o cuidado
Deve ter d'um instant' não deixar
Em que o genio seu possa arriscar.

No momento em que me preparava
P'ra tarefa, de roubo appellidada,
O foguete no ar já estalava,
E a sineta tocava p'ra chamada
D'essa gente que alli estacionava,
O instante esperando da entrada,
E que agora introduz-se com denodo
O recinto do theatro enchendo todo.

Foi em meio d'esse povo que transpuz
As portinhas do n'bre the-trinho,
Cujos aspectos decente me seduz
Muito seja, embora, acanhadinho;
Uma idéa na cachela me transluz
De ser este p'ra mim um doce ninho
Onde ovos não ache, mas dinheiro,
Que as mãos encher possa ao bandoleiro.

Oh ! que goso senti, quando sentado
Já nos bancos compridos da plateia
Bem juntinho d'uma moça collocado
De rouba-la concebo a doce idéa !
Não a ella, mas sim do penteado
Essas joias que o luxo lá semeia,
E qu'esperança e cebo d'embolçar
Se consigo sem custo as empalmar.

Sirva agora esboçar d'essa deidade,
Da qual só perto estive por instantes
Um retrato qu'imite na verdade
De seu rosto as feições tão fascinantes;
E pedindo perdão da liberdade
De em versos retratal-a d'ssonantes,
Vou na téla seus traços desenhando
Como vai minha mente recordando.

D'um oval s'u rosto mui perfeito
Tem do liz a bran-ura resplendente,
E nas faces as rosas com effeito
A cor sua nos mostram rubescente;
Os seus olhos bem negros vão no peito
Ateando desejo mui ardente
Do mortal que s'atreve a contemplar
Os reflexos brilhantes d'esse olhar.

Os seus labios de nacar purpurino
Tem da flôr o tecido avelludado;
Doce halito exhalando tão divino
Que parece dos ceos ser emanado;
De marfim os seus dentes superfino
N'um sorriso se mostram engraçado,
Quando a bocca descerra, que mimosa
Zelos mui causar pode á propria roza.

Em madeixas revolto seu cabelo
Ao capricho da moda feiticeira,
Sob os hombros lhe cahe como um novello...
(Não repares, por ora n'esta asneira);
Seu cabelo, a final, encanto bello,
A cabeça lhe orna tão faceira,
A' belleza servindo de moldura
D'essa fronte d'immensa formosura.

Ha porem nos encantos d'esta diva
Uma cousa pra mim pouco agradavel,
E' o porte e a ma neira muito bliva
Que um pouco não tem sequer d'amavel,
Pois parece a soberba ser mui viva
Na donzella, no mais tão adoravel,
Quando os olhos na gente vai fitando
Levemente es sobrolhos enrugando.

(Continúa.)

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão 1º de outubro de 1875.

Troca de nomes—A festa de N. S. do Desterro—Festa de Santo Antonio do Egipto—Piffo—O perdão dos Bispos—Fagundes Varella—Rubem Tavares—Vascolhadella—A Igreja de N. S. dos Remedios—O Sr. Formilli—O Athenue Maranhense—O Sr. Martins Costa—A Idéa—O Sr. Arthur de Azevedo—Despedida.

Caro Confucius.

Do fundo da minha alma, te saúdo, caro e estimado Confucius, e cheio de jubilo vetos faço para que não me abandones tão cedo, como o nosso estimavel A... que de *mechado* arrebitou; animo! não esmoreças, que tudo se vence e se consegue quando se tem vontade inabalavel: auxilia-me com as tuas missivas e refresca o publico sensato com as tuas *borrifadellas* de pena de pato, enscapada de sal e alcatrão, proprias para fazer arrip ar carreira aos moços do *bom tom*.

A... desgostoso da vida public, retirou-se a vida privada, qual Alexandre Herculano, que pelo mesmo motivo, de descriptor tornou-se agricultor.

Ah! eu só tenho saudades d'aquellas phrasas cheias de almiscar, com que o collega me minoseava sempre: *Ne semper lilium florit*.

Mas Confucius, donde fostes buscar este nome *simplicior* que me faz rir a doer a barriga? E já que me inoculaste este mal no cerebro e nos quixos, vou-me methamorphosear em Democrito, que, como tu sabes, ri-se de todos e de tudo.

Ah! Ah! Ah! arre! que o mal me pegou de veras.

Tu, então, és Confucius, philosopho chinês, e eu Democrito, philosopho grego, o primeiro é serio com uma *torpa*, o segundo é risorho como um *marreco*. Apoiado, não ha novidade.

Que abra o olho o cel-berrimo 1º andar. Democrito não é José Kebra-Kilos; este era um preito velho que veio fugido, para o Maranhão, da famosa revolução dos Kebra kilos da Parahiba do Norte, e aquelle é um *qantão* que ri de todos e de tudo; do teu folhetim, da tua casaca e até da tua cara.

A festa da N. S. do Desterro estive boa e alegre, apesar das continuas repinacidades e das *ma-viosas* péssimas da prima do 1º andar, isto é da *pan-dorga*.

Domingo passado, houve festa de S. Antonio do Egipto na Igreja de S. João.

Não sei donde inventão tantos Santo Antonios, pois de vez em quando ha uma festa deste santo. Isto já toca a *caçoadá*, a policia devia intervir em semelhante d-voção, que tem mais apparato e vaidades do que verdadeira fé.

Piffo sabiu debicando a certo empregado da repartição... com uma charada que filou da redacção de certo jornal; o negocio não passa de brincadeira, mas brincando, brincando...

S. M. o Impeador perdoou aos *inulytos* e *martyres* D. Antonio, bispo do Pará, e D. Frei Vital, bispo de Pernambuco, a pena que lhes havia sido imposta pelo S. T. de Justiça, a quem Deos guarde, para honra e gloria da nossa terra.

Deus illumine aquelles cerebros caçados pelo amor da religião e pelo soffrimento que tiveram

em tão dura prisão (agradavel), bem como pela fome que lá passarão (vida regalada).

Segundo lemos na *Reforma*, o busto de Fagundes Varella já ser entregue, no salão do conservatorio de musica, a familia do illustre poeta, por uma commissão composta dos Srs. Saldanha Maranhão, Ferreira Menezes, e Carneiro Junior. E' uma homenagem digna a tão eximio quanto infeliz poeta.

O Sr. Rubem Tavares, publicou uma traducção do Chaterton, de Vigni; e dedicou-a ao illustrado e profundo litterato Dr. Gentil Braga.

S. Exc. o Sr. Dr. Abranch-s deu uma vascolhadella nos empregados de varias repartições e sem mais nem menos mandou os plantar favas.

S. Exc. teve ou não teve razão para assim proceder? E' o que não sei: que o digam—*Justus e Justissimus*, que se estão gloriando pela imprensa, a respeito d'esta celeberrima historia de *sahe não sahe, entra não entra*. Porem, em nosso fraco entender, Justus esmagou a *Justissimus* e mostrou com argumentos bem deduzidos as suas incoherencias e injustiças, e pezar de ser *Justissimus*.

A frente da igreja de N. S. dos Remedios está intressante: *nem limpo, nem suja*, ou por outra *meia limpa meia suja*.

Quem teria sido esse *devoto* ou pintor que habilmente quiz debicar o publico com esta nova maneira de pintar?

Chamamos a attenção do encarregado da festa para aquella *palhaçada* inconveniente, que depõe muito contra o gosto artistico dos empresarios de semelhante *bernardica*.

O insigne Sr. Formilli, baritono Italiano, dará no proximo domingo um concerto no theatro S. Luiz; é pena que haja da parte do publico tão pouca animação, mas é de crer que depois do primeiro concerto, as cousas mudem, e então o Sr. Formilli, verá o theatro repleto de espectadores, para ouvirem a sua maviosa voz, que, segundo os jornaes que temos lido, da Corte, Bahia &, é tambem de grande extensão e timbre.

Em vista do testemunho imparcial e insuspeito dos jornaes que dão noticia do talento artistico do Sr. Formilli, nós seguimos ao publico sensato que elle é de grande merito, e que deve-se-lhe dispensar toda a protecção que estiver ao seu alcance.

Nós o comprimentamos, e depois de ouvi-lo, emitiremos a nossa opinião de uma maneira mais circumstanciada.

O Athenue Maranhense, parece-me, que está dormindo ou foi passear, pois perto de um mez que não ha sessão, e a bibliotheca ficou—para inguez ver. Srs. socios, criem juizo, e tenham a bondade de comparecer ás sessões, que não fazem favor a ninguém, e sim a Ss. Ss. mesmo.

O nosso talentoso comprovinciano, Sr. Martins Costa, publicou na corte, uma obra sobre a molestia denominada—*Ainhum*. Os jornaes da Corte têm tecido elogios ao distincto estudante do 5º anno medico da faculdade da mesma cidade. Esta é a segunda obra scientifica que publica o Sr. Martins Costa.

E' já tempo que a mocidade brasileira largue a mania de ser poeta e romancista, e se dedique com afflicção ás sciencias, donde pode vir grande desenvolvimento, especialmente ás sciencias naturaes que são tão necessarias em um paiz dotado de uma vegetação soberba, cheio de minas, e onde no emtanto não temos um naturalista, um botânico, sendo necessario que venha um Agassis estudar o nosso sólo, para dizer o que nelle existe, porque nós á tal respeito somos tão ignorantes como um café ou um h tentote.

Não fallamos d'aquelles entes privilegiados pela natureza, que, quando nascem, trazem já o germem da poezia enfiado no cerebro, e que desenvolvidos, pela instrucção, derramam endeixas maviosas que ne encanta a alma: não, desses não fallamos; nos referimos aos *postrastos* feitos á martello e bigornia, porque esses moços entendem que só sabendo se fazer um soneto ou uma balada de pé quebrado, é que pode-se ter um nome invejavel: isto é que eu chamo mania, meu caro Confucius.

O Sr. Martins Costa publicando a obra que aci-

ma noticiamos, deu um bello exemplo á mocidade brasileira, não só de applicação e amor ao estudo, como tambem de dedicação á sciencia. Nós o cumprimentamos e esperamos que continue a carreira que brilhantemente encetou.

A *Idéa* distribuiu o penultimo numero da segunda serie. E' um jornal que merece as honras de uma leitura, e a coadjuvação de todos os brasileiros que se interessam pelo progresso scientifico e litterario do paiz.

O Sr. Arthur Azevedo, distincto cultor das musas, tem recebido encomos de varios jornaes da Corte, Bahia e Pernambuco, que o recommendão como poeta satyrico e de fino trato.

Nós cumprimentamos o distincto auctor das *Horas de Humor*, e anciosos esperamos os seus *Sonetos*, que, segundo nos consta estão no prelo.

Meu caro Confucius, por hoje aqui faço ponto e vou desançar um pouco,

Acceta um abraço d'este teu impagavel
Democrito.

IMPRESA.—Recebemos ultimamente os seguintes jornaes: *Artista* (da Bahia) *Lucta*, *Diabo a Quatro*, e *Navalha* (de Pernambuco) *Imprensa*, *Semanario* e *Floresta* (do Piahy) *Lirio* (do Ceará).

A *Navalha*, recentemente publicada, é, como o está dizendo seu titulo, um jornal satyrico.

Desejamos-lhe vida feliz, e agradecemos-lhe a remessa.

O *Artista* é um jornal illustrado, que honra a sua terra: é o que nos parece pela leitura do n. 11 que recebemos. Nella sobresahe um artigo assignado pelo Sr. Xavier Junior, que em poucas palavras deu provas dos seus conhecimentos e talento. Logo que despozermos de espaço transcreveremos, afim de que os nossos leitores tenham occasião de conhecer a verdade destas nossas palavras.

O correspondente do *Paiz*, no Rio de Janeiro, tratando do nosso humil jornal, disse o seguinte:

«Sobre o periodico *A Mocidade*, que, sob a redacção de moços estudiosos e intelligentes, começou a ser aqui publicado, esreviu o *Globo* as seguintes palavras que muito o honram:

«Do Maranhão recebemos os dous primeiros numeros do *Mocidade*, jornal litterario, critico e noticioso, redigido por uma associação, e do qual o primeiro numero sahio a luz no dia 1º de agosto proximo preterito.

«E' uma empreza nascente que revela, que sazoados fructos ainda poderá dar, se os obstaculos que, sem duvida, tem de vencer não lhe entorpecerem a mar ha.

«Fazendo votos para que ella progrida sempre vantajosamente, felicitamos aquella illustrada provincia por contar em seu seio com mais este orgão de publicidade, que nos minoseará com trabalhos litterarios tão valiosos, sinão mais, como os que se lêem nos dous primeiros numeros, cuja recepção accusamos e agradecemos cordialmente».

«A *Reforma* de ontem gastou palavras de louvor com a *Mocidade*, palavras que fez suas o humilde *escrivinhador* destas cartas».

As palavras da *Reforma*, a que se refere o mesmo correspondente são estas:

«A MOCIDADE.—Recebemos os primeiros numeros de um periodico litterario assim denominado, e que se imprime na capital do Maranhão.

A *Mocidade* é uma publicação que attesta a applicação de seus jovens redactores.

Os numeros que temos á vista contem artigos em prosa e verso dignos de leitura.

Desejamos larga vida ao contemporaneo.»

De coração agradecemos não só as distinctas redacções, como tambem ao *heroe* correspondente do *Paiz*, o Sr. Eloy, os elogios que por bondade nos dispensaram. Ainda que não merecidos, ellos hão de servir ao menos de estimulo para nós: o *Globo* e a *Reforma* são dos principaes jornaes da Corte; basta isto para honrar-nos com suas palavras.

ERRATA.—No artigo *Perfectibilidade humana* publicado no n. antecedente, em lugar de *circulação*, á pagina 2ª, columna 1ª, linha 31, lêa-se *civilisação*.

M. r. nhão.—Typ do «Paiz».—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adianta 'as—2\$000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Domingo 10 de Outubro de 1875.

NUMERO 8

A MOCIDADE

MARANHÃO, 10 DE OUTUBRO DE 1875.

A sciencia.

A sciencia, «esse guia que, como disse d'Aguesseau, tão fiel como ligeiro conduz o homem de paiz a paiz, de reino á reino; que lhe descobre as suas leis, costumes, religião e governo; que fal-o voltar—carregado dos despojos do Oriente e do Occidente; e que juntando as riquezas estrangeiras á seus proprios thesouros parece ter-lhe ensinado tornar tributarias de sua doutrina todas as nações da terra.» a sciencia, dizemos, deve ser o unico alvo do homem, deve ser o thesouro por elle ambicionado, a ventura que elle deve gosar no mundo durante o seu passageiro existir sobre a terra. Mas infelizmente assim não é!

A sciencia, entre nós, é despresada, e o homem, louco, só corre atrás dos prazeres, dos gozos mundanos, desses vis seductores do seo espirito, desses ruins detractores de seus bons sentimentos.

Poucos são os que fazem o contrario!

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de

(Continuado do n. 7.)

O sabre de Hassan, quebrado até aos copos, fuma ainda do sangue, que elle derramou. Sua mão retém o feroz fle ferro que servio mal a sua vingança, sua mão está separada de seu corpo, seu turbante cortado nas suas mais espessas pregas, rola na areia. Sua tunicca, despedaçada pelo gume de um montante tomou a cor vermelha d'aquellas funestas nuvens da manhã, que vem annunciar-nos um dia de tempestade. Cada arbusto, manchado de sangue, traz um pedaço do seu palampore; seu peito está coberto de feridas; elle está estendido por terra; com o rosto voltado para o céu; seus olhos, ainda abertos, ameaçam seu inimigo, como si a morte lá tivesse deixado sobreviver o odio.

Sim, poucos, porque os outros só queimão incenso nas aras desses falsos numes, deixando entretanto de fazê-lo no santo altar da sciencia! E é por isso que em lugar de vermos o progresso, vemos o atrazo!

—Como foi que a França conseguiu gosar do renomé de uma das primeiras nações Europeas?

Como é que também o gosão a Inglaterra, Hollanda, Hespanha, e outras nações?

Como é que os Estados-Unidos gosão do alto epitheto de primeira nação das Americas?

E' porque os seus filhos buscão e prezão a sciencia; porque elles considerão que é esse o unico e inexaurivel thesouro do homem, o unico intermediario das outras felicidades.

E' que elles conhecem que obtido esse, tudo o mais é facil; para nada ha obstaculos!

E' que elles considerão que aquelle que consegue trilhar a verdadeira senda da sciencia, com a maxima facilidade consegue trilhar outras, que, antes de ser trilhada aquella, parecião difficeis!

Esse inimigo está lá a contemplal-o; sua fronte é tão sombria, como aquella que está coberta com as sombras da morte.....

Sim! a terra está rebultada debaixo das vagas; esta terra ensanguantada será o tumulo de Hassan! A sombra de Leila guiou o ferro que atravessou este coração perfido. Elle chamou o propheta, que não ponde arrancal-o ao meu furor; elle invocou Allah; sua supplica foi desdenhada. Insensato, tu não escutaste as supplicas de Leila, e tu querias que se respondesse a tua? Eu soube prever tudo; eu ganhei estes soldados rebeldes, para punir um traidor inimigo; a sede de minha vingança está satisfeita. Eu parto, mas parto só.....

Ouve-se tocar as campainhas dos camellos em suas pastagens. A mãe de Hassan olha p-la grade da sacada e vê o orvalho que cahe sobre as verdadeiras campinas; ella vê empallidecer as estrellas ao aproximar da aurora: Eis aqui o dia, diz ella; Hassan não deve estar longe.

Ella desce para o jardim; mas entregue a uma inquietação desconhecida, ella sóbe á torre a mais elevada, e dirige de lá seus olhares para as montanhas. «Porque razão não chega elle? Nada detem a velocidade de seus cavallos; elles não temem os calores do verão. Porque razão o noivo

E de facto assim é!

E' o homem de sciencias, diz Lactelle, o alumno da natureza; tudo o que ella offerce de bom, de amavel, de grande reflecte-se, combina-se, e fecunda-se em sua alma; elle só parece viver para receber e communicar essas bellas emoções, cujo principio, meio e fim é a natureza!» O homem de sciencias, o que dispõe de conhecimentos é acatado—é respeitado.

Para «o homem de sciencias, diz La Harpe toda verdade é uma conquista, toda obra—prima um monumento!»

E demais consideremos:

Esse bem, esses conhecimentos que o homem adquire, não revertem propriamente só em seu beneficio, revertem também em beneficio de seu paiz natal, porque sendo á elle ligado por esse santo laço que se chama—amôr de patria—, por elle se esforça, e se interessa!

Emprega todos os meios ao seu alcance para engrandecel-o, e consegue-o. Consegue-o, porque nada lhe é difficil, nada para elle tem obstaculos!

Impavido tenta, e glorioso alcança o que deseja!

não iranda o presente prometido? E' o seu coração que eu devo accusar, ou a preguiça do seu corcel? Mas eu não tenho razão: Eis vem Tartar, que já está no cimo da ultima montanha; elle segue o atalho, que conduz ao valle; eu avisto no arção de sua sella o presente que meu filho me envia... mas seu mensageiro caminha muito vagarosamente; ig ora elle que eu poderei, por minhas liberalidades, recompensar sua pressa e as fadigas da sua longa viagem?

O Tartaro apeia-se à porta do castello; elle vacilla. Lê se na sua fronte bronzeada a expressão da dôr, é talvez um effeito de seu cansaço; gotas de sangue mancham seus vestidos, mas talvez é o sangue que a esp' sua fez correr dos flancos do seu corcel. Elle descobre o presente occulto debaixo do seu capote... Anjo da morte! é o elmo despedaçado de Hassan, seu calpa despedaçado, seu cafetam ensanguentado!

Ten filho desposou uma fatal noiva, disse elle; se eu fui poupado, não é a piedade que obteve minha graça; reservaram-me para o prazer este presente ensanguentado: durma em paz o bravo que succumbio! Maldito seja o Giaour! é elle que é o assassino!.....

(Continúa.)

E d'ahi o verdadeiro prazer!

E' essa, pois, a razão porque dizemos que a sciencia deve ser o unico alvo do homem, deve ser o unico thesouro por elle ambicionado porque depois de granjeal-o, cabe por terra o marasme; surge deslumbrante o progresso, bate-lhe á porta felicidade e só elle predomina! Infelizmente entre nós ainda isto não succede!

F.

Somno de virgem.

Branda e taciturna corria a noite de... na nossa tão pitoresca cidade de S. Luiz, e no manto das trevas os seus felizes habitantes envolvia.

Eu velava... mas, oh! felicidade inaudita! em companhia de estrelas refulgentes onde sobressahia a minha Sirins!

O vigilante das trevas, Morpheo, ia surratamente privando aos que vigiavam do uso dos sentidos.

Sim, vigiavamos, porque estavam n'esse dia velando sobre um innocente...

Assim pois convinha que ao menos uma pessoa opuzesse contumaz resistencia as seduccões de Morpheo. A mim foi destinada essa tarefa, se bem que não tivesse prévia declaração.

Engolphados nas entranhas da noite increada os meus companheiros de vigilia me havião legado os seus postos.

Todos, excepto eu, jazião abysmados no mais profundo lethargo!

Quando me vi só, entre tantos que procuravão descansar seus membros fatigados da noite antecedente de vigilia, ligeiro olhar volvi sobre esta scena, que era a primeira vez que contemplava.

Nem sequer, porem, um breve exame pude n'esse momento fazer, porque todas as minhas attentões volverão-se para um só ponto—para a rede em que de leve reclinada repousava a virgem da minha alma!

O meu posto bem cedo abandonei dejetado por scena tão sublime, e para que de perto sentir pudesse aquelle respirar tão brando... tão mellifluo... aproximei da rede a minha cadeira.

Suaabelleira basta e acastanhada que o manso zephiro apenas mover ousava, em parte lhe cahião sobre o ofegante seio alabastrino; seus olhos, que são pretos, porem vivos e scintillantes, erão occultos por delgados cilios que não deixavão ver o fogo que delles expandia; seus nacarados labios os quaes quizera eu que me dissessem: «*eu te amo*» encobrião um bello renque de marfim mimosamente talhado; seu seio, que de continuo arfava, deixava idealisar-se o que dentro se passava; suas mãos, d'onde sabião finos dedos quaes hastes de crystal, jamais encontrão competidoras em perfeição e lindeza, e n'esta occasião servião de arrimo a gentil cabeça; sua cintura—de airosa fada—

era graciosamente abraçada pelo elegante vestido; de seus pés, que mais lindos não vi, quasi que por aquelle me era roubada a contemplação.

Eis em breves traços essa virgem tão meiga e tão formosa que, nesse tempo, de leve tocava na idade da illusão, essa deidade que ia em breve prehencher o seu terceiro lustro, mas que em meu peito já havia feito germinar o ardente fogo de inextinguivel paixão.

Assim como em um sonho de delicias, que arrebatava, confunde e eleva o homem acima da sua esphera e faz seu pensamento vaguear pela vasta estensão de um mar de felicidade; assim enlevado me achava por ver que tudo isto não passava de feliz realidade, e cada vez mais eu o anjo contemplava as formas tão mimosas com que Deus lhe dotava.

O meu rosto á sua fronte unir queria para n'ella gravar ardente beijo, mas tive medo de despertar a linda virgem embalada no somno da innocencia.

De manso me cheguei, porem, um pouco, para ver se aquelle suave respirar, alguma cousa podia descobrir que dissesse-me por onde errava aquelle pensamento de anjo!

N'este estado então, tive ciúmes da innocente brisa que bafejava-lhe o rosto,—obra prima de Deus; da luz que preguiçosamente dardejava seus frouxos raios sobre esse conjuncto de bellezas, que tão avidamente contemplava.

Resoluto, uma de suas mãos que negligentemente pendia lhe sobre o peito ia afinal tomar para depositar-lhe um beijo—symbolo do meu amor,—mas o meu beijo de fogo iria no seu puro coração derramar o terror e assim me privaria do bello painel que me arrebatava.

Semelhante ao usurario, que contemplando a sua riqueza, conta e reconta as aureas moedas, das quaes só o frio golpe da morte o poderá separar, eu com os olhos cravados n'aquella joven, examinava todos os seus movimentos e n'elles como nas suas formas só descobria novos atractivos, que servirão para mais corroborar o meu amor. Mais ainda a morte pode separar o usurario da sua riqueza, e o meu amor nem a morte poderá extinguir.

Por muito tempo estava eu cabindo de pensamento em pensamento quando uma leve vertigem em seu corpo descobri; o que seria?

Era a virgem, que quebrando as cadeias do terrivel filho da Noite, voltava a fazer-me companhia na vigilia: despertava de um somno de rosa!

Essa virgem tão meiga, tão pura—Indlla—é o symbolo da belleza, da candura e da innocencia.

Anisio.

Trabalhemos.

O seculo XVIII sumindo-se nas alvacentas brumas do passado, ainda envolto no sudario sangrento de uma immensa revolução, legou ao seu successor um futuro preñado de acontecimentos gloriosos e de brilhantes epopéas.

Os Voltaire, os Rousseau e os Mostesquieu hasteando em suas mãos o estandarte do progresso, mostraram á humanidade a senda que a devia conduzir á perfectibilidade.

Esse estandarte, que empunharam os neophilosophos do seculo XVIII, tremulando nas mãos ensanguentadas dos Marat e dos Robspierre passou ovante por toda a Europa, ouvindo de um lado o rugir frenetico das tyrannias que viam seus thronos alluirem-se ao sopro do furacão revolucionario; de outro o rumorejar do vento gemente por entre os esteios da guilhotina onde o sangue de um neto de Luiz IX acabava de lavar os erros de seus avós, e remir a sua fraqueza.

Mais tarde, depois de percorrer os plainos de Marengo, Austerlitz e Wagram por entre o fumo dos enrubicados canhões do vencedor de arcola, depois de acompanhá-lo por entre os gelos da Russia, depois de ouvir os gemidos dos agonisantes de Waterloo e deixar nas inhospitas plagas de Santa Helena encadeada em arido penedia a aguia da Corsega elle atravessando as inquietas vagas do Atlantico veio assistir a communhão de liberdades dos povos sul americanos!

A humanidade, com os olhos fitos no futuro, tem comprehendido que o homem na ordem dos seres creados é o primeiro, e que a sua intelligencia o torna quasi igual a Deus e a ninguem inferior.

Do conhecimento desta verdade, por certo têm emanado todas essas tentativas gigantescas que marcam a passagem do homem pela terra.

Os milagres de James Whatt, Fulton e Robert Stephson fizeram comprehender ao homem que não é sómente o politico que pode do fundo do seu gabinete precipitar uma nação sobre outra e esmagal-a sob as ferradas patas dos seus corceis; que não é só o genio militar de Napoleão que pode fazer e desfazer os thronos; que não é só o philosopho e o pensador que podem diffundir a luz dos conhecimentos por sobre as camadas da sociedade;—elles provaram que o homem embora não seja politico, guerreiro, philosopho ou pensador, pode fazer curvar á sua vontade os elementos e sujeital-os ao seu dominio e transformal-os em bens e instrumentos da commodidade de um povo.

Os seculos em que a humanidade curvava-se para receber nas faces a lama; que lhe salpicavam as douradas rodas dos carros triumphaes dos Cezares passaram-se, para dar logar ao operario, ao artista que tendo n'uma das mãos o instrumento do trabalho e na outra um livro, vem pe-

dir conta aos governos que constituiram derribal-os quando não correspondem á sua confiança.

O Brazil, o irmão renegado das nações sul-americano dorme o somno da indolencia, e descuidoso não ouve o ruído da propagação democratica que vae se desenvolvendo. Completamente ignorante é o povo do Brazil; não porque lhe falleça a intelligencia, mas porque a ignorancia do povo é a base dos governos sem liberdade:—quando os que governam são os primeiros a não conhecerem cousa alguma, alem da lisonja e do servilismo, não é muito que o povo esteja por assim dizer envolto nas trevas.

Alguem teve idéa de crear bibliothecas populares onde o artista nas horas de descanso encontrasse o pão intellectual; e podesse instruir-se, tornando-se d'esse modo um cidadão e não o boneco que se move á vontade de um outro mais esperto, ou de uma meia duzia de *artistas* mais habéis.

O povo, ou antes essa vigesima parte que apenas conhece o alphabeto, estou certo, correria pressurosa aos estabelecimentos, se elles fossem em numero sufficiente e de facil accesso. Mas essa idéa era grande e promettedora, trazia consigo grande progresso, por isso teve opposição, e os amigos do throno do altar, os phariseus do templo, que especulam com a ignorancia do povo, procuraram abafal-a, e a criação das bibliothecas, não passou d'uma utopia, d'uma chimera populares,

As escolas nocturnas vão apparecendo, mas com que lentidão? que obstaculos e embaraços não se têm encontrado para a realisação de tão importante melhoramento social?

Oh! esses hemens que especulam com a ignorancia do povo têm razão em opporem-se a que elle se instrua,—porque o povo sem instrucção não sente o peso, com que se opprime, e somente repelle o jugo quando o peso é insupportavel, emquanto que o povo illustrado conhece os seus direitos, discute o procedimento seus representantes, conhece e sabe reclamar aquillo de que necessita, e não se deixa levar pela ponta das bayonetas de encontro ás urnas.

O povo ignorante é governado, ao passo que o illustrado governa.—Conscios d'esta verdade, os nossos homens de Estado têm descurado da educação do povo; ou antes têm reduzido essa educação a um certo circulo, e este de tal modo disposto que os reflexos da pallida luz que está no centro não podem chegar á circumferencia. A instrucção é sómento para os grandes e os ricos—o pobre e o pequeno podem e devem viver na ignorancia.

A instrucção para o povo, a liberdade de ensino, eis um dos principaes pontos que devem quanto antes occupar a attenção dos que governam. Mas quem nos diz, que a nossa voz sera ouvida por el-

les? Si o não fór, teremos esperanza.— Esperemos. Não sejamos descrentes como Catão; tenhamos fé no futuro.—porque o Brazil ainda é novo, ha cincoenta annos que viu o sol nascer no horisonte, elle já transpoz o arco meridiano, e occaso está proximo!

Trabalhemos e não desanimemos com as agruras do caminho, luctemos porque a victorja da nossa causa é certa.

Xavier Junior.

(Do *Artista* n. 11.)

Meu desejo.

Meu desejo era ver-te ajoelhada
lunta á meus pés, em lagrimas desfeita.
e, n'uma posição, tão humilhada,
negar-te o riso que teu labio enfeita.

Sentiria um prazer, uma alegria
ao contemplar teu rosto amargurado,
teus olhos lindos, onde então veria
o meu amor sublime retratado.

Meu desejo era ser indifferente
ás tuas provocantes seducções
e conservar-te sempre obediente
ás minhas caprichosas intencções.

Quizera ver-te me seguindo os passos
Como o cãozinho humilde o dono segue,
Si mesmo houvesse de transpor espaços
quizera ver-te sempre a mim entregue.

Meu desejo era ter um rico throno
Para n'elle orgulhoso me assentar,
e, nos degraus, em placido abandono
Ver-te, infeliz, meu riso supplicar.

O meu desejo era fazer de ti
o que não faz a criança da boneca
—era pintar tuas faces de carmim
vestir-te de c saca, ou frack ou beca.

Desejo cousas muito extravagantes!
mas ninguem mais feliz seria que eu,
si tu me desses *hijos* delirantes
e eu cobrisse aqui s mãos o rosto meu.

Oh! como o meu amor grande seria
cóm essa tua tristonha humilhação!
Eu creio que elle mais redrobaria
Si eu chegasse á negar-te o coração.
1875.

Follet,

Epistolas e Porporato.

1.

(Continuado do n. 7.)

Já o rosto da bella descrevi
E só falta sen corpo desenhar,
Essas formas pintando que não vi,
Mas que posso talvez imaginar,
E com custo, por que já medra aqui
O talento da natura disfarçar,

Dando aos olhos em vez de perfeições
Enchimentos de muitos algodões.

Mas trépido... Não ousou começar
Na tarefa difficil, milagrosa,
Da estatura da moça bosquejar
Seja embora, quem sabe? muito airosa,
Porque a moda consegue taansformar
Feios talhes em cousa graciosa,
Capaz sendo em tornar c'um só *postigo*
Em airosa mulher magro cheuriço.

Não prosigo portanto no retrato
Do corpinho da bella donzellinha,
Com receio de que nisto seja *pato*,
Enganado talvez, e pela *anquinha*;
Pois querendo em tudo ser exacto
N'esta duvida abstenho a penna minha
D'ir em versos pintal-o com jactancia
Nas asneiras cahindo d'ignorancia.

Se do corpo não trato d'esta bella
Vou porem dos vestidos occupar-me,
E não creias ser cousa mui singela
O trabalho no qual vou atufar-me,
Porqu'embora fitasse muito n'ella
Meus olhares, não posso recordar-me
Das minucias de seu trajo complicado
Por demais de fitinhas enfeitado.

Mãos á obra; porem minha memoria
Já lembranças evoca não mentidas,
E da mente desperta meritoria
Mil cousinhas no olvido submergidas;
Vou portanto traçar a immensa gloria
D'essas roupas de luxo enriquecidas
Que compradas hão sido com carinho
No faustoso jardim do Gasparinho.

Um vestido na cor amarellado
Cobre as formas da moça tão casquilha,
De variadas fitinhas enfeitado
Qu'a oitava parece maravilha;
Essas fitas d'um verde carregado
Arabescos em forma d'uma pilha
Vão ao longo da saia descrevendo
Aos preceitos da moda obdecendo.

De velludo uma gola debrumada
De lustroso tecido de setim
Sobrepuja á fimbria recortada
Do corpete, qu'a cutis de marfim
Deixa ver pela aberta desenhada
Como um V, que dizem ter por fim
De seu collô ostentar a opulencia
Sem recato talvez, sem innocencia!

N'essa gola se prende uma medalha
Que d'onyx e de ouro foi formada,
Onde a forma d'um S se detalha
Por rubis e topazias esmaltada;
Essa joia, n'um boato que se s'espalha
Por *quantia fabulosa* foi comprada
Do germano Sally na casa rica
Por *maneiras* que a moça não explica.

Se quizesse cada cousa de per si
Do *toilette* pintar d'esta menina,
Não parára de certo por aqui
Arrastado pela musa tão divina;
Mas declaro em segredo, só a ti,
Com vergonha não muito pequenina,

Que pachorra não tenho p' acabar
A pintura qu'ousei aqui traçar

Só pretendo uma cousa inda pintar,
E' o esque da moça seductora
Qu' em tamanho talvez pode primar,
Pela altura que tem ameçadora
N'essas joias que vi lá scintillar
Uma esp'rança depuz enganadora
Que mais tarde o tempo, me mostrou
Falsa ser, quando o logro desvendou.

D'esta moça á direita está sentado
Um mapecho robusto, corpulento
Que bem mostra n'Allemanha ser creado
Pela fella que tem, e pelo acento;
Este joven conversa com agrado,
Declarando mui terno sentimento,
Co'a donzella qu'escuta sem corar
As cusinhas qu'está a declarar.

D'este ao lado um barbaças prasanteiro
Se colloca com muita galhardia,
Individuo que julga qu'o dinheiro
Lhe concede talento e valia,
Pois d'amor proseguindo aventureiro
Nas conquistas, ha muito faz porfia
De render as mocinhas com carinhos
Nome dando aos cachorros *felpudinhos*.

Não m'ngano se julgo ser parente
Do man ebo da moça namorado
Esta nova personagem que contente
Do primeiro se acha junto ao lado,
Porqu' ainda conservo mui presente
Esse nome por elles tão trocado,
Tratamento que julgo ser de primo,
(Grande embora seja o custo com que rimo)

A...

E's acaso a visão encantadora
Que os meus sonhos dourava, de creança?
A visão que sorrindo seductora
Derramava em minha alma tanta esp'rança?

És a mesma visão que a juventude
Me alegras como a aurora a flor do prado?
E' por ti que eu pulsando o alaúde,
Me sinto a outro mundo transportado?

Se és, não me abandones neste mundo,
Não me deixes tão triste e tão sem luz;
Dá-me vida, prazer, amor profundo,
E go Eden com que sonho me conduz! ...

Carlos Pinho.

COLUMN TELEGRAPHICA.

MARANHÃO, 9 DE OUTUBRO DE 1875.

—S. M. o Imperador quer viajar—Um guia nas condições de ser aceito por S. M.—Diversos predios da capital—O Sr. Formilli cantou—O Sr. e as Sras. Riosas—Um folhetinista diz do *chocarrices*—Conselho ao tal *chocarreiro*.

Caro Democrito.

E' chegada a occasião de dar-te minhas noticias e narrar-te os factos mais interessantes que têm chegado aos meus ouvidos nos ultimos dez dias. Ouve.

Sabes que mais? O nosso Monarcha, já aborrecido de presenciar na sua cõrte tanta cousa ruim, e tantas *brilhaturas* do seu governo, pediu 18 mezes de licença para ir distroir, digo, distrair as idéas na America e outras partes mais, mesmo do Brazil, começando pelo Pará, onde quer elle mesmo com os seus olhos ver a grande quantidade de borraça, cacão, etc.

Mas porque não chega S. M. até a nossa Athenas, para ter occasião de admirar tantas cousas dignas do attenção, ou ao menos para visitar alguns dos nossos predios mais importantes!

Palavra, que se elle cá viesse eu iria offerecer-me para ser seu guia, tendo assim occasião de dizer a verdade sobre muitas cousas de que eu desejo fallar.

Dir-me-has: Estás doudo: pois penrarás por acaso que o nosso Monarcha dar-te ia semelhante honra?

—E porque? Não daria a ti, que não estás nas minhas condições para agradal-o. Pois não sabes que D. Pedro de Alcantara ama a diversidade das linguas? E quem melhor do que eu entretieria com elle uma conversação em chinez?

Chama te, pois. Seria o sen guia, e o 1º edificio que elle visitasse haveria de ser a nossa velha cathedral, para quem não chegam os favores do governo. Ah! apreciaria elle com grande admiração o *caseão* preto das paredes, que ha tantos annos não conjugam ao menos o presente da passiva do verbo *caiar* mesmo acompanhado do modificativo *simplesmente*. Parece-me que já o estou vendo aborrecido de ver tanta pobreza, e virar-se para alguém dizendo: *O senhor fica encarregado da limpeza destas paredes, e sair depois ás pressas para outra visita.*

Leval-o-hia immediatamente á nossa *magnifica* assembléa, e para que melhor podesse elle apreciar esse edificio *tão imponente* conduzir-o-ia mesmo pela entrada *principal*, as galerias, onde S. M. haveria de olhar de frente para a sua effigie collocada n'uma *soletasinha tão ridicula*.

—Pois neste beliche (S. M. talvez ainda se julgasse a bordo do seu navio, por isso não te rias da comparação) é que se reúnem os Srs. deputados para discutir sobre os interesses e melhoramentos da provincia?

Aqui é que eu lhe diria, mesmo em portuguez: S. M. não tem razão: nesta casa, só a quarta parte dos que se reúnem é que sabem dizer alguma cousa, mas o resto, Senhor, não está na altura de discutir sobre os interesses da provincia; nem sei mesmo o que vem fazer cá: só fallam sobre fabricas de sabão e cavallos saltos na rua, portanto vê V. M. que lugar nenhum ha mais proprio para abafar as asneiras dos *eleitos* do povo.

S. M. o mais que então poderia fazer era recomendar ao seu ministro uma *reforma* para as eleições dos deputados provinciaes.

Da assembléa passariamos nós ao Lyceo, e então era que S. M. veria cousas interessantes: cada quatro paredes que formam *salões* onde funcionam as aulas, não sei com que haveria elle de comparar. Talvez que sejam mais limpas ou decentes as cocheiras dos seus burros na Tijuca.

—Então (quem falta agora é S. M.) que fazem os meus delegados? Só para as cousas uteis é que não chegam os dinheiros da provincia? Ainda ha pouco observei que estão caiadas ou pintadas de novo umas paredes que cercam uns matos que talvez tenham o nome de jardim; acolá defronte da assembléa.

—E' verdade, Senhor, mas se V. M. tivesse occasião de passar pelo outro lado do jardim, veria que para elle não chegou o favor de uma pintura, pelo facto de não trabalhar defronte uma meia duzia de *eleitos* do povo.

—Aqui está porque não é maior o numero de estudantes que frequentam o Lyceo: se elle funcionasse n'uma casa decente *maleria* de ser mais concorrido, muitos alumnos frequentariam as suas aulas, e d'ahi melhor resultado a colher se.

—E' verdade, Senhor, um *cemiterio bonito* *tambem dá á gente vontade de morrer somente para ir morrer lá.* E sabe V. M. de outra cousa? Uma casa ainda mesmo nestas condições não teria a provincia para Lyceo, se não fosse a generosidade de um frade, que a offereceu ao governo; é verdade que em compensação a está generosidade, o bom do frade maltrata os ouvidos dos lentes e estudantes, todas as vezes que tem de mandar rachar lenha e cerrar madeiras dentro do seu quintal, que, como vê V. M., fica immediato ás aulas: faz assim um barulho tão grande, que muitas vezes não se ouvem as explicações dos lentes. Fique V. M. certo de que os rios de dinheiro só chegam para a sua cõrte, lá é que se põe gastar duzentos contos de reis com um palacio de papellão.

Depois que o Monarcha tivesse visitado esses tres edificios, eu ainda haveria de leval-o ao theatro, onde aproveitaria o ensejo para representar contra o aluguel que os pobres dos artistas, que lá representam pagam sempre que dão os seus especta-

los: 20, 25 e até 50\$ reis, como se esse dinheiro venha enriquecera provincia. S. M. por certo haveria de fazer com que fosse poupada essa despeza ás bolsas d'aquelles que vêm recrear a nossa cidade, desp'za essa, que já está aqui adoptada quasi como lei.

Mas Democrito, já estou me tornando massante, conversemos pois sobre outras consas.

Depois de passarmos tanto tempo sem o menor divertimento, eis que veio o Sr. Formilli proporcionar-nos um meio de distracção, dando no dia 6 deste o seu concerto. Não desgostei de ouvi-lo, bem como aos Srs. artistas que o auxiliaram, e o Sr. Formilli provou realmente que tem boa voz, forte, extensa, etc.

O Sr. Riosas em companhia de suas interessantes meninas veio tambem distrahir o publico maranhense com os seus trabalhos, que, segundo opinião geral, muito agradam.

Hoje (9) terá lugar o primeiro espectáculo, e como amanhã muito cedo será distribuida a gazeta em que esta tem de ser publicada não posso emitir miuba opinião sobre o resultado, que, confio será o melhor possível. Amanhã haverá o segundo espectáculo, e o Sr. Riosas deve contar com a protecção da sociedade maranhense, que far lhe-ha a justiça devida.

Nem serão as phrases inconvenientes do folhetinista do 1º andar que o levarão para o ridiculo, tanto mais quanto o *Diario*, jornal em que o mesmo folhetinista escreve, acaba de declarar em o seu nº 651, que o tal folhetim é escripto em *tom chocarreiro*, exercendo a critica a seu modo. E como quem escreve em *tom chocarreiro* não deixa de ser mesmo um *chocarrinista*, segue se que o *Diario* classifica o seu folhetinista de *bobo*, que se *mete á bulha*, & ou de *catarra*, que ainda significa cousas peiores, salvo se no seu dictionario encontrou o illustre redactor do *Diario* significados mais apropriados a *chocarreiro*.

Não tenho a felicidade de conhecer ou saber quem é o tal folhetinista, pois não acredito que sejam autoras dessas *chocarrices* as pessoas que como tuas me têm sido apontadas, uma vez que dellas faço um conceito melhor do que o devido a um *chocarreiro* que exerce a critica a seu modo (dizendo *chocarrices*, já se sab).

Seja, porém, quem for, merece desculpa, pois o *Diario* insuspeito na causa classifica-o de *chocarreiro*; mas nem por isso é bom que o tal folhetinista continue com as suas *chocarrices*, pois quem é *bobo* faz melhor estando calado.

Adeus Democrito. Quizera dizer-te mais alguma cousa, porém, já tendo escripto muito, adio as mais noticias para mais logo.

Confucius.

ULTIMA HORA.

Já estava a entrar para o prelo o nosso jornal, quando recebemos a seguinte triste noticia, de um amigo que a 25 de setembro nos escreveu da cidade de Anarante do Piahy:

«Vou dar-lhe noticia de um triste acontecimento que acaba de dar-se na villa de S. Francisco, que, como sabe, fica defronte desta cidade. Indo o nosso amigo Flomeno Portella banhar-se com outros, no rio Parnahyba, aconteceram afogar se de repente, sem saber-se como, pois tendo mergulhado, não voltou mais á flor d'agua. Isto deu-se, serão duas horas, e ainda não foi encontrado, não obstante estarem algumas pessoas no rio procurando-o. Que fatalidade! Ainda ha poucos dias perdeu elle o pae».

Sob o mais profundo pesar traggmittimos esta tristissima noticia aos amigos, parentes e conhecidos que tinha o fallecido nesta cidade. Elle era um joven de 19 a 20 annos, esteve aqui estudando no seminario das Mercês e collegio da Immaculada Conceição, onde, bem como na sociedade Recreação Litteraria, de que era membro, deu sempre provas de grande talento e amor ao estudo.

Nossos sinceros pezames a todos os seus parentes e amigos.

Maranhão.—Typ do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.

ANNO I

Maranhão—Quinta-feira 21 de Outubro de 1875.

NUMERO 9

A MOCIDADE

MARANHÃO, 22 DE OUTUBRO DE 1875.

Placita erat Deo anima illius; propter hoc properavit educere, illum de medio iniquitatem.

«Salomão—Liv. da Sabedoria—
Cap. 44 v. 14.»

O coração humano sente as vezes dores tão cruciantes, tão profundas, que nem se quer pode transmittir-as a aquelles que têm direito de tomar parte nellas; põem o espirito, buscando forças na propria dôr, como que reanima se, e, cheio de resignação, dá expansão aos tristes sentimentos que lhe acabrunham a fragil existencia. Transmittir o que nos definha a alma, dizer o que sentimos é já uma atenuante, senão uma consolação ás nossas magoas, que conhecidas por outros não tão sensibilizados como nos achamos, podem-nos trazer duplice paciencia em soffrel-as e supportal-as.....

Filomeno Portella já não existe; o nosso collega, o nosso amigo constante e inabalavel nas luctas da humana intelligencia, e nas controversias que tinham por fim separar a verdade do erro, a virtude do vicio, a luz das trevas, finou-se longe dos amigos e-collegas, sem ao menos dizer-lhes o extremo adeus.

Filomeno Portella, alma talhada para grandes empresas, coração generoso, onde se germinavam as virtudes mais acrysoladas, não pôde chegar á virilidade e dar sasonados fructos como era de esperar de tão robusta intelligencia:

..... flos egreditur et conteritur.

A sua dedicação não estendia-se somente ás letras, mas tambem a pintura, para a qual tinha grande vocação.

Com o Sr. Ricardo Wilson, o exímio paisagista inglez, elle comprasia-se em desenhar os quadros pittorescos que contemplava nas margens do caudaloso Parnahyba, donde era natural; e tamanho era o seu amor por aquelle gigante d'agua, que lhe marulhava sob os pés, que o destino, como para saciar seus infindos desejos, sepultou-o no seu leito.

Ainda na flor da existencia, a quadra mais brilhante da vida, quando tudo são esperanças, flores e santas aspirações; quando ainda o furacão terrivel do vicio e da corrupção não ha penetrado sequer um atomo em uma alma tão juvenil, tão pura de sentimentos, é triste morrer, é bem triste!!.....

Quando se estrêa a vida de uma maneira tão santa, e tão elevada, como Filomeno Portella o havia feito, era de esperar que elle nunca se afastasse dessa senda tão bem trilhada, e para o futuro então veríamos nelle retractado o homem de bem, o cidadão conspicuo, o litterato consumado. Porem a morte com a sua terrivel catadura, e no seu correr vertiginoso sacrificia, sem piedade alguma, entes caros á patria, á familia e á amisade, e infelizmente foi victima dessa ferrêha destruidora, que não respeita nem o ardor juvenil dos annos, nem tão pouco a magestosa aureola das cans, o nosso sempre chorado collega e amigo.

Ainda ha bem pouco tempo perdemos o nosso talentoso collega e amigo José Julio de Araujo Torreão, que promettia bastante para o futuro, como bem provam algumas composições que deixou quer em verso ou prosa, sobresabindo entre ellas o romance—*Alcira*, e a poesia o *Bouquet*, mimosa flôr capaz de ser engastada em corôa de virentes louros. Ao contemplarmos estas scenas tão amarguradas, não nos podemos furtar ao desejo de trasladar para aqui os seguintes versos do nosso immortal Odorico Mendes:

O furacão da morte
Varre medonho os campos da existencia,
Perdôa a seccoos troncos,
Leva consigo florescentes plantas,
Cuidados do colono esperançoso.

Foram meteoros refulgentes que atravessando o espaço inconmensuravel deixaram apôz si scentelhas de luz magestosa, porem essas scentelhas rapidas como os raios que passam sobre as catadupas do Niágara, sumiram-se além, para nunca mais apparecerem, e deixaram nos corações que contemplaram essa scena maravilhosa, infinda saudade e eterna lembrança.

Assim, nós que fomos testemunhas oculares dos pgressos e talentos desses dois infelizes mancebos, que gosavamos da sua amisade, não devemos deixar de tributar homenagem devida a sua morte, e já que as nossas forças não permittem elevar sumptuosos monumentos que lhes tragam a memoria, erijamos-lhe em nossos corações, simples mas eterna inscripção de amisade e reconhecimento; sim eterna, porque o principio immortal que nos anima não morre: apôz a separação das duas substancias que temporariamente se acham ligadas, aquella que é mais santa, mas nobre, vôa para a *immensidade* e apôz esse vôo de aguia altaneira recolhe-se ao seio do Creador, donde emanou.....

Desfolhemos uma saudade sobre o tumulo dos nossos amigos! Digamos-lhes o ultimo adeus.....

A. R.

A instrucção e a liberdade no Brazil.

A instrucção, esse grande distinctivo das nações cultas, essa fonte de conhecimentos que eleva o homem instruido acima dos outros que o não são, a instrucção, riqueza inexgotavel, thezouro que por todos pode ser adquerido sem que diminua sequer parte do seu valor, caminha no Brazil com passos gigantescoos, ao lado de sua inseparavel irmã—a liberdade.

O Brazil, imperio de cincoenta e tres annos, auxiliado pela instrucção e pela liberdade, erguendo-se das ruinas em que o abandonára o governo colonial, quebrando as ultimas e vis cadeias que algemavão os seus nobres pulsos de gigante, hoje já se mostra o primeiro paiz na America do Sul e o segundo de toda a America.

Todos os dias lança-se mais um novo alicerce á instrucção, e mais um padrão á liberdade.

Pode-se facilmente avaliar quanto a instrucção e a liberdade engrandecem um paiz, fazendo-se um paralelo entre o Brazil dos tempos coloniaes e o Brazil de hoje.

No primeiro acharemos á principio um paiz completamente selvagem; depois a

instrução derramada — não em todos, mas n'aquelles que, de suas livres metropoles, erão mandados a lançar mais ferro e escravisar mais nm paiz, que desde então já prognostigava o imperio de hoje.

Espalhando-se mais a instrução, appareceu logo a idéa de liberdade: e, como sua consequencia, nasceu a revolução de Minas. Mas as consequencias cedo vierão provar que ainda não era tempo para acontecimentos desta ordem; e com suas cabeças pagarão os martyres da liberdade o que então chamavão *audacia*.

O Brazil não se impacientou; reconheceu que tinha se apressado muito, e que portanto devia ter esperança. Esperou. A instrução espalha-se mais e torna-se quasi geral; a Providencia auxilia o Brazil; faz complicar os negocios d'alem mar e converte o principe D. Pedro.

Só então foi que o gigante, que ha muito tranquillamente dormia, despertou e immediatamente recuperou a liberdade ha tres seculos perdida.

A sua antiga liberdade era a liberdade indolente, a liberdade selvagem, a liberdade sem instrução. Perdeu-a. Sim, perdeu-a, mas foi somente para adquirir a liberdade baseada na instrução, a liberdade que o engrandece, e não a liberdade *inactiva*.

A liberdade não marcha sem a instrução, mas tambem a instrução não pode propagar-se sem a liberdade, por onde se poderá avaliar a união que entre ellas existe.

Para si, o Brazil já era livre, pois tinha sacudido o jugo que por tres seculos o opprimia, e como tal, a instrução já podia propagar-se mais livremente até as ultimas classes.

Para as outras nações, porem, o Brazil ainda não era independente, e por isso foi que a principio, pela má direcção do governo e outros embaraços que sempre se apresentão ás nações ex-sujeitas, luctou elle com grandes difficuldades, até que conseguindo fazer reconhecer a sua independencia, propagou se a instrução cada vez mais, e collocou-se afinal na posição que actualmente occupa.

O Brazil hoje é olhado como um imperio, senão da primeira, ao menos da segunda ordem.

Mas, assim mesmo, a instrução não foi espalhada convenientemente.

Se ella se desenvolvesse com mais liberdade, se ella fosse derramada debaixo de todos os pontos de vista, e não somente debaixo de um, o Brazil occuparia actualmente a posição que occupão os Estados Unidos, por excellencia — paiz da liberdade.

Como na União Americana, a instrução devia começar quando já estivesse domado o orgulho tão natural ao Americano em geral e ao Brasileiro em particular.

Pelo orgulho não temos boas lavouras;

pelo orgulho não temos bom commercio; pelo orgulho não temos industria; e finalmente pelo orgulho poucas cousas temos que prestem.

Para provar o que acabamos de dizer bastará seguirmos a vida do brasileiro quasi em geral.

Um pai de familia, sem consultar a vocação de seus filhos, e como se lesse no futuro, destina-os logo para taes e taes cargos.

Os moços, estimulados pelas altas posições que *hão de occupar*, começam a desprezar os de nascimento inferior. Depois, fiados na riqueza paterna, encarando somente o presente e desprezando o futuro, abandonão completamente os estudos e entregão-se a todas as especies de devassidões. Mais tarde, se por acaso ficão privados de suas riquezas, eil-os mendigando e até mesmo commettendo actos reprovados para obter o pão quotidiano.

Mas, se em vez disso, os pais entregassem, por assim dizer, os seus filhos a si mesmos, isto é, se os deixassem seguir aquillo para que sentem vocação, então teriamos boa lavoura, optimo commercio, elevada litteratura, grande industria, emfim — optimos cidadãos, uteis a sua patria.

Então o Brazil, como os Estados-Unidos, veria occupar as mais altas posições homens de industria, de lavoura, de commercio, etc.

Mas, orgulhosos, como em geral são os filhos do Brasil, querem sempre occupar lugares altos, e julgando que só podem alcançal-os seguindo a magistratura, as bellas letras, etc., despresão a agricultura, o commercio, e o estudo das sciencias applicadas aos diversos ramos de industria, á riqueza natural do nosso paiz, e por onde chegarão a occupar a presidencia dos Estados Unidos, Lincol, o leñheiro, Jefferson, o alfaiate.

Os moços, que até hoje pretendem occupar altas posições, querendo mostrar-se acima do que são, e até mesmo do que podem ser, quasi todos terminão miseravelmente: carregados de dividas e até mesmo perdida a honra. Os nossos estudantes quasi todos querem seguir as bellas letras, embora elles mesmos reconheção que para isso não tem a menor vocação, esquecendo-se de que, se seguissem aquillo que lhes dicta a natureza, seriam mais uteis á sociedade em geral e ao Brazil em particular.

Seria pois melhor que os nossos jovens deixassem esses orgulhos e seguissem a agricultura, o commercio, as sciencias applicadas aos diversos ramos de industria, a politica, emfim — aquillo para que sentem vocação. Então o Brasil tornar-se-ha um segundo Estados-Unidos, e se reconhecerá a verdade d'aquellas palavras de Peltan: *Le monde marche.*

A gruta—Holland—House.

(ROMANCE HISTORICO POR ARTHUR ROSA,)

(Continuado do n. 7.)

Luttrell, lord Byron, tambem por alguns momentos gozaram d'esta feliz habitação, que tendo por seu proprietario o homem mais liberal da Inglaterra d'então, lord Holland, nunca deixou de obsequiar e dar uma morada assás confortativa para aquelles que ralados de continua desgraça e desespero da vida á procuravam como um linitivo ás suas dores, como uma consolação as suas magoas e finalmente como um refugio seguro ás perseguições dos homens e as seducções do mundo.

Lord Byron, o sceptico por excellencia, penetrou n'essa gruta em um dia invernos e que cahia forte geada; mas nem assim, o cantor mavioso de Lara, do Child—Harold, de D. Juan esmoreceu, e com passo firme dirigio-se tiritando de frio para saudar a Lord-Holland, que n'esse momento sabia do seu aposento, tendo á seu lado a sua esposa Mss. Margarida Holland, que dotada d'aquella delicadeza e hospitalidade britannica, encaminhou-se rapidamente para Lord Byron, que recebendo-a entre os braços cobri-lhe a face de beijos segundo o costume inglez.

Após este encontro, Byron dirigio-se para a sala de visita acompanhado de lord Holland, e lá estiveram quasi todo o dia conversando sobre politica e litteratura, nas quaes ambos eram bastante versados.

Chegada que foi a hora da refeição, toda a familia de lord-Holland dirigiu-se para a mesa principal da varanda, onde rodeada de amigos e admiradores tomou o alimento necessario á existencia.

Houve brindes e outras varias manifestações dedicadas ao illustre poeta Byron, a primeira intelligencia poetica da epocha moderna no dizer de Mr. Lamartine, e que pelo seu talento já bastante conhecido desde o seu primeiro ensaio—O Giaour, merecia todas aquellas demonstrações de apreço; porem o illustre poeta respondeu friamente á todas ellas.

Em que pensaria aquella portentosa intelligencia, aquelle coração magnanimo que idéas segregava? Ninguem o diria certamente, porem atravez d'aquella fronte pallida, d'aquello cabello grisalho pelo infortunio e descrença, transparecia alguma cousa de sublime e elevado.

Essa idéa, esse pensamento, esse desejo, eram dignos de uma alma ¹o nobre e dedicada: Byron propunha-se Pertar a Grecia.

Byron, alma moldada as mais santas aspirações, aos mais entusiasticos pensamentos, contristava-se profundamente quando nas horas silenciosas da noute e na calma reflectida do estudo, contemplava o aspecto desgraçado que apresentava a patria dos Leonidas e dos Themistocles,

e cheio de indignação lamentava sua infeliz sorte; em um d'esses momentos de meditação profunda, Byron, concebeu a idéa grandiosa de quebrar os vis grilhões que opprimiam os debéis pulsos da filha dilecta do Hellesponto.

A Grecia, a fainha das letras, das sciencias e das artes, e que ainda hoje nos causa admiração por seus monumentos de sabedoria antiga, tendo a sua frente um Homero, pae da poesia; um Socrates, que tomando por base das sciencias o principio pensante, deu aos estudos philosophicos sua verdadeira direcção e dignidade; um Aristoteles, o sabio mais universal que se ha conhecido e que exerceu grande influencia na Europa no tempo Scholastica e na academia dos arabes em Cordova; um Platão cognominado—o divino, pela transcendencia de suas concepções e elevação de pensamentos; enfim essa Grecia tão veneranda pela sua sciencia, pela sua antiguidade e heroismo de seus guerreiros, assaz merecia que um genio tão portentoso, como o de Byron, se dedicasse em corpo e alma á sua salvação, e á sua liberdade.

A propria Roma que empunhára o sceptro das sciencias e artes, quando este sahira das mãos dos filhos dos Heraclidas, não deixou de tributar o devido apreço as composições maravilhosas d'aquelles insignes engenheiros, e tal foi a sua admiração que a cidade dos Grachos e dos Césares, começou a copiar ou imitar tudo quanto havia de melhor na patria do harmonioso Pindaro, de Aspasia, a bella, de Sapho a elegante e concisa e de Corina a melodiosa.

Com effeito, Roma conhecida em linguagem hodierna, pelo nome de cidade eterna, nunca teve litteratura propria, nem tão pouco philosophia, tudo n'ella era paraphrase e imitação, e ainda hoje segue pouco mais ou menos a mesma senda, excepto na pintura e na musica, onde os modernos italianos tem excedido á tudo aquillo que nos legou a antiguidade.

Ante o pincel de Miguel Angelo de Corregio, emmudecem os de Zeuxis e Praxiteles; ante as melodiosas composições de Bellini e de Verdi, as de Themotheo conhecido pelo appellido de effeminado, completamente ficam eclipsadas.

Mas Byron antes de abandonar a patria ainda queria deitar um ultimo olhar a Inglaterra que o calumniava, para a esposa que o odiava e para a querida filha que não conhecia o pae que tanto a amava e por quem daria a vida se necessario fosse, para ter a um só momento em seus braços, para contemplar n'aquelle formoso rosto seu retracto fiel, para imprimir-lhe nas faces o saudoso osculo de um pae extremo que retirava-se para um paiz longiquo, sem ter a esperanza de vê-la mais, para ainda brincar com aquellas madeixas louras que tanta semelhança tinha com as de sua mãe quando o amara

ternamente, porem de quem se havia esquecido e quando por acaso vinha-lhe a mente sua imagem era somente para o dial-o.

A esposa repellia-o; a Inglaterra compensava-o mal e calumniava-o atrocmente; a filha não conhecia o auctor de seus dias; que trez idéas horriveis para uma alma tão sensivel! que ingratitude da esposa e da patria! que infelicidade da pobre filhinha que o não conhecia e nem ao menos podia balbuciar o doce nome de pae.

Byron tornou-se por esse tempo taciturno e colerico, e o scepticismo enraizou-se de tal maneira em seu coração que nunca mais o abandonou; mas ainda existindo n'aquelle peito magoado uma scintilla de affeição pela patria, não pôde retirar-se para a Grecia, sem dizer um ultimo adeus a velha *Albion*, e para isso dirigiu-se para a gruta *Holland House*, onde demorou-se alguns dias somente para respirar o ar puro da patria querida.

Lord Byron em um dia que a manhã estava clara e serena, embarcou-se para a Grecia, dizendo um ultimo adeus a lord Holland e sua estimavel esposa Mss. Margarida, bem como a terra que lhe havia dado o berço.

(Continúa.)

Eu amo as tardes.

(AO DR. JOSÉ PIRES DE SAMPAIO.)

J'aime les soirs serens e beaux, j'aime les soirs
Soit qu'ils dorent le front des antiques manoir
Ensevelis dans les feuillages ;
Soit que la brume au loin s'allonge en bancs de feu
Soit que mille rayons brisent dans un ciel bleu
A des archipels de nuages
V. Hugo—Feuilles d'Antoine.

I

Eu amo as loiras tardes sertanejas,
quando o sol do Brazil triste desmaia,
e a rola geme com saudosa queixa
e a vaga beija a solitaria praia.

II

Eu amo as loiras tardes, quando á sésa
dorme na ch'c. El pescador cansado,
e brincam pras cateiros no terreiro
seus filhinhos gentis do lar amado.

III

Eu amo as loiras tardes quando volta
para o doce casal o agricultor,
findo o trabalho, com enxada ao hombro
lêdo cantando os hymnos do labor.

IV

Ah! filho de meu Deus! filho do seculo,
canta, sim, que teu canto é uma prece.
Deus tambem trabalhou! Bemdito seja,
quem de trabalho vive e se envelhece!

V

Não vêes? A terra gira, as nuvens andam,
as areiras do mar lidam tambem!
Trabalhae! Trabalhae! O ocio mata!
Deos tambem trabalhou no seu Edem.

VI

Eu amo as tardes que o vaqueiro canta,
apoiado na cerca do curral,
boiando o gado, como um pae que chama
os filhos para a porta do casal.

VII

Eu amo as tardes do sertão lá quando
desce o gado a beber nédio e contente,
e o bezerrinho de faminto geme
pedindo á mãe o leite que o alimento.

VIII

Eu amo as loiras tardes quando as flores
—noivas do orvalho—sofregas e bellas,
suspiram, que o amante lacrimoso
venha prantos verter no calix dellas.

IX

Eu amo as loiras tardes quando o bardo
na doce solidão pensa sosinho,
e o sibã da mata de cançado
emudece o cantar junto do ninho.

X

Eu amo as tardes de silencio regio
imitando a mudez do cemiterio,
quando a mãe carihosa nina o filho,
com saudosas canções do seu psalterio.

XI

Eu amo as tardes que promettem no tes
alvas como o jasmim;—noites serenas,
que possa o trovador de amor ferido
soltar do coração as cantilenas.

XII

Eu amo as tardes de brumoso aspecto
Como o turvo semblante do queixoso,
ou da mulher que geme inconsolavel
a perda eterna do querido esposo.

XIII

Eu amo as tardes de brumoso aspecto,
quando a bella Madona enternecida
carpe o amante que partio sem vê-la,
sem dizer-lhe um—adeus—por despedida.

XIV

Tardes de meu Brazil, como sois bellas!
Eu sou o vosso noivo apaixonado,
Soluçae-me este canto em meu cypreste,
quando a morte gelar o vosso bardo.

São BernarJo, 20 d'Abril de 1875,

J. Auto Pereira.

COLUMN TELEGRAPHICA.

Maranhão 20 de outubro de 1875.

Cumprimento ao caro Confucius.—As meninas Riosas.—O Sr. Formil.—A festa de N. S. dos Remedios.—O romper da aurora.—Grosso caraco.—Festa interna.—Festa externa.—As bandas de musica.—A illuminação.—Fogo de vista.—O Sr. Montoro.—Despedida e mais despedida.

Caro Confucius.

Estimo que gozes saude e tenhas-te divertido bastante durante a festa de N. S. dos Remedios; eu vou indo como tu sabes, sempre motejando, galhofando, e tambem fazendo das minhas..... poste que bem as occultas: assim é, que estes negocios têm toda graça e chiste, porque de outra maneira dá toda a traquinada em agua de barrela.

—As meninas Riosas em geral tem agradado ao publico; e pelos trabalhos que ultimamente exibi-

ram, vê-se claramente que ellas têm feito grandes progressos na arte do sublime Talma.

Eu as comprimento e dou-lhes os meus parabens.

—O Sr. Formili quiz escovar o pello do illustre folhetinista do 1.º andar, que de accordo com o Daniel bilheteiro, pretendeu debicar o dito Sr. que não é homem de aturar pão no ouvido, mas reflectindo depois reconheceu que não se devia incomodar com um *chocarreiro* que só diz *sandices*, e para não ter o *desprazer* de encontral-o mais, retirou-se para o Ceará, onde pretende dar alguns espectáculos.

—Morphéu, desprezando as suas negras azas, deixou que os habitantes d'esta bella S. Luiz sabissem do lethargo em que jaziam para contemplarem o luthante panorama que por então começava a rajar no largo dos Remedios, e neste mister foi ajudado pelos filhos de Euterpe que tirando dos seus instrumentos maviosos accordes, concluíram o que o anjo da noite havia encetado; após estes dous fortes reagentes dos sentidos appareceram os *classicos* foguetes e *repiques* de sino que atrojando os ares com sons enfadonhos incommodavam os ouvidos d'aquelles que já despertados se encaminhavam para o largo a fim de verem o romper d'aurora de tão bella eminencia da cidade, bem como para saudarem o começo da festa mais entusiastica e popular que tem o Maranhão.

O sol assomando ao longo desprendia de si frocos luminosos aqui e acolá, porém esses frocos eram tão fracos que mal se distinguiam as feições de alegres anjinhos que cheios de fervor entoavam melodiosos cantos á virgem Mãe de Deus, que de seu rico altar contemplava com olhos cheios de bondade aquellas suas dilectas filhas, que continuando sempre a cantar chegaram processionalmente perto do Bazar onde sabido do grupo uma virgem mais bella e donairoza tomou um dos cordões do mastro que ali se achava e com suas lindas mãos de cherubim inçou a effigie da Senhora; após este solemne acto, novos cantos se fizeram ouvir e as *houris* do romper d'alva se encaminharam para as casas de varias familias que moram no dito largo.

Que painel magestoso! De um lado, lindas virgens entoando alegres hosiannas á Senhora dos Remedios, de outro o vulto magestoso do nosso immortal Gouçalves Dias, e os bustos venerandos de Sotero, G. de Sousa, Odorico Mendes e J. Lisboa, pareciam que se haviam reanimado lembrando-se das bellas noites que em tempos já passados haviam gosado de tão piforesco arrebate, mas alem o rio *Bocanga*, confundindo suas aguas com as do *Anil*, marulhava sobre os seixos de alvacenta praia; a brisa que bafejava do mar trazia consigo odores impregnados d'ambrosia, que recendendo levava dupla alegria aos corações dosromeiros, que estaticos admiravam aquella scena sublime, digna de um pincel de Miguel Angelo ou de Raphael.

—Apezar de tanta alegria como ainda ha pouco acabei de descrever vos, entretanto existia no largo um certo fulano Barão que não ficou contente, porque não lhe levantaram na frente do seu celeberrimo barracão o mastro que tinha a bandeira onde se achava gravada a effigie da Senhora; que cavaco estulto! Para se desforrar de semelhante *debique* deu na segunda-feira um baile para mostrar que tem cousas da terra; meu amigo: tenha paciencia, V. S. já se esqueceu do negocio da estatua? Certamente que não. aquella estatua de rodizio que se pertendia fazer para contentar os seus desejos. Ah! Ah! que ratasana!

—Para poder orientar, os meus amaveis leitores vou dividir a festa em interna e externa, afim de que possam apreciar devidamente tudo quanto houve de melhor por lá.

Descubramos-nos e entremos amaveis leitores no templo da Virgem Immaculada. Oraste, caro leitor ou resmungaste? Quer uma cousa quer outra, dai-me o braço e vamos apreciar esses lindos artefactos.

O templo posto que pequeno, achava-se ricamente decorado, e nem era de esperar outra cousa da generosidade e cavalherismo do Sr. João Bento

de Barros e sua Exc. esposa, que como juizes da festa não se pouparam a despezas. As tribunas ricamente adornadas, sempre estavam cheias por occasião das novenas, augmentando a concurrencia na vespera e dia da festa:ahi via-se o que ha de mais elegante no Maranhão quer nos trajes ou nos mimosos rostos das bellas que *contractas* reservam a Virgem para apressar-lhes o dia desejado. . . .

Na vespera pregou o Reverendo conego Purificação que agradou geralmente, e no dia o Reverendo padre Fonseca, que em nada desmereceu do alto conceito que goza da bom pregador.

A orhestra foi dirigida pelo habil maestro maranhense, Leocadio Raiol, que mais uma vez exhibiu em publico provas do progresso que vae fazendo no instrumento dilecto de Paganini. A musica esteve adequada ao assumpto e digna de tão respeitavel solemnidade.

Entre os musicos que tomaram parte na orhestra sobresahiram, segundo nossa fraca opinão, os Srs. Joaquim Teixeira, Joaquim Zeferino, Dr. Filgueiras, Henrique Abranches e Euclides Farias; nós os comprimentamos. Tendo, porém mais ou menos dado, uma succinta descripção do que houve de mais importante na festa interna volvamos outra vez a externa.

—Leitor, dá cá o braço, enfia nas bitaculas o teu pincenez e vamos observar o que ha de mais notavel por este largo de meu Deus.

Logo ao sahir da igreja vi cousas que me fizeram lembrar a *gruta* dos amores, mas emfim o mundo é assim mesmo; o que se ha de fazer?

Mas leitor, vem cá, não te zangues, olha, vê acolá aquelle basbaque dizendo versos a sua Dulcinéa.

Ouviste o que elle diz? Sim ouvi.

Então conta-me esse negocio. Lá vae, escuta-me, o basbaque cantava o seguinte no ouvido da sua bella:

Se me appareces fagueira,
Se me das um ar de riso,
Já me derreto sem si-o
Já quero fazer asneira;
Porém se mais *feliceira*
Soltas dictos sedu tores,
Então ardendo em calores
Com olhos de cabra morta,
Té flico com a boca torta;
Tenho febres e tremores.

Que pomadeira, caro leitor, só Democrito é que pode aturar d'estas cousas, porem Confucius, não, porque esse sendo chinez pôe-se logo zangado a embulhar lingua; *Océ lé lé bá bá, chispri dá lé lé*, e assim vae por ahi á fóra puchando o seu bello *penté*.

—Durante a festa tocavam no largo tres bandas de musica, sobresahindo entre ellas a do 5.º batalhão, não só pelo lindo repertorio que exhibiu, como tañ bem pelos sons harmoniosos que os musicos tiravam dos seus instrumentos, verdadeiro contraste com a *pandorga* que sempre prima em tocar peças do tempo do *pae avô*.

—As barracas foram este anno ^{em} oito poucas, mas bem preparadas, captando por e sa razão a benevolencia do publico: *paca, sed bene paratu*. O Porto esteve impagavel com o seu *Restaurant*, onde se vio tudo que é necessario para a arte da *gastronomia*.

—O largo estava bastante illuminado, concorrendo para isso os *classicos* taboleiros de doce postos em fileira como batalhão de caçadores, os lampiões de gaz, e as lanternas das casas dos moradores do largo: Deos os deite na mansão dos justos, pois quem dá luz merece possuir um dia ao menos a eternidade.

—Na quinta-feira, e domingo, dia da festa, houve fogo de vista, que esteve bom, apezar de ser sempre a mesma cousa para variar.

—O Sr. Montóro na vespera e no *lava-tijella* da festa, enfeitou, ou mandou enfeitar, os bonds com murta etc., etc., e trás zás, pespegou dentro uma banda da musica, que fez com que atrahisse para a festa grande concurrencia e para a algibeira da companhia bompar de *contecos*, e digam lá que o homem não tem geito para a cousa.

—Pouco mais ou menos meu amado e sempre querido Confucius te narrei tudo quanto houve de melhor na festa e como me achto bastante massado vou pôr ponto final n'esta missiva que já se vai tornando longa.

Ah! festa. Ah! festa.

*Tão alegres que fomos
Tão triste que viemos.*

Assim sam todas, as cousas d'este mundo de papas-fina, ora a alegria, ora a tristeza, em tudo existe tal ou qual reacção, que graças ao Supremo Architeo do Universo (com venia da Santa Sé) é sempre boa, pois traz consigo o arrependimento, e após este a penitencia, que se deve fazer pelos erros, *fofices*, *simplicidades* e *asneiras* que por lá se fazem.

Acordei espantado, meu Confucius, na madrugada passada em consequencia do arrebate que daya o quartel e os sinos, mas tamanho era o somno que não indaguei onde foi o fogo e apz isso dormi e só agora me levantei para pôr fim a esta rançosa carga.

Adaos Confucius.

Democrito.

PASTORAL.—Por S. Exc. Rvdma. o Sr. Bispo deata diocese foi-nos enviado um exemplar da sua pastoral sobre o jubileo universal que deve ter lugar no mez de Dezembro deste anno.

Muito agradecemos a offerta, e recommendamos a leitura dessa obra a todos os catholicos.

REPERTORIO DAS DISPOSIÇÕES RELATIVAS AO SELLO.—O Sr. José Mariano da Costa Nunes, 2.º Escriptuario da Thesouraria de Fazenda desta provincia, autor da obra supra, acaba de enviar-nos um exemplar da mesma, que muito agradecemos.

Com quanto s-jamos pouco entendidos na materia, julgamos a de muito merecimento, pois não desconhecemos as vantagens sempre resultantes do desenvolvimento de assumpto tão positivo.

Esta obra, alem de proporcionar meio facil de consultar e conhecer o que vigora sobre disposições tendentes ao sello, attesta a intelligencia do seu autor, o seu amor ao estudo e ao trabalho. Damos, pois, ao Sr. Costa Nunes os nossos emboras, e continúe S. S. a cultivar o seu espirito, justificando assim o conceito honroso de que goza.

RECLAMAÇÕES.—Os Srs. assignantes que não tiverem recebido regularmente o nosso jornal, queiram dirigir suas reclamações á rua Formosa, n. 40, ou á rua da Mangueira, n. 14, que serão promptamente attendidos.

Por nossa vez reclamamos aquelles que se acham em debito, o obs-quo de satisfazerem suas assignaturas, pois, como não devem ignorar, são grandes as difficuldades com que lutamos.

IMPRESA.—Recebemos ultimamente os seguintes jornaes:—*Lucta, Estudante Catholico, Voz do Povo, Diabo a Quatro e Navalha* (de Pernambuco) *Onze de Agosto* (de S. Paulo) *Lyrio* (do Ceará), *Liberal* (do Rio-Grande do Norte) *Floresta, Semanurio e Recreio Litterario* (do Piahy) *Aurora* (do Pará).

O *Onze d'Agosto* e o *Recreio Litterario* são novos no mundo jornalístico. Desejamos-lhes vida longa e feliz, e agradecemos-lhes, como as demais illustres redacções, a fineza, que retribuiremos.

ERRATAS DO N. ANTECEDENTE.—Na pagina 2.ª, columna 3.ª, linha 28, em lugar de *o* lêa-se—*Arcola*.

Na pagina 3.ª, columna 1.ª, linha 36 supprima-se a palavra *populares*.

Na mesma pagina, columna 2.ª, linha 6, em lugar de *e occaso* lêa-se—*e o occaso*.

Por engano deixou-se de dizer que continuariao as *Epistolas a Porporato*.

Maranhão.—Typ do «Paiz».—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits....

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Segunda-feira 1º de Novembro de 1875.

NUMERO 10

A MOCIDADE

MARANHÃO, 1.º DE OUTUBRO DE 1875.

A perfectibilidade humana.

(Vid. os ns. 1, 2, 4, 6, 7.)

(Conclusão.)

Tratando-se do seculo XVII, não se pode deixar ficar em silencio o nome de Luiz XIV. Nobre, generoso, bravo e sincero, teve um reinado digno de si, no qual consorciaram-se as glorias das lettras, das artes e do commercio, ás quaes esteve tambem sempre alliada a gloria das armas. Foi nesse faustoso seculo que brilharam Corneille, Racine, Molière, La Fontaine, Boileau, Bossuet, Fénelon, Lebrun, Girardon, Lesueur, Puget, Perault, Condé, Turenne, Vauban, Duquesne, Duguay-Trouin, etc.

Si outras glorias não tivesse a França, só esta radiante auréola bastaria para ornar-lhe eternamente a tão laureada fronte.

Graças á luz que no seculo anterior haviam accendido Bacon e Descartes, alem dos verdadeiros triumphos que cada um daquelles citados nomes traduz, o espirito humano fez dentro do mesmo seculo outras muitas conquistas, que altamente comprouam-lhe a inquestionavel perfectibilidade:

de:—Torricelli descobre o barometro;—o celebre medico inglez Harvey faz um grande numero de descobertas em anatomia e em physiologia, entre as quaes a muito celebre das leis da circulação do sangue;—Robert Boyle descobre a machina pneumatica, conhece a absorção do ar na combustão, o augmento de peso dos caes metallicos, faz muitas outras obervações, creando, em uma palavra, a physica experimental;—Edmond Halley faz-se conhecer desde a idade de 19 annos pela invenção do methodo para achar os aphélios e as excentricidades dos planetas, determina a posição de 350 estrellas, prescreve as leis das variações da bussola, descobre o movimento proprio das estrellas;—Isaac Newton decompõe a luz, descobre as principaes leis da optica, proclama a lei da gravitação universal, propriedade em virtude da qual todos os corpos se attrahem na razão directa de suas massas e na inversa do quadrado de suas distancias e por cuja lei unica explica o movimento dos planetas á roda do sol, o da lua em torno da terra, o curso dos cometas, o fluxo e o refluxo do mar; resolve uma grande quantidade de questões mathematicas, dando desta sciencia as mais notaveis, elegantes e rigorosas theorias.

E porque nas edades anteriores não havia o homem tido estas noções? Si as ti-

na, porque nunca expendeu-as? E' porque o espirito se vae gradualmente aperfeiçoando, adquerindo de dia para dia novos e mais altos conhecimentos.

Mas, como o espirito não ficou estacionario após os prodigios de até aqui, vamos ainda admirar o seu excelso desenvolvimento nos dias do seculo XVIII e em alguns do seculo em que vivemos:

Vê-se a França e os Estados-Unidos disputarem a gloria da invenção da navegação a vapor. Aquella apresenta a descripção que, desde 1695, houvera feito D. Papin,—as experiencias de Duguet, pelo mesmo tempo, apresentando rodas de páo em substituição aos remos, —uma memoria escripta por Gautier, onde elle apresenta os meios de chegar ao mesmo resultado, e finalmente um navio munido de machina a vapor, construido em 1775 por Périer, experiencia mais tarde renovada sobre o Doubs em 1776 e sobre o Saône em 1780 pelo marquez de Jouffroy. Mas os Estados Unidos apresentam Fulton, que, em 1807, em New-york, construiu o primeiro navio a vapor que funcionou regularmente.

Seja como for, o que é certo é que, desprezando a maré e o vento, o homem hoje transpõe com a maxima velocidade a vasta amplidão dos mares, fazendo prodigioso progresso e pondo em immediata

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de ***

(Continuado do n. 8.)

Um turbante esculpido n'uma pedra grosseira, uma coligação que os espinhos rodeiam e na qual está gravado o versiculo do Alcorão que se grava sobre os tumulos, eis o que se encontra no valle solitario, aonde Hassan recebeu o golpe da morte; é lá que descansa um musulmano tão fiel, como todos aquelles que vão curvar o joelho em Meca, repellam com horror o vinho prohibido, e repetem humildemente sua oração, com os olhos voltados para a cidade santa, cada vez que o gri-

to solemne de Allah hul resoa do alto da cupula da mesquita. Elle morreu todavia pelo ferro d'um estrangeiro, do meio de sua terra natal; elle morreu com as armas na mão, e elle não foi vingado, ao menos o sangue de um inimigo não correu sobre seu tumulo; mas as virgens do Paraizo se apressam a recebê-lo nas moradas celestias, e os olhos scintillantes das houris lhe sorriem para sempre: ellas correm ao seu encontro agitando seus veus cor de esmeralda, ellas acolhem o bravo com um beijo.

Aquelle que pereceu combatendo contra um Giaour é muito digno das felicidades immortaes... Mas tu, perfido assassino, serás entregue á foice vingadora de Monks, e não escaparás ás torturas, que elle te prepara, senão para vagar em torno do throno de Eblis. Um fogo devorador consumirá eternamente teu coração; nenhuma lingua poderia exprimir os terriveis tormentos, que farão d'elle um inferno! mas antes, enviado á terra como um vampiro, teu cadaver escapa-se ha do tumulo. Tornado o terror do lugar, que te vio nascer, carrasco de tua mulher, de tua irmã e de teus fi-

lhos; tu irás á sombra da noute saciar-te com horror do sangue de tua familia. Tuas victimas reconhecerão seu pai antes de espirar, o amaldiçoarão, e serão por elle amaldiçoadas; tuas filhas perecerão na flor da sua idade; mas ha uma, a quem sobretudo teu ciume será fatal; é a mais joven, a mais ternamente amada; ella te chamará ainda seu pae, e este nome sagrado despedaçará cruelmente o teu coração. Tu quizeras em vão poupal-a, tu verás desaparecer pouco á pouco as ultimas cores de suas faces, a ultima centelha de seus olhos apagar-se, e o azul de sua pupila humida eclipsar-se para sempre: tu arrancarás então com uma mão impia as tranças de seu longo cabelo; um de seus anneis teria sido outro hora o penhor do amor o mais terno; tu o levarás consigo como uma recordação eterna de tua raiva, teus dentes rangem de desespero, e teus labios estão manchados com o teu sangue o mais puro. Volta para tua obscura morada, e vai juntar-te á multidão dos máos genios, que fugirão com horror d'um espectro tão detestado.....

comunicação os povos mais distanciadados e mais remotos.

Cousa admirável!—A passagem da America a Europa effectuar-se em dez dias!

Mas o homem, não satisfeito com a rápida comunicação, que lhe era permitida por mar, quiz tê-la ainda mais veloz por terra. Inventou a locomotiva.

Desde 1770 que Cugnot, engenheiro francez, havia construido uma especie de locomotiva a vapor: os primeiros ensaios, porem, da applicação das locomotivas aos caminhos de ferro só tiveram logar em 1814, sendo que, depois de, por muito tempo, haver-se feito diversos ensaios imperfeitos, só em 1829 Robert Stephenson teve verdadeiro exito em uma locomotiva de sua construção, que, com pequenas modificações, é a que hoje se conhece e se emprega.

Tudo marcha, tudo admira; mas, curvai-vos, povos das passadas edades, curvai-vos ás grandes descobertas do seculo XIX, curvai-vos ás inauditas conquistas das gerações de hoje!

Vejamos o que conheceis por exemplo, da electricidade, e hoje o conhecimento que della temos, o emprego que d'ella fazemos, os sublimados resultados que della tiramos.

Os Gregos apenas sabiam que o ambar, a que chamavam *electron*, adquire pelo atrito a propriedade de attrahir os corpos leves, e nem mais longe levaram suas pesquisas. Pelo meiado do XVI seculo, o Dr. Wall observou a primeira fiação electrica, produzida pelo dedo á approximação do ambar amarello em vivo atrito, encontrando-lhe por esta occasião certas relações com o raio. Foi d'aqui que começou uma serie de experiencias e descobertas. Dufay, Nollet, Gray, Reichmann, etc., procuraram, por meio de longos trabalhos, contestar a existencia da electricidade atmospherica que conduziu o filho de Boston a descobrir o para-raio. Em 1746, Cuneus, em Leyde, com uma simples garrafa coberta de folhas de metal, descobre um ap-

parelho, que produz a commoção electrica pela reunião repentina de duas quantidades de electricidade de diferente natureza. E' a *garrafa de Leyde*, em cujas experiencias ulteriores o acompanhou Musschenbroeck. Pouco depois Subzer e Cotingno apresentam a idéa da existencia do fluido galvanico, confirmada mais tarde por Galvani, que apresentou uma theoria julgando haver no fluido galvanico uma tal ou qual electricidade animal, doutrina que pelo professor Volta foi derribada, restabelecendo a identidade do galvanismo com o fluido electrico. E' por esse tempo que Wilkes descobre o *electrophoro*, Bergmann prova a natureza electrica da tormalina, Henley inventa o *electometro* e Volta construe a pilha. D'aqui em diante os progressos feitos na sciencia da electricidade subiram de ponto. Os trabalhos de M. Oersted, de Ampère, de Seebeck, Ohm, Jacob, De La Rive, Becquerel, Pouillet, Peltier, Faraday, Grove, etc, collocam a mesma sciencia no admiravel estado em que a possuímos. Agente maravilhoso tem-se d'elle tirado os maiores resultados e proveito applicado na medecina e em varios misteres como para dourar, pratear, extrair metaes de seus mineraes, para illuminar, etc, mais que assombroso tem sido o resultado d'esse poderoso agente applicado á telegraphia. Como sabemos, por uma tão sublime invenção, os povos põem-se em comunicação immediata, conversando com precisão e promptamente. E' assim que da Inglaterra se conversa com quem está nos Estados-Unidos, d'estes com quem está na França, da França com quem está no Russia etc.

Poderíamos estender nos mais sobre varias descobertas do XIX seculo; mas ellas são de todos conhecidas e a pratica em que se acham não permite pol-as em vida.

O que parece-nos evidente é que—á qualquer que bem observar o progresso humanitario, será sempre muito obvia e irrefragavel a humana perfectibilidade.

De accordo com a razão, em perfeita

harmonia com a liberdade a perfectibilidade humana é uma lei que não pode deixar de coexistir com o espirito do homem.

Não abraçamos a opinião de Richard, que, da tutela que a Providencia exerce sobre a humanidade, conclue que esta se acha em sua infancia, nem tão pouco admittimos a opinião d'aquelles que pelo progresso maravilhoso que testemunham, julgam-na envelhecida. Sim; julgar a humanidade ainda na infancia é negar absolutamente os progressos incontestaveis do espirito humano, e julgar-a na decrepitude é não conhecer ou menoscabar o fim sublime para que fora creada.

Em ultima analyse:—Abraçamos o progresso indefinido de Pelletan, porque, marcar um alvo á perfectibilidade, seria usurpar-lhe a liberdade, e, da mesma perfectibilidade concluir que o homem pode chegar a perfeição, é ter desta uma idéa muito vaga e erronea, e, como em outra parte dissemos, negar a mesma perfeição.

Essa vicissitude, essa constante alternativa—hoje vendo-se o espirito coagido, amanhã cheio de liberdade, agora sujeito ao erro, amanhã expandindo-se livremente, proclamando a verdade, derramando a luz, essa mesma vicissitude é a luta em que tem de sempre viver a verdade com o erro, luta que tem a sua necessidade de ser, pois é della que se tem tirado os resultados, que admiramos. E' como o bem e o mal que precisam co-existir, para se lhes determinar os conterminos.

De um lado—o erro, o mal, as trevas, de outro—a verdade, o bem, a luz—são dois campos inimigos, cujas sentinellas, sempre de sobre aviso, nada deixam escapar á sua prescrutadora vigilância.

A' luz da razão, com o progresso na mente e com a religião no coração, assentemos deste lado as nossas baterias, ponhamo-nos em attitudo de combatentes e arvoremos o nosso lábaro, que, desfraldado ao sopro da felicidade, deve mostrar esta edificante legenda: «*Scientia, crux et libertas.*»

S.

Que nome dai ao frade grego que eu avisto neste paiz solitario? Eu vi outr'ho a seu rosto no paiz aonde nasci. Era n'uma tarde que assentado pe to da praia, eu o vi passar n'um veloz corcel. Eu não vi senão uma vez suas feições, mas ellas estavam de tal modo agitadas pela perturbacão de seu coração, que eu não pude esquecel-as. Sua fronte está hoje tão sombria que eu julgaria lá reconhecer o selo da morte.

Bem depressa decorreram seis estios desde que elle veio estar entre nossos irmãos; sem duvida elle procura nesta solidão o esquecimento de algum crime grande que nós ignoravamos; mas nunca elle veio unir-se ás nossas orações da tarde; nunca elle dobra os joelhos no tribunal da penitencia; importam-lhe pouco nossos pios canticos e o incenso que nós queimamos no altar do Christo; elle medita solitario em sua cella; sua religião e sua familia nos são igualmente desconhecidas. Elle veio dos lugares aonde se adora Mahomet, todavia elle não pare e pertencer á nação muçulmana; seu rosto indicaria antes um christão. Se elle não evitasse nossas sagradas reliquias, se

elle não desprezasse o pão e o vinho de nossos mysterios, eu o julgaria um renegado arrependido da sua apostasia. Nosso convento recebeu delle ricas offeendas; foi por este modo que pude interessar em seu favor o nosso abade. Mas se eu estivesse á testa de nossos irmãos, eu não supportaria que um homem tão singular ficasse um dia mais entre nós; ou ao menos, encerrado por minhas ordens em um das nossas enxovias, elle seria condemnado a não sair della para sempre. Elle falla muitas vezes em suas visões de uma joven precipitada no mar de combates, de fuga, de vingança e de um muçulmano exhalando o ultimo suspiro. Vio-se n'esta rocha escarpada, em accessos de um negro delirio, dizer que uma mão ensanguentada, visvel para elle, lhe mostrava o lugar do seu tumulo e o convidava a precipitar-se no abysmo.

Sua fronte sombria e sobrenatural está coberta de um negro capuz. O brilho, que lança algumas vezes sua vista feroz, não exprime senão a recordação de um tempo, que já não existe; por mais

inactivo e vago que seja o seu olhar, elle assusta muitas vezes aquelle que o observa. Encontra-se n'elle aquelle encanto, que se não pode definir, e cujo imperio é irresistivel.

Assim como o passaro estremece de terror, e no entretanto não pode fugir á serpente, que o aspira, na no olhar d'este homem alguma cousa, que opprima aquelle, que o encontra-o.

Acha-se o menos tímido na sua passagem; elle appressará a apartar-se, como se o seu olhar e seu amargo sorriso inspirassem á uma o medo e culpaveis pensamentos. Este sorriso vem raramente esclarecer a sua fronte, e mesmo assim elle não parece então senão o escarneo contra o infortunio. Seus labios pallidos tremem e se torcem immediatamente immoveis, como se a dor, o desgosto, lhe prohibisse desenrugar seu rosto; e seria melhor... pois este hediondo sorriso nunca exprime a paz da alma. Se se procura reconhecer em suas feições os sentimentos que elle experimentou outr'ho, é penoso distinguir ainda uma certa nobreza em sua sinistra physionomia, como se os crimes não tivessem degradado completamente

inactivo e vago que seja o seu olhar, elle assusta muitas vezes aquelle que o observa. Encontra-se n'elle aquelle encanto, que se não pode definir, e cujo imperio é irresistivel.

Assim como o passaro estremece de terror, e no entretanto não pode fugir á serpente, que o aspira, na no olhar d'este homem alguma cousa, que opprima aquelle, que o encontra-o.

Acha-se o menos tímido na sua passagem; elle appressará a apartar-se, como se o seu olhar e seu amargo sorriso inspirassem á uma o medo e culpaveis pensamentos. Este sorriso vem raramente esclarecer a sua fronte, e mesmo assim elle não parece então senão o escarneo contra o infortunio. Seus labios pallidos tremem e se torcem imediatamente immoveis, como se a dor, o desgosto, lhe prohibisse desenrugar seu rosto; e seria melhor... pois este hediondo sorriso nunca exprime a paz da alma. Se se procura reconhecer em suas feições os sentimentos que elle experimentou outr'ho, é penoso distinguir ainda uma certa nobreza em sua sinistra physionomia, como se os crimes não tivessem degradado completamente

inactivo e vago que seja o seu olhar, elle assusta muitas vezes aquelle que o observa. Encontra-se n'elle aquelle encanto, que se não pode definir, e cujo imperio é irresistivel.

A' luz da razão, com o progresso na mente e com a religião no coração, assentemos deste lado as nossas baterias, ponhamo-nos em attitudo de combatentes e arvoremos o nosso lábaro, que, desfraldado ao sopro da felicidade, deve mostrar esta edificante legenda: «*Scientia, crux et libertas.*»

S.

Anniversario.

(PAGINA DO CORAÇÃO)

Soyons deux.....

N'ayons à deux qu'une vie !
N'ayons à deux qu'un espoir.

(Victor Hugo.)

Aujourd'hui la terre est trop belle.
Je n'en détache plus les yeux,
Je t'y vois, et crois dans ces lieux
Commencer la vie éternelle.

(Ulric Gulltingeur.)

Salve, oh dia desejado
Que despontas festejado
Entre flores a sorrir !
Salve, oh luz amena e grata,
Onde a aurora se retrata
Refulgente do porvir !Salve excelsa creatura !
Este dia de ventura,
Teu natal, é todo teu !
Pois que n'elle sam contados
Dezesete festejados,
Talisman que o céo te deu.Dá-me oh ! flor os teus perfumes
Almo sol ! dá-me os teus lumes,
P'ra compôr alto poema.
Dá-me oh ! Deus idéas bellas,
Firmamento ! essas estrellas,
P'ra formar-lhe um diadema.Mas... oh ceus não posso tanto !
Quanto é pobre este meu canto,
Mal traduz o meu desejo !
Mas, escuta a voz da lira,
A que tanto amor inspira,
A fallarte n'este harpejo :Das mãos divinas do Supremo numen
Sabiste oh ! anjo, criação de Deus,
Baixando á terra, coruscante estrella,
Mostrando encantos que só tem nos céus !N'altiva fronte, lindos olhos ternos
Suaves, ledos, d'immortal fulgor,
Qual astro santo despedindo luzes,
No peito infiltram siderino amor.

este altivo espirito. O vulgo não per-sebe senão os exteriores d'um culp do perseguido pelo remorso; mas um observador mais attento lá reconhece uma alma nobre e um homem de illustre origem. Ah ! de que lhe servirão estes dons preciosos que o crime manchou, e que a dor tornou desconhecidos ? Não era sem duvida a uma vil creatura que o céo os tinha concedido, e todavia ella não inspira hoje senão o terror. As ruínas de uma pobre chopana são apenas avistadas do viajante; o castello derrocado pela guerra, ou pela tempestade, attrahe os olhares, em quanto lhe restão algumas ameias: suas abobadas, que tapeta a hera, e uma columna solitaria reclamam o respeito em nome do seu antigo esplendor.....

Vedel-o, rodeando-se com as dobras de sua tunica, atravessar a igreja gothica ao longo dos pilares da nave. Olha-se-o com terror, e elle não vê senão com uma vista pzarosa as santas cerimoniaes da religião. Quando o pio hymno abala o coro, e que os frades curvam o joelho, elle reti-

Mimosa cutis do gentil semblante
E' fina tela do mais alto gosto;
As rubras faces purpurinas, bellas,
Sam vivas rosas no setim o rosto.Nos virgens labios, nacarados, doces,
Enlevo santo que minh'alma prende,
Brinca um sorriso de innocencia e pejo
Que de amor mata e mais amor acende.O niveo seio, pudibundo, virgem,
Que traz guardado coração de amor,
Traduz na terra divina imagem
Por entre as graças do gentil candor.As mãos de neve, torneadas, lindas,
Candidas, puras, de immort'l primor,
Gratos thesouros, que no mundo anheio,
P'ra mim as peço, concedei, Senhor !Gentil cintura de formosa fada,
Aonde amor depositou belleza,
E as breves plantas de encantada virgem
De amor meu peito já fizeram presa.Na doce falla que mimoso accento !
Que voz tão terna ! que primor ! que encanto !
Não tens oh ! brisa, ciciar tão terno,
Não tens oh ! lyra, tão sonoro canto.A' taes primores, que teu corpo encerra
Liga-se nobre da virtude a flor,
Pura innocencia, virgim-l pureza,
Por que teu bardo se tornou pintor.E não de preses este quadro humilde
D'um pobre voto no arrebol da vida;
E' puro incenso que minh'alma queima,
Bem junto ás aras que tu tens, querida.

S. Luiz do Maranhão, 27 de outubro de 1875.

S.

A mocidade.

A terra vos pertence, oh ! mocidade !
Magalhães—Susp. Poet.Loura esperanza da Brasilia gente,
E' trella d'alva d'um porvir de luz !

ra-se debaixo d'este portico, que allumia a triste claridade de um templo. E' ella que elle escuta nos orações sem nunca misturar com ellas as suas. Vede-lo à sombra deste muro, lançar seu negro capuz sobre seus hombros; os aneis de seu espesso cabello e hem em desalinh, e cobrem sua fronte livida: julgar se-hia que a Gorgone despojou suacabeça de suas serpentes as mais hediondas, para ornar a deste mão garço; ainda que elle esteja vestido com nossas roupas, elle não observa todas as regras do convento, pois elle deixa crescer seus cabellos. Suas off rendas são um domo do seu orgulho, e não da sua piedade; elle não fez nem votos nem promessas.

Mas eil-o !... os pios concertos se elevam para os ceus; observai aquelle rosto livido, aquella expressão immobill de orgulho e de desespero. Grande S. Francisco, afasta est' homem do altar, onde a colera divina vai rebentar por algum proligio terrivel ! Se algum dia o espirito das trevas revestio a forma humana, eis a que elle devia escolher. Em nome da eterna misericordia, eu attesto que estes

Campo virente de risonhos climas,
Berço mimoso de ideaes artistas !Antheos valentes que sonhais conquistas,
Onde as roseiras só vicejam glorias !
Harpa sagrada d'esses hymnos grandes,
Que vão eternos encantando o mundo !Vamos ! O seculo despontou jucundo;
A luz avança; nós tambem marchemos !
Rompem da Escola triumphaes concertos:
Eia ! mancebos, de surgir são horas !Já da sciencia nas gentis auroras
Sussurra a festa do trabalho igual !
No monte e veiga repullulão flores,
Que almejam c'roas no valor tecer-vos !A patria, virgem que estremece ao ver-vos,
Lindos pyrôpos tem nos seios bella:
—São vossos: vinde: se a quereis por noiva.
—Ao livro ! ás artes ! Preparai-lhe o throno !Harto dormimos; foi chumbado o somno,
Que ennoiteceu-nos o gentil fadario;
Inglorios netos, resequidos lburos
Deixamos ermos dos avós na tumba !Na luta ha palmas; quem de nós succumba ?
—Moços á gloria ! Não quedar jamais !
Da arte e sciencia pela florea senda
Aos astros loiros immortaes voemos !Aguia sideria, que o infinito cremos,
Alem dos Andes desatando o vôo,
N'asa possante do talento a patria
Ergamos, moços, ao zenith e a gloria !E a bella patria com fulgor na historia,
Cantando, aos évos passará seu nome;
E ao vosso busto as gerações festivas
Darão o culto que se deve ao genio !Heróes que brilham no immortal proscenio
Vidal, Arruda, Xavier mais Claudio,
E os tres Andradas dos verpes do impyrio,
Por ver-vos grandes, sorrirão ovantes !Avante, moços, de porvir brilhantes !
—Sagrae a patria perennae p drões !olhares nada tem que pertença á terra ou ao céo.
Os coraçãoes ternos se rendem facilmente ao amor, mas demasiado timidos para soffrerem as dores que elle causa, demasiadamente fracos para esperar o desespero e para o arrostar, elles nunca pertencem a elle inteiramente; não é senão nos coraçãoes os mais severos que as feridas do amor podem ser eternas.

O metal sabindo da mina tem necessidade de arder para se polir, mas o fogo do cadinho o derrete sem o mudar; docil a tomar todas as formas, instrumento de defenza ou de morte, ella virá a ser a couraça, que hade proteger vosso seio, ou a espada que deve atravessar vosso inimigo; mas aquella, que lhe aguçá a ponta, tom' bem cuidado n'elle ! E' assim que o fogo das paixões, e as seducções de uma mulher, podem abrandecer e moldar um coração de bronze; recebida a sua forma, ella já não mudará, elle se despalça antes do que tomar uma nova.....

(Continua.)

Mas se ella tomba na descrença e morre,
—Morrei com a patria, qual morreo
Camões!

Fortaleza, 18 de setembro de 1875.

Almino Alvares Affonso.

COLUMN TELEGRAPHICA.

Maranhão 31 de outubro de 1875.

A Mocidade continúa, e os seus redactores imploram a protecção do publico.—A crise não é lá tão grande como se pinta.—O theatro, os bonds e o hotel do Porto provam esta verdade.—Um sonho que realison-se.—Um desembarque parecido com o do Imperador.—Comprimentos.—O Sr. Chiarini e a bicharia.

Caro Democrito.

Vae a Mocidade entrar em seo segundo trimestre.

Não obstante as difficuldades com que têm luta do durante a sua existencia, aliás curta ainda, continuam os seus redactores implorando para ella a protecção do illustrado publico maranhense, condição sine qua tera de succumbir, pois a crise...

No entanto nada de desanimo. O mundo marcha, e neste seculo de luzes deve-se confiar na indulgencia do publico para com uma empresa que só trabalha pela causa santa da instrucção e da liberdade, companheiras inseparaveis.

Depois, concordemos n'uma cousa: essa crise de que acima fallei, e que está hoje na ordem do dia, não é lá tão grande como se pinta. Tensido ao theatro? Não deixa de estar sempre concorrido. Freqüentás o hotel do Porto? Quanta gente lá não está a jogar bilhar, tomar cerveja e café frio! Vae ao Culim? à estação? aos Remedios? Nunca deixas de encontrar nos bonds soffivel numero de passageiros. E assim é tudo mais, por onde bem podes avaliar a verdade das minhas palavras.

Será, pois, possível que só não haja dinheiro para subscrever se 25000 rs. por trimestre em beneficio da Mocidade orgão da juventude? Não o creio. Quatro poderão devolver o jornal, outros tantos não estarão em casa, outros não terão tempo para ler gazetas e já assignam muitas, outros mandarão que se espere para um sabbado, que não faz parte do seo calendario, outros dirão que têm gasto muito dinheiro com festas, espectaculos &, outros finalmente que se mande receber a importancia da assignatura no principio do mez; porem em compensação muita gente (permitta Deos que assim aconteça) protegerá e até animará a empresa, que assim ha de continuar, embora trabalhando, e trabalhando muito.

Quanto a mim, não temo o trabalho, e até já tenho trabalhado tanto, que ás vezes estando dormindo, ou antes descansando das fadigas do dia, não acordo nem a tiros de peça pela manhã.

Foi justamente o que aconteceu na madrugada do dia 24 deste, quando chegou o vapor do sul. Tinha trabalhado muito durante o dia antecedente, e necessitava de descanso; deitei-me, e logo veio-me o somno. Dormi, e também sonhei.

—Mas quaes eram os teos sonhos?—Parece-me que já estou ouvindo-te a interrogar-me assim.

—Descança, não sonhei com thezouro nenhum, e ainda que assim lisses acontecido, tu não acreditás que realisem-se os sonhos...

Eu sonhava simplesmente com um vapor que chegava e outro que sabia. Ouvia musicas, foguetes, vivas, &. O porto regorgitava de gente, e gente muita. Os cincs... não, não repicavam os sinos.

Mas o vapor, que sabia, não tinha que fazer grande viagem, pelo contrario, a sua derrota era pequena, só até o ponto em que tinha fundeado o outro vapor, que do sul havia chegado.

Assim foi. Terminada a sua carreira, pára, a fim de receber um illustre personagem que vinha para terra. Quem seria elle? Era o que eu não sabia. Verdade é que tinha ouvido já alguns vivas, porem estes não soavam de maneira que eu podesse distinguir perfeitamente o nome daquelle em cuja honra e saudação eram levantados.

O que pensar então? Um personagem nestas condições não me parecia poder ser outro que o nosso Monarcha.

Esta idéa me contristou. Eu já desejei que o Monarcha viesse até aqui, suppondo que a vinda delle nos trouxesse algumas vantagens, porem desde que tiveram a habilidade de me convencer dos prejuizos que elle traria à nossa terra, que eu fiquei com medo de ver reproduzidas uma dasquellas nossa grand's seccas, e essa peior ainda que a ultima em hente, havida no Coroaá, Urubú etc.

Atterrado, gritei, pedi soccorro, ia dar um viva a republica quando o meu companheiro de quarto acordou-me, espantado, já de volta da rua (eram então 6 horas da manhã).

—O que tens? pergunta-me elle.

Expliquei-me, explicou-se.

Avalia, pois, se tinha ou não razão para ficar cont'nte desde o momento em que soube não ser o Monarcha o homem do desembarque, e sim um outro personagem illustre, é verdade, porem que, sem o ómnium sceptro, tinha abalado tanta gente, tão grande era a sua população, filha do seu prestigio e merecimento, também grandes. Era o Exm. Sr. Dr. Maya, deputado geral, que regressando da óté, encontrou essa multidão que o esperava com musica, foguetes, possejatas, &.

Permitta, pois, S. Exc. que o compriment'd'aqui, ja que não pude fazer parte d'essa multidão que fez-lhe as honras mesmo no porto, provando assim a grande sympathia e influencia de que goza.

Mudemos agora deste para outro assumpto bem differente.

Está na terra o Sr. Chiarini com a sua comitiva e a immensa bicharia.

Traz zebras, macacos, tigres, girafas, &. Veio tudo encamizado para não ser visto antes de la-funcioni. Bom expediente.

S. S. reduziu um pouco o preço dos bilhetes. E' mesmo de justiça que elles aqui se vendam mais baratos que no Pará, onde maior devia ser a despeza feita com a sua comitiva. O expediente de encamisar os bichinhos foi bom, mas este também não será máo. Verá que concorrência ha de ter. E é melhor o pouco em grande quantidade do que o muito em pequena.

Hoje haverá o 1.º espectáculo no circo, e a funcioni continúa em todos os dias durante a sua estada aqui.

Tantos espectaculos haverá de dar que afinal quem sabe se S. S. não ha de pagar a quem fór lá. Não que os trabalhos não sejam bons, mas o muito também aborrece. Agora se S. S. não variar sempre com a mesma cousa...

Adeos Democrito.

Fica esperando tua resposta

Confucius.

Espectaculo.—Os Srs. Drs. José Corrêa de Loureiro, R. Filgueiras e Capitão-Tenente Joaquim C. Pereira de Mello tiveram a nobre e muito louvavel idéa de promover um espectáculo em beneficio da viuva Souto; uma das victimas mais prejudicadas com o incendio do dia 18 deste, e da preta Joanna, que nelle prestou muito bom e desinteressados serviços.

No intuito de realisarem essa idéa fizeram Ss. Ss. o que estava a seo alcance, trabalhando todos com bastante dedicação, só com o fim de pôr em pratica uma das mais bellas virtudes—a caridade.

Hontem teve lugar o espectáculo, cujo trabalho foi todo feito gratuitamente pelos curiosos do theatro de variedades, e mais outros. D'entre os que conhecemos registramos os nomes dos Srs.:

Euclides Faria, João Affonso, Alluizio Azavedo, Victor Lchoto, Arnaldo Leite, Henrique Abranches e Alexandre Raiol.

O theatro esteve concorrido admiravelmente e todos os papeis foram desenhados com bastante perfeição para moços que não fazem disto meio de vida.

O Sr. Dr. Filgueiras executou no seu violino a Phantazia da Sonambula, em que sahio se perfeitamente bem, recebendo muitos e entusiasticos applausos.

A orchestra foi dirigida pelo habil e muito intelligente maestro Leocadio Raiol, que a isso prestou-se gratuitamente, bem como todos os outros seus companheiros que o auxiliarm. Forão elles os Srs.:

Joaquim Teixeira de Souza, Joaquim Zeferino, Vicente Antonio de Miranda, Carlos Antonio Colás, Alexandre Raiol, Manoel Joaquim Cantanhede, Pedro Alexandrino de Souza, Dionizio Silva, João Manoel da Cunha Junior, Raimundo Ferreira de Souza, Izidoro Lavrador da Serra.

Pelos Srs. Miguel Marques e Euclides Farias foram recitadas duas bonitas poesias, que vieram ainda uma vez provar o grande talento de ambos. Deixam ellas de ser publicada por falta de espaço.

Todas as pessoas aqui citadas, bem como outras que talvez nos tenham escapado, merecem os maiores elogios pelo desinteresse e dedicação com que trabalharam somente com o fim de soccorrer a uma familia extremamente pobre, e de libertar uma escrava que portou-se heroicamente n'uma occasião em que justamente bem precisos eram os seus serviços.

Não deixa também de merecer elogio o publico que foi tão generoso em prestar o seu forte auxilio em prol dessas creaturas, hontem consternadas p-la pobreza, e hoje consolados pela caridade que encontraram.

Imprensa.—Alem dos jornaes do costume, recebemos mais o Iris e o Jornal das Familias.

O ultimo destes tem como redactores e colaboradores pessoas de grande merecimento litterario, o que é bastante para trazer sempre muitos bons escriptos,—romances poesias, &. Vem sempre acompanhado de figurinos,—musicas inéditas,—estampas de bordados, moldes,—gravuras &.

Quanto ao seu editor, não é necessario tecer-lhe elogios: é o Sr. B. L. Garnier.

O preço da assignatura é muito insignificante, ao passo que proporciona grandes vantagens aos assignantes, por ser um jornal recreativo, illustrado, instructivo, artistico &.

São correspondentes do Jornal das Familias, nesta capital, os Srs. Ramos de Almeida & C., Gonçalves & Pinto, e Magalhães & C.

—Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que em outro lugar publicamos sobre o Iris.

Agradecemos a remessa de ambos, a qual retribuiremos.

AVISO.

As pessoas que, não sendo ainda nossos assignantes, receberem este numero do nosso jornal, o 1.º do 2.º trimestre, queiram devolvê-lo á rua Formosa, n. 40, ou á rua da Mangueira, n. 14, no caso de não quererem dar-nos a honra de assignal-o.

O IRIS.

Periodico bimensal, dedicado ao sexo feminino.

Publica-se na capital do Rio Grande do Norte.

Redactor, Joaquim Fagundes.
As assignaturas são de 55000 rs. por anno, 35000 rs. por semestre, e 15000 rs. por bimestre, pagos adiantados.

Nesta cidade assigna-se em casa dos agentes, á rua Formosa n. 40, e á rua da Mangueira, n. 14.

Maranhão.—Typ do «Paiz».—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits....
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adianta as—2000 rs. por trimestre.—Número avulso 300 reis

ANNO I

Maranhão—Quarta-feira 10 de Novembro de 1875.

NUMERO 11

A MOCIDADE

MARANHÃO, 10 DE NOVEMBRO DE 1875.

Foi impellido pelo louvavel empenho de proseguir no cultivo do nosso espirito que creamos este pequeno jornal, a que demos o nome de *Mocidade*.

Não ignorando quantos obstaculos tinhamos a vencer na ardua tarefa que ousavamos emprehender, não trepidamos um só momento no proposito de offerecer ao publico o fructo das nossas lucubrações, pensando que não poderíamos deixar de ser bem attendidos n'uma tentativa em todos os pontos progressiva.

Houve acaso engano n'este juizo? Não o podemos ainda asseverar, mas estamos convictos que não. Temos recebido provas mais que evidentes de que pelas pessoas illustradas é bem acolhido o nosso jornal, e é d'essas pessoas que ambicionamos o beneplacito. Só d'aquelles que á altura estiverem de nos louvar se dignos formos de elogio, ou de nos censurar se errarmos, podemos prezar o conceito. O juizo da illustração é que nos pode condemnar ou absolver se trilbarmos bem ou mal o caminho que pretendemos seguir; a satyra da ineptia em nós não pode produzir outra impressão que não seja a que produz no viandante, que caminha junto á margem de uma lagoa, o coaxar desagradavel das rans que se agitam em lodosas aguas. Ardentemente desejamos a approvação das pessoas cultas; desprezamos com tedio o

ataque de invidiosos, cuja estulticia e malevoença não podem gerar senão torpes argucias.

Eis as idéas que na mente nos transuziam quando fundamos este jornal; eis as idéas que nos animam agora que temos de o sustentar. Foi possuidos d'ellas que formulamos o nosso programma, programma ao qual ainda não fallamos, e cuja immensa latitude nos não permittio poder dar-lhe o devido desenvolvimento. Ainda nos não affastamos do circulo no qual nos circumscrevemos, mas ainda tambem não havemos podido percorrel-o todo. Resta-nos um immenso campo a explorar—o da instrução popular, base de todo o progresso bem entendido, e só poderemos arroteal-o bem quando, animados por vozes benevolas e pelo apoio do publico, conseguirmos os meios de consolidar a nossa empresa. Em quanto ella estiver vacillante, não poderemos emprehender tão penoso trabalho, pelo receio de não levar até ao fim a missão, de que nos encarregamos.

E' por isso que hoje, ó publico sensato e progressista, vos dirigimos um appello. E' só com a vossa protecção que podemos lograr o premio do nosso trabalho, e portanto fovorecei a *Mocidade* com um acolhimento benevolo. Em troca da leitura das suas columnas dai-lhe o obulo das vossas assignaturas, e animai-a com as vossas luzes. Não lanceis vossos olhares com inferioridade sobre ella, e lembrai-vos que, n'uma corte illustrada, não passou desap-

percebida ás vistas dos redactores de alguns jornaes conhecidos pela sua illustração, cujos elogios, embora sejam por demais lisongeiros, não deixam contudo de ser um incentivo para proseguirmos no louvavel empenho de alargarmos a esphera dos nossos conhecimentos nas difficuldades da imprensa. Aquelles que despertaram a attenção de alguns jornaes illustrados não podem ser indignos da vossa benevolencia.

Não façaes com que se diga que:—*Não é possivel no Maranhão a sustentação de um jornal litterario*—, porque taes palavras são uma affronta á civilização d'esta provincia, aonde, felizmente, existe assaz grande numero de pessoas illustradas, para que se não julgue impossivel a sustentação de uma tal empreza. A verdadeira expressão da civilização de um povo é o seu jornalismo, e no paiz aonde não poder existir um jornal litterario, é porque n'esse paiz não se preza, nem pode existir a litteratura.

No dia em que á luz da publicidade apresentamos o fructo dos nossos trabalhos, alistamo-nos nas fileiras dos obreiros do progresso e hoje, que caminhamos á sombra do seu aurifulgente estandarte, não se nos negue o proseguirmos, embora com fracas forças, na tarefa de concorrermos para a construcção d'esse grande edificio que se intitola civilização. A mocidade é a avanguarda das nações, e a ella é que pertence a iniciativa nos grandes movimentos civilisadores. E' ella

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 10).

Se a solidão ceda á desgraça, o termo dos nossos desgostos é uma fraca consolação; o coração perdido n'um deserto bendiria o golpe cruel, que lhe faz ver que elle não está só. Nós não amamos o que ninguém pôde partilhar commosco; a propria

felicidade cessa de ser felicidade, se nós não fomos dois para gozar d'ella.

Um coração que os mais meigos sentimentos abandonam, vê-se forçado a recorrer... ao odio. Este tormento parece-se com aquelle, que experimentariam os mortos, se elles sentissem de repente os vermes do tumulo rojar sobre seus cadaveres meio carcomidos, sem poder desviar longe de si estes reptis; tal seria ainda o desespero d'aquelle passaro do deserto; d'aquella pobre mãe que alimenta com seu sangue sua joven familia, se, no momento em que ella acaba de despedaçar seu seio sem lastimar uma vida que ella sacrificou a seus filhos, ella já os não achasse em seu ninho despedaçado.

As mais cruéis angustias da dor seriam prazeres em comparação d'aquelle vacuo assustador, d'aquella solidão arida de um coração, de que todos os sentimentos ficaram sem objecto. Quem quiz ra-

ser condemnado a contemplar eternamente um ceu sem sol e sem nuvens?

A idéa de já não poder desafiar as vagas do Oceano é sem duvida mais terrivel que o mugido das vagas para um desgraçado que um naufragio lançou como um vil destroço sobre uma praia inhabitada, e que se vai enfraquecer nas longas agonias do trespasso, no meio da bahia placida e silenciosa; vale mais antes mil vezes ser aniquilado na tempestade, que sentir-se morrer pouco a pouco sobre um triste rochedo.....

•Meu padre, tu passaste teus dias a contar os grãos do teu rosario, e a repetir eternas orações! Absolver os peccados dos homens, tu mesmo isento de crimes e de cuidados, tal é a occupação de tua vida desde o berço até á velhice; ao abrigo de todos os males, a não ser das dores passageiras, que todos partilham, tu bendizes o céu de ter

que caminha sempre á frente das revoluções, sejam sociaes, ou simplesmente de pensamentos, e que pede com vozes entusiasticas os melhoramentos e os benefícios do progresso, pois que tambem é ella que tem de preparar o campo social para as futuras gerações.

E nós pertencemos á mocidade, e nós tambem sentimos girar-nos com ardor o sangue nas veias, todas as vezes que as palavras *progresso e civilização* vêm echoar aos ouvidos. Eis porque nos queremos precipitar nas lides progressistas, eis porque, ó publico, te supplicamos a protecção, porque sem ella seriam infructiferos os nossos esforços.

Possa por nós ser recebida essa protecção que, altivos com ella, continuaremos a sustentar a nossa empreza, votando ao desprezo todo e qualquer sarcasmo da estupidez, que, qual baba nojenta de reptil immundo pretenda improficuamente manchar a nossa tentativa.

A gruta Holland-House.

(ROMANCE HISTORICO POR ARTHUR ROSA.)

(Continuado dos ns. 7, e 9.)

Depois de termos descripto tantos personagens illustres, que por accaso, ou vontade propria vieram habitar por algum tempo a gruta Holland-House, não podemos deixar de tractar de um muito celebre e cuja vida influio de alguma forma nos revezes porque tem passado a humanidade; queremos fallar de Sully, ministro de Henrique 4.^o

Sully, foi a Inglaterra como embaixador de Henrique 4.^o, um dos melhores reis que tem tido a França, mas que nem assim deixou de escapar ao punhal do fanatico Raivallac; o fim da sua viagem á velha Albion, era pedir não só proteção de dinheiro a rainha Izabel, a protestante, como tambem obter alguns batalhões para as guerras que Henrique 4.^o tinha em vista emprehender.

Sully, antes de dirigir-se a rainha Izabel para tractar dos negocios de que estava incumbido, demorou-se por alguns dias na celebre gruta—Holland House, onde go-

afastado de ti as tempestades das paixões, tão funestas aos mortaes que, conduzidos pelo arrependimento, vêm depositar em teu coração indulgente e puro o segredo de seus erros e de seus desgostos; enquanto a mim vivi pouco, mas eu esgotei muitas vezes a taça do prazer, e mais ainda a da dor. Ah! ao menos, graças áquelles dias de voluptuosidade ou de perigos, eu escapei ao aborrimto de uma vida monotonica. Hoje triumphante no meio dos meus, amanhã lutando contra meus inimigos, eu não temi senão a languidez do repouso. Agora que já nada me resta para amar ou odiar, na taça que acorde as minhas esperanças ou o meu orgulho, eu quizera ser o vil insecto que roja nos muros humidos de uma masmorra, antes do que passar o resto de meus dias no socego de uma fria meditação.

Comtudo ha em meu coração um secreto desejo de repouso, mas de um repouso de que eu não

sou os praseres que proporcionava tão bella quão agradável habitação.

Sully, á quem Voltaire, eliminou da Henriada, para o castigar, senão na sua pessoa, ao menos no seu nome, ter um dos seus descendentes deixado o grande philosopho, poeta e critico levar algumas bengaladas do cavalleiro de Rohan, perto da porta da sua casa, de quem Voltaire havia dito algumas cousas que nada tinham de agradaveis, sem o socorrer, sem ao menos dizer: basta Mr. Rohan, Mr. Voltaire, já está bem ensinado.

O grande poeta riscou Sully da Henriada para vingar-se da offensa que havia soffrido de um de seus parentes, e o substituiu por Duplessis-Mornay, o homem mais virtuoso e illustrado do partido protestante. Mornay, sabia varias linguas e sciencias, e tinha um completo conhecimento dos homens e das cousas; e por que reunia estas qualidades tão indispensaveis aos homens de estado. elle era um verdadeiro politico e não um simples intrigante de partido.

Voltaire havia escripto os seguintes versos na Henriada á respeito de Sully:

Dejá des Neustriens il franchit lá campagne;
De tous ses favoris Sully seul l'accompagne;
Sully qui, dans la guerre et dans la paix fameux
Intrepide soldat, courtisan vertueux,
Dans les plus grands emplois signalant la prudence
Servit également et son maître et la France;
Heureux si, mieux instruit de la divine loi,
Heût fait pour son Dieu ce qu'il fit pour son roi !
A travers deux rochers, etc—

Depois arrependeu-se de ter estragado os seus versos com semelhantes caricatura politica e os substituiu por estes outros:

Dejá des Neustriens il franchit lá campagne,
De tous ses favoris, Mornay seul l'accompagne;
Mornay, son confident, mais jamais son flateur;
Trop vertueux soutient du parti de ferreur;
Qui, signalant toujours son zèle et la prudence,
Servit également son Eglise et la France;
Censeur des courtisans, mais á la cour aimé;
Fie rennemi de Rome, et de Rome estimé.

—Ah! se todos podessem compor poemas para se vingarem como o fez o grande revolucionario dos espiritos do seculo 18! mas nem todos tem esse dom, e igualmente vingam-se como Mr. de Rohan, dando bengaladas, ou como Fulvia furando com uma agulha a lingua do grande orador romano, Cicero, que havia em publico senado fallado á respeito dos seus torpes e vis costumes.

quizera ter conhecimento. — Bem depressa o destino me ha de satisfazer, eu dormirei sem pensar no que fui, no que eu quizera ainda ser, por mais negras que tu julges as minhas ações.

Minha morte já não é sinão o tumulo de uma felicidade perdida desde muito tempo. Minha esperança é de cessar bem depressa a de existir. Ainda que tivesse sido melhor para mim morrer do que arrostar uma vida de dores angustiantes, minha alma á aprximção dos golpes gulos de um eterno soffrimento, ella não procurou um refugio n'um trespasso voluntario, desdenhando caminhar sobre os vestigios dos pretendidos sabios dos tempos antigos, e dos covardes dos nossos dias. Mas não é a morte que eu temi; eu a teria arrostado com coragem n'um campo de batalha, se a sorte me houvesse conduzido sob os pavilhões da gloria e não sob os do amor. E eu arrotei; mas eu não fui seduzido pelo attractivo das vans honras:

Os girondinos que haviam escapado á cruel guilhotina, haviam-se refugiado tambem n'esse pequeno canto do mundo, que estava sempre prompto para receber os auctores das grandes idéas.

Foxahi se reuniu com os seus partidarios por espaço de 20 annos, afim de discutir os interesses de seu paiz; taes como: melhorar o estado perpetuo das gueraas na Europa, por uma paz geral, unir a França á Inglaterra; faziam justamente o contrario de Pitt que votava odio implacavel á França e que a todo transe queria declarar-lhe guerra, ainda pelas menores cousas.

Essa gruta poder-se-lia chamar-se—*a gruta da sciencia* em contraposição da—*gruta dos amores*, pois as capacidades mais notaveis e importantes da epocha da sua existencia, não deixaram de respirar o ar delicioso de que estava impregnada a sua atmosphera, e debaixo das suas sombras abobadas discutiram as mais altas questões, que por então occupavam o espirito humano.

Artistas, poetas, viajantes, legisladores, homens de estado, ministros, principes, reis, habitaram esse ameno retiro da humanidade: Van Dik, Rogers, Chardin Addison, Sheridan, Luttrell, lord Byron, Sully, lord Palmestron, lord Grey, lord John Russel, o rei Jorge 3.^o e o regente que depois tomou o nome de Jorge 4.^o todos visitaram e tomaram refeições n'essa encantadora e celebre morada.

Que de innumerados personagens, ahi vieram esquecer as magoas do mundo e adquirir forças para repellar o erro e amar a verdade; no remanço da paz e da contemplação da natureza, essa imagem perfeita do poder universal, que tudo extasia e domina, especialmente quando os corações sobre que influe são sensiveis e se amoldam facilmente as idéas do bello e do sublime!

Só quem nunca gosou dos praseres campestres, é que poderá admirar-se da excentricidade d'esses homens, porem aquelles que já fruiram das delicias intimas da natureza, somente terão desgosto de não terem feito parte de tão bella committiva, e com saudade lembrar-se-hão dos tempos já passados, que em leda choupana,

pouco me importam os louros que ambiciono o mortal sequoso de fama, ou o solitario merenário! Mas m'entre-se-me um premio digno de perigo, a belleza que eu amo, ou o inimigo que eu abomino; eu saberei precipitar-me nos atalhos do destino, no meio das florestas de lanças e das torrentes de chammas, si se trata de salvar aquella que me é cara, ou de atravessar um coração odioso. Uma alma altiva e orgulhosa desafia a morte, a fraqueza a recebe sem se queixar, só a desgraça deve implorar-a. Seja minha vida entregue aquella de quem a recebi. Eu não empeco á vista do perigo, quando eu era poderoso; mas eu hoje ser-me-ha preciso tremer?.....

(Continúa.)

situada a beira-mar, esperavão que as ondas viessem-lhe beijar as alvacentas plantas e as aves dissessem-lhe um adeus festivo, entoando seus melodiosos cantos.

(Continúa.)

Epistolas a Proporato.

(Continuação do n. 8.)

Minha vista depois de ter fitado,
N'este grupo que acabo de pintar,
Meus olhares volvi para outro lado
Novos typos querendo contemplar;
Mas os nubes iratos do meu fado
Vêm a vista de tal quadro me negar,
Pois o dono d'emp'ez, maganão!
Deixa a gente em completa escuridão.

Mergulhado na densa, espessa treva
Produzida das luzes pela falta,
Um desejo esta mente excita e leva
A roubar da gatinha a rica malta;
E pensando na moça que m'enleva
Assentada bem junto do peralta,
Vou cuidando das joias lhê filar
P'r'as escuras meu tempo aproveitar.

Já no panno s'ostentam da lanterna
As figuras mui varias multicores,
E a mocinha, amante doce e terna,
Não mais falla sequer nos seus amores.
Para a scena voltada ella s'interna
No prazer de fitar os seus fulgores,
Atenção não prestando ao fallatorio
Do amante germano tão simplorio.

—Eis chegado o momento!—Cá commigo
Fui mui ancho dizendo com presteza,
—De tentar cambater o fado im'go
—Esta moça roubando com limpeza;
—Pois protesto, do alheio sendo amigo,
—Meu engenho mostrar minha esperteza,
—Esta joven depressa depenando
—Sem que sinta até qu'estou roubando.

Agachei-me, e a mão fui dirigindo
P'ra medalha no preço celebrada,
E peguei na golinha que cingindo
O seu collo está, afortunada,
E depressa os feichos fui-lhe abrindo
Com cuidado e cautella delicada,
Quando sinto na face m'estalar
Forte beijo que pasmo de levar.

Para mim, eu não cre'o, destinado
Fôra o beijo na face recebido,
Pois o nosso D. Juan ficou pasmado
De top'r um bigode tão comprido;
Não sustendo um grito d'admirado
N'um engano mostrou-me ter cahido,
Pois o beijo no rosto dar julgava
Da donzella bonita qu'adorava.

Mas, coitado! pensava qu'a mocinha
Escutava d'amor, adocicadas
Essas vozes d'affecto que s'aninha
Em palavras sentidas, namoradas,

E julgando da moça qu'a carinha
De feições fascinantes, delicadas,
Inclinada estava p'r'ao seu lado
N'este lôgro topou tão desgraçado.

Dos pulmões escapado d'este amante
Este grito assustou a casta diva,
Que confusa ficou no mesm' instante,
(Confusão que não foi mui pouco viva);
E por isso pergunta ao negociante
Qual a causa seria tão activa
Qu'o levava a gritar; se fôra medo
Qu'o dissesse ali, e em segredo.

Bem confuso ficou o tal pateta
Sem saber que resposta balbuciar,
Não querendo contar a mui completa
Esp'irrella em que fora tropeçar;
D'exquisitos motivos toca a meta
O seu grito querendo des'olpar
Accusando uma pulga de haver sido
Causadora feroz deste bramido.

Não convencem a moça taes razões,
Mas vexado o achando no fallar,
D'indagar vai sustendo as comichões
Qual a causa seria do gritar;
Eu na traça avançando dos ladrões
Tal momento pretendo aproveitar
Para as joias robar-lhe lá do coque,
Que nas mãos eu trarei mesm'a reboque.

Da cabeça approximo da donzella
Minhas mãos em roubar exercitadas,
E depois de proficua apalpa tella
Já as tenho nas unhas agarradas;
Mas querendo puchar de fita bella
Onde seitas eu vejo bem douradas
O punhal que'lla preso tem u'um laço
Faço ao chão ir-lhe o coque com fracasso.

Tal retumba nos ceus o choque electrico
Dos vapores que se cruzam n'amplidão,
Tal o ruido medonho, duro e tetrico
Qu'este coque pesado faz no chão.
Um problema proponho geometrico
Sobre o peso do maldito caldeirão,
Quantos kilos mandando calcular
Pode o coque em balança equilibrar.

Oh! que pasmo! qu'a'sombro! n'essa gente
Do theatro causou o tal rumor!
Pois, temendo u'um p'rigo muito ingente
Tal estrondo lhe gera grande horror;
E por isso ^{choca} chama duramente
Para ali o dos sabio director,
Lhe pedindo qu'as luzes accendendo
O motivo da bu'ha vá sabendo.

(Continua)

Motte.

Não se pôde chamar crime,
O crime que causa amor.

GLOZA.

Da razão é lei sublime
Que se ame com singeleza,

O que manda a natureza
Não se pôde chamar crime:
O céu mesmo é que imprime
Nos peitos este almo ardor:
Longe, fanatico horror
Que a tantos povos illude,
Não é crime, antes virtude
O crime que causa amor.

Quem terna paixão reprime
Este sim, este é culpado,
Mas amar e ser amado
Não se pode chamar crime,
Sigamos a lei sublime
Do supremo creador,
Gozemos o puro ardor
Que a natureza acendeu,
Si é crime, o crime do céu
O crime que causa amor.

Systema que nos opprime
Chama d'licto a innocencia,
Mas amor—de um Deus essencia
Não se pode chamar crime.
Ninguem perpetrar se exime
Terno crime seductor,
O animal, a planta, a flor
Vivem de amorosa lida,
E' crime que nos dá vida
O crime que causa amor.

Pela voz da razão se exprime
Aluminosa verdade,
Sacra lei da divindade
Não se pôde chamar crime.
Hum-nos, eia! segui-me,
Nos diz celeste mentor,
Crime de céu é melhor
Que virtude cá da terra,
E' crime que a gloria encerra
O crime que causa amor.

Recif.

Barros d'Albuquerque Maranhão.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão 10 Novembro de 1875.

O Sr. Chiarini e sua companhia.—Mr. Faranta.—Mr. Fellon.—
O Sr. Lengel.—A Sr.^a Romelli e seus companheiros.—A egua
Lylli e o cavallo Garibaldi.—As zebras, e a paciencia de
Mr. Sylvester.—Cariota Turnoar.—Mr. Wodie Cook.—Os
Srs. Clifton, Leon e Lowri.—Miss Laura, Stemple e Mr.
A. Clark.—O menino Charly.—Mr. Vallon.—A Philarmonica.
—Juizo: geraes a respeito da companhia Chiarini.—
O Sr. Lourenzo Maya.—Os exames geraes.—Um fradeo e
um soneto.—As meninas Riosas.—Despedida.

Caro e amado Confucios.

O Sr. Chiarini, como já noticiamos no numero
passado, que veio ultimamente do Pará com a sua
companhia, tem confirmado de uma maneira evi-
dente o juizo h'nroso e insuspeito que delle fize-
ram os jornaes das provincias onde exhibio os seus
trabalhos.

Nós o comprimentamos e esperamos que conti-
nue á dar provas da sua intelligencia e pericia na
arte que abraçou.

—O Sr. Faranta ou o homem de borracha, passa todo o corpo por uma argolla de metal estreita, e depois d'isto estende-se, contrahe-se, enovela-se, enfim faz o que quer de seu corpo com a maior plasticidade d'animo.

E' um habil artista.

—Mr. Fellon ou o homem de ferro, brinca com bolas de ferro, como se fôsse bolas de seringa; f-l-as p-ssar pel's costas, stira-as para o ar, apa-rra-as nos braços e até às vezes nos peitos, e f-inda o seu magnifico trabalho levantando o enorme peso de 150 libras.

E' um verdadeiro Hercules moderno. O seu ar-ricado trabalho demonstra, não só uma força prodigiosa, com tambem uma aglidade que admira.

—O Sr. Leng I, domador de feras, tem exhibido os seus q-ntro imponentes tigres de Bengala, que á um seu simples acen, urvam-se e andam de r-stos como se fôss-m cães. Nem mesmo quando o Sr. Leng I os fustiga e estala dentro da jaula alguns fulminantes, elles se mostram euraivecidos. E' um trabalho arriscad-ssimo e digno de ser apreciado pelo publico maranhense.

—A Sr. Romelli e seus companh-rrs, nos trabalhos gymnasticos que executam, mostram muita pericia e aglidade.

—A equa Lylli e o famoso cavallo G r b ldi, tem demonstrado a paciencia do Sr. Chiarini, que é o seu d-duc dor. Estes animaes executam trabalhos, que geralmente tem agradado.

As zebras, apresentadas por Mr. Sylvester, não deixam de demonstrar tambem a paciencia deste, que veio provar a possibilidade de domesticar se esse animal, o que vai de encontro á opinião de naturalistas, se bem que seja fev dente o trabalho por elle empregado para conseguir um tal fim.

—A Sra. Carlota Turnour, artista portugueza, executa trabalhos admiraveis no trapeseo, que fazem lembrar Mr. Airec, insigne acrobata russo, que aqui trabalhou no theatro de S. Luiz.

E' uma equilibrista de primeira força.

—Wodie Cook, tem mostrado aglidade e prestesa nos admiraveis saltos mortaes duplos, que dá por cima de uma pyramide de homens e grande numero de cavallos. Tem sido igualmente applaudido.

—Os Srs. Clifton e Leon, tem geralmente agradado nos trabalhos que executam sobre a barra horizontal, bem como Mr. Lowri nos volteios á gallope.

—Miss Laura e Mr. Clark, tem causado admiração nos trabalhos do duplo trampolim; bem como Miss Stemple na dansa suissa.

—O menino Charly, tem agradado, e em signal de animação e apreço recebeu alguns bouquets no espectáculo de 5 do corrente.

—Mr. Vallon, palhaço d' companhia, parece ter graça, porém como não sabe portuguez, não pode ser devidamente apreciado.

—A Philarmonica, banda de musica, que actualmente toca no circo, não tem satisfeito a expectativa do publico.

Não possuem peças proprias para este genero de trabalhos, e eis a razão por que temos visto muitas vezes os artistas e cavallos errarem. A unica banda que podia desempenhar perfeitamente o seu papel, se lá estivesse tocando, era a do 5º batalhão de infantaria, que tocou no circo equestre do acrobata brasileiro, Antonio Carlos, quando aqui esteve, e que é dirigida pelo habil maestro B. do Rego Barros, bem conhecido nesta cidade.

Este é nosso juizo imparcial e sincero.

—Os trabalhos gymnasticos que executam os acrobatas da companhia Chiarini, são todos conhecidos em Maranhão; porém não se pode negar a presteza e limpeza com que são feitas. A girafa, o Buffalo ou Bizonte da America do Norte, as Zebras e grande numero de cavallos, tem sido apresentados ao publico, que geralmente tem gostado e especialmente da Girafa, como curiosidade zoologica.

Emfim o todo da companhia agrada, não só pela limpeza de seus trabalhos, como pela delicadesa e affabilidade do pessoal.

E' pena que os trabalhos sejam tantas vezes repetidos, o que tem contribuido de alguma sorte para que as enchentes do circo, tenham diminuido.

O Sr. Chiarini, porém, sempre prompto a satisfazer as exigencias do publico, contenta-o-ha d'ora em diante com trabalhos novos e escolhidos, segundo promete.

O Sr. Lourenço Maya, mui digno secretario da companhia, pela sua delicadeza e maneiras affaveis tem captado sympathia.

—Depois de termos tratado do circo, vamos meu caro Confucius, empregrr a nossa attenção, sobre outras e umas de não menos importancia, que to fallar-te dos exames geraes.

O governo imperial, entendeu que este anno devia experimentar ou divertir-se com as provincias, e nesse intuito fez buxar um Decreto que manda que os exames de linguas e sciencias sejam feitos conjunctamente, de tal sorte que não haja atropello e confusão (isto é só para inglez ver).

No ent-nto elle (governo) passa a vida folgada e milagrosa, e nós pobres estudantes, não somos mais do que simples jogadores dos fardos bordados e mais para cumulo da infel cidade havemos de perder o anno com esta balbudeia e tambem chupitar os rs. rs, que geralmente nunca fah-m nas occasões de aperto.

Ah! bem dizia um nosso estimavel gaiatão e rapaz as direitas, na noite passada, quando depois de ter ido ao Circo Chiarini, estava descansando do passeio, dos non-oricos, e das conquistas que havia feito á tarde.

N'esse momento o maganão lembrou-se dos exames e sabendo tocar um pouco de violão, empunhou o instrumento, e com voz magoada pronunciou os seguintes versos, que fazem chorar as padras:

Quil fic' doudo o macaco,
Se lh' offerecem banana,
Qual a raposa por cana,
E pelos fumos de Bacho.
Qual gulatão por um naco
De frescal, gostoso queijo,
Qual perdendo melo e pejo
Assim não caibo nos couros,
Exame quando te vejo.

Ah! Ah! Ah! que ma reco; se assim fôss-m todos, não veriamos tanta tristeza e desanimo da parte da rapaziada; mas enfim quem quizer criar coragem, que compre meia pataca d'ella ao sobredito poeta dos anzões etc. etc.

—No dia seguinte ao d'este acontecimento, vinha eu, pela rua dos Remedios, quando vejo adiante de mim, um fradeço que corria qual cavallo de Wodie Cook nos saltos mortaes.

Apresso o passo o mais possivel para poder reconhecer a caricatura, porém foi tudo de balde e voltei de coimbuca. Engano, de coimbuca não, mas sim de soneto.

De soneto? me perguntarás tu, meu caro Confucius; e eu te responderei, sim, de soneto.

Pois o t.l. do fradeço na desfilada em que ia deixou cahir da rasgada sotaina os seguintes versos, que tenho a honra de apresentar a apreciação dos nossos amaveis leitores, á quem Deus guarde, por muitos annos de vida, para assignarem o nosso jornalsto (isto se diga bem devagar).

Lá vas obra ou para melhor dizer versalhada:

UM SONHO HORRÍVEL

(mas falso)

Soneto.

Vi (em sonho) perante a fradaria,
Em habits d'irmã da caridade,
Rojar-se pelo lodo da humildade
Traidora,—desteal,—maçonaria...

A aguia, a que no orbe só cabia
De abutres defender a humanidade,
Perdida a honra, o brio, a dignidade,
Voltada para Roma, assim dizia:

•Já vês qu'impunemente á minha vista,
•Pcr policia, um governo em teu caminho
•Faz publica proffissão de lazarisista!

•De nome quero mudar... járendo o ninho...
•Venha o chrisma... e por gloria da conquista,
•Seja o Papa de Roma meu padrinho!

(Assignado)

Um Visionario.

Está bem entendido que o auctor dos versos quando fallou á respeito da maçonaria, não se referiu ao seu totum, mas sim in partibus; o que entenderá facilmente o leitor perspicaz.

Não faremos mais commentarios sobre os versiculos que acima se lêem, porque estamos convictos que todos os intelligentes e bondosos assignanda «Nocidade» entenderão facilmente o enredo.

—As meninas Riosas, retiraram-se no vapor Purús para o Ceará; desejamos-lhe prospera viagem.

—Consta que o Sr. Bonifacio Riosas, pae das meninas acima mencionadas, deixara o seu criado n'esta cidade, despresado, sem ao menos ter lhe pagos salarios, e com a circumstancia aggravante de te-lo despedido ao embarcar com elle para o vapor Purús.

E' tal o acto do Sr. Riasas, que sobre elle não faremos commentario algum, e o deixamos a apreciação do publico maranhense.

Chamamos attenção do Sr. consul de H spanha, para este desventurado moço, que longe da patria e da familia, está exposto á miseria e a vergonha.

—Caro Confucius, já te massei bastante com esta missiva, e portanto faço aqui ponto.

Adeos. Aceita um abraço d'este teu amigo e conhecido velho,

Democrito.

ANNUNCIOS.

Recreação Litteraria.

De ordem do Sr. Presidente desta sociedade, convoco a todos os Srs. socios para a sessão extraordinaria que terá lugar quinta-feira ás 11 horas da manhã, no lugar do costume.

Maranhão, 9 de novembro de 1875.

O 1.º secretario
Joaquim L. da C. Bello.

O IRIS.

Periodico bimensal, dedicado ao sexo feminino.

Publica-se na capital do Rio Grande do Norte.

Redactor, Joaquim Fagundes.

As assignaturas são de 5000 rs. por anno, 3000 rs. por semestre, e 1500 rs. por bimestre, pagos adiantados.

Nesta cidade assigna-se em casquidos agentes, á rua Formosa n. 40, e á rua da Mangueira, n. 14.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis

ANNO I

Maranhão—Sabbado 20 de Novembro de 1875.

NUMERO 12

A MOCIDADE

MARANHÃO, 20 DE NOVEMBRO DE 1875.

A utilidade da instrucção é como o sol, cuja necessidade inutil se torna provar. Esta verdade está hoje tão conhecida, que repetil-a torna-se até fastidioso. Pois bem: a instrucção é a base da civilisação dos povos: todo e qualquer governo tem por dever e fazer progredir a civilisação, difundindo em todas as classes da sociedade a instrucção, e nesse intuito deve facilitar o quanto for possível os meios necessarios para que o homem possa instruir-se, deve mesmo estudar esses meios e pol-os em pratica com a possível brevidade.

Mas é isto por ventura o que faz o governo do Brazil? Pelo contrario, elle liga a menor importancia ao objecto que devia ser o seu primeiro cuidado, descarta, já não dizemos estudar, mas pôr em pratica os meios conhecidos, que tendem a facilitar a instrucção.

E qual a razão disto? Se quizessemos ir adiante, diriamos com mais alguém: O governo não quer que o povo se instrua, porque o governo não quer a liberdade do povo, a qual necessariamente tinha de gerar uma instrucção bem entendida, afim de melhor poder usurpar-lhe os direitos. Mas não é preciso avançarmos tanto; concordemos todavia que o procedimento ou, antes, a incuria do governo é que dá lugar a que se pense e por consequencia a que se falle por esta maneira.

Vejamos.

Conhecida a necessidade de diffundir-se a instrucção, torna-se tambem conhecida a necessidade de instituições que a facilitem. Essas instituições devem subir gradualmente até o ponto mais elevado possível, afim de que elevado seja tambem o grão de instrucção a que possa o homem attingir. D'ahi a necessidade das academias.

E expõem academias no Brazil. Mas, por ventura, offerecem ellas vantagens a todos aquelles que desejam instruir-se? Não. Só para os que habitam o sul do im-

perio parece haverem ellas sido creadas, pois o habitante do norte que desejar cursal-as, não o poderá fazer sem grandes dispendios pecuniarios, e, o que é peior ainda, sem grandes dispendios de tempo.

E todos estes estão em condições de fazer esses dispendios? Certamente que não; nem todos dispoem de recursos, nem todos possuem fortunas.

No entanto quanta intelligencia robusta existe por ahi, que cultivada seria um portento? Quantos moços, que poderiam seguir uma carreira brilhante, veem-se impossibilitados de dar um só passo na senda da sciencia!

Mas o governo não quer pensar assim; não quer auxiliar o pobre, não se lembra de instruir o povo. Se alguma coisa elle faz, se alguma vez se vê forçado a cumprir o seu dever, trata somente de melhorar a côrte, o sul do imperio, o mais fica esquecido, o mais não pertence ao Brazil...

De facto, não só a instrucção, mas tambem as grandes idéas, as emprezas vantajosas e progressistas, que por acaso partem do governo, nunca são destinadas ao norte do Brasil; parece até que ha proposito em desproteger essa parte que ha bitamos do imperio.

Para prova basta reflexionar sobre o procedimento do governo, somente em relação à instrucção.

Um meio facil havia de facilitar em parte os estudos d'aquelles que se dedicam ás letras. O governo pareceo lembrar-se de pol-o em pratica: tornou válidos nas provincias os exames dos preparatorios exigidos para as faculdades.

Essa idéa, realisada, agradou geralmente. Já o filho do norte podia fazer com diminuta despesa em sua terra o que não conseguiria senão com mais difficuldade nas provincias favorecidas pelas academias.

Enganou-se. Até agora pouco lhe tem aproveitado essa medida do governo. Se por um lado encontra vantagens, que em outro lugar não poderia ter, por outro, vê-se muitas vezes lutando com difficuldade nos seus estudos, quasi sem poder conseguir aquillo que uma lei anterior lhe

havia promettido, pois que os seus direitos são usurpados de um dia para outro. Temos um exemplo muito recente:

Ainda ha pouco esforçavam-se os estudantes de preparatorios para prestar em Fevereiro os seus exames de sciencias. Estavamos já em fins de outubro quando uma cousa a que alguém chamou decreto ou aviso, mas a que nós chamaremos barbúria, vem causar geral surpresa em razão de dispor que esses exames tivessem lugar em Novembro e não d'ahi a tres mezes, conforme lei anterior havia decretado!

E que se pode dizer de um governo que em lugar de facilitar os estudos é o primeiro a difficultal-os?

Que confiança pode-se depositar nos direitos adquiridos por leis anteriores?

Por que não toma o governo essas medidas com tempo bastante para prevenir-se os estudantes?

Concluimos: ou o governo não quer a instrucção, e nesse proposito pratica actos dessa ordem, ou o governo descarta completamente aquillo que deveria ser a sua primeira tarefa.

Em qualquer dos casos um governo que assim procede não merece confiança, e perante o tribunal do bom senso os estudantes reprovados em consequencia da falta de tempo para se prepararem para os exames, podem lançar tambem uma reprovação sobre um acto que não parece emanado de intelligencias cultas, mas sim de rudes espiritos.

A imperfectibilidade humana.

A S.

... Par la raison même que notre systeme se fonde sur des faits et non sur des rêves il trouvera plus de difficulté à se rependre et à s'établir.

Volney.

I

No espaço, n'esse ambito infinito em que se revolvem todos os seres, um glo-

1º) O artigo que acima apresentamos á luz da publicidade, em controversa a outro publicado neste mesmo jornal, contém idéas que de certo não agrada-

bo luminoso movia-se, obedecendo ás eternas leis da attracção, em torno de outro tambem luminoso, mas de dimensões immensamente maiores. Esse globo, ou antes, essa estrella era a terra, o centro da sua attracção—esse sol brilhante que ainda hoje nos allumia.

Havia chegado, porem, para a estrella o momento de decadencia; sua massa devorada pelas chammas de uma longa combustão, reduzida a gazes e a escorias onde o fogo não mais achava alimento, ia breve ser privada do seu involucro luminoso, pela extincção do fogo que lhe lavrava na superficie.

A estrella ia tornar-se planeta, e sua face inteiramente despida de raios luminosos tornava-hia um corpo opaco na amplidão.

O fogo não devia abandonar-a de uma vez, mas recolhendo-se ao seu interior continuaria a alimentar-se nas materias combustiveis que lhe podia proporcionar o seu nucleo, deixando-lhe a superficie erma de chammas, erma portanto de luz.

Assim foi: a estrella apagou-se, e logo que o fogo de sua superficie se extinguiu, a immensa quantidade de gazes, que estavam em suspensão na atmospheria condensou-se. O oxygenio demasiado abundante reunindo-se ao hydrogeneo, que existia tambem em grande quantidade, formou uma grande massa de agua que cobrio inteiramente o globo. O resfriamento da crosta terrestre produziu naturalmente a condensação d'esses gazes, que, não mais tendo o calorico sufficiente para se manterem em alta temperatura, se transformaram em liquido pela sua junção. Eis aqui como ao periodo do fogo succedeu o da agua.

Toda a terra transformada em um immenso mar já offerencia a animalidade uma sede em que se podia desenvolver. O fundo do Occeno gerando uma immensidade de polypos, n'elles preparou os artifices para as futuras terras, e estes obreiros trabalhando durante milhões de annos fizeram emergir nas das aguas com o concurso das materias, que se lhes iam aglomerando, pequenos espaços de terra. Esses espaços com o decurso dos seculos foram-se augmentando, e vieram a formar os continentes e as ilhas. O polypo e outras causas concorrentes associando-se produziram a emergencia das partes solidas da terra. O pequeno produziu uma obra grande; o zoophyto preparou o solo onde hoje pisamos! Grande força da natureza que confiou aos seres que parecem mais

darão a grande numero dos nossos leitores. A alguns até cremos que ellas farão arrepiar os cabellos por serem em completa opposição ás geralmente recebidas. A redacção deste jornal não as perfilha, mas expõe-nas como um trabalho litterario de um dos seus distinctos collaboradores, recommendavel, senão pelas idéas, ao menos pelo assumpto, que um campo bem largo de discussão pôde fornecer ás intelligencias cultas.

(Da redacção)

fracos a confecção de um mundo, do qual são indubitavelmente os primeiros artifices.

A vegetação é de crer que immediatamente succedesse ao apparecimento das terras, e a natureza dando á terra a faculdade de produzir as arvores, os arbustos, as plantas, e as hervas, queria preparar a sede para os individuos que a deviam povoar.

A proporção que a vegetação se ia desenvolvendo os animaes iam apparecendo, até que, achando-se a terra abundantemente povoada de vegetaes e de animaes, na face d'ella appareceu um animal inteiramente differente dos outros; esse animal era o homem, o futuro dominador do globo.

A força vital que anima o universo preparando pouco a pouco um scenario para o actor que devia de futuro assenhorar-se da terra, distinguio o de todos os outros seres n'elle depositando um germen de intelligencia de desenvolvimento indefinido. Dar-lhe-hia ella tambem o dom da perfectibilidade? E' o que adiante vamos vêr.

II

Qual a maneira porque se apresentou o homem na face da terra, quaes as causas que determinaram o seu apparecimento, como esse apparecimento teve lugar, estas são questões que jamais se poderão resolver satisfactoriamente. Que o genero humano teve um principio, isso é naturalmente indubitavel, mas qual foi esse principio, eis o que ninguem poderá dizer. A sciencia n'este ponto é impotente, e o berço da humanidade permanecerá sempre occulto em espessas trevas. Tudo o quanto a esse respeito tem escripto tanto os historiadores sacros como profanos é um tecido de ficções ou de conjecturas cada qual a mais absurda. Para fundarem religiões muitos homens ambiciosos d'ellas se serviram, mas perante os homens de sciencia taes edificios de impostura não se podem sustentar, e só o credulo vulgo permanecerá na crença das historias inventadas sobre a infancia do mundo. O homem é geralmente propenso á credulidade, e a vontade que sente de tudo explicar leva-o a aceitar antes uma solução absurda de uma questão, do que a reconhecer a insolvibilidade d'ella. Uma chimerica brilhante attraio-o; a realidade, por ser por demais positiva, repugna-lhe. Obedecendo mais á imaginação do que á circumspecção, tudo o que é maravilhoso o impressiona; a fabula tem para elle encantos; a verdade parece-lhe despida de attractivos. Eis a razão porque taes historias ainda hoje tem crentes, eis a razão porque ellas sempre os terão.

O apparecimento do homem na terra é um facto sublime, mas tal facto é sobremaneira inexplicavel. As theorias que a tal respeito tem produzido a sciencia não podem ser reputadas senão como meras

hypotheses, e, infelizmente, jamais poderão deixar de o ser. E' um problema insolvel a origem da humanidade; verdade triste, mas que não podemos deixar de reconhecer. E' preferivel declarar assim francamente a impossibilidade de descobrir a explicação absurda, de que se tem servido muitos autores, para inocularem nos espiritos idéas proprias a servirem de base a systemas erroneos, capazes de conduzirem o homem á completo aniquilação da sua razão. Antes combater a credulidade a que é tão propenso o homem do que alimentá-la com ficções mais ou menos desprovidas de senso.

A philosophia e a sciencia pertence a exposição tanto quanto for possível da verdade; ás religiões, o quadro de ficções e allegorias de que se tem servido para dominarem a humanidade. A primeiras combatem a credulidade; as segundas acatam-na como necessaria a seus fins especulativos.

As primeiras dizem ao homem:—Não te cances, misero atomo perdido na immensidade do Universo, em procurar conhecer a tua origem, ella é um problema insolvel, tão insolvel quanto tu proprio és inexplicavel. Tu que ignoras o que és, tu que não poderás jamais ter noções exactas sobre o teu ser, pretendes descobrir quaes as causas, quaes os principios que trouxeram a humanidade á face da terra! Ser que em ti mesmo es incomprehenhavel, abandona esse desejo chimerico, e, reconhecendo a tua propria incomprehenhabilidade, reconhece tambem a incomprehenhabilidade da formação d'esse todo a que pertences, d'esse todo a que se chama humanidade;—As segundas respondem-lhe narrando longas historias, baseadas todas em revelações problematicas (se é que podem ter até as honras de problema), historias ainda mais inexplicaveis do que aquillo que pretendem explicar. O amor proprio do homem repelle a primeiro das respostas, porque, mostrando-lhe a sua pequenez e fraqueza elle se julga por ella ameaquinhado, e aceita a segunda porque o lisongeia, e lhe offerece um campo immenso aos desvanecios da sua imaginação. Ainda aqui elle deixa a verdade para correr atraz dos ouropéis da fabula; triste cegueira que o mergulha nas trevas da ignorancia, e que o traz e tem trazido accorrentado ao carro da impostura e da superstição.

Alem d'isso os propugnadores d'essas historias, com que o imbuiram, disseram-lhe que tivesse fé; que ahereditasse nas cousas as mais absurdas, embora repugnasse a sua razão porque essa mesma razão era insufficiente para comprehender tão elevados mysterios.

Uma vez repellida a razão o que podia fazer o homem? Acreditar ^{at} dos ^{ente} nos taes mysterios, sem se lembrã, ^{da} sobre insensato! que a unica coisa qua para elle permanecia mysterio era o desejo de o

dominarem e de lhe sugarem o alimento para a sustentação de uma classe ociosa.

O que acabamos de avançar é em provas abundante. Desde a alta antiguidade até nós temos sempre visto o homem servir de ludibrio às classes que hão monopolizado o trafico das idéas religiosas; temos visto os males que taes idéas teem produzido, sem que possamos dizer quaes os bens que d'ellas tem emanado. Tambem o que é de esperar de systemas que condemnou a razão, esse facho unico que pode levar o homem ao desenvolvimento da sua intelligencia? De um systema semelhante só males se podem receber, porque a este presidem a ambição, a má fé, e o torpe desejo de manter a humanidade no obscurantismo.

Não é porém nosso proposito estender-nos largamente sobre o partido que as religiões tem tirado da credulidade humana, não só porque seria demasiado longo, como tambem porque tal assumpto nos repugna. Nossas vistas não se querem fixar por muito tempo sobre o mais triste dos quadros das miserias humanas, e por isso passamos a tratar do desenvolviment das nossas idéas em quanto á organisação physica e moral do homem primitivo, o que no seguinte capitulo vamos expor.

(Continúa.)

Nemo.

PAGINAS INTIMAS

E

Horas d'estudo.

Minhas canções d'amor, hymnos d'esperança,
Humildes sim, mas puros, mas sentidos,
Meus sonhos só retratam.
(Cabral e Albuquerque).

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem belleza, sem brandura,
Desculpas tendes, si valeis tão pouco
Que não pôde cantar com melodia
Um peito de gemer cançado e rouco.
(Bocage).

Como raio de luna
que argenta la mar
tu amor prestó a mi lira
su luz celestial.

Así, no es mucho
te dedique mis versos,
porque son tuyos.
(F. Orellana).

FLOR!

Antes de começares as rudes rhyms e tosca prosa, que este livro contem, lê, eu te peço, estas insulsas linhas, que as antecedem:

A vida de um homem é, para a vida da humanidade, o que a duração de um dia é para o tempo. O nascer e o morrer sam, na vida do homem, o que o despontar do sol e o seu derradeiro adeus no occaso sam para a existencia de um dia. Desponta o dia, o homem nasce; o homem morre, o dia finda. Este, porém, raia no horizonte cheio de risos, bellezas, esplendor e magnificencia; e o homem?—O pranto é a voz com que elle saúda o mundo, é como que o prognostico infallivel do seu

inevitavel soffrer... O dia surge, brilha e desfallece por fim na orla do horizonte;—o homem nasce, vive e morre. E essa sua vida passa como a tenue nuvem impellida pelo impetuoso aquilão!

Mas, já que esse seu existir é tão ephemero, já que essa sua vida é apenas de um momento, porque não ha de ser esse momento de completa felicidade?!

Terrivel condição a do mortal! Si ás vezes um ligeiro raio de felicidade parece dulcificar-lhe a existencia, —mil dores, mil afflicções, mil tormentos, veem promiscuamente interpôr-se, roubando-lhe esse vislumbre de ventura, que já pënsava pertencer-lhe!

E quão desesperador não seria para o homem o pensar e reflectir sobre essa infallivel verdade—o soffrimento, sobre essa terrivel realidade—a morte. si, dentro em si, o senso intimo, a razão, lhe não affirmasse energica e evidentemente a existencia de uma vida de além-tumulo?!

Essa idéa intima é o maior allivio, é o maior consolo, que pôde o homem dar a seu soffrer.

E ninguem se abalance a pôr em duvida a immortalidade da alma; porque, assim praticando, alem de ir contra essa voz que lhe brada no intimo da mesma alma, alem de não assentir ao consenso unanime de todos os povos, alem de negar a espiritualidade do principio pensante, alem de não reconhecer a necessidade absoluta da sancção moral, alem de todos os erros e paradoxos que encerraria uma tal doutrina, opposta em tudo á mil provas que não podem ser obliteradas;—iria muito mais longe,—poria em duvida ou negaria, pelo mais grosseiro scepticismo, muitos attributos essenciaes e inherentes á divina sabedoria.

Não sendo a vida presente mais do que um periodo de provações, que precede a vida de além-tumulo, o homem deve, cheio de convicção e resignado, soffrer todos os seus trances, assim como o martyr do Golgotha, com evangelica resignação, esgottava o negro calix d'amarguras, que tão acintosamente lhe fóra offerecido, quando a sêde lhe deseccava as sacrosanctas fauces!

Mas o homem, muitas vezes, em lucta com a sorte, arcando com as dores e com a desgraça, olvida a verdade e chega á conclusões desarrastadas e verdadeiramente fataes.

E foi talvez em um d'esses momentos que assim exclamou um poeta hespanhol:

«Cuento los dias d'affliccion cargados,
Cuento las horas de pesar exentis
Y veo entonces que mejor seria
No haber nascido!»
(E. Echeverria. Los consuelos).

E acompanhando-o na idéa, eu tambem digo assim:

«Si por cada mil toamentos
Um prazer tivesse a vida,

Do mortal vil existencia
Não seria tão dorida!»

E nem n'este meu pensamento nem n'aquelle do poeta hespanhol ha a menor hyperbole; pelo contrario, é o quanto vemos, é o que sentimos, é o que podemos dizer.

Creiu que ainda foi essa mesma realidade que levou Shakspeare a interrogar:

«For what is in this world but grief and care?»

E, como que se consorciando o pensamento de um poeta hodierno com o d'aquelle filho da enregelada Albion, assim exclama:

«Helas! naïtre pour vivre en désirant la mort!»
(Victor Hugo).

Mas, parecendo muito verdadeiras taes asserções, enganam facilmente, porque não sam mais do que o effeito de alguma paixão. O homem, portanto, que possui a mais sublime faculdade de que se pôde ter idéa—a razão, nada deve concluir do que vê através de um falso prisma, mas sim trazer todos os factos á luz resplandecente d'aquelle faculdade, cujos raios, mais claros e penetrantes do que os da luz meridiana, dissipam as trevas e illusões, deixando brilhar esplendente a sã verdade.

E, si eu assim escrevo, si sirvo-me da linguagem, de que ora uso, é porque as dores me ensinaram a linguagem da dor, é porque estas idéas e as palavras que as representam sam transportadas para o papel taes e quaes nascem do intimo de minha alma, debaixo da acção de meu peito, onde pulsa um coração, que, ainda na primavera da vida, já tem experimentado bem afflictivas dores, que parecem ir lentamente arrancando-lhe as fibras, porque cada pulsação é uma nova magoa, cada magoa talvez um germen de morte!

Mas, (favor do Céu!) no meio d'este tremendo delalo de innumeradas provações, onde tudo parecia cooperar para o meu aniquilamento, após uma tremenda lucta, na qual as candidas azas do anjo da amizade se foram conspurcar no nojento lodacal da ingratidão, do aviltamento, da degradação; após tudo quanto havia soffrido de doloroso e lethal, já quasi sem fé, sem convicção, sem crença, sem esperanza, em fim;—divisei ao longe um raio de luz, mas, de uma luz divina, que veio, illuminar a minha alma, robustecer a minha fé, alentar a minha convicção, arraigar a minha crença, trazer-me a esperanza!

Tudo accitei como um inestimavel presente que assim me houvera feito o Céu!

Então, lançando um vèro negro sobre essa decorrida e enlutada quadra de minha vida, abracei o presente e suspirei, como ainda suspiro anhelante pelo porvir, que Deus me deparará!

Entendes-me bem, minha adorada? sabes o que quero com tudo isto dizer?

Eu mesmo te responderei:
—Quero dizer que, depois de ter lutado com uma sorte adversa, á braços com o dolo, com a perfidia, com a ingratidão,—vi o teu rosto de santa, ouvi a tua voz de anjo, divisei em ti a virtude, contemplei as graças de que és um composto, admirei, enfim, tudo o que em ti se encerra, e então, rendido, captivo á tanta magestade, erigi dentro de meu peito um altar só para ti e consagrei-te o culto de minha alma!

Desculpa a franqueza com que eu faço estas confidencias.

Si tudo isto actualmento ignoras, um dia virás a saber! Um dia... Quando Deus quizer completar a minha felicidade, eu te confessarei tudo e então tu verás como sei justamente render-te toda a homenagem, todo o respeito, toda a adoração, que mereces!

Por emquanto, irei apenas escrevendo algumas paginas, que só a ti pertencem e pertencerão sempre; porque, senhora como és de minha alma e de meu peito, só tu as inspiras; e n'essas paginas, sob o titulo de «*Paginas intimas*,» irei dando expansão aos meus mais intimos sentimentos,—unico allivio que está em mim mesmo ministrar ao meu pobre peito, cujas dores só tu poderás minorar.

Irei tambem escrevendo n'este volume algumas paginas em prosa sob o titulo de «*Horas d'estudo*,» trabalho que faço para procurar aperfeiçoar o meu gosto litterario e maneira de escrever, mas nunca por vangloria.

Como as «*Paginas intimas*,» as «*Horas d'estudo*» tambem te pertencem, sendo que, portanto, o livro é todo teu, só teu.

Bem pôde ser que já tenhas comprehendido o meu affecto, porque não é difficil de conhecer-se uma inclinação tão pura! Bem pôde ser que eu seja mais feliz do que me julgo, e que tu, conhecendo evidentemente a pureza d'este meu affecto, o tenhas recebido mesmo em silencio, como a flor recebe o orvalho matutino, mesmo em silencio como o Céu abraça nossas orações!

Mas, na duvida em que me acho, na incerteza em que vivo, d'envolta com essas idéas de felicidade, veem outras de tormento e horror!

Quando considero que talvez me não ames, quando me lembro que talvez desprezes o meu amor, quando pondero reflectidamente que, muitas vezes, os extremos de um peito abrazado por um fogo divino sam pagos com a indifferença e com a crueldade de um coração de pedra ou de gelo... Quando me lembro... Oh!... que tormentosa idéa! que verdadeiro martyrio! Mas, convem não dilatar-me nestas ultimas conjecturas, porque ellas teem visos de morte e não podem absolutamente ter relação contigo. Demais, pela associa-

ção das idéas, estás de tal sorte ligada e identificada com a idéa do bem, que não é possível approximar-se de tí a noção do mal; não. Es necessariamente indulgente e boa, e portanto eu serei feliz!

O que te peço com todas as forças de minha alma é que acredites devéras em todos os meus pensamentos, em todas as minhas palavras com relação a ti; porque serão sempre a mais sincera expressão de uma sympathia natural e immutavel, de um affecto puro e muito santo, de um amor perfeito e eterno.

Acceita, pois, oh! minha flor, este volume de minhas producções a ti consagrado e recebe muito especialmente os meus pobres versos —como o mais puro e unico incenso que me é dado queimar ante o teu altar de santa,

S. Luiz do Maranhão, 2 de janeiro de 1874.

S.

Á MUSA DOS MEUS VERSOS.

I.

Vem, suspirada, carinhosa virgem,
Inspira ao pobre trovador mui rude!
Vem!... Estes versos te pertencem todos
E os céus não queiram que tal sorte mude!

Vem, minh'amada, vem ouvir! Sam trovas,
Sinceras vozes do mais santo amor;
Sam pobres cantos, qu'eu entôo grato
Bem junto ás aras que te erijo, flor!

II.

Assim como a florinha só viceja
Havendo orvalho e sol, (mercê subida!)
Não pôde assim tan bem, sem teus carinhos,
Illeso o peito meu ter d'essa vida.
Teu rosto, a falla d'anjo, o teu sorriso,
Teus olhos, teus encantos, teus primores,
Infiltram puro amor d'alma no seio,
Risonho fazem ver porvir de flores!

S. Luiz do Maranhão, 20 de janeiro de 1874.

S.

COLUMN TELEGRAPHICA.

Maranhão, 20 de novembro de 1875.

Invocação espirita a Bocage—Origem de um folhetinista—Telegramma—Titulos diversos—Folhinha da Salsa e Caroba—Beneficio á Sociedade dos Caixeiros—Em que se prova que os assignantes da Mocidade são illustrados.—O Sr. Riosas.

Caro D-n. occrito.

São poucas as noticias que ho a dar-te agora, e sssim mesmo não sei por qual dellas comece: tal é o transtorno em que tem estado a minha pobre cabeça depois que passei a espirito. Irra! Os dias dos espiritos maos têm-n'e trazido atrapalhado.

Mas o que fazer? Não ha muito tempo li n'um dos jornaes da capital a descripção de uma festa de espiritas, que teve lugar na Bahia. Fiquei encantado, e entendi que devia tambem conversar com os espiritos, pelo que entrei logo a comprar tudo quanto foi livro dos mediums, espiritos, &c.

Não tardou tambem muito tempo que eu não estivesse fazendo as minhas invocações. Invocações? Minto, devera dizer invocação, pois que não pude fazer mais de uma, tal foi o medo com que me deixou Bocage, o 1º e o ultimo que invoquei e consultei sobre a origem de um celebrefolhetinista.

E quem não arrepiaria os cabellos, de medo ou de pasmo, vendo uma resposta desta ordem:

ORIGEM DE UM FOLHITINISTA.

Soneto.

De burrico doente em tenra idade
Negras phezes os deoses imploravam,
Di inercia cançadas em qu'estavam
De gerar lhes pedindo a facultade.

Eis que o pae da divina claridade,
Os clamores ouvindo que soltavam,
Lhes responde qu'os fados não negavam
O desejo fazer-lhes, a vontade.

E não muitos passaram longos dias
Que um parto tiveram, cujo enfim
Banhar foram depressa em fontes frias.

Este parto é o autor d'um folhetim...
E não pasmes, amigo, não te rias
Desta origem achada cá por mim.

Creio mesmo que tu, só pelo simples facto de leres esse soneto, não deixarás de ficar um pouco arrepiadosinho, apezar de ti rires de tudo. Mas é que o caso não é para menos. Uma descoberta como esta, e feita com tanta força...

Quanto a mim, repito, tenho estado com a cabeça em transtorno, e peor estaria ainda se não fosse ter recebido o telegramma seguinte, que veio me distrair um pouco as idéas:

«LISBOA. 20 DE OUTUBRO DE 1875.

A Confucius. Maranhão, rua dos Contos n. 7. Condes, viscondes, fidalgos, duques, marqueses, etc.

Não obstante a grande abundancia deste genero, continua o mercado activo, e têm-se effectuado algumas transacções, pois os preços favorem a especulação.»

Tenho, pois, me distraído um pouco, pensando na maneira porque hei de fazer, para Lisboa, encomenda de um d'aquelles titulos, que infallivelmente virá dar grande importância ás minhas cartas ou chronicas, pois não vale para isso o titulo de philosopho: venha um de moço fidalgo, barão ou visconde, e esse sim, é muito bom.

E quem sabe se a alta fama de que está gozando a Salsa e Caroba não é em razão de ser commendador o Hollanda?

Não duvido, o certo é que elle está com um animo tal, que mandou imprimir agora 10:000 exemplares da sua folhinha, os quaes serão assim distribuidos:

1000 exemplares pelo Brazil; outros 1000 pela Russia Vemetha; outros 1000 pela China; outros 1000 pelo Japão, etc.

E agora se de cada um desses paizes lhe vem uma commenda ou um titulo... Então é que a Mocidade dá folhinha tambem.

A associação dos caixeiros tambem deve mandar vir de Lisboa um titulo de real sociedade: embora seja preciso gastar algum dinheiro, não terá prejuizo, pois verá quantos beneficios lhe darão todos os dias, e em cada espectáculo será tão grande a enchente, que os proprios caixeiros lutarão com diffiuldade para comprar bilhetes. Não acontecerá mais como aconteceu no Circo Chiarini, na noite do beneficio, que só da classe commercial achavam-se 1800 pessoas.

Foi nesse dia, Democrito, que pude apreciar a tal gente do commercio: a não serem os actuaes e futuros assignantes da Mocidade, todos os outros... (pontinhos). O que te garanto é uma coisa: união alli é que mora: não ha caixeiro ou patrão que não se proteja mutuamente um ao outro... E viva o passaro guariba do Sr. Chiarini.

Vou concluir: — vi o que me disseste constar a respeito do Sr. B Riosas, quanto á despedida que fez do seu creado hespinhol. Foi bom dizeres somente consta pois não devemos dar credito a tudo quanto se diz, convidando mesmo em certos casos suspender-se o juizo a respeito do que se ouve. E' o que aconteça agora.

Adeus. Quando estiveres triste lê as *Paginas Intimas* do nosso amigo S. que são uma boa cousa, digna de leitura.

Confucius

Maranhão — Typ. do «Paiz» — Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Quarta-feira 1 de Dezembro de 1875.

NUMERO 13

A MOCIDADE

MARANHÃO, 1º DE DEZEMBRO DE 1875.

Progredir em materia de instrucção é caminhar para o desenvolvimento completo da intelligencia humana. Sendo a vida do homem limitada é necessario que esse desenvolvimento seja rapido para que possa attingir ao fim que se propõe.

E' portanto desde a infancia, essa idade em que a humana especie mais apta se acha para se instruir, que deve começar esse desenvolvimento. A creança, á proporção que physicamente se desenvolve, deve tambem ir-se desenvolvendo intellectualmente. Um desenvolvimento deve acompanhar o outro. Nada mais claro, nada mais justo.

Como poderá porem o infante instruir-se? A esta questão responderemos: Por meio do conhecimento previo da lingua em que estuda. Sem este conhecimento não poderá de maneira alguma caminhar na senda da sciencia? Vamos dizer por que:

A deficiencia do vocabulario pratico, é o maior obstaculo com que lutam aquelles que se entregam ao estudo. Não co-

nhecendo senão um limitado numero das palavras da sua lingua, palavras apenas destinadas a fazerem-se comprehender dos seus semelhantes nos actos os mais triviaes da vida, os estudantes na leitura das obras scientificas encontrando vocabulos que desconhecem, ficam ignorando o pensamento, em cuja expressão essas palavras figuram. Ignorada a idéa inherente á palavra, ignorado fica tambem o juizo do qual ella é um termo de relação. Nada mais natural.

Eis o que torna as sciencias aridas. Redigidos os tratados scientificos em linguagem inteiramente differente da vulgar, abundando nelles os termos technicos da materia de que se occupam, o estudante, que poucos vocabulos maeja da sua lingua, tem de ter dois trabalhos: o primeiro, de estudar as palavras em que se acha concebido o tratado, o segundo, de estudar o proprio tratado. Dois trabalhos em vez de um; duas tarefas para elle espinhosas, sobretudo a primeira. D'aqui resulta um immenso mal, o de uma grande perda de tempo, que impossibilita o homem de attingir ao ponto de desenvolvimento a que podia chegar, senão tivesse de lutar com esta difficuldade.

Esta difficuldade porem não é insupe-

ravel; pode-se até facilmente destruir. Se desde a infancia habituarem o homem methodicamente a reter um grande numero de palavras, dando-lhe portanto um vocabulario assaz, extenso, achar-se-ha em parte vencida a difficuldade. Um vocabulario extenso dar-lhe-ha noções assaz solidas sobre varias materias, e d'aqui resultará necessariamente uma grande economia de tempo.

Como fazer, porem, para que o infante retenha essas palavras e as suas significações? Eis o que nos ensinam os Estados-Unidos, nação em que o desenvolvimento physico é sempre acompanhado do intellectual. Ali servem-se até dos brinquedos infantis como meio de levar ás crianças a instrucção. Ora lhes dão um pequeno navio de que lhes ensinam o nome segundo o seu appellido, appellido de cujas partes tambem lhes ensinam os nomes, ora lhes offertam um pequeno modelo de locomotiva. Assim vão pouco a pouco iniciando-as na navegação, e nos mysterios do vapor, da electricidade, e de todas as descobertas da sciencia, servindo-se para este fim de meios analogos áquelles de que acima fallamos. Nas horas de ocio, os pais descem em companhia dos filhos aos seus jardins e vergeis, e fazem-

FOLHETIM.

O Glaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de ...

(Continuado do n. 10).

Monge! eu a amava... muito mais, eu a adorava... estas palavras são profanadas cada dia por amantes vulgares... Mais que minhas palavras, minhas acções provaram o ardor da minha ternura. Esta espada conserva uma nodosa de sangue que nunca desaparecerá. Este sangue foi derramado por aquella que pereceu por mim; elle animava o coração de um tyrano abominado... Aplaca este horror repentino... curvas o joelho, não contes esta accção no nome de meus crimes; tu podes já absolver-me, o sangue de um inimigo de teu Deus! só o nome de Christo enchia de raiva sua alma mulsumana; mas sua raiva não era senão loucura e ingratitude; pois que o ferro homicida, que a mão

de um Galiléo dirijio contra o seu coração, lhe abriu o céu de Mahomet, onde cem elle suas hauris impacientes o esperariam talvez ainda.

Eu amava Leila; o amor penetra mesmo nos lugares onde os lobos não ousam ir buscar sua preza; e, quando aquelle que ama sabe ousar, seria bem difficil que elle amasse sem esperança. Eu não suspiro em vão. Todavia eu sinto algumas vezes um remosso que me diz que teria sido melhor que Leila tivesse sido fiel ao seu primeiro amor. Ella morreu, eu não ousou dizer-te de que morte; olha, tu a leras talvez na minha fronte. A maldição e o crime de Caím lá estão gravados em caracteres; mas não te appresses a condemnar-me, eu fui a causa de seu supplicio, mas não fui o autor. Eu confesso, ah! que seu carraseo, não fez sinão o que eu teria feito como elle, se Leila tivesse sido infiel á um amante mais. Elle foi trahido, e immolou sem piedade... Eu era amado e tornei-me seu vingador. Por mais justa que fosse a sua sentença, sua traição era uma prova da fidelidade para comigo. Ella me havia dado seu coração, a unica cousa que a tyrannia não pode submeter; e eu l tendo chegado demasiado tarde para a salvar, eu dei tudo o que podia dar... a morte a nosso inimigo. Não é sua morte que peza sobre meu coração, é o supplicio de

sua victima que me tornou o que tu vês... um objecto que te causa horror. Seu destino era irrevogavel, e elle não o ignorava, advertido pelas prophecias do sombrio Tahir de ouvido prophético, de que o presentimento havia feito ouvir o sibilo do chumbo homicida, quando elle se preparava para a viagem, que lhe foi tão fatal.

«Feliz de perecer n'um combate em que a morte se offerece a nós sem longas agonias, elle invocou em vão Mahomet e Allah, elle me reconheceu e nós cruzamos nossas montanhas. Eu o contemplei enquanto elle exhalava o ultimo suspiro; ainda que atravessado de golpes como um leopardo que alcançaram os dardos dos caçadores, elle não sentio a metade do que eu experimento n'este instante; eu expiei em seus olhares a expressão de um espirito humilhado. Cada um dos traços d'aquelle rosto moribundo trahia sua raiva, nenhum deixou perceber o remorso. O que não teria dado minha vingança para lá reconhecer os vestigios do desespero, d'aquelle arrependimento tardio, que não vê senão terror no tumulto, e não pôde achar nenhuma esperança de salvação, nenhuma consolação!...

(Continua.)

lhes conhecer as denominações das plantas, dando-lhes assim um previo conhecimento de botânica. Passeando nas praças e ruas, fazendo-lhes aprender os termos técnicos da architectura civil, e brincando nos lagos e rios a comprehender os da naval. Finalmente, até na hora da refeição, lhes dão o conhecimento das letras do alphabeto pintadas ou gravadas nas bordas dos pratos, fazendo com que os infantes já levem para a escola o conhecimento d'esses caracteres graphicos. E' assim que se começa a instruir a mocidade nessa republica modelo que se intitula—Estados-Unidos da America.

E porque assim acontece nesta grande nação? Porque os seus primeiros colonizadores foram homens que para lá levaram um grande cabedal de instrução, individuos que fugiam ás perseguições religiosas; puritanos, quakers, e huguenotes que se subtrahiam ás iras do fanatismo, e que procuraram n'uma nova e fértil região o socego e tranquillidade que lhes negavam as discordias em que se achava accessa a Europa. A illustração que elles comsigo transportaram, desenvolvendo-se, formou esse povo civilizado, cuja cultura de linguagem é até tradicional, e que, rivalizando com as nações mais adiantadas da Europa, chega até a excedel-as no que diz respeito ao derramamento de luzes, á forma de governo, e á industria.

Apoz este quadro tão bello da instrução nos Estados-Unidos, lançamos com tristeza nossos olhares sobre o nosso estado de civilização, e com pezar o dizemos, vemo-nos forçados a reconhecer que ainda estamos distantes de chegar a um ponto tão brilhante. Temos porem esperança, de que, imitando-os, breve poderemos auferir toda as vantagens de que gozam os habitantes desse paiz. Para conseguir um fim tão desejado, torna-se necessario o derramamento da instrução, e para que essa instrução se derrame é necessario que todos trabalhem para seu incremento. Por isso vos dizemos, ó vós que dirigis a mocidade, governantes, pais, mestres e preceptores, não descureis tão importante tarefa. Começai por arrear os obstaculos que tornam difficeis as sciencias; fazei todo o possivel para tornar assaz rico o vocabulario pratico, procurando todos os meios ao vosso alcance para que se possa conseguir tal fim, e concorrereis immensamente para o progresso do nosso paiz.

N.

Alice eo seu ideal.

(CONTO.)

E' incomprehensivel e inexplicavel o segredo do amor!

O innocente e incauto coração da virgem a sonhar venturas, a extasiar-se em mil delicias e ternuras, até chëgar-lhe a adolescencia, vive isento da cruenta e vene-

nosa setta do Cupido. Mas, este viver, vai até ahi, somente até essa idade.

Portanto, Alice vivia muito feliz, fruindo os inefaveis gosos que lhe dava a sua idade de criança.

Descurando completamente as dores mundanas, experimentava inteira e real felicidade. Cercada dos mimos e caricias paternaes, o que mais desejava senão a continuação desse viver?

Em seu ameno jardim passava compridas e deliciosas horas durante o dia, e ahi, contemplando as suas flores—as suas companheiras, fiéis—scismava ella... e, scismando, deixava divagar os seus pensamentos em uma rosa, em um jasmim, em um cravo, que ficavam aqui, alli, mais alem, e... em mais nada.

Com tudo, Alice scismava.

Mas era tão incerto e mysterioso o motivo de suas scismas, que, bem depressa, se esquecia de tudo, sorria comsigo mesma e com as suas companheiras tambem...

Que de doçuras e enlevos não existe no innocente scimar d'uma virgem adolescente!

Em um dia que Alice estava assentada junto á sua predilecta roseira, pensando, como era de seu costume—em nada—a fresca e vespertina viração, fêl-a, facto que nunca lhe houvera succedido, adormecer por um momento.

E ahi, sosinha, sonhando com as suas flores—era bello o sorriso que se lhe notava de quando em quando.

Pouco a pouco, porem, aquellas sorrisos cessaram; o seu seio arfava desordenadamente, e uma pallidez estranha lhe assomara ás faces...

E' que ella sonhava, sim, mas já não era com as suas flores—era com coisa muito diversa.

Foi o vulto de um mancebo que se lhe afigurava distinguir por detraz da sua roseira de *todo o anno*.

E esse vulto depois appareceu-lhe bem perto, contemplando-a tão bondosamente.

Mas, lhe era um mancebo completamente estranho: nunca ella o tinha visto. As suas formas porem, o seu elegante porte, o seu olhar fascinador—fêl-a sentir, em seu coração, uma sensação desordenada e completamente nova.

Tinha elle umas feições que, decididamente, não lhe pareciam vulgares; por isso que todos os demais mancebos sempre lhe eram indifferentes, ao passo que aquelle fazia-lhe experimentar tão alheias sensações!

Estas sensações, entretanto, tão de subito, nada ainda lhe fazia comprehender: ellas lhe eram tão estranhas que não sabia o que queriam significar. Mas o que todavia comprehendia, era que esse mancebo não era nenhum malfeitor, ao contrario, uma pessoa que lhe apparecia para o seu bem.

Uma duvida, uma incerteza lhe cercava, se bem que tão sympathico lhe fosse aquelle rosto.

E o seu coração, como nunca, continuava a palpitar com tamanha vehémencia, comprimindo-a tanto... tanto, sem nada querer explicar-lhe, que, finalmente, a incauta donzella, mesmo embalada por Morphêu—rebetou em soluços.

Desperta por fim ella, olha com vista incerta e medrosa para o lado em que tão feiteiceiro semblante lhe afigurava encarral-a

Nada porem vendo, passados alguns instantes, com passos menos vacilantes, e mais *senhora de si*, procurou sabir do seu jardim.

Mas, aquelle rosto tão sympathico e cheio de mil attractivos não lhe desapparecia de suas vistas, embora que ella, de proposito, fechasse as palpebras e quizesse cuidar das suas mimozas flores...

Que olhos travessos e bolicosos eram aquelles que punham em sobresalto o incolume coração d'essa virgem venturosa!

Indubitavelmente era porem falsa semelhante apparição, porque, aquellas horas, em tal lugar, seria impossivel a presença de qualquer pessoa estranha.

Nada pois para ella significava *aquillo* do que um sonho mentiroso e sem fundamento algum. Disto ficou convencida e muito bem persuadida.

O que porem era certo é que—por modo algum—podia conseguir o esquecimento de tal sonho; ao contrario, parecia que os esforços que neste sentido empregava era motivo para mais sentir uma decidida sympathia, ou mais que sympathia, por aquelle rosto tão bondoso e tão lindo. Elle não passava d'uma apparição mentirosa, é certo, porem existia em sua phantasia, existia sempre diante de seus olhos.

Era o seu ideal.

E diremos tudo: ella o amou. Amou um ente imaginario, um mancebo que nunca tinha visto, que não sabia quem poderia ser—mas ella o amou embora...

E se realmente existisse elle, talvez assim mais custoso lhe fora conhecer o doce sentimento do amor a assenhoriar-se do seu coração. Mas elle não era mais do que o seu ideal, e assim, tão tímida, tão vaganhosa que era, tinha motivo para amal-o com mais afoiteza, com menos acanhamento.

Este amor não tinha necessidade de ser conhecido por ninguem—nem por *elle proprio*; era um amor secreto, de que somente ella e o seu coração eram sabedores.

Portanto, com menos enleio assim, ella inebriava-se e desejava mesmo inebriar-se n'aquelle sentimento tão doce e vivificante!

E agora, direi eu, que de 's actidade, de ternuras e de innocencia não havia naquelle amor! Feliz do ente que o possuís-

se, que tivesse certeza da sua existência!

Trinta dias apenas decorreram depois desse inquietador sonho de Alice; d'esse sonho que tamanha impressão lhe deixara em seu coração, e que, um só dia, um só momento, jamais lhe viera ao esquecimento.

Seriam ás mesmas horas, e Alice, como de seu quotidiano costume, acha-se assentada no mesmo logar, junto á sua predilecta roseira. Mas agora não adormecera; estava bem acordada, scismando no seu mysterioso amor.

E os seus olhos volveram-se para o lado em que um dia se lhe afigurou encarar o seu ideal.

De repente—fatal apparição—alli mesmo, como ella o tinha visto, com o mesmo olhar scintillante e queimador—allí mesmo Alice vê assomar a sympathica figura do mancebo que ella secretamente amava!

Mas, teria ella ainda uma vez adormecido? seria acaso a repetição do mesmo sonho?... Foi no que pensou ella, e, despersuadindo-se bem depressa de semelhante idéa, comprehendeu perfeitamente que as suas vistas não lhe enganavam agora.

Estava allí, bem em sua frente e a sós—o lindo rosto do seu ideal!

Que de sensações pois sentio ella cheia de mysterios e de duvidas!

Mas, sem perda de tempo, antes mesmo que Alice se possesse de pé, que tivesse restabelecido melhor do susto, se lhe aproxima o mesmo mancebo, e, com familiar comprimento, lhe diz:

—Muito bôa tarde. Certamente não me conhece, minha Prima?

—Sua prima! disse Alice, ainda medrosa e sobresaltada.

—Sim, sou o seu primo Eudato, que acaba de chegar: não me conhece?

—Não, de certo; desde criança que nunca mais o vi...

Aquí Alice pregou uma mentirasinha. Desde criança que ella, acordada, nunca mais o vio, era exacto; mas havia trinta dias que Eudato em sonho lhe apparecera e desde então, um só momento depois nunca mais sahira deante de seus olhos. Antes pois tivesse dito: Conheço-o perfeitamente.

Como veem os leitores, o ideal de Alice existia de facto; ou por outro, não era simplesmente um ideal—era um ser real, que não passava do seu proprio primo, o qual acabava de chegar da provincia de Pernambuco, e que depois de comprimentar a seus paes, d'ella, viera encontral-a mesmo no seu jardim e no logar onde ha poucos dias se afigurou á Alice o ter visto.

Findemos a nossa historieta.

Houve a coincidência de Eudato ficar por seu lado apaixonadissimo pelos encan-

tos de sua prima, e, pelo que, dentro de poucos dias a seus paes a solicitara em casamento.

Foi assim que em breve tempo depois Eudato e Alice bemdiziam junctos os doces gosos que lhes trouxera o seu amor tão puro e promettedor de delicias.

A. Britto.

Srs. redactores da Mocidade.

Pedimos-lhes encarecidamente um grande favor:—a transcripção do artigo, que, sob as iniciaes—M. S.—appareceu no n. 141 do *Paiz*, em que seu auctor, sincero amigo da infeliz victima que assim pranteia, e óra nós com elle, rende uma justa e merecida homenagem a saudosa memoria do assignante que á *Mocidade* roubou a prematura morte que o accommetteo.

Aproveitamos ao mesmo tempo o ensejo de congratular nos, e dar-lhes com abundancia de coração parabens pelo *milagre* que haveis feito e continuaes a fazer na sustentação admiravel do jornal, cujos destinos brilhantemente dirigis.

Eis o artigo:

* * *

UMA LAGRIMA

sobre a campa do meu desditoso amigo John Patrick Avelino.

Adormecido ou desperto o meu espirito vê sempre ante si immutavel a realidade, e a realidade é medonha!

A. Herculano.

Ás 3 horas da tarde do dia 8 do corrente falleceu asphyxiado por submersão no rio Parnahyba o infeliz amigo em cuja campa vou hoje nas azas da imaginação depor sentido uma corôa de saudades!

Nossos sentimentos á sua desolada familia!

Perdido, para sempre! Triste realidade! E porque tão cedo nos deixaste, amigo?

Por emmurcheram na manhã da vida as flôres do teu coração bello, da tua alma ainda mais bella? Porque na aurora da existencia fugiste ás doces illusões que nos affagam?

Ah! o infinito nos separa, e já não me podes ouvir!

Explica, fatalidade, se não és palavra sem sentido, mero som sem êcho, esse successo doloroso, responde tu—única ás magoadas interjeições que debalde exprimio!

Morreu! tão cedo!

E que dôres cruciantes não te partiram o coração, que horriveis agonias não te mataram mil vezes nos ultimos instantes em que, sem mão amiga que te roubasse á morte que cruel nos disputava a tua posse, em vão lutavas contra o deshumano elemento?

Pobre amigo!

Tão cheio de vida, tão jovem, e já entre os mortos!

E ai de ti se n'essa hora fatal de acerba angustia podeste recordar pela ultima vez os carinhos da dedicada irmã, os extremos da desolada mãe, que ias perder para sempre!

Pensaste, oh se pensaste n'essas partes da tua alma, não lhes pôdeste soluçar o eterno adeus e morreste!

Triste realidade!...

Os que te conheceram e estimavam pelas prendas que te ennobreciam, e sinceros te consagravam essa doce amizade, que, sem saberes inspiravas á quantos pela primeira vez te vissem, terão certamente o coração de luto, já por te haverem perdido, quando menos podiam esperar, já pela maneira terrivel, digna de extrema dôr, como te perderam!

A razão do amigo, que ora sentido te pranteia, recua espavorida ante a desgraça immensa de que foste innocente victima!

Dorme, porém, tranquillo o somno da eternidade, já que é realidade que a intelligencia humana não pode comprehender, o prematuro sacrificio da tua vida!

E se na mansão dos justos «onde súbiste» podem chegar as lagrimas da dôr; se me ouves; se escutas as queixas dos que te choram e elevam á Deus fervorosas supplicas pelo repouso da tua alma; recebe tambem as lagrimas do amigo, que não gosará mais da tua amavel companhia, e cujo coração ralará sempre—o sonho funesto, a dôr immensa da tua perda!

E como das trevas nasceu a luz e do chãos o mundo, assim d'essa mesma dôr infinita nascerá tambem para todos os que orvalham de sentidas lagrimas o teu sepulchro, a resignação evangelica sem que não souberamos, e fóra mesmo impossivel soffrerem-se golpes tão profundos!

Descança em paz, infeliz amigo!

Maranhão, 22 de novembro de 1875.

M. S.

Espera.

Á M. L.

La corre o vento em brinquedo
Va guardar o seu segredo
No seio virgem—da flor;
E pergunta a flor ao vento
Corada de acanhamento:
«Acaso me tens amor?»

«Pois não! És tão bonitinha,
Amo te muito, florsinha,
Florsinha, quero te bem;
Sella amor dando me um beijo,
«Não lh'o dou, que tenho pejo.
«Mas, flor, um beijo o que tem?»

Nos seios da pobre flor
O vento derrama amor
E solta as azas ao ar;
E a pobre fica scismando,
Dizendo, de quando em quando:
«Elle não tarda á voltar!»

Mas elle foge e não volta;
Em maga tristeza involta
Murcha, secca e morre a flor;
E o vento corre dizendo

A' cada flor que vae vendendo:
 «Florsinha, tenho te amor!»

Mas, anjo dos meus amores,
 Não terás sina das flores,
 Nem serei vento também;
 Não desanimas; espera,
 Voltarei com a primavera,
 Com a primavera que vem.

Não scismes, pois: sê contente,
 Brinca o brinquedo innocente
 D'estes teus annos em flor,
 Que eu te juro, ó minha amada:
 Não serás flôr enganada,
 Nem eu vento enganador.

Maranhão, 8 de setembro de 1875.

Joaquim R. Gonçalves.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão, 10 de novembro de 1875.

Ainda o Sr. Chiarini.—Os Lazaritas, drama de A. Ennes.—O Sr. Vicente Pontes d'Oliveira e a sua companhia.—O Exm. Sr. Bispo Diocesano.—Baptisado de um futuro corôado.—Chegadas.—Exames geraes.—Balcofrio.—O Pantheon Maranhense, obra do illustrado Dr. Antonio Henriques Leal.

Am-go Confucius.

—No vapor tran-acto foi para Pernambuco o Sr. Chiarini e a sua companhia. Nós a recomendamos a bella rapaziada do Recife, que saberá apreciar a como merece.

Não deixem passar camarão pela malha, e nem tão pouco comam gatos por lebres: enfim nós a entregamos nas vossas mãos e patas mãos.

—O drama intitulado—*Os Lazaritas*, que ultimamente tanta celeuma occasionou na Corte do Imperio, não vale cousa alguma, e nem sei mesmo, como chegou adquerir tanta fama e celebridade.

Quem teve a culpa de tudo isto, foi a Sra. D. Ismônia e o Sr. Cardoso de Menezes; a primeira com a sua obesidade barulhou a *coisada* e o segundo com as suas impertinencias (d'elle) fez nascer nos espiritos a curiosidade de verem representar o tal drama ito.

D'aqui veio a origem das scenas descabelladas e inconvenientes de que que foi theatro a nossa Corte.

Não avanco á mais nada, porque o nosso intelligente e sympathico comprovinciano, o Sr. Joaquim Serra (Pietro de Castellamare) já se incumbio de analizar e por patente os innumeros *erros e sensaborias* de que está eivado o dito Sr. *dramasito*.

—O Sr. Vicente Pontes d'Oliveira, artista de grande merito dramatico, deixou de vir no vapor *Bahia*, que foi para o Pará, porque adoeceu uma das suas damas ingenuas.

Promette o mesmo Sr. vir no primeiro vapor que passar por Pernambuco com destino á esta provincia.

Depois de termos visto os tigres, as zebras e os cavallos do Sr. Chiarini, *et magna committante cetera*, vamos vêr cousa boa e gradavel aos ouvidos e a vista.

Deus assim o queira.

O merito do Sr. Vicente e de mais alguns artistas que compõem a companhia, já são bem conhecidos em Maranhão; portanto não fazemos mais commentarios sobre o merito d'elles (artistas), e nos aguardaremos para a sua chegada, afim de darmos o noso juizo com conhecimento de causa, quando tiverem exhibido o drama italiano já annuciado—*A Estatua de Carne*,—que é composto de um prologo e cinco act's, e sobre o mais que levarem á scena.

—S. Exc. o Sr. Bispo Diocesano está gravemente doente dos olhos; um d'elles ficou completamente estragado, e do outro ha receios bem sérios.

S. Exc. retira se para a Europa brevemente, afim de procurar alivio á sua enfermidade. Fazemos votos para que S. Exc. se restabeleça.

—Dizem os jornaes da Corte e os meninos da eschola, que o principe do *Grão-Pará*, tomará as aguas santas do baptismo no dia 2 de dezembro anniversario natalicio do seu avô o Sr. D. Pedro d'Alcantara etc. etc.

E' mais um mamador para os cofres publicos; pedimos encarecidamente aos Srs. thezoueiros dos estabelecimentos que protegem aos testas coroadas que se previnam seriamente contra a mamação pois do contrario até Vmcs. mesmos serão mamados.

—Chegaram os nossos amigos, Vicente Borges de Vasconcellos Duarte, e José Vianna Vaz; o primeiro é estudante do 3º anno medico na faculdade da Bahia, e o segundo do 3º anno da faculdade do Recife; nós os comprimentamos pela sua feliz chegada, assim como pelo aproveitamento que têm tido em seus estudos.

—Ha inscriptos 215 marreços para os exames geraes perante o delegado do governo.

Deitem cuidado com os rrs e com outras cousas, que mais convem *caiar* do que *fallar*...

—Balcofrio depois de ter-se recolhido ao silencio por algum tempo, por causa de seus incommodos, appareceu no *Paiz* de 25 do passado, comprimentando o publico maranhense com bastante sal.

Parece-me que os banhos hygienicos da Ponta d'Areia, inspiraram a penna do amavel folhetenista do *Paiz*, pois gostei muito do seu *par-thesis*, que esteve superior as carêtas que elle fez ao santarrão do velho Zacharias, ed Candidus Mendorum de Almeidaorum et reliqua.

Pego-lhe, caro amigo, que continue a derramar suavidade nos corações das bellas especialmente (de quem Vmc. gosta muito) e dos patuscos guapos desta nossa formosa S. Luiz.

—Acaba de ser publicado o 4º e ultimo volume do Pantheon Maranhense, obra escripta pela habil penna do Dr. Antonio Henriques, nome bem conhecido na republica das letras.

A pouco tempo lemos, um juizo, muito favoravel á obra do Dr. Antonio Henrique, feito pelo Sr. José Silvestre Ribeiro, bem como outro estampado no *Paiz* de 25 do passado do Sr. Pinheiro Chagas uma das maiores glorias da litteratura portugueza, que tambem lhe é bastante favoravel, apesar da sua discordancia á respeito da apreciação da traducção de Virgilio por Odrício Mendes. Os tres primeiros volumes do Pantheon naturalmente já são conhecidos dos nossos amaveis leitores; quanto ao 4º consta das biographias do historiador, João Francisco Lisboa, do naturalista Fr. Costodio Alves Serrão e do poeta Antonio Marques Rodrigues. Não damos o nosso juizo sobre a obra, porque reconhecemos que não estamos habilitados para lançarmos a nossa approvação ou reprovação sobre edificio de tanto folego. Aguardamos o juizo dos criticos.

Democrito.

O velho casamenteiro.—O Sr. J. Cavalcanti Ribeiro da Silva, autor da comedia assim intitulada, que foi publicada em Pernambuco, enviou-nos um exemplar e a seu interessante trabalho, que muito enche o chiste e graça. Recomendamos o, e agradecemos ao distincto e talentoso autor a offerta.

Modinha.—Da Bahia fomos obsequiados com um exemplar das—*Saudades de Olinda*—modinha para canto e piano. A musica é do Sr. Joaquim F. de Bittencourt Sá e a poesia, do Sr. Augusto C. D. Lessa, ambas muito agradaveis por causa do sentimentalismo que n'ellas se acha expresso.

A poesia é um tanto singela, mas é tal a sua cadencia, que, junta á delicadeza de expressão e ao tom em que está escripta a musica, produz um effeito, quando cantada, que deleita os ouvidos.

A musica acha-se escripta em tom de mi menor—é de facil execução, porem bonita e melancolica como todas as de seu genero. Notamos que em alguns lugares as notas não têm o valor devido, o que pode ser mais erro de impressão do que de composição. Quanto ao mais, acha se perfeitamente combinada com a poesia, e o seu auctor revela muita sciencia musical.

Imprensa.—Alem dos jornaes do costume recebemos a *Mocidade*, periodico politico, litterario e noticioso, que se publica em Pernambuco.

E' um jornal bem escripto, e que, depois de ter cessado por algum tempo a sua publicação, apparece de novo a luz.

—Recebemos tambem o n. 11 do *Jornal das Familias*, cujo indice é o seguinte:

Um esqueleto (fim), por Victor de Paula.

Onze annos depois (fim), por Machado d'Assis.

Uma familia modelo, por Victoria Colonna.

Mosaico:

Anedoctas, por Paulino Philadelphia.

Poesia:

A Caridade por L. L. F. Pinheiro Junior.

Vem acompanhado de um figurino de modas colorido, uma estampa de bordados e trabalhos, outra de moldes, outra de Lapeçaria, outra do *Jogo das palavras*; uma gravura sobre madeira: Passeio da familia imperial sobre o Neva, trazendo tudo isto as respectivas explicações.

—No Piahy acaba de sair á luz um pequeno periodico intitulado *Jardim*, que attesta o amor e dedicação que têm ás letras os seus redactores. Recebemos o seu 1º numero.

A todas as distinctas redações agradecemos a remessa, e ser-mos pontuaes em enviar lhes o nosso humilde jornal.

Recreação Litteraria.—Deliberou esta sociedade suspender os seus trabalhos até o final dos exames geraes de preparatorios, que vam ter lugar.

Erratas.—Na glosa publicada no numero antecedente, pagina 3ª, columna 3ª, linho 17, em lugar de

«Se é crime o crime do céu» leia-se:

«Se é crime é crime do céu».

Na mesma pagina e na mesma columna, lin. 35, em lugar de

«Crime de céu é melhor» leia-se:

«Crime do céu é melhor.»

ANNUNCIOS.

O IRIS.

Periodico bimensal, dedicado ao sexo feminino.

Publica-se na capital do Rio Grande do Norte.

Redactor, Joaquim Fagundes.

As assignaturas são de 5000 rs. por anno, 1500 rs. por semestre, e 1000 rs. por bimestre, pagos adiantados.

Nesta cidade assigna-se em cada dos agentes, á rua Formosa n. 40, e á rua da Mangueira, n. 14.

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.

C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Sexta-feira 10 de Dezembro de 1875.

NUMERO 14

A MOCIDADE

MARANHÃO, 10 DE DEZEMBRO DE 1875.

Não é somente ouvindo os mestres e consultando os bons autores, que se aprende: muitas vezes julgamos ter comprehendido e bem interpretado as lições e conselhos que de uns e outros recebemos, ao passo que laboramos em erro; grandes vantagens colheríamos então, sempre que se nos offerecesse oportunidade de manifestar aos outros a nossa maneira de pensar sobre qualquer assumpto, principalmente estando esses outros em condições de nos poderem comprehender e expor tambem suas opiniões, para o que certamente não se tornará precisa somma de conhecimentos mais elevada do que a nossa: uma egualdade formada por compensações reciprocas, de maneira que uns possam apontar aos outros os defeitos que mutuamente forem descobrindo, satisfaria, senão muito bem, ao menos soffrivelmente taes condições.

Mas ao passo que vantagens d'essa ordem resultariam para nós, quando vocalmente expendessemos aos outros nossas opiniões, multiplicadas vantagens colheríamos quando fizessemos circular, traduzidos e gravados no papel, os nossos pensamentos. Então veríamos apontados, não só pelos que estivessem naquella relação de egualdade em conhecimentos, como tambem por aquelles que os tivessem em numero superior aos nossos, os erros em que laborassemos, e as faltas que commettessemos; e, pois que ellas não dam-se unicamente em relação ao pensamento, mas tambem em relação á maneira de traduzil-o, ao máo methodo que seguimos em expressar-nos, em encadear os factos e deduzil-os, nós, se por felicidade sentissemos em taes occasiões o estímulo, ou não nos desanimassemos em proseguir na nossa tarefa, continuariamos cada vez mais empenhados na lucta, e adquerindo não só o conhecimento dos erros em que cahissemos, mas tambem a pratica de escrever para o publico; e ao mesmo tempo que assim cultivassemos o espirito, auferiria-

mos outras muitas vantagens que impossivel se torna ennumerar.

Com taes idéas (já o temos dito) foi que nos resolvemos a trabalhar para proporcionar a nós e a mocidade em geral, um meio que facilite a aquisição de vantagens semelhantes; e nem devem ser por certo outras as idéas que presidem á mente d'aquelles que tomam a seo cargo o desempenho de tarefas deste genero.

O que nos admira é que, havendo poucos que deixem de reconhecer essas verdades, hajam tantos que se conservem indifferentes em coadjuvar uma empresa, que taes vantagens traz á mocidade. E' por falta, pois, de coadjuvação, que não cessamos de pedir ao publico a sua valiosa protecção, e aos nossos assignantes, o obsequio de satisfazerem os seus debitos: são grandes as difficuldades com que luctamos (Ss. Ss. o sabem perfeitamente), sejam, pois, pontuaes, e contem tambem com a nossa gratidão.

A imperfectibilidade humana.

(Continuação.)

III

Qu'est ce qu'un homme dans l'infini ? qui peut le comprendre ? disse Pascal; nós porem não iremos tão longe, procurando o infinito como termo de relação para o homem, diremos apenas: O que é o homem no mundo zoologico ? quem é que o pode comprehender ?

Effectivamente, na longa escala zoologica, da qual o homem occupa o grão superior, semelhante animal escapando a todas as relações de especie, distancia-se immensamente de todos os outros. Desde o zoophyto até ao molusco, desde o molusco até ao crustaceo, desde o crustaceo até ao vertebrado, desde o vertebrado até ao reptil, desde o reptil até ao quadrupede, desde o quadrupede até ao quadrimano, permanecem sempre relações e affinidades, embora as vezes interrompidas pela extincção de alguma especie, mas do quadrimano ao homem quanta distancia não medeia?... Entre elles nenhuma afinidade de apti-

dões, de intelligencia, e até mesmo, de organismo. Se por vezes a especie simiana tem, pelo seu desenvolvimento physico, chegado a arremedar os typos os mais inferiores da especie humana, esse desenvolvimento é em total opposição com o desenvolvimento do homem. O principio de desenvolvimento de um orgão no homem é o fim do desenvolvimento do orgão correspondente no macaco. Se o primeiro é destinado a andar, o segundo mostra, pela configuração das suas mãos, que a sua aptidão é trepar. Se o segundo se mostra pobre de instinctos, o primeiro ostenta-se rico de intelligencia. Se o segundo tem um craneo de organização fraca e deprimida, o primeiro apresenta a mais bella configuração d'esse mesmo orgão. Finalmente, se o conjunto dos membros de cada individuo da especie simiana parodiavam a figura do homem, a analyse de cada uma das suas partes collocam-n'o a distancia insuperavel.

Nenhuma afinidade portanto existe entre a especie humana e a simiana. Se uma fraca semelhança de alguns orgãos é bastante para concluir que o homem é um aperfeiçoamento do macaco, como pretendem Vogt e Huxley, tambem poderíamos pretender que o homem é um aperfeiçoamento do tigre, pelo simples facto de serem as visceras de ambos os animaes formadas e dispostas exactamente da mesma maneira, o que seria um disparate manifesto. Dizer que o homem é o aperfeiçoamento do macaco, é rebaixar a sua origem, e sophismar absurdamente na ciencia.

Se acabamos de combater a theoria que considera a especie humana como derivada, e não como especie unica e primitiva, é que, tendo de tratar do homem primitivo, queremos arredar completamente os argumentos d'aquelles que n'elle querem ver um macaco. Consideramos a especie humana como totalmente independente de todas as outras, porque no homem descobrimos organização, aptidões, e intelligencia que só na minima parte são communs aos outros seres zoologicos. Querer entre o racional e o irracional estabelecer relações, é o mesmo que procu-

rar reunir dous pontos entre os quaes medeia um abysmo incommensuravel. Tal tarefa, alem de ser improficua, tem até um não sei que de repugnante.

Uma vez regeitada por nós a filiação simiana do homem com os argumentos que extrahimos das obras de Quatrefages, e considerada a especie humana como primitiva, passamos a occupar-nos do homem primevo. Para isso dividiremos o nosso trabalho em quatro partes: a primeira tratará da antiguidade do genero humano; a segunda, do seu typo e configuração physica; a terceira, da sua intelligencia, aptidões, e instinctos; a quarta, dos seus usos e costumes.

Antiguidade da raça humana provada pela anthropologia, archeologia, paleontologia, e geologia.

Em quanto as sciencias, receiando as perseguições religiosas, se abstinham de expender livremente as suas theorias sobre a antiguidade da nossa especie, permaneceu como dogma a crença de que o homem apenas datava de seis mil annos, segundo o que se podia inferir dos calculos chronologicos do Genisis, mas hoje que ellas caminham desassombradas e livres, tal calculo cahio por uma vez, reconhecida a origem muito mais antiga da especie a que pertencemos. Para poder marcar definitivamente a época em que na face da terra appareceu o homem, a geologia forneceu aos naturalistas as suas luzes, e presentemente com o auxilio della, e das sciencias que della derivam, podemos demarcar approximadamente o tempo do seu apparecimento.

Ninguém, que algum conhecimento tenha de geologia, pode ignorar que apoz o periodo neptunino, quando se formaram os terrenos primitivos pela acção simultanea dos zoophytos e das convulsões vulcanicas, se achava a terra totalmente impropria para ser habitada, não só pela natureza do solo, como tambem pela atmosphera, que demasiado densa então, seria para os animaes irrespiravel. A vegetação tambem não podia existir n'esse sólo quasi inteiramente granitico, e portanto durante esse periodo foi o globo privado de vegetaes e de animaes terrestres.

A este periodo seguio-se a época chamada de transicção ou siluriana, em que camadas inclinadas ou verticaes de rocha viva cobriram as lavas do periodo primitivo; n'este periodo já começa a apparecer a fauna, e a flora a desenvolver-se pela acção combinada do calor e da humidade. D'esta época datam os grandes depositos carboniferos.

Seguio-se a esta a época da formação dos terrenos secundarios, em que a vegetação continuando a cobrir o solo se desenvolveu prodigiosamente, sobretudo a familia das herbaceas, que então tinham proporções gigantescas. Lycopodios, fetos,

sigillarias, lepidodendros, hoje pequenas hervas nos nossos terrenos, eram então plantas da altura das nossas arvores. A fauna era então riquissima, e monstruosos animaes, taes como o megatherium, o masthodont, e o lophodion, povoaram a terra.

A época terciaria seguio-se a esta, e sua vegetação já differe da da época secundaria. Os animaes são os mesmos, com quanto algumas especies comecem a se extinguir. Continuam a existir o Anoplotherium, o Leptotherium, o Mericotherium, o Lophidion, o Masthodont, o Megatherium, e o Protopithec, mammiferos todos de grande corpulencia. Nas aguas existem entre os peixes, os moluscos e os crustaceos, reptis de tamanho colossal, taes como o Ichthyosauro, o Plesiosauro, e os Chersites. Finalmente, a flora e a fauna d'esta época são de uma riqueza e opulencia admiraveis.

E' n'este periodo que alguns sabios fixam o apparecimento do homem, fundando-se para tal asserção no encontro de alguns pedaços de silex, e de ossos, que parecem trabalhados e entalhados pelas mãos do homem, nos terrenos terciarios. Esta opinião tem sido combatida vivamente por outros, cujo principal argumento é não se haverem encontrado ossos humanos nos terrenos d'esta época.

Estamos de acordo com a primeira opinião, combatendo portanto a segunda. O argumento de que se servem é mesquinho e insufficiente para negar a existencia do homem terciario. As buscas e pesquisas que se tem feito no solo europeu e americano, não bastam para provar a não existencia do homem n'essa época. Reconhecidas as planicies da Asia central como berço do genero humano, como concordam todos os naturalistas, é lá que se devia proceder a investigações nos terrenos terciarios. Não é crível que o homem, quando ainda existia em pequeno numero, se transportasse d'ahi para outras regiões; e por isso só a analyse completa dos terrenos da Asia nos pode elucidar n'esta questão. Além d'isso todos sabem que o fim d'esta época e principio da que se lhe seguio foi abundante em cataclysmas, cataclysmas que abysmaram muitos dos terrenos d'essas epochas, razão pela qual taes investigações serão sempre incompletas.

O facto porem, de se encontrarem nos terrenos pliocenes e miocenes obras que attestam um trabalho humano, leva-nos a acreditar na existencia do homem terciario, e por conseguinte temos de o considerar como contemporaneo das grandes e monstruosas especies de animaes extinctos, que, com immensa difficuldade, tem a paleontologia conseguido reconhecer como existentes nas primeiras idades do mundo. Considerar o homem como existente no periodo terciario é dar-lhe uma antiguidade talvez de mais de cem mil annos, e o que é mais ainda, dar-lhe uma

organisação sobremaneira poderosa para que elle pudesse viver em meio dos grandes mammiferos d'essa epocha. Com quanto peze aos sectarios da Biblia, não serão as idéas religiosas assaz potentes para embaraçar o reconhecimento da remota antiguidade da humana especie, e em quanto ao grande desenvolvimento physico do homem primitivo, ninguem poderá negal-o, considerando que de geração em geração vai a humanidade decahindo em forças e organismo.

Admittida por nós a existencia do homem na epocha terciaria, idéa que nos innoculou a excellenté obra de Desnoyer sobre as grutas e cavernas, passamos a tratar da epocha quaternaria que precedeu o periodo geologico contemporaneo.

E' d'esta epocha, diz a maior parte das geologos contemporanees, que se pode com certeza dizer que data o genero humano, pois só d'ella temos monumentos completos. Affastamo-nos completamente d'esta opinião, como já o dissemos, e por isso apresentamos as seguintes razões que julgamos de algum pezo.

O principio da epocha da formação dos terrenos quaternarios foi assignalado por um immenso cataclysmas de gelos que inundaram os continentes então existentes. Se o genero humano datasse do principio desta epocha, e sendo factio reconhecido que foi anterior ao periodo glacial, não haveria tido o tempo necessario para se propagar o sufficientemente para resistir aos intensos frios que assolaram as regiões que elle habitava, e portanto sendo os homens em pequeno numero, seria a especie extincta pelo cataclysmas. Ora a especie humana resistio-lhe e por conseguinte já era numerosa. Para que ella fosse numerosa era necessario que tivesse uma assaz grande antiguidade, pois que só com o tempo é que se podia propagar e desenvolver, e eis porque em vista dos factos que aqui apresentamos, nenhuma difficuldade ha em admittir que elle já tivesse tido nascimento na epocha terciaria. Uma raça que em principio de uma epocha se apresenta grande e numerosa é porque teve começo e desenvolvimento na epocha precedente. Isto parece-nos sobremaneira logico.

Além d'isso no periodo glacial os homens já habitavam a Europa. Ora sendo elle nascido na Asia, nas planicies férteis e uberrimas do Oriente, para que abandonasse esses climas, era necessario que um excesso de propagação o levasse para outras regiões. Tal excesso de propagação só podia ser determinado por um longo decurso de tempo, e por tanto já havia muito que a raça humana habitava na Asia.

Estas e outras muitas razões, que demasiado longo seria enunciar, ^{ca}luzemos a acreditar e a fixar na época terciaria o apparecimento do homem, confessando comtudo que, infelizmente, poucos são os monumentos até hoje encontrados

que justifiquem a opinião que seguimos. Esperamos porém que, a archeologia progredindo, nos venha fornecer provas palpaveis, isto é materiaes, das nossas asserções, com quanto todas as provas de raciocinio nos sejam inteiramente favoraveis. Não bastam todavia essas provas para sciências tão positivas como as naturaes, e por essa mesma razão as desejamos materiaes. Só uma pesquisa exacta dos terrenos terciarios na Asia nos pode fornecer essas provas, contamos que a sciencia emprehenderá essas pesquisas.

E' por conseguinte no epocha terciaria, apesar da falta de provas materiaes de que acima fallamos, que fixamos o apparecimento do homem na terra.

Sendo conhecido que ja n'esse periodo existiam vegetaes e animaes cujas condições normaes, com pequena differença, eram as mesmas que as do homem, concluímos que não ha impossibilidade alguma de que em meio d'elles vivesse. Reconhecida a possibilidade de sua existencia n'essa epocha, podemos sem difficuldade admittir, como provaveis indícios d'essa existencia, os objectos encontrados nos terrenos terciarios, que pelos seus entalhes e forma já attestam um trabalho humano. São indícios que, se não são pelo menos evidentes, offerecem contudo probabilidades favoraveis, sobre a existencia do homem terciario, e não vemos argumentos nem razões, que justifiquem a negação d'essas probabilidades.

Em consequencia da opinião por nós seguida, vemo-nos obrigados a modificar, no que toca á primeira parte, a engenhosa divisão chronologica de Lartet sobre os tempos primitivos, dividindo-os e subdividindo-os pela seguinte maneira:

1.º Período	} EPOCHAS	Epocha terciaria ou infancia da humanidade.
Idade da pedra		Epocha do grande urso e do mastodont.
	} EPOCHAS	Epocha do rangifer, ou os animaes emigrados.
		Epocha da pedra polida ou dos animaes domesticados.
2.º Período	} EPOCHAS	Epocha do bronze.
Idade dos metaes		Epocha do ferro.

A razão d'esta divisão e subdivisão acha-se na industria do homem e na differença da fauna d'elle contemporânea.

Muito tempo levou elle trabalhando com a pedra, pela ignorancia em que se achava da existencia de materias mais proprias á sua industria, e a esse tempo deram os geologos o nome de Idade da pedra.

As subdivisões d'essa idade não necessitam de ser explicadas, pois que, como indicam seus nomes, dependem dos animaes do homem contemporaneos e das

variantes porque passou a sua industria. Mais tarde as descobertas do bronze e do ferro vem abrir um novo periodo, a que chamam Idade dos metaes, e cuja divisão é tão simples que não necessita de commentario. O bronze descoberto primeiro que o ferro dá seu nome á primeira epocha; o ferro, muito posterior, á segunda, que termina os tempos prehistoricos.

Ao ler os ultimos periodos do paragrafo precedente em que tratamos das descobertas do bronze e do ferro, não deixará algum dos zelosos partidarios da Biblia de reivindicar para o seu Tubalcain a honra de semelhantes descobertas. Não lhe contestamos essa gloria, comquanto elle fosse anterior ao diluvio, e a geologia nos prove que só muito depois se descobriram os metaes, se quizerem convir connosco em que, ao talento de fundidor, unia Tubalcain o dom de propheta. Dizemos propheta porque julgamos que a sua maior obra foi um bronzeo pedestal, immenso pelas dimensões, no qual elle pretendeu apresentar a imagem dos vicios e defeitos da humanidade, sobre os quaes de futuro os especuladores religiosos haviam de erigir a estatua da superstição, commodamente sentada sobre a credulidade, com os pés firmados sobre o pescoço da Liberdade derribada, e em seus braços acalentando um filho—o fanatismo. Concordem n'este ponto connosco, que não duvidaremos mais da sciencia artistica do celebre Tubalcain infelizmente submergido nas aguas diluvianas apesar do seu engenho.

Mas deixemos Tubalcain com o seu talento artistico, que, infelizmente, tão triste figura fazem nas sciencias prehistoricas, figura tão triste, quanto pode ser triste perante o tribunal do discernimento, ou, para melhor dizer, da razão, a exhibição dos livros apochryphos de Moysés. Deixemos ás classes religiosas o fazer acreditar ao vulgo n'esta e n'outras passagens da Biblia sem nos dignarmos com elles discutir. E' natural que sustentem estas idéas, porque ellas lhes asseguram o *panem nostrum* tão decantado da oração dominical. E' preferivel vê-los continuar com as suas especulações baseadas n'estas idéas, ao vê-los, por falta de occupação, transformarem-se em ladrões e em assassinos fiados nas indulgências do Papa. Não ha crime que não resolvam os tribunaes pontificios, mediante a taxa fixada para esse effeito nos livros do Vaticano, e por isso poderão commetter toda a sorte de delictos, com tanto que tenham com que os pagar. Não esperamos porém por semelhante metamorphose moral, porque sempre existirão nescios que lhes ministrem os meios de sustentação, acreditando cegamente nas doutrinas dos energumenos do pulpito.

Voltando ao assumpto, de quo nos apartou uma momentanea digressão, resumiremos o que havemos dito sobre an-

tiguidade do genero humano pela seguinte maneira.

Contemporaneo dos terrenos miocenes e pliocenes o homem primitivo piza o solo em que vivem as grandes especies da epocha terciaria, respira o ar dessa atmosphera em que se libram os gigantes Pterodactylos e uma myriade de aves de grandes dimensões, contempla junto das rochas, á beira-mar as evoluções de Halitherium e de numerosos cetaceos e reptis na immensidade oceanica, e deita-se á sombra, nas florestas, dos carvalhos, das tilias, das figueiras, das nogueiras e de muitas outras arvores, que bem como estas, ainda hoje existem. N'esta epocha apenas nos deixa fracos vestigios da sua existencia.

Eil-o atravessando o periodo quaternario, vendo extinguir-se a fauna da precedente epocha no cataclysmo glaciario, e surgirem novos animaes taes como o leão das cavernas, o tigre das cavernas e as hyenas de correspondente denominação, soffrendo alteração no seu organismo pela differença climaterica, e tornando-se industrioso pelas necessidades que a cada passo lhe vão surgindo os obstaculos com que luta. O diluvio, cataclysmo lento e não rapido, como pretendem os escriptores sacros, vem surprehendê-lo, mas não o sepulta inteiramente nas suas aguas, e a razão d'isso é a sua não universalidade. D'este periodo restam-nos vestigios evidentes habilmente encontrados pelas sciencias geologicas.

Apoz o diluvio vemol-o no moderno periodo geologico polindo a pedra, descobrindo o bronze e manipulando-o, até que a descoberta do ferro lhe vem proporcionar novos materiaes de industria. Não existem já os grandes animaes das primeiras epochas, e a humanidade livre de tão temerosos inimigos pode mais tranquillamente proseguir na sua marcha.

—Para a perfectibilidade—dirá algum dos propugnadores d'esta idéa.

—Não, responderemos nós: para o seu desenvolvimento intellectual e degeneração physica e moral, o que mais adiante provaremos.

Nada mais temos a dizer sobre a antiguidade da raça humana, e por isso fazemos ponto n'este assumpto.

(Continúa.)

Nemo.

Paginas intimas.

PERGUNTAS. (-)

Acaso tu já viste a branca aurora,
Por entre as claras perlas do levante,
Dadivosa,
Graciosa,
Sorrindo bella, fresca e rutilante ?

(-) Estes versos já foram publicados em outro jornal; mas, como trata-se agora de publicar a collecção d'estas rhymas e tambem porque alli sabiam com erros typographicos, damol-os de novo á estampa.

—Mais graças tem teu rosto que aurora
Por entre as claras per'las do levante.

Acaso no vergel ouviste a brisa
Por entre as verdes folhas perpassando,
Que murmura
Com doçura

E que ao peito inspira, segredando?
—Mais doce é tua voz do que a brisa
Por entre as verdes folhas perpassando.

Já viste o clarear d'argentea lua,
Nas horas em que dorme a natureza,
Tão luzente,
Resplendente,

Encanto á terra dando, ao céu, belleza?
—Mais bella és tu, oh! virgem que a lua
Nas horas em que dorme a natureza.

Por entre as flores mil do prado viste
A rosa dominando, qual princeza,
Magestosa,
Tão formosa,

Emblema do pudor e da lindeza?
—Pois tu és, entre as meigas, bellas virgens,
A rosa dominando qual princeza.

Maranhão 10 de fevereiro de 1874.

Incertezas.

Brilha todo o campo ethereo,
Dorme em terra, mar e flores,
Sopra doce a morna brisa
Por do prado entre os verdoros...
Todo o mundo emudecido!...
Inda velas, meus amores?

Contemplando o firmamento,
Te diviso em cada estrella!
E talvez que, dada ao somno,
Grato somno de donzella,
Tu nem sonhes e nem penses
Em quem por ti inda vela!...

Mas, acaso, si não dormes,
Ouve os sons que traz o vento;
O favelio suspirando
Te segreda um sentimento
E, aos sons tambem d'envolta,
Ouvirás este lamento:

•Sympathia te consagro,
•Terno amor, perfeito e santo!
•Mas, meu peito sente dores
•E meus olhos sentem pranto;
•Pois, quem sabe si recebes
•Este culto sacrosancto?.

Maranhão, 20 de fevereiro de 1874.

S.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão 9 de dezembro de 1875.

A festa do Hospital Portuguez—Uma receita importante—Os 40:000\$000 da policia—A companhia Vicente de Oliveira—Bombas e trombas.—Consultas interessantes.—Telegramma á ultima hora.—Il suffit.

Caro Democrítico.

A esta hora, em que talvez estejas rindo-te e a fazer não sei o que, estou eu a rever no meo livrete de notas, os apontamentos por mim tomados nos ultimos dez dias, sobre os assumptos com que entendi dever occupar desta vez a tua attenção; e como o primeiro apontado é a festa do hospital portuguez, por ella começo.

Era o real dia 1º de dezembro. Musica e foguetes, carros e bonds com destino ás bandas de São Pantaleão, tudo isto annunciava a pandega. Eu, que alem do mais, se a amigne dos lugares a que, na phrase do Sr. L. Maia, se deve chamar o nucleo da

flor da sociedade maranhense, preparo-me e dirijo-me tambem ao ponto da reunião.

Felizmente só de anno em anno é que vou ao hospital portuguez, e isto a passeio, por tanto, quando lá chego, parece-me ver sempre cousa nova, e como talvez aconteça o mesmo contigo, não me quero furtar ao prazer de fazer uma breve descripção do que é aquillo. Lá vae:

Um palacete bem edificado, assobradado, alto, emfim—imponente (*sem ser tigre de Bengala*) tendo na frente um pateo, de um lado um jardim, de outro uma casa destinada a bazar no tempo da festa, eis, pouco mais ou menos, o hospital, visto de fóra, á mercê de boa illuminação a gaz.

Se passamos ao seo interior, então mais succinta é a descripção, pois contento-me em dizer-te que, se o outro da an docta dizia que um c-mite-rio bonito faz a gente ter vontade de morrer só para morar nelle, bem se pôde dizer tambem que vale a pena de adoecer-se com a condição de ter-se hospedagem no hospital portuguez. Nada mais.

A festa repetio-se com maior concurrencia no imperial dia 2 de dezembro, e em tudo reinou sempre muita ordem, conservando-se ainda este anno, como medida muito acertada e prudente, *entrar-se por uma porta e sair-se por outra.*

Houve (é verdade) quem não gostasse da prohibição da colheita de flores, porem, quanto a nós, foi outra medida acertada e prudente, e o Sr. fiscal, ou os Srs. fiscaes encarregados de policiar o jardim, são dignos dos maiores elogios pelas maneiras frias e reflectidas com que souberam advertir os desobedientes, e conquistar a sympathia dos que não tinham necessidade de flores para fazer offertas... (já se sabe a quem).

—Esqueci-me de mencionar-te como parte integrante da festa do dia 1º, a sessão magna da Sociedade Humanitaria (creio que não errei o nome), porém receito-te como remedio a este mal que te fiz, as doses de Balcifrio e V. R., que no Paiz estão discutindo sobre poesias e discursos analogos ao acto (como se costuma dizer). Se continúa o de bique (não quero dizer que seja este ou aquelle o debicado) temos bom divertimento.

—O segundo apontamento que encontrei no tal meo livrete, foi o seguinte:

Aponhemos o passaro antes que tome o vôo.
Passo a desenvolver-o:

40:000\$000 é, como sabes, a cifra que, na distribuição do respectivo credito, tocou por sorte a esta provincia para auxiliar o corpo de policia. Pois bem, anda a cousa em *zum-zum* e não se sabe se applica-se ou não applica-se.

Por minha parte, meo caro Democrítico, tambem não sei o que te diga, porque factos anteriores me fazem ficar perplexo, pois não será a primeira vez que se atria algum resto a esta *engenhada do Cruzeiro*, mas que, por não ser agarrado immediatamente, brilha apenas para enganar a, de-app-re-cendo á sua approximação, semelhante aos fructos do Mar-Morto que tentam a vista para se tornar em cinza ao toque dos labios.

Ah! Maranhão *emmaranhado*! Costumados á profunda lethargia e ainda dormitando, quando mais vigilantes, é naquelle cabecear que se passa o anno financeiro, de soite que, quando alguns exms. dam por si, (*adeos minhas encomendas!*) lá se foi o obolozinho que podia servir.

Todavia, como o Exo. Sr. Dr. Abr-nches tem tomado em consideração... est do financeiro da provincia, é provavel que não deixe aquella verb-cir em ex-re-litos findos, tanto mais quanto, hoje, melho informado, poderá restabelecer alguns offic-es, tão injustament- desprezados, depois de tantos servigos com risco de suas vidas, como os alferes Franklin Neves e Guilherme Almeida, et.

Deus permitta que eu possa em breve dar-te alguma noticia a semelhante respeito, e passemos a outro assumpto.

—Vamos levar agora uma vida divertida, o ponto é desembolsar o dinheiro, não obstante a crise. A razão disto é que chegou o nosso patu-co Vicente d'Oliveira com a sua acreditada companhia.

S. S. deo o primeiro espectáculo no dia 7 de-te, e foi tal a concurrencia havida, que eu creio poder afirmar não serem somente dez as recitas que elle dará aqu, mas sim o dobro ou o triplo; o ponto é,

como sabes, ganhar dinheiro para fazer a vida, o que por certo não te parecerá máo. Diabo leve a crise e venha a nós a moeda, seja ouro, prata, papel, bronze ou cobre.

O drama levado á scena foi a *Estatua de Carne*. Os artistas todos desempenharam bem o seo papel, sendo igualmente applaudidos.

Sobresahiram, porém, quanto a mim, o Sr. Santos e a Sra. D. Manoela ou Manoelita. Não duvido que para isto muito tivesse concorrido a importancia dos papeis que representaram, mas o certo é que, fosse lá pelo que fosse, sobresahiram, e houve até quem fizesse menção especial do Sr. Santos, chamando-o perfeito galan.

—Quem não pode levar agora tambem uma vida divertida são os pobres dos estudantes, que atravessam uma epoca de bombas. De vez em quando ouve-se um zig-zag de R... é uma bomba que rebenta.

Más, coitados, queixam-se de que algumas parecem atiradas por divertimento, como os estroinas atiram os busca-pes pelo carnaval, e queixam-se mais de que a philosophia e a rhetorica tambem ajudam a bombeal-os no campo da grammatica; não sabem porém o que fazer para evitar taes escaldaduras, porque tudo lhes ensinam, menos isso, e dizem mesmo que o capital, que se lhes ministra na classe, é muito insignificante para o rendimento que se lhes exige no exame.

E se elles têm razão, qual será melhor: ser naturalmente rude, ou ficar escolarmente embrute-cido?

O certo é que o descontentamento vae produzindo maior aborrecimento ao estudo, e a reacção não seria capaz de descobrir um canal mais acertado para levar a agua ao moinho.

Ha quem assevere que a epoca de bombas será seguida de uma epoca de trombas, mas não diz quem a ha de atravessar. Não é de presumir que sejam tambem os estudantes, porque os bombeados já ficam com ellas cahidas. Alguem pensa que ha de ser sobre o paiol de polvora, de qua se fabricam as bombas, e no laboratorio dos bombeiros.

Eu, quando vejo essas cousas, dá-me vontade de pedir ao Papa e ao clero que façam preces para preservar a sociedade de terremotos e de cataclismas.

Parece-me, porém, que as cousas vao a melhorar, e que se deve confiar na justiça dos homens.

—Quizera fazer-te algumas reflexões que me suggerem certas questões, e ao mesmo tempo pedir o teu parecer sobre ellas, mas como não disponha nem de tempo nem de espaço sufficiente para uma e outra cousa, limito-me a consultar-te, e eis sobre que:

Se as gazetas podem ser igualmente curiosas.

Se as que andam á cata de frioleiras, e mostram diariamente um tecido de dispar tes desde a primeira até a ultima linha, valem tanto como aquellas que algumas vezes *jojam* sabedoria por columnas inteiras.

Se quem pede indulgencia mere e ser arguido de presumpção.

Se o encomio do asno deve o cupar o jornalista.

Comprehendes?...?

—Um telegramma á ultima hora dá como nomeado presidente desta provincia o Sr. Dr. Euphrasio, d-putado pelo Paraná.

—Il suffit.

Confucius.

Erratas do n. 12.

No artigo de fundo, principio, onde se lê—*tem por dever e fazer progredir*, leia-se—*tem por dever o fazer progredir*.

No artigo—*Imperfectibilidade Humana*—pagina 3ª, columna 1ª, em lugar de *condemnou*, leia-se—*condemnam*.

Na mesma pag. e col., linha 4ª, em lugar de—*De um sistema semelhante*, leia-se—*De systemas semelhantes*.

Na mesma col., linha 16, em lugar de *a estes*, leia-se—*a este*.

Maranhão—Typ. do Paiz. Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.

C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO I

Maranhão—Segunda-feira 20 de Dezembro de 1875.

NUMERO 15

A MOCIDADE

MARANHÃO, 20 DE DEZEMBRO DE 1875.

Nas nações em que a instrução só caminha o quanto é necessario para que o povo não suspeite e desconfie da pretensão governamental de o manter no embrutecimento, é incóntestavelmente o merito scientifico ou litterario uma cousa mais de convicção do que verdadeiramente real. Em taes paizes as reputações tanto scientificas como litterarias não são mais que a produção das camarilhas e da aura popular, e as camarilhas produzem-nas pela astucia, e a aura popular sustenta-as pela ignorancia. A astucia das rapozas que se acham á testa da instrução, e os brados approvadores de uma multidão quasi totalmente inepta, eis as bases sobre que assentam reputações que facilmente se derrocariam se o juizo popular podesse ser acompanhado de crite-

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

por

BYRON.

Versão livre de: ...

(Continuado do n. 13).

«Os habitantes de um clima gelado têm o sangue tão frio como o ar que respiram; entre elles o amor já não é amor; mas o meu parecia-se com a lava ardente que se escapa dos abysmos inflamados dos Etna. A meiga linguagem dos amantes e das bellas é-me desconhecida; se a alteração repentina dos traços do rosto, o ardor de um sangue que referve, o movimento convulsivo dos labios, um coração que se despedaça sem se queixar, o delirio, a audacia e a vingança, n'uma palavra, se todos os sentimentos que eu experimentei é que eu experimento ainda, são penhores certos de amor, o meu era verdadeiro; eu dei provas amargas. Nunca pude suspirar nem derramar lagrimas; eu queria o successo, ou a morte.»

«A morte se aproxima, mas ao menos gozei da felicidade. Agora devo eu temer os rigores da sorte, que me desafia tantas vezes? Não; minha alma é inextinguível, privada de tudo que ella amava. A recordação de Leila é a unica cousa capaz de me affligir; mas restitua-se-me a alternativa dos

rio, e se não fossem os seus encomios semelhantes aos de um cego de nascença que se extrasiassi perarte o colorido de um quadro que, infelizmente não pode ver mas julga poder julgar por indicações de outrem.

Quantos homens não vemos elevarem-se, apesar da sua propria insignificancia ou talvez por causa della, recommendados entusiasticamente por seus dignos collegas, e applaudidos freneticamente pelo vulgo! Quantos não vemos publicarem a cada passo obras de nenhum merito intrinseco, e que, todavia são apreciadas como primores! Quantos não vemos galgarem as posições mais elevadas, impellidos não pelo merito, mas sim pela *esperteza* e pela inepta apologia popular! E se mais tarde algum observador habil, algum critico consciencioso, pretende disilludir o povo sobre o merito desses individuos, mostrando com razões e argumentos o nada dessas reputações, tal pretensão é considerada um crime; já não é só

prazer e da dôr, eu consinto ainda a viver e a amar. Um pensamento me afflige, ó meu padre! Não é por aquelle que vai morrer, é pela infeliz que já não existe; ella dorme debaixo das vagas errantes. Ah! para que não tem ella um tumulo na terra! Este coração despedaçado, esta alma em delirio procuraria seu estreito monumento para o partilhar com ella. Leila era um ser divino e de luz! logo que eu avistei Leila, ella tornou-se uma porção da minha vista; para qualquer lugar que se voltassem meus olhares, era a estrella polar da minha memoria.

«Sim! o amor é uma centella d'aquelle fogo immortal, que nós partilhamos, com os anjos, e que o Creador nos deu para desprender nossos desejos da terra. A piedade eleva ao céu a alma do justo; o proprio céu desce as nossas almas com o amor.»

E' um sentimento que vem da divindade para destruir todos os nossos grosseiros pensamentos; é um raio d'aquelle que creou tudo, uma aureola brilhante, que illumina a alma. Meu amor não é perfeito talvez; elle parece-se com o que os mortaes chamam engadamente com este nome. Tu podes julgar-me manchado com o crime, mas não digas que o Leila era impuro. Ella era a luz fiel da minha vida; ella apagou-se. Quem poderia allumiá-las trevas que me rodeiam? Porque não brilha ainda para me guiar mesmo á morte ou aos actos de um cruel desespero! Pode ser alguém espantar que o cego delirio lhe inspire aquelles diltos, que não parecem se não ajuntar o crime a desgraça? Ah! que pode temer dos homens aquel-

o papa que pretende a infailibilidade, a aura popular tambem quer têt-a!

Triste espectáculo na verdade para todos quantos são amantes sinceros do progresso! Acatados pelo povo aquelles que o illudem, repellidos por elle aquelles que lhe mostram a verdade! Pobre humanidade que recusa estender a mão áquelles que só desejam guarecel-a de seus males, e que se lança nos braços de quem só pretende especular com seus achaques!...

A insignificancia, a nullidade, exaltadas, e o talento e até mesmo o genio, desconhecidos, ou antes menosprezados! Para as primeiras—os elogios, para os outros—o sarcasmo estulto! Para as primeiras—um presente florido, para os outros—apenas uma esperança—o juizo da posteridade, juizo que chega tarde e que não tem a propriedade de animar por um momento as cinzas d'aquelles que succumbiram nas lutas da vida!

Esse juizo é contudo para o homem de merito, não uma felicidade, porque elle

les cujo coração está despedaçado? Cahindo do auge da felicidade, dá-se importancia a profundidade do abysmo? Sem duvida, pio padre, depois destas confissões, minhas acções te parecem mais ferozes que a raiva do abutre; eu leio na tua frente todo o horror de tua alma; é meu destino inspiral-o sem cesar. Sim, semelhante a uma ave de rapina, eu semeiei debaixo de meus passos a carnagem; mas eu aprendi da timida pomba a morrer fiel a meu primeiro amor. E' uma lição que o homem deve receber das creaturas que elle despreza: o passaro que canta entre a urze, o cysne que percorre o limpido lago, não têm senão uma companheira e nunca mudam. Repita o coração inconstante e que sorri de piedade sobre aquelles que não podem mudar, seus orgulhosos motejos; eu não invejo seus prazeres sem numero, e eu prefiro o cysne fiel aquelle homem torpe e sem força. Quanto está abaixo da credula belleza, que seduzio! Nunca ao menos eu merecerei esta vergonha. O' Leila! todos os meus pensamentos não pertencem senão a ti; de ti só dependiam minhas virtudes, meus crimes, minhas dôres, minhas esperanças; não ha na terra uma belleza semelhante a Leila; ou, ao menos, ella não existe para mim; por todos os thronos do mundo eu não ousaria olhar aquella, que se lhe parecesse, ainda que ella estivesse bem longe de igualar seus encantos. Os crimes que mancharam minha mocidade, este leitode morte, attestam minha fidelidade. Já não ha cousa alguma que me comova: Leila era, Leila é! sempre o delirio querido de meu coração.»

(Continúa.)

não pode gozal-a, mas um triumpho. Ao passo que as producções dos sycophantas litterarios e scientificos juntamente com seus nomes se perdem no oceano do esquecimento, as obras do sabio e a memoria do seu nome perpetuam-se de seculo em seculo. Triumpho grande e sublime, mas no qual não pode comparecer o triumphador! Corôas de louros, sim, mas já não existe a fronte que d'ellas se devia cingir! Compensação para os desprezos e accusações que soffreu, nenhuma porem para os desgostos que delles foram o resultado!

Basta porem esta compensação para o talento, e até mesmo para o genio. Vivendo mais para o futuro do que para o presente o sabio só tem em vista o cumprimento da sua missão civilisadora; desprezando o juizo de seus contemporaneos elle caminha sempre para o fim que se propoz; uma vez conseguido esse fim, toma as perseguições do vulgo como obstaculos que ainda mais engrandecem e exaltam o desempenho da sua nobre tarefa.

Neste pequeno quadro que acima traçamos dêmos a antender quaes as nossas idéas sobre as reputações sem merito, e o merito sem reputação. Fizemol-as em geral, não as querendo applicar em particular a nação alguma. Se algum critico consciencioso achar que ao paiz a que pertencemos se podem applicar, applique-as. Emquanto a nós não ousamos fazel-o.

N.

A intelligencia do burro, o espiritismo, e a metempsychose.

Chateaubriand celebra com a maior naturalidade a intelligencia do *burro*, honrando-o, sem a menor hesitação, com o epitheto de *intelligente*. Não era de esperar menos da inexclusiva rectidão do espirito de Chateaubriand, não menos justo nas apreciações, do que sublime nas concepções. Era tambem o modo não menos engenhoso do que lisongeiro de manifestar, sem visos de malicia ou de ironia, a sua honrosa approvação áquelles que, a exemplo dos Arabes, façam escolba de taes bestas para conductores dos camelos das suas especiaes caravanas.

Já se vê pois que os *asnos* é que foram dotados, pela natureza, das intelligencias mais proprias para dirigir *camelos*. Fallamos seriamente... Os Arabes, e seus imitadores, têm toda a razão, que lhes ha dado a experiencia, para pôrem os burros á frente, ou na vanguarda, das suas caravanas. Os mesmos camelos já devem estar tão naturalmente accostumados a taes directores, que seriam os primeiros a recusar seguir os passos de guias racionais; e o homem, que, por presumpção de illustrado, intentasse a substituição, faria indubitavelmente papel de asno, manifestando julgar que camelos sejam capazes de se deixar levar pela razão.

E' com uma sinceridade não inferior á

de Chateaubriand que sustentamos esta these, que vale bem qualquer outra: *O burro é a entidade mais competente para conductor de camelos*. E note-se que ser conductor de camelos de caravana é ser tambem guia d'aquelles que andam montados em semelhantes bestas; e quando os atilados Arabes não desdenham taes guias para os dirigir em sua marcha nos desertos da Arabia, qualquer outra caravana, que tambem marche em terrenos aridos e sem estrada definitiva, deve tambem reconhecer a superioridade da competencia do burro, e pôr á testa das caravanas um asno por director. Nenhum outro dirigirá o rumo com tanto acerto áquelles, a quem a fortuna conceder passar a vida na estrada, montados commodamente em camelos.

E' incontestavel que o burro é em todo o reino animal a especialidade, que parece possuir a *bossa de localidade* mais bem desenvolvida para lhe poder assegurar no maior gráo o talento itinerario. Tem-se observado que o burro não só nunca esquece o caminho por onde andára uma vez, mas até é capaz de continuar a trilhá-lo, e muito tempo depois, sentando constantemente as patas precisamente nos mesmos logares, onde pela primeira vez as sentára. A retentiva humana não pode chegar a tanto; apenas se poderá dar um completo arremedo na disciplina escolar. Avançamos que, se ao dom de uma tão prodigiosa memoria o burro pudesse unir o da articulação da palavra, . . . da palavra, segundo Du Marçais, *pronunciada ou escripta em todas as linguas*; e que assim adutorado o fizessem marchar por uma provincia; ninguem poderia rivalisar com elle na fidelidade de apontamentos para a redacção de um dictionario geographico provincial.

E' esta, quanto a nós, uma reflexão, que não é para desprezar, attentos os grandes recursos que pode offercer ao progresso, n'uma epoca, em que o espiritismo não deixa já a menor duvida sobre a realidade da metempsychose.

E' verdade que ainda não está definitivamente resolvido se os espiritos podem ser reincarnados em animaes de genero differente, e que esta duvida deve sempre subsistir, em quanto houverem espiritos espirituosos. — gaiatos, folgasões, e caçoistas, que queiram divertir-se a informar pela falsidade, bicando-nos em ton serio e em linguagem elevada; mas comtudo não é rasão para que se deixe de fazer uma experiencia, pelo menos em quanto o papa não se lembrar de resolver a questão negativamente pela sua infalivel autoridade. Quanto a nós, que carecemos do dom da infalibilidade, não podemos comprehendere porque individuos, que estejam sujeitos ás mesmas condições vitales, deixem de estar tambem sujeitos ás mesmas condições de reincarnação.

Em todo o reino animal são communs,

por identidade de causas, os sentimentos, os affectos, e as paixões, salvas as modificações inherentes á organisação physica, cuja variedade tambem se manifesta em cada especie. No homem não ha nem vicio nem virtude, que não se possa encontrar n'alguuma das especies de irracionais; e a differença só consiste em que nos irracionais os vicios são justificados pela necessidade, e as virtudes mais constantes, o que lhes dá um character definitivo, como não pode ser o do homem, sujeito pela sua inconstancia a tantas alterações. Não obstante não ha genero algum de irracionais, com quem o homem não possa ter uma grande affinidade por uma virtude, ou por um vicio, que os caracterise; embora os possa consideravelmente exceder, e sobre tudo nos vicios que, se diz, serem symbolisados no gato, no cão, no burro e no porco. Quantos homens não ha mais ingratos do que o gato, mais aduladores e servis do que o cão, mais temosos do que o burro, e cuja feroz avidez excede a da raça suina! Ha até classes respeitaveis, em que homens, que pela sua posição deveriam ser modelos de dignidade moral, nem se pejam de manifestar a colleção dos defeitos de todos estes diferentes animaes, sustentando suas mal definidas opiniões com a teima do burro, defendendo seus interesses, as mais das vezes mui sordidos, com a avidez do porco, e rosnando como o gato, ou como o cão, que tem a presa na boca, ou nas garras, só pela vista de alguém, que julgam lhes a pretende arrancar!

Pode o homem, no seu genero, e no seu typo moral, ser considerado um compendio de todos os vicios e virtudes, que pela natureza se acham dissimulados por todos os irracionais; e com quanto estes os tenham recebido em lotes definidos, ou mesmo exclusivos a respeito dos outros generos, não deixa de haver uma grande conformidade de acção, que revela egualdade de sentimentos, de affectos, e de paixões, e de que se pode concluir por deducção *egualdade de essencia espiritual*.

No homem não ha nem potencia, nem força nem faculdade, que não esteja sujeita á condição normal da sua organisação physica, para que possa actuar, ou funcionar, regularmente: então porque motivo tambem nos irracionais não ha de existir estacionario o que n'elles é *instinctivo* só pela deficiencia dos órgãos, em que possa actuar seu espirito, sem que por isso esse espirito deixe de ser susceptivel de desenvolvimento de faculdades intellectuaes e moraes, se puder achar um organismo phreheologico, que se preste á perfectibilidade? Se no homem se podem dar alterações intellectuaes e moraes, que o aviltem perante o mais vil irracional, porque rasão o espirito do irracional não ex^{ta} ^{ha} ¹⁴ ^{se} mentaria alterações correspondentes, se ^{de} ^{se} prestasse um organismo, que o pudesse ^{de} ^{se} levar até ao homem? Admittimos que taes espiri-

tos conservem sempre as tendencias dos affectos e paixões, a que particularmente se achavam sujeitos na vida precedente; mas negamos que sejam insusceptíveis de reincarnação em forma humana, onde esses mesmos affectos e paixões acham um campo phrenologico, onde se podem ainda desenvolver com muito mais energia.

Não temos a menor duvida sobre o facto da metempsychose, e a nossa opinião não se apoia tão somente na autoridade de Pythagoras com a de todos os mais antigos philosophos do Oriente: o mesmo Divino Mestre tambem annunciou a reincarnação, em geral, dizendo aos judeus que *necessario lhes era tornarem a nascer*, e declarando, em particular, a seus discipulos que—*Elias já era vindo, e que era João o Baptista*.

Hoje já todos os homens de genio partilham esta crença, não differindo as opiniões senão sobre o exclusivismo, ou não exclusivismo, de genero, ou de especie: quanto a nós seguimos, com Louiz Figuiere, a de Fenelon, que bem a manifestou na sua fabula da metempsychose do *macaco*, pela segunda vez reincarnado em *papagaio*, e pela terceira—em *homem*. Semelhantes metamorphoses, ou transformações, parecem alias justificadas pelos aspectos das caravanas das gerações mais modernas, em que, desde as que partem dos bancos da classe, até ás que chegam á camara alta, são mui raros os espiritos de ordem superior, que lá pareçam reincarnados: quasi tudo se torna mais notavel *par les tours du faqtoin, et par le babil du perroquet*.

Alem d'isto, sendo a reincarnação o processo natural de aperfeiçoamento para os espiritos, collige-se que os já perfectos não reincarnarão mais, e uma prova é que ninguém ousará dizer que Homero reincarnasse. D'este modo é natural que o numero dos espiritos superiores vá constantemente diminuindo, e veja-se se os sentimentos cavalheirescos não vão escaçando cada vez mais. Ora quando os espiritos racionais estiverem já esgotados, como poderá continuar o aperfeiçoamento pela especie humana, a não ser pela reincarnação dos espiritos dos irracionais?

Admitta-se pois a metempsychose de fúção, muito gloriosa para o homem, porque toda para elle converge, como ultimo crysol em que se apuraram os espiritos: e sabido que na reincarnação ainda se conserva as aptidões da época transacta de vitalidade, trate-se de tirar d'este systema todo o partido possivel de aperfeiçoamento para a sciencia.

Já temoso mundo todo mathematicamente dividido, e já desmarcadas por latitudes e longitudes todas as suas partes mais notaveis, com a possibilidade de medir e demarcar todas as outras; mas ainda só estudamos a geographia pela synthese, é já tempo de a poder tambem estudar pela analyse.

Já que o burro é dotado de tanto talento itinerario, trate-se de o aproveitar bem pela metempsychose, que pode ainda sublimar a intelligencia asinina no crysol do corpo humano.

Não pode deixar de ser da maior conveniencia universal que em todos os paizes, e principalmente nos de governo monarchico representativo, que são aquelles em que o progresso (de locomoção) por bestas é mais progressivo, se faça, por iniciativas particulares, animadas por agraciações dos soberanos, viajar por todas as provincias burros escolhidos da organisação mais robusta. Sendo taes viajantes em grande quantidade, é impossivel que dentro de poucos annos não hajam metamorphoses, que dêem a cada uma d'ellas pelo menos um literato de bem desenvolvida bossa de localidade, que honre a provincia e a patria pela producção d'um dictionario geographico provincial, redigido com toda a fidelidade de uma intelligencia asinina. Não é talvez de esperar que de uma tal metamorphose saia um encephalo, nem mesmo parcialmente um cerebro, ou um cerebello, de uma organisação phrenologica perfeita, porque a isso se opponha a influencia reciproca do espirito e do organismo encephalico. A bossa de localidade não poderá talvez mostrar-se tão desenvolvida no cerebro humano como no asinino, assim como as bossas das faculdades intellectuaes talvez se resintam muito da falta do discernimento indispensavel para um curso perfectivo de humanidades; é mesmo possivel que a bossa de localidade se desenvolva á custa de todas as outras; mas quando por essa absorpção até a bossa grammatical ficasse excessivamente deprimida, nem por isso o geographo asinino provincial deixaria de ser digno das honras de membro do Instituto Geographico de Pariz. Marcharia então na estrada da litteratura com o garbo de um rossinante, e gosaria dentro e fóra da sua patria das considerações devidas a um cidadão illustrado, que não deixariam de lhe ser tributadas por todos os espiritos da mesma origem, e por todas as intelligencias do mesmo nivel, com o honroso beneplacito do espirito de um Chateaubriand.

Maciot,

Allocação ^{renew} dada na noite de 19 de outubro, 30.º anniversario da installação do Lycêo cearense.

Senhores!

Ha na vida do estudante que faz do estudo um apostolado, um dia ameno em que o céu é mais azul e sereno, o crepusculo d'aurora mais suave, a brisa mais perfumosa e fresca, o astro que o illumina mais claro e sem manchas!

Esse dia vós o sabeis qual é, oh! infatigaveis estudantes do lycêo cearense:—e aquelle em que cheios de jubilo vos con-

gregães á vossos companheiros de lides para commemorar uma data que reflecte-se em maior grão de luz sobre a imagem da patria.

Por isso, sinto expandir-se-me o coração em indizível alegria e guardo n'alma as mais santas e caras reminiscencias, sempre que assisto a uma festa litteraria como esta, que demonstra que no seio da pleiade do futuro—da vigorosa mocidade, apparece fulgurante o amor á sciencia, e assegura que não longe surgirá no horizonte o phanal brilhante do progresso, da civilisação e da liberdade!

Assim, permitti que eu—moço, mas a quem a natureza não dotou como a vós para a vida do pensamento e para as cogitações profundas da razão—ouse erguer neste augusto auditorio a minha humilde voz para saudar-vos e partilhar com vosco da gloria que tentes hoje, celebrando o trigésimo anniversario da installação do primeiro templo que a vossa bella e esperançosa provincia consagrou á instrucção secundaria.

Sem descansar sobre os virentes louros que haveis colhido nos certamens da intelligencia, tendes justos motivos para regozijar-vos, reflectindo por um instante que, se paizes que marcham na vanguarda do progresso, contam dos primitivos tempos até hoje grandes vultos, como a França, em Bussuet, Fenelon, Racine, Lamartine e Hugo; a Italia, em Tasso e Ariosto; Roma, em Ovidio e Augusto; a Grecia, em Pericles; Portugal em Ferreira, Camões e Herculano, a terra de Santa Cruz—esse gigante do novo mundo—no decorrer de meio seculo de independencia e autonomia propria, conta apostolos taes como os Andradas, Magalhães, Dias, Alencar e Costa!

Caminhae, moços que tendes a seiva do porvir, que haveis de conquistar renome immorredouro nos annaes da historia: caminhae cheios de fé que a cerração espessa do presente dissipar-se há aos raios luminosos e vivicantes do futuro que des-ponta.

Coragem moços, coragem!

Um nobre estimulo tendes d'outras nações, onde cada seculo que passa deixa vestigios deslumbrantes do que ha feito em prol do genuinio progresso social.

Pois bem, athletas das letras, fazei o mesmo que ellas, para o que bastará somente que graveis em vossos sensiveis e verdes corações, a dilecta filha do céu—a doce fé—, sem a qual sécca e cahe a mais mimosa flôr, quando crestada pelo sol da duvida, que mata as mais fecundas intelligencias.

Faço ardentissimos votos para que perdure esta utilissima instituición, em que bebeis o limpido manancial da sciencia; e bem assim, para que os illustrados e projectos lentes que dirigem-na, façam diffundir e propagar-se no seio de vós—que tendes voraz ancia de saber—o gosto ás letras, do mesmo modo que o pharol il-

luzina e guia o nauta na escuridão tenebrosa da noite.

Concluindo estas ligeiras e incorrectas phrases, exóro dos illustres cavalheiros presentes, cujos talentos acato e respeito, que relevem a temeridade que tive, roubando-lhes a atenção n'esta momentosa occasião; attendendo que, se de pequenas cousas surgem grandes effeitos, muitas vezes os mais nobres e elevados sentimentos e as mais justas aspirações d'um povo se encarnam no mais obscuro de seus filhos.

Fortaleza: 19 de Outubro de 1875.

Alfredo E. P. d' Almeida.

Originalidades.

Sirva isto de *prologo*:

Vamos dar-nos á um trabalho que, á primeira vista, parecerá uma cousa supinamente extravagante, mas que, si bem attender-se, comprehender-se ha a utilidade e importancia que lhe sam inherentes.

Vamos fundamentar o nosso juizo:

Assim como, para bem conhecer e distinguir a virtude do vicio, é preciso que se tenha, pelo menos, breves noções d'este; assim, para bem entrar-se na apreciação das melhores producções litterarias, é mister que tambem se tenha conhecimento das de má tempera.

Todos sabem que a intelligencia humana, sem constituir uma excepção entre tudo o mais que no mundo ha, tem tambem, no composto de seus phenomenos, seus abortos, suas aberrações.

Intentando, portanto, fazer uma pequena collecção d'essas peças, importantes pela sua originalidade, temos, como primeiro ponto de vista, demonstrar com factos a justa censura á que se expõem aquelles que, redigindo certas peças, ou por incuria ou por ignorancia, fazem-no de maneira que só serve para comprometter os, fazendo-os cahir no ridiculo.

Temos em nosso poder diversas peças, umas ineditas e outras já publicadas, mas que lhes renovaremos a publicação como *specimens* extravagantes da pseudo-litteratura, e pedimos aos possuidores de preciosidades d'este genero que nos coadjuvem na tarefa, devendo não esquecer que a originalidade da orthographia deve ser conservada para não desmerecer.

CARTA DE PEZAMES.

Meu compadre de meu coração e capitão-mór.

Arrecebi o seu favor que me trouxe o Chico bolieiro de Vmc. e eu e minha dona ficamos todos muito consternados e passados com a nova da morte de sua amada, aquella alma do Paraiso, minha estimadissima comadre.

A Sra. dona poz-se logo a chorar e os meninos cá em casa fizeram tal berreiro que por fim tambem eu chorava como

uma criança. O afilhado isso antão não se falla!

Apezar de ter tido muita vontade de ir ao enterro não me foi possível porque a casaca eu emprestei ha dous ou tres dias para um casamento do Joaquim Alegre mata-burro e em té hoje ainda não me deu signal d'ella sem duvida porque me-teu-se na jequipanga das vodas e passe por lá muito bem e a casa é longe como os seiscentos diabos.

Console-se porem o meu compadre que tudo no mundo é assim; logo o diabo havia de levar o que Vm. mais estimava e eu tambem, por que a Sr.^a D. Roza era mesmo uma santa mulher como poucas de seu sexo, e fique certo que logo que o Mata-burro me trouxer a casaca estou prompto para qualquer enterro não só de pessoa de sua familia com muito gosto como até mesmo de Vm. que espero nunca faltarei.

Fazenda de Páod'alho, sexta-feira 20 do corrente mez do presente anno de 1840.

M. S. da S. e F.

(Ext.)

CARTA, PEDINDO UMA MOÇA EM CASAMENTO.

Illm. Exm. Revm. Sr. meu bom amigo compadre e sogro qui hade ser qui Deus me ajudar.

Hai mais de obra de quatro sumana que passo com o coração arroxado como boi qui vai pro assôgue por ter visto a primeira veis em casa do compadre João da Natividade a sua Exma. e Revma. filha de V. Exa. a Sr.^a D. Catirina que com o meu compadre e mais obrigação lá se achava e que tem todas as parencias e cahidos da mãe, muiê de V. S. e que tambem pur arte do diabo para não se pôre cum istora de ser legitima ou não de V. Revma. tem tambem aquelles inrugos que meu compadre tem que lhe dam uns ar daquelle nuvio maiado de meu finado conhado casado de segundas nupricas com a falcida minha irmã que era boasinha como a D. Catirina e in vista do isposto venho inculuso nesta minha carta de píditoro de cujo a V. S. deve de ficar ciente que é pedir as mão daquella arrefrida fia de V. Revma. qui tambem deve de traser os pezes afim de que eu poça a arrecebê cuma minha ispoza adiante da pia batisal de casamento legitimo nas farcias da igreja catolis epostolica rumana para cujo conçorco de matrimônio, cuma arrefere e manda a mesma igreja, já falei com a arrifrida filia pela cerca dos fundos de V. S. e para prova di que eu não istou vendendo purcaria (com licença da má palavra) pur inguento devo di dizer a V. Rvma. que foi ônte na casião qui V. Rvma. estava cum cumverça arta na varanda e seus caxorro qui sam damnados cuma trinta, de maneiras que cuos latido e cua cumversa arta, V. S. não uviu a cumversa que se cumverçou nos seus fundos, e cuma eu já fallei cum o

cumpadre vigaro Manê João e já mandei avisar ao Zê da matinha e ao Xico da Juana e já mandei aprepará o meu rudaque amarello cum as carça da dita fazenda cusidos pela Maria da Piadade espero que V. Rvma. e a Sra., cumade não dexarão de não concordá cum o meu consorço cum a arrifrida D. Catirina que si passá deste anno já fica madurinha e os pais gróis.

O compadre pode de afiancá a cumadre e fica tambem pulos autos que tenho tanto praser de me casar na famia de V. S. que se D. Catirina morrer u qui tal Deus não hede permittir eu lhe juro qui me cazarei cum a irmã e se ella Morrê u qui Deus não hede permittir cum a mãe, porque é muito boa Sra. a minha cumadre.

O compadre me ricummende a todos cum espcialidade a D. Catirina.

Seu compadre que lhe estima no fundo do coração

Barduino Derfim de Soiza.

S. Reimundo 20 de juio de 1867.

N. B.

Mando cum esta um propio qui vai di cavallo para xegá mais dipressa e peço que o compadre despaxe logo purque o animalinho já vae d'aqui cum a sella um tanto aroxada na barriga.

O mesmo seu compadre—Soiza.

(Continúa).

(Inedit.)

S.

Paginas intimas.

(Vide n. 12 e 14).

SI SOUBESSES . . .

..... Ah! si supieses,
luz de mis ojos, alma de mi alma,
cuanto mi corazon goza en amarte!

..... ah! no sé si deliso;—
mas en cambio de ser esclavo tuyo,
gustoso cederia
cien coronas de reyes, vida mia!
(F. Orellana).

Si soubesses, virg-m bella,
Como vives em minh'alma,
Si soubesses como anhello
Ter d'amor a justa palma;

Si soubesses como habitas,
Quanto occupas no meu peito,
Que por ti somenta pulsa,
Por te ser constante affeito;

Si souberes como reinas
Qual senhora, como imperas,
Si soubesses, virg-m santa,
Como a ti amo devéras;

Si soubesses que te rendo
Como a Deos sincero culto,
Si soubesses quanto é puro
Este amor ainda occulto. . .

Ah! . . . por certo, me darias
De teus olhos meigo olhar!
Deixarias tuas plantas
Divinaes eu ir beijar!

Sim, por certo, dentro d'alma,
No teu peito eu viveria
E a vida, então de flores,
Um Edén se tornaria!

Maranhão, 3 de março de 1874.

S.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Sabbado 1º de janeiro de 1876.

NUMERO 16

A MOCIDADE

MARANHÃO, 1.º DE JANEIRO DE 1876.

O ultimo sol do anno de 1875 acaba de atufar-se nas aureas franjas do occaso. E' mais um anno que morre, e que dá-nos a triste medida do nosso progresso e desenvolvimento material, intellectual e moral, os tres elementos que constituem a gloria de um povo.

Hoje que elle já pertence ao dominio da historia, podemos dizer que presidio-lhe á aurora malefico horoscopo, podemos dizer que foi um dos mais fataes para nós.

Para provar o que fica dito deviamos juntar ás nossas palavras os factos, deviamos historiar os acontecimentos. Mas teriamos assim de descer necessariamente a certas considerações que não poderiamos fazer sem um retrospecto politico, e é justamente a isto que nos recusamos, por que não nos queremos affastar do nosso programma. Não nos é vedado o direito de censurar o governo, mas tambem não pretendemos fazê-lo senão quando a isto nos virmos obrigados pela causa da instrucção. Estas foram mais ou menos as ideas expendidas no nosso 1.º numero, e assim

FOLHETIM.

O Giaour.

FRAGMENTOS DE UMA NOVELLA TURCA

POR

BYRON.

Versão livre de ...

(Conclusão.—Vide o n. 15)

«Ella pereceu, e eu posso viver ainda! Mas eu não respirei mais o ar que alimenta a vida dos outros homens. Eu sentia em redor de meu coração uma serpente cujo dardo cruel envenenava todos os meus pensamentos; a terra tornou-se-me um objecto de horror, eu teria querido fugir de toda a natureza. Mas os lugares que me eu antavam outr'ora foram revestidos a cor sombria de minha alma, o resto é te conhecido; tu sabes todos os meus crimes e a metade de minhas dores; mas cessa de me fallar de penitencia; tu vês que meus ultimos movimentos não estão longe; e, quando mesmo teus contos pios não fossem men-

limitamo-nos a offerecer como provas do enunciado acima o nenhum incremento que tiveram as artes e as industrias; o completo definhamento da agricultura; o grande marasmo do commercio, males estes que tanto nos affligiram no decurso do ultimo anno.

A causa de tudo isto, a causa de todos estes grandes males comprehendem-n'a perfeitamente os leitores. Não ha pois necessidade de mais explicações.

A nós, mocidade, que só applaudimos uma politica—o bem da patria—; que só nos ajoelhamos deante de uma bandeira—o progresso nacional, compete sermos hoje o que sêmpre fomos: extrenuos paladinos da crusada do porvir, sinceros atalaias da honra e pundonor nacionaes.

Façamos pois fervorosos votos a Jehovah para que ventos mais galernos, que os do anno findo, enfunem as velas da náção do Estado; para que o nosso governo abandone a desastrosa politica da algibeira, e tenha por modelo a larga politica da Belgica; em uma palavra, para que as primeiras auras crepusculares de 1876 não nos tratem com a inclemencia das de 1875, crestando com os seus beijos todas as flores do jardim das nossas esperanças.

L.

«trosos, poderias tu destruir o que está feito? Não me julgues incapaz de reconhecimento; mas não pertence aos padres aliviar males semelhantes aos meus»

«Advinha em silencio o estado da minha alma; mas quanto menos o susseses, mais tu testemunharás piedade pela minha infelicidade. Quando tu poderes restituir a vida a Leila, eu virei rogar-te d'imploorar o perdão do céo; tu poderás então advogar minha causa ao pé d'aquelle Deus que abrandam orações compradas. Vai ver a boa consternada que já não acha em seu antro de deserto seus filhos arrebatados pelos caçadores; procura moderar as dores d'esta mãe; mas querer aplacar as minhas, é insultar o meu infortunio.»

«Nos dias da minha mocidade, naquelle tempo mais feliz em que o coração gosta de unir-se ao coração de um amigo, debaixo do bello céo dos lugares que me viram nascer, eu tinha um amigo... Ah! restar-me-ha elle ainda? Eu te rogo de lhe mandar este penhor da nossa primeira amizade. Eu quero que elle saiba a minha morte.»

«Ainda que as almas absorvidas como a minha não concedam senão um curto pensamento a ami-

Sonhei com o burro e com o espiritismo!—Caramba!

Era a noite de 19 para 20 de dezembro de 1875.

Estava eu na casa de um amigo, quando, lendo por distração o *diario das asneiras*, dou casualmente com os olhos n'uma asneira, que parecia haver sido dictada pela impudencia, escripta pelo descaramento, e impressa pelo desavergonhamento e pelo cynismo.

Este *diario das asneiras* é uma folha particularmente consignada ao genero de que se forcece; e por isso em certas occasiões lhe falta espaço para artigos de genero differente.

Não podendo escarrar na tal asneira o sarcasmo, de que então me achei com o espirito saturado, porque a folha não era minha, aguardei para quando chegasse de volta á casa escarrar o n'uma folha de papel branco...

Foi esta realmente a minha primeira tenção quando me recolhi á morada; mas como já era tarde, entendi que não valia a pena roubar-me o somno por isso, e deitei-me.

Foi isto uma das mais acertadas resoluções, que tenho tomado na minha vida, porque no sonho, que se seguiu ao meu adormecimento, achei a melhor com-

zade auzente, meu nome desgraçado lhe é ainda caro.

Eu me recordei que elle me havia predito o meu destino; eu sorria, eu podia ainda sorrir, quando a sabedoria me fallava por sua voz, e hoje que minha memoria me repete suas palavras apenas escutadas outr'ora. Estremeça elle sabendo que se realizaram suas prophecias. Diz lhe que no meio da vida de perturbação que me tocou por destino, por mais rara que haja sido em meu coração a recordação de meus primeiros annos, minha boca teria abençoado sua memoria nas ultimas angustias da morte: mas a cegueira do ceo repeliu a oração do crime pela virtude... Eu não te peço que desminte minhas faltas; elle é demasiado terno para amaldiçoar meu nome; e, alem disso, que me importa a minha fama? Eu não lhe peço que se abstenha de chorar por mim; esta frieza para perecer-se-hia talvez com o desdem; e que lagrimas honrem mais o tumulo de um desgraçado que as de uma amizade generosa? Leva lhe este conselho: elle pertenceu-lhe outr'ora; e pinta lhe... o que tu vês! um corpo quebrantado, um espirito consternado, os vestigios que deixaram os estragos das paixões, uma arvore secca, de folhas des-

pensação, que poderia desejar acordado.

Ainda sob a influencia da leitura do tal artigo, sonhei que me sentava á banca para escrever; mas, mal tinha pegado na penna, sinto-me, sem saber como, arrebatado á região dos espiritos!

Digo á *região dos espiritos*, porque não sabi fóra da zona, mas fiquei mesmo no zenith do Maranhão.

Os primeiros, com que topei, estavam n'um grupo: eram espiritos de ordem secundaria, o que já não é pouco.

Pude reconhecer alguns d'elles pela historia, ou antes pela tradição, mas os outros eram-me inteiramente desconhecidos, e tambem não me pareceram attrahir attenção dos espiritos superiores.

Dos que reconheci, dois eram grandemente notaveis: ambos cantavam em harmoniosas notas, mas cada um por estyló differente.

Um d'elles ostentava-se como o sabiá da matta, elegantemente cantando no tope de uma elegante palmeira: o outro, sempre modulando, parecia attento a rever as notas da musica do cysne de Mantua, que tinha tão fiel como escrupolosamente copiado.

Para rematar este quadro, acrescentarei que o primeiro parecia ter uma côrte de espiritos cultos, mas levianos, que dignamente o admiravam; o outro não tinha côrte, mas attrahia mais a attenção dos espiritos superiores, que da sua mais alta região o olhavam com muita consideração.

Estava eu attento a contemplar este tão interessante quadro, quando me sinto de repente sobresaltar, excitado por uma voz de stentor!

Esta voz, fazia um contraste tão desagradavel com a do côro, que eu então escutava, que d'elle só poderia fazer idéa o que tivesse escutado um canto de pastores da Arcadia interrompido pelo canto de um rossim da Arcadia!

Espantado, volto logo o rosto, dirigindo a vista para o logar, donde me parecia

vir o borrascoso som, e... que hei de ver!—dei logo com os olhos n'um asno, que se achava a uma immensa distancia abaixo d'aquella esphera!

Fiquei por algum tempo attonito daquella estravagante appareição, sem ainda poder saber o que aquillo significava, quando bem depressa percebi que o asno se empinava, dando pinotes, e pinchando com esforços e cortorções inauditas para se elevar até lá!

Um quadro d'estes não pode dar-se, nem ser representado senão em sonho! O espirito asinino, achando-se com muito peso especifico para se poder elevar a tal altura, trata de procurar uma posição para se fazer notar; e... de que se bade lembrar! (espirito de burro sempre tem idéas...!) vae procurar lá em baixo posição em frente do grupo que então era o objecto de todas as attensões, e cuja associação elle tambem almejava!

Não se poderia imaginar uma postura mais irrisoria do que aquella, em que então se achava o tal burrico! Estava firmado sobre as duas patas de traz, e com as duas de diante levantadas, esticava, quanto podia, o focinho na direcção do grupo! Como ali todo o mister das ferraduras lhe era inutil, emboccava elle na beicada a mais exotica e ridicula trombeta, que eu nunca tinha visto accordado!

Os leitores não deixarão de ter a curiosidade de saber que sorte de trombeta era esta...—Era uma especie de tubo, fabricado de jornaes, pelo qual o asno pertendia elevar muito alto a borrasça da sua voz! «Côro de espiritos immortaes (parecia dizer a besta pelo dito tubo jornalístico) é comvosco que me quero associar, para ser tambem immortal na memoria dos nossos patricios! Entre vós ainda falta um *baixo*, e eu tenho o meu trombone natural, com que desejo completar a vossa banda de musica, ajudado pela virtude deste telescopico tubo!»

Posto que em sonho, não pude susterm-me que não soltasse uma estrondosa gar-

galhada! Pasmado de tão insolente attrevimento, fiquei depois olhando ainda para elle por algum tempo, e pensando na infelicidade, que persegue de diferentes maneiras os homens superiores, que nem mesmo alem do tumulo, nem mesmo no reino dos espiritos, se acham ao abrigo do insulto!.....

Quando se me aliviou a desagradavel impressão de tão asnativa vaidade, levantei então os olhos, voltando-me de novo para o grupo, para vêr que impressão ella poderia tambem ter produsido em seus espiritos.

Achei ainda o melodioso cantor do sabiá no mesmo logar, mas na posição do espanto, parecendo prestes a tomar surto, para fugir do espectro do burro, que se conservava sempre de focinho levantado para lá, e com a beicada na embocadura do tubo, mas que não podia dar mais um passo...

Notei tambem que o eximio executor dos cantos de Virgílio não havia feito o menor reparo, continuando na recordação e revisão das suas notas, como se nada houvera passado.

Um terceiro espirito, dos que se achavam na mesma esphera, posto que em grão inferior, tornava-se notavel pela curiosidade ironica com que olhava para o asno, arfando as ventas, e fazendo a carranca de quem aspira por desaborrimento uma longa pitada de rapê.

Mas o que achei ainda mais interessante foi a exclamação de um quarto espirito, que, por mais irascivel, não se pode conter! «...! Que caso é este, disse elle, será possivel que esta epoca seja a do progresso das bestas?! Está-se dando na Athenas Brasileira o que nunca se deu na Arcadia! Lá houveram academias e estrebarias, porque haviam poetas, litteratos e rossins, mas nunca estiveram associadas de modo que os rossins podessem ter a petulancia de intentar matricular-se academicos! Fóra com taes intrusos, que ser-

persas, e enegricida pelo sopro ardente dos furacões.....

«Cessa de julgar que é uma visão enganadora; não, meu padre, não, não é um sonho: ah! para sonhar, seria preciso antes poder dormir. Eu estava acordado, e eu quizera chorar, mas em vão!.. Minha fronte estava ardente, como neste momento. Eu não podia senão uma lagrima que teria sido para mim um b-silano precioso. Eu a pedía, eu a peço ainda; o desespero ri-se deste ardente desejo... Cessa essa inutil oração, o desespero é mais forte que tuas pias supplicas. Eu já não quizera ser feliz se eu podesse vir a sel-o; eu não desejo senão o repouzo e não o paraizo. E' neste momento cruel, meu padre, que eu a vi, eu tê-lo repito; sim era ella, envoldida em sua mortalha, semelhante aquella estrella que corôa neste momento aquella pallida nuvem. Estrella menos brilhante que Leïla, eu já não vejo senão obscuramente tua tremula luz; a noite de amanhã será mais sombria ainda; e eu, apparecerei diante de teus raios como um cadaver sem vida, terror dos vivos...»

Eu deliro, meu padre! é minha alma que se aproxima do termo da sua carreira.»

«Eu a vi, meu padre, e esquecendo todas as nossas desgraças, eu levanto-me do meu leito, e aperto contra meu coração afill cto. Mas que apertei eu? Eu não sinto em meu braço nenhum ser vivo, nenhum coração cujo palpar corresponda ao do meu. Todavia, Leïla, és tu mesma? amante adorada? estás tu pois de tal modo nublada que eu possa ainda ver-te e não tocar-te! Ah! se tu não senão gelada, não importa, permite que meus braços apertem o unico objecto que elles desejaram reter. Ah! elles não apertam senão uma sombra, e se cruzam estremecendo sobre meu coração solitario. Comtudo Leïla está diante de mim; em pé e silenciosa; ella chama-me com suas mãos supplicantes; eis aqui seus olhos negros, eis as tranças de seus bellos cabellos! Porquê razão devo eu duvidar da sua morte! Mas seu tyranno não está morto como ella? Eu o vi sepultar no valle onde meu braço o ferio com o ultimo golpe. Porque não vem elle tambem como tu, ó Leïla! não pode elle sahir do tumulo? mas tu mesma, para que me appareces? As vagas sensiveis rolavam, disseram-me, sobre tuas feições queridas; disseram-me tambem... Meus labios recusam-se a repetir esta narração odiosa. Se ella é verdadeira, se tu vens dos pelagos

do Oceano para reclamar um tumulo mais placido, passa teus dedos humidos n'esta fronte de que tu acalmara talvez o ardor fegoso, ou põe nos sobre meu coração despedaçado. Mas, sombra de Leïla, se tu não es ella mesma, quem quer que tu sejas enfim, por piedade não me deixes mais; faz ao menos que minha alma possa seguir te nos lugares onde os ventos e as vagas já não façam ouvir seus gemidos?!.....

Tu conheces, pio cenobita, meu nome e minha historia: a ti só eu confiei minhas dores, tu prometteste-me o segredo. Eu agradeço a lagrima generosa que tu concedeste á minha miseria; meus olhos gelidos nunca poderam derramar... Tu me depositarás entre os mortos desconhecidos; collaque se uma simples cruz sobre o meu tumulo, eu não quero outro emblema; não possa o viajante curioso ahi ler nome algum, nem lá detenha o peregrino. Elle morreu, O religião, havia assistido a seus ultimos momentos: ou ceu só o seu nome e a sua historia. Estes fragmentos são tudo o que se pode colher sobre aquella que elle amou e sobre a morte de seu inimigo.

FIM.

viriam para nos metter a ridiculo perante os espiritos, que sabem sustentar a sua dignidade !»

A indignação deste espirito já se me havia communicado, e acabou por me exasperar! Em falta de mais conveniente instrumento ia eu servir-me da penna para castigar uma tamanha insolencia, quando, olhando para esta, a achei na minha mão transformada n'uma tremenda ataca!

Na verdade, posto que a nossa distancia fosse immensa, a ataca tinha sufficiente extensão, para que a ponta do flagello se sentasse sobre a beicada do asno.

— Tanto melhor, disse eu comigo mesmo, era isto o que mais convenientemente eu poderia empregar para te fazer abaixar as patas, e cahir as orelhas, rossim da Arcadia Maranhense! Com effeito, alçando bem alto o braço, trato de sentar uma tremenda ataca no focinho do tão vaidoso como atrevido burrico!

Ignorando o grão da sensibilidade do espirito do burro, não posso aquilatar a dôr, que n'elle causaria o açoute, nem mesmo se elle era espirito de tempera de a sentir. O que sei é que o tubo, que lhe servia de trembeta, se lhe descolou todo, as folhas voaram algum tempo pelos ares, e a final foram todos cahir n'um... *tubo de esgoto!*

Voltando-me novamente para o lugar onde se achava o grupo, já os espiritos haviam desaparecido, e então achei-me perfeitamente accordado.

Maciot.

Paginas intimas.

(Vide n. 15)

QUEIXUMES E SUPPLICA.

«O canticó inspirado escute ao menos
A innocencia gentil e compassiva
Do solitario vate.
No mundo ella somente ouvi-lo pode!»
(Cabal e Albuquerque.)

Meu Deus! o quanto dóe viver um peito
Constante a papitar por um só ente,
A quem um culto rende sacrosanto,
Mas que, ignorando, a vida passa,
Si é correspondido o seu affecto!...

A vida em tal estado d'incerteza,
E' dura, é matadora, é afflictiva!

O Céu nos faz sentir os seus dulçores
Ao dar ao peito nosso um objecto
Amigo e seductor, tão adoravel
Qual é o mesmo Céu em todo o brilho;
Mas ah!... por que torturas se não passa
Sentindo esse infernal ardor immenso
Da fera incertidão, que, cramente
As fibras lacarando, ao peito arranca
Suspiros tão profundos, tão magoados
Que vam latentemente consumindo
O sopro divinal que nos anima!...

Por isso, oh! virgem
Dos sonhos meus,
Dá-me os encantos
Dos olhos teus.

E, n'um sorriso,
Dize-me oh! flôr;
Si tu recebes
O meu amor.

Maranhão, 15 de abril de 1874.

S.

Saudade.

A minh'alma era triste—e, triste, os olhos
Erguia para os ceus,
A's estrelas pedindo, à meiga luz
Um só olhar dos sens.
(Casal Ribeiro.)

Como a onda crystallina,
Que, rolando, vem á praia
E, batendo no rochedo,
A gemer logo desmaia;

Como a flor no verde ramo,
Ao ardor do sol ardente,
Reclinada, emmurchecida,
Perde a cor gentil, virente;

Como a fonte despenhada
D'alta rocha em pedra dura,
Pelo prado se desliza,
Murmurando com ternura;

Como a rola innocentinha
A' gemer d'amor extreme,
No sarçal, triste, saudosa,
Pela dôr oppressa geme;

Assim, pois, triste meu peito
Todo amor, todo amizade,
Como a onda, a flôr, a fonte,
Como a rola tem saudade.

Maranhão, 3 de maio de 1874.

S.

A' Indl'n.

NÃO ACREDITES, VIRGEM.

Si de mim te disserem, oh! bella,
Mil infamias, boatos medonhos,
Cousas taes que nem dinas de sonhos,
Não acredites, virgem!

Si comigo, serpente invejosa,
Com um ar que transluz innocencia,
Fôr de mim só narrar insolencia,
Não acredites, virgem!

Quantas cousas increveis disserem
Contra mim a calumnia, a vingança,
Eu te peço, sem mais tardança,
Não acredites, virgem!

Si mil falsos enredos, embustes,
O amor—proprio de algum for urdir
Tão somente para nos desunir,
Não acredites, virgem!

Vivamos assim contentes e ligados
Por laços que mais tarde estreitarão.
E possas menoscabar esses malvados
Que agora novos males tramarão.

Maranhão, 28 dezembro de 1875.

Et. Azinio.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão, 1.º de Janeiro de 1876.

Uma pequena desculpa ao amigo Confucius e ao respeitabilissimo publico.—O Dr. Tavares Bastos.—O Dr. Luiz Miguel Quadros.—Uma carta de um correspondente.—Juizo geral sobre a companhia dramatica do Sr. Vicente Pontes de Oliveira.—Os dramas Remissão dos peccados, Torre em concurso e outros mais.—Juizo sobre os artistas.—Despedida.

Caro Confucius.

No numero passado não me foi possível responder á tua missiva de 10 de dezembro, porque motivos imperiosos á isso me obrigaram; porém agora que já tomei um pouco de ar nos pulmões, vou dár-

te algumas noticias que te farão rir e chorar, segundo as circumstancias da narração, e dito isto, lá vae cantilena por ahí á fora.

O publico certamente tambem me desculpará da demora involuntaria d'esta epistola rançosa, como já o fez o meu amigo e collega Confucius.

Arre. vou dar corda ao telegrapho e soltar a *tranna* em quem merecer e tambem tecer *apothoeses* a quem estiver no caso de recebê-las.

—Segundo um telegramma de Nice (Italia), que foi publicado nos jornaes do Recife, havia fallecido o Dr. Tavares Bastos, na cidade já mencionada, onde achava-se em tratamento a fim de recuperar a saude perdida.

O Dr. Tavares Bastos era um dos mais formosos talentos que tem vindo á luz na terra de Santa Cruz, e causa pesar que ainda tão moço baixasse á sepultura.

Os seus escriptos são immorredouros, não só pela elevação das idéas, como tambem pela amenidade de estylo, e a sua fama litteraria e scientifica voava até á Europa e America do Norte, onde ha bem pouco tempo o *Novo Mundo*, importante jornal de New-York, havia publicado a sua biographia, acompanhada da respectiva photographia.

A post-ridade agradecida elevará seu nome ao pantheon da historia.

—Falleceu nesta cidade, no mez passado, o Dr. Luiz Miguel Quadros, que havia perdido a razão, annos atraz.

O finado, quando bom, era um habil medico, e d'stincto litterato.

Enviamos nossos pesames á sua illustre familia.

—Um nosso estimavel amigo que foi á Alcantara para saborear a festa do Livramento, dirigiu-nos a seguinte carta, que com venia sua publicamos, afim de regalar um *poquito* nossos amaveis assignantes. Et-a:

«Estimado amigo.

Sei que não foste á Alcantara; affianço-te, pois, que muito perdestes, como te provarei na narração d'esta minha *piquenita epistola*.

Naturalmente desejas que te faça a descripção da festa e da virgem; não é assim?

Pois bem, lá vae a historista:

—D'ahi sahimos no sabbado á tarde, com bastante chuva, é verdade, mas tambem muito allegres, por causa das beldades, que nos acompanhavam.

Eu que sou rapaz ás direitas e que bem entendo da arte dos *Amores* do mestre Ovidio, não deixei de fazer minhas foscas a algumas meninas que se achavam perto de mim, e depois de me ter divertido com ellas, engracei-me d'uma, e comeci a dizer-lhe no ouvido alguma cousa, que tinha assim seus visos de verso.

A menina gostou e eu passei alguns momentos de felicidade.

Assim fomos navegando, até que aportamos na *praia do Jacaré*, onde fomos recebidos com estrondo pela população da antiga *Tapuytaperá*, e actualmente Alcantara.

Os foguetes subiam aos ares e lá faziam seus zig-zags, a musica rufava o pinho e o povo boquiaberto contemplava o nosso desembarque.

Depois os passageiros desfilaram pela rampa, com os ares de procissão, cujo santo, meu caro Democrito, ao menos n'essa occasião, tive pretensão de ser.

Cada qual procurou uma casa para agasalhar-se e eu tambem procurei alguma para mim e finalmente achei uma bonita e bem folgasa.

Descancei um pouco e depois dirigi-me para o baile que deu a familia Sampaio, em obsequio aos passageiros, bem como por devoção á N. S. do Livramento.

O baile estava bom, porem a maldita chuva que caio fez com que elle perdesse parte do seu esplendor.

Passei uma noite *folgada e milagrosa*, e o dia como um fidalgo gastronomo, que devora tudo quanto se apresenta de petiscos.

Devemos essa obrigação ao commendador Joaquim Castro que concorreu em grande parte para os nossos divertimentos.

A festa na Igreja esteve boa, e os sacerdotes de-

sempenharam perfeitamente seu alto ministério.

A noite do dia immediato tivemos em casa do Sr. Serrão um outro baile, o qual, fallando-se com toda a justiça, esteve melhor que o primeiro.

Dançou-se muito.

Eu, posto que errasse todas as vezes que sahia á sala, á ponto de não achar quasi moças para dançar commigo, pulei e dancei toda a noite.

Ahi tambem engracei-me d'uma bella menina, que facinou-me a alma e o coração; porem pouco tempo depois tive de apartar-me d'ella, e bem triste fiquei.

De coração agradeço aos Alcantarenses, e especialmente á Exm. Sra. D. Mariana Castro, ao Sr. s-u filho, o commendador Castro, á familia Castro, Sampião e Serrão, a maneira affavel e bondosa com que me receberam.

A delicadeza que teve para commigo o Sr. Serrão, fez com que despontasse em mim amizade para com elle.

Findo todos estes divertimentos que acabei de narrar-t-, embarquei para esta nossa bella S. Luiz e depois de ter descansado um pouco, escrevi-te estas em que tenho a honra de assignar-me

Teu amigo

Asmodeo Pantalão.

—A companhia do Sr. Vicente Pontes de Oliveira, tem continuado a satisfazer a expectativa do publico maranhense.

Depois da Estatua de Carne, drama que demos noticia no numero de 10 de dezembro, tem ido á scena outros de igual importancia, e que tem tido um verdadeiro successo.

A *Remissão dos peccados*, drama do Sr. Macedo, e a *Torre em concurso*, do mesmo auctor, agradaram geralmente, e os artistas desempenharam perfeitamente os seus papeis, recebendo elles por essa occasião applausos do publico, que os esperava.

O primeiro drama é uma satyra perfeita, dirigida a costumes corruptos e deploraveis da nossa corte, e o seguinte é uma critica feita ao nosso burlesco systema eleitoral.

O Dr. Macedo mostrou na composição d'estes dous trabalhos, perfeito talento para a composição dramatica.

—A Morgadinha de Val-flor, o Paralytico, a Mendiga, Recordações da Mocidade, etc. tem agradado; porem o Condé de Paragará e a comedia *Uma Experiencia* foram mal recebidas pelo publico, pois são composições sem graça, e sem merito artistico.

O Sr. Vicente deixe para um canto o Sr. Paragará e a Sra. Experiencia, porque não valem nada, e só serve de amolação.

Sentimos não dispor de espaço para analysar os trabalhos da companhia Vicente, porem julgamos que com a noticia que ora damos, orientamos os nossos leitores com o que ha de mais notavel n'ello.

—Depois de termos dado uma succinta noticia sobre os dramas e comedias da companhia já mencionada, vamos fallar um *poucachito* a respeito das artistas.

—O Sr. Vicente e Bahia, têm desempenhado perfeitamente os seus papeis e ainda não desmereceram do conceito que nesta cidade gozam de bons artistas.

—O Sr. Santos tem, não ha duvida, muito gosto e talento para o theatro; porem para chegar a ser artista perfeito é necessario estudar mais um *poucachito*.

—Os Srs. Camara e Silveira têm agradado e o publico os tem victoriado.

—As Sras. Maria, Bahia, Emitia Camara e Josephina, têm dado provas que entendem e tem estudado a arte á que se dedicaram.

—Assim como as cousas melhores se guardam para a sobre mesa, affim de serem mais bem saboreadas, assim deixamos para tratar da Sra. Manoela Lucci em ultimo lugar, para que os nossos leitores possam apreciar melhor o que vamos dizer sobre essa insigne artista.

Manoela Lucci é de um talento admiravel para o theatro; os papeis de que é incumbida, desem-

penha-os formalmente, não deixando nada á desejar, e tamanho é o seu entusiasmo pela arte que abraçou, da qual é digna sacerdotisa, que impressiona-se do personagem que representa de tal maneira, que chega a possuir-se do papel, e só parece que os factos que narra ou põe em accão se deram realmente com ella. E' sublime ve-la; a alma como que extasia-se diante de tamanha perfeição, o coração sente emoções taes, que a penna não pode descrever. Só vendo, é que se pode avalia-la, e apreciar os bellos talentos artisticos de que é dotada.

Manoela Lucci, quando representa, é sublime como Mlle. Mors, Rachel e Malibran, que arrancavam na capital do mundo civilizado, applausos estrondosos da multidão que as contemplava; essas artistas eram prot-gidas pelo governo que as animava; porem infelizmente no Brasil a arte dramatica morre a olhos vistos e um futuro bem triste apresenta-se ao artista, que vive e morre para a sua arte.

Mas o povo, que tambem sabe remunerar o merito, sempre ha de applaudir e admirar o formoso talento de Manoela Lucci, talvez a unica artista de força que tenha o Brasil.

Aqui do alto da tribuna da imprensa envio um brado de animação, e digo vos que a arte tem tambem o seu Tabor e o seu Golgotha, porem em qualquer d'estas duas phases, mostrai-vos sempre heroica e re-ignada, porque o vosso exemplo servirá de semente germinadora para novas arvores, que crescerão e se formarão sob a sombra do vosso formoso talento.

E' o que vos deseja Democrito, um dos chronicistas da *Mocidade*.

—Confucius, tendo já escripto bastante, ponho ponto n'esta missiva, que vae um pouco longa.

Teu amigo e conhecido velho
Democrito.

Declaração.—Constando-nos que algumas pessoas, embora em numero limitado têm-nos censurado pela publicação de certos artigos criticos, entendemos dever declarar que ninguem em nós pôde tornar responsavel senão pelos artigos editoriaes, assim como tambem não tem o jornalista attribuições para negar-se á publicação de artigos que estiverem de accordo com o seu programma. O nosso jornal é critico, os artigos criticos a que nelle temos dado publicidade não estão, no nosso humil de pensar, fóra do nosso programma, consequentemente não nos podemos recusar a estampal-os nas nossas columnas.

Collegio União de N. S. do Rosario.—Nos dias 18 e 19 de dezembro ultimo prestaram exames neste estabelecimento de instrução primaria e secundaria, as alumnas preparadas durante o anno lectivo d' 1875.

Não obstante o convite com que nos honrou a respectiva directora, a Exma. Sra. D. Luna Messias Corrêa, assistimos somente aos exames de francez, que tiveram lugar no dia 19, e para o qual foram convidados, affim de constituir o respectivo jury, dous dos mais illustros professores no conhecimento desta lingua, os Drs. Francisco Antonio Brandão e Tiberio Cesar de Lemos, com o não menos illustrado e muito digno professor do collegio, Sr. Carlos Béthen court, que tem da lingua franceza perfeito conhecimento, e a quem muito principalmente deve a Exma. Sra. D. Luna o bom resultado obtido nos exames, que, desta lingua, prestaram as suas collegias.

Muito apreciamos sobretudo a especialidade da analyse, feita toda em lingua franceza pelo referido lente do collegio, e por um systema inteiramente novo, em comparação a outros aqui usados, pois que a analyse grammatical era acompanhada da analyse logica e da philologica, no interrogatorio se distinguia a figura que a mesma palavra faz em syntaxe e em etymologia, e cada epitheto designativo de especie de palavra era justificado pela razão logica da sua etymologia particular, bem como todas as partes da oração eram pela razão da syntaxe.

Do que presenciámos inferimos que o Sr. Carlos Béthencourt não é um desses professores que ensinam papagaialmente e fazem só o necessario

para ter jus aos seus vencimentos. Pelo contrario elle não só comprehende perfeitamente a nobre missão do mestre, como tambem, graças á sua illustração, escolheu um systema pelo qual o estudante pôde já saber, desde os bancos da aula, para que estuda grammatica, e adoptou um methodo por onde conseguiu fazer do alumno um verdadeiro interprete das suas palavras, de maneira que as explicações por elle dadas são facilmente comprehendidas; o que faz com que o alumno applicado habilite-se em pouco tempo n'uma lingua de construcção inteiramente diversa, como aconteceu com as examinadas, que, pelo desembaraço com que respondiam e presença de espirito que mostravam, pareciam estar tão familiarizadas com a lingua como com a grammatica.

O que falta á maior parte dos nossos professores de grammatica principalmente, é o methodo para ensinar, por isso valia a pena que elles fossem espectar taes actos todas as vezes que se dessem, affim de que mais acertadas reflexões podessem fazer sobre o systema de disciplina grammatical que convem adoptar.

Sentimos não nos ter sido possivel assistir a todos os exames que tiveram lugar, mas affim-nos pessoas fidedignas, que estiveram presentes ao acto, terem as examinadas em todas as materias mostrado o disvello da muita illustrada e digna directora.

Sentimos igualmente que não disponhamos de espaço para publicar os discursos das Exmas. alumnas DD. Zara de Messias Corrêa e Rosa de Assenção Macieira, os quaes foram proferidos, o da primeira, em francez, e o da segunda, em portuguez, logo depois de entregues as respectivas cartas de exames pelo Rvm. Sr. coneg. Raimundo Alves dos Santos, que, pela sua illustração, dignamente presidiu ás mezas. Acresce que estes discursos já foram publicados em um dos principaes e mais lidos jornaes desta cidade, e assim não ha necessidade de reproduzil-os aqui.

A' Exma. Sra. D. Luna repetimos o pedido, que particularmente lhe fizemos, de aceitar os nossos parabens pelo feliz exito dos seus trabalhos, e a todas as mães de familias, que confiaram suas filhas a tão digna quão virtuosa directora, felicitamos pelo louvavel orgulho que necessariamente lhes deve ter causado o prazer não menos justificavel de varem premiadas pela applicação e estudos pessoas que lhes são tão caras.

Imprensa.—Além dos jornaes do costume, recebemos os seguintes: *Palavra e Labarum* (de Maceló) e *Espectador* (do Pará).

A todas as respectivas redacções agradecemos geralmente a fineza da remessa, e promettemos troca.

Ao *Labarum*, digno e illustrado combatente das fileiras maçonicas, particularmente agradecemos o juizo que se dignou dispensar-nos em suas columnas, e pedimos venia para transcrevel-o aqui, como prova do nosso sincero reconhecimento. Eil-o:

«A MOCIDADE.—Fomos obsequiado, pela respectiva redacção, com um numero desse mui bem redigido periodico que sahe á luz na capital do Maranhão.

«O exemplar desse periodico que temos á vista—contem um importantissimo artigo sobre a grande causa da instrução publica, em que verbêra com justiça e sizerdeza a grande incuria do governo, deixando-a entregue ás maiores anomalias, de nenhum modo compatíveis com o progresso a que tem o paiz o direito de aspirar.»

Já vêm aquelles dos nossos leitores, que em parte taxaram de injustas as censuras que fizemos no nosso artigo publicado em o n. 12, a que se refere o *Labarum*, não sermos nós os unicos do mesmo pensar, pois que o juizo acima transcripto é feito genericamente.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adianta /as—23000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Terça-feira 11 de janeiro de 1876.

NUMERO 17

Rogamos a todos os nossos assignantes, que estão em debito, o obsequio de saldarem as suas contas, pois com a falta de dinheiro multiplicão-se as difficuldades com que luctamos.

A imperfectibilidade humana.

(Continuação do n. 14).

TIPO E CONFIGURAÇÃO PHYSICA DO HOMEM PRIMITIVO.

Chegamos enfim á parte mais espinhosa da nossa tarefa. O que precedentemente dissemos, emquanto á antiguidade da especie humana, não pôde ser considerado senão como uma introdução ao quadro discriptivo do homem primitivo. Foi nosso proposito, fazendo-a, preparar a tela em que depois haviam de ser esboçados o typo e configuração physica do homem nos tempos pre-historicos; acha-se prompta a tela, resta-nos portanto a delinear o seu vulto. Antes porem de o fazermos sejam-nos permittidas algumas reflexões preliminares.

N'um escripto, que tem por titulo *Imperfectibilidade humana*, parecerá talvez exquesito o tratar tão largamente do homem primitivo. Essa exquisitez porem desaparecerá uma vez que se reflectir em que, da confrontação do homem primitivo com o civilisado, depende o reconhecimento ou negação da sua pretendida perfectibilidade. A humanidade tem dous extremos: um—é o homem primitivo; o outro—o homem civilisado; temos em vista approximal-los, pol-os, por assim dizer, face a face, para que possamos do seu contraste concluir que ella é imperfectivel. Todo o processo plano se resume n'essa confrontação ^{passa}.

Damos esta prevenção aos nossos leitores para que fiquem inteiramente scientes do methodo por nós seguido para a manifestação das nossas theorias. Devia-

mos tambem este esclarecimento ao nosso illustrado contendor; áquelle quem dedicamos este trabalho, porque, apesar dos erros, do mal e das trevas, que, no seu entender, se acham do nosso lado, é nosso empenho fazer jorrar bastante luz sobre as nossas idéas *erroneas, malevolas e tenebrosas*. . . ! *Scientia, crux et libertas*, eis a devisa inscripta no labarum do nosso antagonista, devisa pomposa, é verdade, porem sobremaneira inconveniente; a *sciencia* e a *liberdade* sãs cousas inteiramente incompativeis com a *crux*: umas excluem a outra, e vice-versa, e por isso tal devisa, com quanto bella, perde por não ser justa. A nossa não apresentará tanta pompa, mas será mais conveniente; não será inscripta n'um *labarum* mas achar-se-ha *gravada* no ser humano; não será, finalmente, tão comprida e estirada, mas será mais huminosa. Será a *Verdade*, que, embora taxada, por aquelles que a desconhecem, de *erronea* e de *malevola*, terá em si luz bastante para desluzbrar e cegar esses cujos órgãos visuaes enfraquecidos não poderem supportar a intensidade de seu brilho. E' esta a luz que pretendemos diffundir no nosso escripto; possa ella aclarar a intelligencia dos nossos adversarios, para que, não semelhantes ás aves nocturnas, que diante de um foco luminoso cerram os olhos, sepultando-se espontaneamente nas trevas, tenham o necessario discernimento para as não imitar, negando ao nosso campo a luz por se haverem n'elle de motu-proprio mergulhado na escuridão.

Antes de entrarmos no estudo detalhado da organização do homem primitivo, seja-nos permittido um rapido golpe de vista ao campo psychologico, para que possamos justificar a necessidade d'esse estudo.

Do organismo do homem, e n'esse ponto concordam todos os sabios, depende indubitavelmente o maior ou o menor gráo da sua elevação intellectual. Mesmo os espiritalistas, tão avessos a reconhecer como propriedades da materia organica os phenomenos moraes no ser humano, não ousam negar á sua organização a potencia de actuar na alma. Esse ser immate-

rial, por elles admittido, acha-se, em todas as suas theorias psychologicas, na dependencia da organização physica, que, segundo o seu pouco ou muito desenvolvimento, pode fornecer ao espirito instrumento de actuar, fraca ou brilhantemente nas suas manifestações.

E' pois fóra de duvida que do organismo depende a maneira de actuar do espirito. O idiotismo, a loucura e a alienação momentanea, são effectivamente provas d'essa dependencia, porque provem incontestavelmente da defficiencia ou trans-torno dos órgãos. Segue-se d'aqui que, nos systemas psychologicos, mesmo nos mais racionaes, se achá admittida como uma verdade a influencia do corpo no espirito.

Esta theoria psychologica acha-se geralmente recebida. A sua admissão porem exige uma explicação, ou, para melhor dizer, uma demonstração da maneira porque se acham ligados o ser material ao immaterial ao ponto de o primeiro ter sobre o segundo manifesta influencia. Esse liame, que ao corpo prende a alma, necessita, para que semelhante theoria tenha uma base firme, de uma plena e completa demonstração.

Achal-a-hemos acaso no campo psychologico? Com pezar e dizemos, mas até hoje tem-nos sido impossivel encontra-la. A este respeito só temos visto hypottheses mais ou menos absurdas, raciocinios mais ou menos vagos, que na verdade não podem servir de apoio a semelhante theoria. Tem de certo havido algumas pretensas explicações da maneira porque se liga a alma ao corpo, mas ellas são tão diffusas e extravagantes que não nos dão de maneira alguma a solução d'esse problema.

Sirva de exemplo o mediador plastico, suscitado por Cudworth, e modernamente apoiado pelo espiritismo, essa seita exquisita e ridicula, que ultimamente se abalançou até a ter o arrojo de penetrar no recinto philosophico. Haverá cousa mais extravagante, mas desprovida de senso? Appresentar de um problema insolúvel uma explicação tambem insolúvel será acaso demonstrar esse problema? Pois bem em todas as pretensas soluções

d'este problema se notam absurdos a este equivalentes, e a theoria da ligação da alma ao corpo ainda não achou uma base na qual se pudessem firmar. Na falta de uma base firme, recorrem os espiritalistas a raciocínios monstruosos e desconhecidos e a uma multidão de extravagâncias que podem seduzir as imaginações exaltadas e embrenhal-as no vasto campo das idealidades, mas que jamais darão ao homem um conhecimento approximado do seu ser, e que são a sua ultima taboia de salvação, para não deixarem submergir o fragil e mal construido baixel da sua theoria, nos procellosos mares da sciencia.

Não existindo conseguintemente nenhuma base solida para semelhante theoria, é, no nosso pensar, absolutamente falsa. Physicamente a alavanca necessita de um ponto de apoio para que possa erguer grandes materiaes, sem cujo ponto de apoio o seu mister se torna inutil; pois bem, as theorias são alavancas que erguem os grandes materiaes scientificos, e uma vez que não tiverem em que se firmar, ellas se tornarão desnecessarias, e, o que é mais ainda, incommodas, porque podem tirar á sciencia um espaço, que podia ser melhor preenchido. E' esta a nossa opinião, e estamos convictos que não é desprovido de senso.

Na verdade, qual é a razão, mesmo a mais esclarecida, que possa comprehender uma alliança entre dois seres hetero-essenciaes? Como entender que a alma, ser immaterial, segundo os espiritalistas, se acha subordinada a materia organica? Como comprehender que existam influencias reciprocas entre dois entes cujas condições de existencia são totalmente differentes? Como reconhecer que um ser passivo como o corpo (segundo os espiritalistas) possa actuar sobre o espirito, impondo-lhe dependencias, sem que n'esse mesmo corpo exista um principio activo de influencia, inteiramente independente da alma? E esse principio não será acaso uma propriedade da materia, cuja actividade vem negar a theoria da materia inerte? E essa theoria da inercia da materia não será porventura derribada, uma vez reconhecida a influencia da materia organica sobre o espirito? Pois que! um ser que exercita influencias sobre outro, segundo a sua forma e disposição das suas partes, será considerado inerte, mesmo quando se asseverar a existencia d'essa mesma influencia! Respondam-nos os espiritalistas a estas objecções ás suas theorias, que não peccam por falta de logica.

O que acabamos de dizer emquanto á communicação da alma com o corpo apenas nos dá a entender que, em todos os tempos, procuraram os psychologistas conciliar o organismo do homem com o seu ente abstracto, o seu *spiritus*. Tal conciliação porém é impossivel, porque, reconhecida a influencia da materia no espiri-

to, ella tem de ser considerada como activa, e sendo sabido que uma das suas propriedades é a actividade, que precisão haverã de recorrer a um ser differente para explicar os phenomenos moraes? Se a intelligencia humana se acha sob a dependencia ou influencia da materia organica, porque razão não poderã esses orgãos produzi-la, já que n'elles existe potencia de actuar?

—Não negamos, responderão os espiritalistas, refugiando-se no seu ultimo entrincheiramento, que exista na materia uma força vital que nella possa produzir o movimento, e a existencia d'essa influencia; mas o pensamento, marco postado entre o homem e os outros seres, será obra da materia, que pela sua divisibilidade não pode produzir um effeito unico e infinito?

Tal objecção é porém erronea, porque a divisibilidade da materia é toda relativa. A materia divide-se, é verdade, e a faculdade do pensamento no ser humano é indivisivel; isto porém não é sufficiente para provar que a materia não pensa, porque umas poucas de causas materiaes associadas podem produzir um effeito unico. O movimento de uma machina depende do ajuntamento das suas peças, e esse movimento é unico, embora produzido por diversas partes; separai-as e o effeito unico desaparecerá.

Pois bem o pensamento é o effeito unico da junção dos orgãos no homem, effeito para o qual coopera cada um dos seus sentidos dando-lhes uma serie de idéas; separai os orgãos que o produzem, e o effeito cessará uma vez que as causas que o geram ficarem inteiramente desunidas. Emquanto ao pensamento ser infinito, diremos que um effeito qualquer o pode ser, se as causas que o produzirem estiverem constantemente em actividade. O que faz com que o pensamento seja infinito e, ou antes indefinido, é que as idéas são também numericamente infinitas, ora, estando os sentidos em actividade, produzem-nas constantemente, e, como, de cada uma das idéas adquiridas, se pode obter, por indução ou por deducção, um numero infinito de idéas a ella subordinadas, segue-se que o pensamento é illimitado. Um espelho é um ser naturalmente finito, mas a propriedade de reflectir n'elle é infinita, porque não existe objecto visivel que não possa retratar. O homem physicamente é finito, mas o seu pensamento não o pode ser porque, ou seja pela aquisição de uma nova idéa produzida pela sensação, ou seja pela deducção ou indução sobre uma idéa já recebida, tem em si a faculdade de prolongar indefinidamente o seu raciocínio. Por conseguinte a divisibilidade relativa da materia, e a unidade e indefinidade do seu pensamento não são razões assaz fortes para que d'ellas se possa concluir que o pensamento não é

uma propriedade da materia convenientemente organizada.

E alem, disso, senhores espiritalistas, conheceis acaso bastante a materia para lhe negar, quando organizada, a potencia de pensar? Parece-me que não, porque, como deveis saber só a podemos conhecer pela forma, ou, para melhor dizer, pela apparencia; ora a mesma materia pode apresentar-se sob formas e apparencias diversas, donde se segue, que a sua essencia é para nós imperceptivel; logo, como negar potencias a um ser cuja essencia desconhecemos? Como dizer que a materia organica no homem não pensa, se ignoraes o essencia d'essa materia? Como ir procurar no homem uma dualidade, quando no pouco conhecimento que podemos ter da materia, se acha a razão da insolubilidade do problema humano, sem que haja necessidade de ir recorrer a um ente imaginario que, embora seja para vós tão commodo como pode ser um cometa aos astronomicos para explicar as annotações de qualquer planeta, nada adianta na sciencia?

Não sabemos que a semelhantes razões se possa objectar sensatamente. O epithelo de *materialista*, de *propugnador de idéas subversivas* (1) eis o que de certo nos lançarão em rosto, e será esta a unica objecção. Para sociedades supersticiosas e fanatisadas, e infelizmente, ella bastará, porque, derrocando taes theorias, completamente os systemas theologicos, não podem comprehender que alguém siga o bem e exerça o mal, sem que n'elle exista a creença na immortalidade da alma, e o medo das tenazes e caldeiras do tenebroso Satan. Deixemol-as com a fraqueza de suas idéas, geradas pela fraqueza de consciencia dos individuos que as compõem, consciencias, que só marcham na senda da virtude coagidas pelo terror, e que não comprehendem que possam existir homens que trilhem a mesma estrada apenas impellidos pelos dictames da lei natural, e pela consciencia da dignidade da sua especie que o vicio decerto aviltaria.

E' portanto evidente em vista das reflexões acima exaradas, que, qualquer que seja o systema seguido,—espiritalista ou materialista, só pelo estudo do organismo humano se pode aquilatar o desenvolvimento do seu intellecto, ou seja *Psyche subordinada aos orgãos* ou sejam *os orgãos produzindo Psyche*. E' por isso que d'elle nos vamos occupar, satisfazendo assim aos combatantes de ambas as phalanges phylosophicas, na ultima das quaes, como materialista, ousamos tomar lugar, arrojado pelo qual humildemente pedimos venia.

é feito

Entraremos um pouco nos raminhos da anatomia, da qual n'esta parte não podemos prescindir para conseguirmos o nosso fim. D'isto pedimos desculpa aos leitores.

res que não estiverem familiarizados com essa sciencia.

Mãos, portanto, á obra, pois que o que já dissemos é bastante para preliminar.

Nemo.
(Continúa.)

Rosa.

SIMPLES HISTORIA.

Et Rosa elle a vecu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin.

Estavamos no mez de fevereiro,—durante as festas do carnaval. Approveitei destes dias de ociosidade, para ir até Bruxellas, visitar alguns amigos, distrahir-me com elles e conversar sobre poesia e litteratura.

Cheguei no sabbado.

Uma multidão louca espalhava-se pelas ruas a procura de costumes e mascaras para o baile à noite.

Mascaras!

Eis o que e sempre o homem e a vida humana. Talvez acrediteis que só se encontram mascarar pelo carnaval.

Eganai-vos.

A amisade, o amor, a virtude, a abnegação, o amor do proximo, muitas vezes, eu não digo sempre, porque temo ser taxado de misanthropo, não são mais do que uma mascara.

Ha mascarar de seda e esta nos agrada, porem, existem tambem as nojentas e dessas fugimos.

Tendes amigos, e elles vos adulam, vos louvam, protestam dedicação e mesmo até escrevem-vos que a *amizade é uma cousa doce!* Isto é apenas uma mascara

Se sois grande, tereis invejosos e intrigantes de vossa posição; se sois pequeno, os grandes evitarão as vossas relações. Infelizmente o mundo é assim!

Estas foram, amigo leitor, as reflexões que me suggeriram, á vista dos preparativos para o carnaval, no sabbado em que cheguei à Bruxellas entre a estação do Norte, e a rua do Meio-dia.

Parei em casa de um amigo que me esperava.

—Como passaremos as horas antes de jantar?

Foi isto que perguntamos um ao outro.

Propuz um passeio a pé pelos *boulevards* e sabimos.

Pouco a pouco fomos nos afastando da cidade, ganhámos os asreballes, e finalmente as casas já se tornavam raras e estávamos em pleno campo.

A natureza estava morta, ou antes dormia um somno reparador.

Os passaros não cantavam.

O vento passava aavez dos galhos das arvores, despidas de folhagens e o sopro da brisa corria por cima de nossas cabeças.

Estavamos no deserto, e juntos um do

outro, como duas sombras, caminhavamos, em silencio, pensativos.

Repentinamente, ouvimos o tocar argentino de um sino; porém o som que elle nos enviava era um som de morte: dobrava á finados.

Em uma volta do caminho, o vento nos trouxe o echo de uma voz grave que cantava, interrompida pelos soluços.

Ao depois vimos apparecer uma cruz, um padre, e um estreito caixão, um velho, miseravelmente vestido; chorava.

Era o enterro do pobre, do honesto.

Seguimos até o cemiterio.

Quando o caixão desceu para a cova, o velho lançou-se de joelhos, torcendo as mãos com toda a força, pediu, chorou até que cahiu inanimado.

Os quatro camponezes o transportaram para fora do cemiterio.

O padre já se tinha retirado.

O coveiro acabou de atirar a ultima porção de terra sobre a pobre sepultura e retirou-se. Nós ficamos ali, ambos pensativos.

Não pronunciavamos uma palavra; ao redor de nós havia o silencio.

Meu amigo comprehendeu pela minha muda linguagem, que eu desejava uma explicação.

—E' uma simples historia, disse-me elle.

Assentamo-nos sobre a terra revolvida de fresco e elle começou:

—«Rosa era a mais adorável moça que podes imaginar.

Aos doze annos, perdeu sua mãe e ficou só com seu velho pae, do qual ella era toda a sua consolação.

Um dia o pão faltou em casa!

Rosa não duvidou deixar o lar paterno, e entrou como costureira em uma das maiores casas de moda da capital.

Insensivelmente a abastança entrou em casa.

Rosa foi vista por um *dandy*, um desses preguiçosos ricos.

Elle enamorou-se della, e fez-lhe a corte.

Rosa resistiu por muito tempo, porem o seu apaixonado não desanimou, e achava-se sempre em seu caminho; a principio offereceu-lhe joias, porem, como a rapariga continuasse a repellir seus offerecimentos, então elle fallou-lhe em amor em casamento emfim.

Suas intenções eram puras, dizia elle, a desposaria perante o mundo, a amaria, habitarim em um palacio e seriam felizes.

Com elles o pobre velho, o pae de Rosa partilharia da sua felicidade; seus ultimos dias correriam tranquilllos entre seus dous filhos no meio de uma doce felicidade.

Porem era necessario amarem-se em segredo, occultarem a sua felicidade, afim de causar uma surpresa ao velho pae.

Emfim... Rosa cahiu...

Não te rias; muitas outras, quasi todos os dias atiram-se nesse mundo de miserias, que tem os porticos e as antesalas douradas, cingidas pelo braço de um amante, sem que tenham a mesma razão que a infeliz Rosa—a ingenuidade em si e a felicidade para o seu velho pae!

Um dia, Rosa tinha quasi deoito annos sentiu-se com *esperanças*.

O pobre velho gemia, supplantado, esmagado.

Rosa, entretanto, fiada nas bellas promessas de seu seductor, não temia nada.

Emfim ella deu á luz a um menino que morreu ao nascer.

O amante não appareceu mais, procuraram-o e elle negou-se a cumprir a sua promessa.

São assim os infames.

Não amava, seduzia; nelle tudo era sensação, não possuia o menor sentimento.

Infelizmente, porem, Rosa o amava; amava a loucamente a pobre rapariga!

Suas faces começavam a descorar; Rosa definhava progressivamente! Pobre planta; cortada pela raiz, emmurcheia!

A miseria entrou em casa e... Rosa morreu; nós estamos assentados sobre a sua sepultura, e aquelle velho que vimos acompanhar o corpo inanimado de sua unica esperança, e cahir desfallecido neste lugar, é o pae de Rosa!

«Eis tudo, meu amigo.»

Ficamos ainda ali, calados por alguns minutos, depois levantamo-nos e tomamos o caminho da cidade, lançando um ultimo olhar para o cômodo de terra que cobria tanta mocidade, tanta belleza e um brilhante futuro.

—Vamos ao baile da Opera, disse-me o meu amigo.

—Ao baile da Opera! exclamei eu.

—Vem, me disse elle.

Sahimos e entramos na Opera.

A sala regorgitava de mascarar. Era um viveiro onde se misturavam vestuavios de todas as cores e pesssoas de todas as posições e qualidades,

Havia arlequins, cavalheiros, dansarinas, marquezas, coquetos, pastores, reis, etc. etc.

Dansava-se: e a dansa era uma locura uma vertigem.

Meu amigo parecia procurar alguem na sala.

De subito me disse:

—Olha: vê, lá no fim da sala aquelle sujeito que traz o vestuario de mosqueteiro?

Olhei e vi que o mosqueteiro trazia pelo braço uma pastora. Aproximamo-nos d'elle, e ouvimos que elle dirigia amabilidades á bella mascara que o acompanhava.

—Este é o amante de Rosa; me disse o meu amigo ao ouvido.

COLUMNNA TELEGRAPHICA.

Maranhão, 11 de Janeiro de 1876.

Uma desculpa aos nossos amáveis leitores.—A festa do Natal.—O dia de Anos-dons e o de Reis. Os pastores. Os presepios. Uma demissão. Piscicultura. Uma empresa theatral. A companhia dramatica do Sr. Vicente. O drama Maria Joanna. Um Naufragio nas costas da Bretanha. O beneficio da actriz D. Manoela. Adeus.

Caro Confucius.

Amáveis leitores.

Tendo me encontrado com o illustre Confucius, (á quem Deus guarde) n'um dia da semana passada, disse se me elle que desta vez não podia responder a minha ultima missiva, porque casos imprevistos á isso o obrigavam, pelo que me incumbia que pe disse desculpa aos nossos amáveis leitores da sua involuntaria falta, o que desde já faço, e espero ser attendido.

—A festa do Natal este anno correu como nos anteriores, isto é sempre fria e monotona.

As missas que tiveram lugar neste grande dia do christianismo, estiveram concorridas e nellas houve muita ordem e respeito, como era de esperar de um povo que se diz civilisado; porem afora essas saudações da igreja ao grande dia do nascimento do Redemptor, nada mais houve de notavel, e reinou completa frieza na cidade como já dissemos acima.

—O dia de Anos Bons e Reis, correram soffivelmente. Alguns pastores mal arranjados percorreram á noite as ruas da cidade cantando *umas cousas* que me disseram ser versos, o que eu duvido; porem como as pessoas que tal me affirmaram são boas de coração e pobres de espirito, isto é, simplórias, eu as desculpo, largando por detras de suas bentas costas uma gargalhada sarcastica á moda de Voltaire ou de Democrito.

Ah! que já me ia esquecendo de um tal *Reis da Bahia*, á quem os negros chamam *Reses*, que esteve pandego e ridiculo ao ultimo ponto.

Nem sei mesmo como as auctoridades policiaes consentiram que sahisse a rua semelhante bicharia, que não fez mais do que encomodar os ouvidos d'aquelles que tiveram a infelicidade de passar ella pela porta berrando; e...oh! que berraria; só a cacete ou chibata. Mas emfim... emfim... a policia assim o quiz; o que se hade fazer?

—Os pastores este anno estiveram inspidos como sempre; excepto os da casa dos Srs. João M. Romeu e Ladislão Romeu, que agradaram perfeitamente, não só porque estavam bem ensaiados, como bem vestidos.

—Os presepios foram este anno mal arranjados, e mesmo alguns estiveram fora de termo; mas emfim, *passa*, com venia da Santa Sé.

Somente houve um que merecia o nome de presepe, era o do Sr. Euclides Faria que estava arranjado com muito gosto e perfeição.

—Foi demittido do cargo de presidente desta provincia, o Dr. Frederico Abranches, e nomeado para substituí-lo o Senador Dr. Frederico Albuquerque.

—O Sr. Silveira da Motta em um extenso exemplar que fez offerta ás sociedade: *Imperial Instituto de Agricultura Fluminense, Sazadadora da Industria Nacional e Acclimação*, mostra com toda a evidencia a utilidade da arte da piscicultura, que tende á ser uma sciencia depois dos trabalhos de Agassis, Cote, Roscius etc

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o artigo que ven. inserido no mais importante jornal da provincia, o *Paiz*, que no seu n. 2 de 4 de janeiro transcreveo do *Diario Official* da corte do imperio...

É um trabalho que merece ser lido, especialmente por aquelles que possuindo grandes fortunas podem por em pratica a humanitaria idéa do Sr. Dr. Silveira Lobo, que pelo que já tem feito em prol dos habitantes do Rio de Janeiro, é digno da sympathia de todos os brasileiros, que se interessam pelo bem estar da sua patria e pelo seu progresso moral, intellectual e material, donde virá certamente grande desenvolvimento, do que é

carecedora esta tão importante parte da America do Sul.

—Diz o *Cearense*, jornal que se publica na cidade da Fortaleza, capital da provincia do Ceará, que estava organizada uma associação com o capital de 20:000\$000 para a creação de um theatro particular, com accommodações para mias de seiscentas pessoas.

A commissão directora ficou assim composta: os Srs. José Martiniano P. d'Abreu, presidente Manoel F. de Azevedo Junior, secretario; Francisco Januario de Santiago, thesoureiro. A idéa desta empresa nasceu de alguns moços activos e laboriosos, que desejam que a capital do Ceará tenha um theatro, senão bom, ao menos soffivel.

A associação merece o apoio e protecção de todos aquelles que se interessam pelo pogramo do Ceará.

Desejamos com sinceridade, que esta idéa vá avante, e não fique em embryão, como sós acontecer neste paiz, á todas as ampezas de grandes alcances.

—A companhia dramatica do Sr. Vicente Pontes de Oliveira tem continuado á dispensar a boa repasiada algumas horas de agradável diversão.

Os dramas tem continuado á correrem bem e tem agradado ao publico.

Ja demos no numero passado noticia de todos os dramas que precederam ao intitulado—*Maria Joanna*, por isso deixamos aquelles de parte e vamos nos occupar deste, que ainda não demos nosso juizo sobre elle.

—O drama *Maria Joanna*, correu bem e todos os papeis de que se incumbiram os actores e actrizes foram cabalmente desempenhados.

A Sra. Manoela no papel de *Maria Joanna*, esteve acima de todo elogio.

O Sr. Silveira, fez com muita naturalidade a parte de Bertrand.

O Sr. Florindo na parte de Remy, agradou.

O Sr. Bahia desempenhou cabalmente a parte do Dr. Appiani; e ainda por esta vez mostrou ser artista estudioso.

—O drama *Um Naufragio* nas costas da Bretanha, correu muito bem.

Apezar de faltar muitos preparos para que o scenario fosse completo, comtudo attendendo-se que o nosso theatro actualmente está desprevenido de que é necessario para um desempenho formal de qualquer drama de força, os artistas fizeram o mais que puderam.

—Sabbado 9 do corrente mez teve lugar o beneficio da actriz, a Sra. D. Manoela Lucci.

O theatro esteve bastante concorrido e a beneficiada recebeu por essa occasião provas de sympathia do publico maranhense.

Adeus Confucius.

Democrito.

Imprensa.—Alem dos jornaes do costume, trouxe-nos o ultimo vapor do sul os seguintes:

Brasil Americano (do Rio de Janeiro), *Ordem* (da Bahia) e *Jornal do Pilar* (das Alagoas.)

Agradecemos a fineza, e seremos pontuaes na troca.

A illustrada redacção da *Ordem* pedimos venia para transcrever o juizo com que hourou-nos em o seu n. 259 do anno passado, e rogamos aceite o nosso sincero agradecimento por mais esta fineza:

«Da capital do Maranhão acabamos de receber os ns. 10, 11 e 12 do 1º anno da *Mocidade*, jornal litterario, critico e noticioso, cuja publicação ha pouco foi alli encetada.

«Os importantes artigos que os referidos numeros contém, revelam bem claro a magnitude da illustração e proficiencia dos cavalheiros que a redigem, occupando-se de materias proveitosas e de altas transcendencias, pelo que é a *Mocidade* um jornal digno de todo apreço.

«Saudando ao novo campeão da liça da imprensa, agradecemos a sua illustrada redacção a obsequios offerta, que retribuiremos com a nossa humilde *Ordem*.»

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M. F. V. Pires.

—Miseravel Inão pude deixar de dizer.
Retiramo-nos.

Chegando em casa adormeci....

Vi abrir-se a morada celeste....

O principe supremo appareceu entre um cortejo d'anjos e seraphins.

Um homem, vestido de mascara adiantou-se; cantava como se estivesse embriagado.

Trouxeram o livro d'ouro.

Fez silencio profundo na sala; o infinito tomou a palavra.

O accusado—o amante de Rosa—procurou justificar-se, porem não lhe sabiu uma só syllaba da bocca.

Lavraram a sua condemnação; porem no mesmo momento ouviu-se uma musica celeste, e uma forma branca interpoz-se entre o juiz e o condemnado.

Divisei então uma mulher triste e pallida.

—Falla, disse o principe; e a visão fallou:

—Perdoae-lhe, senhor, como eu já o perdoei.

E sumiu-se.

A visão triste e pallida era Rosa.

Eu desertei; tinha sonhado.

HENRI BOLAND.

(Extr.)

A' Martha.

O quanto te amei outr' hora,
o que senti eu por ti,
não posso dizer-te agora;
o que sei é que senti.

Senti e sinto. Uma luz,
uma harmonia brilhante,
dentro em minh'alma transluz,
quando tenho te um instante.

Ter-te um instante! mas, ah!
eu v'jo-te apenas, flor,
e em ver-te somente está
todo, todo o meu amor.

Nunca ouvi dos labios teus
uma risonha expressão,
doce como a luz dos céus,
á acalmar-me o coração;

nem senti tua mão macia
em contacto abrazador
apertar a minha fria,
e transmitir-lhe o calor;

mas eu sei que, si algum dia,
com todo o ardor da paixão,
— si é que essa luz te allumia—
me deres teu coração;

si me mostrares os céus
em teu riso de criança,
e depois nos braços teus
a vida, a luz, a esperança;

eu sei, mulher seductora,
que uma voz, de mim partindo,
irá n'essa mesma hora
os teus planos destruindo.

E então verás que te deixo
si me vieres buscar!
Bem vês tu que não me queixo,
obrigado á assim te amar.

—1875—

Follet

Foi por estas considerações que não podemos accreditar na escolha do primeiro paragrapho começado na pagina 48 do livro 1º da 2ª edição dos taes *Fastos da Igreja*, publicada em 1870, quando nos asseguraram que elle tambem se achava no numero dos pontos de versão, lançados na urna para os exames de francez do preterito anno lectivo. Seria difficil encontrar n'esse mesmo livro outro ponte mais indecente para expôr á consideração de es todantes, e por conseguinte mais inconveniente para ser submettido a reflexão de examinandos. Para que não subsista duvida sobre a indignidade absoluta daquelle compendio para servir em curso disciplinar, aqui appresentamos o tal paragrapho convenientemente vertido em francez, para evitar aos leitores o desagradavel e repugnante da reproducção de um original não mais regular na forma que na materia. Eil-o:

«*Pendant que les beaux yeux sourient vers l'arène, où le corps des Gladiateurs saigne par mille blessures, la main délicate, prestige des Properce et des Catulle, donnera avec sérénité le signal de mort contre l'Atblète épuisé. Puis, à l'heure des festins lubriques, nous les verrons se dérober pour aller se plonger dans les plaisirs secrets, tandis que l'époux, vendant l'infamie (!) au prix de l'or, comptera les profits de la deshonneur silencieux!* En vue d'une pareille corruption, qui sera étonné de voir que le divorce en fût le terme ordinaire? Les mots très obscènes, que Juvenal prête à l'amant adultère, sont la glace, où se miroitent ces traits effroyables. Le mari acceptait l'infamie comme une grace. Les lois, voulant pourvoir à la population, avaient fait du mariage un trafic mercenaire, une négociation, où le nombre des enfants réglait le nombre des prix.»

O que aqui appresentamos em grifo é fiel traducção d'expressões textuaes, que de proposito não corrigimos, para que, além da indecencia do espirito do paragrapho, tambem se possa notar a oratoria e a syntaxe de um dos mais apreciados trunfos da moderna literatura portugueza. Uma critica judiciosa, feita n'esta lingua sobre uma notabilidade tão biblica, não deixaria de parecer uma enormidade escandalosa á todos os parvos, que exigem para com os altos literatos uma veneração dogmatica, como a que se costuma ter pelos santos do calendario. Pobres admiradores de estylos abdominaes e bochechudos! tambem que se pode esperar n'elles, educados para pasto dos especuladores de letras gordas, senão que a falta de principios de criterio seja supprida pela presumpção caprichosa?! Seria perder tempo o pretender convencel-os, por meio de rasões de principios, que os seus tão apreciados *Fastos da Igreja* não são mais do que um montão de prosa, bom para pasto de traças e de baratas, porque

nem pode offerecer utilidade alguma, que se pareça com o de estrume de Ennio. Este poude servir ao poeta de Mantua para dar seiva ás delicadas plantas, e fazer desabrochar as mimosas e primorosas flores, dos seus encantadores jardins do Menalo, do Pierio, do Pindo, do Helicon, e do Parnasso; mas aquella estrumeira prosaica de Rebello da Silva só pode, comparativamente, dar seiva a *capim de burro*, agradável ao paladar de *carneiros* e de *camellos*, ou, quando muito, ás cavalgadas dos padres da Egreja Romana. Virgilio achou no estrume de Ennio perolas dignas de serem lavadas pela sua mão diamantina nas fontes de Arethusa e de Castalia, no de Rebeilo da Silva o mais que qualquer espirito maronico poderia achar seriam alguns pedaços de vidro toscos, sem melhor transparencia que a do fundo de uma garrafa. Se se deixar tal monturo por mais tempo exposto aos raios do sol da instrucção, o mais que se pode levantar d'elle é grande quantidade de miasmas, que acabe de suffocar a literatura portugueza, com grande quantidade de poeira, que lhe tolde a atmosphaera, fazendo espirrar d'estrondo os olfatos mais delicados, e obeccar a vista aos espiritos mais parvos.

Mas já que aventuramos este juizo, justifiquemol-o tambem pela critica d'esse paragrapho, que alias bastaria para nos dispensar da do resto da obra, que está toda escripta pelo mesmo gosto. Convirá porem que esta critica seja dirigida a gente, cujos principios de literatura não estejam definidos, por falta de cultura academica? De certo que não, porque n'ella não achariamos apoio. Temos observado que nos paizes, onde os prejuizos são emperrados, a rasão só encontra animadversão; e mesmo os espiritos mais esclarecidos não deixam de temer comprometter-se, manifestando-se pelas opiniões mais sensatas. Faremos pois melhor em nos dirigirmos a outra gente.

(Continúa.)

Maciot.

A certos versistas de hoje.

Dei-me ao trabalho de escrever estas linhas compellido pelo constante abuso que commette a maior parte dos nossos versistas, quando pensão que fazer versos é escrever umas linhas só até o meio do papel; presumindo-se de sabios a ponto de desprezarem as regras da grammatica e da poetica, necessarias para a confecção de bons versos. Torna-se isto muito e muito patente pela sem-ceremonia com que apresetão suas producções á luz da publicidade.

Sirva de corroborante ao que acabo de dizer, a leitura d'esses versos que vêm publicados nos poriódicos desta capital, onde, com raras excepções, dão elles uma triste idéa do que sejam os seus autores.

E a verdade causa dó ver-se o destempero de certas producções e a indifferença da critica para com ellas.

Em quasi todas as que tenha tido a infelicidade de lér encontro erros taes, que repellem toda e qualquer correccção. Esta maneira de escarnecer das regras da arte até hoje admittidas, não se deveria deixar pôr em pratica impunemente em uma cidade cujo renome litterario echôa bem longe.

A critica aqui parece ter de todo morrido. Arvorou o pavilhão da tolerancia, immergiu-se na mais deploravel lethargia e deixou a litteratura patria exposta aos insultos, que quotidianamente lhe atira a horda infrene d'esses versistas, declarados verdugos do progresso das letras.

O seu arrojo pasma, as suas producções envergonhão. Não se lembrão ao menos, que com ellas formão o estereotypo do seu nenhum valor litterario, firmado pela mais tocante inepecia.

Versistas (nem sei mesmo se este nome lhes assenta) sem estudo e sem applicação, que pensão nenhuma responsabilidade ter pelas suas mal amanhadas producções,—que não respeitão a rima, a metrificacção, a harmonia emfim, esses attributos indispensaveis para a belleza de qualquer verso.

Não ha exageração no que avanço a seu respeito. Basta que o leitor se queira dar ao trabalho de procurar, no n. 16 deste mesmo periodico, uns versos ahi publicados por um tal Sr. *Azinio*, analysal-os e depois ver se tenho ou não razão. O autor desses versos, no meu entender, portou-se mal até quanto ao pseudonymo que escolheu para firmar a sua producção. Arranjou as duas primeiras quadras assim um tanto passaveis; mas quando chegou á terceira, não atinando com a metrificacção, encaixou, em lugar de um só quebrado como havia nas outras, dois—um de oito, outro de seis syllabas, produzindo uma desharmonia e confusão tão lastimaveis que não ha quem as leia e as suporte de sangue-frio.

E o enredo de seus versos? Que felicidade de assumpto para quem se assigna *Azinio*?

O Sr. *Azinio* entendeu que havia de escrever uns versos, escreveu-os; não se importando, porém, com as difficuldades a superar: removia-as a seu capricho e a despeito da arte poetica.

Assim como este, muitos outros, que seguem o mesmo caminho, mandão publicar os seus versos onde tambem se encontram rimas mettidas a sôco, palavrões de arrepiar os cabellos e versos com excessos de syllabas.

A proposito de palavrões: desejava eu saber se o Sr. *Azinio* se redac-se ou não ao ridiculo com aquelles termos tão mal arumados em seus versos? Uma phrase então ha que me sôa tão mal, não por falta de rima, mas porque tem assim

uma significaçãoinha que diz mais do que S. S. quer dizer. Ora, imagine la o leitor, quaes serão os *boatos medonhos* que se poderião espalhar a respeito do Sr. Azinio. Elle julga-se muito mal.

Um conselho ao Sr. Azinio: deixe de parte a sua susceptibilidade, estude e applique-se para que outra vez não se publique seus versos com mais correções do que palavras. Lembra-se Sr. Azinio. d'aquelle *agora* tão mal empurrado na ultima quadra. Que quer dizer com esse *agora*? O Sr. Azinio fez com o emprego d'essa palavra o pedestal da columna onde repousou a sua presumpção. Para que tanta pretensão? Vai com tanta pressa á fonte, pode quebrar o cantaro em caminho.

Queira aceitar, Sr. Azinio, este conselho.

Vero Zero.

Paginas intimas.

(Vide o n. 16).

CORÔA DE VIRGEM.

Altiva c'róa, que a fronte cinge
Da bella virgem pudibunda e pura,
Val mais que todas que mil reis ostentam,
Tem mais encanto, mais valor, mais dura.

As brancas rosas, os jasmims, o lyrio,
Mil outras flores em botão mimosas,
Sam mais que per'las engastadas, ricas,
Nas régias c'róas de poder vaidosas.

E' qu'entre as joias da grinalda virgem
S'oculta nobre da virtude a flor,
Pudor insonte, candidez singela,
Sublimes, ledos, d'immortal fulgor.

Por isso, oh! virgem, ess'altiva c'róa
Conserva sempre pudibunda e pura
—Val mais que todas que mil reis ostentam,
Tem mais encanto, mais valor, mais dura.
24 de junho de 1874.

S.

SEGREDO.

Como la viva centella
Se encubre en el pedernal
De dentro tengo mi mal.
(*Canções: Redond.*)

Moi seul toute la vie.....
Obligé d'étouffer mais plaintes sans écho!...
(*Lamartine.*)

Embora o peito se m'estale e parta
Entre os effluvios d'este affecto santo,
Jamais! não quero declarar!.. A's magoas
Allivio prompto da-me o fel do pranto!

Mas, ah!.. no pranto, que resvala quente,
Vae pouco á pouco s'extinguindo a vida,
Pois que, latente, dentro em mim se ulcêra
Profunda magoa de lethal ferida!

Porem, qu' importa?! Vezes mil prefiro
Soffrer tormentos, cruciantes dores
Do que do p'ito revelar segredos,
P'ra ter espinhos, quando almejo flores!

Por isso, embora fugitiva eu sinta
A doce vida, s'enlutando as cores,
No peito eu quero ter guardado o nome,
—O grato nome da visão d'amores!

Este mysterio, que commigo eu trago,
Talvez á campa vá descer um dia,
Morrendo occulto, mas findando puro
D'encontro á lousa de uma campa fria!
31 de julho de 1874.

S.

A MINHA ESTRELLA DE AMOR.

Que encanto! que esplendor! Que formosura
Cahiu-te um astro, abobada lustrosa!
(*Bocage.*)

Entre os astros que dardejам
Com mais ingente fulgor,
Nenhum outro brilha tanto
Como tu, astro de amor!

Nem a Venus matutina,
Nem o sol do dia em meio,
Nem a lua campeando
No azul de encantos cheio,

Não têm mais luz, mais belleza,
Nem pôdem ter mais primor
Do que tu que és na terra
'A minha estrella de amor.'
27 de outubro de 1874.

S.

A flor e a madrugada.

Á M. L.

A pobre flôr já viste,
—A flôr que se descora—?
Murmura: «eu sou tão triste!»
E a madrugada chora.

A flôr que desfallece
Bebe-lhe a vida—o pranto:
A lagrima é uma prece,
E' um remedio santo.

Eu sou tão triste assim,
Semelho a pobre flôr;
Ai! chora sobre mim
As lagrimas do amor.

Mulher, mulher querida,
O' minha doce amada,
Eu sou a flôr sem vida,
Sê tu a madrugada!
Recife, 10 de dezembro de 1875.
Joaquim R. Gonçalves.

Epithalamio.

(*Depois do casamento do Sr. Juvenio Auto Pereira com a Exm. Sra. D. Rosa Branduina de Almeida.*)

Eu quizera nest'hora irmão, amigo,
da lyra as cordas d'ouro a ti tanger;
quizera, desejara estar contigo,
partilhar teo prazer.

Quizera amenozar-me te ofertar!
Se tivesse o primor de lyra d'ouro,
contigo, só contigo ia esgotar
meo immenso thesouro.

Porem meo estro é fraco,—minha lyra
não tem inda a precisa melodia;
é qual voz no deserto que aspira
a viva phantasia.

Mas ah! se estro eu tivesse... se primor
n'esta hora me cedesse o Deus Apollo,
versos, onde se lêsse um puro amor
te poria no collo.

Ah! se estro eu tivesse! O terno laço
que fizeste ante as aras do Senhor,
cantaria em meus versos sem cansaço
n'um poema d'amor.

Porem meo estro é fraco e minha lyra
se não gosa a preciosa melodia
pade, irmão, meu dever que ella desfira
um canto a esse teo solemne dia.

Maranhão, 15 de fevereiro da 1874.

Anton o de Godoes.

A Ella.

Oh! si elle m'eut aimé!...
Alfred de Vigny.

E' alta noute! Suspirosa brisa
Cicia meiga no rosal em flor—
E esse threno, sussurrante, bello,
Da doce brisa—só m'inspira—amor!

E eu amo, ardente, seductora virgem
—Numen de ternos, divinaes encantos,
Mas quantas vezes, tão distante d'ella,
Minha face inundam fervoros prantos!

E si, débalde, eu procuro vê-la—
—Astro luzente, á fulgurar nos ceus!—
Desprendo tristes, soluçosos carmes
Que vão, plangentes, se casar aos seus!...

Oh! hei de amal-a—mui embora errante
Percorra o mundo sem achar abrigo!
E, mesmo morto, na ge'la ta campa
Seu terno affecto morará commigo.
Dezembro—1875.

M. R. Guterres.

COLUMNIA TELEGRAPHICA.

Maranhão, 20 de Janeiro de 1876.

Apresentação de José Fuim das Candeias.—E' vistas! ou vis-
tas?—O Sr. senador L. A. Vieira da Silva.—Mergulhos
presidenciaes.—Os Filhos do Inferno.—Mil poesias.—Adoos.

Caro Democratico.

Permitte-me que comece esta, apresentando-te o
Sr. José Fuim das Candeias, rapaz *chik*, verdadei-
ro *dandy*, e que acaba de chegar de Therezina,
onde foi colher novos e virentes louros nas cam-
panhas de Cupido.

José Fuim das Candeias é alto e baixo, magro
e gordo, pallido e rosado, taciturno e palrador,
bonito e feio, em uma palavra: é um guapo rapaz
de duas vistas, quer dizer, tem direito e avesso.

Convem que me explique.

José Fuim é alto quando se sustem firme na
perna esquerda; baixo, quando se apoia na direita
(d'onde se conclua que é aleijado); magro, antes de
qualquer das refeições ordinarias; gordo, depois
destas, pois a sua barriga fica maior que a do Ti-
noco; pallido, antes de *conversar* com Baccho; ro-
sado, depois que o *engole*; taciturno, quando está
no meio de rapazes; palrador, quando fêspira o
mesmo ambiente que as suas *Dulcineas*; bonito,
quando bem vestido e assentado; feio, quando anda
e está em trajos *frasqueiros*. Do seu moral nada
digo.

Eis o fiel retrato de José Fuim das Candeias.
Agrada-te?

Se te agrada não sei, mas o que é certo é que
José Fuim é disputado por muitas mocinhas boni-
tas! Podera não... Se ellas não têm sensibilidade
esthetica, e a sede de banhos de igreja devora-as...
As moças de hoje, calvas as excepções, só querem
é casar; que o seu noivo seja feio como Esaú, é
cousa de pouca monta.

Ah! Eva! que mal nos fizeste!

Está feita a apresentação.

—Agora deixa que por minha vez te conte uma
boa passagem que me foi contada por José Fuim.
Eil-a:

Estava José Fuim no palacio do presidente do
Piahy (José Fuim tambem é aulico) quando esse
personagem revendo o relatorio que lhe fizeram, e
que tinha de apresentar em breve aos Lycurgos
d'aquella malfadada provincia, eucontou com um
vistes; tanto bastou para que o presidente fechasse

o relatório e exclamasse em um tom alvar: Homem, vosses o que acham? é *vistes* ou *visteis*? *Vistes* sóa melhor, de mais *vistes* é singular (!) e eu, que me dirijo a uma illustre corporação qual a de depulados provinciaes, não posso deixar de fallar-lhes no plural: por consequencia quero *vistes*.

Os circumstantes caíram das nuvens. E' que elles no Piahy têm visto muitos presidentes *aguia*s, porem como este, nunca!

E queres saber, caro Democrito, quem é esse presidente actual do Piahy? E' Joaquim Delfino Cavalcanti d'Albuquerque, *viçosa* vergontosa da *viçosa* arvore genealogico-oligarchica, chamada Cavalcanti, transplantada para o Brazil nos aureos tempos coloniaes, e hoje profundamente enraizada em Pernambuco.

Pobre Piahy! Pobre Delfino!

—A proposito de presidentes:

Acaba de assumir a presidencia desta provincia, na qualidade de 1.º vice-presidente, o muito intelligente e circumspecto senador Luiz Antonio Vieira da Silva.

Exultem os maranhenses, e o ministerio Caxias que se ufane de uma tão acertada nomeação. O illustrado senador Luiz Antonio não é um novico que empunha as redeas da publica administração, nem é homem que sirva de instrumento a odios e vinganças. O seu nome é bastante conhecido, e o sentimento de justiça que transluz em todos os seus actos, o criterio e tino que o distinguiram como presidente do Piahy, são o melhor garante da optima administração que hade fazer nesta provincia.

S. Exc., depois de prestar o juramento, foi acompanhado até o palacio, por grande numero de pessoas gradas e de amigos, e durante o trajecto muitas peças de musicas foram tocadas.

Acerte S. Exc. os meos cumprimentos.

—Agora, caro Democrito, eu não sei é o motivo porque os ministros do imperio andam todos os dias a dar *mergulhos* nos vice-presidentes. Eu jámais soffreria semelhante decepção. Si algum dia por um *bambo* for vice-presidente, e o ministro entender que me deve rebaixar com a mesma facilidade com que um commandante de policia rebaixa a um cabo de esquadra, peço-lhe mir ha demissão incontinentemente, palavra d'honra.

Mudem os assumpto.

—Já leste, caro Democrito, o drama do Sr. Fonseca Moreira, baptisado (entenda-se que é o drama) com o nome de *Filhos do Inferno*?

E' um bom drama, tirando os defeitos de que está inçado.

Ha nelle muito pensamento bonito, sublime até, mas ás vezes custa-se comprehender o que o autor quer dizer, por causa da sua singularissima pontuação.

Pedimos licença ao Sr. Fonseca Moreira para lhe aconselhar que de outra vez não saja inimigo tão *brutal* dos *dous pontos* e *ponto e virgula*, pois é *fructu* essa que quasi não se vê nos *Filhos do Inferno*.

Um *trechinho* d'esse drama, sobretudo, bastante me deo *o goito*. E' aquelle em que Roberto diz que ainda não casou-se porque ainda não encontrou uma mulher muda e surda—as melhores qualidades que podem ornar uma Eva dos tempos de hoje. De perfeito accordo!

Eu tambem ainda estou solteiro porque ainda não encontrei uma mulher em quem concorressem aquelles predicados. E nem te rias, caro Democrito. A mulher, que traz consigo a mudez e a surdez traz o melhor dos dotes, pois não conheço nada mais insupportavel do que uma mulher que falla e uma mulher que ouve. Só a mulher muda e surda pode ser discreta. Só ella não envergonhará o seu marido (perdoem-me as excellentrissimas). As outras... benza-me Deus.

Sr. Fonseca Moreira, d'aqui, destas longinquas plagas maranhenses, estiro-lhe a mão direita: toque.

Democrito, ia dizer-te mais alguma coisa, porem como a redacção da *Mocidade* tem se visto atropellada com mil pedidos para a publicação de mil poesias que tem na gaveta, é preciso que eu deixe espaço para taes publicações, porque do

contrario n'uitos dos taes poetas ficarão aborrecidos e... Digo-te, portanto, adeos.

Teu amigo

Ccnfucius.

Os Filhos do Inferno.—E' assim que se intitula um drama que acaba de sermos mimoseado pelo seu autor, o Sr. Fonseca Moreira, moço intelligente e ja assaz conhecido na republica das letras, pelas boas obras que tem produzido.

Sentimos não dispor de tempo sufficiente para descer a uma minuciosa analyse critica sobre os *Filhos do Inferno*; a missão de jornalista, porem, manda que aventuremos algumas palavras sobre as impressões que deixou-nos a sua leitura.

Os *Filhos do Inferno*, debaixo do ponto de vista moral, muito abonam o seu autor, e, artisticamente fallando, seriam por si só um titulo habil para recommendal-o á sympathia dos homens do Parnaso, se o Sr. Fonseca Moreira fosse mais sollicito em evitar os salientes senões que se lhe notam.

Ha nesse drama periodos verdadeiramente eloquentes; lances d'onde jorra pujante seiva de ardente imaginação; trechos em uma dicção polida e fluente, mas, é pena, outros ha em que o seu estylo cae de elcquente no alambicado, em que a sua imaginação sae do raro para afundir-se em verdadeiros lugares communs, em que se veem até graves erros de portuguez.

Sirva para provar esta nossa ultima asserção o dialogo entre o Marquez de Gildas e Maria, pagina 43, acto 2.º, onde aquelle dá a esta o tratamento de vós e tu simultaneamente, cousa inadmissivel e contraria ás regras da boa grammatica.

Sirvam ainda as paginas 40, 43, 91, 100, 101, 103 e outras, nas quaes o sujeito da oração é o pronome da 2.ª pessoa do singular, e o verbo está na 2.ª pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo.

Deixamos de fallar em outros erros que não obstante não virem corrigidos na secção das erratas, todavia não somos capazes de irrogar a ignorancia do Sr. Fonseca Moreira e sim a incuria ou pequice da revisão, taes são:—ratificar em vez de rectificar (pagina 73); imaginaveis em vez de imaginarios (pagina 76), &c.

Somos pois obrigados a dizer que, considerado grammaticalmente, o seu drama não está bom.

Não desanimes, porem, o Sr. Fonseca Moreira; antes continue a cultivar com affinco o ramo de litteratura a que se dedicou e para a qual sobram-lhe tendencia e habilidade, certo de que hade ser um bom dramaturgo.

E se algum invejoso da sua intelligencia quizer ridicularisal-o, lançando-lhe em rosto os defeitos dos *Filhos do Inferno*, responda-lhe parodiando a Christo:—Aquelle que já fez obra perfeita atreme a primeira pedra.

Nós conprimmentamos ao Sr. Fonseca Moreira e summamente lhe agradecemos o obsequio.

Juizo da imprensa.—Assaz favoravel foi o juizo que, em suas columnas de 20 de dezembro ultimo, dispensou-nos o *Brazil Americano*, um dos importantes periodicos que se publicam na corte do imperio. Transcrevendo o nosso artigo editorial de 20 de novembro do anno proximo passado, e accusando a recepção dos ns. que lhe offerecemos, diz o seguinte:

«Recebemos os ns. 10, 11 e 12 da *Mocidade*, jor-

nal litterario, critico e noticioso da capital do Maranhão. Bem escripto e redigido com habilidade, o periodico cuja visita pela primeira vez recebemos, é digno de toda sympathia. Transcrevemos do n. de 20 de novembro o artigo editorial, publicado na secção respectiva.»

Se transcrevemos para aqui essas palavras, o unico fim nosso é testemunhar a muito illustrada redacção do *Brazil Americano* o nosso agradecimento pelo modo por demais lisongeiro com que nos acolheo. Pedimos-lhe, pois, acredite na sinceridade das nossas palavras.

Jornal das Familias.—O ultimo n. dessa interessante publicação, com que nos obsequiou o Illm. Sr. B. L. Garnier, foi o ultimo do anno proximo findo.

Bem sabemos que o Sr. Garnier não precisa dos nossos elogios, pois os relevantes serviços, que S. S. tem prestado á bibliotheca brasileira, são narrados quotidianamente senão por todos ao menos pela maior parte dos jornaes do imperio; mas é nosso dever registrar aqui o nome de quem tanto tem concorrido para o desenvolvimento das letras do paiz: por tanto desculpe-nos o editor do *Jornal das Familias* e aceite as nossas sinceras felicitações.

Pedidos.—A's illustradas redacções, que honram-nos com a troca dos seus periodicos, pedimos o favor de serem mais pontuaes na remessa dos mesmos, pois muito irregularmente recebemol-os, havendo aliás muita pontualidade da nossa parte.

—Pedimos igualmente aos nossos assignantes queirem desculpar-nos a demora que tem havido na publicação deste e do penultimo numero.

Errata dos ns. antecedentes.

N. 13.

Pagina 1.ª, columna 1.ª, linha 23, em lugar de *sciencia*? leia-se—*sciencia*—

Idem, idem, linha 7 do folhetim, em lugar de *continuação do n. 10* devia dizer-se *continuação do n. 11*.

Pag. 4.ª, col. 2.ª, linha 68, em lugar de *muito encerra chiste e graça*, leia-se *muito encerra de chiste e graça*.

N. 14.

Artigo *imperfectibilidade humana*,

Pagina 1.ª, columna 2.ª, linha 17, em lugar de *quadrimano* leia-se *quadrumano*;

Pagina 2.ª, columna 2.ª, linha 14, em lugar de *Lophidion* leia-se *Lophodion*;

Pagina 3.ª, columna 1.ª, linha 21, em lugar de *condições normaes* devia estar *condições normaes de vitalidade*.

Poesia *Incertezas*, pagina 4.ª, columna 1.ª, linha 41, em lugar de *sentem* leia-se *vertem*.

Columna telegraphica, pagina 4.ª, columna 3.ª, linha 18, em lugar de *ouve-se um zig-zag* leia-se *vê-se um zig-zag*.

Outras erratas, porem de pouca importancia deram-se nesse n., entre as quaes convem mencionar *cataclysma* em lugar de *cataclismo*.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ...est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1876.

NUMERO 19

A MOCIDADE

MARANHÃO, 3 DE FEVEREIRO DE 1876.

Trabalhar para o incremento da instrução, offerecer aos jovens estudiosos um meio de se desenvolver nas lides da imprensa, pugnar pelo derramamento de luzes, affastar por meio de uma critica judiciosa os ridiculos, embaraços e peias, antepostos ao progresso pelos especuladores, eis o nosso unico proposito quando empreendemos a publicação d'este jornal. Não foram outras as nossas idéas fundando-o, e, sem sermos pretenciosos, diremos que nunca nos apartamos d'ellas durante o pequeno espaço de tempo em que já o temos redigido.

Combatendo sempre e sempre pela grande causa da instrução popular, não temos um só momento deixado de increpar aquelles que a ella tem suscitado obstáculos, nem tão pouco entregado ao olvido os meios que julgamos próprios a derramala; e, embora hajam abusos dos quaes ainda não tratamos, pretensões que também não profligamos, por temer as iras d'aquelles que indirectamente iam ferir, temos a consciencia de não havermos uma só vez descurado o nosso dever, que, se se não acha totalmente cumprido é por-

FOLHETIM.

Acudam aos versistas!

Li com pavor a composição do Sr. Azinio; conversei demoradamente com este Sr.; li, pelo mesmo modo, o escripto do Sr. Vero Zero; discuti larga e desapassionadamente com o mesmo, e, por tudo isto, resolvi a pegar na penna e escrever estas linhas.

Pensei, reflecti, e, com calma, dirijo-mo ao amigo Zero.

Esta Sr. quiz fulminar, esmagar—matar—se possível fosse a Azinio; ferio-o mortalmente. Foi inexoravel; mas esqueceu-se que, estando o seu adversario tão enfermo, alguém o podia fazer retroceder com o seu furor antropophago.

Alto lá, meu fô: cá estou de chugo em punho, e, para prevgção, também de escupeta engatilhada. Faça alto e conversemos.

Então, o Sr. arvorou-se em critico, e clama, e exhorta a critica?

que a nossa empresa, ainda vacillante, não permite a franqueza de linguagem e a independência moral necessarias para o seu absoluto desempenho. Se ás vezes nos callamos sobre materias de interesse instructivo, se a nossa voz não se faz ouvir n'ellas, è porque as razões que acima demos nol-o vedam completamente. Collocados n'uma posição sobremaneira melindrosa, não tendo ainda auferido todas as sympathias de que è digna a nossa causa, acanhados no espaço que nos concede o pequeno formato do nosso jornal, luctando com innumeras difficuldades pecuniarias, não havemos podido estar á altura da missão de que nos encarregamos conquanto em nada a hajamos negligenciado. Não è tanto a fraqueza dos nossos recursos litterarios como a pequenez da nossa posição social que nos tem impedido do seu completo desempenho. Somos jovens, fracos e pequenos, e emprender uma luta á outrance contra aquelles que se acham n um campo contrario, seria não só o aniquilamento de todas as nossas esperanças, como também o desmoronamento da nossa empresa.

E' portanto o fraco da nossa posição que nos tem feito proceder com toda a prudencia e moderação no nosso mister jornalístico, não só porque queremos evitar todos os escolhos que possam emba-

raçar a nossa marcha, como também para adquirirmos n'esta provincia as sympathias e apoio que temos encontrado nos órgãos jornalísticos de suas irmãs. Até hoje ha sido mais que lisongeiro o acolhimento que se tem feito a nossa folha nos lugares os mais illustrados do imperio, como sejam a Côte, Pernambuco, Bahia, etc., mas nós ainda pretendemos mais, pois que o nosso maior desejo è obter aqui, n'esta Athenas Brasileira, o beneplacito popular, que venha coroar os nossos esforços, e dar-nos um digno premio ao cumprimento da tarefa civilisadora que, com nossas debeis e mesquinhas forças, ousamos á face publica emprender.

Deprehende-se, por consequente, das reflexões que acabamos de fazer, que mais uma vez solicitamos do publico um acolhimento benevolo, que venha remover as difficuldades que a cada passo nos vão surgindo. Conscios de que a causa da instrução não pode ser indifferente aos nossos concidadãos, temos fé em que não deixarão de applaudir os nossos esforços e de animar a nossa empresa, ou seja com um brado approvador das nossas intenções, ou seja com a sua inscripção no numero dos assignantes d'este periodico.

Entramos no terceiro trimestre da nossa publicação, e os innumeros embaraços, pe-

O Sr. deu um conselho a Azinio e eu faço lhe uma reflexão, que vem a importar em outro conselho.

Olhe que a tarefa dos criticos è ardua, è melindrosa: o Sr. não pode com ella. No momento em que quizer soltar o azorrague sobre a sua pretendida victima, esse mesmo azorrague veigará (porque a mão que o tange não tem firmeza) e lá volta elle sobre si também.

Crea que isto è real, e eu vou convencer-lhe desta verdade com o seu escripto, acima alludido.

O Sr. principiou o seu artigo como que já intollerante pelo procedimento dos nossos versistas; farto de abafar comsigo a censura que de ha muito lhes prepara, e, entretanto, contentando se com alguns palavrões soltos, desprezã-os completamente, porisso que não faz sequer uma pequena analyse de algum verso, e vaè occupar-se com a composição do Sr. Azinio supramencionada!

O Sr. quiz tratar de—versos—e não sabe a significação desta palavra! Isto não se concebe.

O Sr. denomina de verso a composição do Sr. Azinio; faz sobre ella varias considerações, e è o proprio a confessar que ella (a composição) tem

uma desharmonia insupportavel em razão do desprezo total das regras da metrificação, como sejam a falta de ordem das syllabas, dos accents e, que sei eu, de tudo mais.

Como è que o Sr. quer dar-se a entender? Decididamente, pois, não sabe o que seja—verso. Ouça-me, que dou-lhe a definição desta palavra.

Ahi vaè uma: não è minha e sim d'uma grande autoridade na materia—o Sr. A. F. de Castilho:

«Verso, ou metro, è um ajuntamento de palavras, e até, em alguns casos, uma só palavra comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma, ou mais pausas obrigadas, de que resulta uma cadencia aprazivel.»

Esta definição è confirmada por todos os melhores dictionarios da lingua portugueza, eni-guem ainda houve que se avançasse a contestal-a.

Pergunte-lhe agora: Esta definição pode o Sr. dar á composição do Sr. Azinio? Ou por outra, não è mesmo o Sr. quem reconhece alli a ausencia completa destas regras, as quaes entendê necessarias para composição de bons versos, mas que eu direi de—versos—simplesmente?

cuniaros com que luctamos muito tem entorpecido o nosso caminhar. Está nas mãos do publico acelerar-nos a marcha, ajudando-nos com a sua protecção a arredar os obstaculos que encontramos na senda jornalística. Contamos que não será surdo á nossa supplica, e que, portanto, fará todo o possível para que não morra uma empreza em todos os pontos util.

Terminamos, dirigindo desde já os nossos agradecimentos em geral aquelles que nos tem animado no nosso mister, e, em particular, ao proprietario da typographia em que este jornal se imprime, que, pela indulgencia que nos tem dispensado, se tem tornado credor do nosso reconhecimento.

A imperfitebilidade humana

(Continuado do n. 18.)

Remontar até ao organismo do homem terciario, descrever fiel e minuciosamente seu typo e configuração physica, conhecer profundamente a sua organização phrenologica, determinar suas forças, potencias e faculdades, appresentar por assim dizer, um mappa em que se ache sua figura completamente desenhada e colorida, retratando o homem na sua origem, seria de certo um trabalho tão proficuo como gigantesco. E' porem totalmente impossivel, porque, como precedentemente dissemos, da época terciaria apenas temos indicios da sua existencia, que, embora sejam, no nosso entender, assaz concludentes, não podem em materia paleontologica formar uma prova absoluta. Ainda se não achou osso algum humano nos terrenos terciarios, e sem os ossos humanos d'essa época não podemos de maneira alguma reconstruir o seu organismo, porque, como facil é de comprehender, sem a configuração ossea que reproduz fielmente a do corpo humano, e unica que lhe sobrevive á putrefacção, faltão-nos os dados para que possamos tirar uma conclusão sobre a sua configuração. E' verdade que nos restam

delle nessa epocha vestigios assaz evidentes, e esses vestigios são as suas obras, mas esses indicios apenas nos podem fornecer uma idéa de quaes fossem a sua força e industria, e de modo algum nos ministrar bases para chegarmos ao conhecimento do seu physico. Em quanto não forem emprehendas pesquisas assaz minuciosas nos terrenos terciarios, em quanto não se achar um esqueleto ou um craneo humano nas camadas dessa epocha, não poderemos levar a effeito uma tal pintura, porque nas sciencias naturaes não se firmam theorias em hypotheses, e sim em factos evidentes examinados attentamente por uma habil observação.

Se não temos porem provas absolutas, indicios vehementes, de qual fosse o seu organismo, podemos comtudo, pelo menos, indical-o levemente impellidos por inducções e deducções sobre as suas obras e sobre os seres que então o rodeiavam.

Não possuindo nem os dentes nem as poderosas patas do megatherium, nem a tromba do colossal mas todante, nem as innumeradas armas defensivas e offensivas que a natureza concedeu aos enormes animaes dessa epocha, era necessario que o homem da epocha terciaria fosse forte, para se poder deffender dos animaes d'então, intelligente, para procurar armas que d'elles o deffendessem, agil para se subtrahir as suas persiguições, grande para não appresentar com elles uma grande disporção physica, industrioso, finalmente, para prover as necessidades e á conservação da sua vida. Não tendo naturalmente armas tinha porem a faculdade que a previdente natureza lhe concedera de se servir artificialmente de todas que pertenciam aos outros animaes: a faculdade de poder com suas mãos arremessar a pedra a grandes distancias, as maxillas dos grandes animaes nas suas mãos convertidas n'uma massa, os troncos das pequenas arvores e os ramos das grandes por elle arrancadas e quebrados, servindo-lhe de potente bastão, em fim, a pedra por elle talhada e servindo de instrumento

cutante. Rudes e insignificantes armas para o homem de hoje, poderosas porem e temiveis para o de então.

Eis os seus meios de ataque e de deffeza contra os grandes animaes seus contemporaneos, meios que provam a robustez da sua compleição, o grande desenvolvimento da sua estatura, a existencia já bem defenida da sua intelligencia, e a industria nascendo da observação.

Contra as intemperies das estações não tendo o espesso couro ou o vello abundante dos outros animaes, tem todavia o homem terciario a faculdade de se utilizar delles, despojando o animal por elle vendido do seu abrigo natural, e delle servindo-se como vestimenta. Assim pode elle supportar os intensos frios, resguardar sua pelle do ardor dos raios solares, e precaver-se do choque dos inimigos que o assaltam.

A' imitação dos outros animaes elle procura tambem um refugio nas cavernas; ahí fixa a sua habitação e a sua industria suscita-lhe os meios a por em pratica para que a possa conservar. O instincto social é nelle innato, e a familia, sua primeira imagem da sociedade, com elle partilaa a sua tosca habitação. Voltando de suas lides, que todas tendem a procurar os meios para a sua subsistencia e para a dos seus, é recebido pela sua companheira, em cujos braços goza um prazer innocente, que idéas maliciosas não vão desnaturar, e pelas creanças, fructo da sua união, que bem perto d'elle se chegam, como o viajante no deserto se approxima da palmeira para della auferir o sustento, e para repousar á sua sombra, que o resguarda do sol ardente.

Eil-o o homem terciario, eil-o, o gigante em constante luta com a natureza, eil-o, o forte que sobrepuja os obstaculos que o cercam, eil-o, o ser intelligente que procura no seio da familia uma compensação aos herculeos trabalhos n'uma placida alegria, eil-o, finalmente, o rei da natureza animal, distanceando-se immensamente dos

Ora, meu amigo, desculpe-me, o Sr. tornou-se incomprehensivel ou denuncia-se mesmo zero no assumpto de que trata.

Não se offenda, meu amigo, se entende que eu o amesquinho em sua sapiencia. Olhe, eu não tive a menor idéa de semelhante cousa; alem do que, encorreria n'uma temeraria vaidade, que teria de comprometter-me.

O Sr. mesmo foi que deu motivo a isto tudo.

Sabe ainda? (Mas estas reflexões me foram feitas pelo Sr. Azimio.)

O Sr. accusa ao outro por ter tão mal applicado aquelle agora e entretanto encaixa tão prosaica e impropriamente certos termos no seu escripto, como sejam um—*enredo de seus versos*,—*assump-to da poesia*—&

Ora veja.—Não seria muito mais conveniente ao caso outras palavras em substituição áquellas: por exemplo—*imagem, concepção* & ?

Isto é quanto a expressão logica de seu modo de escrever.

Quanto á grammatica, de que logo no principio fallou, tenha paciencia, o Sr. tambem cahio.

O Sr., por ventura, não nota differença entre os

periodos grammatical e oratorio e a proposição ou oração?

Assim parece.

Veja aquelles seus terceiro, quinto e sexto periodos oratorios. Que é d'ahi o sentido perfeito e absoluto, exigido no verdadeiro periodo grammatical e a harmonia symetrica no periodo oratorio? Ha ainda maior confusão do que isto.

O quinto e sexto periodos oratorios do Sr. Zero o desacreditam sobremodo. Trata este nosso amigo (quarto periodo seu) da nossa moribunda critica, e em seguida escreve: *O seu arrojado pasma, as suas produções envergonham* &

Arrojado, produções de quem?

Da critica?

Que desconcertos, meu Deus!

Falla depois em seguida (sexto periodo seu) *Versistas sem estudos e sem applicação, que pensam nenhuma responsabilidade ter & &. E mais nada.* Não diz por fim onde estão, o que fazem, o que querem esses versistas: fica com o sentido suspenso.

Acredite pois, meu amigo, que penalizou-me muito estes seus fiascos. Olhe, necessariamente o

Sr. Azimio (despeito, está claro) ha de querer apontal-os em toda a parte e dizer que o Sr. tambem é zero n'esta materia.

Mas, deixe, que isto agora é que não consentirei. Saltarei em frente e protestarei.

Conheço perfeitamente o amigo, e aquellas pequenas grammaticadas não tiveram outro motivo senão estar ainda o Sr. um pouco bisonho no traquejo da penna: falta de exercicio e nada mais. São descuidos em que muita gente cahe, mas, em todo o caso, d'esta queda certamente muito se terá rido o seu adversario.

Quanto aos demais... versistas—eu aconselho ao meu amigo que os deixe de mão: não queira para si o remorso de haver cortado os vóos ao enxame d'essas promettedoras intelligencias, que se esforçam para chegar ao monte Parnaso.

Não tenho tempo e creio que a Mocidade não terá espaço para mais.

Azimio ou Zero, quem se zangará com o amigo? Zoilo.

individuos que pertencem ao mesmo reino que elle.

E' a ti, homem potente dessa epocha, é a ti, que atravez dos seculos, eu estendo a mão dizendo-te:—Salve, ser potente e intelligente que dominavas as forças que te cercavam. Salve producto o mais perfeito das forças vitaes do Universo, salve.

—E o que não pensarias tú, se te dissessem, que já te pretenderam mostrar como uma derivação da familia simiana? E o que não dirias, se soubesses que hoje te consideram como um principio grosseiro do homem actual, o qual, no entender de certos sabios, é um teu aperfeiçoamento?—Pensarias, dirias, pelo menos, acompanhando o teu pensamento e as tuas palavras com uma forte gargalhada:—Dai-me um macaco que tenha o meu organismo, dai-me um homem da vossa epocha que tenha a minha força, robustez, e intelligencia, que eu acreditarei o que elles dizem. Transportarei o vosso homem, pygmeu que pouco acima me passa do joelho para o meu scenario; traga elle consigo a sua machina electrica, o seu vapor, os seus enormes canhões, as suas esplendidas habitações, de que me acabais de fallar como invenções suas, e vedese, com esses meios, elle consegue fazer fugir os rebanhos de de animaes bravios que me atacam, apertar as intemperies e tempestades com o fragil tecto de seus palacios, gozar uma felicidade mais calma e tranquillã que a minha, finalmente, evitar com os seus governos monarchicos e republicanos, e com suas doutrinas theologicas e legislações embrulhadas, das quaes me destes informações, que os escolhos da vida despedaçam o edificio da sua felicidade. Trazei-o á scena, confrontai-o, commigo, sem que a elle falte uma só das suas descobertas, e vereis se eu sou um principio abjecto e grosseiro do qual elle é o aperfeiçoamento. Vereis se com esses meios elle consegue mais que eu, vereis se elle pode sustentar as lutas que eu sustentei.

Mas deixamo-nos demasiadamente arrastar pela sede de argumentação; ainda para nós não sou a hora de provarmos a não perfectibilidade do genero humano, pois que hemos a esboçar um quadro e a acabar o desenho do que principiamos. Voltamos portanto ao nosso trabalho descriptivo.

O homem que acima brevemente indicamos, em consequencia das lutas que sustentou e das obras que produzio, não pode ser exclusivamente taxado de instinctivo. Para que elle conseguisse superar os obstaculos que lhe oppunha a natureza era necessario que funcionasse poderosamente a sua intelligencia, pois que a sua força embora colossal necessitava de um guia que a encaminhasse. Tinha muito que lutar muito que produzir, para que lhe fosse assegurada a sua conservação pessoal, e sem a intelligencia elle não poderia conseguir os seus fins. Os

animaes da epocha em que elle apparece succumbem ante os cataclysmos e differenças climatericas do globo; o homem porem permanece sempre, e sempre procura estar em equilibrio com os seres que o cercam. Só a intelligencia poderia conseguir esse equilibrio, e por isso concluímos que o homem era largamente intelligente. Para que elle o fosse necessitava de um organismo completo, e por conseguinte vem-nos obrigados a apresental-o, não com um typo simiano ou microcephelo, mas sim como um ser tão bem organizado como o homem de hoje, accrescendo-lhe a vantagem de uma immensa força, de uma elevada estatura, e d'uns sentidos muito mais apurados do que os nossos. E' a conclusão que podemos tirar das obras que d'elle nos restam e do seu viver em meio dos seres animados de então.

Sobre o homem da epocha tertiaria nada mais temos a dizer, porque, como já dissemos, não nos é possível por falta de monumentos recompol-o physica e moralmente. O que fizemos foi dar uma pequena idéa do que elle poderia ser, idéa baseada nos poucos indícios que temos dessa epocha, e unica no nosso pensar que com elles é compatível.

Vamos agora tratar d'um periodo no qual poderemos mais facilmente entrar n'um estudo detalhado: queremos fallar da epocha quaternaria da qual existem provas e indícios que nos podem levar ao completo conhecimento de qual fosse então a organização humana. Aqui já já não apresentaremos somente induções e deduções, porque temos factos que podem provar a verdade das nossas asserções.

Os ossos e esqueletos humanos assim como varias armas de silex encontradas nas camadas dos terréneos quaternarios, por grande numero de habeis geologos, são vestigios evidentes da existencia do homem n'essa epocha. Se, juntamente com os ossos do tigre e do leão das cavernas, se encontram monumentos que revelam o homem, nenhuma duvida ha em admittir que o homem foi contemporaneo d'esses animaes. Ora por varias vezes se tem encontrado, e como esses animaes pertencem indubitavelmente ao periodo quaternario, segue-se d'ahi que elle já existia então. Esta prova é tão clara e evidente que é impossivel a ella oppôr uma objecção sensata,

Prova da uma vez por esta e outras muitas razões a existencia do homem quaternario, apesar de e todas as barreiras que a maldita chronologia biblica pretendia oppôr á sciencia, levada a crença na antiguidade da especie humana até admittir que ella existisse na epocha precedente, a magna questão que a mente occupou dos sabios foi procurar, com os monumentos encontrados, reconstruir o organismo do homem de então e deter-

minar aproximadamente quaes fossem o seu typo, o desenvolvimento da sua intelligencia, os seus costumes, e, finalmente, o estado da sua industria. Aqui tomou nascimento a sciencia prehistorica. E' com o auxilio d'ella que hoje podemos ter algumas luzes sobre a infancia da humanidade, e por isso indicamos aqui o seu ponto de partida.

Quando se tratou porem de determinar qual fosse o organismo do homem prehistorico, esse grande numero de sabios que se tinham entregado a habeis pesquisas desunio-se completamente. Uns abraçavam a filiação simiana, outros pronunciavam-se contra semelhante derivação; uns queriam no homem primitivo só ver um intermediario entre o macaco e o homem de hoje, os outros, combatendo esta theoria, não estavam comtudo de accordo sobre o typo que se lhe devia assignar. Esta questão preoccupou muito tempo os animos, e, apesar de todo o trabalho empregado para a resolver, ainda não lhe deram uma solução satisfactoria. Os prognadores da derivação simiana continuam ainda a sustentar as suas opiniões accrescendo que não querem admittir um só centro de que derivem todos os typos, os outros, pugnano em prol das suas idéas, admittem esse centro, mas todos discordando sobre o typo que se lhe deve marcar.

Apenas de todas estas discordancias resultantes da differença das opiniões scientificas, tem comtudo a organização de homem d'essa epocha sido objecto de um aturado estudo. Sobretudo a configuração phrenologica tem dado lugar a minuciosos exames, pois que só d'ella é que se podem inferir as feições caracteristicas de raça, que indicar possam o typo dominante d'então. E' nos resultados de todas essas observações que fomos beber as idéas que hoje pretendemos exarar, com quanto em grande parte discordemos de algumas das opiniões dos autores que em seus escriptos nos fornecerem luzes sobre esta materia.

Não admittimos, como já dissemos, que o macaco seja o principio de que deriva o homem, porque no Antropomorphy, apesar das analogias do cerebro, da pelve, e dos pés e mãos, achamos um organismo adaptado a acções differentes. Os musculos que ligam o polegar, a impossibilidade do movimento rotatorio do braço, que parodie o movimento do humano, a depressão da parte anterior do craneo, a grande distancia que vai do homem microcephalo ao antropomorphy, são razões que negam absolutamente semelhante filiação. Além d'isso não vemos que seja o macaco o animal que pela sua intelligencia mais se approxime do homem; antes d'elle temos o elephante, e varios outros que lhe são superiores. Tambem esta razão deve ser de algum peso, por quanto não é só com a anatomia comparada que,

se deve lidar para chegar a semelhante theoria, porque ha um outro lado a estudar, e esse lado é a comparação das faculdades simianas com as do homem.

Apezar porém de serem pouco recebidas as theorias darwinicas applicadas ao homem, tem contudo contado entre os seus defensores homens de reconhecida sciencia. Entre elles citaremos Vogt, na Allemanha, e Huxley, na Inglaterra, que, com quanto collocados em pessimo campo, hão sustentado brilhantemente a filiação simiana. Sentimos que estejam no erro, porque suas intelligencias no nosso campo nos seriam de um grande auxilio, e porque assim prestariam mais serviços á sciencia. Queremos crer porém que trabalham á boa fé, e admitimos, que, segundo um d'elles (Vogt) seja mais honroso para o homem ser um macaco aperfeiçoado do que um Adão degenerado. Infelizmente, porém, é tão falso o aperfeiçoamento do macaco como a degeneração do imaginario Adão, pois que ambas as cousas offendem igualmente a sensatez e o raciocinio.

(Continúa.)

Nemo.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

Maranhão, 3 de Fevereiro de 1876.

A Mocidade, o seu 3.º trimestre e os farrroupilhas.— O palacio do Bispo.—Ensaio para o carnaval.—Incendio.—Adeos.

Caro Confucius.

Com este numero entra a *Mocidade* bem alegre e faceira no 3.º trimestre, comprimentando os seus assignantes, á direita, e á esquerda, á frente, e á retaguarda, apesar do máo desejo de alguns *farrroupilhas de casaca* que a todo transe lhe fazem e lhe farão guerra continua e desabrida, só pelo gostinho de verem cair uma empreza em que não tomaram parte e nem foram chamados para dar o seu *videtum*. Gabo-lhes o gosto; mas como em materia de paladar e accipies não ha que admirar excentricidades dos *algures*, porque ás vezes largão os doces e presuntos etc. etc. para comerem um pouco de... e outras acontere justamente o contrario. Neste ponto elles tem muita semelhança aos cães, que abandonam os melhores manjares e vão-se direito aos monturos procurar ossos para roer; mas em fim, tudo é gosto, e em materia de gosto, como já te disse acima, caro Confucius, não ha que arripiar carreira; cada um come d'aquillo que gosta e aprecia daquillo que lhe cheira melhor.

Eu, caro Confucius, olho para tudo com um indifferente tamanho, que não faço outra cousa senão rir-me (na forma do meu louvavel costume) até doer-me o abdómen e a espinhela.

Além d'estes farrroupilhas, existem outros, que não têm lá muita affeição ao jornal e especialmente aos chronistas, só pelo simples motivo destes não lhe tecerem elogios bombásticos, v. g.: «o Sr. D. Fias Roupinho é um talento que maravilha»; a sua força intellectual é tamanha que qual outro mytho de Atlante, se o mundo tivesse argilas o suspenderia e poria nas nuvens: o pantheon da historia o espera, e aureo monumento se levantará para attestar aos vindouros quanto este patriota trabalhou pela santa causa da humanidade. «Deus deite sua alma no céu junto dos anjinhos, quando for servido chamal-o d'entre os vivos.»

Se os chronistas caubassem n'esta laçada, imme-

diatamente os papalvos bateriam palmas e dariam bravos á Democrito e a Confucios, até mandariam vir o titulo de barão das *Congonhas* para o primeiro, e para o segundo a mitra de uma das provincias colonias do reininho que fica visinho a Hespanha (perdoe, bispo de Ceuta ou de Macaú) e talvez mesmo que o brasão d'armas de fidalgo da *casa real* de S. M. Fidelissima, senhor de Guiné, do Gongo, d'aquem e d'alem mar etc. etc., por ventura altissima de Deus e por aclamação unanime dos povos; mas como o negocio não anda como elles querem, eis porque os bicharocos têm umas cousas que se parecem com coegas ou ciúmes. Mas elles para disfarçarem o que lhes vai lá por dentro, dizem: nós somos amantes e apreciadores das letras e por isso gostamos de criticar o que ha de bom e de máo em qualquer jornal.

Ah! pobres letras! se os vossos amantes são aquelles que mais trabalham para a vossa morte e descredito, então o que direi d'aquelles que vos têm odio?

E' tal a resposta que vos poderia dar, que deixo adv'nhal-a os leitores de bom senso.

Os taes farrroupilhas, n'um bello dia de verão em que o sol dardejava seus ardentes raios sobre a terra, e que haviam sonhado com Bicho, empunharam a penna, e uns quiseram ser poetas, outros prosadores e outros pavões, ao passo que só eram simples gralhas, foram por fim descobertos e suas asneiras e plagios ficaram expostas á irrisão publica: eis porque os amantes das letras de um só dia, tornaram-se seus inimigos eternos.

A poesia, donzella milindrosa, faceira e delicada, repellio para longe com a pontinha de seu pé de anjo, as amabilidades d'esses grotescos empaturados; a prosa que pelos seus sérios atractivos se parece alguma cousa com essas solteironas que a todo transe querem se casar, também não aceita as ofertas de casamento (apesar da idade) e deitou para longe as pretensões de semelhantes amolladores, e finalmente os homens de bom senso responderam a esses maltrapilhos com os seguintes versos do velho Esopo:

*Ne gloriari libeat alienis bonis
Suoque potius habitu vitam degere.*

Santa Barbara! São Jeronimo!

Isto foi o mesmo que uma explosão volcanica: os homens tremaram de raiva e se morderam quees energumenos, e para se vingarem da sua má sorte se alistaram nas fileiras de Belzebub.

Oh! desgraça! não poder ser poeta, nem prosador, e nem ao menos plagiario!

O' terque, *qualerque infelix*. Os amantes tornaram-se então inimigos e começaram a despir nas praças publicas aquellas que haviam repellido os seus asquerosos beijos.

Se o facto é assim, lembra-nos o verso do gran de Propereio:

«Nulla sunt inimicitia nisi amoris acerba», verso que foi paraphraseado pelo immortissimo poeta italiano, Mestlataze, quando disse:

Odio que nasce d'amor
E' odio mais refinado.

Mas seja lá como fór o negocio, o que sei é que os taes *finorios* fazem guerra, aos chronistas, á poesia, á prosa, & &, só por detraz das costas, e nem sequer apparece um desses cujos em publico, mostrando com argumentos judic'iosos onde é que estão os erros, ou as bellezas. Pobres diabos!

Com esta maneira de proceder dão prova de não terem prestimo algum e que só têm geito para alvitreiros e porem galinhas no chόco.

Estes criticos só podem ser comparados aos namorados que se mettem á poetas e que dizem sem cerimonia, que hão de fazer versos as suas Dulcineas apenas as avistem ao longe, mas que, quando chegam perto d'ellas, só dizem asneiras.

A esses senhores dedico a seguinte decima, para recitarem quando virem as suas *queridas*, affiançando desde já ao Sr. *Vero Zero*, que ella foi feita só para espantar amolladores.

Eis o presente:

Quero abrir-te este meu peito,
Quero a lingua desprender,

Não sei o que heide dizer.
Perco expressões e conceito,
Busco modo, busco geito,
E cada vez sou mais rudo.
Se alguma fineza estudo,
E vou para te expressar,
Principio á gaguejar,
Fico tolo e fico mudo.

Emfim, caro e amigo Confucius, quem mais parece são os chronistas; paciencia, paciencia; o que se ha de fazer? Nós não somos patacão de valor antigo; ah! se o fossemos, então todos gostaríamos de andar connosco nas algibeiras, e de vez em quando tomariam-nos o cheiro. Mas infelizmente acontece o contrario.

A' respeito de cheiro, faz-me lembrar uma passagem da historia, que tem aqui a sua applicação perfeita.

Resam as chronicas dos tempos aureos do romano imperio, que Vespaziano guardou em toda a sua vida rigorosa simplicidade, porem que, quanto a negocio monetario se mostrou sempre muito economico, razão porque os seus contemporaneos exprobaram-lhe a avareza.

Seu filho Tito, vendo o crear o ignobil imposto chamado *chrysagira*, disse-lhe que não obrava bem, pois assim opprimia cada vez mais o povo com taes extorsões; porém Vespaziano chamando-o de parte apresentou-lhe uma moeda recentemente cobrada e perguntou-lhe:—Isto tem máo cheiro?

Diz se que depois deste facto seu filho nunca mais o reprehendeu por causa d'esse imposto, e d'ahi em diante sempre gostou de tomar o cheiro das moedas.

Vê, Confucius, quanto poder tem o ouro. Ah! se fossemos um patacão d'aquelles antigos, do tempo de D. Manoel, o Afortunado, por exemplo, então todos esses paladores viriam contentes tomar o nosso cheiro.

—No dia 27 do mez passado deitou-se a cumieira do palacio episcopal, e por essa occasião houve regosijo em todos os corações que têm amor ao progresso desta terra.

Ha muitos annos que não se levanta um edificio em Maranhão, tão importante, como este; pois como é sabido, o progresso material é completamente nullo nas provincias do norte, sendo tudo isto devido ao desleixo do governo central, que tudo absorve em seu terrivel abdomen. Quando por ventura acontece levantar-se um edificio desta ordem, o povo admira-se, fica embasbacado, e com justa razão.

—O Sr. Martins, o *carnavalesco* por excellencia, tem dado bailes de mascaras na casa em que foi hotel do Sr. Porto, e, segundo tre informam, têm sido concorridos.

—Na madrugada de 26 do passado deram as torres signal de incendio e promptamente foram mandados soccorros para o lugar do sinistro, que foi em uma quitanda que fica nas immedições do Cruzeiro de Santo Antonio, e poucas horas depois estava o fogo completamente extinto.

—Não tendo mais nada á dizer-te, caro e amigo Confucius, deito ponto nesta, que já vai longa.

Teu amigo
Democrio.

Declaração.—Havendo a redacção d'este jornal recebido um artigo, sob o titulo de *defeza de Azimio*, intentada por *Nihilitas*, em contraversia a um precedentemente publicado, declaramos ao seu autor não ser possivel a publicação do mesmo artigo por ser concebido em estylo demasiado mordaz, prodrio a fazer por meio d'uma defeza ridicularisar aquelle de quem *Nihilitas* se intitula defensor.

AVISO.

As pessoas que não sendo assignantes desta gazeta receberem este numero, o 1.º do 3.º trimestre, deverão devovel-o até o dia 7 deste mez, á rua Formosa, n. 40, ou a rua da Moqueira, n. 12, caso não queiram dar-nos a honra de serem nesses assignantes.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ...est ja fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Sexta-feira, 11 de fevereiro de 1876.

NUMERO 20

Rogamos a todos os nossos assignantes, que estão em debito, o obsequio de saldarem suas contas, pois, repetimos, com a falta de dinheiro multiplicam-se as difficuldades com que luctamos.

Sobre a disciplina escolar e a litteratura.

(Continuado do n. 28.)

Convem pois que, em vez de nos dirigirmos a gente, em quem aliás a ignorancia de principios costuma socorrer-se ao silencio, como a covardia á prudencia, nos dirijamos logo a gente, que não pode deixar duvida alguma sobre o conhecimento do que é *cultura de lingua*, pois que pode ufanar-se de ter uma Academia digna do seu titulo, porque tem sempre, desde o seu principio, sabido mostrar que comprehendeu a sua alta missão.

FOLHETIM.

Acudam ao Zoilo !

DIALOGO COMICO-TRAGICO.

A scena representa um quarto da casa de Azinio. Ao fundo vê-se um leito, em que este jaz moribundo. Junto de uma meza Zero prepara uma chavena de tisana para o enfermo, e no primeiro plano conversam Zoilo e Aristarco.

Aristarco. Critico sublime e sentencioso, recebe os meus parabens pela magna obra que na Mocidade produziste !

Zoilo. Muito agradecido; teus parabens vem engrinaldar minha fronte com um louro mais vidente do que aquelles, que, até hoje, tenho conquistado na carreira litteraria.

Aristarco. Nem tanto ao mar, meu caro amigo... Se te dou parabens não é para te corôar de louros, e sim para...

Zoilo. Para que ?

Aristarco. Para deminuir um pouco a dôr do golpe, e não te vou dar.

Zoilo. Um golpe ?...

Aristarco. Sim, um golpe, e um golpe d'esse azorrague critico, de que fallaste, que agora vou brandir para te fustigar.

Zoilo. Tua mão não terá firmeza, e elle se voltará contra ti.

Français ! c'est à vous que nous nous adressons, en soumettant et à votre grammaire et à votre bon sens le morceau précédemment rapporté en traduction, comme un échantillon du mérite littéraire de l'un des premiers *étandards* de la moderne littérature portugaise ! Voyez si vous avez chez vous des écrivains, qui sachent rendre leur littérature aussi *admirable* par de pareils tours de phrase, et des auteurs, qui puissent y exceller autant par un pareil système de raisonnements ! Tenez, chez ce littérateur, dont l'*Académie des Sciences de Lisbonne* se montre si fière, une expression adverbiale de *simultanité d'action* peut mettre en pareil rapport grammatical le *futur* avec le *présent*, voire : « Pendant que les beaux yeux sourient... la main délicate *donnera*... etc. ! » Chez lui, pour restreindre la signification d'un nom qui doit exprimer *un seul corps*, indiqué du doigt, ou des yeux, il faut une pluralité de *Gladiateurs* ! Aussi *une main*, donnant un signal, peut nous donner à la fois l'idée de plusieurs personnes (femmes apparemment), que nous verrons d'ailleurs se dérober à la vue des assistants, pour

Aristarco. Já dissaste isso, meu caro, e a repetição torna-se inutil, não só porque aborrece, como tambem por ser um disparate.

Zoilo. Como assim ?

Aristarco. Vou dizer-t'o. Uma mão pouco firme, que brande um azorrague, o mais que pode fazer é deixal-o cahir, e não voltar o contra si, porque esse vergar de que fallas só pode ser produzido pela demasiada força empregada para o vibrar. A falta de firmeza da mão, que revela fraqueza, não pode produzir esse resultado

Zoilo. Mas...

Aristarco. Aqui não ha mais; foi essa uma das muitas pequices, em que te deixaste cahir; levado pelo desejo de te apresentares como mestre na materia, de que tratavas, foste commetter erros ainda peiores, do que os do teu antagonista Zero. (á parte) Lá isso é verdade.

Zoilo. Alto lá !...

Aristarco. Mais, uma repetição que tambem pecca. Não te contentaste em peccar na justeza da comparação, quizeste ainda apresentar uma contradição entre dous períodos teus. Dizes n'um que *alguem fará retróceder Zero*; tomas o lugar d'esse *alguem*; mandas-lhe fazer alto isto é, parar; e tudo isto sem te lembrares que o teu proposito era *fazer-o retroceder*, e que parar é uma cousa inteiramente *diferente*. Proposeste-te um fim, e foste faltar ao teu proposito, indo batern'outro alvo. Isto não se concebe...

Zoilo. Porem...

aller se plonger dans les plaisirs ! Mais où les verrons nous ? Ce ne sera dans le tableau d'aucun récit étranger, où l'auteur nous renvoie, et où alors les faits pourraient se succéder, mais bien dans le seul tableau *présent*, que l'auteur, lui-même, expose aux lecteurs, et qui se trouve tout renfermé dans ee même cadre, pour être regardé tout d'un coup !

Et que peut vous sembler la *vente de l'infamie* ? ! Il nous semble, à nous, que plus on se travaillerait à trouver da la justesse dans ce jugement, plus l'idée devrait sembler bizarre, car en pareil cas ce qu'on pourrait vraiment vendre ce serait l'*honneur*, et on se saurait trouver l'infamie que dans le prix en or, que l'on *accepterait* en échange, Mais si c'est, en vérité, l'*infamie* que l'*époux vend*, comment peut-il se faire que, après avoir compté les profits du *deshonneur silencieux*, il *accepte l'infamie comme une grace* ? ! Le cas est un seul pour le sujet : *vend-il l'infamie*, ou l'*accepte-t-il* ? Morbleu ! il faudrait être bien stupidement engoué du littérateur pour ne pas avouer que ces deux jugements du moins se trouvent en aussi parfaite con-

Aristarco. Nada tens a replicar n'este, nem nos outros pontos, de que vou tratar. O azorrague não baterá em vão.

Zoilo. Não sejas inexoravel...

Aristarco. Mais outra repetição disparatada !... Se tu não me supplicaste ainda nada, como é que eu posso ser inexoravel ? Já no teu escripto vi essa pal-vra mettida a martello, e agora pergunto-te em que sentido a empregas. *Inexoravel*, como podes vel-o na sua etymologia, significa que *não cede a supplicas*; se Azinio não supplicou Zero, se tu me não supplicaste, como empregar essa palavra ?

Zoilo. São descuidos, porem tu tanges demais o azorrague...

Aristarco. Por Jupiter ! não podes abrir a bocca senão para dizer mas uma asneira ! Deves saber que *tanger* é synonymo de *tocar*, e que portanto tange-se alguem com um azorrague, e não se *tange* o azorrague, como erradamente disseste.

Zero (á parte). Estou-me regalando com isto !

Zoilo. Mas a oratoria...

Aristarco. Qual oratoria, meu menino ! Será acaso a tua ? Mas essa eu não a conheço; tal entidade é para mim ainda um mytho, porqueno teu escripto de maneira alguma se revela.

Zoilo. Porem o periodo grammatical e o oratorio...

Aristarco. Qual periodo ? ! Pois se tu foste até confundir o periodo com o paragrapho, quando fizeste considerações sobre o escripto de Zero, atre-

tradiction, que *l'acceptation* s'y trouve avec la *vente*! Passons le *deshonneur silencieux*, en l'abandonnant à la stupide présomption *silencieuse*; mais comment diable le diverce peut-il être *le terme de la corruption*, pour qu'on ne s'en étonne point?! Ce que nous y trouvons de véritablement étonnant c'est que le *moyen* de porter la corruption ao comble en soit considéré *le terme ordinaire*! En vérité, ce jugement fait bien le pendant des deux précédents, et prouve que l'auteur, tout en se mêlant de raisonnements, ne savait guère raisonner sur le choix des mots, qu'il lui fallait employer! A moins qu'on manque de la conscience de son ignorance, on ne pourrait s'entendre si mal en philologie, sans trop abuser de l'ignorance de ses appréciateurs.

Voilà ce qu'a fait un *chambrette d'erudits*, qui, sous le beau titre d'*Académie*, fait la loi à la littérature, s'étant arrogé le droit de cultiver la langue du pays! Sans savoir comment s'y prendre, elle n'a fait, et ne fait toujours, qu'en empêcher la culture par la confusion et l'abrutissement, que cause le caractère extravagant, qu'elle n'a cessé d'imprimer à la littérature! Chez les Français la culture de la langue consiste à définir l'idée attachée au mot, à fixer l'intention étymologique du synonyme, à démêler les locutions équivoques, à déterminer le sens particulier à la phrase, à en constater les différents tours, pour les convenances qu'il faille observer pour l'expression d'une même pensée, selon qu'elle doit être grande, ou sublime,—naturelle, ou figurée; chez les Portugais elle consiste à composer des livres pour trafiquer avec! Si ce sont pour instruction, il faut qu'ils passent pour très bons, quoiqu'ils manquent d'art, et même de science; si ce sont pour agrément, il faut qu'ils passent pour très beaux, quoiqu'ils manquent de goût! L'Académie

Française a produit une grammaire et un dictionnaire, deux chefs-d'œuvres d'illustration, dignes du nom qu'ils portent, parce qu'ils renferment dans leur ensemble le code philologique de la langue nationale, sur l'autorité duquel, basée sur des principes, peut s'appuyer toute sorte de critique; l'*Académie Royale des Sciences de Lisbonne*, n'ayant ni dictionnaire ni grammaire d'un pareil genre pour les questions de littérature, il faut que les autres littérateurs s'en rapportent au dire des Académiciens, qui commencent par faire eux-mêmes une preuve de ce que leur *Académie des Sciences* manque de la science de la langue! Et toutefois cette *Académie* est censée cultiver la langue, parce que ses membres, ayant le droit de s'improviser *auteurs*, ont aussi celui d'être estimés *les sages de la nation*, et par conséquent de faire la loi à la littérature, rien qu'en se prononçant en style boursofflé sur le mérite des ouvrages soumis à leur critique! En vérité, s'il ne fallait avoir une Académie que pour jouer un si triste rôle, il vaudrait mieux ne point en avoir du tout! Une nation civilisée, qui manque d'une académie pour la culture de la langue, est fort à plaindre; mais n'en avoir une que pour montrer qu'elle ne sait pas accomplir sa mission, en remplissant ses devoirs, c'est prêter à rire. Est-ce cultiver une langue que de composer des ouvrages sur des sujets différents? Autant vaudrait dire que c'est cultiver les fleurs d'un jardin que d'en faire des bouquets! Est-ce bien cultiver une langue que de spéculer sur l'ignorance philologique de ses compatriotes, se mettant à encenser ses associés pour les ouvrages qu'ils composent pour leur profit particulier, ou peut-être pour le profit de l'association constituée sous le non d'*Académie*? Est-ce remplir le rôle d'*Académiciens* que de s'as-

sembler, à ce qu'on dit, deux fois par an pour faire le compte des livres, qui aient été vendus, et en partager le montant? Il faut qu'une société soit fort brutie, et fort corrompue, pour consentir à tant d'indignité! Quelle idée se faire d'une société, ou, pour mieux dire, d'une nation, où la cupidité, l'avidité, et l'égoïsme, étouffent tout sentiment de honte chez ses Académiciens, qui en agissent ainsi sans aucun ménagement? Qu'ils croient l'avoir rien à ménager pour leurs compatriotes, dont l'aveuglement, leur assurant le respect, leur donne la sécurité, va; mais ne fallait-il pas aussi avoir quelques égards pour les étrangers, qui observent tout chez les peuples, et qui estiment leur civilisation et leur illustration d'après les monuments, et de leurs hommes de génie, et de leurs littérateurs? Ces gens nous diraient pour toute réponse, s'ils *daignaient* nous en faire une: *Eh bien! surmontez l'ignorance, qui nous fait regarder comme les oracles de la langue, et venez nous arracher l'autorité, en nous enlevant le prestige, si vous le pouvez!* mais qu'auraient-ils à répondre à qui aurait le droit de leur demander; *Est-ce par l'abrutissement et par la corruption de la langue et de la société, que les peuples peuvent se relever?* Voici la seule réponse, qu'ils pourraient faire pour se justifier: *Nous avons fait ce que nous avons pu, et bien prend à nos souverains de droit divin que nous n'ayons pas pu en faire davantage. La révolution française a été trop éloquente pour ne point avertir l'église et le throne de se mettre sur leurs gardes, et de chercher à ressaisir toutes les brides des états, pour ne plus les laisser échapper de leurs mains. Nous ne savons d'autres moyens d'y parvenir que par l'abrutissement des peuples, qui serait impossible sans leur corruption vu qu'il faut y intéresser beaucoup de*

ves-te agora a fallar d'aquillo de que não pescas nada. Não falles mais em oratoria e em grammatica, se não queres que te prove que n'essas materias és completamente ignorante.

Zoilo. Tal positivismo não me agrada, e...

Aristarco. Farei contigo o mesmo que pretendeste fazer com o outro. E' a pena de falido. Não tens portanto motivo de me arguir por assim proceder.

Azinio. (com voz fraca). Com quanto a expirar, esta discussão me alivia do horror dos meus ultimos momentos.

Aristarco. Vê, até o doente me apoia.

Zero. Por recompensa vou dar-lhe esta tisana que acabo de preparar. Quero ver se consigo curar os males, que causei (aproxima-se do doente que engole a tisana fazendo uma careta parecida com as de Rossignol, o rapsodista.)

Zoilo. Mas, já que me criticas, resolvo agora apegar...

Aristarco. Apre! que grammatica! resolvo apegar!... que boa construcção de phrase!... Quem te ensinou essa syntaxe?...

Zoilo. Foi...

Aristarco. Foste tu mesmo; só de ti podia sahir esse prodigio... Na verdade mereces por tal motivo um digno premio.

Zoilo. (arrebataado). O Pantheon me espera! Aristarco. Com a tua carga de sentencioso estylo, não é assim?

Zoilo. Olá, se é!

Aristarco. E tambem com os pontos e virgulas, de que tanto abuzaste, e com o mais da tua exotica pontuação, que tratado algum de grammatica poderá justificar?

Zoilo. Nenhuma grammatica poderá justificar?...

Aristarco. Sem duvida; e se pretendes acaso provar o contrario do que digo, diz-me em que tratado de Orthographia aprendeste a separar com ponto e virgula orações absolutas approximadas, cujos juizos, não só se não incluem uns nos outros, como tambem se não acham em opposição. No teu primeiro periodo poderei fazer notar este dislate.

Zoilo. Porem cada um pontua como quer.

Aristarco. Isso é para os escrevinhadores, que não sabem aonde teem o nariz, mas para ti, que te arvoras em critico, não é permittida semelhante desculpa. Tu, que ousaste metter-te em critica, dever ter titulos que abonem a tua sapiencia; e escrevendo apenas por gosto, sem o conhecimento das regras e dos principios, que presidem a boa composição orthographica, annunciaste-te ainda mais zero do que aquella sobre quem desabou o teu furor litterario.

Zoilo. Mas o publico não dá por esses erros...

Aristarco. Se o publico não dá, dou eu, e eu não perdo o teu fiasco. Zero cahio, como disseste mas tu cahiste ainda peor. Elle, pelo menos se não mostrou sentencioso, mas tu vieste como mestre, e sabiste de uma forma inqualificavel... Não quero a esse proposito lembrar certo proverbio popular,

porque não desejo suscitar-te as iras, mas sem que o diga tu o comprehenderás.

Azinio (com voz rouca). Esta é ainda peor do que as que se me teem dito.

Zoilo. Confesso, nem mesmo posso detxar de confessar que pequei tanto na oratoria como na grammatica; mas nas censuras, que dirigi a Zero, fui justo e logico.

Aristarco. Nem tanto assim. Na definição, que citaste, e na conclusão, que d'ella tiraste, erraste completamente.

Zoilo. Como?

Aristarco. Já t'o digo; diz-me porem primeiro: o que é definição?

Zoilo. E'...é... Não me lembra agora quem citar...

Aristarco. Já vejo que só em citações abundas, mas que para definir não tens os necessarios principios. Vou portanto dar-te uma definição de definição.

A definição é o enunciado destinado a dar a idéa exacta de um objecto ou a esclarecer o sentido de uma palavra.

Concordas?

Zoilo. Sim.

Aristarco. Pois bem; vamos ver se a definição, que citaste, se acha no caso de poder ser considerada uma boa definição.

Recita-a.

Zoilo. Verso ou metro...

Aristarco. Sustem-te. Não admitto que essas pa-

monde. La confection de la tour de BABEL empêchée par la confusion des langues, nous fait bien voir que le progrès ne peut être empêché que par la confusion dans les langues. Pour réussir à dérober aux peuples les lumières, qu'ils avaient conquises il faut les empêcher de se comprendre chez eux mêmes, tout en flattant leur vanité. Sous ce rapport nous avons fait plus de progrès qu'aucune autre nation, car nous avons la gloire, très peu commune entre les peuples, d'entendre appeler GERBES DE LUMIÈRE les poignées de poussière, que nous nous jetter aux yeux de nos élèves. La preuve c'est que dans la France même le crédit de notre sagesse a haussé de la baisse de celui de la sagesse de la France dans les autres nations.

(La fin aux prochains numéros.)

Escuta!

Visão celeste! encantadora fada!
Anjo mimoso que meus passos guia!
Ave formosa que transpõe o espaço
Nas leves azas de gentil poesia!

Astro brilhante que surgindo ao longe
Banhas a terra com o teu clarão,
Escuta ao pobre trovador que geme
Escuta as magoas de seu coração!

Escuta o ente que galgando firme
O immenso abysmo que lhe deu a sorte,
Errante corre qual baixel sem leme
Buscando ver-te sem achar um norte!

Escuta as notas que seu peito solta
—Sentidas queixas de ardente amor—
Acolhe os rogos que su'alma envia
Entre os transportes de cruenta dor;

Escuta, escuta a confissão que ha muito
Não pôde o peito para mais guardar;
E'—chamma ardente que lavrando n'alma
Abraza tanto que até faz chorar;

Escuta, ó virgem! por piedade imploro,
O triste threno que a teos pés depuz;

lavras signifiquem a mesma cousa; a differença que entre ellas existe, é a mesma, que a que medeia entre o *todo* e a *parte*; e tanto que os gregos e os latinos chamavam *dimetros*, *trimetros*, *tetrametros*, *pentametros*, *hexametros*, e *heptametros*, os versos que respectivamente constavam de dois, de tres, de quatro, de cinco, de seis, e de sete pés. *Metro* é synonymo de *pé*, e não de *verso*. Continua.

Zoilo. ... «é um ajuntamento de palavras.

Aristarco. Para. Até aqui não ha definição, porque na prosa não pode haver outra cousa. Prosegue.

Zoilo. ... «e até em alguns casos uma só palavra...

Aristarco. Espera um instante. O mesmo se dá em prosa, particularmente quando se responde ao seu pensamento, ou ao de outrem. Adiante.

Zoilo. ... comprehendendo determinado numero de syllabas...

Aristarco. Tambem isso pertence á prosa, sem o que não haveria necessidade de considerar n'ella o *rhythm*, chamado *numero oratorio*, e até o *metro*, pois que em toda prosa se pode considerar *pés*, e reduzir-a a *versos*, segundo a autoridade de Quintiliano citando a de todos os rhetoricos gregos e latinos. Continua.

Zoilo. ... com uma ou mais pausas obrigadas...

Aristarco. Isso tambem acontece em prosa, e até em toda a palavra, pois que n'ellas ha pausas

Vem, me soccorre, que prostrado caio
Ao péso enorme de tão grande cruz!

Vem, dá-me um riso! que renasça a espraça
Que tantas vezes suspirei na lyra,
Vem! Que alegre se me torne a vida
Vem, vem depressa que te espero Elvira!

Maranhão 30 de janeiro de 1886.

Paulo Pereira.

Corre!

A!...

Celeste archanjo que m'inspiras n'alma
Amôr ardente, divinal paixão,
Corre, que soffro, vem me dar alivio,
Calmar as dores do meu coração!

Não vês que soffro, que minh'alma soffre,
Soffre meu peito a desprender gemidos?
Soffro e não choro, porque faltão prantos
Aos olhos d'alma que me são tão fidos!

Soffro, donzella, meu soffrer é grande:
Sim! pois que ás vezes o meu peito geme;
Qual geme o barco que atirado ás aguas
Luta co'as vagas lhe faltando o leme.

Soffro, donzella, porque tu não queres
Se quer olhar-me, dar-me um riso teu;
Soffro, donzella, como soffre a rôla
Que chora o espôso que, gentil, perdeu!

Soffro, donzella, e co'o soffrer o pranto
D'istante a instante dos meus olhos cae;
E do meu peito que, arquejante, soffre
Doce gemido, se desprende e sae!

Assim, archanjo, que m'inspiras n'alma
Amôr ardente, divinal paixão;
Corre que soffro, vem me dar allivio,
Calmar as dôres do meu coração.

S. Luiz—1875.

S. L.

A certa poetiza.

Mulher, escuta de minha lyra critica
Agudas notas que sagrar-te vou,

obrigadas, particularmente as que resultam do a cento predominante. Avante.

Zoilo. ... «de que resulta uma cadencia aprazivel.

Aristarco. Nem sempre, e tanto isto é verdade, que os versos de Azinio (Azinio geme) raras vezes apresentam essa cadencia aprazivel. Se assim fosse, então não haveria versos senão perfeitos, o que é falso, porque o verso não deixa de ser verso por falta de perfeição. Isto prova-se pelos epithetos de *bons* ou de *maos*, que se lhes dá, e, se sempre fosse propriedade do verso ser perfeito, tais denominações seriam desnecessarias.

Zoilo. Se o digo, tenho por mim a autoridade do grande Castilho; e eu desejava ver uma definição tua mais bem concebida do que a d'elle.

Aristarco. E eu apoio-me em todos os rhetoricos e poetas antigos, de nomeada cujas autoridades ainda mais se recommendam, do que a que tu tão mal a proposito evocaste. Emquanto a dar-te uma definição melhor do que a d'elle, dir-te-hei que a minha será mais clara e exclusiva. E' a seguinte:

Verso é uma locução poetica, escripta n'uma só linha, cuja quantidade syllabica é particularmente sujeita á lei do *rhythm*, ou regulada por certa qualidade de pés ou metros.

Tens alguma cousa que dizer a esta definição?
Zoilo. Veremos... veremos... Não me dou por vencido.

Aristarco. Estás no teu direito; mas se continuares na peleja, previno-te que d'outra vez não

Conselho sabio qu'em suas cordas tibias
Amigo éstro com prazer vibrou.

Acaso agora, quando o inverno gelido
Do fim da vida sobre ti já paira,
Mulher, pretendes modular os canticos
De musa joven que d'amor desvaíra?

Sonhas acaso, ó medonha furia
Os verdes louros do jardim da gloria?
Queres um nome nas douradas paginas
Em verso escriptas no Pantheon da Historia?

Misera louca! n'esse fragil craneo
Não luz do genio a divinal scentelha;
Ver-te poetisa! causa mesmo tédio
A fazer versos uma tola velha!...

Vamos Tisiphone presta agora ávida
Muita attenção a um paternal avizo:—
Aos moços deixa a mania poetica,
Obter procura muito mais juizo

Raoul de Sabigny.

Sonhei com Zero...

Eu sonhei... Será verdade?
Hontem a noite—inda era cedo—
Que calefrios (maldade!)
Senti de susto e de... medo...

Ai! meu Deos! que vil tyranno!
Descabellado judeu...
Homem cruel! deshumano!
(Não é comtigo, Morphêu).

Eu sonhei que o amigo Zero
Co'o gracejo se zangou
E, p'ra «Mocidade» vero
Despique hoje preparou...

Ai!... eu sonhei que, aturdido,
Li a «Mocidade» a tremar,
Pois o homem, enraivecido,
Dava-me tunda a valer!

Por páos, por pedra elle dava,
(Se algum lhe estava aticando)
Minhas phrases alterava,
A seu talante arranjando.

«Desalmado!—bradei eu—
Marôto!...nem sei que digo...

te pouparei, como agora faço, e que então reduzi-ret a tua pretensa oratoria, a tua grammatica, e a tua logica, á expressão mais simples, isto é, a zero.

Zero. Peço-te que não sejas tão violento. Porem parece que o doente está peorando. (approximam se de Azinio).

Azinio (com voz tremula). Agradeço-te, Aristarco, por haveres rehabilitado a minha composição. Com quanto não esteja boa, sempre são versos. Obrigando; morro mais descansado por ver que me fizeste justiça. Agora vós, Zero Zoilo, approximativos de mim; eu vos perdôo o haveres causado a minha morte. Em paga do meu perdôo mandai rezar algumas missas por minha alma... E tu, Aristarco... adeus. (Expira. Zero fica na attitude do algoz e perante a victima, que acaba de prostrar: Zoilo esconde-se debaixo da cama prerompando em soluços, e Aristarco levanta os olhos para o céu, offerecendo-lhe em sacrificio os dois numeros precedentes da *Mocidade*, que queima com um phosphoro)!!!

Tal foi a scena lamentavel, da qual, infelizmente fui actor.

Escrevi-a para servir de exemplo áquelles que, sem principios fixos, e sem regras de escrever, se entregam a tão penoso labor. Possa ella servir de correctivo aos muitos escrevinhadores, que na presente época se incumbem de prostituir a litteratura patria.

Aristarco.

Vejam ! este ingrato em que deu !
—Investir contra um amigo !

Ai ! gentes ! o caso é vero, ?
Ou um falso pesadelo ?
—Até convencer me quero
Que dão-me cabo do pelo...
Zoilo.

A. F.

A vida é curta e de illusões é cheia,
E' sonho louco, que amanhã nos traz,
E' nuvem clara, que no ceo fluctua,
E o vento norte logo após disfaz.

E' o canto ameno que se ouve ao longe,
E' a voz da lyra suspirando ais,
E' a vella branca, que no horizonte corre,
Ligeira foga, não se avista mais.

A vida, e a dor e o prazer unidos
Por um laço forte que ninguem desata,
Se hoje o prazer nos abate a dor,
Amanhã a dor o prazer nos mata.

A vida a flor que no jardim se ostenta
Bella e viçosa, quando a manhã nos vem,
Porem que á tarde, de sorrir cançada,
Perdido o riso e a belleza tem.

A vida é curta, e de illusões é cheia,
E' o echo triste, que nos faz chorar,
E' o raio languido da luzente estrella,
Que vai tombando se esconder no mar.

B. S.

COLUMN TELEGRAPHICA.

MARANHÃO, 11 DE FEVEREIRO DE 1876.

Festas e diversas considerações a respeito.—Pouco juizo em materia de bonds.—O *berri-berri* e o *Doutor Assumpção*.—O *entruado*, *Balcofiro* e o 1.º andar.—Em que se prova o quanto tem de original um *folhetinista*.—Diversas interessantes contradanças.—O lyceo tambem em contradança.—Considerações, representações e opiniões suscitadas pelas contradanças.—Alegria e tristeza.—Um importante privilegio.

Caro Democrito.

La dizer-te que estava á procura de assumpto para começar estas linhas, quando o estalo de um foguete, que acaba de subir ás regiões aereas, veio fazer me lembrar das festas que ultimamente têm havido nesta boa terra. E assim, em falta de outro mais importante, seja o nosso primeiro assumpto *festas*.

Mas que festas são essas de que vamos nos occupar ?

Sei perfeitamente que já adinhaste, hem como todos os illustres assignantes desta gazeta (se quem devesse não tivesse jus a *illustre*, eu não podia chamar illustres a todos os assignantes da *Mocidade*...) quaes são as taes festas, porque nós aqui quando fallamos de festas já sabemos que ellas são necessariamente de igreja.

E como deixar de ser assim, se o nosso povo já lembrou se de santificar até uma Anninha e uma Senhora dos Remedinhos, só com o fim de augmentar o numero das festas de igreja ! Se elle entende que ainda não bastam as festas de N. S. dos Remedios e de Sant'Anna, e quer portanto mais uma em honra de N. S. dos Remedinhos, e outra em honra de Sant'Anninha !

Mas, dando de barato a digressão que vou fazendo, o que me admira, Democrito, é que o nosso povo esteja doudo ao ponto de não poder considerar que taes festas, longe de agradarem aos santos em honra de quem são feitas, podem até agastal-os, em razão de suscitar-lhes um tratamento que de maneira alguma pode assentar em entidades dignas de toda a veneração.

E se cabimos na asneira de querer justificar-o, devemos nós tambem ser considerados como carecendo de bom senso para julgar que N. S. dos Remedios e Sant'Anna, ambas da corte do ceo, têm, como as santas da terra, a vaidade de querer um tratamento no diminutivo; ou então para

snoportar que N. S. dos Remedios e Sant'Anna são de baixa estatura, o que ainda é maior disparate, pois o espirito não tem dimensões.

No entanto não seja a pobreza de espirito do povo causa bastante para que não conversemos mais detidamente sobre as festas, e assim comecemos pela de N. S. do Bom Parto, que, como sabes, teve lugar na igreja da Conceição (não tarda que alguém se lembre de uma igreja de N. S. da Conceiçãozinha, para fazer numero par com a de Sant'Anninha.)

A não ser os fogos de vista e foguetes nada mais vi, fóra da igreja, digno de menção.

Conversemos pois sobre os fogos de vista, e dizendo tão sómente que elles estiveram bastante *amoladores* pela grande quantidade de fumaça que deitavam, elogiemos ao Lonrenço, que, segundo me informaram, foi o seu fabricante, e passemos aos foguetes.

Irra ! se pode haver uma razão para chamar amoladores aos fogos de vista, como classificarei o foguete, sempre e sempre incommodo ?

Haverá maior *amolação* que a de um foguete ?

As bombas *amolam* os nossos ouvidos; as flechas nos *amolam* a vista obrigando-nos ás vezes a olhar para cima com o fim de sabermos desviar dellas do nosso corpo; e para um tal desvio é preciso tambem ás vezes *amolarmos* as pernas com uma ou outra carreirinha.

Não ficam ainda ahi as importantes *amolações* dos foguetes, e estas são as razões porque impliquei com os taes, a ponto de jurar-lhes guerra de morte; e como foguete e fogueteiro são individualidades que não podem ser separadas, guerra jurei tambem aos fabricantes dos foguetes, embora desista de auxiliar a *Mocidade* algum Sr. fogueteiro que por ventura seja seo assignante.

E' pena que todos os mordomos não pensem como eu, porque então só aceitariam o cargo com as seguintes condições:

- 1.ª principal.—Para logo seria riscada do programma do festejo a *amolação* dos foguetes.
- 2.ª—As trocas de medidas seriam abolidas por incompatíveis com a decencia e moralidade que deve exigir o culto externo.
- 3.ª Durante a festa, as *esmolas* que tivessem de ser ofertadas aos santos, seriam antes dadas aos pobres miseraveis, verdadeiramente mais necessitados dellas.

Com a primeira condição o povo passaria mais tranquillo no largo.

Com a segunda, os homens da bom senso e amantes da instrução e do progresso ficariam menos envergonhados em sua terra.

Com a terceira, finalmente, até os santos alegrar-se-hiam, vendo exercida a caridade.

A festa de N. S. dos Remedinhos melhor teria corrido se os conductores de bonds tivessem se compenetrado de que não deviam fustigar a paciencia da gente, fazendo seguirem os bonds alem da igreja, de fronte da qual, onde assentam os trilhos, estava sempre apinhado o povo, que então via se na necessidade de correr ou retirar-se precipitadamente.

A explicação que achei melhor para um tal *pouco juizo*, foi a que me deu o *Doutor Assumpção*: «Nunca esqueci-me de trabalhar em prol da humanidade, disse-me elle, e assim consequi do gerente da companhia de bonds uma ordem neste sentido, afim de que o povo, fazendo um exercicio forçado, se preserve do terrivel *berri-berri*, sobre o qual, logo accrescenton, estou fazendo um tratado especial, circunstanciado da sua origem, symptomas, tratamento, etc.» Deus o ajude.

O que tambem não esteve muito bom foi a chuva com que terminou o ultimo dia da festa. Muita gente vi eu bem *arrufada e burrifada*.

Consta, porem, que houve quem lucrasse com ella, e foi o folhetinista do 1.º andar, que d'ahi vai tirar um ponto de partida para bater a Balcofiro na parte em que se pronuncia contra o brinquedo do *entruado*, argumentando então que até N. S. dos Remedinhos brinca o *entruado*, molhando o proprio povo que vae visital-a em sua igreja.

Realmente ali é que mora a originalidade ! A prova tem-na tu no que fica dito, e ainda na maneira porque pretende o folhetinista apresentar-se

mascardo pelo carnaval. Alem de outras originalidades, o folhetinista enfiará *uma caneta de ouro* n'uma orelha de burro, prescindindo ao mesmo tempo de usar do nariz, bocca, etc. deste animal para que possa impedir o tornar-se conhecido.

Essas cousas foram por elle contadas confidencialmente a um amigo, este por sua vez contou-m'as confidencialmente e é confidencialmente que eu t'as conto agora tambem.

Tudo isto não passa de contradanças.

E ha por ventura alguma cousa que admirar ahi ? Não estamos nós na epocha das contradanças ? Sim; eis a prova.

No palacio da presidencia tem havido nos ultimos mezes contradanças bem singulares de que fizeram parte dous senadores e outros tantos *Fredericos* personificados em tres individualidades d'mente.

Na *Mocidade* suscitam-se contradanças entre Azinio, Vero Zero, Zoilo e Aristarco. O 1.º faz seus versos criticando o procedimento de certos enredadores que querem perseguir; o 2.º vem á imprensa e critica os taes versos; o 3.º vem tambem por sua vez á imprensa e critica os versos do 1.º e igualmente a critica do 2.º; o 4.º, finalmente, vem hoje e apresenta-se a criticar versos, criticas, e criticas de criticas. Está assim formada uma interessante contradança, e eu fico agora á espera de ver o primeiro que sae a marcar.

Consta que o lyceu vai tambem entrar em contradança, em consequencia de quererem mudar-o, não sei ao certo para onde.

Lá espera-se em verdade a visita do Exm. P. presidente da provincia, a quem os estudantes pretendem fazer mil representações.

O que dá origem a estas, é, entre outras cousas, a discordancia em que se acham, querendo uns que o lyceu mude-se, outros que não.

Confucius—sempre prudente e ajuizado—se fosse ouvido nessa questão, manifestar-se-hia a favor dos segundos, baseados em muitas razões:

- 1.ª O governo nenhuma despeza faz com a casa em que está funcionando actualmente o lyceo.
- 2.ª O ponto em que elle está collocado é muito bom, por isso que fica no centro da cidade: qualquer outro não estaria em melhores condições.
- 3.ª O que tem que esteja immunda a casa em que funciona o primeiro estabelecimento de instrução da provincia, quando qualquer outra, para onde for elle, não necessita de muito tempo para ficar reduzido ao mesmo estado, em consequencia do genio diabolico de certos Srs. estudantes ?

E se não obstante tudo isto quizerem por força mudar o lyceu é melhor que o levem logo para o Caminho Grande.

Ali os estudantes poderão compulsar os seus compendios a frescas sombras de frondosas arvores, ou trepados em galhos de cajueiros, &; o lugar offerece muitas vantagens para a creação de uma aula de botanica, pois o estudo lá poderá ser feito ao mesmo tempo theorica e practicamente; alem de que, ou nascera d'ahi uma fonte de riqueza para a companhia de bonds, ou ficarão os estudantes, lentes e mais pessoal do lyceu preservados do *berri-berri*, uma vez forçados a um exercicio diario.

Acredita, Democrito, que só em pensar nessas cousas fico contente, mas por infelicidade minha lembro-me logo dos assignantes remissos da *Mocidade*, e isto é bastante para que toda a minha alegria converta-se em tristesa.

Democrito, já estou cansado de escrever, e assim findo esta communicando-te que acaba de me affimar o *Doutor Assumpção* que

Ao seu collega folhetinista do 1.º andar foi concedido o privilegio de dizer asneiras por tempo indefinido.

Adeus. Cá te espero na *Mocidade*

Teu collega
Confucius.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ...est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Domingo, 20 de fevereiro de 1876.

NUMERO 24

A MOCIDADE

Fagundes Varella—O Evangelho nas Selvas.

A electricidade é a força mysteriosa que em todos os corpos se occulta; a poesia é a electricidade da alma humana. Todo o homem é poeta.

N'uns a poesia exhala-se em suavissimos cantos. Estes são os eleitos do genio. Nos outros ella permanece embryonaria. Estes são os poetas ignorados.

Uns, como linda planta, mostram a superabundancia de sua vida produzindo gentis flores. Os outros são a planta que flores não gera, mas que não deixa por isso de possuir em seus veios a circulação de uma seve abundante. A poesia é a sua seve; a flor—a sua manifestação.

Uma quadra para o homem existe d'illusões;—é a juventude. Vista atravez do prisma da mocidade, a vida decompõe-se em sonhos magicos. E' a luz solar decompõdo-se nas gotas da chuva, e formando o arco-iris.

Do arco as cores fugitivas são; s'evaiem rapidos da juventude os sonhos. Subito nascem, subito desaparecem. Me-

teoro brilhante que breve se apaga; brilhante phase da vida, porem ephemera. Apoz a luz,—as trevas, o nada; apoz os sonhos juvenis—o soffrimento, a descrença. Eil-os, os dois extremos da vida.

Na mocidade—illusões; mais tarde—desillusões. Ao dia succede a noite do pensamento; á sensibilidade da juventude, a reflexão da idade madura.

A poesia é o sentimento que, n'estes dois tão diversos estados, no homem se gera. Ora ella canta prazeres, venturas, volupias, apenas anuviadas por algumas sombras que elle no horizonte do futuro descortina, e que já revestem a forma tetrica da aniquilação do momentaneo gozo; ora molha seus carmes em sentido pranto, ou no fel da descrença. Uma é a musa temerosa, juvenil, receando o desaparecimento do prazer; a outra—a musa que lamenta o perdido gozo. Uma goza do presente, mas teme o futuro; a outra com pezar se recorda do passado. Flagellam a primeira sombrias apprehensões; a segunda, penosas recordações. Nem sempre o canto revela estas alternativas do ser humano; nem sempre a poesia da expressão acompanha a do pensamento. Existe sempre no homem o sentimento poetico, mas

nem sempre suas faculdades lhe permitem a sua manifestação.

Todo o homem affagou juvenis illusões; todo o homem vio-as submergirem-se no lodacento pego de positiva realidade. O nascer e findar d'esse sonhar acordado apresentam um doloroso contraste. Da dor resulta a poesia. Todo o homem é poeta.

Perguntai ao adolescente, embevecido nas delicias de um primeiro amor, que clarão é esse que a fronte lhe illumina, quando seu pensamento vò a refugiar-se no regaço da virgem de seus ardidos devaneios.

Perguntai ao velho, que derrama pranto, que nuvem é essa, que lhe torna os olhos torvos, quando se recorda das primeiras idades da vida.

E o adolescente dirá:—E' a poesia de um primeiro sentimento; e o velho murmurará:—E' a recordação d'essa poesia que para sempre perdi. Um affaga as illusões do presente, mas teme que lhe escapem; o outro lamenta não mais poder gozal-as. A poesia do primeiro semelha o gorgoio das aves, saudando o nascente sol da vida; a do ultimo, sentida prece a despedir-se do astro a descambar da existencia.

FOLHETIM.

Resposta a Zoilo .

Mordaciorem qui improbo dente adpetit
Have argumentu se des cribi sentiat.

Entraste, Zoilo, com ares de *magister*, n'uma questão, cuja importancia longe estavas de ajuizar tão grande fosse. Zoilo, (aqui não se argumenta fallando, mas sim escrevendo), lembra te que, para se escrever sobre grammatica, é preciso que se saiba o que ella seja, quaes as suas applicações, e quaes os seus fins. Sem recursos, sem as habilitações precisas, quizeste escrever para o publico, criticar o meu escripto, e metter-me medo talvez; não fizeste mais de que denunciar-te, provar a tua incompetencia, e metter-te em camisa de onze varas, como se costuma dizer.

Não vem fóra de proposito declararmos aqui que, por falta de espaço, deixa de ser publicado neste numero um artigo de Zoilo em resposta a Aristarco. Já estava prometido a *Vero Zero* o pouco espaço de que dispunhamos, quando recebemos a visita de Zoilo.

(Da redacção.)

Ora, Zoilo pelo teu escripto se deprehende que ou tens conhecimentos de grammatica puramente tradicionais, ou tens uma especialmente feita por ti e para ti; como é que desta maneira te apresentas notando erros?

Achaste conforme a tua grammatica, que o meu escripto estava cheio de erros, e não te deste ao trabalho de analysal-o. Porque? Porque quem escreve mal o portuguez, como tu, Zoilo, não pôde de maneira alguma entrar em questões de grammatica.

Podia desafiar-te, pedindo-te que viesses em publico provar os erros de que fallaste em teu escripto; mas ah! pobre Zoilo, era submeter te a uma penosa expiação! Não é meu intento fazer-te soffrer, nem tambem suggerir difficuldades parti, além das que tens tu mesmo suggerido...

O que eu quero é que me expliques uma coisa: porque é que te armaste de uma maneira tão caricata e ridicula? Para que serve o teu chuço e a tua escopeta? Para expl caris a tua grammatica? E como poderás fazel-o, se nem ao menos podes explicar a tua posição? Dize-me, Zoilo, como é que estás de chuço e escopeta ao mesmo tempo? Tens ambas as armas em uma só mão, ou tens uma em cada mão? Na verdade! muito diz, quem quer dizer!...

Zoilo, não debes faltar á verdade, tu andavas á

procura de lan. Ah! querias vender a pelle do urso antes de mata-lo? Por isso é que te apresentaste de chuço e escopeta? Pois has de correr com uma e outra cousa.

Eu não sabia que eras versista; depois que vi a publicação de teus versos, foi que disso fiquei sciente.

Tu, de certo, te achas compromettido com a tua phrase: *cortar os vòos ao exame d'essas promettedoras intelligencias, que se esforção para chegar ao monte Parnaso*. Aposto que te contemplaste no meio d'essas intelligencias! ?...

Espera Zoilo, não vòes tanto, o Parnaso não fugirá...

Zoilo, tu me fallaste em *traquejo da penna*; pelo que parece, queres dizer que o tens? Dizes que sou *bisonho*; tu não o és, não é assim? Então não entendes a maxima latina: *noce te ipsum*. Pede, a quem saiba, que t'a traduza.

Nunca invejarei o *traquejo da tua penna*, nem quereerei ser *experimentado* como tu.

Zoilo, vou apreciar o teu escripto, analysando-o um pouco, e mostrar te, que erraste como bem poucos o têm feito, que, n'essa pequena amostra que deste ao publico, disseste o que vales e o que és, e que, finalmente, te faltam as luzes necessarias para poderes fallar sobre grammatica, e para te metteres a notar erros de todo e qualquer escripto.

O temor da dor em meio do prazer, a falta absoluta do prazer, eis as fontes de que brota poesia. E' sempre o soffrimento que a gera; sempre a dor que a produz. O carvão chrystalisado transforma-se em diamante; a alma humana, passando pelo crysol do soffrimento purifica-se, gerando a poesia. Milhares de annos são precisos para que o carvão se chrystalise; um momento de illusão ou de desillusão basta para que o homem se torne poeta. Transformação admiravel. Sublime. Extraordinaria. Grandiosa. Gigantesca,

Soffrimento productivo, dor mater do genio, salve. E's tu que operas esta rutila metamorphose, es tu que produzes a poesia.

Ha porem cantos de alegria, hymnos até de estrepitoso júbilo, dir-me-hão, e, a esses cantos, a esses hymnos, não preside de certo o genio da dor. Engano. São até os poetas mais melancolicos que procuram vibrar esses accordes. Como o desgraçado que o esquecimento procura na embriaguez, o poeta procura aturdir-se, precipitando-se n'essa alegria, n'esse mentiroso júbilo. Exemplo:—o D. Juan de Byron.

A dor e o soffrimento eis os fochos que produzem essa luz, que se chama poesia. Todo o homem conheceu a dor; todo o homem soffreu: todo o homem é poeta.

Ha poetas, como dissemos, de pensamento; ha poetas de expressão. Os primeiros de nós passam desconhecidos, ignorados. Os ultimos fazem-se-nos conhecer por seus cantos. E' o legado que elles á humanidade deixam. Herança que lhes perpetuará o nome. Bem immovel que se chama gloria. Astro que não teme eclipse.

São os ultimos os unicos inteiramente dignos do nome de poetas. Nos primeiros é uma luz passageira a poesia que o cerebro lhes illumina, sem que fora d'elle haja a reproducção visivel d'esse clarão. Nós outros, não. São almas que se nos pa-

Assim procedendo, provarei a tua incompetencia, a tua nullidade, como censor e escriptor; provarei que não quizesse senão tornar-te notavel, pouco te imp'rtando os meios a empregar para conseguir tal fim.

Zoilo, confessa; depois que leste o meu escripto, foste acomettido por uma violenta dor de cotovello, e, não tendo com que te vingar do causador de teus males, inventaste erros e os denunciaste pela imprensa, querendo assim matar tres coelhos com uma só cajadada... Disseste, provavelmente, comigo: publicando o meu escripto, illudo e metto medo a *Vero Zero*, vingo-me e vingo os versistas, e torno-me notavel.

Mas, estás enganado; eu, como não admitto o teu charlatanismo, vou reduzir-te ao teu justo valor. Não farei a analyse inteira do teu escripto, para não occupar muito espaço. Se vou entrar na app'ciação de alguns erros teus, é porque quero assim aff'rir a tua sapiencia grammat'cal pelo modelo (1) que tu mesmo apresentaste...

Escreveste, Zoilo, na ultima proposição do teu primeiro periodo: *resolvi a pegar na penna etc.* Vê o que fizeste: *resolvi* verbo activo, que passa a acção exercida pelo sujeito, *eu*, directamente a outro sujeito; isto é—pede um complemento objectivo. Qual é o complemento objectivo d'esse verbo? Qual é o sujeito sobre que deve recahir a

tenteiam no arrojio da inspiração. Volcões, cujo fogo é o estro, cuja erupção é um canto. Seres nos quaes o soffrimento transformou as fibras intimas em cordas de harmonico instrumento. Aguias que, desprezando a terra, s'elevam nas azas do genio á região das idealidades. A poesia é a mola real de sua existencia; o estro a manifestação brilhante do seu sentir; e a harmonia—a norma habitual de seus cantos.

Na mente do poeta de expressão, cada idêa se transforma n'uma imagem; cada sentimento em dulico canto; cada pensamento—n'um poema. O sentimento intimo não lhe basta: é-lhe precisa a sua expansão.

O sol, diz elle, deixaria de ser sol, se, collocado n'uma distancia immensa da terra, não podesse sobre ella jorrar torrentes de luz; de que serviria tambem o meu pensamento se eu não podesse exprimi-lo? A luz e calor do sol fazem-se conhecidos por seus raios; pois bem, a poesia de minha mente far-se-ha conhecida por meus cantos.

Eis o que pensa o poeta, eis o pensamento que se agita na mente do cantor.

Livremente exprimimos as nossas idêas quando dissemos que, a poesia, da dor e soffrimento, provinha. Muitos homens existem que duvidarão d'esta origem. Para provar o que avançamos, vamos algumas razões appresentar.

Do contraste da pequenez e fraqueza do homem com a grandeza e vigor da natureza, tirou sua origem a poesia. A admiração misturada com o temor foi o primeiro sentimento que ella exprimio. A oração, que revela soffrimento, foi a primeira norma de seus cantos. Foi a dor moral que a gerou; será sempre a dor o seu germen.

O mais antigo cantor, de que fallam fabulosas tradições, é Orphêo. Vê-de se não é o soffrimento, na sua mythologica legenda, quem nelle produz a divina flamma do

acção do sujeito, *eu*? Será, *a pegar na penna*? Como é que, sendo esse complemento indirecto, o queres dar a um verbo de significação directa? Zoilo, esse complemento regido da preposição, *a*, não tem razão de ser!... Queres a prova d'isto? Muda essa oração para a passiva. A pesar da significação activa do verbo não o poderás fazer, porque esse complemento não consentirá...

Zoilo, as relações de simultaneidade, de anterioridade e de posteridade, que estabelem a concordancia entre os verbos de um periodo grammatical, tu as conheces? Dizes, no segundo periodo grammatical do teu septimo periodo oratorio, o seguinte: *esse mesmo azorraque vergará* (porque a mão que o tange não tem firmeza) e lá volta elle sobre si tambem. O que é isto, Zoilo? Vergará (!) e lá volta?! Que relação deveria haver nos tempos dos verbos d'estas duas aproximadas? Não seria a relação de simultaneidade? Como has de estabelecer a relação de concordancia entre esses dois verbos? Zoilo, só tu, com todo o magismo de tua grammat'ca (!), poderas estabelecer relação de simultaneidade com um verbo no futuro e outro no presente do indicativo! Pobre Zoilo, vaes baixando o teu voo, vê se, em lugar do monte Parnaso, vaes parar na Estyge!!!

Na mesma columna, onde se acha o periodo de que acima fallei, linhas penultima e ultima, es-

estro; vê-de se não é no meio das feras tempestades da vida que harmoniosos se fazem ouvir os accordes da sua lyra. Tanto assim ocriam os Gregos, que julgaram sempre ser a dor o germen da poesia. Tinham, para possuir esta convicção, um exemplo vivo no seu Homero, o mais antigo dos poetas, cujas producções ás mãos nos chegaram.

N.

(Continúa.)

Sobre a disciplina excolar e a litteratura.

(Continuado do n. 20.)

Voilà à quoi aboutit le système de *culture de la langue*, suivi par l'*Académie Royale des Sciences de Lisbonne*, tout en admettant que ce n'en soit pas l'esprit. D'après un pareil système il ne faut plus s'étonner que ce soient les auteurs, qui donnent de l'importance aux ouvrages chez les Portugais et les Brésiliens, et que les ouvrages n'en donnent point aux auteurs.

Français! en nous adressant á vous sous un nom emprunté, vous voyez bien que ce n'est pas la vanité, qui nous fait nous prononcer avec autant de franchise que de raison sur le fait d'une Académie, d'ailleurs si respectée par les peuples, qui parlent la langue portugaise. Il ne nous manque ni des Portugais ni des Brésiliens assez éclairés pour partager nos idêes; mais ils croiraient se compromettre trop en les avouant, et ils n'oseraient exposer leurs opinions sur la matière, par la crainte de passer pour *fous*, en prenant le parti de la raison, ou en se prononçant tout simplement pour celui de la sagesse. C'est pourquoi nous nous adressons á vous, dont l'autorité, mieux établie par votre illustration, et bien mieux encore par le respect qu'impose votre nation, est plus

creveste: *faz sobre ella varias considerações, e é o proprio a confessar que ella (a composição) tem etc.* Peccaste fazendo uma repetição enfadonha do pronome, *ella*, quando os que escrevem bem o portuguez evitam o mais possivel essa repetição, porque assim torna-se duro e pesado o estylo; mas tu, não contente com isso, encaixaste alem do pronome o proprio nome claro, *a composição*. De que serve a presença d'esse nome, ainda que entre parentheses, quando não ha probabilidade alguma de uma concordancia ambigua? Zoilo, tu assim escrevendo das a entender que os leitores da *Mocidade* são um tanto *tapados*! por isso que vens, com o teu parenthesis gaial-os ao respectivo objecto de relação.

Queres mais uma prova de que não sabes o que é relação de simultaneidade? Vou dar-l'a. Na quarta columna, primeiro periodo, escreves: O Sr. tornou-se *incomprehensivel* ou *denuncia-se etc.* A desjunctiva, *ou*, aproxima essas duas proposições,—é uma conjuncção de primeira classe, por isso que não liga sentidos subordinados, segundo a opinião de um profundo grammático—o Sr. Francisco Sotero dos Reis. Ora, Zoilo, como é que pões os verbos de duas proposições nestas condições, um no preterito e outro no presente? Será relação de simultaneidade isso que fizeste!? Que portuguez duro é esse de que usas, Zoilo!? Duvi-

efficace pour imposer à l'ignorance présumptueuse et harde, qui régné chez ces deux peuples. Notre seul but, en vous exposant ces idées, est de forcer au silence et au respect ces pauvres diables de régents usés du professorat, et ces littérateurs griffonneurs, qui nous connaissent très mal, et ne se connaissent pas mieux. Parce que nous avons été trop modérés pour leurs boutades insolentes, et trop indulgents pour leur ignorance, ils se sont enhardis à nous harceler sans relâche depuis trente ans, ressemblant aux frelons, qui disputent le mérite aux abeilles, parce qu'ils en convoitent le miel. Peut-être ferons-nous voir: à eux, qu'il ne faut pas trop se fier au mépris qu'inspire la lutte avec des misérables, pour qu'on croit pouvoir agacer et harceler impunément ceux, qu'il faudrait mieux respecter; et aux académiciens *des sciences*, que les grimoires des académies, et les fâtras du professorat, ne font des preuves de sagesse, et d'instruction solide, que pour les sots, ni ne peuvent servir d'épouvantail que pour les lâches, et pour les misérables, qui, manquant de tout sentiment de dignité, sacrifient aux convenances de l'estomac les principes de la raison. Peut-être aussi ferons-nous voir aux *sages* gouvernements, qui soutiennent l'instruction abrutissante des écoles publiques par les appas des charges et des emplois, dont ils peuvent disposer en faveur de ceux, qui les fréquenteront, que c'est là un moyen aussi pauvre que lâche de réussir à empêcher les lumières,—le progrès au nom du progrès. Il n'est pas assez, pour le crédit de la *bonne foi* des *sages* gouvernements, aussi bien que pour celui de leur *sagesse*, d'avoir employé au professorat des gens pour la plupart indignes de leur métier; il faut surtout leur recommander aussi toute prudence, toute circonspection, et tout ménagement pour ceux, qui pourront les démasquer tous, en dévoilant leurs manéges.

do que falles assim. Ainda mesmo que fosses empregar o preterito imperfecto, que participa do presente e do passado, em lugar do perfeito, duvido que podesses arranjar, com essa disjunctiva, uma phrase perfeita.

Zoilo, tu me quizeste emendar ali onde dizes, aludindo ao meu artigo, que *mais conveniente seria ao caso* o emprego d'estas palavras: *imagem, concepção*, etc; pois, logicamente fallando, existe correção se, em meu escripto precedente, se trocar *enredo* por *imagem* e *assumpto* por *concepção*? E' melhor deixal-o como está, do que fazel-o soffrer uma emenda d'estas!

Então a *poesia* não tem *assumpto*? Ai d'aquella que não o liver! Esse lapso de expressão, Zoilo, tu não soubeste emendar! Pobre Zoilo! se continuas assim, va's te afogar decididamente na Estyge! Olha que a Arcadia fica aquem da Beocia... Com essa pressa podes sacrificar as tuas aspirações. Se me tivesses dito *thema*, em lugar de *imagem*, nada mais teria que accrescentar; mas da maneira que queres, tem paciencia, tua emenda nada vale.

Outra emenda, tu como escreveste, repetindo duas vezes o pronome *ella*, de que ainda ha pouco falei, e mettendo aquelle *elucidatorio parenthesis*,

Que ceux, qui déprécient nos élèves, en les empêchant de passer leurs examens, pour nous rendre le métier inutile, sachent donc que, si nous sommes trop fiers pour daigner nous attaquer à des professeurs et à des littérateurs méprisables, nous pouvons, sans déroger, nous en prendre, à leurs chefs. Ils ont pour eux la puissance des rangs, établie d'un côté par l'ignorance, et soutenue de l'autre par le fisc; mais nous avons pour nous la dignité, qui nous vient de nous même. Sans dignité aucune société ne saurait subsister longtemps, et surtout celles, qui sont destinées à juger de la dignité des particuliers. Nous ne savons à quoi mieux comparer l'orgueil d'un juge tenant mal son rang, et tirant vanité de voir le mérite soumis à ses arrêts, qu'à celui du derrière, s'il pouvait s'enorgueillir, en prenant pour des *hommages* tout ce que la main droite est forcée à faire pour lui. Quelque haut placé que soit le derrière, —qu'il siège dans une académie, ou qu'il s'appuie sur un throne, la tête tiendra toujours le dessus.

Maciot.

A Biblia.

(No album de Antonio Joaquim de Moura e Silva.)

Oh! salve, sombra angelica,
Que adejas sobre as terras,
Monarcha das idades,
Interprete de Deos!
Salve, estrella fulgida,
Que negridão desterras
Nadando em claridade,
Nos páramos do céos.

Os teus raios esplendidos
Dão vida a este mundo,
Derramam alegria
E paz no coração;
O sabio tuas paginas
Relê meditabundo,
E serve-lhe de guia,
De manto e de bordão:

As tuas folhas aureas,

querias que eu fosse fazer o mesmo! ? Ora, Zoilo! não vês logo que eu não cahia nessa? Segundo a tua opinião eu devia escrever: *O sen arrojo (d'elles) pasma, as suas produções (d'elles) envergonhão*. Ficava bonito não é assim? Mas eu não quero o teu *methodo*: fica com elle para ti.

Grammaticalmente fallando, não sabes o que seja ellipse? Tanto é assim, que, usando muito d'ella em teu escripto, vens me censurar por ter eu feito uma. Logo depois de citares a parte onde faço a ellipse, pões ponto finalmente e dizes: *E mais nada*. Se eu fosse maligno como tu, perguntar-te-hia: E mais nada o que? Porem eu não invento erros.

Já tenho me estendido muito, leitores, tenho mesmo abusado da vossa paciencia; mas, perdoai-me, não posso deixar que Zoilo se afogue, é preciso que eu o ajude a chegar ao objecto de suas aspirações—o monte Parnaso, diminuindo-lhe a rapidez do vôo.

Zoilo, vou apresentar aos leitores da *Mocidade* a phrase com que honraste a litteratura patria, alipotente produção que te transportará do Parnaso ao Olympo!!! Zoilo, essa phrase que tanto te recommenda, tu não debes deixar perder: manda-a metter n'um quadro para te servir de

Respiram divindade,
Nos canticos sublimes
Dos barjos d'Israel;
Nas vozes que, elevando-se,
A' celica *Trinidade*,
Praguejam contra os crimes
Dos filhos de *Babel*.

Teu sacro tabernaculo,
Adornam os prophetas,
Que fallam inspirados
Da voz do *Creador*;
Nelle se ouvem canticos
Eternos de poetas
Que pulsam enlevados
As harpas do *Senhor*.

E embora o tempo rapido
As gerações consuma,
E arrase impiedoso,
Nações sobre nações,
Tu nadarás incolume
Qual nada a branca espuma
No oceano procelloso,
Ao sopro dos tufões.

Homens novos mostram-se
A luz do rei do dia,
E hão de ver pasmados
Teu bello resfulgir;
Sempre serás a historia,
Sciencia e poesia
Dos tempos já passados,
E imagem do porvir.

E, quando sombras horridas,
Fatidicos vapores
Ao mundo decadente
O fim annunciari,
Virá cortejo lucido
Do reino dos fulgores
Buscar-te reverente
E aos céos te acompanhar.

Elá no alto Empyrio,
De onde a divindade
Dirige o longo freio
Dos astros d'amplidão,
Tu dormirás, oh Biblia,
Por toda eternidade
No ari-fulgente seio
Do rei da criação.

Oh! salve, sombra angelica
Que adejas sobre as terras;
Monarcha das idades,
Interprete de Deus!
Salve, estrella fulgida,

adorno. Tu disseste nas linhas penultima e ultima de teu escripto, Zoilo: *«Acredite pois, meu amigo, que PENALISOU-ME muito ESTES SEUS FIASCOS (I)»* Zoilo isto está abaixo de toda a analyse! Isto é uma monstruosidade, formidavel parto dos teus vastos conhecimentos *grammaticaes*!... Como concorda o verbo com o sujeito, Zoilo? Pois tu pões o verbo no singular concordando com o sujeito no plural? (*Horresco referens*!) Tua grammatica me espanta, Zoilo! Tu, com o teu chuço e com a tua escopeta, não me metterias tanto medo!!!

Zoilo, tu não cahiste, porque tua queda era um impossivel, foste voando, voaste, voaste muito alto; depois abaixaste um tanto o teu vôo, mas para irs ainda mais alto, do que tinhas ido. Este teu vôo altanado perdeu-te, Zoilo: passaste a Arcadia, a Beocia, a Macedonia, e não viste a Estyge, o Parnaso, o Pindo, sumiste-te nas regiões aéreas, foste para o nada.....

Vero Zero.

Que a negridão desterras
Nadando em claridade,
Mos paramos do céos.

Carlos Pinho.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

MARANHÃO, 20 DE FEVEREIRO DE 1876.

Comprimentos a Confucius.—Fallecimentos.—Fenelon e Victor Hugo.—Os exames geraes.—Nomeações.—Victor Hugo e a sua ultima obra.—O *Rocambote*.—Antonino Pio.—Cá te espero.

Caro Confucius.

Estimo que gozes da mais perfeita saude e que continues a estudar o melhor meio e o lugar mais conveniente para a remoção do nosso velho e carunchoso Lyceu.

Eu ainda tenho mínhas duvidas á respeito de tal mudança e, só vendo-a, creditarei.

Sou um pouco *applaugista* ds pensamento de S. Thomé: *videre ad credendum*, e acho que não é l. das peiores cousas: antes andar com os santos (ainda mesmo da mão furada) do que com os diabos.

Enfim, é melhor esperar, do que fazer juizos temerarios. E' o partido que ora sigo, por achal-o mais que conveniente.

—Falleceu n'esta cidade, o Dr. Antonio Joaquim Tavares, em pregado publico antigo e aposentado, deixando á sua familia um nome pobre mas honrado.

—Tambem falleceu na Córte o conego Dr. Joaquim Antonio Fernandes Pinheiro.

Era membro de varias associações scientificas e litterarias da Europa, e secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Escreveu varias obras sobre assumptos litterarios, sobresahindo entre ellas:—o *Resumo da historia da litteratura*, que obteve mui justos elogios da imprensa brasileira e estrangeira.

—O Chah da Persia mandou traduzir o *Telemaco* do abbe Fenelon, para a lingua de seu paiz, afim de ser adoptado nas escolas de instrucção elementar.

Tambem o Sultão da Tunquia ordenou que fossem vertidos para a lingua do seu paiz todos as obras de Victor Hugo. Tem que fazer o tal traductor; só os *Miseraveis* e o *Homem que ri* dão-lhe pannos p'ra mangas.

Estes dois factos são um importante acontecimento para a civilisação moderna, pois o empenho que têm aquelles soberanos em vulgarisar entre os seus subditos as obras primas dos escriptores da Europa, prova que elles já vão reconhecendo a superioridade da instrucção e instituições desta parte do mundo sobre a sua antiga civilisação e praticas torpes e inveteradas.

Um futuro brilhante antolha-se a humanidade, e a barreira invencivel que existia entre a Asia e a Europa está a desmoronar-se.

A civilisação antiga confundir-se-ha em uma só, e o progresso rebentará desde o cume do Hymalaya até os confins dos Andes.

—O resultado dos exames geraes n'esta provincia foi o seguinte:

Inscreveram-se 212, foram examinados 187, não compareceram 25, sendo:

Portuguez, approvados plenamente, 6; approvados, 15; reprovados, 12; não compareceo 1.

Latim, approvapo plenamente, 7; approvados, 5; reprovado, 1.

Francéz, approvados plenamente, 17; approvados, 10; reprovados, 6.

Inglez, approvados plenamente, 18; approvados, 7; reprovado, 1.

Historia, approvados plenamente, 8; approvados, 4; reprovado, 1; não compareceram 3.

Rhetorica, approvados plenamente, 5; approvados, 3.

Geographia, approvados plenamente, 6; approvados, 6; reprovados, 6; não compareceram 10.

Philosophia, approvados plenamente, 7; approvados, 4; não compareceu 1.

Arithmetica, approvados plenamente, 13; approvados, 4; reprovados, 2; não compareceram 4.

Algebra, approvados plenamente, 6; approvados, 1; não compareceram, 7.

Geometria, approvados plenamente 9; não compareceo 1.

Dos inscriptos concluíram 5; a saber os senhores:

Felicissimo Rodrigues Fernandes, José Rodrigues Fernandes, Anisio de Carvalho Palhano, Francisco da Cunha Machado e Joaquim Fernandes da Costa Lima.

Eu os comprimentos pelo feliz exito que tiveram em seus exames, e faço votos para que continuem á trilhar a mesma carreira, que tão bem foi encetada.

—Pelo ministerio da fazenda foram nomeados: O Sr. José Mariano da Costa Nunes, 2º escripturario da thesouraria de fazenda d'esta provincia, para servir de inspector em commissão na do Rio Grande do Norte.

O contador da thesoureria de Pernambuco, Raimundo João dos Reis, para o de inspector da mesma thesouraria.

O official-maior da thesouraria do Maranhão, Fabio Alexandrino dos Reis Quadros, para servir em commissão o lugar de inspector na de Santa Catharina.

Os tres nomeados são todos naturaes d'esta provincia e este acto do governo bem prova o alto conceito de que no imperio gozam os maranhenses —de bons funcionarios publicos.

Eu os comprimento, e dou-lhes os meus parabens.

—Victor Hugo, o grande poeta do seculo dezanove, acaba de publicar uma obra importantissima não só por encontrar-se n'ella rasgos de uma sublime poezia, como a sabe concaber o auctor, como tambem porque contem paginas impregnadas da mais sã philosophia.

Emfim não é preciso tecer-lhe elogio, basta dizer, que é uma obra do maior poeta d'este seculo, do famigerado Victor Hugo, o ex desterrado da ilha de Gersey.

A obra intitula-se—*Actos e palavras*.

O 2º volume denomina-se—*Durante o exilio*, e é talvez a parte mais bella e completa da obra. O grande poeta dedicou-o ac—*mar da Mancha*.

Victor Hugo dirige n'este volume uma carta aos intrepidos marinheiros do *mar da Mancha*, e por ser ella mui notavel, como tudo que sahe da penna daquelle eximio escriptor francez, transcrevo para aqui com summo prazer o seu fim, que é bastante eloquente:

«Saúdo-vos.

«Continuemos. Cumpramos a nossa missão: vós pelo vosso lado, eu pelo meu, vós entre as ondas, eu entre os homens. Trabalhemos para salvar

«Sim, cumpramos nossa função, que é uma tutela; velemos e vigiemos, não deixemos perder-se nenhum signal de perigo, esteendamos a mão a todos os que se afogam, sejamos as sentinellas do sombrio espaço, não consintamos que volte nada do que deve desaparecer; vejamos fugir nas trevas, vós o navio phantasma, eu o possado.»

«Provemos quo o cháos é navegação. As superficies são diversas e as agitações são innumeradas, mas ha uma essencia que é Deos. Essa essencia, toco a eu que vos estou fallando. Chama-se a verdade e a justiça. Quem cahe pelo direito, cahe na verdade. Tenhamos esta certeza. Vós seguis a bussola, eu sigo a consciencia.»

«Intrepidos luctadores, meus irmãos! Tenhamos fé, vos nas ondas, eu no destino. Onde ha de estar a certeza, senão nessa nobilidade sujeita do nivel?»

«O vosso dever é identico ao meu.»

«Combata-mos, recomecemos, perseveremos com a crença de que o alto mar prolonga-se além da vida humana, de que, ainda fora da vida, continua a immensa navegação, e de que um dia verificaremos a semelhança do oceano onde estão as vagas com o tumulo, onde estão as almas. Uma vaga que pensa, é a alma humana.»—Victor Hugo.

—O *Rocambote*, importante romance de Poisson du Terrail, reviveu pelo feliz achado dos apontamentos do fim da obra do illustre romancista.

Poisson, quando a França declarou guerra á Prussia, abandonou a penna e empunhou a arma

para defender a santa causa da patria; porem pouco tempo depois morreu de bexigas, deixando incompleta a sua magistral composição, e a litteratura franceza privada de um dos seus maiores ornamentos.

«La Presse de Paris» da qual era redactor Poisson junctamente com Vacqueline e Victor Hugo, soffreu bastante com a perda do autor do *Rocambote*.

Este jornal chegou a ter 500,000 assignantes quando Poisson publicava n'elle a sua maravilhosa composição.

Os leitores largavam o jornal d'hoje, já anciosos pelo de amanhã, tal era a impressão que causavam as descrições que sahiam da habil penna de Poisson du Terrail.

A ultima parte d'essa obra ficou por concluir, como já dissemos, porem a viuva de Poisson tendo encontrado os apontamentos para a sua terminação, fez disto sciente os redactores de «La Presse de Paris», que immediatamente deram á luz da publicidade a conclusão do grande romance de seu amigo e collega.

O «Jornal do Commercio» da Córte publicou esta ultima parte já traduzida, e o «Paiz» d'aqui está tambem publicando-a em forma de folhe-tim.

Para lá remettemos os nossos amaveis e sympathicos leitores, afim de apreciarem o *desideratum* do *Rocambote* de Poisson du Terrail.

Esta parte final foi coordenada pelo illustre escriptor francez, Mr. Constant Guérolt, que com todo affincio trabalhou para polir o tecto de tão soberbo edificio.

—O «Mosquito», jornal caricato da Córte, publicou uns versos com o titulo de *Piadas*, que criticavam o Maranhão; porem estes foram respondidos por um maranhense com outros versos intitulados—*Assobios*.

Agora por occasião da nomeação de tres maranhenses para o lugar de inspectores de varias repartições de fazenda, outro nosso intelligente comprovinciano dirige a Antonino Pio uns versos bem cheios de graça e critica.

Não os transcrevo todos por falta de espaço, porem não me posso furtar ao desejo de mostrar aos leitores algumas ds *gaitadas* de Antonino Gaita, dirigidas á Antonino Pio, e para esse fim as transcrevo para aqui:

COM VISTA AO «MOSQUITO».

Gaitadas

Á ANTONINO PIO

Tu fallas de minha terra!
Quererás movernos guerra?
O teu odio não me aterra,
Pois antes gosto me dá.
Tu és pio, logo és papa,
Queres encher a solapa!...
Mas é que o comer te escapa
E melhor bocca aqui ha.

Mas olha que a cousa é seria!
Convem sondar-se a materia
Não com chalaça ou pilheria
Mas com toda a reflexão.
Para ti, Pio, que pia,
N'm com tanta inspectoría
Dão-te uma! oh! que mania!
São todos do Maranhão!!

Tã envergonhas do que és?!
Do rio são jacarés,
Cascudos e mandubés...
Vem e deixa-te de zanga.
Si o nosso Anil não te serve,
Tu quanto antes me escreve
Para que eu te conserve
As margens do meu Bacanga.

Antonino Gaita.

—Confucius, não tenho mais nada á dizer-te, ponho ponto n'esta missiva, e breve espero a tua resposta.

Teu amigo

Democrito.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est ja fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits:...

Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Sexta-feira, 10 de março de 1876.

NUMERO 22

A MOCIDADE

MARANHÃO, 10 DE MARÇO DE 1876.

Fagundes Varella.—O Evangelho nas Selvas.

(Continuado do n. 21.)

Sim; Homero é um patente exemplo do que acabamos de avançar. Lêde a Illiada, a Odysseia, e vede se não é quando descrever pretende alguma scena dolorosa, que seus cantos mais melódicos soam. Seus poemas são poemas de entusiasmo, mas em meio desse entusiasmo vereis surgir sublimemente traçadas sombras dolorosas. E' nellas que transluz o genio do grande aedo, é nellas que sua musa attinge mais vastas proporções.

Compondo os seus sublimes poemas foi a dor que o impellio a engrandecer a sua patria, sua patria que para elle era uma

FOLHETIM.

Videti si est dolor sic dolor
Zoilo.

DIALOGO COMICO-TRAGICO-PHANTASTICO.

A scena representa um quarto da casa de Zoilo. Ao fundo, junto de um leito, vestido com uma camisa de força e amarrado a um poste, este estorce-se nas convulsões de uma furiosa loucura. Zero; bem perto d'elle sentado, entrega-se a um profundo meditar. No primeiro plano conversam acalorosamente o Dr. Euphorbio e Aristarco, sobre os quaes adeja a enlutada sombra de Azinio, para elles invisível.

Aristarco. Mas então como começou esta mania? Estou ansioso para que o Dr. me explique as razões que perturbaram a razão do meu pobre amigo.

Doutor. Vou contar-l'as... Foi de uma maneira deplorável que elle foi accommettido deste acesso... Mas para que dizer l'as? Ninguem melhor do que tu está no caso de o saber.

Aristarco. Ninguem melhor do que eu! não comprehendo...

Doutor. Ora essa é boa! pois você, que foi o culpado da loucura d'este pobre rapaz, ainda de clara não comprehender o motivo porque eu o julgo, mais do que toda a qualquer pessoa, sciente das razões, que transformaram a cabeça do meu desgraçado doente! Isto, na verdade, nada tem de natural!...

Aristarco. Eu, o culpado da loucura de Zoilo!...

Doutor. Sem duvida. Não foi acaso você quem

madrasta. Foi sua vingança. Vingança propria de um genio elevado como o seu.

Lêde a mais pathetica scena da Illiada: aquella em que Priamo pede a Achilles o corpo de Heitor, e vêde se não é nella que o poeta attinge as raias do sublime. Para melhor facilidade apresentamol-a aqui vertida livremente. Perdoem a tibiez e frouxidão de nossos versos.

O orbe s'envolia no véo d'espessa treva.
Timido o ancão que um Deus conduz e leva
Do filho de Peleo na tenda vai entrando.
D'Heitor o assassino altivo repousando,
Por breve refeição seus males suspendia.
De Priamo ao entrar os olhos seus desvia,
Vê a ingente dor do velho venerando
No pranto que sua face ao lóngo vai sulcando;
Contempla do ancão a forte desventura;
N'alma vai-lhe lendo asperrima amargura;
E ouve com tristeza o triste soluçar
Do velho cujo filho acaba de matar.
Priamo, com temor, seus olhos não ousava
Fitar naquella heroe a quem elle implorava;
Fallar-lhe pretendia, porem, perdia a voz.
Em fim elle o contempla, e longo tempo apoz,

publicou na *Mocidade* um artigo, em que á irrisão publica expunha Zoilo, nos degrãos assentado do pelourinho do ridiculo?

Aristarco. Sim; fui eu. Mas não comprehendo que ligação exista entre o meu artigo e a sua alienação.

Doutor. Pois essa ligação é bem clara. Tu, com as verdades bem positivas, que a Zoilo disseste, foste a causa do anstorno das suas faculdades. Bastou a leitura do teu artigo para perturbar o pobre diabo, que depois d'ella cahio n'este mais que penoso estado. Para que foste dizer ao homem cousas tão pezadas?

Aristarco. Eu nenhuma má intenção tinha; não queria mesmo prejudicá-lo; mas levado, pelo desejo de lhe dar uma lição, tive a condescendencia de o criticar.

Doutor. Condescendencia!... Pois tu chamas a isso condescendencia!... O que!? Pois tu atacas o pobre fedelho de maneira que elle se não pôde deffender; arrancas-lhes os louros da fronte para o coroares com espigas de cevada; e, apesar de tudo isto, atreves-te a fallar de condescendencia!...

Aristarco. E tenho razão em dizel-o. Eu podia feril-o ainda mais na sua susceptibilidade, mas, como elle no fundo é bom rapaz, respeitei a sua fraqueza.

Doutor. Que respeito, homem de todos os diabos? Provas que o meu doente pouco mais é do que um nescio; dizes-lhe cousas de arrepiar os cabellos; és assim causador da loucura que o fere; e atreves-te ainda a fallar em respeito!... Essa, na verdade, tem graça!

Aristarco. Porem eu não contava, Dr., que o meu artigo tivesse consequências tão funestas. Não podia julgar que Zoilo fosse tão fraco da bola.

Pallido, a tremar, sem forças, balbuciando,
Da bocca triste queixa amarga vai soltando:
—Pensai, senhor, pensai que vosso pai é vivo...
Mais dizer não pôde, e o heroe altivo
Sente a compaixão no peito seu lavrar.
Na mão pega-lhe o velho e ousa continuar:
Achiles valoroso, eu era pai de Heitor,
E elle e seus irmãos a minha velha idade
Enchiam de prazer e de prosperidade.
Morreram e Heitor na luta pereceu
Quando, ó fado cruel! comvosco combateu.
Possa Peleo feliz com Thetis e seu filho
Da gloria disfrutar o bello e doce brilho:
Os louros de seu filho, a gloria do seu nome,
A's cans do velho pai darão grato renome;
Seus annos passarão á sombra deslizando
Das corôas que vai Achilles conquistando;
Sua honra, seu apoio somente em vós consiste.
Ah! em quanto a mim eu só desejo triste
O corpo ensanguentado obter do filho meu,
Do filho que para sempre o velho rei perdeu;
De ver do meu Heitor os restos mutilados
Que aqui no sujo pó por vós vi arrastados,
Eis a minha esperança, a unica que me resta.
Achiles, não negueis tal graça, tão funesta.
Deixai que eu possa ver um quadro horroroso.
Tal discurso o heroe commove doloroso;
As lagrimas do ancão o pranto seu responde,

Doutor. Essa é boa! Então com que contava você?

Aristarco. Contava que elle fosse ao jornal despicar-se do que lhe disse.

Doutor. E foi, meu amigo, e de uma maneira tão caricata, que já bem mostra que o pobre rapaz quando escreveo estava com os miolos virados. Disse cousas tão desconexas, disparates tão manifestos, asneiras tão mal coordenadas, que, mesmo só de uma cabeça desarranjada! Lês-te-as?

Aristarco. Por alto... Eu não concedo lá muita importancia a cousas semelhantes... Desceria de minha dignidade, se fosse occupar-me em fazer minuciosas considerações sobre os escriptos de Zoilo. A unica coisa, que em resposta tenciono fazer, é perguntar ao publico se alguma coisa entendeu da algaravia, em que se acha concebido o tal artigo, e se tambem se deixou entusiasmar pela critica de regateira, de que tão a proposito se servio Zoilo.

Doutor. Não faças isso, homem. Já basta ao pobre pilrete a doença que o acabrunha. Não ouves como elle grita.

Zoilo. Ai! Ai! D'esta vez dão-me cabo do pelo... Não posso resistir ao ridiculo com que me querem cobrir... Maldito azorrague para que me rasgas as carnes?... Ai! Ai!

Aristarco (com compaixão) Desgraçado borrapapeis! eu me interesso pelo teu estado!... Não serei mais para contigo desapiadado. (voltando-se para o Dr.) Mas, a proposito; vio, Dr. como elle no seu escripto confundio inexoravel com desapiadado?

Doutor. Vi, sim; mas aquilo já é alienação mental. Aquelle escripto é uma synthese abreviada do seu estado moral. Tudo n'elle revela loucura.

E com immensa dor nas mãos: o rosto esconde.
A vida dos mortaes, diz elle, com doçura,
Composta é de pezar, composta è de amargura:
De mim como instrumento os deoses se serviram,
E foram iras suas, ó rei, que te feriram.
Eu mesmo como tu, na desgraça envolto
Jámais verei meu pai, jámais á patria volto,
Tingindo desta terra o solo com meu sangue,
Nas lutas succumbindo e ficando exangue.
Patroclo succumbio d'Heitor p'lo ferro imigo,
Um filho vós perdeis, e eu perco um amigo.....

Impossivel é ler-se este pedaço da Illiada sem comprehender o que ha de sublime, de pathetico, n'esta scena. A dor do velho Priamo, a magnanimidade do filho de Peleo destacam-se do fundo d'este quadro com uma aureola refulgente.

Aqui nada ha de gigantesco; tudo é simples como o desgosto, mas tambem como elle commovente. Nada de superfluos ornatos, nada de figuras ou imagens pomposas aqui; toda a sublimidade d'esta scena resulta da situação. E' ella que provoca a dolorosa supplica do ancião; é ella que gera a compaixão na alma do heroe grego.

Se Homero não tivesse soffrido, se Homero não houvesse esgotado toda a amargura que tolda o calix da vida, acaso teria elle podido vibrar em sua lyra acordes tão sentidos? Não. Foi a dor que n'elle despertou o genio; foi a desdita que n'elle produziu a poesia.

Em todos os seus poemas o vate da Elida revela o que acima hemos dito. Na Illiada canta elle a colera de Achilles; e o que é a colera? A raiva que succede a um momento de dor. Na Odyssea—as viagens e aventuras de Ulysses; e o que encerram essas viagens e aventuras? Dores e perigos. Depois d'isto dizeti se não é a

Aquellas *etymologias* por elle encontradas, aquellas reflexões sobre grammatica, aquellas pateticas oratorias; bem claro nos mostram que o homem, quando escreveu aquillo, estava doido varrido.

Aristarco. Porém, Dr., nós vamos cada vez para mais longe do nosso assumpto de conservação. Eu perguntava lhe como começou esta loucura, e de que circumstancias foi acompanhada.

Doutor. Já vejo que, com quanto causador dos males do Zoilo, ignoraes como elle enlouqueceu. Vou portanto d'zer-l'ho. Estava eu em casa, juntamente com o meu amigo Fragueiro, compondo um sabão para matar percevejos, quando me vieram chamar, da parte do impressor do Paiz, para acudir a um pobre moço, que havia enlouquecido. Immediatamente deixei de mão os percevejos e o Fragueiro; e corri a tratar do doente. Cheguei a typographia, onde achei o impressor atrapalhado, aguentando com difficuldade o desgraçado maniaco, que, esbravejando, queria persuadir ao typographos, (que riam a bandeiras despregadas) que «*descer abaixo*» era uma locução elegante. Perguntei ao impressor a razão da loucura do pobre moço. Disse-me elle que, havendo publicado um artigo, de que era autor o maniaco, algumas reflexões fizera sobre o estylo do mesmo artigo, censurando a maneira da argumentação n'elle exarada; e que, em consequencia das suas reflexões, o rapaz preropeira n'um chorrilho de disparates, acompanhado de destemperos; que então conhecera que o homem perdera a razão, e que, para procurar meios de o curar, me mandara a chamar. Em vista d'esta declaração do impressor, tratei logo de applicar ao doente uma dose de elleboro; mas qual! não ha elleboro que o cure!... Trouxe-o para sua casa, vesti-o com essa camisa, que ahi vêes, para obstar

dor do manancial do estro; depois d'isto dizeti que se pode ser poeta sem nunca haver conhecido o soffrimento.

Nunca vistes em meio da tempestade subita sentelha azulada escapar-se do seio dos grossos vapores que toldam a athmosfera? Não vistes do imo d'essas anegradadas nuvens brotar espontaneamente o raio? Pois bem, a alma humana na dor semelha essas sombrias nuvens, e a poesia é o raio que d'ella jorra. A' escuridão dos sombrios vapores succede o fusilar da faisca electrica; á dor d'um peito desgraçado—a harmonia de um immortal canto. O rapido lance de luz compensa as trevas que produz a procella; o estro—os acerbos espinhos de um amargo viver. As crises da natureza analogas são ás do espirito humano; umas teem nuvens, tufões, e raios; as outras—dores, soffrimentos e genio.

(Continua.)

Uma flor.

*Dans les climats d'où vient la myrte
Loïn des rivages, sur les flots,
Il naît une fleur qu'on admire,
Et dont l'odeur, quand on l'aspire,
Donne l'extase au motelots.
(Lamartine.)*

Eu quero uma florinha, ella me disse

Que seja mais singella que o jasmim:

Eu quero uma florinha cujo aroma
Delicado e subtil não tenha fim.

Não quero que ella penda emmurhecida,

Um dia após de aberta em seu hastil,

Mas que sempre se mostre encantadora

Como nuvem dourada em céu de anil.

Um impossivel pedes, eu lhe disse,

Que uma flor tal eu buscaria em vão;

as suas violencias, e tenho estado a excogitar os meios de o guarecer de tão terrivel enfermidade. Eis o que se passou.

Aristarco. Caso na verdade bem deploravel! Nunca pensei que elle pudesse ficar n'este estado!

Doutor. Pois não leste no escripto d'elle que, *arregrava os punhos*, para combater contigo e com Zero? Só a leitura d'esse pedacinho te devia claramente mostrar que o homem não estava bom, pois que, n'uma questão litteraria, se queria pôr a jogar o sóco.

Aristarco. Isso é verdade. Mas como o escrever d'elle é mesmo um *escrever a sóco*, não tirei essa illação.

Doutor. Ora essa! E aquellas gargalhadas com que elle começou o seu escripto, podem acaso ser tomadas senão como gargalhadas de maluco?

Aristarco. Porém eu não julgava isso... pareciam-me apenas gargalhadas de alvar...

Doutor. Em parte tinhas razão; porém era mais do que isso...

Aristarco. Já que tratamos das asneiras d'elle, diga-me cá uma cousa, Dr.; reparou n'aquella parte em que elle diz que *commetteu* nm só erro?

Doutor. Maluquice, meu amigo. O pobre escrevinhador não se lembrava que, por cada tres palavras certas, que no seu escripto se acham, se encontra numero trip icado de erros e de *veiquices*.

Aristarco. Vio como elle comprehendeu essa palavra?

Doutor. Sem duvida. E' proprio de quem comprehende tão exquisitamente o sentido da palavra *tanger*. O rapaz já estava variando quando escreveu essas novidades. E o que dizes d'aquella teu

Só conheço a perpetua e a sempre-viva,
Que não murcham, mas que inodóras são.

E, dizendo-o fitei de sua face,
De matiz roseo, a setinosa tez;
Vi, sobre o peito, lhe pender a fronte
Anuviada por fria pallidez.

Mas... accrescentei, essa florinha
Ha muito que perfuma o peito meu;
E' tua a flôr, meu anjo! E ella sorrindo
Reclinou-se em meu seio, e adormeceu.

Carlos Pinho.

Sobre gostos.

Em materia de gosto
é sempre asneira ventilar questão,
depois, a discussão
em vez de trazer luz, em certos casos
só traz escuridão.

Pobres innovadores de costumes,
de vós me compadeço, tenho pena
de vos ver empenhados
em plantar flor onde só dam legumes;
com a vossa alta missão
sempre vos achareis embaraçados,
haveis de trabalhar, mas sempre em vão.

Sirva de exemplo o grande D. Quixotte,
o infeliz e magro cavalleiro,
correndo o mundo infeiroy
para o mundo salvar,
—o mundo! que sorria sempre ao vel-o
apaixonado, esguio e amarello.

A humanidade é um grande, immenso quadro
não sei por quem pintado;
no plano desse quadro em confusão
mil figuras se agitam,

vém com que elle embirrou por falta de um accento circumflexo?

Aristarco. Se elle estivesse bom, mandar-lhe-hia appresentar o original do meu escripto, para que visse se este erro foi meu ou typographico.

Doutor. Seria trabalho perdido, mesmo que elle estivesse em seu perfeito juizo. O rapaz é cabeçudo como um burro. Não viste como eile teimava em ser escriptor?

Aristarco. E' verdade. Queria por força chegar ao Pantheon. Porém apenas chegou...

Doutor. Ao Hospicio de alienados, meu caro. Em vez da gloria obteve a loucura. Sempre é alguma celebridade.

Aristarco. Isso é certo; mas não obstante julgo tal felicidade paga um pouco cara.

Doutor. Carissima. (dirigindo-se para Zero) Não achas?

Zero. Sim; por tal preço de certo eu não a quizera.

Aristarco. Deixemos por em quanto essa celebridade. (para o Doutor) Reparou tambem nos asobios com que elle ma briadou? Não os acha engraçados?

Doutor. E muito. São completamentos dignos d'elle. Se nos theatros é a plebe, que assim pateia os actores, não admira que Zoilo, que pertence á plebe dos escrevinhadores, se sirva d'este meio para patear os escriptores seus das affectos.

Aristarco. Acho essa comparação justa; mas diz-me ainda uma cousa: não reparaste n'aquelle pedacinho em que elle falla de *diz-me*?

Doutor. Reparei, sim; mas o pobre *besuntalinas* se não lembrou de que disse uma grande asneira, quando tal escreveu. Nem pelo menos sabe o que é uma syncopa. A euphonia para elle é

e dizem que, espiando sempre ao lado, está o grande author da criação.

Acaso já livestockes occasião de observar um dia pelas ruas um velho Italiano á tocar realejo e á fazer dançar alguns bonécos? Pois ahí 'stá o exemplo deste mundo: —nós somos os bonécos e Deus é o *carcamano*.

Alguns homens, por ser assim mais serio, com os pés preferem para a terra andar. Eu acho isto rasoavel; mas acho detestavel me quererem provar que um sujeito não tem o gosto fino, porque anda de pernas para o ar

Horacio diz: si alguém matar seu velho pai, por unico castigo, deve comer o alho;

mas algum lhe dirá: pois, olha, amigo, eu aprecio mais um dente de alho do que um verso dos teus.

Ha quem goste de ouvir as doces notas de um pedaço inspirado de Mozart tocado n'um piano afinado e sonoro.

Quanto á mim eu adoro uma voz de soprano que traduz o accento apaixonado de uma aria brilhante; mas eu não sei se possa bem chamar de gosto extravagante quem muito á seu talante se desvaneca ao son de um pertinaz e incommodo piston.

Na sympathia então ha um grande misterio! —um principio sem regra e caprichoso que rege o coração.

Contou-me um velho amigo que em suas viagens pela Andaluzia,

uma ceusa inteiramente desnecessaria. Pobre porcalhão de jornaes!

Aristarco. E aquelle tom com que elle a mim no seu escripto se dirige? Na verdade que me fez pasmar.

Doutor. Tom de maniaco, meu caro; não te deve surpreender; já leste a fabula do *leão caçando com o burro*?

Aristarco. Sim.

Doutor. Pois então não davias estranhar o tom de Zoilo... N'essa fabula está a explicação do seu proceder.

Aristarco. Reparaste tambem na minha expressão—*um digno premio*, que elle censurou?

Doutor. Olá! se reparei. Nem ao menos o pobre ratão se lembrou de que era *um premio digno delle*. A ellipse é para elle uma figura totalmente desconhecida. Só a sua loucura pode attenuar em parte este lampejo de estupidez. Disse tantas asneiras, que, se dessem o seu escripto ao fallacido Ewer-ton, até elle daria com estes mais que crassos erros. Loucura e mais, loucura eis o que se vê no seu escripto.

Aristarco. E aquelle ponto em que elle me critica a proposito de eu haver fallado de oratoria?

Doutor. Elle não te entende, meu amigo, julgou que fallavas de *periodo oratorio* em lugar de *oratoria*, e esta é a razão porque elle tresleu. Desarranjo mental é que presidió ás boboseiras que elle no seu artigo exarou. Allí não se encontra uma só cousa que se possa aproveitar. Pobre louco! Na verdade tenho dó d'elle!

Zero (levantando-se e approximando-se do Doutor). E que diz d'aquelle titulo de *surrada* com que elle baptizou o seu escripto?

Doutor. Ora! é tambem loucura! E' elle que

assombrado, assistira em pleno dia uma das filhas mais gentis de Cadix definhar-se de amor por um magro chinês de olhos pequenos, tolo e presumpso.

O coração humano tem pilherias, ensossas na verdade, mas que não deixam ás vezes de trazer alguma novidade; quando se pensa conhecel-o ao certo, miral-o bem de perto, elle transmuda a face de repente, e o estudo que se fez some se d'uma vez n'essa nova corrente.

Deixai o coração andar como quizer; e si algum pretender buscar-lhe a todo custo algumas prendas; acho muito melhor que, em vez de hir aprender o que é o amor, aprenda á fazer rendas.

Deixai que os homens vivam satisfeitos cada um com o seu gosto Ora, uns podem gostar do delicado, do simples, do bem feito, —sou desta opinião—; outros, porem, já em sentido opposto preferem um figurão grotesco e desmanchado: é muito natural que, si não for um gosto aprimorado será, ao menos, sempre original

C.

Maranhão — 1876.

COLUMNA TELLEGRAPHICA.

S. Luiz, 7 de março de 1876.

O carnaval.—Um amante incauto.—Carta do mesmo.—Considerações suggeridas por ellas.—Falta de dinheiro.—Tristeza.

Caro demozito.

Como começarei a minha carta? Fallando do car-

neval? Isto já vae tão longe que não nos aproveita muito. Digamos, pois, de passagem, que as sociedades dos Dez, dos Carbonarios, e a companhia de Esgotos desempenharam bem os seus papeis, e para fallar a verdade, mais patente tornaram a insipidez dos taes que não passam do *Vossé me conhece, diga meo nome*, &, ou a ignorancia dos que servem-se da mascara para dizer pesadas pilherias e até mesmo para dirigir insultos aos outros. E' verdade que a civilização da nossa terra muito influe para que esses abusos não deem-se em grande escala, sendo para lastimar que elles não deixem absolutamente de ter lugar, ao menos em occasiões e partes em que mais necessarias se fazem a ordem e a prudencia....

E basta sobre carnaval, que mais me aproveita a mim a circumstancia de já ir muito longe, para ser crido na verdade, que affirmo, do achado da seguinte carta, que vae conforme o original:

«Querido anjo Perpetuo da roza o botão por quem tanto dou a vida!

Tristeza.

«Bem conheço que sou incapaz para comsigo, de ter a communicação aonde desejo, e bem conheço que para commigo não ha fialdade como se tem me dito que tem! que tem! lealdade, parece-me que se me quer ter por algum pateta que não conheça as falsidades; mais parece-me que não estou resolvido a comprar bananas de ingratas; sim porque não havia suspaita nenhuma de converçar commigo aonde desejo, porque pelo que diz-me que ha de ser a minha fiel espoza já vê que não ha probabilidade de a ver suspeitas em nossas conversas o ultas; estou dezengado que tudo são prozas, que em mim nunca se empregou amizade e sempre fui infeliz! mais de ora em diante o que faço é retirar-me até a sua resposta pela mesma portadora ainda que localmente. (Eu não tinha tenção de lançar mão em pena para escrever-lhe mais me vejo obrigado; isto é porque sei que não tenho resposta por escripta.)

«No mais adeos até!... até!...

«Dispõem ingrata de quem tanto por ti morre e por ti dará a vida.

(Lugar da assignatura).

«Leia e rasgue ou hote no fogo.»

Posso garantir-te que essa carta não é um in-

dos seus accessos de raiva, disse que não se importava com a grammatica, porque do seu lado estava a razão, como se podesse, n'uma questão litteraria, haver razão da parte de quem não soubesse grammatica. Ora, um tal disparate é tão claro que bem se vê que o pobre menino está com a razão por uma vez aniquilada.

Zero. Mas eu o não arguo... Eu apenas mostro que só a sua loucura poderi proluzir os disparates com que elle borrou o «Paiz». Já vêes que sou dá tua opiuição. Si fallo dos seus erros é porque n'elles acho um não sei que de gaiato, que bastante me agrada.

Doutor. Comprehando-te; censuras para te divertir.

Na verdade que não é máo divertimento. Vou porem agora tratar de uma cousa mais importante: Já decorreram algumas horas e o ellebore nenhum resultado produziu que ali viasse o meu deonte. Por conseguinte vou applicar um remedio mais enargico, sobretudo agora, que elle está berrando, como desesperado. Ouçam.

Zoilo. Uii! Uii! Uii! D'esta vez não escapo! Tenho a pelle toda cortada... já até me não posso sentar... O maldito azorrague continúa alçado sobre mim!... Acudam!... Acudam!

Aristarco. Estes gritos me estalam o coração! Desgraçado! causa-me dó vê-lo assim. Dr. procure um remedio, que bem lhe possa vir a fazer, um remedio, que lhe abrande as dores.

Doutor. Vamos applicar-lhe um ducho. Talvez que assim consigamos alguma cousa. Tu, Zero, agarra-o com força, e prova-lhe, por este meio, que o susterás com firmeza n'um só lugar. Em quanto a ti, Aristarco, despeja sobre elle esse pote que se acha cheio d'agua. (Zero e Aristarco execu-

vento meo, nem da pessoa que m'a deo, a qual achou-a ainda dobrada, por m não fechada.

Se tu ou outra qualquer pessoa quizer ver o original, posso mostral-o, visto como o conservo em meo poder. O papel em que está escripto é bordado, enfeitado, em fim— de namorado.

Transcrevendo-o para aqui não tenho outro fim senão dar aos amantes incautos um exemplo da irrisão a que se expõem quando por ventura se acha uma carta com declarações taes; e recomendar lhes á vista disso que tornem-se acutelados nessas cousas. Já vem que não basta pedir como o triste amante, que nos está divertindo, *um leia e rasgue ou bote no fogo*; pode ser que a carta se perca ou que a namorada mande-o ás favas e pouco se importe, de ler, não, mas sim de rasgar ou queimar o papelucho. Convem alem disso attender que é cousa mui difficil achar uma namorada que satisfaça ao menos n'um pedido d'esses: umas, desejando possuir um documento que prove a paixão ardente do seu amante, satisfazem perfeitamente os seus desejos com uma carta como essa; outras são levianas e pouco se importam de possuil-o ou desfazer se delle inutilizando-o de qualquer maneira; finalmente outras, se bem que esta hypothese seja quasi impossivel de realizar se, conhecem a astucia dos amantes, e é o que parece-me haver acontecido com o triste, desprezam-no e devolvem-lhe a carta pelo mesmo portador, que, muitas vezes e por conveniencia propria, deixa então de fazel-a entregue ao destinatario.

Dados estes conselhos passemos a outro assumpto.

—A Mocidade está bem triste com os seus assignantes que não leem o pedido que ella constantemente e ainda agora lhes faz em letras bem gordas, logo no principio da 1.ª de suas columnas.

E como não hade estar triste quem não tem dinheiro!

E os Srs. assignantes que estão no caso de consolal-a, porque não fazem essa obra de caridade?!

—Só isto bastou para que eu ficasse triste, Democrito, e a minha melancolia é tanta que eu não posso continuar.

Não te recordas de que na minha ultima te disse que só em lembrar-me dos assignantes remissos da Mocidade ficava triste? Pois é o caso. Adeus.

Teu collega
Confucius.

Jornal das Famílias.—O n. 2 deste anno, cor-

tam as ordens rapidamente, e dão um tremido banho no insensato, que começa a gritar cada vez com mais força.)

Zero Parece-me que o duche não basta, porquanto elle cada vez mais se torna furioso. Vejam como forceja para escupir das minhas mãos.

Doutor. Então não ha remedio senão applicar a este endiabrado um remedio extremo. Vamos deitarlhe um caustico na nuca. A imperiosa necessidade assim o exige. (Assim fazem, e Zoilo, depois de uma breve luta, que durou em quanto se lhe applicou o caustico, cabe inteiramente prostrado. Vendo isto a sombra de Azinio, que no ar tem permanecido immovel, move-se contente e aproxima-se de Zoilo.)

Doutor (voltando com Aristarco e Zero para o primeiro plano). Parece que agora fomos magnificamente succedidos. O pobre diabo está um pouco mais socegado. Podemos portanto voltar ao assumpto da nossa conversa.

Zero. E eu que folgo com isso, pois tenho que fazer uma reflexão sobre uns epithetos, com que Zoilo presenteou a Aristarco.

Aristarco. Que epithetos foram?

Zero. Os de critico judicioso, de eximio grammatico, o de sabio polymathico, que, segundo parece, elle ironicamente te deu.

Aristarco. A tal ironia eu não daria importancia, mesmo que sabbisse de uma pessoa, que não estivesse tresloucada. Tal ataque parece-se com um escarro, que algum se lembrasse de atirar contra o vento, e que elle reenviaria á bocca de quem o lançasse. Não dei a isso attenção, ou se alguma lhe dei, foi a mesma que daria ao latir de um fraldiqueiro, que não ousasse morder-me. Eis o que a esse respeito penso.

respondente ao mez de fevereiro, contem o seguinte:

Romances: Historia de uma fita azul (fim) por Machado de Assis; D'um polo a outro (fim) por Heitor da Silveira; To be or not to be, por Machado de Assis; A Louca, por Ernesto Castro.

Variiedades: Pensamentos sobre a belleza, por Ernestina F. Varella.

Mosaico: Lembranças historicas pelo Dr. Moreira de Azevedo.

Poesias: Fabelas de Florian: O Papagaio, A Casquilha e a abelha, por J. Luiz.

Modas: Descripção do figurino de modas.

Trabalhos: Explicações das estampas.

Acompanham este n. um figurino de modas colorido, uma estampa de bordados e trabalhos, uma estampa de moldes, uma estampa de tapeçaria colorida, duas gruvuras sobre madeira, uma peça de musica. *Uma Folia*, polka para piano pela Sr.ª Vairo.

Errata.

No artigo transcripto no n. 18 d'este jornal, escaparam na impressão, particularmente na parte escripta em francez, as seguintes faltas:

Pag:	col:	lin:	erros:	emendas:
2.ª	1.ª	2.ª	l'aréne	l'arène
		6.ª	l'Athlète	l'Athlète
		14.ª	trés	très
		15.ª	qu'on manque	qu'on me manque
			obscènes	obscènes
		16.ª	adultère	adultère.
			où	où
		20.ª	où	où

Na continuação, do n. 20, ha a notar as seguintes:

Pag:	col:	lin:	erros:	emendas:
1.ª	2.ª	6	primiers	premiers
		14	Scienses	Sciences
		20	nom	nom,
	3.ª	2	verrons nous	verrons-nous
		8	ee	le
		(em todas)	á	à

Doutor. Pensas bem. E' melhor dar isso ao desprezo.

Zero. Tenho ainda que lhes dizer uma cousa bem interessante.

Doutor. Qual é?

Zero. Vorêis não repararam nas escarradelas de latim com que elle borrifou o seu escripto?

Doutor e Aristarco. Sim.

Zero. Pois fiquem sabendo que elle não saba latim, e que aquillo é puro pedantismo, pois que de tal lingua nada pesca.

Aristarco. Julgava isso, mas não tinha certeza absoluta. Parecia-me demasiada impudencia apresentar-se um individuo a buscar etymologias n'uma lingua totalmente para elle desconhecida.

Zero. Pois essa impudencia teve elle; é verdade que sob um accesso de loucura, mas essa loucura não o desculpa cá no meu entender.

Doutor. Como assim?

Zero. Porque um louco claramente mostra e que é, e Zoilo pretende mostrar-se mais do que é.

Doutor. Mas ahí é que bate a mania d'elle. Pretende por força valer mais do que vale, e como o escripto de Aristarco lhe mostrou claramente o seu nada, elle se encolerizou a um tal ponto, que o sangue lhe subio á cabeça e lhe transtornou as faculdades. Por isso não te deves admirar, que, na sua loucura, pretenda ainda assumir ares de homem de sciencia.

Aristarco. Concordo com o que diz, Dr. Ha porrem ainda a notar no escripto delle uma cousa que muito me deu no goto; foi aquelle;—*inchado como patão*.

Doutor. Isso foi uma asneira crassa, que, só por um cerebro desmiolado, poderia ser dita. Uma

«	«	17	eu	en
«	«	19	donera	donnera
2.ª	1.ª	4	diverce	divorce
«	«	5	être	être
«	«	9	ao	au
«	«	16	conciencie	conscience
«	«	16	sourait	saurait
«	«	18	apréciateurs	appréciateurs
«	«	19	un	une
«	«	19	d'erudits	d'erudits
«	«	20	Académie	Académie
«	2.ª	15	Scienses	Sciences
«	3.ª	11	aucum	aucun
«	«	11	mèngement	ménagement
«	«	28	demandar;	demandar:
«	«	35	revolution	révolution
«	«	43	corruption	corruption,
3.ª	1.ª	6	conquises	conquises,
«	«	12	DF	DE
		19	aux	au

Na continuação do n. 21, as seguintes:

Pag:	col:	linh:	erros:	emendas:
2.ª	3.ª	2	i'	l'
«	«	5	systeme	systeme
3.ª	1.ª	2	harde	hardie
«	«	20	faudrait	vaudrait
«	«	36	là	là
«	2.ª	8	prendre,	prendre
«	«	10	soutenne	soutenne

—Rogamos aos nossos assignantes, que estão em debito, o obsequio de saldarem suas contas.

Maranhão—Typ. do «Paiz»—Imp. M.F.V. Pires.

comparação de um plural com um singular não pode partir senão de um demente.

Zero. E aquelle vomitou elle, e aquelle embora contudo, e aquella syntaxe escripta com i'?

Doutor. São provas de sua loucura. Se fosses citar todos os erros em que elle cahio, seria um acabar nunca. Por isso vamos pol-as de parte, reconhecendo por uma vez, que Zoilo ficou inteiramente demente.

A sombra de Azinio. Demente! Demente! (baixa sobre Zoilo, apiciando a dextra na fronte d'este).

Zero, Aristarco e o Doutor. Quem fallou?

A sombra de Azinio. Fui eu, eu, o rival de Zoilo, eu que na hora extrema da sua angustia baixa do paramo das asneiras a vir fazer-lhe companhia, preparando-o para me acompanhar á mansão dos pobres de espirito. (Torna-se visivel para os tres, e, suspendendo com a dextra Zoilo, larga o vó para os ethereos espaços). Desapparece da vista dos tres amigos.

Zero. (com espanto) Lá foi elle com a sua grammatica!...

Aristarco. E com a sua oratoria!

Doutor. E, finalmente, com a sua loucura!

Esta é uma das scenas mais importantes que teve lugar durante a loucura de Zoilo.

Escrevia para desfastio, informando o publico d'esta importante occurrencia.

Aristarco.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est ja fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Terça-feira, 21 de março de 1876.

NUMERO 23

—Rogamos aos nossos assignantes, que estão em debito, o obsequio de saldarem suas contas.

A MOCIDADE

MARANHÃO, 21 DE MARÇO DE 1876.

Em que consiste a felicidade?

Esta magna questão tem sido diversamente explicada pelas escolas de philosophia antiga e moderna, porem as opiniões que nasceram das contraversias que se travaram à respeito d'este assumpto tão importante, podem-se dividir em quatro principaes, à saber: a dos Epicuristas, a dos Cyrenaicos, a dos Stoicos e a dos Peripateticos.

O principio fundamental da doutrina de Epicuro era, que os prazeres e as dores são o unico e o verdadeiro objecto do *desejo* ou *d'aversão*, d'onde segue-se que não amamos ou aborrecemos, senão aquillo que está de accordo e harmonia com as idéas de praser e dôr.

Aprofundando-se a doutrina de Epicuro claramente se conhece que elle tambem recommendava os prazeres da intelligencia, e não somente os prazeres materiaes, como interpretaram os seus discipulos, como mais adiante provaremos quando tivermos occasião de estabelecer o paralelo entre a escola de Epicuro e a de Aristippo.

Aristippo da Cyrene, chefe da escola sensualista, que é conhecida na historia de philosophia pelo nome de—escola *Cyrenaica*, que teve por seus principaes discipulos Aratêa, sua filha, e Aristippo *Metroididacto*, seu neto, tambem affirmava que toda a felicidade consistia no prazer e a infelicidade na dôr, e concluia dizendo que todo o homem devia procurar um meio termo para por-se ao abrigo das catastrophes que podessem vir do mal, isto é, da dôr.

Aristippo ainda disia: Eu possuo Laís

e Laís me não possui; tal era a base principal da sua seita philosophica.

Aristippo parece que queria dizer com aquellas palavras que o homem podia pôr-se acima das suas paixões e domal-as completamente; porem a sua theoria pecca na pratica, porque se hoje o vencedor favonea-se com os triumphos que soube alcançar com grande custo sobre os praseres, amanhã o mesmo que havia tecido para si tão refulgente corôa de virtude a desmanchará e atirar-se-ha no lodaçal imundo do vicio e do crime.

O vencedor de um dia tornar-se-ha um escravo eterno.

O coração humano tem d'estas eccentricidades.

O que a principio era para elle nobre e santo ainda quando não o havia penetrado o vicio e a corrupção, torna-se depois máo e odioso quando este apodera-se da alma, e então até a propria virtude despresa e tem como sua deusa as mais infames idéas e as mais torpes praticas.

A doutrina de Aristippo dava lugar á alma encaminhar-se por tortuosas veredas e engolpar-se em prazeres que a detioravam, porque toda a sua moral se baseava na sensibilidade phisica.

O sensualismo de Epicuro era mais puro do que o grôsseiro de Aristippo, pois aquelle philosopho nas suas doutrinas se referia tambem aos prazeres da intelligencia, ao passo que este fallava tão somente quanto aos prazeres phisicos.

Epicuro firmou toda a felicidade no *deleite* e o *deleite* na *virtude*; elle substituiu os prazeres phisicos por outros mais puros—os da sensibilidade intellectual.

Epicuro desenvolveu, espi-ritualizou, e encaminhou para o ideal a doutrina de Aristippo, porem deixando livre campo as interpretações, a sua escola bem depressa degenerou em puro sensualismo, como bem se prova pelos seus adeptos em Roma que seguiam justamente o dito do poeta Horacio: *Ego sum porcus de egregii epicuri*, e como consequencia deste principio praticavam toda a sorte de sensualidade, que contribuiu não pouco para a desmoralisação e queda da sociedade romana.

Todo homem de máo caracter e amigo dos prazeres desregrados alistava-se nas fileiras dos philosophos epicureos e publicamente tripudiava em suas bachanaes julgando obrar segundo os principios estabelecidos pelo mestre.

O praser e o deleite que o Epicuro deixou como base da virtude abriu longo campo as interpetrações, como já dissemos, e fez com que as suas idéas fossem completamente transformadas.

O virtuoso Epicuro serviu e tem servido de capa aos erros e vicios de muita gente que se tem em conta de ser fiel discipulo e observador exacto de suas doutrinas.

Os principios estabelecidos em doutrina tem um alcance que está bem longe de ser pesquisado e antevisto pelo seu autor: foi justamente o que aconteceu com o chefe da escola epicuriista.

Os principios têm uma força consideravel, que se desenvolve naturalmente, sem prévio conhecimento dos homens, e isto contribue para que elles se submettam a sua jurisdicção sem examinal-os com toda attenção necessaria.

Muitos philosophos respeitaveis, e entre outros o sabio Montesquieu, estudaram a influencia que os epicureos exerceram sobre os costumes e decadencia dos antigos Romanos, e das suas minuciosas pesquisas para á descoberta da verdade acharam mais que provas sufficientes para affirmarem, que este systema de moral pervertida foi uma das principaes causas da sua fraqueza e decadencia.

Cicero, profundo orador e philosopho romano nos transmittiu o seguinte facto que tem bastante importancia para as sciencias moraes, no seu tratado da *Velhice*:

«Alguns dos meus amigos, diz elle, mais avançados na idade do que eu, me contaram não poucas vezes um facto importante á respeito de Fabricio.

«Elles me asseveraram ter ouvido em sua mocidade á muitos velhos que conheciam, affirmarem-lhes que Fabricio tendo partido para a Côte de Pyrrô, rei do Epiro, como embaixador, tinha ficado mui admirado do que lhe contara Cynêas á cerca de um philosopho d'Athenas, que

sustentava, que o amor do prazer era o principal movel de todas as acções humanas. Diziam mais, que quando Fabiácio referio este facto a Curio e a Tito Coruncanio, ambos mostraram desejo de ver Pyrrho e todos os Sanitas abraçarem esta extraordinaria e exquisita doutrina; pois estavam convictos que esse povo imbuído em taes principios facilmente seria conquistado. Curio era intimo amigo de Publio Decio, que sacrificou sem temer a propria vida pela salvação da patria.

«Este generoso e afamado cidadão era pessoalmente conhecido de Fabricio e Coruncanio, e ambos estavam convencidos assim pela disposição do seu coração, como pelo illustre exemplo de Decio, que existia em nossas acções uma rectidão e um profundo conhecimento do dever, que terá sempre em vista toda a alma, que elevada e generosa, á despeito do mundo, que chama prazer, principios, que ella considerará como regra sagrada de conducta e como primeiro interesse da vida.»

Eis o que nos diz Cicero á respeito dos puros costumes dos primeiros romanos, que collocavam o dever e a honra acima do prazer e do gozo, e imitavam os exemplos dos homens virtuosos que se dedicavam e morriam pela patria, como os Fabricios, os Curios, os Decios e tantos outros que a illustraram pelejando pela sua integridade e autonomia.

Mas essa moralidade tão apregoada, essa rectidão de principios tão admiravel, essa dedicação e patriotismo tão afamados, foram com o decorrer dos tempos enfraquecendo visivelmente, e por fim os romanos aproximaram-se dos principios perniciosos dos epicuristas: o dever, a honra, a integridade e o patriotismo, foram esquecidos pelo prazer, pelo interesse e pela sordida cubiça.

A reacção não se fez esperar muito; e eis que o estoicismo apresenta-se em campo como uma barreira invencivel para oppôr-se aos desvios da desmoralizada seita dos epicuristas.

O estoicismo foi fundado por Zenon de Citium, que tinha sua escola no Portico (stoa), pelos annos de 163 A. C.

Em contraposição as doutrinas de Epicuro os estoicos collocavam a felicidade no *recto proceder*, isto é, na pratica da virtude.

Elles não ensinavam absolutamente a indiferença contra as cousas do mundo physico, pois reconheciam e admittiam que o homem deve occupar-se com tudo aquillo que lhe diz respeito e que o dirige para a virtude.

Tambem ensinavam que o homem não deve levar vida apathica e ociosa, que deve se esforçar para o bem e trabalhar quanto puder para a perfeição.

Segundo o estoicismo, a virtude do homem está em decidir-se na razão do valor intrinseco das cousas e ter firme convicção na consciencia.

A virtude é o supremo bem, só porque ella é boa; fora della tudo é vaidade, tudo é mal: tal era a base fundamental da doutrina de Zenon.

Eram de opinião que se fizesse todos os esforços para adquirir um fim *desejavel*; o que elles negavam era tão somente que não deviamos procurar qualquer objecto com o fim da nossa felicidade, mas sim por vermos que era adequado a nossa natureza e conservação.

D'aqui conclue-se que depois de termos praticado quanto nos fôr possível para alcançar tal ou qual fim, se depois de insano trabalho não o conseguirmos, devemos ficar *indifferentes*, porque só o summo bem está na virtude.

Epicteto, o mais illustre discipulo de Zenon, nos dá á conhecer qual o desprezo e indiferença que os estoicos affectavam pela vida e calamidades d'este mundo, pelas seguintes palavras: «Se navego, diz elle, escolho o mais bello navio e o melhor piloto, tambem escolho o tempo mais favoravel e bonançoso, todas as vezes que assim permittirem as minhas occupaões e os meus deveres.

«A prudencia e a moderação, principios que os deuses me outorgaram conduzir-me hão a um fim desejado.

«Se por ventura acontecer sobrevir alguma tempestade, e apezar da pericia do piloto e da destreza dos marinheiros o navio soçobrar, ficarei impertubavel, porque fiz tudo o que podia. Os deuses não exigem que me atemorise, que eu seja miseravel, inquieto e impaciente.

«Perecer ou salvar-me em um naufragio são cousas que correm por conta de Jupiter e não pela minha. Me entrego pois todo a sua vontade: não me deixo perturbar pelo que tem de acontecer, mas aceito todas as cousas com igual indiferença e tranquillidade inquebrantavel.»

O estoicismo exerceu grande poderio em Roma, e fez parar por alguns momentos a torrente de devassidão, que a arrastava para a sua queda inevitavel.

Marco Aurelio, imperador romano e philosopho estoico, pôz publicamente em pratica as theorias de Zenon, e contribuiu isso não pouco para que muitos romanos abraçassem e seguissem aquella doutrina.

Helvidio Prisco, Thraséas e outros, poderam arrostar os vicios para uma fonte mais limpa e lá conseguiram purificar-os um pouco.

O poder do imperio dado a Marco Aurelio foi felicidade para a humanidade, porque adoptando medidas mais nobres e energicas do que seus antecessores e seguindo as sãs idéas que pertenciam á uma philosophia mais aperfeiçoada do que a de Epicuro, collocou com o seu exemplo uma barreira terrivel contra os ataques brutaes do sensualismo grosseiro e as delapidações dos dinheiros publicos.

Só uma philosophia desinteressada como o estoicismo poderia fazer parar, por

alguns momentos, a terrivel enfermidade que a passos largos ia approximando Roma de uma morte ignominiosa e de um tumulto asqueroso.

O epicurismo deu-nos os Neros, os Comodos, os Vitellios, e os Heliogabalos, ao passo que o estoicismo deu-nos os Calões, os Brutos, os Antoninos, os Marco-Amelios, e tantos outros que contribuíram não pouco para a liberdade do povo romano.

Os despotas perseguiram e desterravam os estoicos era porque pregavam a liberdade e os sãos principios de moral; mas o estoicismo vingou-se dando á Roma um Antonino que dizia que a riqueza de um príncipe era a felicidade publica, e que pela sua bondade recebeu o appellido de *pae do genero humano*; e tambem Marco-Amelio elevado ao throno mostrou de quanto era capaz um estoico firme em seus principios.

Estê imperador era tão amante da verdade e da abnegação que não trepidou em respeitar a religião christã, então perseguida pelos romanos, e attribuir a victoria que adquerio sobre os Quados as preces dos soldados christãos, que acompanhavam a legião que é conhecida na historia com o nome de *legião fulmiante*.

Conta-se tambem que vendera toda a prata e ouro do seu palacio para defender os briões da patria que se achavam ameaçados pelos Germanos que já se haviam aproximado até junto as portas de Aquilêa.

Os homens mais virtuosos e moralizados de Roma abraçavam com fervor e entusiasmo o estoicismo, e o epicurismo á olhos vistos desaparecia ante essa philosophia cheia de pureza e abnegação.

O sabio Montesquieu disse a respeito do estoicismo o seguinte: «As diversas seitas philosophicas entre os antigos eram especies de Religião; e nenhuma houve, cujos principios fossem mais dignos da humanidade, e mais proprios á formar homens de bem, do que a dos stoicos, de maneira que se por um instante eu pudesse esquecer-me de que sou christão, não poderia deixar de por a destruição da seita Zenon no numero das calamidades do genero humano.»

A moral de Zenon acha-se comprehendida na formula que mais tarde nos forneceu o seu discipulo Epicteto: *supporta e abstem-te*; moral toda negativa, que, para pôr-se em acção tem necessidade de chamar em seu auxilio uma palavra mais sublime e perfeita que nos dá o Evangelho — *ama*.

Entre os stoicos contam-se como mais notaveis: Zenon, fundador da escola; Cleantho, seu successor; Seneca; Lucano, seu sobrinho e discipulo; Marco Aurelio, que escreveu uma collecção de maximas em grego intitulada *Pensamentos*, que Cicero chamava um livro de ouro; e Pósidonio que tendo sido accomettido por um violento ataque de gotta quando entusiasmado philosophava em presença

de Pompeo, mostrou que estava firme em em seus principio, pois este accidente não o esmoreceu, e com animo imperturbavel exclamou quando a dor mais o apertava: —*Oh dor! Oh! dor! por mais que faças nunca direi que és um mal.*

O stoicismo é o supremo esforço da sabedoria humana, e o ultimo grão do sentimentalismo puro e sem macula.

Mas esta philosophia tão sublime pecca tambem, porque rouba ao coração humano, a sua ultima seiva. o seu ultimo alento—a esperanza da vida eterna.

O estoicismo diz que o homem só deve praticar a virtude, porque só a virtude é boa e perfeita, e não deve esperar outra recompensa senão ser virtuoso. A sua theoria é chimerica, e incapaz de ser comprehendida pelos homens, porque a natureza humana foi descohecida em sua origem, constituição e seu fim.

Eis a razão porque muitos historiadores da philosophia dizem que os stoicos não praticavam a virtude, só por amor della, mais sim por uma vaidade e mal entendido orgulho, o que tem todo fundamento, porque semelhante doutrina está acima das forças humanas; e se tambem desconheciam as penas e recompensas da vida eterna, naturalmente as suas acções se dirigiam á um fim todo material, como bem seja, a vaidade de parecer sabio e obter a lisonja dos admiradores das suas excêntridades.

A descoberta da ultima palavra d'essa doutrina estava reservada para a religião christã, que ensina tambem que só a virtude é boa e sublime, que só ella nos pode conduzir ao nosso ultimo fim, isto é a felicidade; porem ao par d'estes principios põe a mira do homem n'uma vida eterna, onde receberá penas ou recompensas segundo as acções que praticou n'esta vida.

Agora diremos algumas palavras á respeito da seita dos peripateticos, pois á isso nos compromettemos quando começamos á tratar d'esta questão.

Os principios em que se basea a doutrina dos Peripateticos está de accordo perfeito com as idéas da escola de Pythagoras, a qual defenio a felicidade—*o exercicio da virtude no meio d'uma vida feliz.*

A doutrina d'esta escola era que o homem para ser virtuoso não é somente necessario ter a idéa de virtude, mas sim practical-a; tambem tinha a fortuna como um complemento impresindivel para podermos ser virtuosos, e tão impresindivel como a luz para os olhos distinguir os objectos; finalmente conclue a sua theoria, afirmando que o homem virtuoso no meio da desgraça não é infeliz, ao passo que o vicioso ainda mesmo no meio dos prazeres é infeliz e porpênde para a degeneração da especie.

Os peripateticos não alcançaram a ultima palavra da virtude, e andaram quasi pelos

mesmos erros que as seitas precedentes com mais ou menos differença.

O primeiro absurdo d'esta doutrina é afirmar que o homem tem necessidade de ser rico para praticar a virtude; o segundo é rebaixar a especie humana ponde-lhe como movel das suas acções a grande cubiça de procurar thesouros.

Um homem imbuído em taes principios nunca poderá ser virtuoso e não passará de um sordido avarento e de um especulador sem consciencia.

A luz da razão humana não conseguiu descobrir o enigma real da vida e só d'isso era capaz a religião christã.

De todos as quatro seitas philosophicas a que mais se aproximava da verdade era a dos estoicos, porem a sua vaidade e orgulho os perderem, deixando a questão embryonaria.

A doutrina do Martyr do Golgotha, é que é verdadeira e santa, pois dá toda os meios do homem se aperfeiçoar e preencher o seu fim, isto é, achar a sua felicidade, sem comtudo desconhecer a sua origem e destino.

Era necessario que apparecesse as sãs doutrinas do Evangelho, para que nascesse a philosophia christã, que é a unica que nos conduz ao nosso verdadeiro fim e nos mostra a nossa origem, sem chimeras e falsos rodeios.

A virtude deve estar collocada em um terreno innaccessivel as tempestades do coração, e fóra completamente da orbita de uma sensibilidade grosseira.

Só na pratica da virtude é que está a felicidade, acompanhada de um justo temor e uma sublime esperanza na vida eterna.

A. Arthur de S. Rosa.

Eu e Tu.

(A...)

Eu e tu somos deus entes
Nascido para se amar,
Duas almas que occupão
N'este mundo um só lugar,
Dous élos d'uma cadeia
Que jamais ha de quebrar.

Tu és a flôr delicada
Que vem surgindo gentil
Mais bella que a propria rosa
Em bella manhã d'Abril.
Eu sou a brisa fagueira
Que brinca no teu hastil.

Tu és a praia arenosa,
A margem que cerca o mar,
Coberta de branca espuma
Que vai-lhe o dorso beijar.
Eu sou a vaga ondulante
Que a praia vai se quebrar.

Tu és a rôla carpindo
Tristezas na solidão

Quando já debil diffunde
O astro-rei seu clarão.
Eu sou o echo longiquo
Que te repete a canção.

Tu és a visão celeste,
O anjo dos sonhos meus,
O rosto mais feiteceiro
Que foi creado por Deus.
Eu sou aquelle que em sonhos
Recebe os sorrisos teus.

Tu és a minha ventura,
Da terra a mais bella flôr,
Remedio que cura maguas,
Remedio que extingue a dôr
Eu sou o ente que vive
Que vive por teu amor.

Maranhão, 17 de Março de 1876.

Paulo Pereira.

Viver, soffrer, morrer!

Eu vivo, como vive o desvalido,
Coberto de tristeza e de mizeria,
Sem paz! sem ter socego!
Co rosto macillento! a fronte baixa,
Implorando orvalhado pelo pranto
O pão da caridade!

Eu soffro, como soffre o pobre enfermo,
Cercado da desgraça, s'estorcendo
N'um leito só d'espinhos,
Esperando offuscar-se bem depressa
A luz de seu destino e dissipar-se
A lampada da vida!

Eu morro, como morre o arrependido
Com a paz no coração, socego n'alma
Contracto já com Deus!
Esperando que chegue a fatal hora,
Para ir, remontando o espaço infindo
—Dormir eternamente!—

Maranhão, 4—4—75.

Condworth.

COLUMN TELLEGRAPHICA.

A quaresma.—A procissão do Senhor dos Passos e a do Senhor da Columna.—A philosophia cynica posta em acção.—O Dr. Pedro Americo.—Adeos.

Caro confucio.

Estamos em pleno reinado do bacalhau e do feijão, e proximos de arrepender-nos dos peccados, que por ventura tenhamos commetido no intervallo que medeia entre as duas quaresmas.

E' tempo de confissão, e arrependimento sincero, por isso é bom pôr termo á tirannia, e fallar menos mal do proximo: é o conselho que dou aos tagarellas e bisbilhouteiros.

Emendem-se; emendem-se emquanto é tempo, e depois não digam que ninguém os avisou deque Satanaz os espera no inferno com as caldeiras em brasa e o espelo acceso na mão, para massacrar e queimar-vos sem piedade alguma.

Sentido; sentido; alerta emquanto é tempo.... Este aviso se dirige principalmente aquelles que usam bugangas no pescção, e que tem por officio dizerem o que não sentem.

Comprenderam?... dirijo-me especialmente aos hyprocritas.

Ah! espeto de Satanaz!!!

Deus libera barrigam nostram.

E' verdade; é pura verdade que queimada a barriga vai-se tudo quanto Martha fiou; porque, bem sabem Vmcs., a barriga é a mola real d'este mundo, e o resto são cousas ou historias da *caruncha*.

Para a barriga é que se trabalha, para a barriga é que serve o dinheiro, e pela barriga é que se vive.

Ora pois; viva a barriga?

Viva!

Ninguém me contestará isso e aquelle que se atrever... não digo o que faço; melhor é preparalhes uma surpresa.

Pensam Vmcs., caros leitores e amáveis leitoras que Democrito, vosso querido chronista, não é religioso pelo que ainda á pouco acabaram de ler; não é assim?

Pois estão enganados redondamente visto que gosto ainda de passar as minhas *continhas* pelos dedos tres ou quatro vezes e mais, se assim permitem o tempo e as bellas.

Democrito, vosso chronista, quer brincar, divertir-vos e nada mais. Tem o mesmo desejo de ver-vos um pouco... um pouco *alegrettes*. Entendem cu não gostam?...

Basta; e por enquanto passemos á outro assumpto.

—A procissão do Senhor dos Passos esteve muito concorrida, e durante o seo trajecto houve ordem e respeito convenientes ao acto religioso.

Os passos este anno estiveram mui simples, e n'elles nada havia de notavel; melhor seria que a irmandade resolvesse fazel-os d'entro dos templos, porque não só traria economia para ella, como tambem o acto infundiria muito mais respeito e acatamento.

Na entrada da procissão na igreja do Carmo pregou o Rvm. padre Raimundo Alves da Fonseca, que pelo talento e eloquencia com que expoz os mysterios da Religião agradou o auditorio.

—A procissão do Senhor da Columna esteve concorrida. A' noite na igreja de Santa Antonio onde está recolhida a imagem, quasi não houve visitantes e conservou-se completamente fria.

A quaresma parece que vai decahindo entre nós, e contribue não pouco para isso a falta de dinheiro que ha, como tambem certos abusos que desfiguram o fim e a intenção das procissões e mais praticas da igreja.

—As procissões têm um fim todo religioso e que contribue para fortificar a fé n'aquellas pessoas que faltas de instrucção e de uma intelligencia esclarecida tem necessidade de submeter-se á estas praticas, visto que pouco vêm além do que é material.

E' necessario que alguma cousa lhe impressione os sentidos para que possam ter tal ou qual idéa de respeito e mesmo de religião.

E' o que observa-se na sociedade todos os dias. O culto externo é feito principalmente para a classe da sociedade que tem menos instrucção e que não pode collocar-se acima da materia e descolinar o que ha de verdadeiro em religião sem ter um objecto puramente phisico que lhe faça comprehender o ideal, o espirital das cousas.

Democrito, vosso chronista, é de opinião, que o o culto externo é completamente desnecessario para as pessoas que sabem elevar-se acima do material, e mesmo para aquelles que o não vêm muito alem deste mundo, não tem tanta importancia como dizem.

Não quero dizer com isto que tudo absolutamente do culto externo deve acabar-se, não; somente refiro-me á algumas praticas, v. g. as ladainhas, procissões etc.

As ladainhas que sempre são nocturnas não tem outro merito s' não causar monotonia em quem as ouve, e dar lugar a desordens de negros e desrespeitos á moralidade publica.

Oh! oh! exclamarão os beatos refalsados; e depois do seu abalo abdominal perguntar-me-hão: mas como é este negocio de negros? Então lá tambem não vão familias?

Não, responderei; lá não vão familias e nem pessoas que se presem, lá vão somente negros vadios que roubam as horas de serviço aos seus senhores para berrarem nm pouco durante o acto religioso e jogar bofetões depois que elle se finda.

Estes factos são pura verdade, e quem duvidar que dê-se ao trabalho de observal-os.

Qual será a utilidade das ladainhas? Que proveito poderá vir d'ellas para o povo?

Nenhum absolutamente, portanto a sua existencia é inutil e deve acabar.

Agora passemos as procissões e vejamos se ellas têm tambem razão de ser?

—Farei uma rapida descripção para melhor comprehensão do leitor.

As tres para as quatro horas da tarde começam os sinos a dobrarem á maneira do dia de finados; pouco tempo depois desce a tropa e infileira-se no largo á espera que os Srs. irmãos queiram sahir com a procissão.

Finalmente, depois de muita confusão e *meche-meche* (permittam-me a expressão) sahe a committiva e dirige-se sobranceira para o largo, donde encaminha-se para dar o giro marcado no programma que estamparam nos jornaes da cidade & c.

O papel que represeta os irmãos, com as suas opas e tochas em punho e os anjinhos emfitalhados, não é bom dizer para não lançar-lhes o ridiculo em face...

Todo mundo sabe com que elles se parecem e portanto recolho-me aos bastidores do silencio á este respeito e passo á outro mais importante.

A rapasiada, que acompanha a imagem, é sabido que não vae lá por devoção, mas sim para ver as bellas e namoral-as: estas tambem por seu turno não fazem outra cousa senão trabalharem com todas as forças para parecerem bonitas e achar quem lhes queime incenso ou as debique.

Emfim o negocio é de namoro, e o mais são historias.

A tropa tambem acompanha-a, não é por devoção, mas sim porque é obrigada á isso.

As negras, mulatas etc., etc., tambem não são devotas, mas sim feiceiras que querem mostrar o seu *pente de tartaruga*, a sua *camisa de labyrintho* e as *voltas de conta de ouro*, etc.

Até mesmo os... não vão lá senão porque a irmandade os paga ou da-lhes grandes cartuxos de amendoas.

Ora pode-se chamar conscienciosamente á isto acto religioso?

Julgo que não, e pelo menos pensarão assim todos aquelles que tiverem um pouco de juizo e discernimento.

Alem de todos estes inconvenientes e abusos que se dão durante o trajecto da procissão, ainda accresce o da chuva, que é realmente bem funesto.

As procissões de quaresma são feitas durante o tempo invernos, como todos sabem, e raro é o dia de penitencia que não temos *pingadella*.

A tropa, os irmãos, os *anjinhos*, emfim todo o acompanhamento vae pingando suor e cansado de andar, e nesta occasião é justamente quando cabe a chuva e os pobres dos *devotos* ficam bem servidos.

D'aqui originam-se innumeradas molestias, que levam não poucos *devotos* para o tumulo.

De tudo isto conclue-se que as procissões vão de encontro á moral e a hygiene, portanto a sua existencia é inutil e malefica, e visto isto devem ser extintas.

Quem for religioso e quizer ver aos santos, vá ao templo, porque lá é que é lugar competente para isso.

Não sirva a religião de capa á actos indecorosos, porque isso depõe contra quem está encarregado de administra-la.

Emfim o tempo tudo gasta, tudo acaba, e á elle incunbo extinguir essas praticas filhas do tempo dos *Affonsinhos*.

Hoje já se vae observando que o povo olha para estas cousas com um certo indifferentismo, que bem prova que já distingue a verdade do embuste, e o falso do verdadeiro.

Mas agora, caros leitores e leitoras, por faltar em

igreja lembrei-me de um máo costume que está ni-veterado entre nós.

Não se zanguem comigo, porque eu sou vosso amigo: quero fallar do namoro na igreja.

Este acto reprovado por todos aquelles que tem bom senso, é filho do cynismo o mais requintado, e mesmo se aproxima bem perto das raizas da immoralidade.

A igreja é um lugar sagrado e venerando, que tem um fim muito nobre e santo—a oração.

Namorar na igreja é profana-la; é não ter o minimo respeito a decencia e a moralidade.

Eu aconselho ao bello sexo que não namore, mas sim que sinta, que goste do bello, e se porventura algum cavalheiro fizer-lhe corte com puras intenções, não o; numore, porque é feio, amei-o que é mais bonito, e mais conforme ao bom senso.

A *coquetterie* é hoje reprovada pelas pessoas de bom senso, e a rasão só tece apothose ao amor puro.

Quem não quizer estar comto respeito devido ao lugar sagrado que fiquem em suas casas, porque obram com mais juizo e acerto.

O proprio atheo, o sceptico, tem direito de respeitar as crencas alheias, se tambem quizer que se respeite as suas.

O christão, o mahometano, o budhista, etc. etc. respeitam mutuamente as suas crencas religiosas; portanto não vejo rasão para que os chamados espiritos fortes zombem de tudo quanto os outros respeitam.

Emfim, aconselho, que não continuem os espiritos fortes á dar *desfructes* á guisa de D. Quixote de la Manche, e cuidem em ter mais juizo.

Na sexta feira passada tive a honra de ver muitas dessas *cabeçadas*, porem a que mais me deu no gofo foi uma d'um tal senhor que me disseram que tinha ido a Europa aprender talhar calças: oh! estava ridiculo ao ultimo ponto; só o leitor e a leitora vendo e apreciando o tal basbaque.

Coitado! E' pena!...

Pelo que estou vendo querem saber do nome do tal senhor, mas eu não o digo porque não sou *cajú*.

Se quizerem conhecel-o, não percam a procissão que vem porque com certeza elle está no ponto fabricando tijollos á toda pressa. Cesteiro que faz um cesto faz cem; hein, não é assim? Pois então caluda, e peguem o bicho com a boca na botija.

—O illustre pintor brasileiro Dr. Pedro Americo, tem recebido innumeradas felicitações pela imprensa florentina.

O Dr. Pedro Americo é mui digno de manifestação de apreço que tem recebido dos florentinos, porque elle como pintor não honra só o Brazil, honra a humanidade.

O genio não tem patria: é cosmopolita.

O Dr. Pedro Americo está actualmente pintando um grande quadro que representa a batalha de Avahy.

A noticia biographica que a seu respeito foi publicada na *Firense Artistica* é traçada com mão de mestre (segundo a tradução que vi); somente notei-lhe algumas exagerações, que naturalmente são devidas as más informações que obteve o Sr. Cecovi para traçal-a.

Confucius, brevemente espero a tua resposta.

Teo amigo e collega

Democrito.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Domingo, 16 de abril de 1876.

NUMERO 24

A MOCIDADE

MARANHÃO, 16 DE ABRIL DE 1876.

O artigo que publicamos nesta parte foi-nos enviado por um dos nossos collaboradores. Sem mais dizer sobre elle recommendamol-o aos nossos leitores.

O ESPIRITO DA INSTRUÇÃO OFFICIAL, E O DE CHATEAUBRIAND.

Vimos no programma para os exames de preparatorios em 1876, organizado pelo Conselho Director da Instrução Primaria e Secundaria do Municipio da Corte d'este Imperio, virem ainda, d'envolta com os *Martyres* e *Genio do Christianismo* de CHATEAUBRIAND, os celebres *Fastos da Igreja* de Rebello da Silva, para servirem às provas de habilitações em portuguez e francez.

E' forçoso confessar que a escolha d'estes livros é sobretudo digna do espirito providente e *sublimado*, que, desde a queda da primeira republica franceza, tem

FOLHETIM.

Estes contos, que offereço ás amaveis leitoras da *Mocidade*, achei-os entre uma porção de papeis na gaveta de um estudante que tinha a mania de rabiscar. Li os ditos contos e achei que alguns não eram de todo máos, apesar de algumas faltas que podem ser relevadas. Sempre elles foram escriptos por um estudante.

Si as leitoras gostarem do primeiro e si o tempo me chegar para decifrar bem a letra do nosso estudante, que é pessima, eu prometto que hei de publicar-os todos—os que achei bons—.

Como elles referem-se especialmente ás leitoras, tomei a liberdade de offerecer-lh'os. Espero que não reccusarão a minha offerta.

O ESPELHO DE CHIQUINHA.

(Conto.)

Chiquinha era uma linda menina de dezeseis annos, alva e de cabellos negros; seus olhos eram tambem negros e tinham um brilho attrahente e irresistivel; as suas faces tinham a cor fresca de uma petala de rosa; quem lhe pegasse nas mãosinhas delicadas sentiria aquella mesma frescura e maciez da petala.

Chiquinha podia emfim chamar-se uma bonita menina.

Chiquinha além disso era uma boa rapariga.

dirigido directamente a instrucção publica, e (indirectamente) a particular, entre os povos de raça latina...

Com quanto estes dois autores sejam tão differentes em merito, como o grande o é do mesquinho, o sublime—do rasteiro, a naturalidade—do arremedo, a figura—da caricatura, ... ambos elles podem concorrer igualmente, como o *genio associadocom o habito*, para o restabelecimento do *direito divino* nos principes da terra. O primeiro como theosopho profundo e escriptor sublime, fixa, com o maior esplendor que pode dar o talento da eloquencia, os principios, em que se pretende ser baseada a autoridade da Igreja Romana; o segundo, attrahindo pelo ficticio deslumbramento que causam as suas idéas, fervendo e scintillando em seus escriptos como bolhas em frigideira, capta, com a maior arteirice que pode dar a sagacidade, a mais profunda *consideração* dos espiritos marraxos, interessados na propaganda da religião romana, que a experiencia tem mostrado não pode

Em geral, qual é a especie de mal que se vae descobrir em um coração de mulher acs dezeseis annos? Afóra alguns defeitosinhos indispensaveis que traz a educação, podia-se dizer sem medo que ella era um anjo, pela bondade do seu coração e pela affabilidade de suas maneiras.

Um dos defeitosinhos que se notava em Chiquinha, e que se notam muitas outras moças, era o sentimentalismo excessivo, o qual ella se esforçava muito para levar-o á um grau mais alto.

Nunca soube a razão disto, e ainda hoje não sei.

Pobre creança! talvez julgasse uma cousa tão boa—o sentimentalismo.

Havia um moço chamado F... que frequentava a familia de Chiquinha. Este moço era um destes entes com quem qualquer pessoa pode dar-se sem receio algum: franco em certos assumptos, leal sempre e profundamente convicto nas suas opiniões. A's vezes elle era concentrado, principalmente nas suas crenças. F... sacrificava tudo para sustentar uma que fosse das suas crenças. De resto passou sempre como um rapaz moderado.

Depois de algum tempo, como era natural, F... começou a olhar com mais attenção para Chiquinha; achou que lhe descobria mais encantos ao passo que a ia vendo mais vezes. Comtudo sempre conteve-se nos seus limites e guardou, apesar da idade, um dos seus principaes preceitos:—ser galanteador o menos possivel.

Estavam as cousas neste pé quando uma noute, no momento em que F... ia despedir-se da me-

ser catholicamente acceita senão pela falta de reflexão.

Sim, senhores monopolisadores das *chaves da sapiencia!* escolhas d'estas são as mais acertadas, para vos ajudar na *grandiosa* tarefa de levar, em nome do progresso, o embrutecimento ás massas populares, e d'ahi reconduzir os povos ao obscurantismo! E' pela *creança* que se forma o caracter do *homem*, elemento do povo; e n'elle o moral não pode tornar-se um instrumento docil ás vossas vontades, senão pela confusão levada ao intellectual! Não vos faz conta educar homens, que, pelo desenvolvimento do intellecto, se dediquem *demais* ao desenvolvimento do progresso material, que appressa naturalmente o progresso social... E tambem, sem a neblina constante nas escolas, em que se poderia reflectir a vossa *luminosa sciencia*?! Por um tal systema de *instrucção*, e de educação, tereis sem duvida mui *beatos* resadores de ladainhas em vez de uteis trabalhadores;—fundadores de irmandades religiosas, da invenção da

nina, as mãos delles apertaram-se com mais expressão, reciprocamente.

Chiquinha corou levemente e o rapaz por pouco que não torceio o pé n'um capacho que havia junto a escada.

O que os dois pensaram depois é facil de ver: Chiquinha sentia-se illuminada... pela esperança talvez de alguns dias de alegria para si. F..., caracter mais sério, pensou friamente e no que ia gradualmente afeiçãoando-se á menina, sem por isso deixar de saber que ella o podia accitar sómente como um negocio de passagem, para distração de espirito, ou outro qualquer brinquedo.

A mulher em tal idade nunca pode tér uma afeição séria; trata sempre de confundil-a com os galanteios passageiros e ás vezes tão ridiculos que causam riso até ás pessoas mais sérias.

Uma vez F... e Chiquinha encontraram-se em um baile. Logo no começo F... tirou a menina para dançar uma quadrilha. O resto imagina-se.

Chiquinha procurava a novidade; tinha gostado extremamente da conversa accentuada do rapaz, de algumas idéas que ella nunca tinha suspeitado nelle.

A's vezes, porém, conhecia-se que ella tornava-se um pouco descontente: o seu espirito não estava ainda plenamente satisfeito.

F... tomava nova phisionomia alegre e expansiva. Mas de um momento para outro um pensamento unico o occupava. Finalisava-se tudo com um risosinho ironico e incredulo: era uma consequencia que o rapaz tirava.

vossa igreja, que tendam a enervar a sociedade pelo embrutecimento resultante das intermináveis discussões da maçonaria devota com o catholicismo embusteiro, em vez de colonizadores, que augmentem a força da nação, e a dignidade da illustração nacional, pelo systema de estabelecimentos agricolas consecutivos;—enthusiastas de procissões, em vez de desobstruidores de rios e de abridores de canaes e vias-ferreas, que facilitem os transportes das mercadorias, animando a agricultura;—creadores de empregos publicos para sustentar classes improdectivas, pesadas, e encommodas á sociedade, em vez de estabelecimentos de fabricas, que utilizem as forças, e sustentem dignamente familias;—oradores de tribuna, que entretenham o publico com admiraveis frioleiras, em vez de verdadeiros homens de sciencia, que procurem a perfeição na simplicidade;... mas, emquanto os povos de raça latina forem importunando o Filho de Deos, aborrecendo até os proprios Santos do calendario com o seu eterno *Ora pro nobis! Ora pro nobis!*—os povos de raça saxonica, e anglo-saxonica, com os das outras raças do Norte, que já têm comprehendido que orações sem trabalho são requerimentos indeferidos, e que discursos balofos só servem a elevar espiritos gazozos, irão, sem tanta fé catholico-apostolico-romana, tratando de cultivar a terra, e de aperfeçoar seus productos, convictos de que o *ora pro nobis* é inutil sem o indispensavel emprego dos instrumentos de lavoura, e uteis estabelecimentos de industria, bem como das sciencias verdadeiras, que tendam a levar estas unicas fontes de prosperidade ao seu ultimo grão de perfeição.

Prosegui pois, luzeiros nebulosos, na vossa empenhada tarefa de obscurecer a

razão aniquilando o entendimento. Já que não podeis tornar-vos notaveis trabalhando pelo bem da humanidade n'uma sociedade illustrada, prosegui na vossa empresa de obscurantismo n'uma sociedade na maior parte corrupta, graças á vossa influencia, e por isso susceptivel do mais crasso embrutecimento! Podeis ir continuando n'essa empresa tanto mais desassombrados, que a religião, em cujo nome procedeis, já não vos ameaça da vinda de algum Messias, que vos argua de terdes nas mãos *as chaves da sapiencia para nem entrar, nem deixardes entrar os outros!*... Mas o que porem nunca podereis conseguir é provar que esteja realmente convosco a doutrina do Christo, que reconheceu á razão humana o direito de julgar-vos,—como se julga das arvores pelos fructos,—e ao homem intelligente o de vos acceitar, ou regeitar, segundo as vossas obras! Quanto mais vos esforçardes a encobrir os cheques historicos, que os factos e acontecimentos de infalibilidade divina têm dado, desde o tempo das cruzadas, na *infalibilidade* da vossa igreja,—protegendo até os infieis contra as avidas pertenções da ambiciosa Roma, tanto mais cheques contemporaneos virão novamente confundir vossa impostura! E se vos sobra talento para tanto, provae que a recente retirada de D. Carlos da Hespanha, ja no principio d'este anno da graça, não foi um cheque dado na *infalibilidade do papa* e no *direito divino*, pela infallivel vontade do Omnipotente SENHOR DOS EXERCITOS! Bem sabemos que não são proprias para vos desanimar derrotas em combates, em que não é propriamente vosso o sangue que se derrama; concebemos até que as vossas esperanças cada vez mais se alimentem do enfraquecimento das sociedades pela perda do sangue, que estu-

pidamente sacrificam ás vossas diabolicas ambições; mas contaes sempre com cheques de natureza igual, emquanto não desistirdes das vossas absurdas pertenções de aniquilar a razão, reconhecendo que na governação dos povos não se pode admittir outro direito divino, que não seja o manifestado pela vontade dos proprios povos,—regenerados pela dignidade moral,—esclarecidos pela razão,—escudados pela intelligencia.

E de que autoridade sagrada vos podereis prevalecer, para o fundamentar de outra maneira?—Será na da Biblia, ou na dos Evangelhos?—Pois bem! vejamos se d'estas duas fontes de autoridade sagrada pode emanar o principio de *direito divino*, que tão acintosamente sustantaes, a que tendes sacrificado mais victimas nos campos de batalha dos christãos, do que se pode sacrificar a Moloch sobre os altares dos pagãos,—parecendo dispostos a soltar por grito de guerra: *direito divino, como nós o entendemos, ou aniquilação das sociedades christãs e extincção dos catholicos-apostolicos-romanos!*

(Continua.)

. Maciot.

A infancia.

A infancia! O que é a infancia? E' um sorriso de anjo que nos enleva; um sopro do zephiro que nos afaga; uma nuvem rosea que a vista alcança; uma rosa que o vento norte despedaça; uma borbuleta que adeja; um beija-flôr que vôa; e finalmente a innocencia que pouco dura.

Eu tinha felicidade, quando tinha a infancia. Era doce nesse tempo, deitado nas musgosas calçadas de um santo templo, brincar com os anjos, sonhando;

Quem fosse estudar Chiquinha de perto, abri-lhe o coração, si podesse, para ver o que nelle se passava, não se admiraria de certo do procedimento um pouco frio do moço. Alem disto elle tinha outras razões...

Chiquinha, em falta talvez de outro em ttes condições, havia-se chegado á F... risonha e de uma amabilidade irresistivel. F... conheceu-lhe logo o fraco—o galanteio. Mas a menina era tão meiga que elle cada vez mais afeiçãoava-se á ella, e achava-a linda.

Passou-se depois algum tempo:

Uma noite achava reunida em um passeio uma grande multidão.

Em um dos lugares onde menos gente havia passejavam dois rapazes, um dos quaes já é nosso conhecido—F... O outro era um destes sujeitos que accreditam em quasi tudo que vêem e ouvem e que tambem pretendem fazer accreditar aos outros no que elles dizem e pensam. No mais não era máo sujeito; bom pelo contrario. Ouçamos o que elles conversavam.

—Não imaginas, dizia o segundo, enthusiasmando-se gradualmente, estou perfeitamente certo de que ella não me deixou de ouvir com alguma attenção. Conhecia... Tu sabes que estas cousas veem-se melhor pela phisionomia. E ainda não reparaste noutra cousa?—a maneira porque ella me apertou a mão quando nos despedimos!

—Pode ser, repetio F... imperturbavelmente. Mas tu é que és um tolo! Olha, dou-te um bom conselho: vai outra vez sentar-te ao pé della, es-

tuda a melhor, instiga mesmo uma conversação mais franca. Depois me diras o que ha.

Separaram-se os dois: um—F...—sumio-se entre a multidão. O outro encaminhou-se para uma linha de cadeiras que ficava perto e que eram occupadas por senhoras.

F... passou tres vezes por detraz das cadeiras para onde dirigio-se o seu companheiro, de maneira que não podesse ser visio. Na terceira vez elle dirigio-se no mesmo passo para a casa.

D'ahi á dias F... achava-se em casa de Chiquinha. A menina parecia a mesma. A frieza do rapaz, porem, e a sua imperturbavel calma tornava-se muito saliente.

Chiquinha devia ter conhecido tudo, e conheceu certamente quando o radaz teve occasião de dirigir-se á ella, o que fez como se fosse á uma pessoa á quem por delicadeza não podemos deixar de fallar. Chiquinha sentio-se despeitada e não esteve muito tempo fóra. Tambem F... estava á despedir-se.

Talvez fosse a primeira vez que a menina soffresse um despeito igual. Entrando para seu quarto ella deixou-se sentar em uma cadeira defronte do seu toucador. As lagrimas brotaram-lhe dos olhos com abundancia e os seus cabellos desprenderam-se para irem se humedecer nellas. Chiquinha estava em um verdadeiro pranto; soçava mesmo. Depois de alguns momentos ella levantou a cabeça para afastar os cabellos que lhe cobriam o rosto e vio a sua imagem reflectida no espelho. Nunca estivera tam feia assim! O rosto demasiadamente verme-

lho dava-lhe um que de exquisito, casando com as contracções produzidas pelo choro. Subtamente ella enchugou os olhos, deo quatro passos pelo quarto e veio mirar-se outra vez. Estava mais bonita. Depois que não lhe restava o menor vestigio de choro ella mirou-se pela terceira vez. Estava linda como era, radiante!

Chiquinha desde essa vez fez um juramento de nunca mais chorar, excepto nos casos de muita necessidade. Ainda ella hoje cumpre o seu juramento... para não ter occasião de ficar um momento feia.

Foi desta maneira que o espelho de Chiquinha prestou-lhe um grande serviço: tirou-lhe um dos defeitosinhos que para o futuro talvez lhe causasse algum mal. Oxalá que com os outros aconteça o mesmo.

Aqui finalisa o primeiro conto, leitoras, e a unica cousa que tenho a acrescentar é que a assignatura do nosso estudante consistia apenas em um—O—mais nada.

Até breve.

quando, fitando o horisonte, fazia mil comparações ingenuas; quando contente bordava as vestes no orvalho matutino da gramma; porque era a innocencia quem presidia a todos esses actos.

Mas esse tempo voa, qual respiração que soltamos, qual nuvem se desfazendo, qual correnteza das aguas!

Infancia! recordação de meus dias, porque não voltas? A idade que depois de ti seguio-se, me trouxe a illusão e o perigo.

Ah! não podes mais voltar, nem poderás ao menos oscular ofremito de minhas tristezas!

Agora já tenho sonhos horriveis, em vez do riso d'anjos; nas negras nuvens eu leio meu futuro triste, em vez de, nas roseas, fazer mil comparações innocentes; as vestes já enxovalho em copiosas lagrimas, em vez de no orvalho bordal-as; agitado corro ao trabalho, desprezo a paciencia, em vez de combater a sangue frio a borboleta e o beija-flor; porque nas garras da maldosa adolescencia eu solto tristes gemidos, em vez de dormir descuidoso no seio da innocencia!

Infancia! O que é a infancia? E' o retrato do primeiro homem quando era justo.

Quando estamos nessa—florida idade, não temos cuidados nem fadigas. Se nos apresentam o alimento quotidiano, nós o recebemos, sem sabermos ao menos que elle custa algum trabalho: o recebemos sempre folgazões, em quanto que nossos pais, sentados a nosso lado, muitas vezes sentem amargo o bocado que nós achamos saboroso.

Porque?—porque lhes tem custado as fadigas do trabalho.

Assim foi Adão: sem estas fadigas comia, os fructos que o Senhor lhe offerecia.

Mas nossos pais também foram infantes, não conheciam os labores da vida. Chegou-lhes a outra idade, como nós, e eil-os, como nós, condemnados a comer o pão amassado com o suor de seu rosto.

Sublime copia do primeiro homem! Adão foi innocente—não conhecia o trabalho: desobedeceu ao Senhor—foi condemnado a trabalhar.

Nós, como nossos paes, descendentes delles, descendemos por tanto da culpa; logo a pena também nos foi imposta.

Já vemos que o tempo da infancia representa o tempo em que Adão era justo; e o que depois della se segue é o da sua desobediencia.

Então reflectiremos que a infancia nos lembra, depois que a perdemos, o valor da desobediencia a Deus; é para que em tudo sejamos iguaes a nosso pai commum.

Se assim não fosse exclamaríamos—Se eu sou filho de Adão, estou pagando, como elle, a sua desobediencia, também su-

jeito ao trabalho; por que não tive, como elle, o estado de innocencia?

Mas não; como Adão, fomos innocentes, é o tempo da infancia; como elle somos culpados, é o tempo que depois se segue.

E quando assim não fosse, ainda não poderíamos razoadamente fazer aquella exclamação, porque Adão principiou justo, e nós nascemos no peccado.

Infancia! innocencia! felicidade! por que cedo me deixaste? Ah! já era tempo! Adão bem cedo desobedeceu!

Manoel A. Machado.

(Da Palavra.)

Paginas intimas.

(Vide n. 18.)

CONFIDENCIA.

Morrer, dizes! morrer!!...

Só receiu perder-te!...

(Pereira da Cunha).

De quel canui secret ton âme est elle atteinte ?
(Lanartine: médit.)

Porque deixas, virgem santa,
Perturbar-se a doce calma,
Consentindo que de morte
Triste idéa viva n'alma?

Porque julgas? Donde veiu
Tão cruel presentimento?
Porque triste assim meditas?
Porque scismas? Que tormento!...

Tu, que tens do céu as graças,
Os perfumes, os primores
E que és na terra um anjo
A sorrir por entre flores;

Tu, que és mimosa imagem
Das feituraz lá dos céus,
Qu'és a prova mais potente
D'existir alem um Deus;

Tu, deidade, nunca deixes
Perturbar-se a doce calma,
Consentindo que de morte
Triste idéa viva n'alma;

Pois qu' em tal tu consentindo
Passarás vida de dores,
Quando Deus creou seus anjos
Para ter vida de flores.
Maranhão, 27 de fevreiro de 1875.

S.

A tua e a minha alma.

Tu'alma é aurora de dia formoso
Minh'alma os adeuzes do sol a se pôr;
D'eolicas harpas tu'alma tem cantos,
Minh'alma opprimida tem threnos de dor!...

Tu'alma é a lympa veloz, crystalina,
Que doce murmura no prado correndo;
Minh'alma é a vaga fugaz, vagabunda
Na praia, quebrada, sentida gemendo.

Tu'alma, qual lyrio, qual branca açucena,
Tem cores videntes que dizem:—venturas!
Minh'alma tristonha, qual roxa saudade,
Traduzem-lhe as fallas:—cruéis desventuras!

(-) Já estavam compostas na typographia as poesias acima quando pedio-nos o seu autor que não as publicassemos agora. Desculpe-nos, pois.

(Da redacção.)

Tu'alma, qual rosa no galho pomposa,
Effluvios despede da magica flor;
Minh'alma, qual pat'las no chão esfolhadas,
Sem vida já quasi não tem mais odor.

Tu'alma é aurora de dia formoso,
Minh'alma os adeuzes do sol a se por;
D'eolicas harpas tu'alma tem cantos,
Minh'alma opprimida tem threnos de dor!...

Porem, si me deres do peito os perfumes,
Trocado meu pranto verás pelo riso!..
Minh'alma enlevada, por ti protegida,
Terá n'este valle gentil paraíso!

Portanto, donzella, as vidas unamos
E almas e peitos unamos também:
Alegres cantemos prazeres, amores,
Na terra busquemos a vida de além!
Maranhão, 12 de março de 1875.

S.

(A'...)

DESEJOS.

Quizera recordar os bellos dias,
Os dias que passei junto a teu lado
No meio d'illuzões, de sãs promessas,
D'encantos e prazeres ro leado.

Quizera perceber teus olhos bellos
Fitarem com fervôr o rosto meo,
Quizera como outr'ora entre docuras
Merecer, linda Elvira, essa olhar teu.

Quizera inda uma vez ouvir teus labios
Fallarem brandament em nosso amor,
Recordarem os momentos preciosos
Que passei junto a ti, mimosa flôr.

Quizera inda uma vez ouvir teu canto
Cortado de tristeza e de ternura,
Esse canto que sempre m'engolphava
Em ondas da prazer e de ventura.

Quizera ainda viver immerso em sonhos
Distante do real, do verdadeiro,
E feliz disfructar tantas delicias
Nascidas de um amor santo e primeiro.

Maranhão, 28—3—1876.

Paulo Pereira.

A' Ella.

Peço-te linda, donzella,
Não despreses meu amor:
Elle em mim foi despertado,
Como o sol desperta a flor;
Não sé má, te peço, virgem,
Um risinho em vés de dor...

Eu te amo; o meu amor
E' firme, puro e constante,
Foi amor que m'ateaste
No olhar d'um só instante.
Bastou; curvei-me ante ti,
Louco, fraco e delirante...

Mas conheço, não me amas,
Teu riso só tem desprezo:
E é, bem sinto dizel-o,
O laço que me tem preso;
E de tua ingratição,
Eu sinto tão grande peso!...

Mas desse amor infeliz

Quero curar-me, donsellã;
Procuo, pois, esquecer-te
Nos braços d'outra tão bella.
Esquecer a tua imagem
Recostado ao seio d'ella...

Março—1876—

Alfredo Galvão.

Fiat Lux.

—ODE—

À SOCIEDADE «RECREAÇÃO LITRERARIA.»

Para ser lida em sessão.

Away! Away!
Biren.

Obreiros do progresso, eu vos saúdo!
Filhos de minha patria, eu vos bemdigo!
Coragem, lutadores!
O seculo contempla-vos nas tendas;
Sois jovens, caminhae, que tendes forças—,
e o mundo para o heróe semeia flores!

Nas cavernas do peito d'um gigante
ferve e salta a paixão, quando s'inflamma,
como lava em vulcão.
E vós, filhos de Deos, vós sois gigantes—
apaixonae-vos por vencer o espaço
que vos abre camiho ao pantheão!

Fazei-vos Mirabeaux:—o livro é tudo—
e a orchestra do grande Guttemberg
por todo o mundo echôa!
Estudae, estudae, meos companheiros!
Um seculo d'amor não deixa sulco,
e o estudo vos deixa uma corôa.

Dormir? Porque dormir, quando sabemos,
que girando no espaço nunca dormem
os astros immortaes?
E vós não sois uns astros de esperança?
Como quereis fugir das leis divinas
passando a vida a modorrar de mais?!

Ah! Deixae o lethargo do passado!
Quantos astros no frio dos sepulchros
não desansam sem nome!
E vós acaso só quereis a campa,
a cruz á cabeceira e um epitaphio
que não leve ao porvir vosso renome?

O que temeis?—A inquisição sumiu-se...
Já não marcha p'ra as chammãs da fogueira,
um Antonio José;
nem gemendo um poeta da Marilia,
fendendo as aguas, comprimido em ferros,
segue saudoso p'ro desterro até.

Avante pois! O pensamento é livre!
Ah! soltemos as azas dessa aguia
e deixemol-a voar!
Ao banquete das letras do presente
corramos—; um falher talvez nos caba,
se soubermos o posto conquistar!

Out'ora disse Deos, quando creava:
Faça-se a luz—A luz era a sciencia
de sua criação.
Assim hoje vos brado, companheiros:
O templo do saber está aberto,
fazei-vos Franklins para a Nação!

Villa de S. Bernardo do Parnahyba, 14 de setembro de 1875.

Juvenio Auto Pereira.

COLUMNA TELLEGGRAPHICA.

Maranhãa, 14 de abril de 1876.

A ordem do dia.—SS. MM. II. no Pará.—Um pedaço que tem relação com o Sr. Gruber e com o correio.—Justo pedido a um praticante.—Fallecimento.

Caro Democrito.

A epocha é toda de sinos, capas e pallios: a não ser em procissão, sermões e igreja em pouco mais se falla.

E nem pede deixar de ser assim: os que são devotos, como tu, não devem realmente querer saber senão de penitencia nesta epocha da quaresma; para os que o não são, como tu também, não ha presentemente outra distracção mais que isto mesmo, e assim o assumpto da conversação e o objecto do passeio não podem ser outro senão acompanhamentos de procissão, visitas ás igrejas, &c.

E é justamente por não ser outro o assumpto da ordem do dia que eu passo a tratar de cousas que nos interessem mais a nós e aos leitores da Mocidade.

—SS. MM. Imperiaes desembarcaram a 5 deste no Pará, tendo chegado a bordo do *Hevelius* áquelle porto no dia antecedente.

Pelo que dizem os jornaes de Belém um *trist* faltou para se arrasar a cidade e morrer de contentamento o povo, que ficou como que encantado ao ver SS. MM.

Trajavam elles simplesmente. O toilette do Pedro (familiaridade em todo caso: ambos nós somos philosophos) consistia n'um casaco de casemira azul e bonet de seda, e o da Thereza (será philosopha também?) nada mais encerrava que seda roxa e fita preta.

Um amigo de Belém, que fallou-me nos augustos principes, concluiu assim a sua carta:

«Se a simplicidade desse trajo dos imperantes não teve por fim [fazer crer ao povo que ainda é pouco o dinheiro da nação por elles consumido em ostentações luxos, eu só acho uma cousa que a explique: *pedantismo*.»

Não quero dizer que o amigo não tem razão, mas o que é certo é que, se os imperantes lá tivessem andado vestidos á caracter, algum os haveria também de censurar por causa disto.

São cousas deste mundo, e já que fomos felizes não presenciando-as em nossa terra—ainda mesmo durante o curto espaço de tres horas—passemos adiante, que eu já estou ansioso por concluir esta.

—Os redactores da *Mocidade* receberam do Sr. H. A. Gruber a 2.ª parte de uma obra de que o mesmo Sr. é auctor, e que tem por titulo—*O Methodo de Ahn ou Ensino pratico de aprender com rapidez e facilidade a lingua franceza*—, obra esta que veio acompanhada de uma nota, em que o offertante pedia um juizo critico sobre o objecto do seo trabalho e communicava a remessa de alguns livros pelo correio.

Que o Sr. Gruber não pederia um juizo critico sobre uma obra, remetendo somente a 2.ª parte d'ella, é cousa que está de accordo com o bom senso: pelo menos parece-me logico que não se pode fazer juizo critico sobre uma obra cuja primeira parte ou principio se desconhece; duvidar da palavra do Sr. Gruber, ou não acreditar que elle tenha feito a remessa das outras obras que accusa, é cousa para que não ha razão.

O que segue-se d'ahi?
Poderia logo dizer que os livros foram extraviados no correio, (tenho razão para não me referir ao do Maranhão) mas como pode ser que outra causa diversa das previstas aqui tenha originado a falta, não quero fazer juizo algum temerario e deixo o caso sem explicação.

Verdade é que por estas e outras é que *Balcario* não anda muito gostoso com o correio em geral e particularmente com o do Maranhão. Eu, sem querer pronunciar-me pro ou contra elle, aproveito o ensejo para pedir a certo praticante do correio desta cidade que trate melhor as pessoas que lhe vão pedir cartas ou jornaes, pois S. S. quer estabelecer entre si e muitas d'essas pessoas a mesma relação que ha entre o *capão* e os pintos. E se um dia acontecer que vá visitar-lhe um gallo ou mesmo um frango (como aquelle...)

que não se julgue inferior ou menos que um capão?

Pode ser muito interessante a luta, mas eu estou que sempre seria melhor—*musica, foguetes...*
Queira pois S. S. acceder ao meo pedido, e conte com a minha justiça e também que nada mais terei a dizer da sua honrada pessoa; do contrario... conte também com a minha justiça...

—Falleceu no dia 8 deste o major José Ricardo de Souza Neves.

Era a toda prova um honrado cidadão. Como empregado publico exerceo elle cargos importantes nesta e na provincia do Piahy, sem nunca haver praticado acto algum que mesmo de leve fosse manchar a boa reputação que soube ligar a seu nome.

Como chefe de familia deo elle os mais bellos exemplos de moral, e a boa educação que legou a seus filhos é mais uma brilhante prova de que a pobreza não é incomptivel com a pratica do dever, com a virtude.

Talvez tivesse levado neste mundo uma vida melhor, não cheia de tantas contrariedades, se não fossem os males que lhe resultaram da politica, a que aliás nunca prestou serviços que deposesse contra a honestidade do seo caracter.

Deos o tenha na bemaventurança.

—Adeos, até breve.

Teo collega e amigo
Confucius.

JORNAL DAS FAMILIAS.

N. 4. Abril de 1876.

Interessante jornal de modas deste mez, contendo:

Romances: o Divorcio ou Memorias de Madame Dormeuil (continuação) destinadas a sua filha; Longe dos olhos (continuação). por Machado de Assis; Encher tempo, por Machado de Assis. Mosalco: Economia domestica, por Paulina Philadelphía. Poesia: Epistola de um estudante mineiro (continuação), pelo Dr. J. O. Sinto Mosqueira, Modas: Descrição do figurino de modas. Trabalhos: Explicação da estampa de bordados e trabalhos, Explicação da estampa de molde; Explicação da estampa grande de varios trabalhos. Recto e verso: Explicação do molde recortado de tamanho natural; Explicação da estampa trajos diversos.

Acompanham este numero:
1.º Um figurino de modas colorido.
2.º Uma estampa de bordados e trabalhos.
3.º Uma estampa de moldes.
4.º Uma estampa grande de trabalhos.
Recto.
5.º Uma estampa grande de trabalhos.
6.º Um molde recortado de tamanho natural.

7.º Uma estampa: Trajos diversos.
Preço 4\$000
Assignaturas, para a Côte e Nitheroy 10\$000
Para fóra da cidade, por anno 12\$000
Assigna-se e vende-se na livraria de

B. L. GARNIER.
65 Rua do Ouvidor 65

ANTIGO 69,

Nesta cidade são correspondentes do *Jornal das Familias* os Srs. Magalhães & C.ª, Gonçalves & Pinto e Ramos de Almeida & C.ª

Maranhão typ. do—Paiz—Imp. por M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2,000 rs. por trimestre.—Número avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Segunda-feira, 1º de maio de 1876.

NUMERO 25

A MOCIDADE

MARANHÃO, 1º DE MAIO DE 1876.

Até hoje a *Mocidade* não se tem affastado sequer uma só linha do seu programma, apesar dos innumerables embaraços com que ha luctado, e firme n'este proposito, tenciona caminhar, em quanto vida tiver.

O desanimo, quasi geral, que existe na nossa sociedade para o cultivo e protecção das lettras faz-nos ficar perplexos ante as difficuldades que se nos apresentam; porem tendo ainda fé nos nobres sentimentos que ornarn os corações dos homens instruidos da nossa patria, não trepidamos um só momento em offerecer a sua apreciação e coadjuvação as nossas humildes locubrações litterarias.

Todos sabem quanto os embaraços monetarios estorvam e aniquilam ainda as aspirações mais nobres e elevadas; o material como que mata e suffoca o ideal, não o deixando vir a luz com todo o seu brilho e esplendor.

Ante semelhante conjectura difficil é sustentar-se qualquer empresa. á não vi-rem corôar-lhe a anemica existencia meliores auspicios, que a animem e estimulem para as luctas quotidianas porque tem de passar.

Essa animação e protecção, que tanto carecemos, esperamos-las do illustrado publico maranhense, para que possamos

FOLHETIM.

Meditações.

E' noite, e o grato silencio, que a acompanha me convida a pensar em ti, visão do meus sonhos, sacro idolo do meu amor; a pensar naquelles felizes momentos, em que descuidado de tudo, e de mim mesmo, gosava da tua companhia e deleitava-me em ouvir as tuas conversações, que me animavão, que, por assim dizer, me davão vida. De teus encantos, de tua belleza, de tua graça habitual e até mesmo daquella especie de romantismo, que conquistou o meu coração até então livre, de tudo me recorde; tudo me vem a memoria ao presenciarem tão somente o teu retrato, signal que de tua amizade me concedeste.

Uma noite houve em que tão grande foi o amor

proseguir na nossa difficultosa e ardua tarefa.

A Athenas brasileira, a patria de tantos varões illustres, não desmentirá o alto conceito que gosa no vasto imperio americano, e com aquella dedicação que lhe é proverbial certamente concorrerá com o seu prestimoso obulo para a sustentação da nossa humilde empresa.

Não deixeis perecer as santas aspirações da mocidade que entusiasta, se levanta, para substituir a geração presente e que conscienciosamente guardará os seus sagrado legados.

A mocidade é a representante do futuro e a esperanza da patria, que n'ella vê sua regeneradora e immediata successora, portanto não n'a expulsaes do banquete universal das lettras, onde talvez um dia possa empunhar um talher de prata, senão de ouro.

A mocidade actual quer luz, vida e liberdade, e para adquiril-as e manifestal-as necessidade tem de um órgão de publicidade, onde possa espargir e desenvolver as suas idéas pela discussão assidua dos interesses vitais da patria e ao mesmo tempo trabalhar pelo seu progresso e desenvolvimento intellectual, e estes foram certamente os motivos que calaram em nosso animo quando creamos a nossa humilde *Mocidade*.

O titulo e o programma do nosso jornal justamente correspondem a idade e aspirações da juventude brasileira, que filha de um seculo de luz e de progresso, não

que me inspirou o retrato de tuas bellas, que eu escrevi o que abaixo verás, e que fielmente reproduzo.

Lê e considera, se ainda não o fizestes, o grande amor que te consagro e a incertesa em que ainda permaneço.

Amor e incertesa.

Agora te possuo. Agora a sós contigo no silencio de tenebrosa noite posso contemplar-te, o que antes não me atrevia a fazer, para que não descobrissem o que em meu abrasado peito se passava, o que fantasiava a minha exaltada imaginação. És minha, posso agora adorar-te, amar-te em toda a expansão de minha alma, e com todo enthusiasmo do meu amor.

De mim ninguem te poderá apartar, e tal violencia seria arrancar o resto da mesquinha existencia, que arrasto pelo pó da terra.

deseja ver sua patria mergulhada pelos aulicos do governo n'um profundo somno de indolencia e fraqueza, pois sentindo ainda no seo coração pulsar o patriotismo, não pode deixar de animar e encaminhar seus companheiros para as pugnas do intellecto, donde certamente virá para a patria grandes beneficios, que a tirarão do estado morbido em que se acha.

Os seus esforços serão somente para que as idéas de liberdade e progresso se desenvolvam e criem profundas raizes no uber-rimo solo brasileiro, e que a patria caminhe e seja feliz.

Firmes, pois, n'este proposito continuaremos a estudar e aperfeiçoar-nos para que possamos conscienciosamente responder ao roclamo da patria, quando precisar do nosso fraco e diminuto auxilio.

Ao concluirmos este artigo não podemos deixar de fazer um appello aos nossos bondosos assignantes para que continuem a prestar-nos, como até hoje, a sua valiosa protecção.

Ficai convictos de que não nos affastaremos do terreno já trilhado e somente trabalharemos, quanto estiver em nossas forças, pelo incremento e cultivo das lettras, tendo sempre como nosso guia infalível as idéas de liberdade e perfectibilidade, que são o fim e aspiração de toda a humanidade.

O beneplacito que pedimos será certamente a coadjuvação que esperamos.

E's tu mesma; não me engano!

Esses olhos, donde no auge de teu amor partião como que centelhas que me abrasava a mente e onde muitas vezes fitavão os meus vivos olhares, são teus. Esses roseos labios em torno do qual paira esse riso inexplicavel, que me encheu de amor tambem são teus. São tuas essas niveas mãos-sinhas com que muitas vezes enxugaste o suor gotejante do meu rosto.

Naquelle tempo eu era feliz

Agora porem como está tudo transformado!

Já não percebo mais em teus olhos aquella vivacidade natural; teus labios estão cerrados, e delles se não desprendem mais as bellas phrases e melodiosos sons, que deleitado escutava. Bem vejo que te ris, mas esse riso não é o mesmo que de amor me fazia enloquecer; é um riso sardonico, riso de desprezo.

A cruel agitação em que se acha o meu arden-

Um amor de poeta.

(CONTO.)

Suspende a fronte, vê como a noite é linda e a abobada se esmalta com o brilho das scintillantes estrellas, que cercão a encantadora Diana.

Bafeja a doce brisa que perpassa, e forta ás mimosas flores, o beijo do macilento Zephyro. Avante, scismador, contempla o firmamento, vê mais uma vez esses primores e te embriaga na contemplação da obra prima do creador do universo...

Mas choras, Elvino!

—E' que a desgraça se reveste das mais luctuosas côres, quando dirige o seo vôo medonho sobre aquelle cujos annos começo florescer, ao passo que já mirrada no seo peito a flor, que ainda conserva viço, quando a essencia immortal se desprende dos vinculos da materia.

Essa flor é linda, mas p'ra mim perdêo os encantos; é bella, mas p'ra mim não tem graças, rescende doce aroma, mas p'ra mim seu perfume é pestifero.

Tu a gosas, Elysio; p'ra ti o mundo é um jardim, cujas flores exhalão de suas petalas odor mais suave que o do meigo jasmim, quando a aurora desponta, e que dá mais encanto ás aves, que desprendendo melodiosos gorgeios, saudão o rei do dia, que dardeja sobre a terra seos raios vislumbantes.

Essa flor, em quanto permanece odorifera e viçosa, expelle do peito as fibras viperinas do desengano; mas quando suas folhas se desprendem do calice, quando seos focos se crestão e perdem a suavidade, faz surgir brilhante a evidencia, como em vasta soidão surge harmonico o canto da ave terna, que ou chama o companheiro que a deixára, ou carpe o seo destino, chorando a morte d'aquelle com que trocara beijos. Quando ella secca não torna reverdecer assim como ella se esvae tambem o alento da vida do mancebo: a ti o céu é lindo, tu contemplas as estrellas, que derramão seus nítidos clarões, en'ellas achas a verdadeira poesia, em quanto eu encontro os tenebrosos braços do desespero, que se me esten-

te cef'bro faz-me da fronte gottejar o suor, e tuas mãos estão paradas, e já não se movem para enxugar-o.

Enlouqueço, meu Deus!

Será possível que outr'ora tanto amor e tanto desprezo hoje.

Mas, oh! Eu blasphemo.

As minhas idéas achão-se perturbadas. Perdoame, Julieta, perdoame. Parecia que contigo fallava, que a sós contigo conversava, e não posso mais do que o teu retrato, copia verdadeiramente imperfeita de tuas bellezas.

Perdoa, Julieta, ao teu infeliz Zain, se um dia ousou blasphemar perante o teu retrato, sacro penhor, que te atreveste confiar-lhe.

Elle é agora o meu confidente; ouve as minhas queixas; escuta as minhas magoas, mas fica calado, não me dá consolação, esperança alguma.

Se elle podesse contar-te o que muitas vezes baixinho lhe digo, as declarações, que no auge de meu

dem, e nos quaes eu me atiro, pois esse é o companheiro dos desgraçados!

Tu bafejas a brisa, que serpentêa por entre as verdejantes hervas, e que irriça-te os negalhos, e no seo sopro encontras a amenidade celeste, mais um raio de luz, mais um presagio florido, e te deleitas porque te parece doce o seo vôo fugitivo: e eu odeio a porque ella é o symbolo da desgraça, aborreço-a, porque revolvendo os meus seccos cabellos vae levar à florzinha, que apenas começa desabrochar na tenue haste, que a sustem, o halito envenenado saído do meo craneo ardente.

Tu contemplas o universo, e n'elle te extasias, porque é lindo como a aurora e doce como a viração: e eu... blasphemo, porque minh'alma experimenta as mais acerbas angustias, e este mundo que outr'ora me acenára risos, hoje lança-me o escarneo, e eu odeio-o, porque elle foi meo algóz.

Mil vezes mais feliz não ter visto a luz do dia, porque este dia, que me sorrio no berço, essa luz, que me encantou na infancia, hoje zombão do desgraçado na primavera.

—E' cedo'o desespero: vês a alampada, cuja luz por falta de alento a menor respiração seria bastante p'ra tirar-lhe o vislumbre e fazer com que as trevas se apoderassem d'ella, contempla-a de novo: eis mão benigna lhe prolonga a duração, dispensando-lhe o oleo que precisa: e assim como ella que estava prestes a extinguir-se, e que depois tornou-se vivida e espancou as trevas, assim é todo mortal, pois que é bello o futuro como um ceo de primavera.

A esperança, como o ser que pensa, é centelha despreendida das azas do Creador, e como ella immortal.

Blasphemar sempre é cedo, pois que a esp'rança não morre. Resta Elvino...

—A morte!

—Não, a vida, pois que a morte traz dores.

O mundo é immenso e como elle o alivio aos desgraçados. Vês a noite, a herba nasce, o rocío a beija e o sol depois a colora. lançando-lhe seos raios brilhantes e ella pende, quer murchar, e

amor lhe faço julgando que a ti mesma me dirijo, de certo acreditarias no grande amor que te tem consagrado o teu Zain.

Quando sosinho, estou engolphado em minhas ideas lembro-me que seis annos nos separão, então o desespero apodera-se de minha alma; parece-me que são outros tantos seculos que tem de correr. Penso na morte; e só a idéa della me faz estremecer.

Será ella tão cruel que não consinta que ao menos um dia sejamos felizes.

Ah! Se eu fosse immortal!!

Mas, que digo? Tal não desejo. Avanço muito. Os meus pesares tambem seriam immortaes, pois conto com o teu sincero amor, Julieta, quando delle tens apenas dado pequenas provas.

Muitas vezes chamo-me presumpçoso e duvido de que uma só vez me tenhas dedicado amor.

Tenho razão? O estado de incerteza a que ora me vejo reduzido é horrivel: é indiscriptivel!!

a noite cae, com ella o orvalho, que a humedece de novo. A noite é o berço que nos acena risos, o orvalho a infancia, e rimo-nos, porque ella é doce e como ella o orvalho.

Após ella vem a primeira, o sol colore-a, o pranto vem-nos, a esperança raia, e o orvalho cae.

—A velhice enfadonha!

—São outras phrases; o poeta canta, após o canto chora, e a vida é doce porque uma lagrima despreendida do seus cilios vale um seculo de delicias, e elle o gosa. O poeta é a primavera, que no começo, ainda bafejada pelo sopro infantil offerece cantos, que mais tarde se tornão em perolas desprendidas das luzentas palpebras do mancebo!

Após o pranto o lenitivo certo, pois que as lagrimas derramadas quando o mundo ainda nos sorri, não são gottas immundas, mas sim perolas, mais doces do que aquellas que nos descem, quando as trevas obscurecem a terra, e que depois a manhã embalsama com o sopro celeste.

São perolas, e o creador as troca por uma vida cheia de encantos. Na primavera desperta em nós uma chamma, dessa chamma procura quem a metigue; é o mancebo que ri-se, canta, e quer chorar. Vem o alivio, deixando no fundo da taça o desespero; o jovem chora, aprende a conhecer o engano, e ri-se sempre, porque suas lagrimas forão copiosas e infindas lhe serão as delicias.

—Quando a dor é funda a esperança foge, e com ella a ventura; nada resta ao infeliz senão o desespero e com elle as sombras do repouso eterno.

—Longe a idea fatal! O porvir é brilhante e cumpre com todo o ardor da juventude embeber-se nas risonhas esperanças.

—Qual esperança! A mão bemfeitora tarda, a luz apaga-se e o espirito se envolve em densas trevas. Minha esperança está perdida, pois o pharol que me a cenava risos foi açoutado pelo vento rigido, e sua luz fraca apagou-se: a perfidia raiou, e com ella o veneno para mim.

Amar e não saber se o seo amor é correspondido, eis o inferno do homem.

Um dia, bem me lembro, te escrevi estas linhas:—Oh! que vous etes ingrâte! Je vous aime et je vous aimerai toujours de tout mon coeur. Tu as leste, coraste e te riste. Outr'ora interpretei: corou de pejo e rio-se porque já o sabia; hoje porem que eu acho-me quasi que reduzido a realidade digo: corou de raiva e rio-se de desprezo... Não posso mais.

Nunca ousei confiar os meus pesares a um papel e se agora o fiz, foi porque reconheci que era necessario para desoprimir o meu peito e acalmar as minhas perturbadas idéas.

O meu socego depende de uma palavra tua, Julieta.

Um sim me abrirá as portas do Paraizo, e um não me precipitará nos abysmos do Inferno.

Adeus. Decide da sorte do teu constante Zain.

— Refréa-se a paixão e mais tarde se degenera em desprezo com que paga a mulher, companheira inseparavel.

Estremeço-a com todo o ardor da minha alma, esquecel-a é impossivel, amal-a um crime; e sendo que não poderei lançar ao olvido os risos, que se desprendia de seus labios corados, seus olhos são gravados em meo peito, seo nome mesmo disem-me segredo, e eu não o devo ouvir mais... vou morrer!

— Loucura!

E' tarde! Bem como a flor fenecesi o Zephyro não lhe amenisa a calma, assim não posso viver si meos dias não forem adoçados pelos seus sorrisos; não os posso olvidar, mendigal-os é iafamia, eo remedio o veneno.

O colibri, passando por entre as lindas florinhas, escolhe uma que acaricia e oscula de predileção, o vento açouta, a flor cae, se desfolha, e elle procura outra: assim é o coração, palpita por uma deidade, ella é perfida, elle pulsa por outra, e retribue o desprezo, embebendo-se em outros risos.

A vida é chara, a flor dos annos bella e viçosa, e para ella sempre existe o orvalho que a humedece, e o zephyro que a embalsama.

Mas, estas contorsões. Elvino!....

—E' Deus que se compadece do enfeiz, o veneno que se mostra generoso, o espirito que se desliga do lodo, a morte que chega e adeus!

Elvino exhalava o ultimo suspiro.

São Luis, 26 de abril de 1876.

Celso Amando.

Illusão Perdida.

Ha na existencia tão precaries instantes, Que no mais intimo o coração suavisão, Fontes ephemerhas d'emmoções brilhantes São tão fecundos que nos divinisão.

São passageiros como as flores bellas, Que um dia vivem e perdem logo as cores, Mas nas doçuras que acordaes singellas Quanto magia ! instantes seductores !

O coração é como um templo augusto Onde se adora á um só Deus amor ! A vida ri-nos, ai ! tão sem á custo, Que é toda effluvios d'um suave odor.

Ha lances almos que nos chegão tanto, Tanto de Deus, oh ! sonhos vãos queridos, Que fascinados pelo mago encanto Numes nos cremos—pobres illudidos.

A vida então só se compõe d'esperanças, E' luz que brilha, é céu azul que encanta, Ah ! simboliza a placidez das mansas Agoas d'um lago o retractar a planta.

Mas vem da sorte o furacão terrivel Com furia louca a rebramar medonho, E o que então criamos ser impercível, Estou, acaba ! não passou d'um sonho

São como a rosa as nossas flores d'alma, Durão tão pouco, e o mesmo brilho tem, Murchão e morrem ao ardor da calma, Mas o perfume não n'o perdem em bem

Sombras incertas a vagar sem rumo
—Desfeito o sonho não vivemos mais,
P'ara nós a vida não é mais que o fumo,
Que o vento leva, e que não volta mais

O que nos resta ? nada ! ah ! são as dores,
São as saudades de encantada vida,
A cuja idéa nos derrama odores
O pensamento na illusão perdida !

Orion.

Paginas intimas.

(Vide n. 24.)

SIM OU NÃO ?

Hablame, si, mi bien.....
hablame, si, que tu divino acento
filtra em mis venas celestial dazbura.
(Orellana.)

Porque ao meu affecto, muitas vezes,
Esquiva tu te mostras, virgem bella ?
Não sabes que, si eu com tanto anhella
Te busco, é porque és minha estrella ?

Bem como o visjor ou pobre nauta
Precisa n'amplicão de amigo norte;
Assim tambem preciso de uma estrella
Polar, que me dirija a minha sorte.

Não vês quantas mil vezes te procuro
Com olhos quebrantados supplicantes ?
Não vês que por teus olhos eu suspiro ?
Porque de mim os lanças tão distantes ?

Porque me não concedes uma prova,
Que venha ao peito meu dar lenitivo ?
Não sabes, tu não vês, não comprehendes
Que eu por ti somente ainda vivo ?

.....
.....
.....
.....

Si tu por mim ainda não sentiste
Amor ou sympathia algum momento,
Não dês mais leve prova de amizade !
Não quero que por mim soffras tormento...

Affectos não mendigo, não ! não quero
Ir contra de teu peito as affeições !...
Amor só pôde haver si tem dous peitos
—Iguaes, sentidas, ternas pulsações.

Porem, si por ventura já sentiste
Teu peito palpitar por mim um dia,
Um' hora, um só minuto, um só momento,
Não negues ! não me dês tal agonia ! !...

Não negues ! não m'illudas ! não desprezes
Do peito o sentimento innato e puro !
Sê franca ! Tu bem pôdes, indulgentes,
Do peito minorar soffrer tão duro !

Não creio que não tenbas tu certeza
De teres m'inspirado amor ao peito.
Não crelo !... A mulher, qu'inspira affecto,
Conhece, bem conhece o que tem feito !

Nas veias açodado o sangue corre;
Eu sinto se abrasar o peito meu
E este ardente fogo, que me queima,
Que foi que dentro em mim o acceudeu ?

Responde oh ! mulher—anjo de meus sonhos
—Acceitas um altar no coração ?
Me pagas com affecto o meu affecto ?
Me amas, virgem santa ? Sim ou não ?

Maránhão, 27 de março de 1875.

S.

Quadrinhas.

A. L. M.

Maria, as sombras estendem
No espaço o tetrico véo;
Os anjos todos accendem
Os candelabros do céo.

A brisa triste soluça
Sentidas nenias no'ar
E a lua além se debruça
Para mirar-se no mar.

Sim; esta deusa encantada
Macilenta e cortezã
Pede ao sol luz emprestada
Para pagar-lhe amanha.

Vê-a: caminha perdida
Com a pallidez sobre o rosto—
—Retrato d'alma ferida
D'algum profundo desgosto—

Não ouves ? do campo ethereo
A noite ao somno convida;
Os sinos do templo aereo
Tocão silencio e dormida

Vae dormir: é tarde já,
O somno desce profundo;
Fecha a mão de Jehovah
Os grandes olhos do mudo.

Mas affes ajoelhado
Junto a santa que te presa
Consola est'alma magoada
Com o incenso de tua reza.

Como a flôr do orvalho santo
Da madrugada carece
Eu da flôr irmão no pranto,
Preciso de tua prece.

Resa e dorme: a noite tarde
Vae pelos mundos azues;
Flôr, uma estrella te guarde
Na sua téia de luz.

Meu anjo, sonha e descança;
Bijem-te as brisas serenas
E embale a mão da esperança
A tua rede de pennas.

Recife, 18 de Março 1876.

Joaquim R. Gonçalves.

Desalento.

Oh ! tu em cujo peito se conhece
Piedade sublime e sã virtude,
Escuta, amigo, d'um tristonho vato
Os gemidos que a lyra mal fadada
Na triste solidão vibrando solta
Das brandas cordas que de dór estallão,
Que se partem carpindo mil saudades
Aos turvos ares de hibernosa noite.
Prazer não tenho ! Minha vida é triste,
Qual triste solidão em que ora habito,
Cofre de prantos meus, e meus suspiros.
Ah ! Querido, Orion, quão delirante
Sinto meu estro no correr da pluma,
Pluma ensopada de meo pranto amargo
Fatal recordação ! fatal lembrança !
Da minha meninice afortunada.
Minha mãe santa estremecida amiga
Risonha contemplava-me no leito
Onde em somno tranquillo repousava;
Talvez sonhando cem venturas doces,
Doces ventura d'um futuro d'ouro.
Cresci como o cypreste que se eleva
Sem flores produzir sem dar semente;
E depois de correr por longes terras
Longos mares sulcar esperançoso

Voltei a meu terrão onde tão cedo
Deixou de fulgurar aquella estrella
O sagrado pharol que me aclarava,
O caminho da vida, o da ventura.
Ah! querido Orion; quão descontente
Empenei minha lyra luctuosa
Pr'a meas males carpir e sem que possa
Lenitivos achar no padecer,
Esta noite do somno abandonado
Entreguei-me ás ideas do sepulcro
Onde em breve talvez o meu cadáver
No fundo vá pousar humedecido.
Morte! Quão sentida será, quão dolorosa
Para um pobre infeliz ess'hora extrema
Sem poder da mulher idolatrada
Os suspiros ouvir e os ais sentidos! !
Ah! Triste sorte, malfadados dias,
Não posso mais chorar. Silencio musa.

Mauricio Reis.

COLUMN TELEGRAPHICA.

MARANHÃO, 1.º DE MAIO DE 1876.

A Mocidade o seu novo trimestre.—Fallecimentos.—A precissão de S. Benedicto.—O professor Antonio Augusto Rodrigues.—Despedida a Confucius.

Caro Confucius.

Com este numero entra a Mocidade no seu 4.º trimestre de existencia, apezar dos grandes tropeços que tem encontrado durante o curso de sua marcha jornalística, e cheia de esperança tenciona ainda viver muito tempo.

Aos bondosos assignantes da Mocidade, pede Democrito, um dos seus chronistas, que cont.nuem a dispensar-lhe a sua protecção e benevolencia, para que ellá não tenha uma morte precoce, e possa contar bastante janeiros e mesmo tenha ainda o prazer de dizer—*meo neto dá cá meo netinho*, como dizem as matronas *casculdas*, que fiseam o o caximbo à valer e tomam tabaco em caixa de cinco palmos e meio de diametro, etc. etc.

A Mocidade tem fé que o publico maranhense e os seus assignantes a prot.gerão generosamente, e desde já os seus redactores se confessam agradecidos.

Democrito, vosso chronista leitor, tambem por seu turno implora de todo o seu coração a vossa coadjuvação para que não o deixeis morrer de *hypocondria rubica e esterica*, pois estando tão *acostumado* a rir e fazer-vos rir, que não pode mais largar este vicio, e se por ventura a mão negra do Demo se intremeter n'este negocio, e barulhar tudo, certamente o vosso chronista morrerá sem *appellação e agravo*, segundo a praxe forense.

O vosso querido, amado, protegido e afagado Democrito ira fazer companhia ao seu antagonista Heraclito, que de tanto chorar e lamentar as desgraças terrenas arrebetou o *abdomen e a espinhela* e foi parar no inferno, porque S. Pedro não o quiz admitir no céo, visto que lá só tem entrada as *almas folgasonas* para cantarem housannas e não as *choronas* que enfastiam e aborrecem á todo mundo e até mesmo a córte celeste, e por isso foi condemnado á ir para o reino de Belsebut e lá fazer o officio de *carpideira*, á moda de algumas cidades e villas do reiniculo, que proximo fica da Hespanha, de santa e eterna recordação.

Realmente, se os leitores perdem o folgassão Democrito, affianço-vos que perdem muita cousa boa, pois da viagem *aerea* que ultimamente fez vio e contemplou muitas curiosidades e oportunamente tenciona narrar aos leitores da Mocidade; e para amostra das novidades offereço-vos os seguintes versos:

Certo dia vi um rico e rimpimpadado potentado
Executar e pôr em pratica grandes actos
E depois d'este rasgo em uma bainca encontrei-o.
Collocando tombas e remendos em sapatos.

Tambem vi bella e formosa princesa
Cruel e barbaramente assassinada
Com arma de cera branquissima
E o que mais admirei foi a boa estocada.

Vi o terrivel Atreo, pae desumano,
Comer e saborear com furia dámnada
Aos filhos, os corações e os bofes
De doce e agradável *goiabada*.

Na volta da viagem vi sobre a cabeça
Pucharem e desfazerem-se as tempestades,
E a força de gritaria o de asscbios
Vi cabir e *afundar em-se* grandes cidades.

Contemplei Tritões nadando em secco,
Os mares á brigar e se empurrarem,
Até vi e admirei sem vento algum
As ondas socegadas s'encapelarem.

Vi abrirem-se terriveis os abysmos
N'um estreitinho e acanhado alçapão,
E reduzirem-se a combustivel e a cinzas
Castellos de trapos e de papellão.

Vi naufragar um grande e bello navio
No meio de pranto e mui toucinho
E todos, cousa admiravel, da equipagem,
Salvarem-se á pé secco e enchulinho.

Em chegando á terra vi exercitos
Compostos de rachiticos dez soldados,
E por um só terrivel e bestial inimigo
Serem todos, mortos e destroçados.

Como estes poderia contar-vos outros muitos casos que vi, porém como não tenho em vista enfastidiar e sim agradar os meus leitores, ponho ponto no que vi, e começo á cumprir a minha obrigação que é narrar-vos o que se deu de mais importante, na quinzenna passada, n'esta nossa bella e formosa S. Luiz.

Fallecen na cidade do Tury-assú, no mez de março, o Sr. Bernardo Rodrigues Marques, que á muito para lá se havia retirado em procura de melhoras para a sua saúde, bastante detiorada.

O fallecido era ainda muito moço e gosava de sympathia e amisade, entre aquelles que o conheciam de perto e sabiam eaquilatar as suas qualidades pessoaes.

A' seu irmão o Sr. Alfredo Rodrigues Marques, e mais familia do finado, douz meus sinceros pesames.

Tambem falleceu nesta cidade, o Dr. Eduardo do Moon Wilson, que era cirurgião tenente da companhia de aprendizes marinheiros, e medico da camara municipal da capital.

O finado, no principio de sua vida, havia seguido á profissão commercial, porem pouco depois abandonou-a, e o amor á sciencia levou-o a Edimburgo, onde doutorou-se em medicins.

Era ainda muito moço, e gosava de sympathia publica pela caridade com que exercia sua nobre profissão.

De coração, sentimento á familia illustre do finado.

—A precissão de S. Benedicto esteve concorrida, como todos os annos, e teve grande numero de *enfitalhados*, isto é, anjos, que na forma do louvavel costume *enseñavam e encantavam* a solemnidade do acto religioso.

Os pretos, n'este dia, estavam contentissimos por ser o dia do seu patrono e de vez em quando lembravão-se e cantavam em seus banquetes, aquella copla que começa:

S. Benedicto é santo de preto,
Falla na bocca e ronca no peito.

Emfim a festas e a procissão, não differiram em nada da que eu, vosso chronista, leitor querido, tive a honra de narrar e descrever-vos no n. 23 d'este pequenito jornal.

A' missa da festa esteve concorrida, e pregou ao Evangelho, o Reydm. padre Fonseca, que, como sempre, fez-se ouvir eloquentemente, desenvolvendo com talento superior a vida e os milagres de tão grande Thaumaturgo.

A noite a igreja esteve litteralmente cheia e no largo tocou uma banda de musica.

—O professor do Tury-assú, Antonio Augusto Rodrigues, publicou ultimamente um livro pequeno, porem importante, intitulado—*Carteira eleitoral*, que trata com clareza e methodo á maneira que se tem á seguir no processo eleitoral moderno.

A obra foi submittida ao illustrado Dr. Filippe Sá para dar o seu parecer, e elle tendo-a examinado attentiosamente, achou que estava no caso de ser publicada e que tratava satisfactoriamente as questões de que se occupa.

O Sr. Antonio Augusto Rodrigues, já é bastante conhecido nesta capital pelos bons tratados de instrucção elementar que tem publicado.

Recentemente deu á luz da publicidade um compendio de geographia, que em muitas partes, como por exemplo, a do Brazil, é superior aos compendios de Abreu e Caneza, adoptados para os exames geraes de preparatorios.

Cumprimento, pois, ao Sr. Antonio Augusto Rodrigues, pelo benevolo acolhimento que tem tido do publico, e faço votos para que continue á prestar tão valiosos serviços á sociedade brasileira.

—Não tendo mais nada á contar te, amigo Confucius, deito ponto nesta.

Até mais logo.

Teu amigo e collega,

Democrito.

Errata.

No artigo que foi estampado no numero 23 deste jornal, e que se intitula—Em que consiste a felecidade? escaparam os seguintes erros typographicos:

Pag:	col:	lin:	erros:	emendas:
2.ª	1.ª	6.ª	abraçaram	abraçarem.
"	2.ª	56	humanidade	Roma.
"	3.ª	7	Marco Amelio	Marco Aurelio.
"	"	25	acompanham	compunham.
"	"	26	fulmiaante	fulminante.
3.ª	1.ª	21	descohecida	desconhecida.
"	"	26	della	da virtude. (e)
"	2.ª	21	toda	todas.
"	"	22	do	da
"	"	22	homem se	ao homem para se aperfeiçoar.

Além destes existem no referido escripto outros erros de pouca monta que o leitor facilmente corrigirá.

Maranhão—Typ. do Paiz. Imp. Manoel F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—2\$000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Domingo, 14 de maio de 1876.

NUMERO 26

A MOCIDADE

MARANHÃO, 13 DE MAIO DE 1876.

O materialismo.

De todas as seitas philosophicas é o materialismo certamente a mais absurda e inconsequente que existe, pois tudo confunde, tudo transforma á seu talante, sem comtudo provar cousa alguma com exuberancia e clareza.

Os admiradores desta extravagante e exquisita doutrina não trepidam em afirmar de alto e bom som, que tudo quanto existe—é materia e só materia, e passando além disso nada mais há, senão—o *vacuo*, o *inexplicavel*.

Isto é irrisorio e até ridiculo e faz-nos lembrar aquelle dito do celebre Esopo, fabulista grego,

*Quanta specie, inquit
Cerebrum non habet.*

Se tudo é materia, como dizem os propagadores de idéas tão erroneas e absurdas, então a alma humana é apenas um sonho, e a vida eterna uma insipida patranha !!

Mr. Broussais, um dos famosos propagandistas de theorias falsas e balofas, no

FOLHETIM.

Leitora:

Esta versão, que se segue, pertence-vos e á todo o sexo bello.

Não pertence ao sexo feio, ao qual peço encarecidamente que não tenha a louca pretensão de julgar um só instante que eu esteja gastando o meo tempo, o meo amado tempo—com elle, derigindo-lhe algumas palavras ou offertando-lhe um trabalho meo, posto que mediocre.

Eu sempre gostei e sempre apreciei com vivo entusiasmo—o bello; como agora hei de ir escrever ao sexo masculino, que tem gravado na fronte ou na *testa*—(expressão que acho um pouco feia, porém bastante apropriada ao sexo, de que fallo) o horrendo epitheto de—feio—?

E, pois, á vos, leitora, que me derijo.

Vou principiar as minhas cartas á vós—por uma bella épopeia persa, da qual nos da conhecimento—George Sand, a qual, segundo diz, traduzio-a de um escriptor inglez—Alexandre Chodzko, o Homero do heróe persa.

seu tratado—*De la Irritation e de la Folie*, diz, que a alma humana não é mais do que o *effeito da enervação*, isto é a reacção continua do systema nervoso sobre as víceras ou tecidos etc. etc.

Opinião philosophica mais exquesita do que esta não pôde haver, salvo alguma feita de encommenda para espantar o universo, ou envergonhar a especie humana. E a prova disto, é que Mr. Broussais, não poude responder as continuas interpellações substanciaes do illustre medico Virey e do celebre barão de Massias.

O seu volumoso e enfadonho tratado, já acima citado, não deu sequer a minima resposta aos argumentos judiciosos dos illustres philosophos espiritalistas ou eclecticos do seu tempo, e não fez mais do que affirmar e deduzir idéas pueris e burlescas, proprias para fazer rir e não para convencer e instruir.

Como este, são todos os demais *philosophantes*, que se mettem á bulha, querendo apresentar idéas novas e fortes, porém fofas, nescias e descabelladas.

O materialismo é uma seita tão perniciosa e infundada que leva o homem irremessivelmente a consequencias extremas, fazendo-o perder á fé e o respeito á tudo quanto ha de mais nobre, mais santo e mais elevado sobre a terra.

O materialismo nega absolutamente a

Haveis de gostar muito, bella leitora, de Kourrogion, aventureiro bandido, guerreiro invencivel e em nada—semilhante ao cavalleiro *de la Mancha* e mui semelhante, posto que superior em factanhas—á Al-Mausour—o musulmano,

Haveis de ler a historia de suas acções heroicas varias vezes—durante as vossas horas de insomnia, e depois deitando de parte o jornalzinho *Mocidade* haveis de pensar sobre o que lestes, e ter desejos de ver um Kourrogion, e de dar-lhe o ar de *vossa graça*.

Haveis, porém, de notar um defeito neste heróe—era mais glutão que Gnaton de La Bruyère, e mais bebrão que o velho patriarcha Noé; mas tambem lhe perdoareis esse crime de lesa-elegancia, quando souberdes que era bastante amavel, e que apreciava muito o vosso sexo, como provou com a vossa bella companheira. Nighars; e que amava bastante a bella, prova do que se acha em elle ter tomado por filho Ayvaz por sua grande formosura, arriscando sua vida no roubo destas duas personagens.

Ha alguma acções fantasticas, como todos os contos do Oriente; mas ao menos, serve para mos-

tratar que este heróe era bastante valoroso, e um pouco exquisito nos seus gostos, como Fortin as do incomparavel Theophile Gauttier.

Perdoai-me, leitora, se fui arrojado em algumas das minhas supposições; mas que remedio? São os meus *chateaux en Espagne*.

Perdoai-me tambem se não vos dou mais alguns esclarecimentos sobre o bello e forte Kourrogion; não o fiz porque George Sand, no seo «Prefacio» que vos hei de dar em outra occasião, descreve muito muito bem a obra, quero dizer, faz um apontamento geral, e a historia—origem—dessa épopeia, melhor do que poderia eu fazer.

Haveis de ficar, leitora, desejsosa de ver logo Kourrogion, para ver se é o que digo: não temais: creio que não hei de naufragar no *parturient montes et nascetur ridiculus mus* do mestre Horacio, por quanto me esforcarei bastante por dar-vos bem a linguagem de Sand, a duellista, a romanista fogaça, no poetar Alvares de Azevedo.

Esperai, leitora.

Chalybes.

existencia do Ente Supremo, e da alma humana, deixando, assim, o homem neste mundo como o naufrago, que tendo se quebrado e mergulhado nas profundezas do oceano a ultima taboa de salvação, vê-se sem o minimo auxilio e socorro, não tendo mais no que esperar atira-se a mercê das ondas, onde impreterivelmente morre, sem ter quem lhe guarde o ultimo suspiro, e o ultimo alento vital.

Assim é o materialista, que tendo esquecido em seu coração as santas idéas da immortalidade da alma e da existencia de Deus, parece sem ter esperança e fé em cousa alguma, deixando por entã transparecer em seus lividos labios todos os erros e crimes, que commetteo durante o curto espaço dos seus trabalhos e desgraçados dias.

Quanto malefica, perversa, e inconsequente não é a doutrina, que rouba a alma humana, todas as crenças, todas as suas esperanças e mergulha-a no oceano incommensuravel da incerteza !!

Quanto insocial, quanto immoral não é a doutrina que conduz aos que abraçam-na não poucas vezes ao roubo, a devassidão e ao suicidio, que é o ultimo delirio dos erros e das paixões humanas !!

Percorramos todos os annos dos povos, quer antigos ou modernos, e lá impreterivelmente encontraremos as sãs idéas—

da immortalidade da alma e da existencia de Deus, gravadas com letras imprevisíveis nos seus livros e nos seus corações

Consultai os monumentos dos Assyrios, dos Babylonios, dos Medos, dos Persas, dos Egypticos, e dos Gregos; consultai os livros dos Romanos, dos Francezes, dos Allemães, dos Belgas; penetrai nos albergues do Laponio, do Hottentote, do Samoyede, e até no do proprio Carahyba, e haveis de lá encontrar as crenças da espiritualidade, e immortalidade da alma e da existencia de Deus.

E' bem verdade que n'essa immensa serie de seculos e de homens, se encontra um ou outro atheo, e d'elles bem se pôde dizer, como o illustre e venerando cysne de Mantua: *Aparent-rari nantes in gurgite vasti.*

O vocabulo alma se encontra em todas as linguas, ainda nas mais remotas e menos cultas. Esta palavra não é um nome abstracto, como a virtude, a belleza; por alma todos os homens entendem, um ente que é completamente distincto do corpo; que é simples, indivisivel e immortal.

A existencia da alma humana, é o fundamento de todas as religiões, e sobre ella tambem é que se firma toda a legislação e moral.

O materialismo, ainda mesmo não se olhando para as terriveis consequencias que emanam de si, é um systema extravagante e pueril, como o *espiritualismo* do celeberrimo Berkley, discipulo do famoso Locke, de eterna e admiravel recordação.

Berkley, reconhecendo que seo mestre dava grande auctoridade aos sentidos, pois dizia que nós não conheciamos o mundo material, *senão pela idéa sensivel*, deduziu do seo materialismo, o espiritualismo, e cahiu tambem em consequencias extremas. Tanto o materialismo como o espiritualismo, querendo fugir um do outro cahem cada qual no seo lodaçal, e ahi trabalham o mais possivel, para verem se tiram alguma cousa que sirva, e por fim nada conseguem, ficando tudo em embryão.

O unico systema, que pode produzir algum fructo, é o ecletismo, systema perfeito, logico, e critico ao ultimo ponto.

O ecletismo é uma especie de segador scientifico, que com todo afinco se esforço para separar e colher os fructos bons dos máos. E' a parábola do Evangelho, que compara o justo ao homem segador que conscienciosamente divide e separa o trigo do joio, e guarda o que ha de melhor, para cozer e alimentar seo enfraquecido corpo: assim é o ecletismo.

O ecletismo é o alimento do espirito do homem scientifico, que deseja instruir-se seriamente e não perder-se no torvelinho incomprehensivel dos materialistas, scepticos, pantheistas, etc. etc.

Do materialismo pouco dista para o scepticismo; vae só um passo.

O homem imbuido nas idéas d'esta seita facilmente tambem se aproxima do vicio e do crime; e se porventura quando é perseguido, emotejado, procura, como é natural, um alivio, uma esperanza, que o console e o conforto de tantos males, e não n'a encontrando em parte alguma, pois para todos os lados que olha só encontra *materia e pura materia*, chega ao desespero, e d'ahi ou torna-se sceptico, que é o suicidio d'alma, ou mata-se, no furor do desespero e da descrença.

Quanto é ao passo salutar, santa e sublime, a idéa da immortalidade da alma!! Quanto ella metiga e suavisa nossos soffrimentos, e nos conduz a paz e felicidade eterna!!

Do materialista que por suas crenças aproxima-se do scepticismo, e n'elle acaba seos dias de existencia, bem pode-se dizer com os *Livros Santos*:

Foderunt foveam et incederunt in ea.

O grande e profundo Bayle, que abertamente propendia para tão funesto systema philosophico, disse o seguinte, em um dos seos livros: «Não creio possivel, que nenhum corpo, nenhum agregado de diversos corpos, nenhum atomo seja susceptivel de pensamento.»

O mesmo auctor, assim se exprime, á respeito do atheismo: «Se considerarmos os atheos no juizo que formam da Divindade, cuja existencia negam, veremos nelles uma horrivel cegueira, uma ignorancia prodigiosa da natureza das cousas, um espirito que transtorna todas as leis do bom senso, que forma um modo de raciocinar mais falso, e desregrado, que se pode imaginar: se os considerarmos pela posição do seo coração, veremos que não sendo elles reprimidos nem pelo temor da punição divina, nem animados d'alguma esperanza de benção celeste, devem entregar-se á tudo quanto lhes lisongeia as paixões.»

(Continúa.)

Arthur de la Rivera.

O espirito da instrucção official, e o de Chateaubriand.

(Continuado do n. 24.)

Seria inutil procurar principio de *direito divino*, para fundamento das sociedades christãs, na doutrina em que se reprova e condemna o systema governativo d'aquelles que, dominando sobre as gentes, «*potestatem exercent in eos*».

O Christo bem claramente ordenou aos seus discipulos que não procedessem assim, declarando-lhes que aquelle d'entre elles, que quizesse ser o *maior*, seria o *creado* (*minister*) de todos os outros, e o que quizesse ser o *primeiro* seria o *servo* de todos os outros. Se este preceito não é divino, não conhecemos nenhum outro

mais digno de epitheto. Por elle o que se estabelece é a *hierarchia exclusiva dos serviços*, e portanto o que nelle se acha decretado é a maior consideração de auctoridade àquelle que mais se distinguir por *beneficios*, ou *serviços* prestados á humanidade.

Vejam os pois se na lei antiga o *direito divino* de governar nações se acha manifestado de outra maneira, que não seja pela soberana vontade dos povos. Qualquer que seja a origem de direito abstrahido, dever-se-ha tambem julgar confirmada pela *lei da graça*, pois que n'ella se declara que *não veio a revogar a procedente, mas sim a completal-a.*

Si pudessemos omitir a opinião, emitida em epigraphe na Vulgata, de que Samuel foi o primeiro dos reis d'Israel, não precisaríamos de melhor argumento para provar que o *direito divino* não tinha caracter algum de absoluto, de permanente, nem de hereditario. Samuel governou sempre segundo a *constituição* da biblia; e se como chefe do estado lhe cabe o titulo de *monarcha*, no sentido natural d'esta palavra, seu governo nunca teve maior caracter de realesa que o de todos os demais juizes, que o precederam. Dotado de uma superior organização intellectual e moral, excedeu-os naturalmente a todos pela excellencia das suas altas virtudes theocraticas, politicas e civis; mas com quanto a sua eximia illustração, ao nivel da sua alta posição, lhe dessem a soberana auctoridade do merito na administração do sacerdocio e da justiça, nunca o seu governo temporal revelou o menor caracter de realesa *more gentium*, como o d'aquelles que lhe succederam no governo politico da nação. Quando o povo lhe foi pedir que lhe elegeisse um rei, elle nem se lembrou de sustentar *direitos adquiridos*; e se algum *direito* de governar tem merecido a sancção de *divino*, nenhum outro verdadeiramente reconhecemos mais digno do que o seu. A melhor prova do seu nobre desinteresse e da sua exemplar modestia, é que n'uma posição soberana, que o merito lhe devia assegurar perpetuamente, —quando menos deveria pensar que n'uma idade já tão avançada ainda se havia de dimittir da auctoridade politica, longe de considerar seus filhos (Joel e Abia) como principes reaes, tinha-os estabelecido como *juizes* em Bersabéa. Este facto já prova que elle estava bem longe de pretender ser fautor da *monarchia hereditaria* com caracter de *realiza absoluta*.

Samuel governando sempre como representante da Lei, ou como orgão de seu espirito, nunca desmentio por um só acto a dignidade da sua competencia para tão altas funcções. Nunca porem se pôde revelar tanto a elevação do seu generoso caracter como na maneira tão magestosa quão moderada por que elle res-

pondeu ao povo, quando este teve a extravagante lembrança de lhe ir pedir um rei. Pareceu olhar com compaixão aquelles parvos, que não satisfeitos com o rei do universo, que tudo dá, e nada exige senão obediencia á lei, e respeito a justiça, a bem da paz, regeitando o Senhor espiritual do mundo, iam pedir ao seu digno ministro um *senhor* bipedê, de testa coroada, para os avassalar, e a tal titulo absorver-lhes o melhor do que pudessem ganhar pelo suor do seu rosto! Não lhe escapou a mesma expressão de resentimento pela ingratidão dos seus governados, parecendo antes lamentar tacitamente que o espirito de rapina de seus filhos houvesse sido a causa d'aquella revolução! (Si a biblia pode tambem servir de principio fundamental de direito de governança e de magistratura, por este facto, faliás nunca neutralizado, se acham justificadas as revoluções causadas pelo espirito de oppressão e de rapina dos governantes e dos magistrados). Este digno chefe, muitissimo generoso e desinteressado para pensar em defender seus interesses,—este digno juiz, muitissimo justo para que pudesse pensar em zelar os de seus filhos, restringio-se unicamente a observações de interesse nacional; e bem longe de imaginar que a realisação algum dia poderia vir a ser de *direito divino*, tratou de a expor á nação como a mais abominavel e funesta praga, que poderia sobrevir a um povo livre, que deixava de reconhecer a Deus por seu unico soberano! Até áquelle tempo ainda não se tinha exposto a realisação humana com traços tão odiosos como verdadeiros; e confesse-se que mesmo posteriormente ainda ninguém especializou com mais lealdade e energia os diferentes meios, pelos quaes se pode revelar o caracter de salteamento, e o espirito de rapina, de ordinario inherentes a uma tal forma de governo. Segundo a exposição de Samuel, realisação significa: *oppressão permanente, exercida pela tyrannia desenfreada sobre o povo, para sacrificar a sua liberdade,—os interesses mais caros dos cidadãos, a dignidade das familias, e as vidas dos subditos, á cubiça insaciavel e á ambição monstruosa do soberano!* Lêa a biblia quem quizer ter idéas mais precisas das *gentilezas* da realisação,—previstas e annunciadas pelo consciencioso propheta Samuel, e depois ouse ainda declarar *conscienciosamente* que tal *direito* é de caracter *divino*!...

Samuel não foi portanto o primeiro rei de Israel, mas sim o primeiro adversario da instituição da realisação humana em Israel. Como digno órgão da vontade divina, bem francamente se pronunciou contra a realisação; e a sua inspirada condescendencia para com o povo o que pode provar é o respeito devido pelas potestades constituídas á *vontade popular*,—por mais extravagante que seja,—quando

mesmo desattenda ás mais sensatas observações em sentido contrario, porque se andar mal, da mesma realisação dos seus desejos lhe resultará o castigo.

D'aqui se infere que o unico principio de *direito divino*, que se pode colher dos actos de Samuel, contem-se n'este preceito, que Deus lhe impoz, e por mais duas vezes lhe repetio:—«*Audi vocem populi in omnibus que loquuntur tibi*», isto é: «*Attende á voz do povo em tudo quanto te disser*»; e isto ainda mesmo contra a vontade do proprio Deus, que, por tal facto, se declarava, elle proprio, demittido da realisação! E' pois bem claro que a instituição da realisação humana em Israel emanou da vontade do povo, a quem Deus outorgou a soberania, e que a sagração de um rei pela unção do sacerdote não foi mais que um acto de condescendencia de Deus pelo órgão do seu propheta, pois que este annuncia a realisação estomacal não como um bem para a nação, mas sim como um tremendo castigo da imprudencia e da temeridade d'aquelle povo.

Vê-se pois que, com quanto nos sete primeiros capitulos do *Livro dos Reis*, segundo a Vulgata, se trate exclusivamente dos concernentes ao governo de Samuel, elle ahí não figura senão como o assumpto natural do seu exordio, pois que, como chefe de então, e sobretudo como grão sacerdote, á elle é que competia sancionar a nova forma de governo monarchico pela competente solemnidade. E, em summa, se Samuel era rei, para que foi o povo pedir-lhe um rei, se na pessoa d'elle já tinha o que desejava? Em tal caso não seria um rei que o povo lhe pederia, mas sim um *successor* com exclusão de seus filhos, o que então provaria que o *direito divino* pelo menos não era reconhecido por hereditario.

Mas já que em Samuel não se pode achar principio algum de *direito divino* de realisação, vejamos si se poderá achar melhor n'algum d'aquelles, que foram ungi-dos verdadeiros reis sobre Israel. Não se julgue que por taes digressões dissertemos fora do nosso proposito, pois é facil notar que é no principio do pretencão *direito divino* que descobrimos o *espirito da instrucção official*, que, ao toque do hymno do progresso, tende a reconduzir ao obscurantismo os povos da raça latina pelo machiavelico e jesuitico ministerio do *liberalismo*.

(Continua.)

Maciot.

N. B. O autor do artigo supra (começado no n. precedente, e a finalizar no seguinte), não desejando, nem permittindo, que alguém soffra, por qualquer sorte de conjectura, animadversão alguma de *potestade constituída* por falsa attribuição dos seus escriptos, autorisa a tão dedicada como illustrada redacção da *Mocidade* a declarar em particular a *qualquer* inte-

ressado o verdadeiro nome d'aquelle que unicamente para o publico se assigna
Maciot.

Visitas de Senhoras.

As visitas das senhoras
Muito tem que aproveitar:
Quero traçal-as ao vivo
E ver, se as posso pintar.

Logo que chega a visita,
Corre se ao tópo da escada,
E desde a porta da rua
Principia a malinada.
Alguma das *senhoritas*
Tira o chale a seos *agradados*,
Depois do que ha chorriho
De beijocas e abraçados.

«Como está minha *Firmeza*?
«Como passa o seo menino?»

Se está gordo, se está magro,
Se está grande, ou pequenino.
Que é feito do primo *Chico*
Que ha muito não apparece?
Pois sendo um rapaz simplorio,
Pode ser, que se perdesse.
Como vae o seo *Cupido*?
E' viva a sua rolinha?

Agora está voce boa,
Fallou com prima *Clarinha*?
Estas e outras perguntas,

(Aborrecivel massada)
São feitas incontinentemente,
E tudo á um tempo na entrada.
A outra, que vem de fora
Não fica atraz nas perguntas;
E n'esta algazarra partem
Para a sala todas juntas

Acadeiram-se as *meninas*
Em torno da visitante,
E começa desde logo
Uma conversa incessante.

Fallam de modas bonitas,
De rendas, e labyrintos,
Dos modelos de vestidos
Dos espartilhos e cintos.
Entretanto não se esquecem
D'afinar as rabequinhas,
Murmurando largas horas
Contra *Dona Marquinhas*.

—Você reparou, diz uma,
Como ella foi á cidade?
Por certo que não lh'assenta
A estrada da liberdade;
E que vestido tão feio,
Diz outra, com qu'ella estava!
Aquelle golla, coitada!

Nos hombros não lh'assentava.
Foi toda vida amarella,
E como estava corada!
Pois admira-se d'isso?
Aquillo era cara pintada.

E' magrinha, e que cadeiras
Tão redondas, e roliças!
Já não ha ninguém malfeita,
Depois das *ancas* postizas.
Até peitos tem suppostos,
Si tambem pernas não sei;
Aquelles sim, eu affirmo;
Porque vi quando a abracei.
E que presumpção que tem
De bonita e de garbosa!

Eu cá sempre a achei mui feia
Mal trajada e desg-itosa.
Dizem que está p'ra casar
C'o aquelle moço formado.....
«O que tem cabellos crespos?...
Veirão que mal empregado!!

Entretanto se annuncia
Um *calafate* arcolado,
Que vem trescalando em cheiros,
Muito gamenho e asseado.

Estudada cortesia,
Faz c'o a cabecinha á banda,
E o grupo dos *anjinhos*,

Por devoto demanda,
Alli se senta, e embaralha,
Qual valeta com as sotas,
E vasando vae-se em finezas,
E em tudo que vê mette as botas.
Faz dos dedos brando pente,
Com que alisa a cabecinha,
Para que não se apague
Da liberdade a estradinha
Põe-se em arroubo amoroso,
Não tira d'alguna o olho,
E c'o a mão, como á descuido,
Amansa o *passa-piolho*.
A *thesoura* já se muda
Em politico aranzel,
E paradoxos sem conta
Andam alli á granel.
Vem o chá n'este comenos,
Lá de dentro preparado;
Porque fêz-o na sala
E' uso já reparado,
Andam de roda as serventes
Percorrendo á *la coxia*,
Offertando nas bandejas
Bolos, torrada, e fatia.
Não cessam as risadinhas,
Nem politicas questões,
E cada qual, que sustente
As suas *opiniões*,
Uma afirma que é *chimanga*,
No que muita honra tem,
Que o que quer este partido
E' o que ao Brasil *convem*.
Outra diz, que é *regressista*,
Que não ha náda melhor,
E cita em confirmação
Casos que sabe de cór.
Já se vê, que o tal sujeito,
Supposto, que disfarçando,
Ao pensar da *su' mada*
Sempre se vae acostando.
Se bem que em materias taes
E' já sabido e constante,
Que a mul'her segue o partido
Do pae, marido, ou amante.
Se é academico estulto,
Como em campo se vê só;
N'uma roda de senhoras
Cita d' *Holbac* e *Fritó*.
Traz de rasto, á *Mont-squieu*,
Falla em *Martine*, e *Felice*,
Prova o que bem lhe parece,
E diz muita parvoíce.
Ficam pasmadas as moças
De tão profunda *sobença*,
E quanto diz o *Doctor*
E' para ellas *sentença*.
Não cabe em si de contente
Aquelle pobre *marzôco*,
Faz ademanes e gestos,
E bem parece que está louco.
Porem a mãe das meninas,
Triste e amuada velhinha,
Só pergunta como vae
O aseite, a carne e a farinha.
Deste tempo muito mal diz,
Que é tão mesquinho, e tão vario;
E enquanto as filhas namoram
Vae resando o seu rosario.
Atropellam-se os assumptos
D'aquelle conversação;
Pois começando em sapatos,
Acaba pelo sermão.
Diz esta que, o padre tal
Prega peregrinamente
Aquelle diz, que é tão frio
Que faz dormir a gente.
Não deixa o jovem de dar
A sua opinião séria.
Affirma, que só diz bostas;
Pois tem voto na materia.

(Continúa.)
(Extr.)

Um nome.

Eu tenho no fundo do peito gravado
O nome d'aquella que sempre adorei,
Occulto aos olhares profanos. Tu queres
Que o diga? pois olha que nunca o direi.

Só quando divago sosinho alta noute,
Sorvendo os perfumes da rosa e jasmim,
O digo as florinhas, e o echo indiscreto
Repete-o ao longe nos ares sem fim.

Então se as estrellas refulgem brilhantes
Parece mais astros nascerem nos ceos,
Cerrando essa imagem formosa, divina,
Mas toda velada por candido véo.

Se o mar bonançoso soluça nas plagas,
Beijando-me as plantas, se estou a scismar,
Parece-me vél-a suave encantada,
A tona das vagas, andando a vagar.

Depois lá se assenta num monte d'espuma,
A face d'opala pousando na mão,
As soltas madeixas brincando em seu colo,
E os olhos brilhantes fitando a amplidão.

E' bello meu sonho? seu nome? não digo,
Nem troco por tudo que o mundo contem;
Comigo elle morra, que ha de, a existencia,
Doutar, de minha alma, no mundo de além.

Maranhão, 8 de maio de 1876.

C. Pinho.

Paginas intimas.

(VEDE O N.º 25.)

Hontem e hoje.

(Saúdosa recordação de um baile.)

I must weep, but these teares are cruel!
(Shakespeare.)

Hontem!—aurora de um formoso dia!
Tudo alegria! era o mundo meu!
Hontem!—um ires, um sorrir divino!
Hontem!—um hymno elevado ao ceu!

E hoje?—O triste modular da flauta
Do pobre nauta desfarçando a dor!
Hoje!—o tormento de um viver incerto!
Hoje!—um dezerto, que jamais tem flor!

Hontem!—minh' alma olvidára dores!
De roseas flores tinha um leito augusto!
Hoje!—a saudade me carcome o peito,
Me dando um leito de cruel Procusto!

Mas, ah!...Eu hontem contemplava o anjo,
O grato archanjo dos suspiros meus;
Por entre flores, na manhã da vida,
Via querida,—linda flor dos ceus!

E hoje?—E' tarde de tristonho inverno,
Gemer eterno de quem perde a luz!
Hoje!—um tormento, uma flor murchada,
Que, dessecada minha dor traduz!

Maranhão, 18 de abril de 1875.

S.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

MARANHÃO, 13 DE MAIO DE 1876.

Comprimentos ao leitor.—Fallecimentos.—Missa de requiem.—
Mez Mariano.—O Sr. Souza.—Despedida e promessa.

Caro leitor.

Estimo que goses de saúde e que te tenhas resguardado bem do frio por causa do beri-beri, que

está atacando à torto e à direito. Eu, como tu bem deves saber, vou indo sem novidade e cada vez mais rio-me das vaidades e cousas mundanas.

Feito os comprimentos devidos á vossa alta jerarchia, passemos a ler um poucachito as novidades da terra.

—Falleceu no mez proximo passada, a virtuosa mãe do Sr. Augusto Cesar de Macedo Britto, mui digno empregado do correio e nosso distincto amigo, á quem especialmente sentimentamos.

—Tambem falleceu, n'esta cidade, o joven Moyses, filho do Dr. Santos Jacintho.

O sahimento do enterro, apesar do tempo estar máo, foi muito concorrido.

O fallecido era um joven esperançoso pelo seu talento, applicação ao estudo, e conducta irreprehenivel.

Ao seo mui digno e inconsalavel pae, e a toda Exm. familia damos os nossos sinceros pesames.

Outro—Falleceu em S. Bento, a esposa do Dr. Jansen Mattos, que para lá tinha ido tratar-se do beri-beri que estava soffrendo.

Os estudantes de historia do Lyceo e o seo substituto, o Sr. Fabio Mattos, mandaram resar uma missa na igreja de N. S. da Conceição, na segunda feira d'esta semana pelo descanso eterno da alma de tão virtuosa senhora.

O substituto de historia, no dia que soube de tão n-fasto acontecimento não deu aula, em signal de luto e profundo pesar.

Ao Dr. Jansen Mattos e toda a sua Exm. familia damos os nossos sinceros pesames.

—O distincto coronel Antonio Joaquim Bacellar, commandante do 5.º batalhão de infantaria, mandou rezar uma missa de *requiem*, pela alma do seu amigo e collega, tenente-coronel João Baptista Barreto Leite, que falleceu na provincia do Rio-Grande do Sul.

A missa esteve muito concorrida, e uma guarda de honra postada a entrada da igreja, fez as contingencias devidas ao acto.

—O mez de Maria tem estado pouco concorrido por causa das chuvas continuas que têm cahido durante á tarde e á noite, porem é de crer que o tempo mude, e então veremos o Recolhimento e o Convento das Mercês repletos de santos e santas devotas.

—O distincto advógado, o Sr. Joaquim Mariauo de Souza, em uma carta dirigida ao Sr. Dr. Lamberger, desta capital, e publicada no n. 36 do *Paiz* de 22 de março findo, entre os 1653 manuscritos, que, nos 4 annos de exilio na cidade de Caxias, escreveu sobre diferentes ramos, dedicou e enviou ao Exm. Sr. Dr. H. Graça um *Opusculo* com o modesto titulo de—*Historia philosophica, scientifica, religiosa e litteraria.*

O Sr. Souza é bastante conhecido entre nós, quer como litterato e poeta, quer como orador fluente e elogico.

Taes escriptos são devidamente apreciados, já quanto á elevação de pensamento, já quanto ao estylo, correção de phrase e linguagem depurada e castiça.

Seria um importantissimo serviço prestado ás sciencias e letras a publicação desse trabalho.

O illustrado Sr. Dr. H. Graça dando-o a estampa nas columnas do *Paiz*, sempre francas para as obras de merito, concorrerá de sua parte para que não fique no olvido, e passe portanto indifferente, um trabalho, que honra ao autor e enriquece a litteratura do paiz.

Justo pedido de

Um apreciador.

—Caro leitor, visto não ter mais nada com que entreter-te, despeço-me por hoje, e em compensação d'esta chronica magra e choxa que te apresento, te prometto para o numero vindouro cousa mais bonita e rochoxada.

Teu amigo e apreciador

Democrito.

Maranhão—Typ. do Paiz. Imp. Manoel F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Domingo, 21 de maio de 1876.

NUMERO 27

A MOCIDADE

MARANHÃO, 20 DE MAIO DE 1876.

Os jesuitas em face do seculo.

A. A. S.

Coberto de maldições, de injurias e de imprecações, têm sido os jesuitas ha mais de trez seculos perseguidos pelo mundo inteiro.

Apenas um fanatico, um cego de intelligencia, um p' re de espirito, levanta a sua voz para defendel-os, mas tão fraca e sumida é a voz, que perde-se no espaço infinito.

Sim, perde-se! Amigos da liberdade, do progresso e da civilisação, nós que sentimos o sangue brasileiro borbulhar em nossa arteria e tingir o nosso rosto, jamais consentiremos que esses espectros maldictos plantem em nosso paiz, já tanto opprimido e escravizado, suas doutrinas immoraes, hypocritas e prejudiciaes, de ha muito banidas. Somos patriotas, amigos da humanidade e da civilisação; não podemos pois tolerar tanto.

Um olhar sobre a idade media, e veremos ali os estragos causados pelos discipulos de Loyola, desses homens que trajão saias negras.

Os Francos, os Longobardos, os Hunnos, os Godos, os Wisigodos e innumeradas

hordas de povos barbaros invadirão a Europa.

Carlos Magno empunhando então o sceptro pretendeo civilisar o mundo, levando a guerra até ao occidente. Então dividia-se em tres classes a Europa inteira:

1.^a Nobreza, á qual pertencia os senhores de castellos, os cavalleiros, os feudaes, os quaes entendião apenas do manejo das armas.

2.^a Os frades, que se achavão de posse da sciencia.

Collocados nos claustros, fóra da sociedade por assim dizer, havião se applicado ás lettras, prevendo as grandes vantagens que d'ahi lhes resultaria.

3.^a O povo finalmente, que trabalhava para satisfazer o orgulho dos primeiros, e a ambição dos segundos.

Carlos, que mereceo o epitheto de *Magno*, porque era grande rei, grande conquistador, e media 7 pés de altura; Carlos Magno esse homem extraordinario para governar e administrar, depois de haver estendido o seo imperio desdo o Eider até além Roma, e desde o Raab na Hungria até o Ebro na Hespanha principiou a proteger as lettras, as artes e as sciencias; enfim tomou a iniciativa da civilisação d'aquelles homens que apenas sabião manejar as armas e derramar sangue!

Chamou Alcuino, mandou fundar escolas.

Eil-os que dominão.

Durante o dia passava-o a Sra. Mathilde, invariavelmente, assentada em uma rede, dando ordens para aqui e para alli, sem haver cousa alguma que a podesse tirar dos seus habitos. Contudo a Sra. Mathilde fóra sempre boa esposa e boa mãe: estimára excessivamente o seo marido, e era capaz de dar a vida por uma filha unica que tinha.

Depois de morto o marido, si antes a Sra. Mathilde era grande commodista, tornou-se, então, de maneira á não se mover do lugar, mesmo que lhe viessem dar a noticia de estar a casa a arder. —E' o meo genio—dizia ella á alguém que lhe admirasse a inação.

A filha unica da Sra. Mathilde chamava-se Maria. Era então uma linda menina de quinze á dezeseis annos, linda que admirava á quantos viam-na, de cabellos castanhos finos, de olhos grandes e vivos, mas cheios de uma certa melancholia que denotava sempre uma pequena dose de padecimentos.

Maria sahira á pouco tempo do collegio, onde,

Senhores do povo e da nobreza, esses homens que tramavão já de ha muito, lançarão então a pedra primeira do edificio, plantarão nos espiritos as ideias as mais negras e absurdas, tornarão inviolavel sua pessoa, sagrados os seus dominios, mudarão, por assim dizer, a face do mundo inteiro.

Eil-os que imperão nos thronos, nos palacios e nas choupanas, eil-os fazendo temer os reis, os ricos e os pobres.

Eil-os que se introduzem na familia espalhando a discordia entre os seus membros; o pae trahe o filho, a mãe vende a filha, o marido espia a mulher!

Muitos d'entre estes votavão-lhes um odio encarniçado, mas esses miseraveis sabião manejar de tal fórma a astucia, a intriga e a vileza, que Monclair chegou a dizer que parecia que elles tinhão o poder de obscurecer o sol, e de tornar á sua vontade os homens surdos e cegos.

Era admiravel!

Tendo subido muito, mas não contentes de terem assento nos thronos, recepção honrosa nos palacios, e humilde banquete nas choupanas, os jesuitas derramarão pelo braço de Ravaiillac em 1610 o sangue innocente de Henrique IV, fizerão assassinar Mauricio de Nausseau em 1598, assassinarão Henrique III e Luiz XV, e afiarão contra Luiz XVI o machado revolucionario do 1793!

Forão os jesuitas que envenenarão^o Sixto

entre outras cousas más que lá se ensinava, aprendêra á gostar de maos romances e á ser triste.

Já no collegio ella fazia os seus planos de conquista, e pouco a pouco ia-se deixando levar nas azas de um idealismo que ella mesmo não explicava, porque não tinha paciencia para isso, ou porque mesmo não lhe convinha explicar.

Umaz vezes era um moço alvo, de cabellos louros e bigodes retorcidos, montando um cavallo alazão de raça fina. Passava pela frente da chacara e lobrigava-a por entre as arvores do jardim, em sua janella, de cabellos soltos, lendo um romance qualquer. Havia de ser por força um poeta e então sentiria o quer que fosse de entusiasmo ao ver uma menina entregue á contemplação do bello ideal. D'ahi á dias um bilhete amoroso, todo perfumado e de lettras tremidas, denotando que fóra escripto com muita commoção.—Ahi está uma difficuldade! Como responder o bilhete? Talvez a mãe venha a saber do negocio: d'ahi uma reprehensão forte, e, no caso de reincidencia, prohibi-

FOLHETIM.

Regeneração.

(CONTO)

I

A casa da Sr.^a Mathilde era uma linda chacara, situada n'um dos mais pitorescos arrabaldes da cidade. Deitava a frente para uma larga estrada e era ornada de um jardim, como quasi todas as habitações deste genero.

A Sra. Mathilde era uma viuva de seus quarenta e tantos annos que havia sido criada e acostumada n'uma vida completamente inerte. A riqueza de que dispunha o seu finado marido dava-lhe razões para que levasse a sua existencia como uma grande commodista que era.

V. Clemente VIII e Innocencio VIII, forão ainda esses miseraveis, o Catesby, Oreenwelle, Tesmond, Garnet e Oldecorn, que abrirão uma mina por baixo da casa do parlamento inglez, para fazerem ir pelos ares os membros das camaras dos communs e dos lords e bem assim a rainha e o ministro!

Horror!!!

Forão os jesuitas que instituirão o brutal tribunal—a inquisição—aonde se julgava não os culpados, não os criminosos, porque os unicos erão elles, mas aonde se assassinava o innocente para satisfazer a sua insaciavel cubiça ao poder, forão elles que condemnarão Vaneni ao fogo como atheo, embora este ao consummar o sacrificio houvesse em alta voz proclamado a existencia de um ser supremo, embora tivesse declarado que jamais houvera negado a existencia de Deos, porém sim escarnecido destes que se intitulavão seos ministros, porque não via nelles senão homens cobiçosos, avaros, immoraes, senão inimigos encarniçados da pobre humanidade; forão esses insectos nojentos, áquem hei de votar um odio eterno e sanguinario, forão elles que condemnarão e fizeram assassinar Galileo; porque Galileo sustentava a mais pura, a mais sã e a mais perfeita das doutrinas, porque Galileo não concordava com suas idéias mesquinhas, idiotas e vis!

Debalde, diz um escriptor, interrogamos o passado, quando contemplamos os jesuitas perseguidos a tres seculos pelas maldições dos povos e pelos decretos dos reis e dos papas para nos assegurarmos de que não tem sido victimas de uma injustiça.

Jesus Christo, diz ainda esse escriptor, tinha creado a vida e a luz, Ignacio de Loyola creou a morte; a morte da alma e da intelligencia, a morte do amor e da caridade, a morte de tudo que é grande, de tudo que é nobre, de tudo que é generoso!

Eis aqui a historia dos jesuitas.

18 sustentarão a *impudicia*, 30 o *perjurio*, 35 o *roubo*, 37 o *homicidio*, e 72 o *regicidio*!

ção de ir ao portão do jardim, á janella da casa etc. o que não era bom de todo. Visto isto collocase o bilhete, ás escondidas, na grade do jardim, á noite, para que lá o vá buscar o poeta

Dito e feito. A resposta chega ás mãos do moço que a lê entre alegrias e tremores. D'ahi á pouco uns versos. Grande commoção! Que lindos versos! Não ha comparação! Que alegria immensa!...

O moço diz-lhe nos versos que seria capaz de ir buscar as estrellas no céu e as perolas no fundo do mar para com isso tudo tecer-lhe uma grinalda esplendida; que está comtudo muitissimo pesado e preocupado, e que finalmente morrerá, si ella não lhe fallar um instante. Ella compadecese do pobre que geme e concede-lhe uma entrevista, á noite, nas grades do jardim.

Fallam-se ternamente. O moço, tímido, pede-lhe um beijo, affiançando que no outro dia lhe pedirá a mão. O beijo é concedido, á custo, mas é concedido.

Debalde se procura em seos annos uma acção que mereça louvor, debalde se busca um crime que não tenham commetido ou desculpado! Forão corruptores dos costumes, algoses da humanidade, e sectarios de doutrinas perversas e hediondas.

Perderão os Stuarts e os Bourbons, trabalharão por muito tempo nas trevas e tornarão-se tyrannos de quarenta mil sacerdotes!

Um lance de olhos sobre o seo *Codigo* e ficaremos estupefactos.

Vicente Tillucios, jesuita italiano, nas suas *questões moraes* pag. 316, diz o seguinte: «Um homem e uma mulher, que se despem até ficarem nus para se abraçarem, fazem uma acção indifferente e não um verdadeiro peccado.»

Gordon jesuita escossez, na sua *Theologia moral universal*, escreve:

«Uma meretriz pode legitimamente levar dinheiro pelo seu serviço, comtanto que o preço não seja muito alto. No mesmo caso está qualquer mulher, ou prostituta, que como tal não seja conhecida, porem uma mulher casada não tem tanto direito de levar dinheiro, por que os lucros da prostituição não estão estipulados no contracto do casamento.»

Famburini, jesuita pergunta:—«Uma mulher por quanto pode vender o prazer que deseja?» Responde:—«E' preciso para calcular exactamente attender á nobresa, belleza, honestidade da mulher... «Uma mulher honesta vale muito mais do que aquella que abre a sua porta ao primeiro que chega... Distingamos... ou se trata de uma prostituta ou de uma mulher honesta; uma prostituta não pôde pedir a um mais do que recebeo do outro, deve ter um preço ajustado. Poderém uma mulher honesta pôde exigir o que lhe parecer, porque as cousas desta natureza não tem preço commum e esta belecido, a pessoa que vende é senhora da sua fazenda. Uma donzella e uma mulher honesta podem vender a sua honra segunda a estima em que a tiverem.»

Georges Gobat nas suas *Ouvres morale*, pag. 253 escreve:

N'outro dia apresenta-se o encasacado e enluvado (marche), transluzindo de belleza. As ceremonias do pido têm um ar altamente poetico. Mis, sobre qualquer pretexto, a mãe nega a mão da filha. Chega o momento sublime da abnegação! Ella cabe doente da cama. Não come, não bebe, de-finha-se aos poucos. O medico vem e diz, franzindo o sobrolho, que é necessario já e já não stranger absolutamente a doente. A mãe falla em segredo com o medico e manda depois chamar o infeliz moço que ha de estar necessariamente preparado. Finalmente acaba-se tudo pelo casamento dos apaixonados.

Outras vezes Maria imaginava outros romances com scenas differentes e com episodios mais brilhantes. Mas estes romances, cheios de tanta infelicidade tinham sempre o mesmo fim, o mesmo desenlace—o casamento, cuja ideia a imaginação exallada da moça tinha de ante-mão preparada para fazel-a avançar desde que o momento sublime chegasse.

«Um filho que no estado de embriaguez mata seu pae, pode folgar com o homicidio que commetteo, por causa da herança que vae receber; como se suppõe que este parricidio não foi premeditado e que além disto lhe deo em resultado grandes riquezas, objecto que é bom ou pelo menos não é com certeza máo, segue-se que esta doutrina não é irreprehensivel.»

Escobar pergunta: «E' permittido praticar o acto conjugal antes da benção nupcial?» Responde: «Sanchez, Navarro e outros jesuitas dizem que sim.»

Airaut, *Propositions sur le cinquième precepte du Decalogue*, pag. 322 applaude o infanticidio nestes termos:—«Pergunta-se se uma mulher pôde provocar um aborto? 1.º Se o fructo ainda não estiver animado e a mãe se achar em perigo pôde provocar-o directa ou indirectamente. Directamente, tomando bebidas que obrem de tal modo sobre o fructo que o dissolvam e evacuem; e indirectamente, fazendo-se sangrar e tomando remedios que fazendo-lhe bem, fazem mal ao fructo. 2.º Se o fructo estiver já animado e se a mãe tiver de morrer com o filho pôde antes de acabar a gravidez tomar remedios que indirectamente produzam effeito, o que se pôde autorisar com esta comparação: se uma fera perseguir uma mulher grávida ella foge para conservar a vida, posto que esteja certa, moralmente fallando, de que esta fuga lhe produzirá um aborto. 3.º Se uma jovem tiver sido sedusida contra sua vontade por algum jovem adultero, ella pôde antes que o fructo esteja animado des-fazer-se delle, como lhe aprouver, por causa do receio de perder a sua honra que lhe é mais precisa que a propria vida.»

Escobar prega: «Uma má disposição como a de olhar para as mulheres com idéas de luxuria, diz Escobar, é incompativel com o preceito de ouvir missas?» Elle responde a isto:—«Basta ouvir missa mesmo nessas disposições para satisfazer ao preceito, comtanto que ellas se não manifestem exteriormente.»

Maria odiava, ou, á não ser isso, era indifferente á todo o romance que não tivesse pelo menos um desmão, ou meia duzia de suspiros. Lamartine era o seu poeta do coração. Ella tinha lido umas vinte vezes as *Meditações* e sabia quasi de cóp o *Raphael*. *Grazilla* era para ella uma santa, e si tivesse uma imagem dessa heroína seria capaz de collocal-a ao lado de S. Filomena que era de sua especial devoção. Os romancistas Francezes, Portuguezes e Brasileiros que escreveram e escrevem no genero que Maria amava, euchiam a sua estante—um verdadeiro ninho de suspiros e devaneios.

Maria era comtudo intelligente. O facto de saber apreciar os authores que sabem escrever pro-va o bem.

A educação era a unica cousa que levava aquella menina tão linda e esperançosa a uns devaneios estudados e fóra de tempo.

O.

(Continúa.)

Tamburini, jesuita italiano propoz as seguintes questões sobre o homicídio:— «Um filho pôde appetecer a morte de seo pae para gosar a sua herança? Uma mãe pôde desejar a morte de sua filha para não ser obrigada a sustental-a e dotal-a? Um padre pôde ter desejos de que morra o seo bispo com a esperança de o substituir?»

Elle mesmo responde:—«Se apenas de-sejaes estes acontecimentos ou mesmo se os regosijaes com elles, isso é-vos permittido sem peccado, porque vos não regosijaes com o mal de outrem, mas sim com o vosso bem.»

No *Tratado dos casos de consciencia*, do jesuita João Azor lemos que é permittido matar um agressor seja qual for a sua jerarchia uma vez que seja em defesa propria.—Um filho pôde matar seo pae, uma mulher o seu marido, um criado seo amo, um fréguez o seo abba-de, um soldado o seo general, um inferior o seo superior, um accusado o seo juiz, um estudante o seo preceptor, um vassallo o seo principe.»

Estevão Faginulles escreve: «Se um juiz faz uma injustiça obrando contra as leis, o criminoso pôde defender-se ferindo-o ou mesmo matando-o.»

Eis aqui a moral estorpiada dos jesuitas, dos servos de Jezus! Os seus principios são podres, as suas ideias nojentas, a sua philosophia immoral!

Custa a crer que haja homens tão perversos que estorpeem a honra, a nobreza e a dignidade; que façam da faculdade a mais elevada do homem, da intelligencia em uma palavra, um cadaver; é comtudo verdade!

Jesuitas! vós sois mais que infames, sois mais que vis, mais nojentos que os proprios vermes; sois monstros!

Fugi miseraveis, porque vossa face é indigna de ser esclarecida pelo sol; vosso nome mancha a boca de quem o pronuncia, vossa estampa causa tedio e antipathia a quem vos vê; fugi, fugi para longe, desaparecei para sempre! Se ainda vos resta um pouco de verniz na cara, fugi, que sois feras, a serpente que envenena o caminho por onde passa!

Demo. (*)

Ou morrer, ou ficar.

(CONT.)

I

Instantes ha na vida transitoria do homem em que tudo que o cerca parece annunciar-lhe alguma fatalidade.

N'esses instantes, elle, absorto, sente o

(*) No escriptorio da redacção, temos outro escripto, em contra posição á este que nos foi enviado por um dos nossos distinctos collaboradores, e que será brevemente publicado.

A redacção.

sangue parar-lhe nas veias, o coração não palpar-lhe, e a vida se lhe apresentar somente em quadros medonhos e lutozos!

Eis o que em uma tarde d'Outomno acontecia á Alberto.

Quem então sobre elle lançasse a vista, não precisavão olhares prescutadores, reconheceria que Alberto soffria.

E de feito assim era.

Alberto amava, e querião separal-o do objecto do seu amor. Não que o fim de sua partida fosse realmente para fazel-o esquecer esse amor; não, isso não; mas é que razões imperiosas á isso o obrigavão!

Era, pois, forçoso partir!

E nõ emtanto elle não queria e dizia—que por forma alguma se sujeitaria a essas razões.

Pedira a Evangelina, sua amada uma entrevista no «Bosque do prazer», como chamavão elles o sitio onde costumavão passar as tardes.

Todavia esse pedido de entrevista causarão pasmal a Evangelina.

Fôra ella marcada para a manhã seguinte. A hora justa acharão-se os dois jovens nos braços um do outro, Evangelina alegre, e Alberto, triste; mas depois triste tambem a elegante joven.

Conservarão-se mudos á principio, porrem depois Evangelina quebrou o silencio dizendo:

«O que tens, Alberto? o que soffres? que subita mudança operou-se em ti! Hontem eras alegre e hoje a tristeza se estampa em teu rosto. Diz-me, o que tens?»

«Evangelina, disse Alberto, hontem era alegre, mas não era só: as nossas companheiras de prazer, as aves tambem o erão, e hoje?... calão-se todas, guardarão seus doces cantos!... E porque? E' que alguma desgraça vae pezar sobre nossa cabeça! E' que dois corações que se amão vão...»

«Continúa, disse Evangelina, meio pallida.

«E' que a sorte, Evangelina, continuou elle, vae talvez quebrar os laços que nos unia!...»

«E como?» perguntou esta vivamente.

«Com a auzencia, Evangelina, querem que parta, que te deixe minha amada, proseguio elle tristemente, mas isso é impossivel. Ou morrer, ou ficar, eis o que tenho resolvido!

E contou então á Evangelina, tudo o que se passára na noite precedente, a resolução de seus paes de mandal-o para a America do Norte, sendo essa a razão por que lhe mandára pedir essa entrevista.

Ao ouvir o que lhe contára Alberto, Evangelina ficou muda, fria e livida.

Mas, recuperando pouco á pouco a coragem, disse:

«Bem, Alberto! Querem que partas, não? Partirás pois!»

Alberto ficou confuso, e respondeu: «Será crível, Evangelina? Queres que eu parta?»

«Não te afflijas, criança, replicou ella; á tarde aqui te espero; desejo conversar contigo; mas vem resolutal, porque partirás!»

Deixarão ambos o bosque, para á tarde ahí de novo se encontrarem.

II

A' tarde á hora justa encontrou Alberto, Evangelina á sua espera.

«Vem, disse ella; assenta-te, e puchando a si o moço imprimiu-lhe na fronte um beijo ardente.

«Aqui estou, Evangelina»; balbuciou o moço assentando-se triste ao lado da joven.

«Alberto, tu amas-me, eu amo-te, e, pois, digo-te has de partir», disse ella.

«Não partirei», disse resolutamente o joven.

«Has de partir, digo-t'ol eu, e, tirando do seio um punhal, cravou-o no peito do seu amante, dizendo:—parte! Não seas injusto!»

«Evangelina, tu me trahiste», murmurou o joven.

«Não! não te trahi; é forçoso que partas, parte então, e eu te acompanho porque sou tua, porque te amo», exclamou ella cravando tambem no seu peito o punhal já manchado de sangue do seu amante.

Doce amor! Em idyllios cantarão-nos depois as aves, saudosas dos seus hospedes.

S. L.

Paginas Intimas.

BARCAROLLA.

(Vide n. 26).

(Imitação.)

Sobre um mar tranquillo e manso
A vogar meu barco está.

Tra—la—la, tra—la—la.

Está lua prateada,
Que d'encanto ás aguas dá!

Tra—la—la, tra—la—la.

Mas, esta saudade extrema,

Que sinto de minha flôr,

Que tristeza produz n'alma!

Quanto é forte a minha dôr.

E tão brando sopra o vento.....

Eu quizera chegar já!...

Tra—la—la, tra—la—la.

Rema, avante meu barqueiro!

Toda força á vela dá!

Tra—la—la, tra—la—la.

Vê! cacei toda a escôta

E com força vou remar.

Olhe o leme, patrãozinho!

Não se afflija! vae chegar.

Como o barco vae singrando!

Como voga para lá

Tra—la—la, tra—la—la.

Qual piroga de tamoyos,

Que balanços qu'ella dá!

Tra—la—la, tra—la—la.

Eis não longe o porto amigo,
Onde existe o meu amor!
Para lá dirige o barco!
Leva, leva o trovador!...

Maranhão, 25 d'Abril de 1875.

S.

Porque suspira ?

Nº ALBUM DE MEO PRESADO AMICO J. T. C. D.

Souvent femme varie
Bienfol est qui s'y fie.

Francisco I.

Amigo, porque te—vejo
Sempre e sempre a suspirar!
A dôr que no peito educas
Quero em meo peito guardar;
Quero, amigo, da tu'alma
Os arcanos segredar.

Suspiras porque ouviste
Amorosa confissão?
Olha que a mulher é vária,
Volúvel por condição: (-)
Preferem juras seus labios,
Que não sente o coração!

Suspiras porque sorri-te
Um rosinho feiticeiro?
Não suspiras sem que saibas
Se o sorriso é verdadeiro:
A mulher sorrindo as vezes
Crava o punhal traçoireiro!

Suspiras porque n'uns olhos
Viste escripta a tua sorte,
De teres n'um—sim—a vida
Ou n'um desengano a morte?
Sê do securo:—a mentira
D'esses olhos não te importe.

Ou suspiras porque sentes
Sangrar o teu peito a dôr,
Porque—um rival por premio
Tiveste do teu amor?
Ah! não sabias que as juras
Da mulher são como a flor?!

Ja senti como tu sentes
As maguas que o amor tem
E não te dizia:—amigo,
Não querias amar tambem,
Que a mulher á todos ama
Sem ter amor á ninguém?!

De mim zombaste, e eis que soffres!
Eras feliz e contente,
Nas juras da mulher creste,
Juras que o peito não sente,
E suspiras!... não sabias
«Que quem mais jura mais mente?»

A mulher—anjo na terra
Tem sobre nós tal magia
Que n'um olhar da-nos vida,
E mata n'outra a alegria!
Cessem pois os teus suspiros,
Não creias em phantasia.

Parnahyba, maio de 1873.

M. S.

(*) Varium et mutabile sempre femina.
(Virg.)

COLUMNA TELEGRAPHICA.

O fallecimento de S. Exc. o Sr. D. Frei Luiz da Conceição Saraiva.—Vigario Capitular.—O meo Marianno.—Despedida.

Caro leitor.

A minha missiva d'esta semana começa cheia de tristeza e luto pelo fallecimento do nosso virtuoso prelado, D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, que deu a alma ao Creador, no dia 27 de abril, na provincia da Bahia, para onde se havia retirado em procura de melhoras para a sua preciosa, mais deteriorada saude.

O enterro, segundo os jornaes da Bahia, esteve concorrido e na altura da jerarchia de tão virtuoso prelado.

Pouco depois de ter fundeado no nosso porto o vapor *Espirito-Santo*, soube-se que havia com certeza fallecido S. Exc. o Rvm., e esta triste nova espalhou-se por toda a cidade, que a recebeu com dor no coração.

Todas as matrizes e demais igrejas da capital immediatamente começaram a dobrar os sinos, em signal de profundo sentimento pelo passamento de S. Exc. Rvm.

Os collegios, Seminarios, e Lyceo, fecharam-se pela mesma razão, porem abriram-se no dia seguinte, ficando ainda em completo luto os Seminarios.

Os seminaristas, lentes e reitores tencionam suffragar a alma de S. Exc. Rvm. no mez de junho proximo, pelo que são dignos de elogio.

Sabbado (20) houve na cathedral solemnes exequias pelo descanso eterno da alma de S. Exc.

Os convites para este acto religioso foram dirigidos pelo illustrado e mui dino Vigario Capitular o Sr. conego Dr. Manoel Tavares da Silva, que dignou-se incluir nesse numero a redacção d'este periodico, que desde já agradece tanta delicadeza e bondade da parte de S. Rvm.ª

O acto religioso esteve imponente e na altura da jerarchia de tão virtuoso e illustrado prelado.

O templo estava ricamente preparado e nada deixou á desejar.

Em fim todo o Rvm. cabido esforçou-se o mais possivel para que as exequias de S. Exc. Rvm. fossem dignas de tão illustre e tão virtuoso prelado, que com o coração traspassado de dor pranteavam.

—Quando tratei do fallecimento de S. Exc. logo no principio d'esta missiva, esqueci-me de fallar a respeito da nomeação do Vigario Capitular.

Reconhecida a sede vacante reunio-se o cabido e unanimemente elegeo Vigario Capitular o Sr. conego Dr. Manoel Tavares da Silva.

A redacção da *Mocidade*, por intermedio do seo chronista Democrito, congratula ao Sr. Dr. conego Tavares e ao clero maranhense por tão acertada escolha.

—O meo Marianno tem estado concorrido e encantador pelas beldades que dão a honra de lá comparecerem para abrilhantar o acto, e consolar o coração da rapaziada, que alegremente se dirige ao templo para buscar inspirações poeticas.

A igreja do Recolhimento onde tem lugar esta festividade está bem armada, e a cantoria é soffrivel attendendo-se (é preciso notar), que a musica é executada por senhoras que ainda estão na juventude dos annos e que de sejam mais ver e contemplar os assistentes ao acto religioso do que rilhar como uma Malibran ou Rachel.

Mas... estou perturbado... não sei... mesmo não conheço quem é que lá canta tão bem, e que agradavelmente sobresahe entre as outras.

Que voz de rouxinol! que flexibilidade e musica gatural, que encanta e extasia.

Ah! se eu conhecesse dar-lhe hia um aperto de mão e pedir-lhe hia que continuasse a cultivar o canto, para o qual tem tanto gosto, graça e atractivo.

Talvez que eu só tenha observado esta voz tão melodiosa e que ella tenha passado despercebida pelos outros devotos, diga-se, (*namoradores*) e que só Democrito o tenha apreciado, porque é obrigado

à pesquisar as cousas boas para contar aos seus amaveis e patuscos leitores.

Julgo que a unica razão de tal acontecer é por que os outros *devotos*, nada veem, nada ouvem de bom, e só maquinam n'outras *cousas*, que cheiram a *namoricos*.

Não quero dizer que as m... namoram, não; quero dizer que elles é que se offerecem, mas ellas não fazem *caso*.

Estão verdes não prestam.

Eis senão, quando cahe uma parra.....etc.

Os leitores sabem a fabula da raposa e as uvas, e portanto...

Mas dizia eu quando fallei ha pouco da cantoria que tanto agradou-me, disse que talvez não tivesse outro apreciador, porem enganei-me quando tal affirmei porque estava olvidado do Maneco, da Recreação Litteraria, do Antonio poeta e do Borges violonista, que são meus companheiros de pandega passeios e *devoção*, que tambem me têm gabado a voz do rouxinol.

Mas o Maneco; o Maneco, que pandego que elle é; como comprehende a vida e sabe levar tão bem as cousas d'este mundo.

Elle não vai lá com certeza por *devoção* (assim como eu tambem) mas sim para ouvir a musica, a cantoria, e ver as beldades.

Se o antigo Confuncius fosse tambem a igreja do Recolhimento acho que sentiria umas coegas pela *esminhela* e talvez que tivesse desejos de fazer uma chronica para a *Mocidade*, nossa filha, a quem abandonou por causa dos seus trabalhos escolares.

Caros leitores e amaveis leitoras, tomo a liberdade de convidar-vos para assistir ao acto religioso que ainda ha pouco fallei, excepto porem para as praticas, porque tem estado desenhadas.

Não se zanguem commigo senhores futuros pregadores, o que eu digo é para vosso bem e não para mal.

Peço-vos que estudeis melhor vossas praticas e que a mudem de assumpto, pois o campo da religião christã é tão vasto, tão fértil, que não se pode marcar limites á elle, como pois, sempre ouço e vejo-vos discorrer sempre sobre a mesma cousa, fazendo as vezes de *mofoina*, e de vez em quando tirando do bolso um papel ou lembriorio, em que está escripta a pratica, para pescar.

Isto somente prova que o negocio ou foi pescado ou mal estudado.

Espero ouvir á noite (hoje domingo) cousa boa e que me lave o peito.

Animo, coragem, porque talento não vos falta.

—Adeos caros leitores e leitoras do meu coraçãozinho. Até o dia 1.º de junho.

Vosso apreciador
Democrito.

—O abaixo assignado, tendo-se resolvido a não continuar a fazer parte da redacção deste periodico, deixaria de cumprir um rigoroso dever se não viesse agora dar um publico testemunho de seu reconhecimento a todas as pessoas que, prestando-lhe os seus serviços, auxiliaram-n'o durante o tempo do desempenho da missão que se impoz.

Aproveita o abaixo assignado o ensejo para patentear os votos que faz pelos progressos do mesmo periodico.

Maranhão, 13 de maio de 1876.

Alfredo Moreira B. d'O. Lima.

Aproveito a occasião para agradecer ao meu amigo, Alfredo M. Barros d'O. Lima, os serviços constantes e dedicados que prestou-me durante o tempo, que esteve na redacção d'este periodico.

Antonio Arthur de Souza Rosa.

Maranhão—Typ. de Paiz.—Imp. M. P. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il faut préparer les fruits: ...
Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.—Número avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Terça-feira, 6 de junho de 1876.

NUMERO 28

A MOCIDADE

MARANHÃO, 6 DE JUNHO DE 1876.

O materialismo.

(Continuado do n. 26—Conclusão).

Das reflexões sensatas e profundas que Bayle faz do atheismo, no trecho que transcrevemos acima, vê-se distinctamente, e por todos os lados, quer politicos ou moraes, quaes os principios e fins d'essa seita desmoralisada que se chama *materialismo*.

Só esse unico argumento do illustre philosopho, já citado, seria bastante para refutar e confundir à esses *philosophantes*, si a rasão e a consciencia humana não proclamassem altamente a sua origem divina e o seu destino immortal.

O celebre cardeal Talleyrand, auctor das Cartas à Pio VII; Voltaire, auctor dos *Ensaio dos Costumes*, do *Dicionario philosophico*, das tragedias de *Mærope*, *Zaira*, *Oedipo* e de tantas outras obras que o immortalisaram; o padre Raginal, auctor da *Historia philosophica das duas Indias*, e outros escriptores notaveis, abjuraram seus erros e desvarios, e com o coração cheio de alegria e praser reconciliaram se com a igreja Catholica, da qual se haviam separado temporariamente, levados pelo espirito da rebellião e cubiça que dominava o seculo XVIII.

Ora, se estes illustres escriptores que eram *deistas*, isto é, admittiam a existencia de Deus sem a revelação, se arrependeram e reconciliaram-se com a Divindade e com a sociedade, à quem haviam desrespeitado pelos seus costumes impuros e erros de seita; como é pois que um *philosophante materialista* que não crê absolutamente em Deus, diz sem o menor pudor, que *nada tem com o sociedade e com Deos porque nada lhes deve, e porisso tambem não quer e nem deve cohibir-se de seus erros!!!*

Pobre humanidade! quanto és injusta, cruel, e fraca em teus juizos, quando elles não têm por divisa a *caridade* e por tecto e amparo o *Creador do Universo!*

Só parece que os Srs. *philosophantes*

adoptaram por divisa os versos do famoso Diderot, de *saudosa recordação*, que são concebidos nestas palavras:

*Et des boyaux dudernier prêtre
Serrons le cou du dernier Roi?*

Cuja traducção é a seguinte:

Com as tripas do ultimo padre
Enforquemos o ultimo Rei?!

Mas julgo, que invertestes, e transtornastes o sentido d'estes *sublimes* versos e os concebestes pela seguinte maneira:

Das tripas do ultimo religioso
Enforquemos o ultimo Deus!!

Triste cegueira!..... *Vanitas, vanitatis et omnia vanitas*, como disse um escriptor latino.

Não se admirem, meus caros *philosophantes*, se nós, por sermos eclectico e religioso vos dizemos a verdade nua e crua, porque até os vossos proprios comparsas fallam mal de vós e das vossas doutrinas, como é facil provar.

O celebre marquez d'Argens, que tambem pertencia à seita dos espiritos *regeneradores* da sociedade, e que batia palmas nos banquetes, todas as vezes que algum *espiritioso* dirigia a religião epigrammas impios e grosseiros, vos tece o seguinte *magnifico* elogio, em umas das suas cartas dirigidas à um amigo, sob o titulo de—*Philosophia*:—*Quem, meu amigo, diz elle: tratou de perto à esses novos apostolos da razão, com verdade pode asseverar que já se vio no meio da canalha mais viciosa e insupportavel, apesar de toda a sua pretensão às homenagens da virtude, Tarde os conheci; mas ainda bem que hoje sei, que joias são.*

Em outras cartas, o mesmo marquez d'Argens, os chama de *orgulhosos, mentirosos, falsarios*; emfim esgota completamente a tecnologia dos *elogios e ovações*.... J. J. Rosseau, tambem não os perdoa, e à cada passo nos seus escriptos dá-lhes de rijo e os saúda com os epithetos de *velhacos, mentirosos*, e outros que não transcrevemos, para não envergonhar mais os Srs. *philosophantes*, e não

offender os ouvidos castos e os puros labios das nossas leitoras.

E' bem verdade que os *philosophantes* de *importação*, que aqui temos, não merecem todos esses epithetos e nem pregam as suas perniciosas doutrinas em publico, e nem tão pouco procuram descaradamente affrontar a verdade do Evangelho e obter palmas entusiasticas do atheismo, porque têm medo do ridiculo e do anathema social.

Não nos consta que até agora, no Brazil, haja apparecido algum jornal ou livro brasileiro que trate e abraçe claramente as doutrinas perniciosas dos Barão d'Holbac, Helvetio, Cabanis, Broussais e outros.

Porem tambem é certo, que o germen desses principios existem, de uma maneira já bastante desenvolvida, no seio das Academias e Lycées, e que d'ahi partem para innocular o seu virus peçonhento nas familias e no povo.

Elles não pregam abertamente como os discipulos e admiradores accerrimos dos materialistas d'além mar: que *a propriedade é um roubo; que a virgindade é uma chimeira; que o amor à patria é uma cã cobica; que amar e respeitar as cousas sagradas é uma hypocrisia; que defender a religião e espancar as trevas para que haja luz é um fanatismo*; etc., sim, elles não pronunciam estas maximas detestaveis, mas dizem—*Deus não existe; a immortalidade da alma é uma illusão, uma chimeira, um sonho, mas não uma realidade!!*

Ora, se os *philosophantes*, não tirão por medo ou esperteza, as consequencias dos principios que adoptam, mas fazem profissão de fê desses mesmos principios, segue-se, claramente, que elles, abraçam e põe em execução tudo quanto d'elles dimana, apezar de o fazerem tacitamente.

A maior parte dos horrores e do sangue da revolução franceza, e de tantos outros males que tem affligido e affligem a especie humana tem emanado d'essa doutrina pernicioso e corrupta.

Se fossemos buscar a sua origem d'este o tempo em que viveram Leucipo, Democrito, Nausiphanes de Theos, Anazarco

(.) Não consideramos a escola Jonica, que teve por chefe Thales de Mileto (640 AC), como mate-

d'Abedera, (*) que foram os primeiros philosophos que ensinaram e desenvolveram essa systema, baseados na theoria dos atomos, então demonstrariamos, todos os males e damnos que tem causado essa seita, porem nós não nos propomos à escrever a historia do materialismo, e sim somente refutar seus máos o infundados principios, e trabalhar, quanto nos for possível, para desviar a mocidade brasileira do despenhadeiro e abysmo que a espera.

Talvez que estas nossas sinceras palavras provoquem o riso da parte dos *philosophantes*, embora; porem, affiançovos que não nos arredaremos do nosso posto de honra, e responderemos com praser todas as vossas chufas.

A' esse vosso riso sarcastico applicamos como antidoto o dicto do mestre Horacio:

Risum teneatis amici:

Ponde por um só momento o vosso espirito em Deos, e a mão na vossa consciencia, e profundamente consultai o vosso coração, porque, o espirito da *Verdade* vos iluminará e o bom senso, que todo homem possui, vos ajudará á comprehender as sublimes e santas palavras do Evangelho: o livro dos livros.

E' impossivel que um homem puro, virtuoso seja atheo, salvo uma excepção de regra, como Helvetio e Hobes, que apesar de seguirem abertamente essa doutrina, eram, comtudo, virtuosos.

Porem resta á saber se elles eram atheus de convicção ou por conveniencia. Sobre este ponto sempre existirá um véo impenetravel...

La Bruyere em seus *Caracteres* disse o seguinte:—«Eu desejava ouvir um homem sobrio, moderado, casto, pronunciar que não ha Deos: ao menos fallaria desinteressado; mas tal homem não se encontra.»

Agora vos perguntamos:

Será possível que todos os philosophos que têm abraçado as doutrinas espirituualistas ou eclecticas sejam ignorantes e faltos de bom senso?

Será admissivel que a innumeravel série de philosophos que começa em Socrates, Platão e acaba em Bayle e Montesquieu, sejam tolos e pedantes?

E' de crêr que todos os illustres philosophos espirituualistas e eclecticos d'este seculo, entre os quaes notam-se capacidades e talentos transcendentes, como, Kant, Jacob, Fichte, Schelling, Cousin, Royer-Colar, Balmès, Bonald, La Romiguière, Thomaz Reid, D. Stewart, e tantos outros que seria longo innumerar, sejam espirituualistas?

absolutamente, pois todos os philosophos que pertenceram à essa escola admittiram um principio eterno, tal como: o ar, a agoa, o fogo, etc. donde emanaram todas as cousas.

Este periodo de philosophia é paramente sensuualista.

O autor.

Bem dizia o profundo Richter, que o atheismo não é uma opinião nem tambem a negação de uma opinião, mas sim uma cegueira, um entorpecimento d'um órgão moral.

Ouçamos por um momento as palavras de um escriptor distincto sobre esta materia:—«Si Deus não existe, se a nossa alma não tem de sobreviver ao corpo, estão acabados e extinctos todos os direitos, e deveres sociaes, toda a legislação, toda a moral, todos os laços, todas as virtudes! Si Deos não existe (continua o mesmo escriptor) se a nossa alma é pura materia, é um nescio o homem de bem, e só tem juiso o malvado sagaz e cauteloso. Si não ha Deus enfim, e se a nossa alma não tem de passar a outra vida, e outro systema, o egoismo é a verdadeira sabedoria, gosar é a lei suprema, e aquelle, que não der largas a todas as suas paixões é um homem sem bom senso.»

Ouçamos tambem ao grande Cousin, que diz:—Um Deus sem mundo é para o homem como si não existisse; um mundo sem Deus é um enigma incomprehensivel ao seo pensamento, e um peso, acabruñador para o coração.»

Não duvidamns respeitar um Democrite, um Leucipo, apesar dos erros e extravios das seus principios; mas um jovem que as mais das vezes não conhece estes escriptores, senão de nome, e se os conhece, por os ter lido, não pode ser atheo de convicção, porque nem sempre os entende e não está preparado para isso; como pois affirmar que adopta esse systema, sem o comprehender?

E' necessario, para chegar á tal fim, que se tenha lido e estudado muito, e que se tenha estabelecido um paralelo entre os dois systemas para saber-se, com effeito, qual é o melhor, e qual está mais do accordo com o bom senso e a razão.

Ora isto é justamente o que succede poucas vezes, e quasi sempre os snrs. *philosophantes*, que tal dizem e professam, não conhecem esses systemas senão de tradição e por achar bonito, ser materialista, visto estar na moda.

Vós outros que admittis os principios dos Helvetios, Lametrie, e Broussais, não praticaes senão um puro pedantismo, e um desejo de ser olhado como um moço de espirito forte, e mais nada.

E se não é assim; como foi pois, que pudestes varrer do vosso espirito, os puros principios e as santas crenças que bebestes com o leite materno?

Como foi que arrancastes do coração a arvore frondosa da fé que ahí fôra plantada com tanto esmero pelo vosso pae extremoso?

Como e quando esquecestes as baladas de amor sacro que vossa mãe entoava junto ao vosso leito infantil quando docemente dormitavas?

Como esquecestes e abjurastes as sãs lições de moral que aprendestes nas es-

colas, onde vistes raiar pela primeira em vossa alma infantil, o amor e o respeito ao Creador?

Será isto admissivel; será possível tanta depravação de coração?

Julgamos que não; e o juiso que ainda á pouco haviamos feito á respeito da maneira de pensar dessês *pseudo-philosophos*, ainda persiste e persistirá no nosso espirito.

Uma crença innoculada pela educação no coração; testemunhada por toda a humanidade; baseada na razão e na consciencia de todos os povos; é impossivel que se negue com sinceridade a sua existencia, e que se apague do espirito com tanta facilidade.

Ao concluirmos o nosso artigo não podemos deixar de dizer, que, felizmente ainda existem muitos mancebos, que seguem e adoptam as sãs doutrinas emanadas do Evangelho, e á elles pedimos que nos auxiliem com suas luzes e nos ajudem em nossa hónrosa tarefa.

Aos *pseudo-philosophantes*, ainda uma vez dizemos: não ha materialista consciencioso, assim como não ha atheo sincero.

Arthur de la Rivera.

Os jesuitas perante a historia.

I

Os acerrimos detractores da seita jesuitica, que alcunhão de *cegos de intelligencia e pobres de espirito* á aquelles que procurão marchar passo á passo com a historia, essa *lux veritatis et magistra vitae*, que vai sendo por elles retorcida, jamais derão a razão, porque tanto a censuram e condemnam.

Apenas tem se limitado a lancar-lhe *maldições, injurias e imprecações*.

Alguns lanção-se pelos grandes oceanos da historia, e lá por esses mares infinitos, cujos escolhos por poucos são conhecidos, naufragão ou tresvarião, e com os olhos accesos das chamas da cólera, começão á maldizer de homens pobres, dos quaes offensa alguma jamais receberão: outros dizem—forão máos homens, lançavão a *discordia nas familias*, e não contão um só acontecimento (por não saberem e não haver), que corrobore suas opiniões: outros, dizem ao principio—forão bons, fizeram isto, aquillo etc, e—no fim da obra começão a lançar as dictas imprecações &, mas burlescas e sem fundamento algum: outros compõem historietas, cujos heróes—libertinos e licenciosos são jesuitas.

Nós, porém, que—primeiro vamos consultar a historia, analysar o facto e depois fallar bem ou mal d'elle; nós que não dizemos cousa alguma, sem ajudarmos as nossas opiniões com outras de auctores fidedignos, e que têm discutido a materia; nós vamos dizer de quem são estas opi-

não dizer-se que inventa-

primeira das nossas opiniões, falla de Constancio e bastantes outros, menos importantes.

Constancio na sua «*Historia do Brazil*», quando falla dos jesuitas, diz as seguintes palavras: «Mr. Southey lamenta a expulsão dos jesuitas e o considera com grande calamidade; maior, diz elle, que a dos Mouriscos de Hespanha. *Sem entrarmos aqui na discussão*, em que nos seria mui facil demonstrar o erro em que labôra este auctor &».

Falla dos Indios, e diz que o governo brasileiro—tem hoje mais indios cathecizados do que no tempo dos jesuitas, quando os jesuitas talvez tivessem mais indios comsigo do que hoje toda a America!!

A segunda e terceira ascerções, ás quaes tencionamos nos dirigir com mais particularidade, deixaremos para o fim.

Na quarta nos dirigimos a Macedo.

Este historiador brasileiro elogia os jesuitas,—como os unicos homens que trabalhavão para a cathechese dos indigenas, desde o principio de sua obra; mas quando chega na expulsão dos jesuitas, começa a fallar contra elles, posto que sem provas.

Na quinta nos dirigimos á um livro (Theodora—philosophia), que ha poucos dias lemos, cujo auctor não citámos, por que não acha-se no frontispicio do livro: creio que elle envergonhou-se, e com razão, de se nomear pai de filho tão maligno.

Além destes livros temos lido outros que não mencionamos para não causar tedio ao leitor.

II

Agora é que vamos fallar da nossas segunda e terceira asserções: damos-lhe a honra de um capitulo.

Vamos fallar de um escripto que foi publicado no numero passado deste jornal (27): offereçemos a seu autor—Demo—as breves considerações, que se seguem.

Diz Demo: *Um olhar sobre a idade média, e veremos ahí os estragos causados pelos discipulos de Loyola, desses homens que trajão saias negras.*

Depois descreve o mundo europeu no tempo de Carlos Magno, e afinal exclama: Eil-os que dominão!

Eis um erro manifesto de Historia. Carlos Magno nascêo em 742: governou com seu irmão Carlomano de 768: ficou só senhor do reino francez em 770: morreu em 814. Como os jesuitas já prepararam-se tempo fazer tantas maldades na velhice, e ter tantos crimes, se ainda não ^{deixado man-}

A ordem religiosa intitulada—*Companhia de Jesus*, Demo, foi fundada em 1534 por Ignacio de Loyola com seis companheiros.

Esta passagem de Demo pôde ser comparada á de Moysés, na qual descreve este propheta a sua morte.

Diz além disso Demo que os jesuitas *derramarão pelo braço do Ravailac o sangue innocente de Henrique 4.º*

O facto deu-se do seguinte modo:

Publicando Henrique 4.º em 1598 o célebre *Edicto de Nantes*, no qual dava aos protestantes liberdade de culto, praças—em segurança e outros privilegios importantes, levantou-se contra elle o Papa. Então Ravailac, fanatico, como era pela Papa e religião catholica, a qual só cria sectarios tão dedicados, julgando praticar *uma acção meritoria, porquanto ouvia dizer que este principe ia declarar guerra ao Papa*, assassinou-o.

Do imparcial Bouillet foi que extrahimos isto.

Quanto á innocencia de Henrique, posto que fosse um grande rei, pelo que mereceu o titulo de *Grande e Restaurador da França*, comtudo temos a imputar-lhe suas instancias para o seu casamento com Margarida de Valois ser declarado nullo, (o que effectuou-se), para unir-se a Maria de Medicis, á qual quasi repudia, para casar-se com a sua amante Gabriella d'Estrees, que antes de deixar o rei commetter semelhante crime, foi envenenada por uma laranja, com que presentearam-n'a.

Em seguida falla de um *Mauricio de Nassau*, que foi morto em 1598. Não nos consta que *Mauricio de Nassau* algum tenha sido morto nesta epocha, e nem pelos jesuitas, como diz Demo.

Apenas sabemos que foi morto, porém em 1584—Guilherme de Nassau, stathouder da Hollanda, por Balthazar Gerardo; mas não por instigação dos jesuitas.

Guerreava a Hollanda contra a Hespanha, que, poderosa então, lançava immensos exercitos que ião campear nas provincias unidas: Philippe 2.º, irritado por tanta resistencia, e sabendo que Guilherme de Nassau fomentava bastante a revolução, poz a cabeça desse heroe protestante em almoeda.

Então Balthazar Gerardo assassinou-o; e na occasião do processo, occasião em que o estavam fazendo soffrer immensos martyrios, foi-lhe perguntado se não tinha cúmplices; elle sustentou até matarem-no que fez esta acção somente para proveito do partido catholico, e espanhol. Alem deste houve um *Mauricio de Nassau* seu filho, mas este morreo em 1625, e não me consta ter sido assassinado.

Henrique 3.º? Não: este rei não foi morto pelos jesuitas; e senão véde:

Qua.... Henrique o 3.º de nome, duque ^{sados que to,} subiu ao throna para substituir ^{á meus,} Carlos 9.º. existião em França tres partidos distinctos:

Os protestantes, que reconhecião por chefes o principe de Condé e Henrique de Navarra. Deste partido já tinhão sido também chefes sob Henrique 3.º, segundo diz Chantrel.—o almirante Coligny, chefe reconhecido dos protestantes, d'Andelot, e o cardial Chatirlon.

Os politicos ou protestantes moderados, que tinhão por chefe—o principe d'Alençon, irmão do rei.

Os catholicos exaltados, que erão capitaneados pelo duque de Guise.

Combatião, pois, estes tres grandes partidos sob o territorio francez, e o rei Henrique 3.º, que, segundo Chantrel «achando-se no throno, abandonou-se aos mais vergonhosos vicios, negligenciou os negócios, deixou-se captivar por indignos favoritos, aos quaes chamava os seos «*mignons*», não dava providencia alguma afim de melhorar os negocios, e sua triste indolencia mergulhou a França em um abysmo de males.»

Depois de varios tratados, depois de ter-se levantado a *Santa União* capitaneada a principio por Jacques d'Humières, governador de Peronna, e afinal por Henrique de Guise, posto que o rei se declarasse seo chefe, Henrique 3.º foi expulso de Pariz pelos *deseseis* e então para vingar-se dos seos inimigos do dia que chamou-se *dia das barricadas*, chamou o duque de Guise á Blois, e lá assassinou-o.

A' este acto indigno e traçoero levantou-se toda a França catholica: o duque de Mayenna substituiu o seu irmão o duque de Guise: o rei reuniu-se a Henrique de Navarra, e veio bloqueiar Pariz, onde foi morto por um joven monge fanatico, (não pertencente a seita jesuitica) chamado João Clemente.

O rei reconheceu os erros de sua vida no critico momento da morte, e rogou muito a seu herdeiro que entrasse no seio da religião catholica (Chantrel—t. 3.º pg. 170).

Assim morrêo este rei, de quem Bouillet diz o seguinte: «tornou se desprezivel, aos seus proprios partidarios por sua fraqueza, seos déboches, sua condescendencia para seus favoritos, anathematisados ou manchados pela historia com o nome de «*mignons*».

Temos ainda que responder ás accusações, que faz *Demo* aos jesuitas de terem *assassinado Luiz 15*, e afiado o machado revolucionario de 1793 contra Luiz 16.

Sobre estes dois pontos, assim como nos demais do escripto de *Demo*, desejamos nos entender mais pelo que os reservamos para o 3.º capitulo que ha de ser publicado no n. seguinte deste jornal.

Arslan.
(Continúa.)

(-) Porque suspiras ?

NO ALBUM DO MEO PRESADO AMIGO J. T. C. D.

Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie.
Francisco L.

Amigo, porque te—vejo
Sempre e sempre a suspirar !

(-) Resolvemos mandar reimprimir a poesia acima por causa de alguns erros, que escaparam na composição typographica. A redacção.

IMPRESSÕES DA ROÇA.

A dôr que no peito educas
Quero em meo peito guardar:
Quero, amigo, da tu'alma
Os arcanos segredar.

Suspiras porque ouviste
Amorosa confissão?
Olha que a mulher é varia,
Volúvel por condição: (-)
Proferem juras seus lábios,
Que não sente o coração!

Suspiras porque sorri-te
Um rostinho feiteiro?
Não suspires sem que saibas
Se o sorriso é verdadeiro:
A mulher sorrindo as vezes
Crava o punhal traçoero!

Suspiras porque n'uns olhos
Viste escripta a tua sorte,
De teres n'um—sim—a vida
Ou n'um desengano a morte?
Sê do seculo:—a mentira
D'esses olhos não te importe.

Ou suspiras porque sentes
Sangrar o teu peito a dôr,
Porque—um rival por premio
Tiveste do teu amor?
Ah! não sabias que as juras
Da mulher são como a flor?!

Ja senti como tu sentes
As maguas que o amor tem
E não te dizia:—amigo,
Não queiras amar também,
Que a mulher á todos ama
Sem ter amor á ninguem?!

De mim zombaste, e eis que soffres!
Eras feliz e contente,
Nas juras da mulher creste,
Juras que o peito não sente,
E suspiras!... não sabias
«Que quem mais jura mais mente?»

A mulher—anjo na terra
Tem sobre nós tal magia
Que n'um olhar da-nos vida,
E mata n'outro a alegria!
Cessem pois os teus suspiros,
Não creias em phantasia.

Parnahyba, maio de 1873.

M. S.

Motto.

Não resta á vida no soffrer de amor.

GLOSA.

(á pedido.)

Ai! que saudades incessantes, vivas
Eu sinto n'alma, me atormenta agora,
Da doce vida que vivi outr'ora,
Quando, criança, nem pensei na dôr!
Ai!... hoje choro... que eu ameí, insano,
As formas lindas de cruel deidade!
Ai!... hoje choro... que o prazer mundano
Não resta á vida no soffrer de amor...

10 de Abril de 1876.

A. Britto.

(-) Varium et mutabile semper foemina.
(Virg.)

Eu fui á Maicba. Que festa e que povo!
Que lindas caboclas tambem lá eu vi!
A Chica de baixo quebrando o chorado
Fez logo esquecer-me d'as nymphas d'aqui.

E' moça e lanceira. Com seus attractivos
E' pedra de toque do mais vivo encanto.
Seu todo respira um certo mugango
Que a gente adoce de mal de quebranto.

Seu corpo é roliço e bem torneado,
Seus lábios têm chammas, seus olhos fogueira.
Na dança que graça, que mel, que caídos!
Não tem a cabocla puxando á feira.

Palavra! no samba rival é impossivel
Que possa os requebros da Chica igualar.
Si pula, si corre, si vem, sapateia,
Adeus encomendas, nos põe a babar,

Ao som da viola seu corpo flexivel
Se volve ligeiro qual fuzo ou pião,
E a gorda chandanga diz cousas d'Arabia
Que podem de um papa fazer um sultão.

Fiquei desconchado, de beiços caídos,
Até (mas segredo!) andei ao até...
Porém a cabocla não quiz dar-me ouvido,
Chingou-me, é da roça, mas não foi guáá.

Eu volto á Maicba, co' a doce esperança
De ver me querido da linda trigueira...
Porem si insensivel mostrar-se aos meus votos
Aqui tenho muita de certo que os queira.

S. Luiz—junho—1876.

Antonino.

COLUMNA TELEGRAPHICA.

MARANHÃO 4 DE JUNHO DE 1876.

O Dr. Aureliano C. Tavares Bastos.—Fallecimento.—O dia
24 de maio.—O Liberal.—O Dr. Antonio Henriques Leal.—
O Sr. Wallace.—Despedida.

Caro leitor.

—Estimo que goes de saude é que te tenbas di-
vertido muito, etc. etc.; mas se por ventura estiveres
soffrendo do *ber-ber*, peço-te encarecidamente
que te dirijas, o mais breve possivel, á casa do
malagroso Braguinha, para que elle te dê o tal...
veratrium... que cura repentinamente o mal.
Arre; que descoberta!

Esta é maior que o *Salva-vida* e a *pedra cance-
rosa* do Dr. Asumpção, (vulgo *matta-pasto*).

Emfim; emfim; tudo isto, não são mais do que
cousas da nossa terra....

Dito isto, passemos, leitores, á outras noticias
que não nos envenenam, pela applicação de algum
narcotico, como por ex.—a *belle*.

—Os restos mortaes do Dr. TAVARES BASTOS, sa-
bio estadista brasileiro, que falleceu em Nice (Ita-
lia) chegaram ao Rio de Janeiro, no dia 1º de maio,
no transporte francez, Henrique 4º.

Os amigos e admiradores do fallecido fizeram-
lhe um sumptuoso funeral, que correspondeu a
fama e nomeiada que gosava entre seus patricios
tão plecaro cidadão.

A cidade do Rio de Janeiro, n'esse dia, cobriu-se
de profundo lucto, em homenagem, áquelle que
mais viveu para a patria e a familia, do que para
si mesmo.

O exemplo de tanta abnegação e civismo, q
deo Tavares Bastos, não será esteril; elle ge-
minará, e d'essa soberba semente nascerão fro-
dosas arvores que hão de trilhar o caminho da
democracia, que tão bem foi estreada pelo infaz
mancebo que prematuramente desceu ao tumu.

Tavares Bastos é uma gloria nacional; a pate
agradecida, no futuro, lhe levantará sumptuo-
monumento, que attestará o seo talento, e a si
dedicação a causa do povo, que é a mesma cau-
da liberdade.

As *Cartas* de um *Solitario*, e a *Provincia*, obr-
que publicou, attestarão aos porteros a elevação d
sua intelligencie clara e cultivada, e o amor qu
consagrou á patria que hoje o prantea.

O illustre senador Octaviano, amigo e admira-
rador de Tavares Bastos, preparou um bem elabo-
rado discurso para pronunciar no cemiterio publi-
co, quando o cadaver baixasse á sepultura; porem
não o pode fazer, porque a commoção embargou-
lhe a voz.

O *Globo* publicou, no dia seguinte, esse magni-
fico discurso, que foi aqui transcripto no *Paiz*.

Todas as associações, redações de jornaes, aca-
demias, etc., etc., fizeram-se representár no acto
funebre, por commissões.

A posteridade agradecida elevará ao Pantheon
da historia, o nome respeitavel, de Tavares Bas-
tos.

—Falleceu, n'esta cidade, a virtuosa mae dos Srs.
Dr. Barradas, e Adrianno Barradas, e sogra do Dr.
Affonso Saulnier.

A' todos os parentes da fallecida envia a redac-
ção da *Mocidade*, os seus sinceros pesames.

—A distincta e briosa officialidade do 5º bata-
lhão de infantaria festejou o anniversario da bat-
alha de Tuyty, uma das mais importantes que se
derão entre as nos as forças e a de Lopez no Pa-
raguay, de uma maneira brilhante e entusiastica.

Ao alvorcer do dia 24 de maio uma salva de
21 tiros e o hymno brasileiro tocado pela banda
de musica do batalhão, fizeram recordar a popula-
ção d'esta capital o brilhante feito d'armas, prati-
cado pelo exercito brasileiro.

A' tarde e á noite tocaram no largo do quartal
as bandas do 5º batalhão e a dos educandos arti-
fices.

O largo e a frente do quartal conservaram-se
embandeirados por todo esse dia.

A' noite houve esplendido baile, onde compa-
receram as pessoas mais gradas d'esta capital.

Para tão perfeito *desideratum* contribuiu não
pouco a distincta commissão de convite, composta
dos illustres officiaes: capitão D. Lycargo da Cruz;
tenente Valerio S. de Carvalho e alferes Leopoldo
B. Vasconcellos.

Enfim todos os festejos corresponderam a ex-
pectativa do publico.

—A redacção da *Mocidade*, por intermedio do
s o chronista Democrito, agradece summamente o
juizo imparcial e lisonjeiro, que lhe fez o *Liberal*,
desta cidade, orgão do partido que tem o nome, e
desde já apresenta á illustre redacção de tão deno-
dado campeão da causa democratica, os seus protes-
tos de consideração e respeito.

—O Dr. Antonio Henrique Leal, foi accedido una-
nimemente, membro da academia de letras hes-
panhola, em signal de apreço e distincção pelas
obras de litteratura que tem publicado.

O Dr. Antonio Henriques é mui digno da prova
de distincção que recebeu.

—Chorou no ultimo vapor do Sul, o Sr. Wal-
lace, ações &c, no nosso theatro expectaculos
de pimento algum equilibrio etc.

O p. cujos her. tauculo é quarta-feira 7 d'este
mez.

O programma promette cousa boa. Lá estarei
para observar.

—Adco leitor e leitora do meo amado coração.

Vosso apreciador,

Democrito.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

A MOCIDADE

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

.... la jeunesse, ... est la fleur de toute la nation.
C'est dans la fleur qu'il aut préparer les fruits:...

f Fénelon.

Publica-se 3 vezes por mez—Assignaturas adiantadas—25000 rs. por trimestre.—Numero avulso 300 reis.

ANNO II

Maranhão—Sabbado, 24 de junho de 1876.

NUMERO 29

A MOCIDADE

MARANHÃO, 24 DE JUNHO DE 1876.

Os jesuitas perante a historia.

(Conclusão).

III

Segundo te prometti, Demo, vou continuar o meo escripto sobre os jesuitas, o qual tem se cifrado e se cifrará—em mostrar-te os grandes erros de historia que commetteste no teo escripto, no qual deste prova de nunca haver estudado esta materia, e que escreves á torto e á direito, á tort et á travers, como dizem os francezes.

Ja analysei o teo escripto até a parte, em que dizes que «Mauricio de Nassau foi assassinado em 1598 pelos jesuitas.»

Até este ponto ainda não encontrei uma só linha completamente correcta; as parvoíces têm sido tão estupendas que um menino da escola publica de *Jaicós* não as diria, comtudo vou continuar á analysal-o; porém já com bastante preguiça, pois que quando comecei, não julguei encontrar tantas asneiras para corrigir.

Dizes que Luiz 15 foi assassinado pelos jesuitas. Não houve tal: Luiz 15 morreu de bexigas em 1774: foi, é verdade, ferido levemente em 1757 por Damiens, mas, d'entre os escriptores que tenho lido

e que são os que melhor tem tratado da materia, dizem:—uns—que, quando este homem commettêo tal crime, estava em delirio—outros que foi levado a commettel-o pelo descontentamento geral da nação.

Além disso ainda mesmo que Damiens matasse a Luiz 15, segundo a nossa opinião, não commettia um crime; porque a intenção d'elle era livrar á seo paiz de uma peste, que na verdade era Luiz 15.

Confrontando-se os dous casos, maior crime commetteo Bruto, assassinando á Cesar, e, no entanto, este celebre romano está perdoado pela critica historica.

Dizer-se que—«os jesuitas afiãrão o machado revolucionario de 93 contra Luiz 16», é a maior parvoíce que se pôde conceber.

A morte de Luiz 16, Demo, foi preparada pela marcha dos scontecimentos:—foi preparada, para dizer bem, por esse mesmo Luiz 15, pelo grande poder dos nobres em França.

Os jesuitas já tinhão sido expulsos de França em 1762.

Luiz 15 deixou a França em misero estado: os cofres exhaustos pelos seos deboches com Pompadeur e Du Barry; o poder—quer da nobreza, quer do cléro, que era todo nobre, era immenso, e ja não tinha limites; esse poder havia crescido

desde Richelieu o qual diminuia o poder dos nobres para com o rei, mas o augmentava para com o povo.

Emfim vêde a breve apreciação de Thier do seculo 18:

«Figure-se, durante um seculo inteiro, os usurpadores de todos os direitos nacionaes disputando entre si uma autoridade; os parlamentos perseguindo o clero e o clero perseguindo o parlamento, estes contestando a autoridade da corte; a corte, descuidosa e tranquilla no meio desta luta, devorando a substancia dos povos no meio das maiores desordens; a nação enrequecida e despertada, assistindo estas divisões, armando-se das confissões de uns contra os outros, privada de toda acção politica, dogmatica com audacia e ignorancia, porque estava reduzida á theorias; aspirando sobretudo recobrar sua ordem na Europa, e offerecendo em vão seo ouro e sangue para retomar um logar que a franqueza de seos soberanos lhe havia feito perder.

A época estava pessima, e sobe ao throno um soberano que offerecia uma reunião de vontade que tornava—impossivel—todo resultado decisivo !!

Elle é verdade, era moderado, justo, e desconfiado de suas proprias luzes, e tinha amor ao povo e acolhia de bom grado suas queixas; mas tinha o caracter

visar um anjo, uma obra prima da natuaeza, um symbolo de belleza, de candura, e de innocencia.....

Figurou-se-me estar n'um completo estado de vigilia, e arrebatado de entusiasmo corri brandamente á ella, como quem tencionava na face imprimir-lhe um beijo, em signal de amor, dedicação e eterna gratidão !

Porem ella fugio me com o rosto e eu não pude satisfazer os meos desejos.....

Torrentes de lagrimas vieram então, como que testemunhar esse affecto sincero e eterno, que no intimo d'alma sempre consagrei aquella que tanto amava...

Torrentes de lagrimas vieram n'aquella occasião como que dar linitivo a tanta magoa e soffrer de um coração innocente, benevolo, e ao mesmo tempo caridoso...

Torrentes de lagrimas, finalmente, vieram como que patentear os mais nobres sentimentos da minha alma...

Por mais de duas horas chorei amargamente...

FOLHETIM.

Um sonho d'amor.

(A' D. M. B)

Corria o anno de... e eu por esse tempo tinha já em mente retirar-me do interior da provincia do Maranhão, onde morava em companhia dos actores dos meos dias, para a capital da mesma provincia, afim d'alli instruir-me e preparar-me para um dia ser arrimo de meus paes na velhice.

Este pensamento sublime e elevado manifestei á elles com summa alegria, e depois de terem reflectido um pouco, deliberaram que os meos desejos fossem cumpridos.

Dito e feito. Preparei-me o mais depressa possivel, e com o coração cheio de praser e a alma inebriante de esperanças embarquei em um dos vapores da companhia de navegação d'esta provincia com destino á S. Luiz.

Os prantos, as lagrimas que derramei nesse momento... só Deos o sabe quanto soffri.

Era o dia 24 de Janeiro de... que com errantes e vagarosos passos me dirigi para a praia... e assim que o commandante ordenou ao machinista que fizesse mover o paquete, minha alma quasi que estala-se de dor, porem resignei-me e só pensei no futuro, e no prazer que daria um dia á meus queridos e extremosos paes.....

Passados que foram dez minutos, a terra se occultou á meus olhos.....

em vez de saudade, tristeza e agcnia, só senti prazer demasiado..... em vez de contemplar cidades, villas, campos cultivados, só vi, em uns lugares luxo, e n'outros miseria, e apoz tudo isto o oceano, o impalpavel, o illimitado...

Com estas impressões pouco á pouco fui adormecendo e a brisa suave que percorria pela amplidão cerulea do espaço conduziu-me á um somno profundo e ao mesmo tempo delicioso.

Senti um como extasi profundo, e comecei a di-

sempre vacillante, e cheio de fraquezas, terrores e incertezas, quando a occasião requeria um homem de convicção forte, e de vontade igual a sua convicção.

O rei assim desgostou muito o povo, tanto que na occasião da discussão do seu julgamento, Saint Just, homem sabio, porem illudido pelo mesmo Luiz 16, que sem querer, contribuiu para isso, fez-lhe a seguinte accusação — chamava-o tyranno modesto e fino, que opprimio com modestia, e contra a docilidade insinuante era preciso que a assembléa se prevenisse; que elle chamou os Estados geraes para humilhar a nobreza e reinar devidindo, e que quando vio o poder dos estados augmentar, quiz destruil-o; que se o tinha visto a 14 de julho e a 5 e 6 de outubro reunir secretamente meios de opprimir o povo; mas que cada vez que as suas conspirações mallogravão-se pela energia nacional, elle fingia ter de sua derrota e da victoria do povo uma alegria hypocrita; que desde que elle não poude usar mesmo da força, elle corrompêo os defensores da liberdade, conspirou com o estrangeiro, e desesperou os seus ministros um dos quaes havia sido obrigado a escrever-lhe; «*Vossas relações secretas me impedem de executar as leis, e eu me retiro*»; e que finalmente sempre empregou profunda perfidia, e ainda na sua defesa havia empregado, tornando-se docil para commover os seus juizes e escapar-lhes».

As causas que já apresentei, a má opinião do povo e o poder absoluto dos *Estados geraes*, assembléa em que tinha muitos inimigos, levarão-no ao cadafalso.

Poderia apresentar mais razões para explicar mais amplamente a questão, mas faltão-me tempo e espaço.

Nunca vi em escriptores conceituados que Sixto 5.º, Clemente 8.º e Innocencio 7.º fossem assassinados por jesuitas; mas Demo, não mereces mais credito, porque já mentiste muito.

Dos cinco chefes de que fallas, Demo, da conspiração *des Poudres*; só Garnet foi jesuita, mas de nenhuma nomeada.

e fiquei sepultado n'esse abysmo illimitado da desgraça e d'allicção.

Pouco tempo depois aproximei-me d'ella, e tive a mesma recusa.

.....porem, finalmente, esse cherubim em forma humana, como que vencendo o receio que tinha em sua alma, estreitou-me em seus braços com expressivos olhares de sympathia e amor!!

Como era de dever, o meu limitado prestimo dediquei-lhe desde esse momento solemne, e como o sol dissipa lentamente as densas trevas, assim, rasguei da ignorancia o espesso véo, proferindo phrases nunca d'antes suggeridas das mais reconditas dobras do elemento principal da humanidade — o coração.

Então disse-lhe: — «Donzella, se fosse pelo Omnipotente concedido, tudo o que o homem desejasse, presentemente quizeria possuir o admiravel talento do orador romano (Cicero) para com sublimes expressões patentear-te o mais sincero agradecimento e o mais puro amor.....»

Talvez tivessem razão de proceder assim (na conspiração): eu não analyso o facto, porque ao virar a folha do teo escripto, Demo, encontrei ainda tantas asneiras que determinei abreviar o meo escripto, e vi que — *era malhar em ferro frio*.

A *inquisição foi fundada pelos jesuitas*, diz Demo; como se esta seita ainda não existia quando fundou-se este tribunal, e somente depois foi fundada?

Galilêo foi morto pela *inquisição* e não pelos jesuitas como disse Demo.

Eu desejava saber o nome do escriptor citado por Demo; mas previno-me desde já contra elle, porque Ignacio de Loyola não inventou a morte, pelo contrario seguiu todos os preceitos mandados por Christo, e para prova está tudo o que elle fez desde o principio da sua vida até a sua morte.

A historia dos jesuitas de Demo nada mais faz que corroborar a opinião que todo homem sensato deve já ter feito de sua ignorancia em materia de historia.

A passagem de Demo, em que diz que os jesuitas perderão os Stuarts e Bourbons e matarão quarenta mil sacerdotes, não merece resposta.

Dos jesuitas que citas no fim do teo escripto, só conheço Escobar-y-Mendoza; previno-te, porem, que o tratado dos casos de consciencia é deste escriptor (*summa casuum conscientie*)

Antes de passar adiante, eu quero chamar-te a attenção sobre o que intitulas «*codigo*» dos jesuitas.

O codigo é uma collecção de leis; e quem te disse que essas erão as leis que governavão os jesuitas? Os jesuitas erão admirados, e ainda são hoje pela equidade de suas leis e de sua constituição, a qual acharás resumida em Bouillet, e extensa, e devidamente apreciada, deitando patentes todas as suas bellezas, — em Cesar Cantu.

Essas opiniões que fallas erão de alguns membros da grande associação, e membros somenos, porquanto a historia não os cita. Alem disso, no meio de uma tão grande sociedade, que ramificava-se por todas as partes do mundo, era impossivel

Porem, já que não está no meu alcance, o que demasiadamente desejo, consolo-me com a sorte, tendo em vista unicamente, para sempre sepultar me nos mais insondaveis abysmos da *esperança*...

O seo aspecto, á quem quer que a visse n'essa occasião, no animo certamente inculcava uma belleza incomparavel, momente quando tal qual airosa fada, com voz não só eloquente mais tambem garbosa, do seu espirito vasto e penetrante, proferiu as seguintes amorosas palavras: — «*Mon cherami; l'amour pour etre parfait doit etre eternel, et parce que je t'aime, il faut dire à toi ce que je sens dans mon cœur*.

Ao diser estas palavras a commoção embargou-lhe a voz, e eu claramente comprehendí o que se passava no seo coração.

Cobri-lhe de beijos a fronte e jurei-lhe amor eterno.

Apoz tanto contentamento e praser senti meo coração pesaroso e triste, porem a sua presença consolou-me.

A donzella começou empallidecer e o seo

não haver homens mãos e hypocritas, como ha em todas as classes da sociedade, em toda associação, seja ella-a mais bem escolhida. Os jesuitas merecem um voto de louvôr, por — dentre elles — numerosos, como érão, sahir tão poucos mãos.

Desejava aqui concluir, Demo; mas tive noticia que tinhas publicado, no *Paiz*, uma *errata*, na qual transformavas todo o teo escripto, até o titulo!!!!

Isto é bem mesquinho e bem ridiculo, Demo!!!!

Desta pessima idéa de ti: acabaste de formar em mim o máo conceito que de ti fazia: só me falta uma prova, e essa prognostico achar brevemente.

Antes nunca tivesses escripto tal *errata*. Com ella vieste fazer com que o publico fizesse máo conceito do redactor, mostrando que *elle não tinha cuidado em revér as provas do seu jornal*; mas o redactor pode vingar-se, e vinga-se, dizendo que, no seu escriptorio, esta o autographo, no qual estão as proprias palavras publicadas no seu jornal no n. 27.

Por conseguinte, todo homem ajuizado vê que tiveste «*espirito santo de orelha*, que te assoprou» alguns erros do teu escripto.

Eis, pois, que te redicularisaste extremamente.

Agora ouve os seguintes conselhos para não representares outra vez uma scena tão triste:

Nunca te determines a fazer escripto algum, sem teres lido as melhores opiniões, que existirem, — pró — e — contra — a materia que quizeres tratar;

Não te cinjas á lêr escriptores impios, e, quando quizeres lêl-os, no que fazes mal, procura os melhores dentre elles, não vás procurar tôlos que te levem a commetter tantos erros de Historia, tantos que se apresentasse este teo escripto, como these, na aula do Lyceo do Dr. Jansem Mattos, elle como professor habil na materia, te passaria um grande «*carão*», e se fosse admittido *bollo* n'aquelle estabelecimento, te daria alguns, e obrava com muita

rosto denotava dores acruçiantes que se passavão no seu coração.

D'ahi á pouco levantou-se como que allucinada e disse as seguintes palavras: — «Para ti d'hoje em diante nada mais sou do que um nauta errante na amplidão dos mares;... uma ave sem azas... uma arvore sem folhas; uma aúroa sem crepusculo.... portanto sobre mim convem a morte desfechar o golpe..... convem pois separar-me d'esta vida.....»

Mal proferidas foram estas palavras, quando essa virgem cheia de descrença e loucura atirou-se ao mar.....

Eu atirei-me tambem ao mar para salva-la, porem foi tudo debalde, e quando lamentava tão triste acontecimento, acordei sobresaltado, por causa do barulho e confusão que reinava á bordo, por ter o vapor fundeado no porto de S. Luiz, para onde me dirigia.

Assim finalisou-se o meo sonho amoroso, e tenho d'elle saudosas recordações.

S. Luiz, 15 de junho de 1876.

Tito Mousinho.

justiça, porque, na verdade, tu os mereces—Vou concluir.

Tu não tens que responder á minha re-putação—; pôde ser que te queiras salvar aqui pelo fim, quando fallo dos Stuarts & Bourbons, esses teos jesuitas & tópicos a que não refutei integralmente, por já estar massado de corrigir asneiras.

Mas não fazes nada porque eu, se voltares á fallar disto, tratarei da matéria mais extensamente, e provarei ainda erros teos.

No teu caso não voltava á este jornal, depois de tão grande desmascaração; mas eu creio que tu átras á gaiato: se tens sal nas tuas gaiatices—bem, vá; mas, se não tens, aconselho-te a retirada.

Quanto á mim, não deixarei de estimar se voltares; porque quero firmar uma desconfiança, que—commigo—tenho, e á qual darei ao publico para apreciar, e á ti, Demo porque deves saber que tens um amigo e esse é—

Arslan.

Vantagens da educação litteraria.

A espantosa revolução franceza, obrigando a todos os povos as armas, os fez esquecer das letras, e os mesmos povos na continuação do estrondo das armas, virão de mui perto a barbaridade, e a Europa não esteve longe de ver as mesmas senas de que foi theatro desde o 5º até o 14º seculo. Neste grande intervalo, pelo desprezo, e esquecimento das letras, e das artes, se fizeram os homens barbaros, e feras, e não começaram á perder a adquirida ferocidade, senão depois que pela fugida de um e outro sabio grego, quando os turcos se apoderarão de Constantinopla, se começou na Italia a dar a mocidade a educação litteraria; e podemos assignalar nesta epocha o principio da prosperidade politica da mesma Europa. Não carece de prova o que a publica experiencia confirma: porque basta para ver as vantagens da educação á respeito das sciencias, e das artes, considerar só a differença que ella põe não só entre homens, e homens, mas entre nação e nações. Os athenienses não occupavão um mui dilatado territorio na Grecia com tudo, a que ponto não chegarão, e mesmo ainda hoje se admira a sua reputação? ! Levarão as sciencias a maior perfeição, e tambem levarão á propria gloria ao ultimo fastigio. Esta mesma escola de sciencias formou e aperfeiçãoou homens em todos os numeros absolutos, e excellentes. Della sahirão grandes oradores, famosos capitães, sabios legisladores, e intelligentes politicos; esta mesma fecundissima fonte derramou vantagens sobre aquellas mesmas boas artes que parece haverem della menor dependencia. Ratificou, ennobreceo, aperfeiçãoou a musica, a pintura, a escultura, a architectura; e como se nascessem todas da mesma raiz, e se nutrissem dos mesmos succos, as fez florecer todas simultaneamente Roma; fazendo-se senhora do mundo com suas victorias, se tornou admiração do mesmo mundo, e seu modelo, com a estranha formosura das obras de engenho, que produziu em todos os generos, e com que adquiriu sobre os mesmos povos que havia subjugado a seu imperio uma superioridade mais atrahidora, que aqui nasce, e vem das conquistas e das armas.

A Africa, nos primeiros seculos do christianismo, tão fertil de bons engenhos, e grandes luzes, cahio, pelo esquecimento das boas artes, em uma barbara, e perfeita esterilidade, sem haver produzido no fio de tantos seculos um homem—que se distinguisse por algum talento, e despertasse a lembrança do merito de seus antepassados. O mesmo se

pode dizer do Egypto em particular, considerado na antiguidade como manancial perenne de todas as sciencias. O contrario tem acontecido entre os povos do Ocidente e do Septentrião.

Fôrão por muitos seculos considerados como barbaros, e rudes, porque vivião sem o sentimento do gosto nas obras de engenho; mas apenas por estas regiões penetrarão os bons estudos, produzirão grandes homens, que igualarão em toda a qualidade de litteratura, e profissão quanto as outras Nações tinham produzido de mais solido, luminoso, e sublimo. Vemos todos os dias que quando vão passando, e se vão espalhando as sciencias entre novos povos, os transformão em novos homens e dando-lhes inclinações mais doces, mais bem regulada policia, leis mais humanas, os arranzão da obscuridade em que jazião como sepultados.

Tornão-se uma evidente prova de que em climas differentes, os engenhos são quasi os mesmos: só as sciencias lhes dão uma honrada distincção; e, conforme se cultivão, ou se desprezo, levantão, ou abatem as Nações e as tirão da sombra em que estavam envoltas; e sem lançar os olhos para o quadro da historia, basta observar o que acontece com a natureza. Esta nos mostra a infinita differença que ha entre dois terrenos, aliás entre si mui semelhantes; um porque está abandonado é selvatico, e coberto de matos; outro, porque é cultivado, dá grande seminteiras, enche-se de fructos, e junta em pequeno espaço quanto ha de raro, delicioso e salubre, tornando-se pela assidua deligencia do seu cultor um feliz conpedio de todas as bellezas das estações e dos paizes.

O mesmo succede em nosso entendimento, ficamos sempre pagos com a usura da deligencia que posemos em o cultivar.

E' um capital, que todo o homem que conhece a nobreza do seu ser, e da sua distincção, deve sempre fazer valer. Capital, ou fundo tão rico, tão fertile, e tão azado para immortaes produções, que deve ser para o homem o primeiro objecto da sua attenção. Com effeito, o entendimento se nutre, e fructifica com os sublimes verdades que lhe subministra o estudo. Cresce, para o dizer assim, engrandece-se com os grandes homens, cujas obras estuda, assim como se imitão os sentimentos, e maneiras d'aquelles com quem d'ordinario se vive. Com a emulação nobre procura o homem chegar a sua gloria, esquecer-se da propria fraqueza, e fazer esforços para se levantar com elles sobre si mesmo. Ainda que de si seja esteril, o estudo supre a sua pobreza, e lhe ensina a tirar de outras partes o que lhe falta, estende seus conhecimentos, e luzes com os socorros estranhos, estende muito ao longe suas reflexões, multiplica as idéas, tornando-as mais vivas, mais distinctas e mais varias, e vendo, ou considerando por mais lados a verdade, descobre a fecundidade dos principios, e chega as mais remotas consequencias:

Nascemos nas trévas da ignorancia, e a má educação augmenta a somma das preoccupações; o estudo destróe as primeiras, e emenda as segundas, subministra os nossos pensamentos, e raciocinios, perfeição, ordem, e clareza.

Offerece-nos por guias, e modelos os homens mais illustrados, os mais sabios da antiguidade, que se podem chamar mestres do genero humano.

A utilidade do estudo não se restringe a quanto se chama sciencia, tambem dá capacidade para os empregos, e negocios dos quaes dependem a prosperidade, e salvação do Estado. E que emprego ha que não requeira o dever d'uma educação litteraria?

Mil vezes se ouvem passaos que vivem no que modernamente se chama grande mundo, e instruidas de uma longa experiencia, que se queixão de haverem sido privadas d'uma educação litteraria, accusão o descuido, ou negligencia de seus paes em os não crearem no gosto, e cultura das sciencias, cujo fruto mui tarde conhecem. Confissão que este defeito os tem arredado de empregos importantes, deixando-os em uma actividade muito inferior aos mesmos cargos, e ministerios em que

se empregão. Este meu pensamento se fortifica com um facto mui recente do nosso paiz.

O visconde de Itaboraby em qualidade de ministro de fazenda, vendo uma luta de candidatos propostos por esta provincia para differentes lugares, disse as seguintes e memoraveis palavras:

Tenho por algumas vezes occupado a pasta da fazenda, porem é a primeira vez que vejo uma proposta de tantos homens habilitados para cargos, feliz o Maranhão, que mostra o progresso da instrução de seus filhos! Que maior elogio se poderá mais fazer a educação?

Quando em certas occasiões estrepitosas, e em alguns postos distinctos, se vê um maucebo instruido nas boas artes attrahir os applausos do publico, qual é o pai, que não deseja ter um tal filho! e qual é o filho que não deseja achar-se nas mesmas circumstancias?

D'aqui concluímos as vantagens que resultão da educação litteraria.

Os Romanos, e os Athenienses esmeravão se na educação de seus filhos, gastavão grossas quantias para habilitarem-nos as armas, a magistratura, e a todas as mais occupações do Estado.

O Maranhão, que algum já denominou pela Athenas Brasileira, deve lançar mão de todos os meios licitos para que continue a gozar d'esse elevado nome scientifico.

Os aspirantes ás letras patrias, que frequentão o Lyceo da provincia, crearáo este jornal—o qual tem o doce e agradável nome—*A Mocidade*—por isso cumpro que os ajudemos a sustentar esse nobre orgão de litteratura, a fim de que as mais provincias nossas irmãs conheção que o genio maranhense ainda não espiou no caminho da instrução de seus habitantes. Feliz sem duvida do pai que vir seu filho gozar a vantagem do cultivo das letras.

Não tenho filhos, sou celibatario, e mesmo na minha pobre familia não tenho um varão que possa cultivar as letras, mas sou, talvez o maior entusiasta da illustração de minha provincia.

Velho como estou, alquebrado de forças physicas, não cesso dia e noite no trabalho do meu gabinete afim de contribuir com o meu contingente individual para realce de nossa litteratura. Escrevo varias obras, que mercê de Deus espero que em breve verão—a luz publica.

Escrevendo estas linhas dou o meu franco apoio ao jornal scientifico—*A Mocidade*.

Caxias, 13 de junho de 1876.

Joaquim Mariano de Souza.

A. A. V. S.

(NO ALBUM DE ANTONIO JOAQUIM DE MOURA E SILVA.)

Meu anjo pedes-me uns cantos
Uns cantos de meigo trovar
Uns cantos que imitem os encantos
De bella virgem a scismar
Da lua quando derrama
O seu brilho esperançoso
E que formos a luz chama
Do seu hastil perfumoso.

Do Ceu quando azulado
Se nos mostra encantador
De bellas estrellas bordado
Animando o vitor
Da brisa quando perpassa
Por esse espaço encantado
E que por nós tambem passa
Nos deixando extaziado.

Do sol quando acordando
Do seu dormir cauteloso
Soberbo se vem mostrando
Por entre as nuvens, cioso
Da terra quando florida
Modula um hymno d'amor
Que nos encanta na vida
E a teus pés o vai depor.

Das auras que perfumando
O teu semblante nevado

Ligeiras vão espalhando
O seu aroma adorado
Da brisa quando cicia
De mansinho na ramagem
Vem repleta d'alegria
Bafejar a tua imagem.

Da terra quando meneia
Sua cerviz orgulhosa...
Da folha que balanceia
Em seu hastil vaidosa
Da barca quando faceira
Debaixo d'um ceu d'anil
Nos faz lembrar a bandeira
Da nossa patria gentil.

Emfim de tudo donzella
Que a natureza reveste
Da florzinha mais singela
Que o teu jardim tambem veste
Quizera sim: eu fazel-os
E offerecer' os meu anjo
Enrolando os como novellos
Dos teus cabellos—Arcaujo!

1876.

Eustaquio Pereira.

Esboço.

A flor que est' alma adora
Que a nutre d'esperança,
Banha com a luz d'aurora
A sua loura trança.

Os astros que s'inflamão
Nas amplidões azues
Nos olhos lhe derramão
Mil lagrimas de luz.

Ao som da brisa incerta,
A pallida creança
Dorme e está coberta
Co' as azas da esperança

Os anjos ciumentos,
De minha flor tão bella,
Fogem do céo aos centos
E vem mirar-se n'ella.

E, quando a noite descem
P'ra vél-a, e admiral-a,
Até de Deus se esquecem
Com pena de deixal-a.

Da lua alem sumindo
Os ultimos lampejos,
Encontrão-n'a dormindo
F'cobrem-n'a de beijos.

Ella estremece e acorda,
E vê, come assustada,
Do lindo leito á borda
Uma visão sentada.

E' que, ao lado d'ella,
Minh' alma que a presa
Accende branca vella
E á noite scisma e resa.

Recife, Abril de 1876.

Joaquim R. Gonçalves.

COLUMNIA TELEGRAPHICA.

MARANHÃO 21 DE JUNHO DE 1876.

A Recreação Litteraria.—O Sr. Wallace.—O Athenaeu Maranhense.—George Sand.—Breve allocução.—Adeos.

Caro leitor.

—Naturalmente foste convidado para assistir a bonita e entusiasmada festa que fizeram, no dia 4 do

corrente, os socios da Recreação Litteraria, e com toda a certeza lá estiveste apreciando elegantes discursos e bonitas poesias, que bem mostraram o grão de instrucção que já possuem os membros de tão util instituição; porem como nem todos tiveram o prazer de apreciar tão brilhante festim litterario, não tenho outro remedio senão dar uma succinta noticia de tudo quanto de melhor houve n'esse modesto, porem animado sarão das letras.

—A's 7 1/2 da noute, abriu se, com todo apparato digno de uma festa litteraria, a sessão solemne, que foi presidida pelo Dr. Santos Jacintho.

O magnifico salão da escola da freguezia de N. S. da Victoria estava repleto de senhoras e cavalheiros.

Occupava a cadeira ao lado direito do Sr. Dr. Santos Jacintho, presidente honorario, o Exm. Sr. presidente da provincia, senador Frederico Albuquerque, e ao lado esquerdo o Sr. Alfredo M. B. O. Lima, presidente effectivo da mesma associação, e aos lados adjacentes os dois secretarios: 1º e 2º, Francisco da Cunha Machado e Luiz de Sá Lima.

Nas cadeiras fronteiras estavam os socios honorarios, e nas bancadas, por detraz, os socios effectivos.

Aberta a sessão, tomou a palavra, o Sr. T. Tasso Coelho de Souza, orador da sociedade, que em um bem elaborado discurso patenteou quaes os fins e aspirações de tão util instituição.

Em seguida, foi concedida a palavra as commissões que se achavam presentes.

O Sr. Sebastião d'Aragão Neves, membro relator da Sociedade Beneficente Protectora dos Caxeiros, pronunciou um bello discurso congratulatorio, e bem assim os Srs Antonio Joaquim de Barros Lima, pela Sociedade Typographica Maranhense; Antonio de Freitas, pela Fraternidade Maranhense; e Paulo da Silva Falcão, pela Harmonia Maranhense.

Em seguida fallaram os socios honorarios: Drs. Almeida Oliveira e Tavares Belfort, que em brilhantes improvisos animaram os jovens socios da Recreação Litteraria, e exaltaram os seus fins, esperando e desejando á tão util instituição um bello futuro.

Após estes, fallaram os socios effectivos, que pronunciaram palavras cheias de animação, entusiasmo e fraternidade.

Os discursos foram pronunciados, pela seguinte ordem:

- Francisco da Cunha Machado.
- Antonio Joaquim de Moura e Silva.
- F. C. da Costa Mauriz.
- J. A. Bacellar.
- João José Fernandes Silva Sobrinho.
- Antonio C. Palhano.
- Carlos A. Pinho.
- Manoel Lopes da Cunha.
- Marcellino d'Azevedo Perdigão.
- A. S. Castello Branco.
- M. Alvaro Sá Vianna.
- Raimundo José Vieira da Silva.

Foram tambem lidas quatro poesias pelos Srs. Paulo Pereira, Luiz de Sá Lima, Antonio B. de Godões, e T. Tasso Coelho de Souza, que leu uma de um jovem portuguez, que por modestia, não quiz que o seu nome fosse profirido.

Fallaram, por ultimo, os Srs. Dr. Santos Jacintho e Alfredo M. B. d'O. Lima.

O primeiro, no seo discurso, animou a mocidade para o estudo, cultivo das letras, e deu-lhes conselhos assaz salutaros, afastando-a do caminho da descrença e scepticismo, para a fé, para a religião; o segundo fallou sobre a utilidade em geral da instrucção, e especialmente da mulher hodierna, pelo que foi applaudido, por alguns espectadores, que compartilhavam das mesmas idéas.

Findo este n'timo discurso, o Sr. Dr. presidente honorario encerrou a sessão.

A festa terminou as dez horas da noute.

Uma banda de musica do 5º batalhão collocada na porta da entrada, tocava nos intervallos dos discursos, lindas e variadas peças.

—O Sr. Wallace, tem agradado geralmente o publico desta cidade, com os seus trabalhos de prestidigitação, equilibrios, etc., apesar de conhecer-se claramente que é ainda principiante na arte.

—Domingo, 11 do corrente, procedeu-se a eleição para os differentes cargos da sociedade Athenaeu Maranhense que têm de servir no corrente anno.

O resultado foi o seguinte:
Presidente: João da Matta de Moraes Rego.
Vice-presidente: José Joaquim Pereira dos Santos.

1.º Secretario: Alexandre Magno Rodrigues.
2.º Dito: Alfredo C. de Castro Queiroz.
Orador: Eduardo Rego.

Commissão Fiscal: Padre Sudré, Paulo A. Gomes Pereira e Miguel de Souza Marques.

Commissão de Redacção: Dr. Brandão, Virgilio de Jesus Cantanhede, e Antonio Arthur de Souza Rosa.

—Falleceu em Paris, na avançada idade de 72 annos, M^{me} Dudevau, mais conhecida pelo pseudonymo de Georg Sand.

—O Sr. Antonio Joaquim de Moura e Silva, talentoso e distincto estudante do lycéo d'esta cidade, acaba de mandar publicar em folhetos o bem elaborado discurso, que proferio na sessão solemne do anniversario da sociedade Recreação Litteraria, da qual é um dos primeiros ornamentos.

O discurso do Sr. Moura e Silva trata de tres pontos capitaes e dignos de toda a attenção d'aquelles que se interessam pelo progresso e desenvolvimento da mocidade brasileira, estes pontos são: instrucção, a religião e a educação da mulher, sobre aos quaes discorreu brilhantemente, dando assim mais uma prova da sua applicação e amor ao estudo, e confirmando ainda uma vez o conceito honroso de—optimo estudante, que gosa entre os seus collegas e amigos.

A redacção da *Mocidade*, por intermedio do seo chronista Democrito, comprimenta e dá os seus parabens ao Sr. Moura e Silva, e ao mesmo tempo deseja-lhe o mais auspicioso futuro.

—Adeos. Até breve.

Democrito.

Erratas.

No artigo, que foi publicado nos ns. 26 e 28 deste jornal, intitulado—*O materialismo*—escaparam os seguintes erros typographicos:

ERRATA DO N. 26				
Pag.	col.	lin.	erros:	emendas:
2ª	1ª	54	esforção.	esforça
"	2ª	2	se	si
"	"	28	se	si
"	"	36	se	si
IDEM DO N. 28.				
Pag.	col.	lin.	erros:	emendas:
1ª	1ª	24	da	de
"	2ª	9	mas julgo	mas julgamos.
"	"	15	vantatis	vantum
"	"	16	meus caros	senhores
"	"	17	se	si
"	"	18	sermos	ser
"	3ª	8	do atheismo	dos seus proselyto
"	"	16	existem	existe
"	"	18	partem	parte
"	"	41	da revolução	da revolução fran-
"	"		franceza	ceza de 1793
"	"	47	Anazarco	Anaxarco
2ª	1ª	3ª	baseados	baseado
"	"	57	Thomaz Reid	Thomaz Reid
"	2ª	7	se	si
"	"	12	se	si
"	"	15	se	si
"	"	23	si não	sinão
"	"	27	duvidamas	duvidamos
"	"	38	do	de

—No mote: —«Não resta á vida do soffrer de amor», escapou o seguinte erro typographico:

No segundo verso onde se lê: Eu sinto n'aima, me atormenta agora—lêa-se — Eu sinto n'aima, me atormenta' agora, etc.

Maranhão—Typ. do Paiz—Imp. M. F. V. Pires.

